

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
BRASILEIRA

Angela Teodoro Grillo

**PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESTUDO *PRETO*, UM
INÉDITO DE MÁRIO DE ANDRADE**
Volume 2

Versão revisada

São Paulo

2010

...a sessão solene realizada pelas associações negras de São Paulo no dia dois de maio, ~~passado,~~ não pôde deixar de sorrir ~~de lado,~~ convenceu um dos oradores negros da noite falar em "negros de alma de branco". Assim, era ôle mesmo, um negro, a expôsr essa fácil e trágica antinomia de ori em branco-europea, pela qual se considere a côr branca simbolizadora do Bem e a negra a simbolizadora do Mal. Mas não é apenas ôle a cridar esse conceito de antestável tradição branca de simbolismo das côres. Cont. 110. 110 (270, 110) ta "negro sim, porém direito", da mesma forma com que os brancos e ritmos mente (carimamento?) diziam dos escravos velhos serem "negros só na côr", como registrou Vieira Fazenda, ou mais geralmente até agora falar-se em "negro com alma de branco", ou "com alma branca"... Em Portugal correu também o proverbio (204, 11) : Ainda que negro é,
Alma tem,oura e fé".

Si qe lizer de nós ~~de nós~~ bangu com alguém de côr duvidosa, e quer insulta-lo, é frequente chamar-lhe :

-Negro!

Eu mesmo já tive que suportar esse possível insulto em minhas lutas artísticas, mas parece que ôle não foi lá muito convincente nem conseguiu me destruir pois que vou passando bem, muito obrigado.

mas é certo que se insulta nos alguém chamando-lhe "negro", também nos instantes de grande carinhamento a pessoa amada chamando-lhe "meu negro", "meu nêgo", em que, aliás, socialmente falando, mais verdadeiro apôdo subsiste, o resíduo escravocrata do possessivo negro sim, mas meu...

No Brasil não existe realmente uma linha-de-côr. Por felicidade entre n'as negro que se illustre pode galgar qualquer posição: machado de Reis é o nosso principalíssimo e indiscutido classico de língua portuguesa e é preciso não esquecer que já tivemos Rilo açanha na presidencia da República.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESTUDO *PRETO*, UM
INÉDITO DE MÁRIO DE ANDRADE

Volume 2

versão revisada

Angela Teodoro Grillo

Bolsista FAPESP

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Therezinha Aparecida Porto Ancona Lopez

São Paulo

2010

SUMÁRIO

Volume 1

Resumo _____	5
Abstract _____	6
Dedicatória _____	7
Agradecimentos _____	8
Introdução: “Nova Canção de Dixie” _____	10
1. Um recorte do contexto histórico do estudo <i>Preto</i> : o pós-abolição e os anos de 1930 no Brasil _____	16
2. <i>Preto</i> , história e composição do manuscrito _____	21
3. As notas de trabalho na escritura de <i>Preto</i> _____	26
3.1 As notas de trabalho e a biblioteca do escritor _____	29
3.2 Os documentos de dupla natureza _____	41
4. Mário de Andrade: <i>Estudos sobre o negro</i> _____	51
4.1 Transcrição do texto e notas _____	60
Bibliografia _____	81

O dossiê *Preto* no Catálogo Analítico da série Manuscritos Mário de Andrade

Metodologia e organização _____	88
Classificação do manuscrito _____	92
Bibliografia de Mário de Andrade no estudo <i>Preto</i> _____	100
Fac-símile dos documentos:	
Notas de trabalho: “Documentação já usada” _____	110
Textos:	
<i>Estudos sobre o negro</i> _____	213
<i>A superstição da cor preta</i> _____	230
<i>A superstição da cor preta</i> (exemplar de trabalho) _____	237
<i>Linha de cor</i> _____	245
Notas de trabalho:	
“Gesto” _____	247
“Música” _____	277

Volume 2

(Continuação do catálogo analítico)

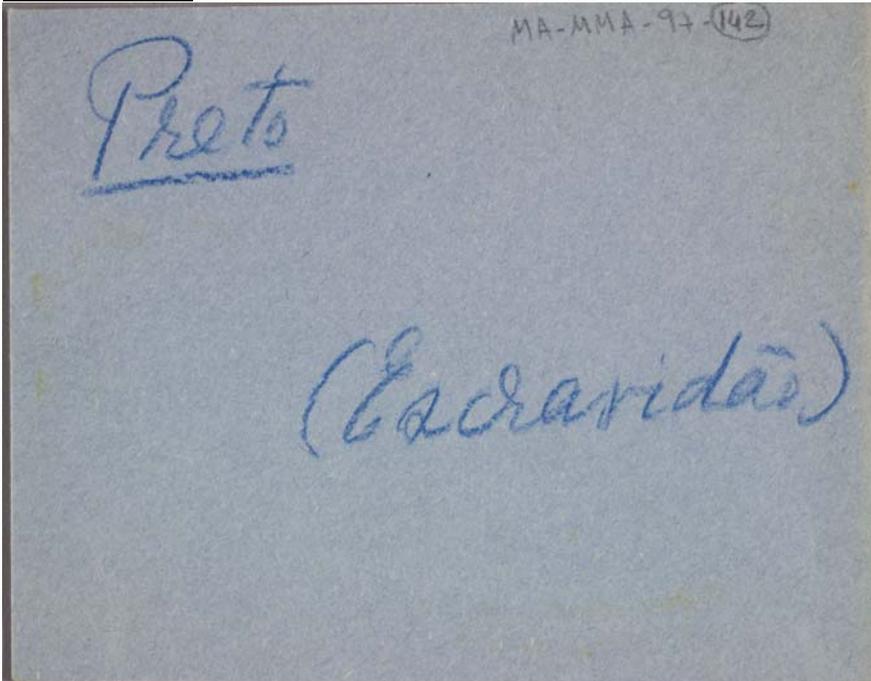
“Escravidão” _____	4
“O Mulato” _____	149
“Caracteres” _____	194
“Contra o preto (preconceito, linha de cor, etc)” _____	236
[Apodo] _____	271
[Botânica] _____	326
[Contra-ataque] _____	328
[Africanologia/ História] _____	337
[Costumes] _____	408
[Mulherde cor] _____	436
[Religião] _____	487
[Superstição] _____	500
“Vida de relação” _____	504

MA-MMA-97-1142

Preto

(Esdravida)

Documento 111:



Notação:

MA-MMA-97-142

Análise documentária:

Autógrafo a lápis azul; envelope de papel azul (10 x 15 cm); f.142.

Transcrição:

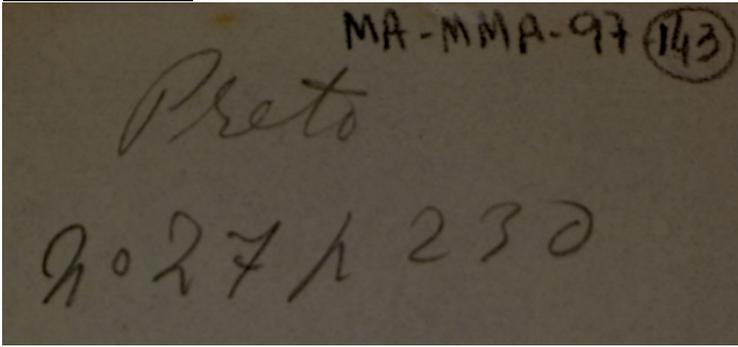
Preto/ (Escravidão)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: envelope para organização original.

Documento 112:



Notação:

MA- MMA 97-143

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.143.

Transcrição:

Preto/ n° 27 p 230

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Caracteres]

Verificação:

BPG: n° 27: COSTA, F.A. Pereira. Folk-lore Pernambucano. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, t. 70, parte 2, p. 7- 641, 1907. (IEB – BYAP)

indio, e misturadamente, pelo cruzamento commum das tres raças ; arrancados de suas terras onde livres viviam, e reduzidos a uma perpetua escravidão, que indefinidamente se transmittia aos seus descendentes, infelizmente — *não o souberam aproveitar sem o degradar...*

Tratando-se, portanto, de um assumpto já muito estudado, nada adiantariamos enveredando-nos nelle, basta que consignemos os nossos esparsos contingentes para a historia geral da escravidão entre nós.

Humilhado pela condição cruel do seu captivo e pelo desprezo da sua raça, o escravo perdia toda a noção do sentimento e repetia mesmo com um certo desdém de inconsciencia os dictados chasqueantes dos seus infortunios e das suas miserias.

Formando os homens pretos corporações religiosas, a que por tolerancia admittiam os seus irmãos escravos, levantando os seus templos e mantendo o culto divino, não tinham comtudo a plenissima gestão administrativa das suas confrarias, em geral, porquanto o cargo de thesoureiro, por exemplo, não lhes pertencia !

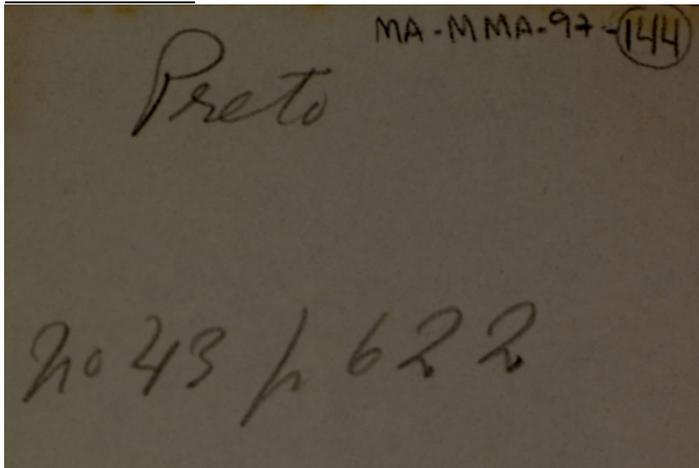
Sobre esse particular, é curioso o que prescreve um antigo compromisso da Irmandade de N. S. do Rosario da villa de Iguarassú, organizado em 1706, sob os moldes do de igual irmandade erecta em Olinda, compromisso esse que depois teve approvação régia por Provisão de 16 de agosto de 1770.

Prescreve o compromisso sómente poder fazer parte da irmandade a gente de cõr preta, assim creoulos, como creoulas da terra, como tambem os Angolas, Cabo Verde, S. Thomé, Moçambique e outra qualquer parte, livres e escravos, comtanto — « que saibam a doutrina christã e sejam capazes de receber o Sacramento da Communhão ».

A mesa regedora compõe-se de um juiz, escrivão, thesoureiro e procurador, e doze mesarios, sendo estes, seis creoulos e seis Angolas ; e que todos os cargos serão exercidos por homens pretos, com excepção porém do de thesoureiro, — *que deve ser sempre um homem branco, abastado de bens, zeloso e temente a Deus, para seguírem o seu bom conselho, — nada se fazendo sem a sua assistencia e voto !*

Pullulavam os ditos picantes, atirados por desdém contra o preto, rimados uns e outros não, mas, propriamente em versos,

Documento 113:



Notação:

MA- MMA 97-144

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.144.

Transcrição:

Preto/ nº 43 p 622

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 43: SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil* (1500-1627). São Paulo: Weiszflog irmãos, 1918. (BMA)

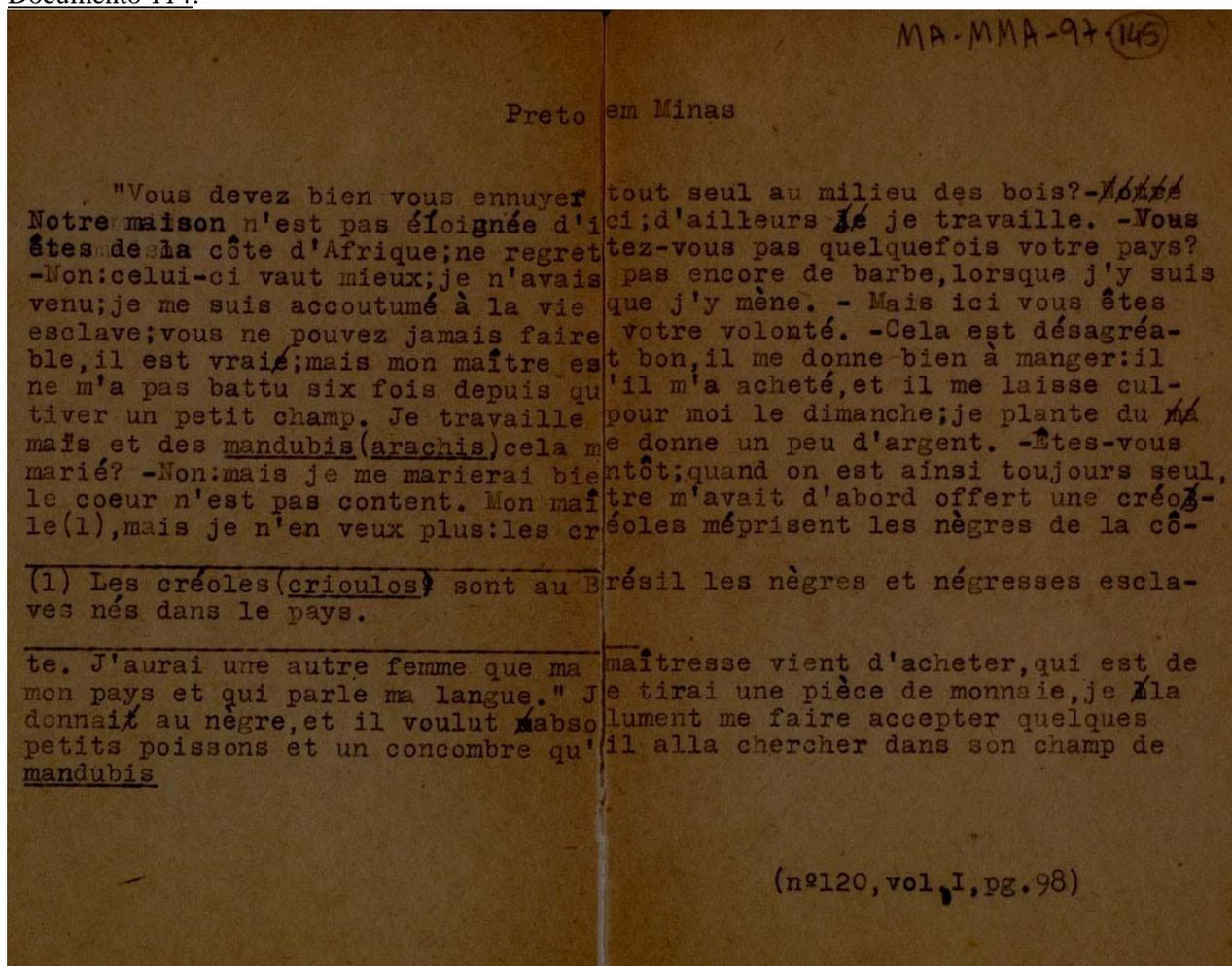
P. 622:

"Trechos do Santuário Mariano"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

"Desta venda fizeram os negros grande galhofa, dizendo que mais valia um preto, que cinquenta brancos; porque eles custavam ordinariamente quarenta mil réis, (mas isto era naquele tempo) e os brancos se compravam por menos de uma pipa de água."



Notação:

MA- MMA 97-145

Análise documentária:

Datiloscrito a fita preta;; folha de sulfite cortada ao meio (17 x 22 cm); manchas de fungo; rasgamento na vertical; f.145.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

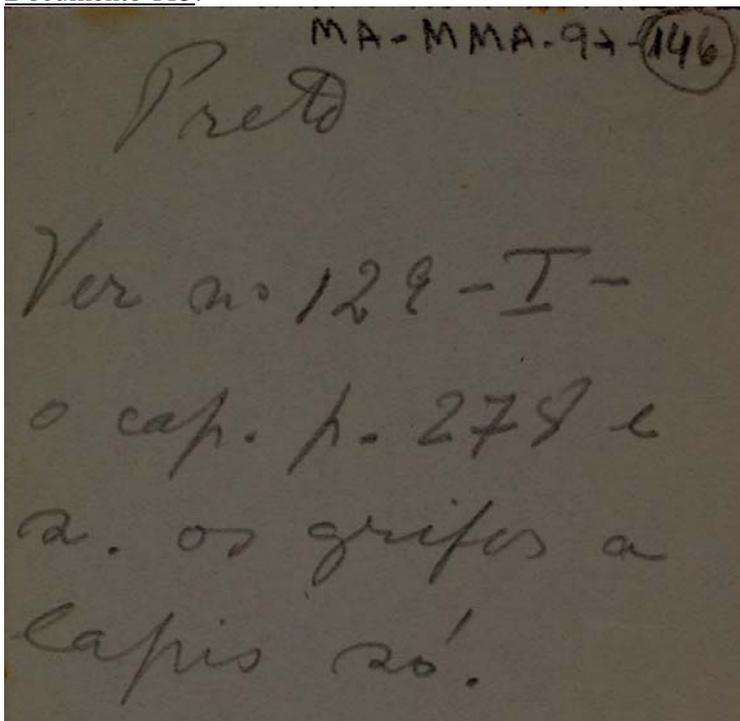
Verificação:

BPG: nº 120: SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvençal de. *Voyages dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*. Paris: Grimbert t Dorez, 1830, v. 1. (IEB – BYAP)

Nota da pesquisa:

MA transcreve o trecho da p. 98, não há necessidade de fac-símile.

Documento 115:



Notação:

MA - MMA - 97 - 146

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.146.

Transcrição:

Preto/Ver nº 129 - I - / o cap. P. 278 e / s. os grifos a/ lápis só.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Africanologia/ História]; [Música]

Verificação:

BPG: nº 129: PORTO SEGURO, Visconde de. *História geral do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 3ªed. Integral, s.d. (BMA- E/I/d/19).

SECÇÃO XIV

ESCRavidÃO DE AFRICANOS. PERIGOS AMEAÇADORES

Origem da escravatura africana. Condição do escravo. Tolerancia no Brasil. Raças africanas escravizadas. Jurisprudencia. Fecundidade. Character. Religiões. Bens e males provindos d'Africa e do captiveiro. Perigos imminentes do Brasil. Desmoralização. Piratas. Degradados. Homisios. Desmoralização e irreligiosidade. Naus Francezas. Eloquentes brado de Luis de Góes. Providencias. Queixas dos donatarios. Sorte destes.

O principio da escravidão foi antigamente admittido por todos os povos, ainda o reconhecem algumas nações da Europa, e até o tolera o Evangelho. A introdução, porém, da escravatura dos Africanos foi em Portugal uma especie de continuação á da dos Mouriscos vencidos nas guerras de religião, em represalia ao que elles faziam. A necessidade de braços nas colonias portuguezas das ilhas da Madeira e de Cabo-Verde, a abundância que delles havia na costa de Guiné, tão proxima, e senhoreada por Portugal, tinha induzido a muitos proprietarios a mandar por elles; porém, como foi estabelecido (Reg. da Fazenda) que nenhuns de taes escravos pudessem ir de umas colonias para as outras, sem darem primeiro entrada no porto da capital, afim de pagarem siza, converteu-se Lisboa em um grande mercado de escravos africanos, do qual não deixariam de aproveitar-se com algumas *peças* (como então se dizia e se disse por muito tempo ⁽¹⁾ depois) os donatarios, que tanto necessitavam de braços, e que não sabiam se poderiam contar ou não com o gentio de suas capitánias. Os escravos eram considerados, como na legislação romana, *cousa venal*; e as Ordenações

(1) Vieira, *Sermões*, VI, 397. — (A.). — Não se encontra esse trecho no logar citado, nem disso se faria reparo, tão commum é o emprego do termo, se não coubesse aqui uma curiosidade lexicographica. Frei Domingos Vieira, *Dicc. Portuguez* IV, 714, Porto, 1873, *sub-verbo*, escreve: «Tantas *peças*, tantos navios. E já o anno passado se fez outra missão deste genero aos mesmos rios pelo Padre Francisco Velloso, em que se resgataram e desceram outras tantas *peças* em grande beneficio e augmento do Estado, posto que não é esta a maior utilidade e fructo desta missão». — Vieira, *Cartas*, ed. de 1854, n.º 17. — (C.).

P. 279:

"Seção XIV: Escravidão de africanos. Perigos ameaçadores" .

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Em nosso entender, os escravos africanos foram trazidos ao Brasil desde a sua primitiva colonização; e naturalmente muitos vieram, com seus senhores, a bordo dos primeiros navios que aqui aportaram, compreendendo os da armada de Cabral. Porém, a verdadeira introdução dos escravos de Guiné, e depois de quase toda a África, isto é, do tráfico em ponto maior, proveio, em primeiro lugar como fica dito, de se haver promulgado como ilegal a escravatura índia, com raras exceções, das quais se os poderosos abusavam, outros se recebiam, só para não virem a achar-se no caso de ter que pleitear o seu direito. "

P. 280 e 281:

"Seção XIV: Escravidão de africanos. Perigos ameaçadores" .

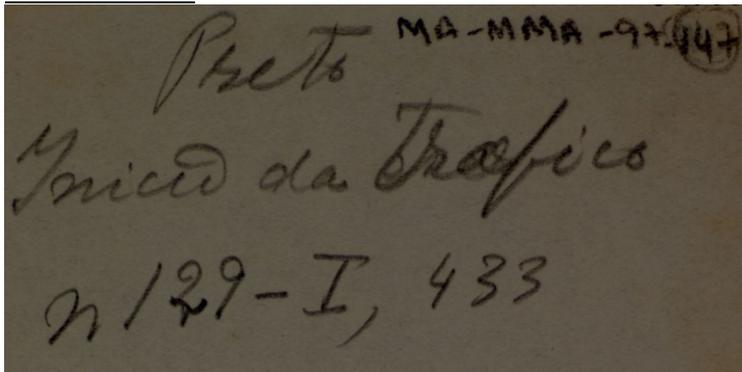
Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Tão pouco temos por essencial dar um extenso catálogo, das diferentes nações da raça preta, que os novos colonos preferiram nesta ou naquela época, e para esta ou aquela província. Pode-se dizer que a importação dos colonos pretos para o Brasil, feita pelos traficantes, teve lugar de todas as nações não só do litoral da África que decorre desde o Cabo Verde para o sul, e ainda além do Cabo da Boa Esperança, nos territórios e costas de Moçambique; como também não menos de outras dos sertões que com elas estavam em guerra, e as quais faziam muitos prisioneiros, sem os matarem. Os mais conhecidos no Brasil eram os provindos de Guiné (em cujo o número só compreendiam Berberes, Jalofos, Felupos, Mandigas), do Congo, de Moçambique, e da Costa da Mina, donde eram o maior número dos que entravam na Bahia, que ficava na fronteira e com mui fácil navegação; motivo porque nesta cidade tantos escravos aprendiam menos o português, entendendo-se uns com os outros em nagô. Nessas nações a liberdade individual não estava assegurada; pelo que os mais fortes vendiam os fracos, os pais os filhos, e os vencedores, com muita razão, os inimigos vencidos. Assim, ainda passando tais gentes ao Brasil, como as condições da escravidão romana, isto é, de serem coisa venal ou bem móvel, melhoravam elas de sorte; bem que o ato de as escravizar era injusto, principalmente por não ser empreendido por ideia filantrópica, e pelo contrário dar em resultado um insulto à humanidade, pelo ataque feito a um tempo ao indivíduo, à família e ao estado donde eram arrancadas.

Estes povos pertencentes em geral à região que os geógrafos antigos chamavam Nigrícia, distinguem-se sobretudo pela facilidade com que suportavam o trabalho no litoral do Brasil, facilidade proveniente da sua força física, da semelhança de climas, e não menos de seu gênio alegre, talvez o maior dom com que a Providência os dotou, para suportar a sorte que os esperava; pois que, com seu canto monótono, mas sempre afinado e melodioso, disfarçam as maiores penas. "

Documento 116:



Notação:

MA- MMA- 97-147

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.147.

Transcrição:

Preto/Início do tráfico/ n 129 - I-, 433

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 129: PORTO SEGURO, Visconde de. *História geral do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos,s.d.. (BMA- E/I/d/19).

SECCÃO XX

PROSEGUE O GOVERNO DE MEN DE SÁ. SUA MORTE

A escravatura segundo Fr. Thomaz de Mercado. Abusos do trafico segundo o mesmo. Sevicias a bordo pintadas pelo mesmo. Conclue a citada obra de Mercado sobre os escravos. A philantropia dos Jesuitas no Brasil não passou á Africa. Juizo acerca de Men de Sá. Desejava a demissão. Captura do successor nomeado. Lei sobre armas. Lei ácerca da liberdade dos indios. Começa a predominar a influencia dos Jesuitas. Tributos. Minas. O Rio de Janeiro e Pernambuco por este tempo. Reconducção de Christovão de Barros no Rio. Ilha Grande.

As exaggeradas pseudo-philantropias em favor dos indios serviram a fomentar o trafico africano; assim a pretexto de se alliviarem sevicias (que d'outra fórma se puderam ter combatido) contra as gentes de um paiz que se pretendia civilizar, começaram os particulares a enviar navios além do Atlantico a inquietar povos alheios, de igual barbaridade, e a prende-los e a traze-los em cadeias, e a fazer que muitos fallecessem nos navios, e a que importassem com males de lepra, a lepra ainda maior da escravidão hereditaria. Inaugurou-se então um systema de colonização de escravos, cujos graves inconvenientes desde logo começaram a manifestar-se, de tal modo que já em 1569 publicava um escriptor philantropo protestos contra os abusos que se praticavam; isto apesar de admittir como principio que o «captivar ou vender pretos ou quaesquer outros individuos era negocio licito e de *jure gentium*, no dizer dos theologos, como a divisão e partição das cousas; dando-se muitos titulos, segundo elle, em virtude dos quaes podia uma pessoa ser justamente captivada e vendida.»

Nesses titulos admittia o mesmo autor, entre os povos não christãos, a guerra, o castigo por certos crimes, e a extrema necessidade dos paes; mas logo accrescenta os abusos que, a pretexto desses tres titulos, se originavam, nesses mesmos povos não christãos e barbaros, havendo quem, por

Documento 117:

Preto MA-MMA-97-(148)
Negro fugido (nº 134-I-299)
Ao recebe-lo (o negro fugido)
seguimos o conselho do nos-
so hóspede de, segundo o
costume daqui, trata-lo
muito delicadamente
em vez de com palavras
duras e pra lhe apagar
da lembrança esta
fuga aventureira, dar-
lhe um corujo
cheio de caninha. Ex-
periência longa ensinou
aos brasileiros que esta
bebedeira e a aplicação
duma anistia comple-
ta tem mais efeito
sobre a sensibilidade
dos negros novos, que
qualquer punição.

Notação:

MA- MMA 97-148

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.148.

Transcrição:

Preto/ Negro fugido (nº 134-I-299)/ Ao recebe-lo (o negro fugido) /seguimos o conselho do nos-/so hóspede de, segundo o/ costume daqui, trata-lo/ muito delicadamente/ em vez de com palavras/duras e pra lhe apagar/ da lembrança esta/ fuga aventureira, dar-lhe um corujo/ cheio de caninha. Ex-/periência longa ensinou/ aos brasileiros que esta bebedeira e a aplicação/ duma anistia comple-/ta tem mais efeito/ sobre a sensibilidade/ dos negros novos, que/ qualquer punição.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio, comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Contra o preto]

Verificação:

BPG: n° 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. 1. (BMA- B/V/i/134)

P. 299:

"Dritches Buch. III. Kapitel. Reise von der Stadt S. Paulo nach der Eisenfabrik von Ypanema"

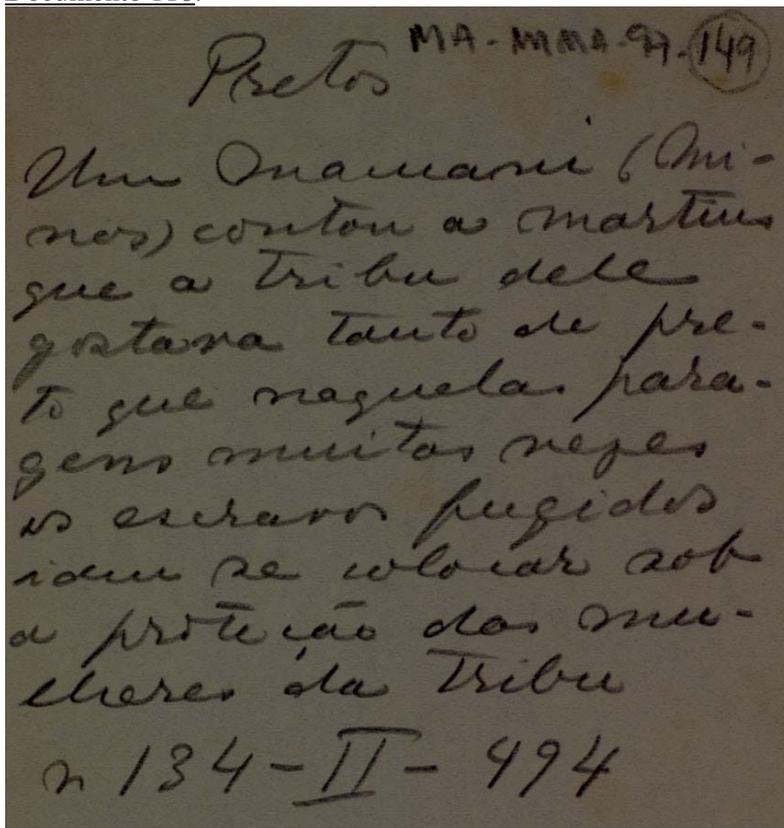
299
~~992~~

sind, jeder flüchtige Slave verfolgt und an seinen Eigenthümer oder die geeignete Behörde zurückgeliefert. Nur Flüchtlinge, die eine genaue Kenntniss des Landes haben und sich bis in grosse Entfernungen zurückziehen, entgehen bisweilen der Aufmerksamkeit dieser Waldpolizei; man tröstete uns daher damit, dass die Wiederkehr unseres Negers, da er noch roh und unerfahren (*Negro bruto*) sey, baldigst erfolgen werde. In der That brachte man ihn am dritten Tage aus einer benachbarten Fazenda hierher; beim Empfange folgten wir dem Rathe unseres Wirthes, indem wir ihn nach hiesiger Sitte statt harter Worte recht theilnehmend behandelten, und ihm, um die Erinnerung an diese abenteuerliche Flucht zu tilgen, ein volles Glas Branntwein reichen liessen. Lange Erfahrungen haben die Brasilianer belehrt, dass dieser Trunk und die Anwendung gänzlicher Amnestie besser auf die Gemüthsart neuer Neger wirke, als jede Züchtigung.

Die nächsten Umgebungen von *S. Barbara* sind niedrige Wälder und schöne Grasgefilde, deren Moorboden von Schnepfen, Ziegenmelkern und einer Art Nachteule bewohnt wird, und eine grosse Anzahl prächtiger Myrten, Rhexien, Melastomen und Lippenblumen ernährt. Der *Sapucahy*, dessen Ufer dicht mit Inga- und Sebastianensträuchen besetzt sind, schlängelt sich bald in der Ebene, bald zwischen niedrigen Waldgebirgen hin, und bietet Fische im Ueberflusse dar; auch Riesenschlangen, eine kleine Art Caiman und *Lutra brasiliensis* kommen häufig in ihm vor. In den Wäldern bemerkten wir viele jener Bäume, von welchen das Gummi Anime herkommt (*Hymenaea Courbaril L.*) (*). Man nennt sie hier *Jatobá* oder *Jatai*. Zwischen der Rinde und dem Holze dieses Baumes, der im Wachstume der Ulme nahe kommt, findet man verhältnissmässig nur wenige mit flüssigem Harze angefüllte Lücken; der bei weitem grösste Theil des Harzes erscheint unter den Pfahlwurzeln des Baumes, wenn diese von der Erde entblösst werden, was meistens nur nach Fällung des Stammes geschehen kann. Unter alten Bäumen findet man bisweilen blassgelbe runde Kuchen von sechs bis acht Pfunden Gewicht, welche durch allmähliges Zusammensickern des flüssigen Harzes gebildet werden. Die Reinheit

(*) Wir lernten mehrere Arten von *Hymenaea* kennen, welche insgesamt Harz liefern.

Documento 118:



Pretos MA-MMA-97-149

Um Macuani (Mi-
nas) contou a Martius
que a tribo dele
gostava tanto de pre-
to que naquela para-
gens muitas vezes
os escravos fugidos
iam se colocar sob
a proteção das mu-
lheres da tribo

n 134-II-494

Notação:

MA- MMA 97-149

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.149.

Transcrição:

Pretos/ Um Macuani (Mi-/nas) contou a Martius/ que a tribo dele/ gostava tanto de pre-/to que naquelas para-/gens muitas vezes/ os escravos fugidos/ iam se colocar sob/ a proteção das mulheres da tribo/ n 134-II-494

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Mulher de cor]

Verificação:

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. 2. (BMA- B/V/i/135)

P. 494, 495:

"Fünftes Buch. III. Kapitel. Reise von Tejuco in dem Termo von Minas Novas."

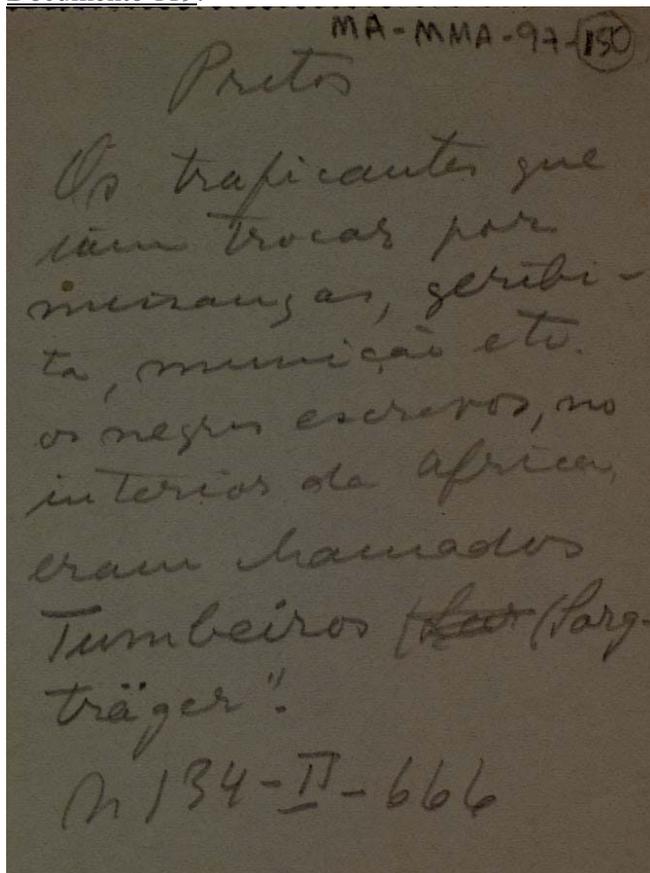
Nota MA a grafite:

"Festa e dicção dos Mauamí (Limites de Minas Baia)" e traço à margem do trecho:

"Ihre Feste werden zur Nachtzeit, mit grossem Lärmen gefeiert. Als cinen vorstechenden Zug dieser Horden schilderte uns cin *Mucuaní* die grosse Vorliebe, welche sie zu den Negeren trügen, welche sich deshalb nicht selten, wenn ihren Herren entalufen, dort unter den Schutz

und die Fürsprache der Weiber zu stellen plegten. Derselbe Indianer, welcher sich ziemlich gut im Portugiesischen ausdrücken konnte, diente uns, um mehrere Worte aus der Macuaní-Sprache aufzuzeichnen. Diese Sprache ist sehr verschieden von der Coroados, wenn gleich sie darin mit ihr übereinkömmt, dass der Mund nur selten viel geöffnet, vielmehr die Zähne mehr oder weniger geschlossen, und die Laute bald zischend, bald als Gaumen-, seltner als Nasenlaute hervorgestossen werden. Der *Macuaní* bildet dabei das Antlitz, gleichsam als wenn er eine geschwollene Zunge hätte, und sich nicht zu reden getraute. Wie die meisten Indianer spricht auch er leise, und was uns hier besonders stark auffiel, - jedes Individuum modificirt seine Sprache auf eine eigenthümliche Weise, so dass man fast sagen könnte, es spräche einem besondern Dialect. Wenn der Europäer, welcher gewohnt ist, die Sprache mit Wechsel der Stimme und begleitet von lebhaften Gebärden zu vernehmen, diese Indianer unter einander mit so wenig Betnung, so schlaff und fast ohne alles Muskelspiel redend beobachtet, so könnte er leicht glauben, sie sprächen im Traume. Und ist nicht das ganze Leben dieser Menschen ein dumpfer Traum, aus dem sie fast nie erwachen?"

Documento 119:



MA-MMA-97-150

Preto

Os traficantes que iam trocar por missangas, geribita, munição etc. os negros escravos, no interior da Africa, eram chamados Tumbeiros (~~Large~~ Sarg-träger".

n 134-II-666

Notação:

MA- MMA 97-150

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.150.

Transcrição:

Preto/ Os traficantes que/ iam trocar por/ missangas, geribi-/ta, munição etc/ os negros escravos, no/ interior da Africa/ eram chamados/ Tumbeiros (~~Large~~ Sarg-/träger."/ n 134 -II - 666

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Africanologia/ História]

Verificação:

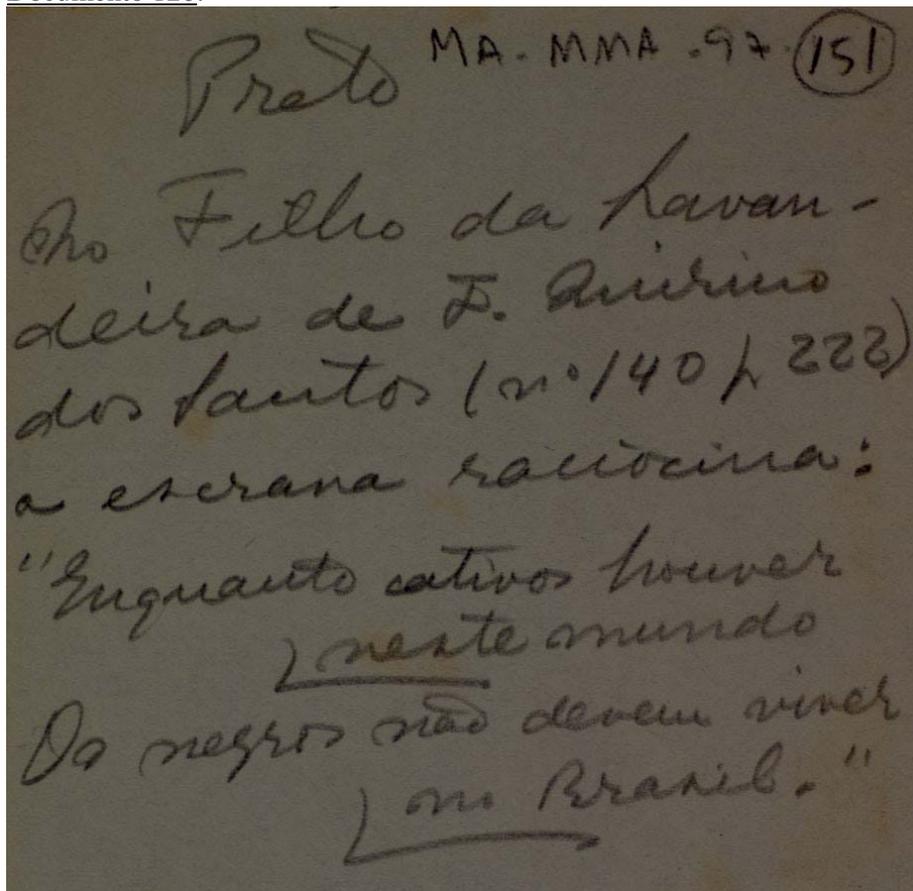
BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

von S. Thomé eingeführt, wo die Zahl der freien Neger bedeutend ist, und sich auch Neger-
schulen und ein Seminarium für schwarze Priester, unter Leitung des dortigen Bischofs, befindet.

Da ich während der Reise Gelegenheit fand, mancherlei Erkundigungen über den Sklaven-
handel einzuziehen, so dürfte es nicht am unrechten Orte seyn, hievon das Wichtigste beizu-
fügen, wobei ich die schätzbaren Nachrichten benütze, welche LUIZ ANTONIO DE OLIVEIRA MEN-
DES (in einer Abhandlung „über den Zustand der Neger in ihrem Vaterlande und über die
Krankheiten, denen sie während ihrer Gefangennehmung und des Transportes nach Brasilien
unterliegen“ in den Mem. economicas da Acad. R. de Lisboa Tom. IV. 1812. p. 1. ff.) gegeben
hat. Der Sklavenhandel übt in Africa einen so grossen Einfluss auf die Denk- und Lebensweise
der Neger, dass er jetzt mit allen Lebensverhältnissen in Beziehung steht, und sogar gleichsam
die Achse ist, um welche sich die, wenn auch noch so wenig ausgebildete Gesetzgebung jener Men-
schenraçe dreht; denn nicht der Tod, sondern die Sklaverei ist in den meisten Fällen die letzte
Strafe*), und nicht blos Krieg, sondern selbst die heiligsten Familienverhältnisse ertheilen
Rechte zur Aufhebung der persönlichen Freiheit. Der Kriegsgefangene ist Eigenthum des Sie-
gers, aber auch der Hausvater hat das Recht seine Kinder, seine Weiber zu veräussern. Die per-
sönliche Freiheit sühnet das Verbrechen des Ehebruchs, des Diebstahls und des Todschlages, ja
sie bezahlt eine contrahirte Schuld von gewisser Grösse. So roh auch diese Völker seyn mögen,
so besteht bei ihnen doch ein richterliches Institut. Der Richter (*Sova*) verhört den Angeklagten,
vernimmt Zeugen, und spricht los, oder verurtheilt zur Sklaverei. Der Erlös gehört grössten-
theils dem Kläger. Der der Freiheit verlustige selbstständige Mann, kann, wenn sich der Kläger
den Tausch gefallen lässt, Weib oder Kind statt seiner der Sklaverei weihen; dem schwächeren
Geschlechte aber, welches, überhaupt zur tiefsten Dienstbarkeit erniedrigt, fast keines Rechtszu-
standes geniesst, ist Gleiches nicht gestattet. Die Ursachen der Sklaverei in Africa sind daher
Kriegsgefangenschaft, richterlicher Ausspruch und Arbitrium patris familiae. Der Krieg ist bald
ein allgemeiner, zwischen ganzen Völkern erklärter, oder der Einzelnen, welche durch Gewalt
oder durch List Andere ihrer Freiheit zu berauben suchen. Die Unglücklichen, welche auf eine
der angegebenen Arten ihre Freiheit verloren haben, werden von ihren Eignern, oder von den
Mächtigsten der Gegend, oft mit Ketten oder einem durchlöcherten Holzblock (*Tronco*) um den
Hals oder um die Beine belastet, so lange in strengem Gewahrsam gehalten, bis die Sklavenhändler
erscheinen, welche sie gegen die, von der Küste, auf dem Rücken anderer Neger, herbeigeführten
Handelsartikel: Schiesgewehre, Munition, Corallen, Glasperlen (*Missanga*), baumwollene Zeuge,
Branntwein (*Giripita*), eintauschen. Man nennt diese Menschenhändler, eigentlich die wahren
Organe des verruchten Traffiks, *Funidores*, oder, mit einem sehr bezeichnenden Worte, *Tumbeiros*,
die Sargträger. Hat der *Tumbeiro* bei irgend einem Sertanejo oder in einem der vielen, durch
den Continent zerstreut liegenden, oft mit einer portugiesischen Wache versehenen Posten (*Prezidios*),
die daselbst verwahrten Sklaven eingehandelt, so brennt er ihnen ein Zeichen (*Carimbo*) ein, woran
er sie, im Falle der Flucht, erkennen könnte, und kettet sie an der rechten Hand, oder, wenn
er fürchtet, am Halse mit einer schweren eisernen Kette (*Libambo*) zusammen, und treibt sie

*) Nur wenn der Neger der Zauberei oder des Hochverrathes bezüchtigt worden, oder die Ver-
wandten eines Ermordeten Blutrache fordern, ist der Tod die letzte Strafe. In den ersten beiden Fäl-
len wird eine Art von Gottesurtheil vorgenommen, indem der Angeklagte, unter dem Gerichtsbaume,
vor versammeltem Volke ein vergiftetes Pulver einschnupfen muss, das, wenn es ihn tödtet, die Schuld
erklärt, bei geringerer Wirkung aber seine Unschuld beweisen soll.

Documento 120:



Preto MA. MMA. 97. 151

No Filho da Lavan-deira de F. Quirino dos Santos (nº 140 p 222) a escrava raciocina:
"Enquanto cativos houver
neste mundo
Os negros não devem viver
no Brasil."

Notação:

MA- MMA- 97-151

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.151.

Transcrição:

Preto/ No filho da Lavan-/deira de F.Quirino/ dos Santos (nº 140 p 222)/ a escrava raciocina:
/ "Enquanto cativos houver/ neste mundo/ Os negros não devem viver/ no Brasil."

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Mulher de cor]; [Contra ataque]

Verificação:

BPG: nº140: BRAGA, Theophilo(org). *Parnaso Portuguez Moderno*. Lisboa: Guimarães e C., 1877. (BMA- E/I/c/17)

« Meu filho querido, no meio dos mares,
Lá onde governa sómente o meu deus,
Lá onde se estendem mais lindos palmares,
Porque não nasceste cercado dos meus ? »
E a pobre criança no seio da escrava,
Fitando-a tristinha, chorava e chorava.

« Meus paes lá ficaram ; são livres, cantando
Que vida contente que passam por lá !
E tu, meu filhinho, commigo penando,
Esperas a morte nas terras de cá. »
Os ventos cresciam : o sol declinava,
E a pobre criança chorava e chorava.

« Ai, não ! que dos pretos as almas não morrem !
Havemos ainda p'ra os nossos voltar :
As aguas tão mansas dos rios que correm
Nos levam bem vivos ao largo do mar. »
Nas aguas já meio seu corpo nadava,
E a pobre criança chorava e chorava.

« As aves, os bosques, as serras que vemos,
Não são como aquellas de onde eu nasci !
Tão doces folgares risonhos quaes temos,
Tão bellos, tão puros não ha por aqui. »
E os fundos gemidos o ecco levava,
E a pobre criança chorava e chorava.

« Oh vamos, meu filho, ao sólo jocundo
Aonde a existencia nos corre gentil ;
Emquanto cativos houver n'este mundo
Os negros não devem viver no Brazil. »
A casa era perto ; chamavam a escrava,
E a pobre criança chorava e chorava.

Preto MA-MMA-92-152
 "Os feitores de nenhuma
 maneira se deve consen-
 tir o dar couces, prin-
 cipalmente nas barrigas
 das mulheres que andão
 pejudicar, nem dar cou-
 pás nos escravos para além
 do que se crê depois
 de, seus dias, ter muito
 estudado a vida de um
 "escravidão real" (importante)
 como era o de Sergipe do
 Conde (titular baiano). Mas
 o materialista do padre
 abris acrescenta: "porque
 não vólora se não medem
 os golpes e podem ferir
 mortalmente na cabeça
 a um escravo de presti-
 mo, que vale muito di-
 nheiro, e perdê-lo."
 n.º 144 p 82 (atrás)

É continua que se deve
 de facto castigar escravos
 feijões, briguentos, bebedos
 mas que "amarrar e cas-
 tigar com cipó até correr
 sangue, e metter em tron-
 co de um humna corrente
 por meses (estando o se-
 nhor na cidade), a escrava
 que não quizer consentir
 no peccado, ou o escravo
 que deu fielmente conta
 da infidelidade, violen-
 cia, e crueldade do feitor,
 que para isso armar
 delictos fingidos, isto de
 nenhum modo se ha
 de soffrer, porque seria
 ter um lobo carnei-
 ro."
 É por aí se vê as au-
 rações e erros dos
 escravos.
 (Le meza yifo op. cit. p 94
 e lly as seguintes)

Notação:

MA- MMA 97-152

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta ocupando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.152.

Transcrição:

Preto/ "Aos feitores de nenhuma/ maneira se deve consen-/tir o dar coices, princi-/palmente nas barrigas/ das mulheres que andam pegadas,/ nem dar com pau nos escravos" ~~Aliás~~/ E Antonil escreve depois/ de, como diz, ter muito/ estudado a vida dum/ "engenho real" (importante)/ como era o de Sergipe do/ Conde (litoral baiano). Mas/ o materialista do padre/ aliás acrescenta; "porque/ na cólera se não medem/ os golpes e podem ferir/ mortalmente na cabeça/ a um escravo de présti-/mo, que vale muito di-/nheiro, e perdê-lo. / nº 144 p 82 (atrás)/E continua que se deve/ de fato castigar escravos/ fujões, briguentos, bebedos/ mas que "amarrar e cas-/tigar com cipó até correr/ sangue, e meter em tron-/co ou em uma corrente/ por vezes, (estando o se-/nhor na cidade), a escrava/ que não quis consentir/ no pecado, ou o escravo/ que deu fielmente conta da infidelidade, violên-/cia, e crueldade do feitor,/ que para isso armar/ delitos fingidos, isto de/ nenhum modo se há de soffrer, porque seria/ ter um lobo carnei-/ro"/ e por aí se vê as acu-/sações e erros aos/ escravos./ (e veja grifo op cit. 94/ e ler as seguintes

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: transcrição, comentário crítico e referência bibliográfica.

Subtema:

Escravidão; [Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 144: ANTONIL, Andre João. *Cultura e opulência do Brazil por suas drogas e minas*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1923. (BMA- F/I/c/40)

P. 82:

"Cap. V - Do feitor de engenho, e dos outros feitores menores, que assistem à moenda, e partidos da cana, suas obrigações, e soldadas"

mais antigos da fazenda, que o senhor estranhou muito ao feitor o excesso que commetteu, e que, quando se não emende, o ha de despedir directamente.

Aos feitores de nenhuma maneira se deve consentir o dar couces, principalmente nas barrigas das mulheres, que andão pejudadas, nem dar com páo nos escravos, porque na colera se não medem os golpes, e podem ferir mortalmente na cabeça a hum escravo de prestimo, que vale muito dinheiro, e perdê-lo. Reprehendê-los, e chegar-lhes com hum cipó ás costas com algumas varancadas, he o que se lhes pôde, e deve permittir para ensino. Prender os fugitivos, e os que brigarão com feridas, ou se embebedarão, para que o senhor os mande castigar como merecem, he diligencia digna de louvor. Porém, amarrar, e castigar com cipó até correr o sangue, e metter em tronco ou em huma corrente por mezes, (estando o senhor na cidade), a escrava que não quiz consentir no peccado, ou ao escravo que deu fielmente conta da infidelidade, violencia, e crueldade do feitor, que para isso armar delictos fingidos, isto de nenhum modo se ha de soffrer, porque seria ter hum lobo carneceiro, e não hum feitor moderado, e christão.

Obrigaçào do feitor mór do engenho he governar a gente, e reparti-la a seu tempo, como he bem para o serviço. A elle pertence saber do senhor, a quem se ha de avisar, para que corte a canna, e mandar-lhe logo recado. Tratar de aviar logo os barcos, e os carros para buscar a canna, formas, e lenha. Dar conta ao senhor de tudo o que he necessario para o apparelho do engenho, antes de começar a moer, e logo acabada a safra, arrumar tudo em seu lugar. Vigiar que ninguem falte a sua obrigaçào, e acudir de pressa a qualquer desastre, que succeda, para lhe dar quanto puder ser o remedio.

Adoecendo qualquer escravo deve livra-lo do trabalho, e

P. 82, 83:

"Cap. V - Do feitor de engenho, e dos outros feitores menores, que assistem à moenda, e partidos da cana, suas obrigações, e soldadas"

Nota MA a grafite:

Grifo no trecho:

"Forrar mulatas desinquietas é perdição manifesta; porque o dinheiro, que dão para se livrarem, raras vezes sabe de outras minas, que de seus corpos, com repetidos pecados; e depois de forras continuam a ser ruína de muitos.

P. 94-97:

"Como se deve haver o senhor de engenho com seus escravos"

Grifo no trecho: "No Brasil costumam dizer, que para o escravo são necessários três P. P. P. a saber, pão, pau e pano.

Traço à margem do trecho:

"E posto comecem mal, principiando pelo castigo, que há o pão; contundo proverá a Deus, que tão abundante fosse o comer, e o vestir, como muitas vezes é o castigo, dado por qualquer coisa pouco provada, ou levantada; e com instrumentos de muito rigor, ainda quando os crimes são certos; de que se não usa nem com os brutos animais, fazendo algum senhor mais caso de um cavalo, que de meia dúzia de escravos: pois o cavalo é servido, e tem quem lhe busque capim, tem pano para o suor; e sela, freio dourado.

Dos escravos novos há de ter muito cuidado; porque ainda não tem modo de viver, como os que tratam de plantar suas roças, e os que as tem por sua indústria, não convém que sejam só reconhecidas por escravos, na repartição do trabalho; e esquecidos na doença, e na farda. Os domingos e dias santos de Deus, eles os recebem: e quando seu senhor lhes tira, e os obriga a trabalhar, como nos dias de serviço, se amofinam, e lhe rogam mil pragas. Costumam alguns senhores dar aos escravos um dia em cada semana, para plantarem para si, mandando algumas vezes com eles o feitor para que não se descuidem: e isto serve, para que não padeçam fome, nem cerquem cada dia a casa do seu senhor, pedindo-lhe a ração de farinha. Porém não lhes dar farinha, nem dia para plantarem; e querer que sirvam de sol a sol no partido, de dia, e de noite com pouco descanso no engenho, como se admitirá no tribunal de Deus sem castigo? Se o negar a a quem com grave necessidade a pede, é negá-la a Cristo senhor nosso, como ele o diz no Evangelho, que será negar o sustento e o vestido ao seu escravo? E que razão dará de si, quem dá Serafina e seda, e outras galas, as que são ocasião de sua perdição; e depois nega quatro cinco varas de algodão, e outras poucas de pano de serra, a quem se derrete em suor para o servir, e apenas tem tempo para buscar uma raiz, e um caranguejo para comer? E se encima disto, o castigo for frequente, e excessivo; ou se irão embora, fugindo para o mato; ou se matarão por si, como costumam, tomando a respiração, ou enforcando-se, ou procurarão tirar a vida aos que lha dão tão má, recorrendo (se for necessário) a artes diabólicas, ou clamarão de tal sorte a Deus, que os ouvirá, e fará aos senhores o que já fez aos egípcios, quando avexavam com extraordinário trabalho aos Hebreus; mandando as pragas terríveis, contra suas fazendas, e filhos, que se leem na Sagrada Escritura: ou permitirá que assim como os Hebreus foram levados, cativos para a Babilônia em pena do duro cativo, que davam aos seus escravos: assim algum cruel inimigo leve estes senhores para suas terras, para que nelas experimentem, quão penosa é a vida, que eles deram, e dão continuamente aos escravos.

Não castigar os excessos, que eles cometem, seria culpa não leve; porém estes se hão de averigar antes, para não castigar inocentes: e se hão de ouvir os dilatados; e convencidos castigar-se-ão com açoites moderados, ou com o meter em uma corrente de ferro por algum tempo, ou tronco. Castigar com ímpeto, com ânimo vingativo, por mão própria, e com instrumentos terríveis, e chegar talvez aos pobres com fogo, ou lacre ardente, ou marcá-los na cara, não seria para se sofrer entre bárbaros, muito menos entre cristãos católicos. O certo é que, o senhor se houver com os escravos como pai, dando-lhes o necessário para o sustento, e vestido, e algum descanso no trabalho, se poderá também depois haver com o senhor: e não estranharão sendo convencidos das culpas, que cometeram, de receberem com misericórdia o justo, e merecido castigo. E se depois de errarem como fracos, vierem por si

mesmos a pedir perdão ao senhor; ou buscarem padrinhos , que os acompanhem: em tal caso é costume no Brasil o perdoar-lhes. E bem é, que saibam, que isto lhes há de valer: porque de outra sorte, fugirão por uma vez para algum mocambo no mato, e se forem apanhados poderá ser, que se matem a si mesmos, antes que o senhor chegue a açoitá-los, ou que algum seu parente tome a sua conta a vingança ou com feitiço, ou com veneno. Negar-lhes totalmente os seus folguedos, que são o único alívio do seu cativo, é querê-los desconsolados, e melancólicos, de pouca vida, e saúde. Portanto não lhes estranhe os senhores o criarem seus reis, cantar e bailar por algumas horas honestamente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de N. S. do Rosário, e do orago da capela do engenho, sem gasto dos escravos, acudindo o senhor com sua liberalidade aos juizes, e dando-lhes algum prêmio do seu continuado trabalho. Porque se os juizes e juizas das festas houverem de gastar do seu, será causa de muitos inconvenientes, e ofensas de Deus por serem poucos os que podem licitamente ajuntar.

O que se há de evitar nos engenhos é o embriagarem-se com garapa azeda, ou água-ardente; bastando se lhes conceda a garapa doce, que lhes não faz dano; e com ela fazem seus resgates, com os que a troco lhes dão farinha, feijões, aipins e batatas.

Ver que os senhores têm cuidado de dar alguma coisa dos sobejos da mesa aos seus filhos pequenos, é causa de que os escravos os sirvam de boa vontade, e que se alegrem de lhes multiplicarem servos, e servas. Pelo contrário algumas escravas procuram de propósito aborto, só para que não cheguem os filhos de suas entranhas a padecer o que elas padecem.

Grifo no trecho:

“e se não de ouvir os dilatados; e convencidos castigar-se-ão com açoites moderados, ou com o meter em uma corrente de ferro por algum tempo, ou tronco. Castigar com ímpeto, com ânimo vingativo, por mão própria, e com instrumentos terríveis, e chegar talvez aos pobres com fogo, ou lacre ardente, ou marcá-los na cara, não seria para se sofrer entre bárbaros, muito menos entre cristão católicos.”

Traço curto no trecho:

“E se depois de errarem como fracos, vierem por si mesmos a pedir perdão ao senhor; ou buscarem padrinhos , que os acompanhem: em tal caso é costume no Brasil o perdoar-lhes.”.

Grifo no trecho:

“buscarem padrinhos”.

Preto MA-MMA-97.153
Os pretos praticam a escravidão entre si na África, mas no geral os escravos têm lá uma amplitude de liberdade e identificação com os senhores muito maior que na América, o que é mais ou menos

fatal. Em compensação sofriam lá como vítima dos terríveis assassinios cerimoniais muito mais frequentes entre aplecios horrendos, não menos horrendos e mais comuns que os horrendos daqui (ver sobre n.º 149 h. 218 e ss.)

Notação:

MA- MMA 97-153

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; ocupando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.153.

Transcrição:

Preto/ Os pretos praticam/ a escravidão en-/tre si na África,/ mas no geral os/ escravos tem lá/ uma amplitude/ de liberdade e/ identificação com/ os senhores muito/ maior que na América, o que/ é mais ou menos/fatal. Em compen-/sação sofriam lá/ como vítimas dos/ terríveis assassí-/nios cerimoniais/ muitas vezes entre/ suplícios hor-/rendos e mais co-/muns que os/ horrendos daqui./ (Ler sobre nº 149/ p 318 e ss.)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Escravidão; [Africanologia/ História]; [Religião]

Verificação:

BPG: nº 149: HOVELACQUE. Abel. "*Les nègres de L'Afrique sus-équatoriale*. Paris: Lecrosnier et Babé, Libraire-éditeurs, 1889. (BMA- F/II/a/2).

l'esclavage a ruiné pour jamais l'ordre social. » Et, remarquons-le, l'opinion du vieux roi n'est pas seulement l'avis des classes dirigeantes et des riches, c'est également celui du troupeau servile et des malheureux qui sont victimes de la civilisation de leur pays. C'est ainsi, nous l'avons vu plus haut, que les femmes, sorte de demi-esclaves, trouvent, elles aussi, leur sort légitime et équitable. L'esclave qui devient libre a pour premier souci, s'il possède quelque pécule, d'acheter à son tour des esclaves. Le Maire (*Voy. aux Canaries, au Cap-Vert, etc.*, Paris, 1695) rapporte qu'un vieux nègre ayant résolu de vendre son fils et l'ayant conduit au comptoir, le jeune homme tira un facteur à l'écart et se mit en devoir de vendre son père. Le cas est peut-être rare, mais il n'a rien d'extraordinaire.

Les sources de l'esclavage, chez les noirs africains, sont multiples. En premier lieu il faut noter l'esclavage héréditaire. L'enfant d'un esclave, d'une esclave, naît esclave. Souvent les serfs sont recrutés au moyen de razzias organisées; c'est le cas un peu partout, mais particulièrement dans la région du haut Nil¹. Le despote du Dahomey organise des incursions chez ses voisins pour ramener des captifs et les distribuer à ses guerriers. Souvent l'esclavage est la suite de l'insolvabilité², d'une condamnation, et la peine de quelque grave méfait. Depuis que le commerce des esclaves s'est étendu, écrivait Moore en 1730, « tous les châtimens ont été convertis en esclavage. On trouve un avantage à ces condamnations, en ce que l'on poursuit vivement le crime pour avoir le profit de la vente du condamné. Non seulement les criminels sont réduits à l'esclavage pour le meurtre, le vol et l'adultère, mais encore pour des crimes moindres. On

1. Schweinfurth, *op. cit.*, t. II, chap. XIII. — Cf. Baker, *op. cit.*, p. 13.
2. Mungo Park, *op. cit.*, t. II, p. 57.

l'esclavage a ruiné pour jamais l'ordre social. » Et, remarquons-le, l'opinion du vieux roi n'est pas seulement l'avis des classes dirigeantes et des riches, c'est également celui du troupeau servile et des malheureux qui sont victimes de la civilisation de leur pays. C'est ainsi, nous l'avons vu plus haut, que les femmes, sorte de demi-esclaves, trouvent, elles aussi, leur sort légitime et équitable. L'esclave qui devient libre a pour premier souci, s'il possède quelque pécule, d'acheter à son tour des esclaves. Le Maire (*Voy. aux Canaries, au Cap-Vert, etc.*, Paris, 1695) rapporte qu'un vieux nègre ayant résolu de vendre son fils et l'ayant conduit au comptoir, le jeune homme tira un facteur à l'écart et se mit en devoir de vendre son père. Le cas est peut-être rare, mais il n'a rien d'extraordinaire.

Les sources de l'esclavage, chez les noirs africains, sont multiples. En premier lieu il faut noter l'esclavage héréditaire. L'enfant d'un esclave, d'une esclave, naît esclave. Souvent les serfs sont recrutés au moyen de razzias organisées; c'est le cas un peu partout, mais particulièrement dans la région du haut Nil¹. Le despote du Dahomey organise des incursions chez ses voisins pour ramener des captifs et les distribuer à ses guerriers. Souvent l'esclavage est la suite de l'insolvabilité², d'une condamnation, et la peine de quelque grave méfait. Depuis que le commerce des esclaves s'est étendu, écrivait Moore en 1730, « tous les châtimens ont été convertis en esclavage. On trouve un avantage à ces condamnations, en ce que l'on poursuit vivement le crime pour avoir le profit de la vente du condamné. Non seulement les criminels sont réduits à l'esclavage pour le meurtre, le vol et l'adultère, mais encore pour des crimes moindres. On

1. Schweinfurth, *op. cit.*, t. II, chap. XIII. — Cf. Baker, *op. cit.*, p. 13.
2. Mungo Park, *op. cit.*, t. II, p. 57.

m'amena un jour un homme à acheter, qui avait volé une pipe à fumer... Un autre noir, voyant un tigre occupé à manger un daim qu'il avait tué et suspendu près de sa maison, tira un coup de fusil sur cet animal, et la balle alla tuer un homme. Le roi condamna non seulement ce noir, mais encore sa mère, trois frères et trois sœurs à être vendus pour esclaves ». C'est la mise en pratique du châtiement profitable, mais celui qui en tire profit n'est précisément pas celui que la chose intéresse le plus directement. Si le maître ne bénéficie point de ses esclaves en les vendant, il les utilise au moins, comme il fait de ses femmes, pour le travail de ses champs, et se crée ainsi plus de repos et d'oisiveté, ce qui est pour lui le plus précieux des biens. Corre rapporte que les Landoumas et les Nalous n'ont pas chez eux d'esclaves de leurs races, mais ils vendent comme esclaves, hors de leur territoire, ceux d'entre eux qui se sont rendus coupables de certains délits ou crimes ».

À Akra tous les esclaves sont des étrangers ; les naturels du pays ne peuvent être vendus : ils sont tous libres et sont seulement réputés serfs du roi (Bosman, t. II, p. 490).

Ajoutons que l'esclavage est parfois volontaire. A la perte de la vie un nègre préfère généralement la servitude, quelle qu'elle soit. En temps de famine, ce qui n'est point rare, on voit des nègres aliéner à jamais leur liberté, afin d'être au moins nourris. Bien entendu, c'est après avoir vendu au préalable leurs femmes et leurs enfants. « Il y a, dit Mungo Park (t. II, p. 57), plusieurs exemples d'hommes libres qui ont renoncé volontairement à leur liberté pour sauver leur vie. Pendant une grande disette qui dura près de trois ans dans les pays voisins de la Gambie, beaucoup de gens

1. Fr. Moore, *Voyages dans les parties intérieures de l'Afrique*, trad. de l'anglais.

2. *Mémoires de la Société d'Anthropologie*, 1863, p. 47.

ESCLAVES.

221

devinrent esclaves de cette manière. Le docteur Laidley n'a assuré qu'à cette époque nombre d'hommes libres étaient venus le trouver, le suppliant de les mettre à la chaîne de ses esclaves pour les empêcher de mourir de faim. De grandes familles sont souvent exposées au besoin le plus absolu, et comme les parents ont sur leurs enfants une autorité presque illimitée, il arrive souvent dans toutes les parties de l'Afrique que l'on vende quelques-uns de ceux-ci afin d'acheter des vivres pour le reste de la famille ».

Une fois entre les mains de son maître, l'esclave devient une unité monétaire, que celui-ci lance, quand il le veut, dans la circulation. Chaque pièce, dit Corre, vaut dans la région du Rio Nuñez deux cents francs en moyenne, ou un collier d'ambre de vingt-cinq à trente boules.

Le nombre des esclaves, dans certaines contrées, est considérable. D'après Mungo Park la proportion est de trois esclaves pour un homme libre. Écoutons encore Lander : « Il n'y aurait pas, je crois, exagération à dire que les quatre cinquièmes de la population, non seulement à Boussa, mais partout aux environs, se composent d'esclaves. Il y en a plusieurs à qui on donne permission d'aller et de venir librement, pourvu qu'ils soient prêts à se rendre au premier appel du maître : ils se procurent leur subsistance, et consacrent une portion de leur temps au service de ceux à qui ils appartiennent ; d'autres font le service intérieur et remplissent les fonctions de domestiques. Ils sont également obligés de pourvoir eux-mêmes à leurs besoins. La reine de Boussa a un grand nombre d'esclaves fellans ; les hommes sont constamment occupés à soigner les troupeaux et traire les vaches, tandis que les femmes vont vendre le lait. Moitié

1. Cf. Labat, t. II, p. 301. — Balet, *op. cit.*, p. 291.

de l'argent leur reste pour exister et comme récompense de leurs peines. C'est ainsi que les esclaves sont traités dans leur pays natal : ils jouissent d'une grande liberté, ont du loisir, ne sont jamais surchargés d'ouvrage, et sont rarement punis, même lorsqu'ils le méritent : on ne leur inflige que de légers châtimens. Un esclave qui s'enfuit, et qui est repris et ramené à son maître, est mis aux fers un jour ou deux ; seulement le propriétaire s'en défait, s'il peut, à la première occasion¹. » Boussa, dont il est ici parlé, est située dans le Borgou, près de la rive droite du Niger. Dans quelques contrées, dit Raffinell, les hommes libres ne forment que le vingtième de la population : tout le reste est en état de servitude². Le fait est qu'il existe en Sénégambie, en Guinée, au Soudan, des villages composés exclusivement d'esclaves, qui ne travaillent presque uniquement que pour leur propriétaire. Dans la province de Kano, dit Barth, le nombre des esclaves est égal à celui des gens libres.

Le sort de l'esclave noir est beaucoup plus doux en Afrique qu'il ne l'était, ou ne l'est encore, dans le nouveau monde. On traite les esclaves d'après certaines règles, certaines coutumes qui ont pris la valeur d'une loi. L'esclave né dans la maison même ne peut être vendu³. Au Kaarta il a pour lui deux jours de travail libre par semaine ; un jour même il a droit au lait des troupeaux dont la garde lui est confiée. Waitz a recueilli sur ce sujet des témoignages qu'il est intéressant de rapporter (*op. cit.*, p. 213). Chez les Mandingues les esclaves nés dans la maison sont traités comme s'ils étaient de la famille et ne se distinguent souvent pas des

1. *Op. cit.*, t. II, p. 214.

2. *Op. cit.*, p. 149. Voir encore Koler, *Kinige Nalieu über Bonny*, p. 152. Göttingen, 1848.

3. Mungo Park, *op. cit.*, t. II, p. 45.

hommes libres avec lesquels ils vivent⁴. Chez les Bambaras, les serfs conquis à la guerre peuvent passer à la condition plus honorable d'esclaves domestiques, et échappent ainsi à des ventes pléines pour eux de hasard. Nous avons déjà dit (ci-dessus p. 179) le sort qu'ont les Wolofs de leurs esclaves : un homme libre épousant une femme esclave, celle-ci devient libre⁵. A Tombouctou, un esclave malade peut réclamer sa libération. A Bonny, les rapports sont familiers entre maîtres et esclaves : les derniers épousent parfois une fille des premiers, et peuvent même arriver à certains degrés dans la hiérarchie sociale⁶. Chez les Achantis, l'esclave malade peut se donner à un autre maître⁷. Chez les Iles, il a une partie de son temps, peut prendre plusieurs femmes, et ses enfans sont libres⁸.

Quant à l'esclave acheté et à celui qui a été conquis à la guerre, leur sort est souvent tout autre. Les sacrifices humains des pays de la Côte de l'Or sont alimentés au moyen de ces malheureux, qui ont à subir alors de terribles souffrances. Nous en avons parlé ci-dessus (p. 84, 107). Tant qu'il est entre les mains des marchands, l'esclave est regardé comme un simple bétail. « Tous ces négriers, dit Sanderval, braves négociants du pays, donnent le frisson avec leur fouet court à plusieurs lanières, et le bruit de ferraille qui révite dans quelque coin de leurs nippes la présence d'entraves toujours prêtes. Ils ne sont pas plus sauvages que d'autres : ils ont pour les esclaves dont ils trafiquent les sentimens d'indifférence ou d'indolence qu'ont les touchers de bœufs

1. *Wagner*, *op. cit.*, p. 78. — *Wissmann*, *op. cit.*, p. 176.

2. *Wolff*, *op. cit.*, pp. 29, 32, 33. — *Barnard*, *Esquisses de l'Afrique*, p. 156. Paris, en 3.

3. *Koler*, *Kinige Nalieu über Bonny*, p. 152.

4. *Bredlich*, *op. cit.*, p. 255. — *Baker*, *A Voyage in Africa*, p. 226. London, 1825.

5. *Wilson and Corbett*, *op. cit.*, pp. 355, 387, 394.

pour leurs troupeaux. Ici, les captifs conduits ne sont pas enchaînés; ils sont trop loin de leur pays pour songer à fuir. Il arrive parfois qu'un négrier conduisant sa triste marchandise est assassiné au coin d'un bois; l'assassin, le foudroyant à la main, s'empare des captifs et leur impose des marches forcées, pour gagner au plus tôt un lieu éloigné du crime¹.

Ajoutons avec Snelgrave: que lorsqu'une expédition a capturé un riche butin d'esclaves et en redoute quelque rébellion, on se débarrasse du trop grand nombre par le moyen le plus simple, c'est-à-dire en les égorgeant ou en les assommant. Parfois on abandonne les malheureux sur le champ de bataille même, après leur avoir coupé une jambe².

Mais une fois entre les mains de son maître définitif, qui a tout intérêt à ne pas abuser d'une marchandise valant un bon prix, l'esclave du nègre n'est généralement pas malheureux; il ne comprend du moins pas son infortune, et n'en a pas conscience. Citons encore Sanderval: « Les noirs, dit-il, vivent comme des chevaux à l'écurie, sans rien faire, sans penser à rien, causant des faits divers de la chronique locale, naturellement très restreinte. L'esclavage est immoral, c'est incontestable, en principe surtout; c'est une plaie honteuse, je ne cesse point de le penser; mais on se tromperait si l'on s'apitoyait, comme s'ils étaient de notre race, sur ces esclaves, qui au moral comme au physique n'ont pas de sensations très supérieures à celles des animaux. L'esclave qui n'est pas très maltraité oublie vite son état de misère. Il n'a pas de souci, il ne peut ou ne sait penser. Il est heureux dans

1. *De l'Atlantique au Niger*, p. 145. Voir aussi Corré, *Revue d'Anthropologie*, 1882, pp. 54, 57.

2. *Account of some Part of Guinea*, p. 186. Londres, 1731.

3. Barth, *op. cit.*; trad. franc., t. III, p. 37.

ESCLAVES.

325.

le repos de son esprit endormi, et de même que le croyant attend tout d'Allah et fait fond sur son indolente et facile prière, de même l'esclave attend tout de son seigneur et maître. » (*Op. cit.*, p. 183.) Et ailleurs: « L'on est saisi de compassion en voyant ces pauvres diables tristes, sans joies, sans pensées à eux, sans famille, sans rien qui leur assure le présent ou l'avenir, et leurs maîtres cependant ne leur sont pas toujours supérieurs! Chez l'esclave, tout sentiment finit promptement par s'effacer; l'être humain s'éteint, la brute seule reste. » (*Ibid.*, p. 126.) Tous les explorateurs de l'Afrique ont été d'accord sur la vie relativement facile et toujours insouciance de l'esclave domestique des nègres. Au surplus, comme le remarque fort bien Lander (*op. cit.*, t. III, p. 190), un grand nombre de noirs africains montrent la plus stupide indifférence lorsqu'ils sont privés de leur liberté et enlevés à leurs parents: amour du sol, affections familiales sont alors pour eux choses à peu près étrangères.

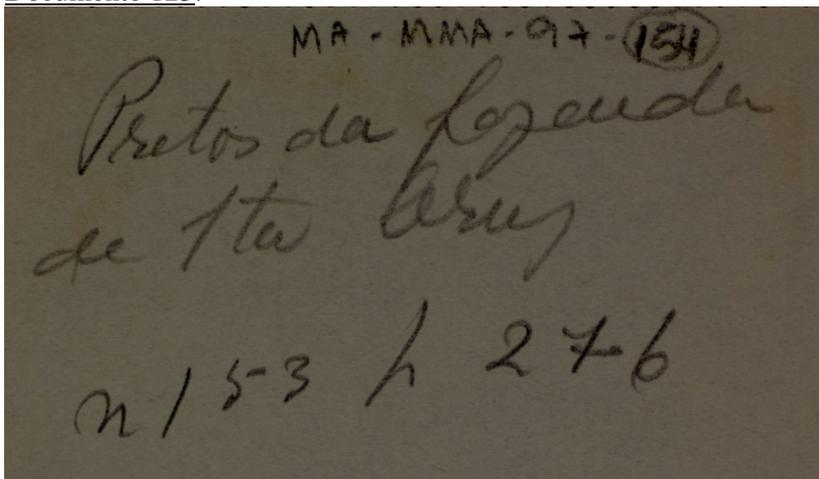
* * *

De l'esclavage à l'état social en général la transition est aisée.

En ce qui concerne l'état politique, on remarque tout d'abord que le despotisme le plus absolu règne sur une grande partie des nègres sus-équatoriaux. Nous avons parlé de ce despotisme chez les Dahomans (p. 99); il en est de même au Borgou¹ et dans bien d'autres contrées. La conception de l'autorité est la conception même de l'état social au Dahomey: il n'y a dans ce pays qu'une superposition de supérieurs et d'inférieurs, depuis le roi qui tient le haut de l'échelle jusqu'au dernier des malheureux captifs destiné aux sacrifices humains. Le roi de Dahomey est un être supérieur

1. Lacombe, *la Sociologie*, p. 140.

Documento 123:



Notação:

MA- MMA 97- 154

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.154.

Transcrição:

Pretos da Fazenda/ de Sta Cruz/ n 153 p 276

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

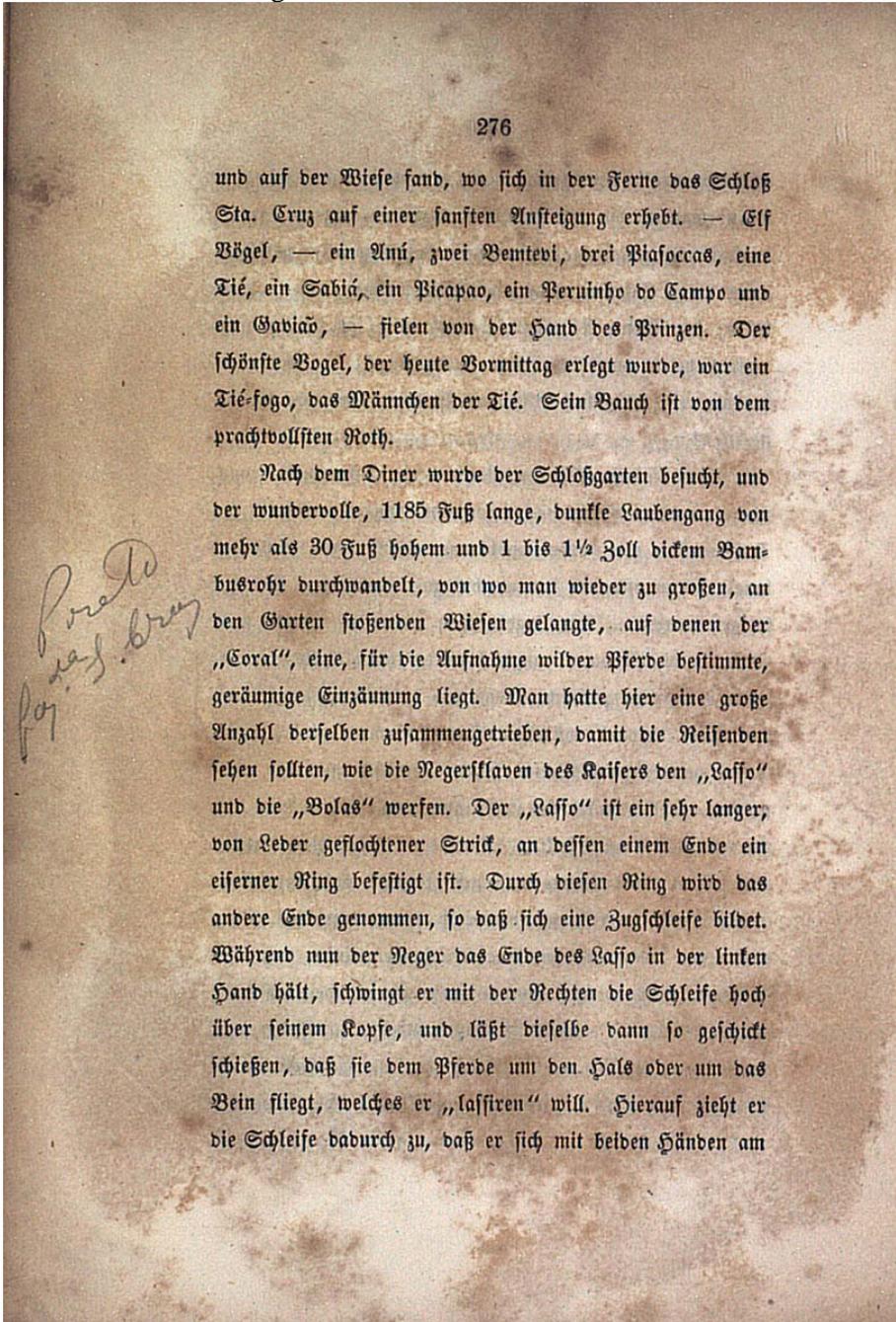
BPG: nº 153: Adalbert, Príncipe da Prússia. *Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien*. Nach dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben von H. Kletke. Berlin: Hasselberg'sche Verlagshandlung, 1857. (BMA: F/II/a/47)

P. 276:

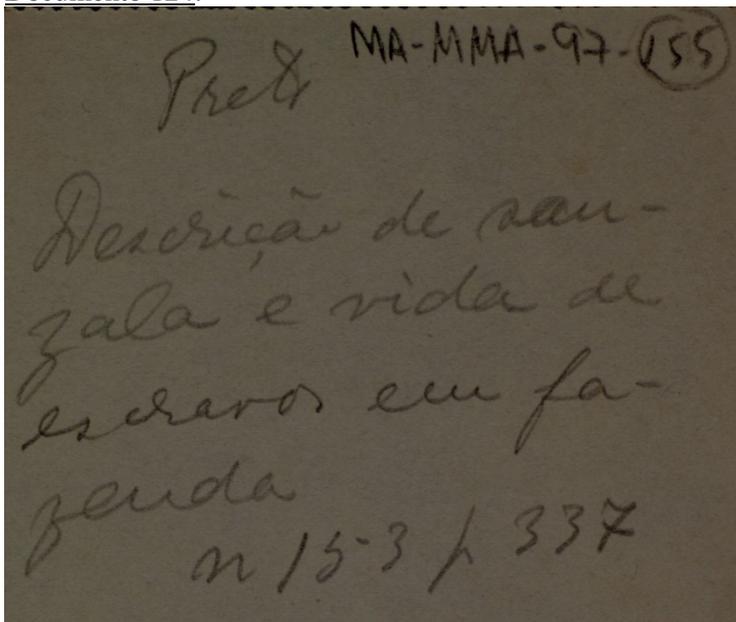
"VII. Rio de Janeiro"

Nota MA:

"Preto Sta Cruz" à margem do trecho:



Documento 124:



Notação:

MA- MMA 97-155

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.155.

Transcrição:

Preto/ Descrição de sen-/zala e vida de/ escravos em fa-/zenda/ n 153 p 337

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

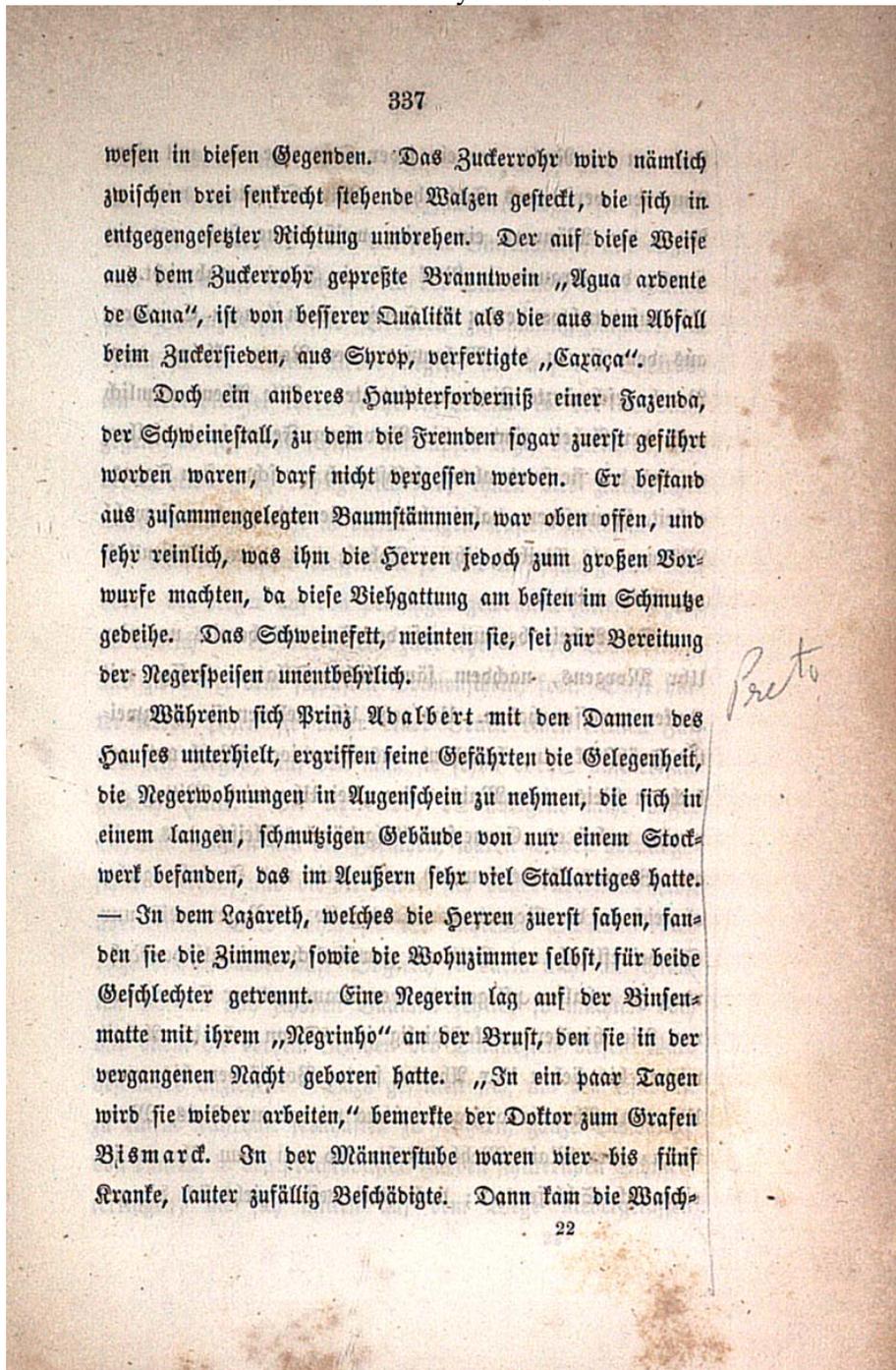
Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

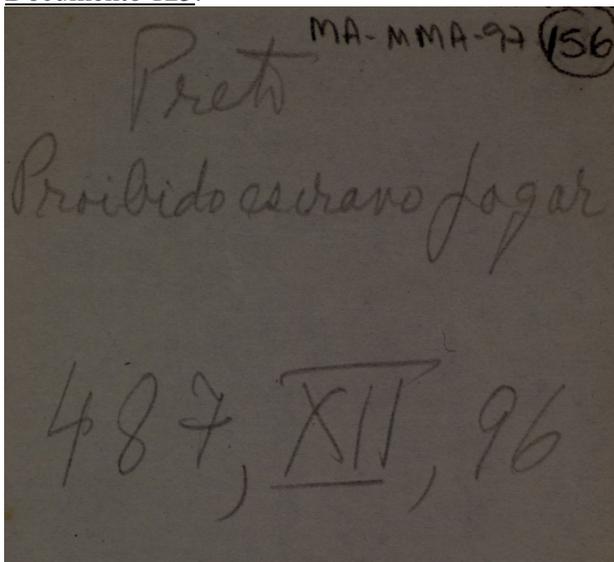
Verificação:

BPG: nº 153: ADALBERT, Príncipe da Prússia. *Reise Seiner: Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Nach dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben von H. Kletke.* Berlin: Hasselberg'sche Verlagshandlung, 1857. (BMA: F/II/a/47)

Nota da pesquisa:

Embora tenhamos optado por transcrever todos os trechos que MA destaca em suas leituras, neste caso, optamos pelo fac-símile, dada a dificuldade de transcrição da obra alemã em letras góticas. Os trechos das obras consultadas por MA em alemão, letras romanas, quando anotados, estão transcritos.

Documento 125:



Notação:

MA- MMA 97-156

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.156.

Transcrição:

Preto/ Proibido escravo jogar/487, XII, 96

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 487: LIMA, Joseph Barbosa de. Ordens Régias (1721-1730). *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. São Paulo, v. XII, ano I, 1935, p. 85-134. (BMA)

pessoa, Será preza, e Castigada muy Severa mente, todos os Seus bens, Serão confiscados pa. a Coroa da fazenda Real, e pa. que chegue anoticia detodos esta minha detriminação e não posão em tempo algum allegar Ignorancia, mandey LanSar este bando q Sepublicara na praça, desta Cidade, e Ruas publicas desta, e depois de Registado no Livros da Secreta. deste Governo, e nos da Cama. desta Cidade, e ouvidoria gal. Se fixará no Corpo da Guoarda desta Cidade, na forma do estillo, e Sepasará outro do mesmo theor pa. a desa Va. de Pernaguoa, q' Sepublicará na praça e Ruas publicas della e Se registrará nos Livros da Cama. fixandosse ao depois no Lugar mais publico da dita Va. de que me mandarão, os officiais da Cama. Certidão de que aSim se executou para ... o tempo contido do Referido; Das de Sam Paulo, aos 12 Dias do mes de janeyro de 1722 O SeCretário GervaSio Leite Rebello o fes// Rodrigo Cezar de Menezes //, e não Se continha mais na dita Carta tresLadey nos Livros do Registos e Camara aos dias de Janro. de 1722 e eu Jozeph da Sylva valença Tabalião que o escrevy por impedimento de Cayetano Soares vianna escrivão da Cama. que de presente Serve,//

Jozeph da Sylva vaLça.

N.º 10 — Registo de hum bando do Exmo. Sr. Gnrl. Sobre pRohibir o jogo dos EsCravos

Rodriguo Sezar de Menes do ConSelho de S Magde. que Deos Gde. Governador e Capitão General da Capitania de Sam Paulo &a. Por Se me RepRezentar que os EsCravos dos moradores desta Capitania Continuão armar jogo, enelle jogão não Só Dinheiro mas algumas peSas de pRata e ouro, de que Claramente Se colhe que não So he de Grande pRejuizo a Seus Senhorez mas que furtarão o que puderem, para terem que jugar eSer muito Conveniente atalhar o dano que Se poder Seguir. Ordeno e mando que daqui em dienté todos os negros que Se acharem jugando em Coal quer parte que Seja Seção Logo prezos o que ExzeCutarão não Só os ofeciais de justisa maz Coal quer Sargento, ou SoLdado que os achar Levando os a Cadea desta Cidade ou ao Corpo da Goarda e terão os que aSim forem achados em Castigo pella pRimeira ves duzentos aSoutes

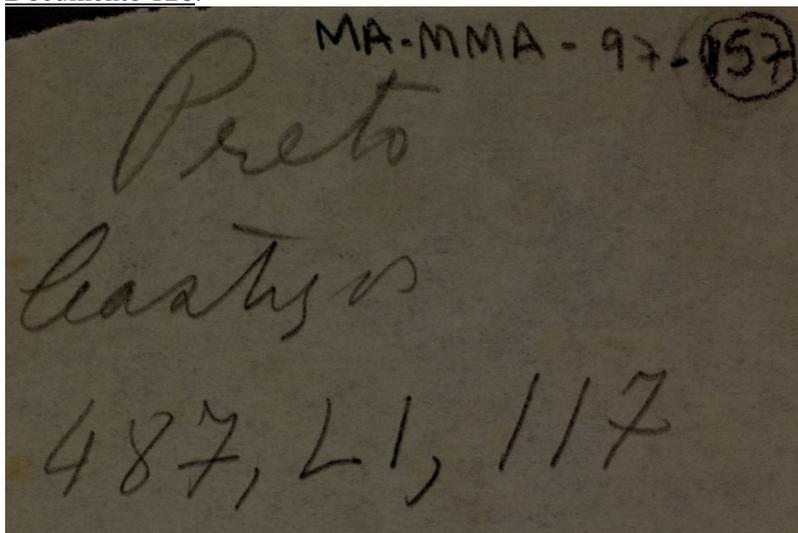
no Pelourinho desta Cidade e pella Segunda ves Serão Castigados Com mayor demonstração que eu for Servido, e nesta pena imCorrerão não Só os pRetos mas Coal quer Genero de EsCravo que aSim for achado jugando e pera que Seja notorio a todos e não poSão aLegar jgnoranCia mandey LanSar este bando que Se publicara na pRaSa desta Cidade, e Ruas Costumadas e depois de Registrado ahonde toCar Se ... Corpo da Guarda dado nesta Cidade de São Paulo aos coatro dias do mes de fevereiro de mil e Setecentos e vinte e dous o SeCretario do Governo Gervazio Leite Rebello a fez Cezar de Menezes // Registrado na SaCretaria deste Governo no Livro pRimeiro do Registo Geral de Ordeins e bandos a fl 8 Sam Paulo 4 de fevereiro de mil e Setecentos e vinte e dous Gervazio Leite Rebello e não Se Continha mais no dito Bando que eu Caetano Soares vianna escrivão da Camera tresLadey aqui bem e fielmente e me aSigney Sam Paulo Coatro de fevereiro de mil e Setecentos e vinte e dous annos

Caetano Soarez vianna

N.º 11 — Registo de huma pRovizão do Exmo. Snr. Gnr. gl. dada ao Sargto. Mor Mel. GLz. de Aguiar, Mel. Godinho de Lara e Sebbão. Frc. do Rego, pa. abrirem o Caminho pa. as novas Minas, do Cuyaba q hera de verbo o adberbum do Theor Seguinte

Rodrigo Cezar de Menezes do Concelho de S Magde. que Deos Gde. Governador e Capitam general da Capitania de Sam Paulo &a. Por Coanto he Conveniente ao ServiSo de Sua Magde. q Ds. Gde. e de Grande uteLidade a Sua Real fazenda abrirCe o Caminho por terra pella parte mais facil pera as novas minas do Cuyaba, Evitando os perigos de Rios de Sorte q Se poção Conduzir Boyadas e Cavalgaduras Sem Risco athe o Rio Grande pera Cujo Efeito mandey Lançar hum bando em vinte e tres de novembro do anno paSado pera que todas as peSoasquizeSem abrilla aproveitagem Suas petiçoins na.....deste Governo athe vinte e Coatro de Dezembro..... que declaram Sem o tempo em que haviam de abrilla, e o premio que Se lhe havia de dar, em Satisfação deste trabalho por q Se havia de preferir, a peSoa que o fizeSe Com mais Comodi-

Documento 126:



Notação:

MA- MMA 97- 157

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.157.

Transcrição:

Preto/Castigos/ 487, LI, 117

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 487: FILHO, João Dorras. A influência social do negro brasileiro. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. São Paulo, v. 51, ano 5, 1938, p. 95-134. (BMA)

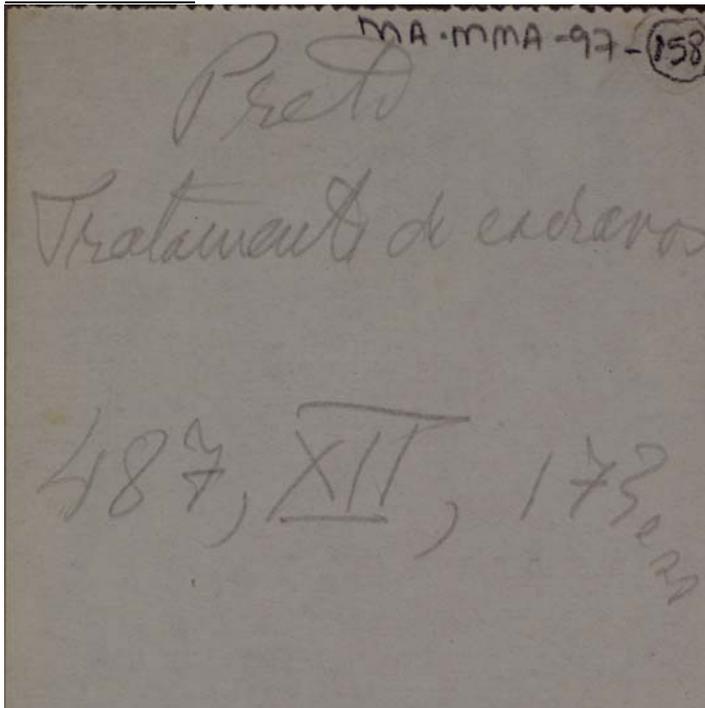
O negro acabava de sair de um regime em que lhe faleciam todos os direitos. Nos tempos coloniais, pela carta regia de 3 de setembro de 1709 e pelo bando de 1740, não podiam usar vestidos de prata e ouro, tecidos de lã, holandas, esguiões, joias, etc., sob pena de açoites e degredo para S. Tomé. E um ladrão roubou o esplendor e as joias de São Benedito, sob o pretexto, no tempo cheio de justificativas, de que negro não podia ter luxo. O aviltamento em que jaziam fatalmente havia de lhes deformar a personalidade moral. Objeto de compra e venda e até de presentes, Melo Moraes transcreve nas "Lendas e Tradições" uma carta em que um senhor no Rio de Janeiro oferecia a um amigo, "como lembrança de Ano Bom", uma "parelha de negros de cadeira, pedindo desculpa de não ser coisa suficiente"...

O mais deprimente, entretanto, era o bárbaro regimen de castigos fisicos em que vivia o negro pelos motivos mais futeis. O alvará de 3 de março de 1741 mandava marcar o negro fugido com um ferro em brasa, "que para esse efeito haverá nas camaras: e se quando se fôr executar essa pena fôr achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha, tudo por simples mandado do juiz de fóra ou ordinario da terra ou do ouvidor da comarca, sem processo algum e só pela notoriedade do facto". Nas fazendas existiam verdadeiras salas de suplicios, onde o escravo era martirizado pela rôda, pelo tronco, pela gargalheira, pelo barchau com latego de couro crú e pela palmatoria de cabiúna.

Nos trabalhos de mineração do diamante, os senhores lhes collocavam uma mordaca de lata, horrivelmente incomoda, para evitar que engolissem as pedras encontradas. O escravo permanecia em verdadeiro estado de terror, pois as faltas por mais insignificantes e até involuntarias, eram punidas com um rigor tão barbaro, que muitas vezes preferiam o suicidio, como esse belo e estoico estrangulamento que chamavam "engulir a lingua": dobravam a lingua sobre o laringe até que a asfixia trouxesse a morte, que a vigilancia dos senhores não permitia de outro modo (6). O viajante Koster assistiu em Recife, em pleno perimetro urbano, ás cenas mais revoltantes de espancamento de escravos que, por viverem na cidade, em todo caso eram mais protegidos pela piedade alheia. "Algum transeunte mais piedoso que, passando nas ruas, ouvia, para além das portas mal-fechadas das ha-

(6) — Koster attribuiu o facto que observou em Pernambuco de o negro ingerir terra a uma fórma de suicidio lento, quando a geofagia é um vicio devido a vermes intestinaes, que grassava intensamente entre os escravos.

Documento 127:



Notação:

MA- MMA 97-158

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.158.

Transcrição:

Preto/ Tratamento de escravos/ 487, XII, 173 e ss.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 487: ALMEIDA, A. Paulino de. A tragédia de Caraguatatuba. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*. São Paulo, v. 12, ano 1, 1935, p. 173-176.

A TRAGEDIA DE CARAGUATATUBA

A. Paulino de Almeida

(Do Instituto Historico e Geografico
de São Paulo)

Foi por occasião de uma visita ás legendarias cidades do litoral, que, pela primeira vez, ouvimos a narrativa dos tragicos acontecimentos da Fazenda Ribeirão, de que resultou o desaparecimento de importante familia da localidade, cujos cadaveres foram sepultados defronte da igreja da villa.

Transformára-se o facto em lenda pela maneira seguinte: Certo escravo, apesar de sua força herculea, era constantemente castigado, soffrendo com humildade, sem coragem para a menor resistencia, o que levára a queixar-se a um tropeiro, que constantemente viajava para allí.

Este, valendo-se da ignorancia do pobre homem, prometteu-lhe um amuleto ou talisman, uma oração, que, trahida ao pescoço, o tornaria valente e corajoso.

E ai daquelles que o ameaçassem!

Foi assim, que, ao voltar á Caraguatatuba, e, recordando-se da promessa, tomou o tropeiro de um pedacinho de couro, e, envolvendo-o em panno, costurou-o, entregando-o ao escravo, que, de então por diante, se tornou violento e destemido, a ponto de, na primeira occasião em que pretendiam castigal-o, armando-se de uma foice, poz tudo em polvorosa, atacando a todos os membros da familia, aos quaes aniquilou rápidamente.

Essa, a lenda, cujo facto vem narrado no documento inédito, que passamos a transcrever:

4-10-1867 Nesta data o delegado de polici ade S. Sebastião, João José Pinto, comunica ao Presidente da Provincia, José Tavares Bastos, um crime de morte occorrido em Caraguatatuba. E' o seguinte o officio dirigido pelo delegado:

"Illmo. e Exmo. Snr. — E' do meo dever participar a V. Exa. do horroroso attentado, accontecido na Va. de Caraguatatuba, ás 9 hs. da manhã do dia 30 de 7bro.pp., na Fazenda de João Esteves de S. Anna, (1) q. foi pr. seos escros. barbarame. assassinado juntame. sua mer., o genro o Alfs. Antonio José de S. Anna, sua mer. e um filhinho de 5 annos, uma outra fa. do fazendeiro viuva, e uma aggregada tudo em n.º de sete! Na tarde do refdo. dia 30 de 7bro. ás 7 hs. apresentarão-se-me 4 escravos de João Esteves de S. Anna, disendo q. tinham morto a seo senhor, e a toda a familia, tendo feito 7 mortes, q. vinhão se apresentar na qualide, de voluntarios da Patria, julgando um delirio n'estes escros., disse q. os acceitava, e mandei-os condusir pr. uma força do destacamto. á cadêa, onde se achão. Porem logo depois recebi successivame. dois officios do subdelegado da Va. de Caraguatatuba, q. me forão ja entregues á noite d'agle. dia, communicando-me todos estes horrores, e pedindo ma. presça. n'aqle. lugar com alguma força, e dirigi-me immediatame. á aqle. povoação, partindo d'aqui, pr. mar, á meia noite, e chegando allí ás 5 horas da manhã do dia 1.º do cor., dei ahi as providencias que o caso exigia, e segui com uma força do destacamto., que levei comigo de S. Seb., e acompanhado de mais alguns codadões do lugar e do subdelegado, dirigi-me ao sitio da catastrophe, dist. de Caraguatatuba, cerca de 3 legoas, e ahi cheguei ás 11 horas do dia. Foi então um espetaculo, Exmo. Snr., verdadeirame. doloroso e assustador o que se me apresentou á vista! Cadaveres dispersos pelo terreiro, outros dentro da casa, gavetas e commodas arrombadas e cheias de sangue, terreiro, caminhos, casa, paredes, portas, tudo salpicado de sangue, era uma scena luctuosa e pungente! Os cadaveres horrivelme.

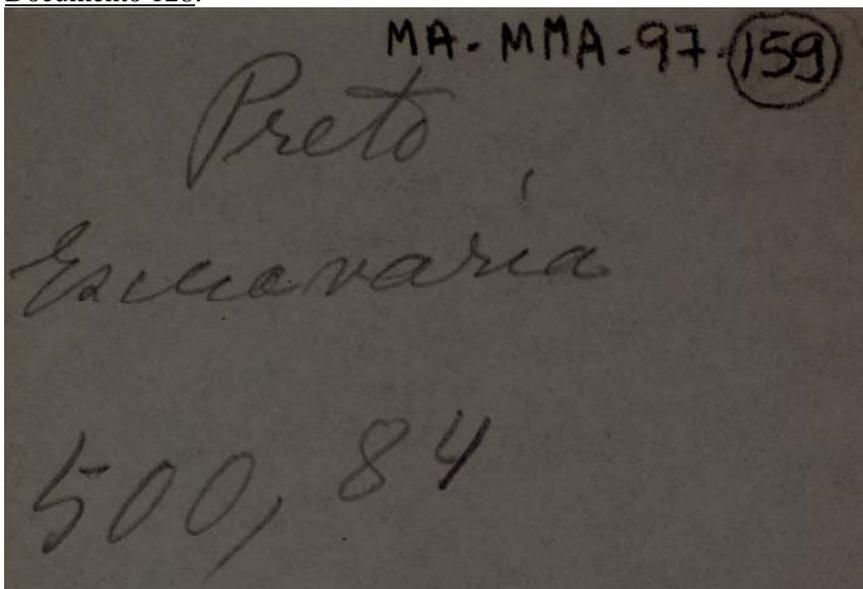
mutilados e torturados; olhos arrancados, bochechas rasgadas até as orelhas, dentes quebrados, pernas fracturadas, cabeças achatadas, braços descarnados, cabeças, craneos esmigalhados á fouçadas, crivados de facadas, estocadas, havendo cadaveres em que se contavão até 17 facadas, como se verificou no corpo de delicto, os intrumentos, com q. foi perpetrado tão horrivel attentado, achados pela sala e terreiro, e ainda com o sangue e carnes das victimas, e alguns arcados e tortos, eis, Exmo. Snr., o quadro doloroso, q. se divisava em todos os cadaveres e n'este lugar do sinistro; sendo mais pa. lamentar a morte da mer. de Anto. S. Anna, pr. estar gravida de 6 mezes! Nada ha de admirar q. qm. pratica horrores d'esta ordem, tambem não respeita o estado de maternidade. d'esta victima inofensiva! E' raro e pasmoso ver-se um canibalismo tal! Deixo de continuar tão horrivel quadro! é o maior delirio em seo requinte! E o q. ainda é mais notavel é q. estas féras, com figuras humanas, ainda não tiverão um momento de arrependimto. e remorsos; elles confessão cinicame. seos crimes, alardeão publicame. de os ter commettido! Quem conheceo ao fasendeiro João Esteves de S. Anna e a seo genro José de S. Anna, certame. diz q. erão um dos mais humanos senhores de escros., esta circumstancfa me leva á confusão, e a não poder qualificar tão criminoso attentado, sem significação alguma. Passei logo a dar providencias pa. condusir os cadaveres pa. a Va., a fim de ahí proceder-se os corpos de delicto, e mandar sepultal-os; chegamos á Va. ja ás 3 horas da tarde, e feitos os corpos de delicto, forão depois sepultados os cadaveres. Tive de alli ainda demorar-me mais 3 dias, a fim de arrecadar todos os bens pertencentes aos dois cazaes assassinados e trucidados com quasi toda a fama.; e tive de subir 2a. vez á Fazda. e sitios dos finados, e vi com efeito arrecadação de todos os bens, cuja rellação competenteme. escripturada foi entregue ao Dr. Juiz Mal. de Orphãos e Auzes. Fiz prender e condusir pa. esta Va. todos os escros. de ambos os sexos e de todas as ides., e os q. na Faz. se achavão não pertencentes ao expolio dos finados (ao todo 24) pa. averiguações policiaes, e achão-se todos recolhidos á cadeia e ja comecei a proceder minuciosamente a ellas, e continuação de hoje em diante a ser feitas plo. Dr. Juiz Mal. á qm. remetti os corpos de delicto, partes do subdelo., e mais peças componentes do processo, a fim de elleorganizar o summario visto os muitos afazeres d'esta Delegacia e mmo. pr. ser aqle. magistrado mais apto, pr. seos conhecimentos

profissionais pa. instruir bem este processo, mmo. pr. q. pr. ql. qr. d'estes dias elle tem de tomar posse do cargo de Delo., pa. q. foi ultimame. nomeado. Devo ainda antes de terminar, ponderar á V. Exa., q. n'esta penosa diligencia á Caraguatatuba fui sempre acompanhado pelo Promotor Publico da Coma. o Dr. Mel. Furquim de Campos, q. aqui se acha em commissão do Go. Proval., e sua solicitude e zello em prol da Justiça Publica mto. servio, e com seus conhecimentos profissionais mto. coadjuvou na execução da Lei e da Justiça de q. é digno orgão. Deos Ge. a V. Exa. — Delegacia pol. de S. Sebastião 4 de Outubro de 1867. — Illmo. Exm. Sr. Dezor. Conselheiro José Tavares Bastos, M. D. Presidente desta Prov. — João José Pinto Cidade — Delegado de Policia."

Nota da pesquisa:

Importante notar como a nota de trabalho revela a leitura de MA; ao anotar "tratamento de escravos", ele aponta a causa e não a consequencia do fato, isto é, o crime aconteceu por consequencia do tratamento que os escravos recebiam, ainda que o relato pretenda evidenciar apenas a causa: o crime cometido pelo escravo

Documento 128:



Notação:

MA- MMA 97-159

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.159.

Transcrição:

Preto/ Escravidão/ 500, 84

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº500: DIÁLOGOS *das grandezas do Brasil*; introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Editora da Academia Brasileira de Letras. 1930.

P. 84:

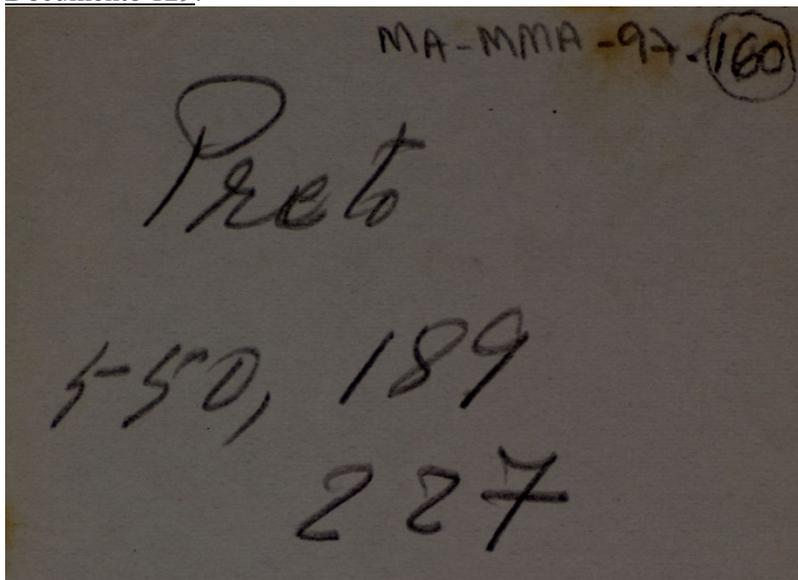
“Brandonio”

Nota MA à grafite:

Traço à margem do trecho:

“Não cuido que nos desviemos de nossa prática (que é tratar somente das grandezas do Brasil) com nos meter em dar definição à matéria que tendes proposta; porquanto neste Brasil se há criado muito Guiné com a grande multidão de escravos vindos dela que nele se acham; em tanto que dos naturais da terra, e de todos os homens que nele vivem tem metida quase toda a fazenda em semelhante mercadoria. Pelo que, havendo no Brasil tanta gente desta cor preta e cabelo retorcido, não nos desviemos de nossa prática em tratar dela.”

Documento 129:



Notação:

MA- MMA 97-160

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.160.

Transcrição:

Preto/ 550, 189/ 227

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Costume]

Verificação:

BPG: nº 550: LEITÃO, C. de Mello. *Visitantes do primeiro império*. Prefácio: Affonso de E. Taunay. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934. (BMA- F/I/b/12)

P. 189:

"Capítulo IX. Rio de Janeiro: seus arredores. Friburgo por ocasião de sua fundação."

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

"São todos acordes em salientar como os escravos eram bem tratados no campo, em contraste com a vida de martírios que passavam os pobres negros nas cidades. No engenho dos Afonsos viu MARIA GRAHAM "meninos de todas as idades e cores correndo pela casa e que pareciam ser tratados com tanto carinho como se fossem da família. E pondera: " A escravidão em tais circunstâncias é muito aliviada e semelhante a dos tempos patriarcais, onde o servo comprado torna-se para todos os fins uma pessoa da família."

P. 227:

"Capítulo X. Santa Catarina"

Nota MA a grafite:

"Preto/Escravidão" à margem do trecho:

"Entretanto", continua o mesmo viajante, 'os negros escravos empregados em trabalhos dos campos ou como domésticos, pareceram-nos tratados com doçura. Seu semblante respirava bem-estar e contentamento, porque devemos reconhecer que existem, mesmo na servidão.

Nas habitações, sobretudo, parecem fazer parte da família de seus senhores, de cujos divertimentos às vezes participam. Como indumentária apenas uma cinta que lhes cobre a nudez. Os da cidade não andam mais bem trajados. Veem-se aqui quase todos seminus, metidos em roupas velhas; e tudo em seu andar e no seu porte, revela orgulho que põe em paramentar-se com essas roupas usadas, que assinalam a riqueza do proprietário. As negras andam com mais decência e certa faceirice: camisola e saia curta, leve, amarrada acima dos quadris, desenham-lhes as formas robustas do corpo, e algumas há tão bem parecidas que os brancos não desdenham de buscar-lhes os favores...”.

Nota da pesquisa:

P. 190:

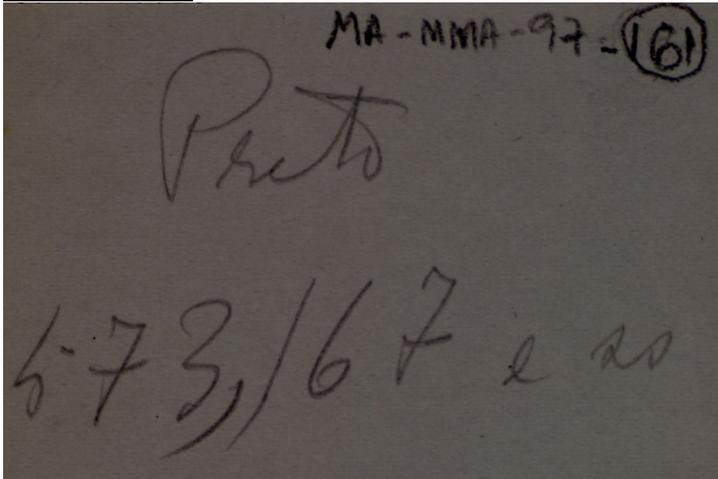
"Rio de Janeiro: seus arredores. Friburgo por ocasião de sua fundação."

Nota MA a grafite:

cruzeta à margem do trecho:

“E o próprio DARWIN, sempre tão azedo conosco, a respeito da escravidão, escreve, contudo, na fazenda do Sossego: “Certa manhã vou passear uma hora antes do nascer do sol para admirar à vontade o silêncio solene da paisagem. Logo ouço elevar-se nos ares o hino que os negros cantam em coro, no momento de começar o trabalho. Os escravos são, em suma, bem felizes em fazendas tais como esta.”

Documento 130:



Notação:

MA- MMA- 97-161

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.161.

Transcrição:

Preto/ 573, 167 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

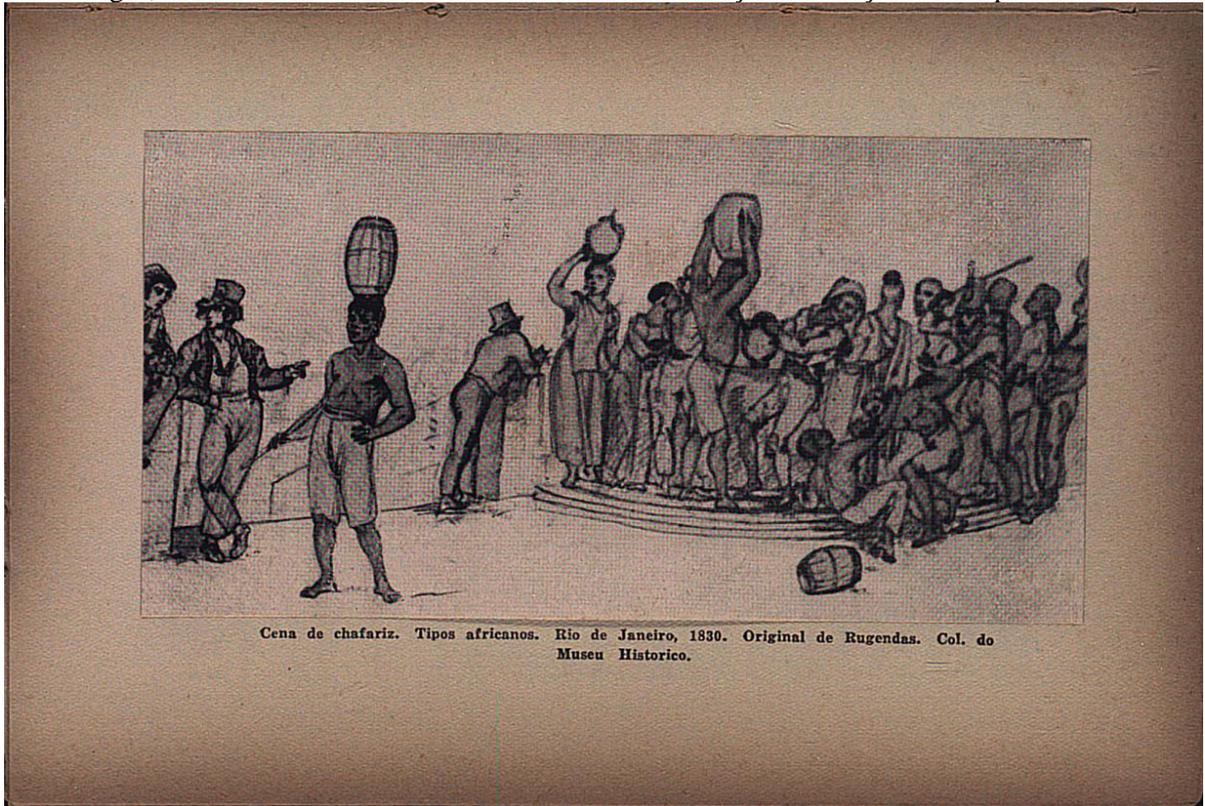
[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 573: CALMON, Pedro. *Espírito da sociedade colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (BMA- E/I/c/46)

P. 167:

"X. O negro, fator nacional. O tráfico. Procedência e distribuição. A seleção. Três tipos."



P. 169:

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

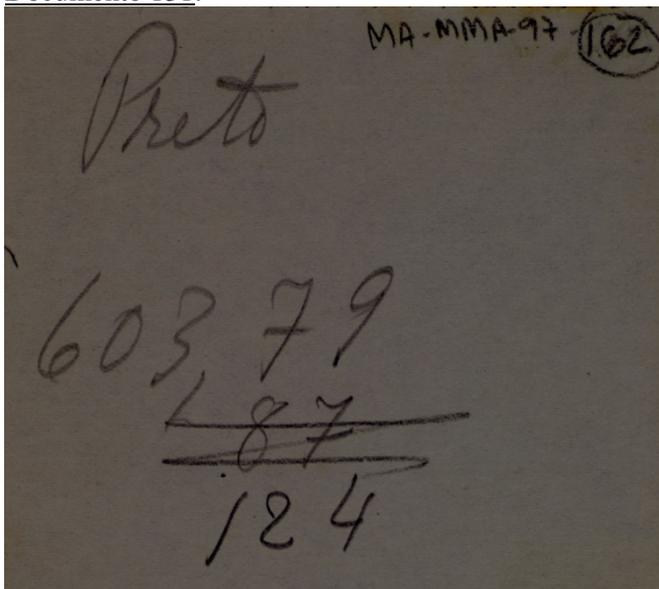
"De começo, o tráfico fora exclusivamente feito por navios portugueses. Porém, com o uso da madeiras de construção náutica do Brasil - e a fundação de estaleiros, na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão, no Rio de Janeiro, em Porto Seguro, que lançaram ao mar todos os tipos de embarcações pedidos pelo governo real - das mãos dos negociantes de lá para os negociantes de cá. Em meados do século III os brasileiros tinham o monopólio do tráfico negreiro (293): eram os seus brigues, armados na Baía e em Recife, que faziam todo o comércio africano. E eram os capitânistas dessas praças os mais acreditados e poderosos nas feitorias de escravos. Tanto que se viria o governo obrigado a restringir as viagens, a navios para cada porto de saída, em 1743, e intervir porque os traficantes mais ricos não esmagassem a concorrência dos armadores menores.

(293) Instrução para o marquez de Valença, An. da Bibl. Nac., vol. 31, p.441."

Nota da pesquisa:

Neste livro encontra-se marcador de texto (reprodução de recipiente de Pasta Odol).

Documento 131:



Notação:

MA- MMA 97-162

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.162.

Transcrição:

Preto/ 603, 79/ ~~87~~/ 124

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 603: ESTUDOS Afro-Brasileiros, trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro reunido no recife em 1934, pref.Roquette Pinto.Rio de Janeiro: Ariel Editora, 1935, v. 1. (BMA- E/I/h/71)

P. 79:

"Os negros na história de Alagoas"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"O literato alagoano, Pedro Nolasco Maciel, em seu romance "A filha do Barão" - obra hoje muito rara, nos descreve verdadeiros horrores em engenhos de Atalaia, cenas realizadas mais ou menos em 1830- 1840.

Fala-nos em novenas, - castigos que se repetiam nove noites. O negros escravos, amarrados de braços em pesados bancos eram açoitados a chicote de couro cru até o sangue correr.

Muito dos padecentes não resistiam e morriam antes de terminada a novena. Eram então enterrados na bagaceira."

P. 124:

"Três séculos de escravidão na Paraíba"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

"Em meio de uma crescente população de Senhores de Engenho e latifundiários havia um pequeno número de proprietários com sangue na guelra. E que não tratavam bem aos negros cativos. Como que se "vingavam nos pobres sujeitos ao açoite" das afrontas que sofriam de rivais na posse de gleba."

Nota da pesquisa:

Embora MA tenha anulado a segunda referência nesta nota de trabalho, provavelmente por haver diferença de subtema em relação às outras, verifica-se:

Nota MA a grafite:

P. 87

"Os negros na história de Alagoas"

Nota MA a grafite:

"Negro" à margem do trecho:

"Por sua vez, aquele tinha seus arrancos de represália contra estes e assim vivia sempre a inventivá-los: 'Negro quando não suja na entrada suja na saída'. 'Negro um tôco, deitado é um porco'. 'Negro só nasceu para espoleta dos brancos'.

'Negro velho quando morre

Tem catinga de clechéo

Permita Nossa Senhora

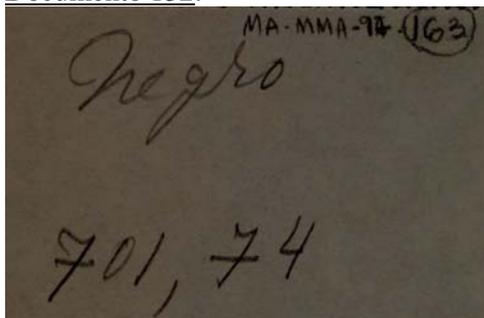
Que negro não vá ao céu"

Tem catinga de clechéo

Permita Nossa Senhora

Que negro não vá ao céu"

Documento 132:



Notação:

MA- MMA 97- 163

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.162.

Transcrição:

Negro/ 701, 74

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 701: GONÇALVES, Ruy. *História Literária Fluminense*. Rio de Janeiro: Barreto & Carbone, 1931. (BMA- C/I/h/61)

P. 74:

"A colaboração intelectual da mulher fluminense"

Nota MA a grafite:

1."Negro" e traço à margem do trecho:

"'Homem e Mulher', admirável livro de contos, Narcisa Amalia inspirada poetisa, Torquata de Araujo Souto, que alia à sua vasta ilustração uma imaginação ardente e inquieta, com 'Negros', poemeto que tem versos assim:

"Espero Deus que a esponja do passado

Apague as manchas negras do pecado

Que ensanguentou o solo brasileiro

Fazendo o povo negro escravizado!

Eu creio no que contam e com amor:

Do sangue rubro, desse sangue escravo

Que se infiltrou no solo do Brasil,

Germinou rubro fruto abençoado,

- O café- conhecido em todo o mundo,

A rubiacea do solo fecundo

Que mais parece o sangue libertado

Maior riqueza do Brasil amado!

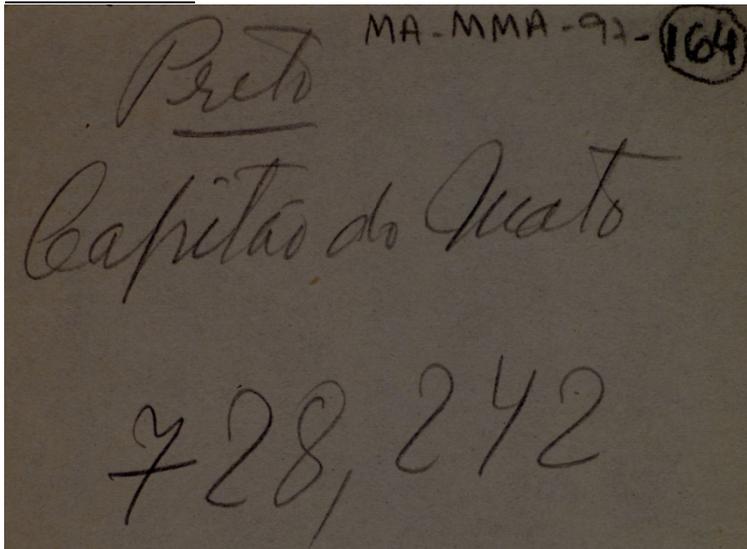
Passa-se o tempo e o coração se amolda...

Outros ventos sopraram, de bonança,

Festejando os céus calmos do Brasil,

Outras nuvens passaram...de esperança (...)"

Documento 133:



Notação:

MA- MMA- 97-164

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.164.

Transcrição:

Preto/ Capitão do Mato/ 728, 242

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 728: EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Gastão Penalva (trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (BMA- E/I/c/72)

P. 242:

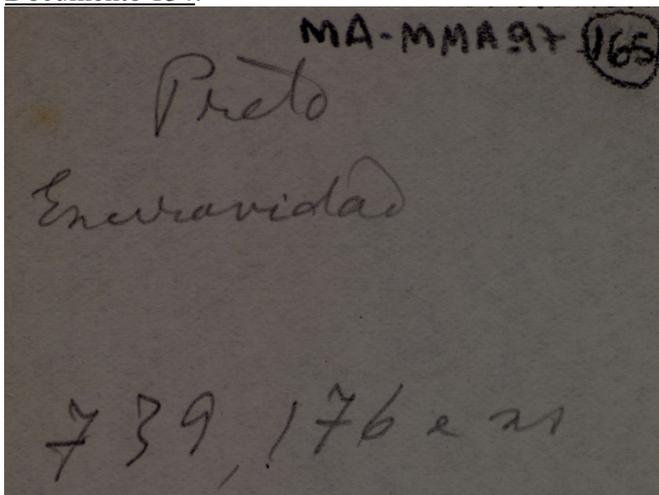
"Capítulo IV"

Nota MA a grafite:

"Preto/ Capita/ do/ Mato" à margem do trecho:

"Os recenvindos, de aparência rebarbativa, pertenciam a uma milícia instituída no Brasil no começo do século passado, e definitivamente organizada em 1822. Datam, porém, deste ano os regulamentos que determinam as funções e especificam a remuneração a que esses servidores tem direito. São os capitães do mato. O capitão do mato é sempre um homem de cor, mas livre. Deve ser forte, audacioso, resistente à fadiga, desprezando o perigo para estar sempre pronto a exercer as missões difíceis que lhe são confiadas. Essa milícia, criada em uma época em que se receava dos escravos pardos, que ela perseguia sem cessar por toda a parte. Cada captura era paga a razão de 156 francos, que os capitães do mato dividiam entre si."

Documento 134:



Notação:

MA- MMA 97- 165

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.165.

Transcrição:

Preto/ Escravidão/ 739, 176 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]; [Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 739: FREYRE, Gilberto. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1941. (BMA-E/3/e/17)

gio da voz e do gesto. Do velho José Lins, dono na Parahyba de muitas terras, e figura boa de senhor de engenho, escrevia-me recentemente o seu neto, o meu amigo José Lins do Rego: "O meu avô José Lins governou varios engenhos e ninguem jamais viu na sua cinta uma arma qualquer."

Em viagem é que o antigo senhor de engenho levava sempre á cinta, em bainha de prata, a faca de ponta de Pasmado.

*

Tambem para as senhoras o mandar não estava só no resolver depois de pensar: estava em fazer cumprir. E vida mais doce era talvez a de certas mucamas que a das donas de casa, que se sentiam obrigadas a dirigir os escravos e a cuidar delles.

Fletcher nos fala das "inquietações" e "ansiedades" das senhoras brasileiras em torno dos escravos, concluindo: "When I have looked upon the careless, listless life of the bandman, and have watched the weariness of flesh of the owner, I have sometimes thought the latter was most to be pitied." De modo que ao pastor protestante, cheio de preconceitos abolicionistas, a vida dos escravos no Brasil pareceu facil e sem cuidados em contraste com o ansioso viver das senhoras, cheias das responsabilidades de dirigir. Uma senhora disse ao dr. Fletcher que os seus escravos a consumiam: encurtavam-lhe os dias.

Outro clérigo, o inglês Rev. Hamlet Clark, que em 1867 viajou pela Espanha, pelo Brasil e pela Algeria, colleccionando insectos, que alfinetava em pedaços de papelão, e observando condições sociaes, que annotava em cadernos, escreveu no seu livro que os falados horrores da escravidão no Brasil de modo nenhum se aproximavam do "grinding, flinty-hearted despotism" das fa-

bricas inglesas. O medico francês dr. Rendu notara em 1830: "en général les Brésiliens ne surchargent pas leurs esclaves de travail"; e até lhes registrou a comida farta: uns goles de aguardente de manhã, pequeno almoço de farinha ou pirão com frutas e vegetaes; grande almoço, ao meio-dia, de peixe ou carne; jantar de feijão com arroz e vegetaes e outros goles de aguardente de canna.

E escrevendo em 1871, notaria o dr. Theodoro Pekkolt, na sua *Historia das plantas alimentares e de gozo do Brasil*, receber, em geral, o escravo, nos engenhos e plantações do Brasil, "uma alimentação boa e nutritiva": carne secca, toucinho, feijão, milho e mandioca. Alimentação superior, no seu juízo, á do trabalhador europeu.

O professor Carlton Hayes costuma lembrar aos seus estudantes, na Universidade de Columbia, que á voz dos oradores descrevendo horrores da escravidão na Jamaica e no Brasil commoviam-se até as lagrimas as audiências na Inglaterra — campeã da abolição dos pretos — emquanto na propria Inglaterra criancinhas inglesas de dez annos soffriam verdadeiros horrores nas fabricas — "ás vezes nas fabricas de alguns dos oradores abolicionistas". Foi, em grande parte, no palavrorio theatral desses oradores que se inspiraram, com sua ingenuidade de moços, Joaquim Nabuco e Ruy Barbosa para a oratoria, ás vezes igualmente theatral, de discursos segundo os quaes a escravidão teria sido, no Brasil, verdadeiro inferno para os pretos. Exaggeros que elles proprios corrigiram em escriptos mais serenos e mais sobrios.

A escravidão entre nós — sobretudo no Nordeste, onde os engenhos variavam menos de dono, passando muitos escravos de pae e filho — parece que só em casos excepcionaes se requintou em excessos de cruel-

dade da parte dos senhores; ou em excessos de trabalho. O abolicionista inglês Alfred Russel Wallace notou num engenho de açúcar que visitou no Norte em 1851 que os escravos eram "happy as children". E acrescenta, confirmando o que neste ensaio se disse sobre a assistência social provida pelos senhores: "They [the slaves] have no care and no wants, they are provided for in sickness and old age, their children are never separated from their wives, except under such circumstances as would render them liable to the same separation, were they free, by the laws of the country."

Confronto semelhante ao estabelecido pelo inglês Clark entre a condição do escravo brasileiro e a do operário inglês do meado do século decimo nono, pode-se estabelecer entre a condição do escravo brasileiro de há cem annos e de há cincoenta annos e a do operário brasileiro nas fabricas de hoje. O escravo gozava de uma assistência social de que de modo nenhum goza o operário moderno. "Quasi toda a população negra — escreve num trabalho não de todo deformado pelo sensacionalismo o medico Belisario Penna — vivia concentrada nas fazendas, alimentada e cuidada, sem o abuso do alcool, além de innumeradas familias de aggregados, cujos chefes eram, em regra, compadres e eleitores dos fazendeiros." Para o dr. Belisario Penna "a abolição do elemento servil, pela maneira precipitada como foi effectuada . . . concorreu de modo decisivo para a diffusão e para o incremento dos vicios e das endemias que infestam as zonas ruraes sertanejas do nosso vasto territorio." E' ainda opinião do autor do *Saneamento do Brasil* que os fazendeiros, "no seu proprio interesse de saúde e de fortuna, traziam as fazendas saneadas, com as terras enxutas, drenados os pantanos, desimpedidos os cursos dos rios, aproveitado e cultivado todo o terreno."

Região e tradição

179

Deve-se acrescentar ao reparo do dr. Penna que os escravos importados eram geralmente homens fortes. Já Vieira notara no século decimo setimo que o grosso dos pretos eram mandados vir de Angola, "que é gente por sua natureza dura e capaz de todo o trabalho". A resistencia ás viagens nos negreiros importava em prova de robustez: semelhantes viagens eram um processo de selecção. Das cargas humanas, embarcadas com os respectivos "conhecimentos", chegavam fracções. O horrível da viagem nos porões sujos eliminava dentre os pretos os mais fracos. Se alguns chegavam doentes, podres, quasi imprestaveis, estava no interesse da economia dos compradores não só curá-los com os ungentos como melhorar-lhes a condição, alimentando-os e tratando-os bem. Valorizando-os, em summa.

E' a condição do escravo, valorizado pelo senhor patriarchal, que contrasta com a dos trabalhadores de eito e operários de fabrica de hoje, mal alimentados, mal dormidos e, segundo o sr. Julio Bello, expostos nos engenhos e usinas á "commum indifferença e estupidez dos administradores sem misericordia" . . . "quando os infelizes por doentes, comidos de maleitas e anquilostomos, abandonam os eitos."

Não só o interesse economico de valorizar o escravo como a proximidade entre a senzala e a casa-grande obrigavam os senhores de outrora a zelar pela hygiene entre os pretos. Em 1816 Tollenare em varios engenhos que conheceu, no Nordeste, observou as habitações dos negros: algumas eram superiores a casas de trabalhadores europeus. Das senzalas do engenho Salgado annotou (apesar das suas antipathias de francês liberal): "o ladrilho está dous pés acima do nivel do solo, o que as torna mais salubres do que as habitações de muitos camponios francezes."

A propria alegria entre a gente que trabalha, era mais expansiva sob a escravidão: o escravo no Brasil confirmou a regra de que só o escravo dança livre e gostosamente, por ser uma criatura sem preocupações. O proprio Sylvio Romero, tendo escripto do negro no Brasil que "era escravizado com rigor e não se lhe dava tempo sinão para trabalhar mais e mais, e esquecer suas tradições de infancia", foi o primeiro a contradizer-se, observando: "Aos pobres escravizados não devemos somente o dinheiro que gastamos, devemos tambem o pouco de alegria que ainda existe neste paiz."

Na verdade, isso de que os negros foram no Brasil "a gente martyr com a qual se escreveu a epopéa do captivo" — palavrório recente do sr. Gustavo Barroso, o admiravel autor de *Terra de Sol* — é exaggero. O escriptor cearense não se revela ahi o realista do seu primeiro livro: uma das melhores analyses regionaes que já se tentaram entre nós.

Eram os escravos os que mais dançavam e cantavam: trabalhavam cantando; comiam bem; tinham quem cuidasse delles na doença e na velhice e, os de estimação, quem mandasse "dizer missa por suas almas" — informa o abolicionista Perdígão Malheiro.

Dava-se aos negros tempo para rezar; para contar historias; para rememorar crendices; para brincar. Sylvio Romero escreveu da negra que o criou num engenho de Sergipe: "nunca vi rezar tanto."

Aos negrinhos era permittido brincar durante grande parte do tempo. Quando, nos engenhos, dava-se-lhes alguma coisa a fazer, era trabalho doce, quasi um brinca qual o proprio senhor brincava ás vezes.

escolher feijão para semear. O proprio Tollenare re- quedo: preparar fios de algodão para as lampadas ou gistra a liberdade em que vivia a miuçalha preta, com

Região e tradição

181

Os direitos da infancia eram assim mais respeitad- os pelos senhores de engenho do Nordeste que pelos donos de fabrica na Eúropa da mesma epoca. E do que no Brasil de hoje.

Só aos negros já rapazolas punham os senhores nos trabalhos duros. Aos dez e onze annos é que as negro- tas recebiam tarefas na fiação, no croché, nos bilros, na lavagem de roupa, no engommado, ou noutro qualquer serviço caseiro. Não há evidencias de que, em geral, o adolescente escravo fosse sobrecarregado de trabalho.

E quem animava os são-joões de engenho do Recife senão a boa da "gente martyr", escancarando-se em risos enormes, ostentando laços de fita na carapinha? Nas cidades, o são-joão consistia em fogueiras nos sitios ou nas praças. Fogueiras em que se assavam milhos; e em torno dellas muleques gingavam, soltando buscapés e bombas, disparando ronqueiras e bacamar- tes; os negros velhos, vivendo o Senhor São João, atra- vessavam as brasas. Nas casas era larga a comezaina de bolos e canjica; tiravam-se sortes; dançava-se; os gamenhos, muito apertados nas suas calças, faziam espirito; e os meninos cantavam:

*Acordae, acordae,
Acordae, João;
Elle está dormindo,
Não acorda não.*

Alguns gamenhos vinham soltar foguetes deante da janela ou varanda da namorada: e até algumas se- nhoras e moças se arriscavam a disparar fogos. Mui- tos balões de papel de côr subiam, desapparecendo ou queimando-se logo.

Nos engenhos do Nordeste, os são-joões, as noites de festa, os annos-bons eram as grandes festas patriar- chaes. A praça ou o terreiro do engenho se avermelha-

va á luz das fogueiras de angico. Porque era raro se accenderem luzes para as quadrilhas, para os recitativos ao piano e para as sortes nos salões da casa-grande, sem que o terreiro se avermelhasse em ar de festa; sem que corresse livre a aguardente de canna; e se distribuisse tabaco entre os pretos velhos. Então o samba e as cantorias rompiam:

*Bem-te-vi derrubou
Gamelleira no chão!*

E as mulatas, com muito jogo de quadris, o cabelo cheirando a oleo de coco, os peitos pulando dentro dos cabeções picados de renda, tetéas tilintando, as sararás ainda mais anchas que as outras dos vermelhos e dos amarelos que lhes sarapintavam as chitas, entravam a sapatear com as chinelinhas arrebitadas na ponta dos pés:

*Derrubou, derrubou
Gamelleira no chão!*

Das janelas da casa-grande caíam olhares gulosos de homens sobre esse femeação de côr em delirio. Sabe-se como foram íntimas, durante a escravidão, as relações entre o rapazio das casas-grandes e o femeação das senzalas; e ninguém negará que a escravidão salpicou de manchas muito escuras a moral sexual brasileira — principalmente a do Nordeste da canna de açúcar. A moral sexual como a noção de dever e de trabalho. Ramalho Ortigão notou entre nós a força desta phrase: “obrigação é de escravo!”

Mas é preciso não exaggerar o ponto da moral sexual. Tem-se escripto demais da impureza sexual entre a familia escravocata no Brasil. Os factos que o professor Paul Bureau narra em livro recente — *L'Indiscipline des Mœurs* — não os foi buscar na sociedade bra-

Região e tradição

183

sileira do tempo da escravidão, da qual tanto se horrozaram seus compatriotas Expilly e Dabadie: colheu-os vivos e em flagrante na França de hoje. Na França, que tem esculpido no frontão dos seus edificios: “Liberté, Egalité, Fraternité”.

Era natural que o escravo negro colorisse como coloriu a nossa moral social — toda a demopsychologia brasileira: é um processo que continua, independente do possível clarificamento ethnico que se venha operando. “Mestiços Moraes”, todos o somos no Brasil, como já accentuou Sylvio Romero.

O que é natural. “As pretas — escrevem Sylvio e João Ribeiro — eram as amas de leite e de criação dos filhos dos colonisadores europeus desde 1550 ou mesmo antes.” Não só amas de leite ou de criação: cozinheiras da familia, mucamas das moças, contadoras de historias e crendices aos meninos, amantes dos senhores, iniciadoras dos adolescentes no amor physico. De modo que a formação e a vida da familia brasileira soffreram da maneira mais íntima — e ainda soffrem — a penetração negra.

Do escravo diz José Verissimo que “embalou a rêde de sinhá, foi o pagem de sinhô-moço, o escudeiro de sinhô.” E ainda: “Ama, amamentou todas as gerações brasileiras; mucama, a todos acalentou; homem, para todos trabalhou; mulher, a todos se entregou.” Convem não esquecer a cozinheira; a negra do fogão; a pretalhona do forno. Influindo a nutrição como influe sobre o typo social — sobre a propria moral social — soffremos todos, por esse lado, a influencia africana. Porque as chamadas cozinhas “bahiana”, “pernambucana”, “maranhense”, com os seus mocotós, manguzás, sarapateis, canjicas, tapiocas, pamonhas e comidas de coco, accusam forte influencia africana.

Nem passe sem registro o facto de se desenvolver no menino do Nordeste o sentido melódico, o senso de rythmo, sob a principal influencia das cantigas de sabor africano com que outrora a mucama e, ainda hoje, a avó ou a própria mãe, o faz dormir. São cantigas que se assenhoreiam para sempre de boa parte do systema nervoso.

*

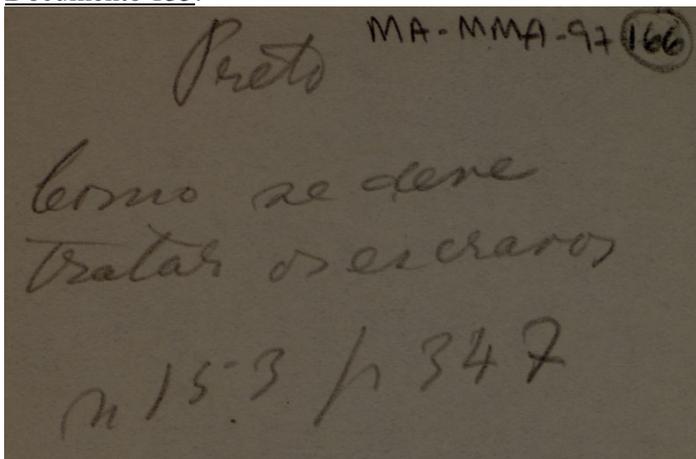
A' influencia da mulata sobre a moral sexual do brasileiro, principalmente o brasileiro da Bahia e o do Nordeste — já se alludiu neste ensaio. José Verissimo considerou-a “um dissolvente da nossa virilidade physica e moral”. Da virilidade moral o tem sido, decerto; e continua a sê-lo, embora menos que sob a escravidão. Alguns proclamam a mulata uma superexcitada sexual; e dos seus dengues e quindins falam numerosas quadras e ditos populares da região. Ao contacto de sua voluptuosidade é que se corrompia, outrora, não só a adolescencia dos sinhôzinhos, como, muitas vezes, a autoridade dos proprios senhores, homens madurões e até velhos. Já em chronica do seculo decimo oitavo Antonil fala da corrupção espalhada pela mulata nos engenhos. E é característica a quadra popular:

*Mulata, minha mulata,
Desconjunta este quadril,
Que a mulata quando dança
Tira fogo sem fuzil.*

E ainda:

*Um laço de fita verde
Com três dedos de largura
Nas ancas de uma mulata
Mata qualquer criatura.*

Documento 135:



Notação:

MA- MMA 97- 166

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.166.

Transcrição:

Preto/ Como se deve/ tratar os escravos/ n 153 p 347

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

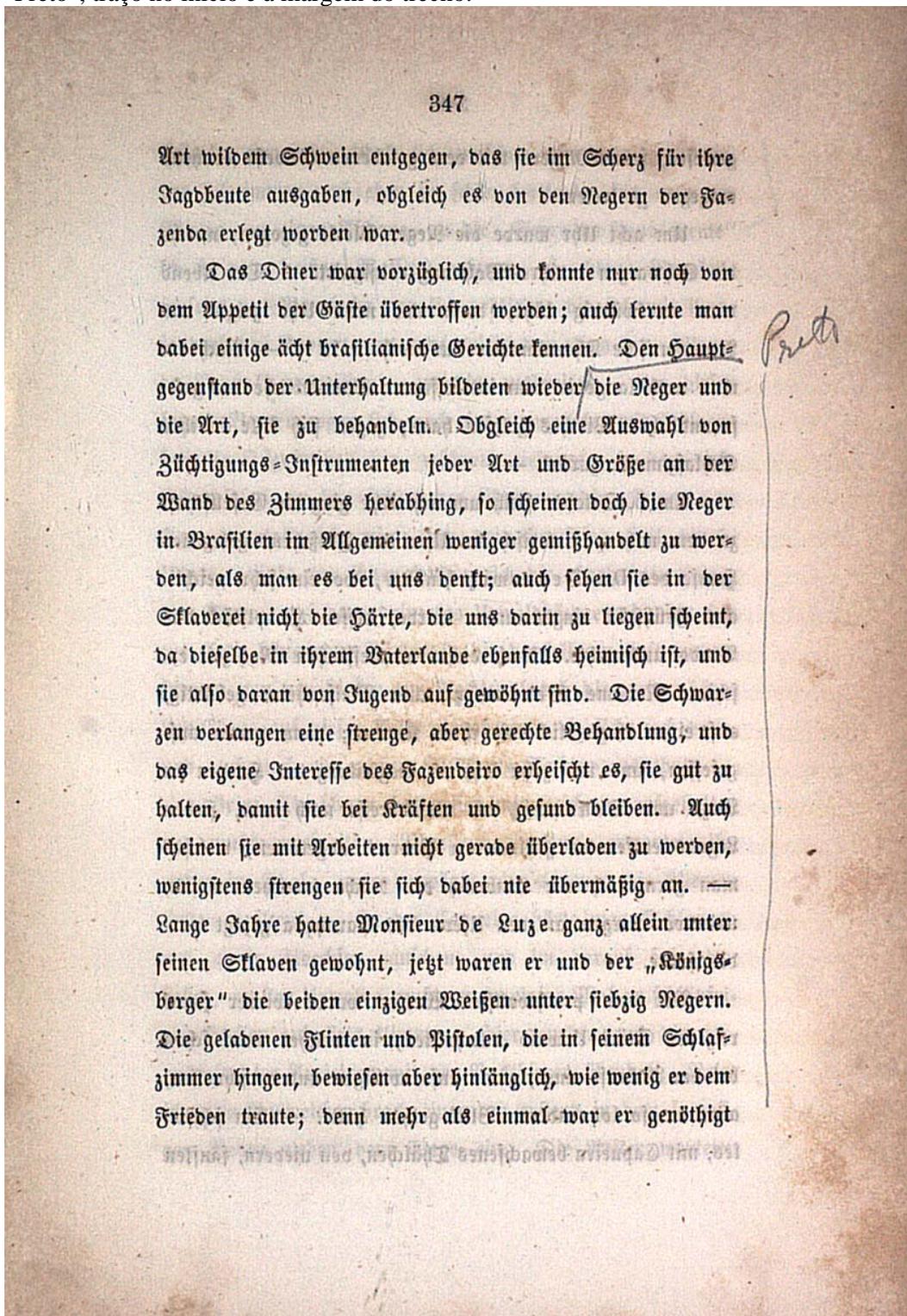
BPG: nº 153: ADALBERT, Príncipe da Prússia. *Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Nach dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben von H. Kletke.* Berlin: Hasselberg'sche Verlagshandlung, 1857. (BMA: F/II/a/47)

P. 347:

"Amazonas und Xingú"

Nota MA a grafite:

"Preto"; traço no início e à margem do trecho:



Documento 136:

Preto MA-MMA-97-167
Canoeiros em Campos (Est/ do Rio) n 153 p 378
Às nove da noite partiram as duas canoas, dois troncos imensos escavados, em cuja ~~interior~~ polpa estavam estendidas, pelas de aní- mais sobre varas, formando uma cobertura. Um preto dirigia com o remo e dois outros ~~na~~ remavam na proa, ou ~~empurravam~~ empurravam ~~com as varas~~ as canoas prá frente ~~que~~ se elas passavam num raso. Uma canoa dessas afunda nagua 6 polegadas e custa + ou - 50 milréis.

Notação:

MA- MMA 97- 167

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, supressão a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.167.

Transcrição:

Preto/ Canoeiro em Campos (Est/ do Rio) n 153 p 378/ Às nove da noite partiram/ as duas canoas, dois troncos/ imensos escavados, em/ cuja ~~interior~~ polpa estavam/ estendidos pelos de ani-/ mais sobre varas, forman-/ do uma cobertura. Um/ preto dirigia com/ o remo e dois outros/ ~~na~~ remavam na proa,/ ou ~~empurravam~~ empurra-/ vam ~~com as varas~~ as canoas prá frente/~~que~~ se elas passavam/ num raso. Uma canoa dessas afunda nagua/ 6 polegadas e custa + ou - 50 milréis.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

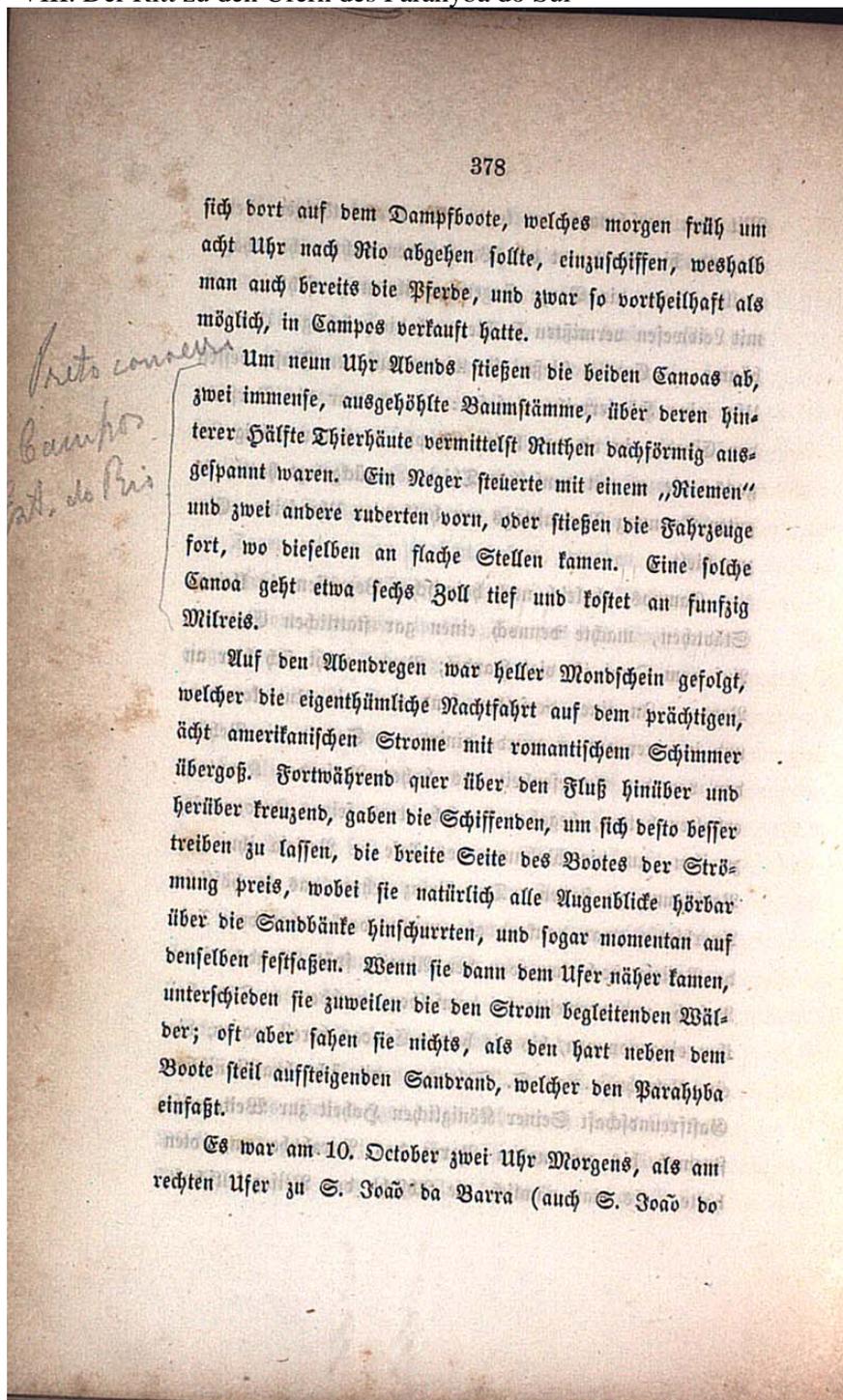
BPG: n° 153: ADALBERT, Príncipe da Prússia. *Reise Seiner*: Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Nach dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben von H. Kletke. Berlin: Hasselberg'sche Verlagshandlung, 1857. (BMA: F/II/a/47)

Nota MA :

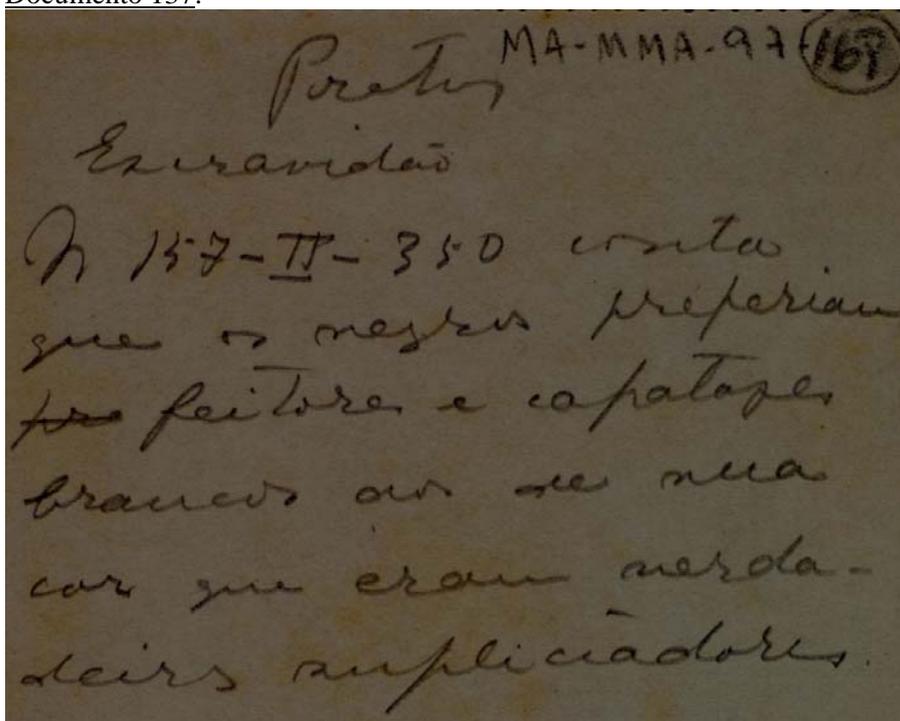
“ Preto [conversa]/ Campos / Est. Do Rio ”

P. 378:

“VIII. Der Ritt zu den Ufern des Parahyba do Sul”



Documento 137:



The image shows a fragment of a handwritten document on aged, yellowish paper. At the top right, there is a circular stamp containing the number '167'. To the left of the stamp, the text 'MA-MMA-97' is written in a simple, blocky font. Below this, the word 'Pretos' is written in a large, cursive script. Underneath 'Pretos', the word 'Escravidão' is also written in a similar cursive hand. The main body of the text is written in a dense cursive script and reads: 'N 157-II-350 conta que os negros preferiam feitores e capatazes brancos aos de sua cor que eram verdadeiros supliciadores.'

Notação:

MA- MMA 97- 168

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.168.

Transcrição:

Pretos/ Escravidão/ n 157-II-350 conta/ que os negros preferiam/ feitores e capatazes/ brancos aos de sua/ cor que eram verda-/deiros supliciadores.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Escravidão

Verificação:

BPG: nº 157: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, v. 142,t. 88, 1923 (BMA-F/II/c/17)

Em tempos antigos, a única iluminação consistia nos candieiros accesos pela piedade dos fieis em frente aos nichos de sanctos collocados nas esquinas das ruas. Ainda no tempo do vice-rei Luiz de Vasconcellos, enumeravam-se 73 desses lampadarios, distribuidos pelos 4 freguezias da cidade: 22 na Sé, 27 na Candelaria, 12 na de S. José e 12 na de Sancta Rita.

Para se guiarem atravez das escuras e lamacentas ruas da cidade, serviam-se os particulares de archotes ou pequenos lampeões levados por escravos.

Entre os muitos serviços prestados pelo conde de Resende, deveu-lhe o Rio de Janeiro a introdução de lampeões de azeite de peixe, subsidiada pelos cofres do Governo. Diminuto a principio, o número de lampeões foi augmentado por Paulo Fernandes Vianna, intendente geral da Policia, a cargo do qual esteve esse serviço até 1828.

Pela lei de 1º de Outubro de 1828 passou esse encargo á Camara Municipal. Mais tarde (21 de Outubro de 1843) passou elle para o Ministerio da Justiça. Hoje, como é sabido, o serviço da iluminação pública está sob a dependencia do Ministerio da Industria e Viação.

Deficiente e imperfeita era a iluminação da cidade por meio dos lampeões de azeite, collocados a grande distancia uns dos outros; demais a luz avermelhada e amortecida dos candieiros, diminuida ainda pelo reflexo das guarnições de ferro do complicado apparatus de suspensão, não podia dar bons resultados.

Os lampeões eram accesos e apagados muito cedo por escravos besuntados de azeite e que dormiam ao relento nas calçadas. Quando a folhinha annunciava luar, ainda que a noite se tornasse escura, não havia iluminação.

Uma estampa da epocha representa a esquina das ruas da Quitanda e do Sabão, onde existe hoje uma pharmacia homeopathica, casa em que foi assassinado Duclrec, e dá perfeita idéa dos antigos e monstruosos lampeões.

Vê-se agachado um desses pobres pariaes, procedendo á limpeza e servindo-se quasi sempre de pannos tão ensebados como a sua pobre e rôta vestia. Lá estão a corda classica, o cadeado e demais apetrechos.

Em pé, fiscalziando o serviço, vemos o infallivel capataz,

quasi sempre-tambem escravo, de chicote debaixo do braço e prompto a despertar o somnolento parceiro.

Couza curiosa: esses capatazes eram, na maioria dos casos, verdadeiros verdugos. Em muitas fazendas, os negros preferiam feitores brancos, a serem mandados pelos de sua raça. A suprema aspiração do negro liberto era tambem possuir mais tarde escravos, dando preferencia sempre á raça cruzada. Negras-minas houve que timbravam em ter escravos mulatos e mulatos quasi brancos.

Odio de raça? Ou antes, miserias da escravidão!

(Do *Kosmos*, — Anno I, n. 4 — Abril de 1904.)



3 DE MAIO DE 1823

**Cadeia Velha — Programma — Missa do Espirito Sancto — Deputação —
O dia 3 — O prestito — Enthusiasmo — O « Diario do Governo » —
Theatro de S. Pedro — Maria Graham — Explicações — Alvará —
Os carros — Os brilhantes da viscondessa — D. Pedro — Martim
Francisco — Dissolução**

Nesta data, ha oitenta e um annos, inauguraram-se os trabalhos da primeira Assembléa Legislativa do Brasil.

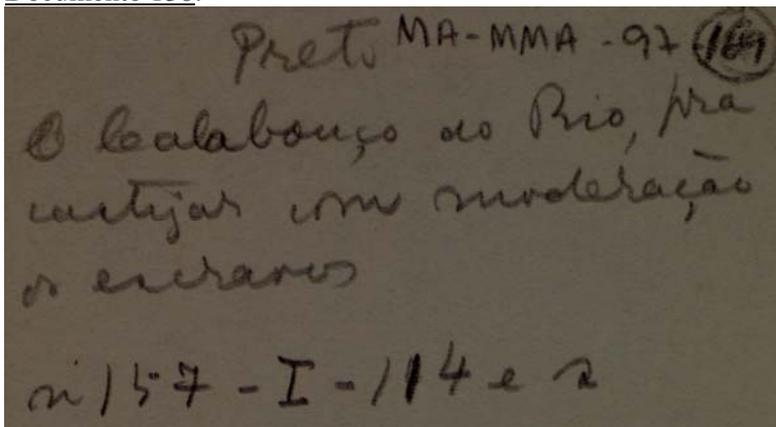
Escolhido para séde das sessões o velho casarão da Cadeia, graças a Martim Francisco e ao chefe Biancardi, o antigo edificio soffrera grandes modificações internas e externas, no intuito de torna-lo apto para tão importante mysterio: foi demolido o passadiço que o ligava ao palacio; rasgaram-se janellas, construíram-se nova escadaria, tribunas, galerias e o grande salão ainda existente. Em poucos mezes estava tudo concluido; de sorte que, celebradas as sessões preparatorias, se effectuou a sessão imperial como estava marcada, em 3 de Maio de 1823.

No dia 28 de Abril publicava o *Diario do Governo* meticoloso programma da solennidade, que devia ser feita com grande pompa e apparato. No dia 1° de Maio, na Capella Imperial, celebrou-se com esplendor a missa do Espirito Sancto,

Nota da pesquisa:

MA indica p. 350, para contextualizar a leitura, acompanha a p. 349.

Documento 138:



Notação:

MA- MMA- 97-169

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.169.

Transcrição:

Preto/ O calabouço do Rio, pra/ castigar com moderação/ os escravos/ n 157 - I - 114 e s

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 157: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro 1. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921, tomo 86, v. 140, 1919. (BMA- F/II/c/16)

P. 114:

"Carneiro no Passeio Público"

Nota MA a grafite:

Traço à margem do trecho:" Em ofício de 14 de abril de 1810, dirigido ao conde de Aguiar pelo intendente geral da polícia Paulo Fernandes Vianna, dizia este poderoso e enérgico brasileiro: que passando por aquela repartição o cuidado da conservação do passeio público, feita outrora pelo expediente da casa dos vice-reis, e não havendo para isso verba, a não ser o que pagavam os senhores pelos castigos afligidos aos escravos e por algumas economias da venda do capim, que voluntariamente nascia ou se plantara em alguns quarteis de terra existentes entre as ruas, e havendo demais acrescido outros encargos, propunha o aumento de 40 réis pela carceragem de cada um dos presos recolhidos ao calabouço. Com o intuito de evitar castigos cruéis por parte dos senhores, tinha o governo estabelecido o calabouço, onde os delinquentes fossem, com moderação, castigados.

P. 115:

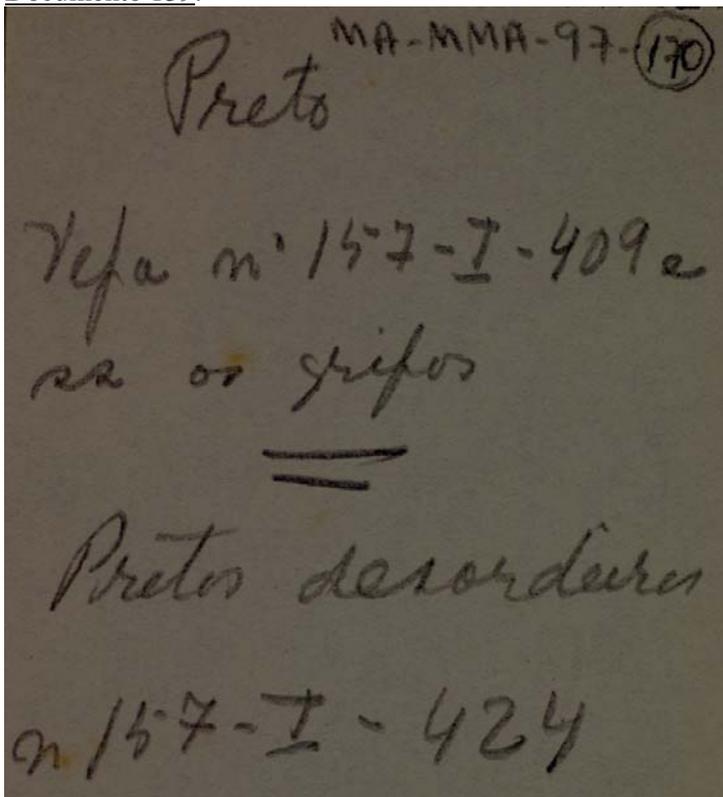
"Carneiro no Passeio Público"

Nota MA a grafite:

Traço que liga o excerto destacado da p. 114 ao trecho:

"Por cem açoites para correção de seus escravos pagavam os senhores 160 réis ou meia pataca!"

Documento 139:



Notação:

MA- MMA- 97-170

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.170.

Transcrição:

Preto/ Veja nº 157 - I -409 e/ ss os grifos/ =/ Pretos desordeiros/ n 157 - I -424

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]; [Mulato]

Verificação:

BPG: nº 157: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro 1. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, tomo 86, 1919. (BMA- F/II/ c/16)

P. 409:

"Cemitério dos escravos"

Nota MA a grafite:

1. traço à margem do trecho:

"Querendo justificar a transferência dos depósitos e armazéns de escravos para o sítio Vallongo, assim se exprimia o vice-rei marquês de Lavradio ao passar a governação ao seu sucessor: 'Havia mais nesta cidade o terrível costume de que todos os negros, que chegavam da Costa d'África a este porto, logo que desembarcavam entravam na cidade, não só cheios de infinitas moléstias, mas nus; como aquela qualidade de gente não tem mais ensino, e são o

mesmo que qualquer outro bruto selvagem, no meio das ruas em que estavam sentados em táboas, que ali se extendiam, ali mesmo faziam tudo quanto a natureza lhes lembrava, não só causando maior fétido nas mesmas ruas e suas vizinhanças, mas até sendo espetáculo mais horroroso que se pode apresentar aos olhos. As pessoas honestas não se atreviam a chegar às janelas; as que eram inocentes ali aprendiam o que ignoravam e não deviam saber."

2. traço à margem do trecho:

"Reduzidos à condição de coisa como irracionais tiveram a denominação de peças, fôlegos vivos, que se mandam marcar com ferro quente ou por mero castigo, ou ainda por sinal, como gado. eram enfim tratados durante a vida como animais, e como tais por ocasião da morte!"

3. traço à margem do trecho:

"Chegou a tal ponto a barbárie, ou antes a falta de toda a caridade cristã, no enterro dos escravos que a metrópole teve de intervir, chamando em seu auxílio a Irmandade da Misericórdia; o governador Antonio Paes de Sande foi encarregado de tratar de tão importante assunto, e ele que testestemunhava os efeitos de uma terrível epidemia de varíola, deu-se pressa em fazer cumprir a ordem régia de 23 de janeiro de 1694."

P. 410 :

"Cemitério dos escravos"

Nota MA a grafite:

1. traço à margem do trecho:

"Ficou deliberado o seguinte: a Misericórdia forneceria um esquife com seu pano, mandaria buscar o cadáver do escravo, encomendar e acompanhar por um de seus capelões, pagando o senhor de cada um dos escravos 950 réis, dos quais seriam 320 réis para duas missas d'alma e 640 para a esmola do clérigo e para os negros que carregassem o esquife, ficando a Misericórdia com a obrigação de enterrar aqueles escravos, cujos os senhores fossem tão pobres que não tivessem como pagar aquela quantia."

2. traço à margem do trecho:

"Levado o ajuste ao conhecimento do Conselho Ultramarino (é digna de ler-se competente consulta no códice pertencente ao Instituto Histórico), foi o mesmo Conselho de parecer que a quantia de 960 réis era exorbitante, mesmo porque a Misericórdia da Bahia havia feito igual acordo mediante 400 réis sem a obrigação das duas missas; que estas deviam ser deixadas à vontade dos senhores, porquanto nem os pais eram obrigados a mandá-las dizer por alma dos filhos, e nem os senhores podiam ou deviam ser constrangidos pelos capítulos de visitação eclesiástica."

P. 424:

"O Aljube"

Nota MA a grafite:

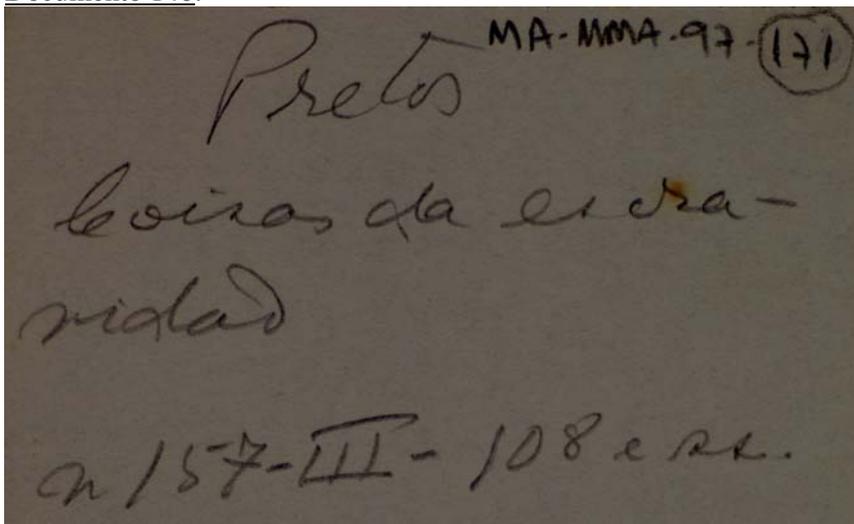
traço à margem do trecho:

"Havendo em toda a parte muita casta de vadios, que cometem insultos e extravagâncias inauditas, não é de admirar que no Rio de Janeiro, onde o maior número de habitantes se compõe de mulatos e negros, se pratiquem todos os dias grandes desordens, que necessitam ser punidas com demonstrações severas, que sirvam de exemplo e de estímulo para se coibirem, ainda que de nenhum modo se deve esperar que o sejam na sua totalidade."

Nota da pesquisa:

MA utiliza-se de um mesmo suporte para duas notas de trabalho.

Documento 140:



Notação:

MA- MMA- 97-171

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.171.

Transcrição:

Pretos/ Coisas da escra-/vidão/ n 157 - III - 108 e ss.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 157: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro 3. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, tomo 89, v. 142, 1921. (BMA- F/II/c/17)

Mas o que não foi ainda historiado devidamente é o in-erivel martyrologio dos homens negros, arrancados ás suas tribus pela ganancia feroz dos aventureiros brancos, desde a caçada até aos ergastulos ruraes. As gerações novas desconhecem quasi essa via de amarguras; não sabem as minucias atrozes desse passado de ignominia.

A escravidão nos ultimos annos, mórmente depois da campanha abolicionista, ainda que sempre barbara, estava muito longe dos seus antigos horrores. É preciso rebuscar os documentos velhos e os livros e estampas, em que viajantes estrangeiros deixaram indelevelmente gravados episodios da escravidão, para se saber o que isso foi. Mauricio Rugendas, entre outros, na sua *Voyage pittoresque au Brésil*, apresenta-nos ao vivo factos e costumes que, com as ideias de hoje, mal se comprehende que tivessem existido. São delle estampas, desenhadas *d'après nature*, que o *Kosmos* reproduz.

Aprisionados, caçados como irracionaes, ou pelos traficantes de escravos ou por outras tribus que os trocavam com estes por cachaça, polvora, pannos e bugigangas, os miseros Africanos eram, depois de penosa caminhada, acorrentados, até ao littoral, atirados numa confusão revoltante ao porão dos navios negreiros, que os vinham vender ao Brasil. A fome, a sêde, o calor, o ar viciado dizimavam a carga humana, e a muitos desses infelizes dava a morte a alforria, e o mar a sepultura.

Os mais fortes resistiam, mas apresentavam ao desembarcar o aspecto de esqueletos ambulantes. Na estampa de Rugendas, mais eloquente que qualquer descripção, ha uma nota typica: a ração de cachaça que um escravizado recebe e com a qual mais o embrutece o negreiro.

No Rio, os que eram atacados de variola durante a travessia eram internados em Villegagnon, conhecida por isso, em outro tempo, por *degredo da variola*. Os outros davam entrada na Alfandega e, chegados á terra finalmente, eram levados para o pavimento terreo de casas velhas que abundavam na cidade, e onde os alojavam os seus consignatarios. O que era isso diz-nos, não a simples tradição ou o testemunho suspeito de viajantes, mas a auctoridade do marquez do La-

P. 111:

"Scenas Extintas"

Nota MA a grafite:

1. traço à margem do trecho:

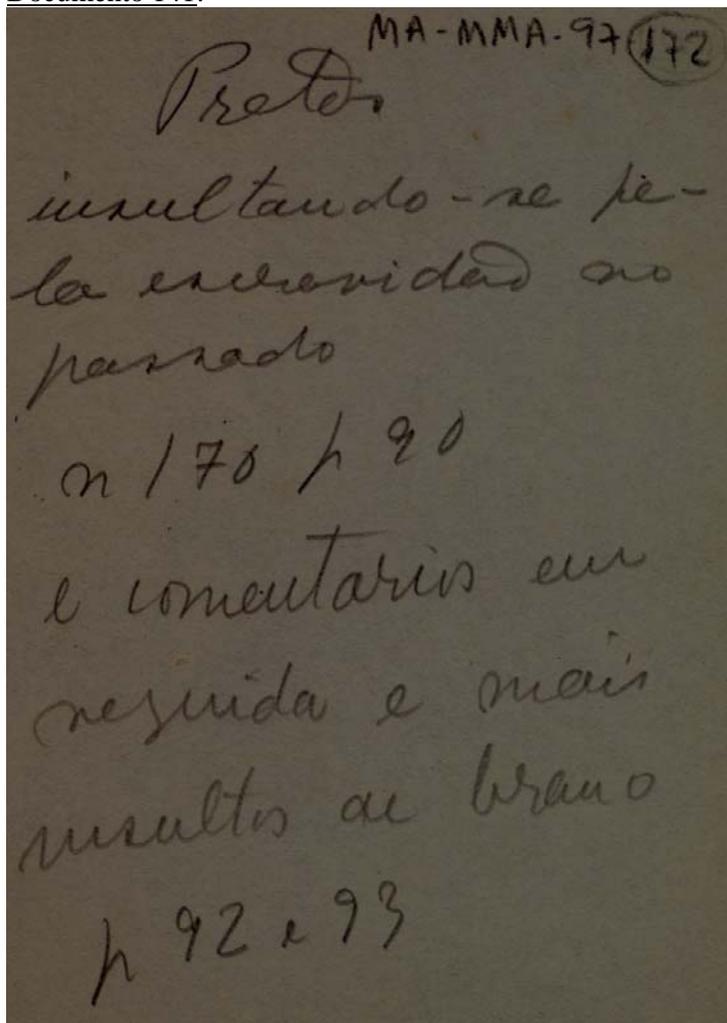
"Em meio de sua triste condição, escravos houve, que se impuseram à confiança de seus senhores, os quais os consideravam e tratavam com verdadeiro carinho. Vão rareando os tipos desses velhos cativos, de quem se dizia então, que "eram negros só na cor". Dentre eles saíram operários e artistas de valor: marceneiros, músicos, imaginários e até pintores.

2. grifo em "eram negros só na cor".

Nota da pesquisa:

MA indica p. 108 e seguintes; no livro há Notas MA em trechos das p. 111 e 112, esta última está indicada em outra nota de trabalho.

Documento 141:



Notação:

MA- MMA 97- 172

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 172.

Transcrição:

Pretos/ insultando-se pe-/la escravidão no/ passado/ n 178 p 90/ e comentarios em/ seguida e mais/ insultos de branco/ p 92 e 93

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio, comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 178: DANZEL, Th. W. *Handbuch der präkolumbischen Kulturen in Lateinamerika*. Hamburg and Berlin: Hanseatische Verlagsanstalt, 1927. (IEB)

wo man ganze Reihen von in reiche Mäntel gehüllten Mumien entdeckte, die alten Begräbnisstätten der *Zipa* und *Zaque*. Mit den Herrschern wurden ihre Waffen, Kleider, Rangabzeichen und Lieblingssklavinnen beigesetzt.

Die *Gesetze* der *Chibcha* waren streng. Totschlag, Raub, Inzest wurden mit dem Tode bestraft. — Die Feiglinge wurden gezwungen, sich wie Weiber zu kleiden und mit diesen zu arbeiten. Eine Frau, die im Verdacht der Untreue stand, wurde verurteilt, Pimentpfeffer zu essen; ertrug sie die Pein einige Stunden lang, ohne die Beschuldigung zuzugeben, so wurde sie für unschuldig erklärt. Es ist das einer der wenigen Fälle der Anwendung des Gottesurteiles in Amerika. —

Die *Chibcha* bauten Mais, Kartoffeln, Bataten, Quinoa und Cassave. Sie bearbeiteten den Acker mit hölzernen Werkzeugen und gruben regelmäßige Kanäle für die Bewässerung der Felder. Lasttiere waren unbekannt. Die aus Holz und Lehm gebauten, mit kegelförmigen Strohdächern bedeckten Häuser standen inmitten kreisrunder Einfriedigungen (*cercadas*), die oft durch Beobachtungsposten verstärkt waren. Die Wohnungen der Großen waren schloßartig, mit vielen Umfassungsmauern, großen Höfen und reichverziert mit Schnitzereien und Malereien. Auf den Häusern ertönten goldene Klangplatten im Winde. — Man wußte auch — ähnlich wie in Peru — Hängebrücken auszuspannen, um das Ueberschreiten der Flüsse zu ermöglichen. Sehr geschickt waren die *Chibcha* in der Bearbeitung von Kupfer, Zinn, Blei, Gold, Silber. Die Kunst des Webens und Färbens war ihnen, wie bereits erwähnt, bekannt. Nach der Sage hatte ja der Prophet *Bochica* sie einst darin unterwiesen. Zur Erinnerung daran war an der Stelle, wo er verschwunden war, ein Webstuhl in den Fels gegraben.

Mit allerlei Industrieerzeugnissen wurde ein lebhafter Handel getrieben. Namentlich wurde das Salz, das in Lagern von großer Mächtigkeit nördlich von Bogotá vorkommt, weithin verbracht. Man tauschte dafür Getreide ein, auch Gold und Edelsteine. Als Geld dienten Goldscheibchen. Man kannte auch die Wage.

Entsprechend diesen Verhältnissen hatte man ein entwickeltes Zahlensystem. Dasselbe hatte, wie in Mexiko und bei den Maya, zur Grundlage die Zahl 20, d. h. die Zahl der Finger und Zehen eines Menschen. Man hatte besondere Namen für die zehn Finger (d. h. für die Zahlen 1—10) und zählte dann weiter, indem man — wie Seler bemerkt — dem betreffenden Fingernamen das Wort *quihicha* = „Fuß“ voraussetzte. Mit der Zahl 20 war dann ein Ganzes, oder wie man es nannte „ein Haus“ (*que-ta*) erreicht; 40 waren dann „zwei Häuser“ usw. Diese Zählung schloß sich vermutlich eng an den Kalender an.

Eine soziale Besonderheit der *Chibcha* bestand darin, daß die Frauen ungewöhnliche Vorrechte hatten. *Piedrahita* erzählt die eigentümliche Geschichte, daß sie sogar ihren Gatten schlagen durften, doch war die Anzahl der Hiebe auf sechs festgesetzt. Die zuerst geheiratete Frau war die Hauptfrau und hatte besonderen Einfluß. Wenn ein Kind geboren war, wurde ein Orakel gemacht, und ein mit der Muttermilch ge-

die *Diaguita* aus ursprünglich verschiedenen Völkerschaften hervorgegangen seien, die durch peruanischen Einfluß verändert wurden. Anwohner der Atacamawüste waren die *Lican-Antai*, im Westen von ihnen die *Lipes* und *Chichas*. Weiter sind zu nennen die *Omaguacas* und die sehr primitiven *Changos*. Im Süden schließen sich endlich die *Araukaner* an.

Innerhalb des Gesamtreiches der Inca sind verschiedene besonders ausgeprägte Kulturgruppen unterscheidbar, die den einzelnen in früheren Zeiten unabhängig nebeneinander bestehenden Völkerschaften entsprechen.

Es sind 1. die *Colla-Aymara* mit dem Zentrum *Tiahuanaco*, von dem Uhle glaubt, daß die dortigen Monumente etwa 1500 Jahre älter seien als die von *Cuzco*. Die Teile von Bolivien und Peru, welche die *Aymara* einst bewohnten, sind bedeckt mit eigentümlichen Grabstätten (*chullpas*), die runde turmartige Gestalt haben. Sie sind besonders durch die Untersuchungen von *Squier*, *Tschudi*, *Middendorf*, *Wiener* und *E. Nordenskiöld* bekannt geworden. Die Einflüsse dieser *vorinkaischen* Kultur scheinen sehr weit zu reichen. An der nördlichen Küste wohnten die *Chimu* oder *Mochica*, die bis zur Eroberung durch die *Inka* ein großes selbständiges Reich besessen haben. Ihre Vorfahren sollen von dem sagenhaften *Naymlep* in das Land geführt worden sein. Hauptort war *ChanChan* („El Gran Chimu“ der Spanier).

Nach den Mitteilungen des Historikers *Garcilaso de la Vega*, eines Abkömmlinges der *Inka*, ist das Reich der *Inka* ungefähr um 1100 n. Chr. gegründet worden. Uns sind die Namen von 12 Herrschern überliefert worden.

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| 1. <i>Manco-Capac</i> , | 7. <i>Yahuar-Huaccac</i> , |
| 2. <i>Sinchi-Rocca</i> , | 8. <i>Huiracocha</i> , |
| 3. <i>Lloque-Yupanqui</i> , | 9. <i>Pachacutec</i> , |
| 4. <i>Mayta-Capac</i> , | 10. <i>Tupac-Yupanqui</i> , |
| 5. <i>Capac-Yupanqui</i> , | 11. <i>Huayna-Capac</i> , |
| 6. <i>Rocca</i> , | 12. <i>Huascar</i> . |

Die Gründung des Reiches wird auf *Manco Capac* zurückgeführt, der sich als Sonnensohn, *Intipchuri*, bezeichnete. Er gründete auch die Stadt *Cuzco*, lehrte angeblich seine Untertanen Ackerbau und allerlei nützliche Fertigkeiten. Mit seiner Schwester *Ocllo Huaco* erzeugte er den *Sinchi Rocca*, der sein Nachfolger wurde. Nach einer anderen Ursprungsmythe stammen die *Inka* von vier Brüdern: *Manco*, *Cachi*, *Üchu*, *Auca* und vier Schwestern ab, welche aus einer Höhle *Pacaritampu* hervorgekommen sind. Von den Geschwistern gelangten die Brüder *Ayar Auca* und *Ayar Manco* mit ihren Schwestern nach *Cuzco* und ließen sich nach Unterwerfung der ansässigen Bevölkerung dort nieder. Unter den Nachfolgern wurde das Reich immer mehr vergrößert.

Nach *Manco* folgen bei dem Historiker *Montesinos* 90 Herrscher bis zu *Sinchi Rocca*, die indessen bei allen anderen Autoren fehlen.

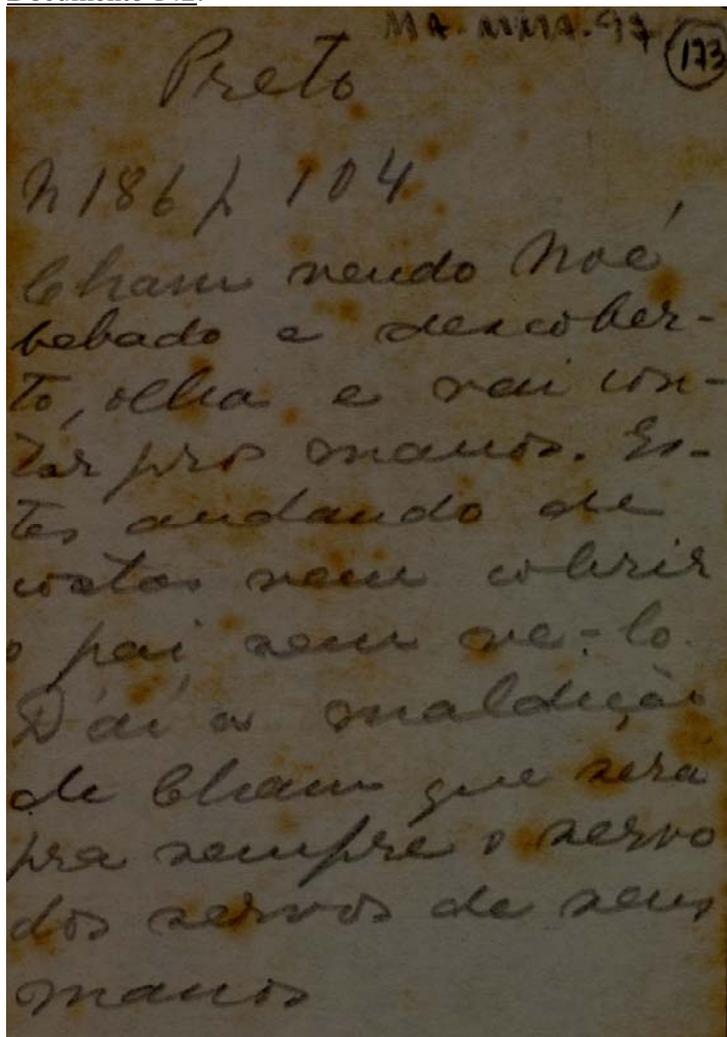
4. Die wirtschaftlichen und sozialen Verhältnisse des Inkareiches.

Das Reich der Inkas beruhte auf Geschlechtergenossenschaften, Clans, „ayllu“ genannt. Eine solche Geschlechtergenossenschaft bildete meist zugleich eine Dorfschaft, die einen Teil des Stammesgebietes als ihr Eigen in Besitz hatte. Der Clanbezirk hieß „marca“. Dieses Wort war in gleicher Weise bei den *Quichua* und *Aymara-Stämmen* gebräuchlich. Man findet es noch heute als Bestandteil zahlreicher Ortsnamen. Es kam häufig vor, daß die *marca*, die in vielen Fällen aus einer einzigen Dorfschaft bestand, aus drei, vier, fünf und noch mehr kleinen Dörfern gebildet wurde. Aber es konnte auch das umgekehrte der Fall sein, daß in einem Dorfe mehrere verwandte Geschlechtergenossenschaften beieinander saßen. In den unwirtlichen gebirgigen Gegenden, in denen nicht genügend größere kulturfähige Flächen vorhanden waren, die bei der üblichen primitiven Bebauungsmethode einer ganzen *ayllu* hätten Unterhalt gewähren können, verteilten sich die Hundertschaften auf je mehrere kleine Dörfer. Anders waren die Verhältnisse an der *Küste*, wo sich fruchtbare Flußtäler befanden. Hier konnten sich meist mehrere Geschlechtergenossenschaften beieinander in großen Komplexen ansiedeln. Wenn eine Geschlechtergenossenschaft mehrere Dörfer gegründet hatte, oder sich von dem Mutterdorfe später kleinere Tochterdörfer abzweigt hatten, so bildeten diese nicht neue selbständige Einheiten, sondern blieben mit den übrigen Dörfern derselben *ayllu* zu einem Ganzen vereinigt. Jede Dorfschaft hatte ihren erwählten Vorsteher, der die täglichen Angelegenheiten ordnete. Bei wichtigen Vorkommnissen lag die Entscheidung in den Händen des Repräsentanten der Gesamt-Geschlechtergenossenschaft. Für jedes Dorf wurde ein Teil des Gesamtlandes bereitgestellt: das Dorfland *llactapacha*.

Während an den großen *Inka*-Heerstraßen regelmäßige von Straßen durchzogene Ortschaften lagen, befanden sich besonders in gebirgigen Teilen des Landes Dörfer, die aus zerstreuten unregelmäßigen Häuserhaufen bestanden. Die Häuser, die häufig nur ein einziges Wohngemach enthielten, waren meist klein. Als Baumaterial verwandte man Adoben, oder unbehauene Steine und Lehm; für das Dach Holz und Stroh. Bei dem Wohnhause befand sich vielfach ein kleiner Stall für die Lamas sowie ein Vorratshaus. In der Nähe des Hauptdorfes der Geschlechtergenossenschaft war meist eine kleine Befestigung „*Pukara*“ angelegt, in der die zugehörigen Bewohner bei feindlichen Einfällen ihre Zuflucht fanden. Manche bestanden nur aus einigen von Erd- oder niedrigen Steinwällen umgebenen Gebäuden, andere dagegen waren kunstvolle auf Hügeln oder an schwer zugänglichen Abhängen gelegene Werke, die mit in Zwischenräumen hintereinander aufsteigenden Mauern bewehrt waren.

Im Gegensatz zu diesen Siedelungen standen die Städte im Innern des Landes wie z. B. *Cuzco* und *Caxamarca*. Dort hatten sich mehrere Geschlechtergenossenschaften beieinander niedergelassen. Freilich hatten

Documento 142:



MA MMA.97 (173)
Preto
n 186 p 104
Cham vendo Noé
bebado e descober-
to, olha e vem con-
tar pros manos. Es-
tes andando de
costas vem cobrir
o pai sem vê-lo.
Daí a maldição
de Cham que será
pra sempre o servo
dos servos de seus
manos

Notação:

MA- MMA 97- 173

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 95.

Transcrição:

Preto/ n 186 p 104/ Cham vendo Noé/ bêbado e descober-/to, olha e vem con-/tar pros
manos./ Es-/tes andando de/ costas vem cobrir/ o pai sem vê-lo./ Daí a maldição/ de Cham
que será/ pra sempre o servo/ dos servos de seus/ manos.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

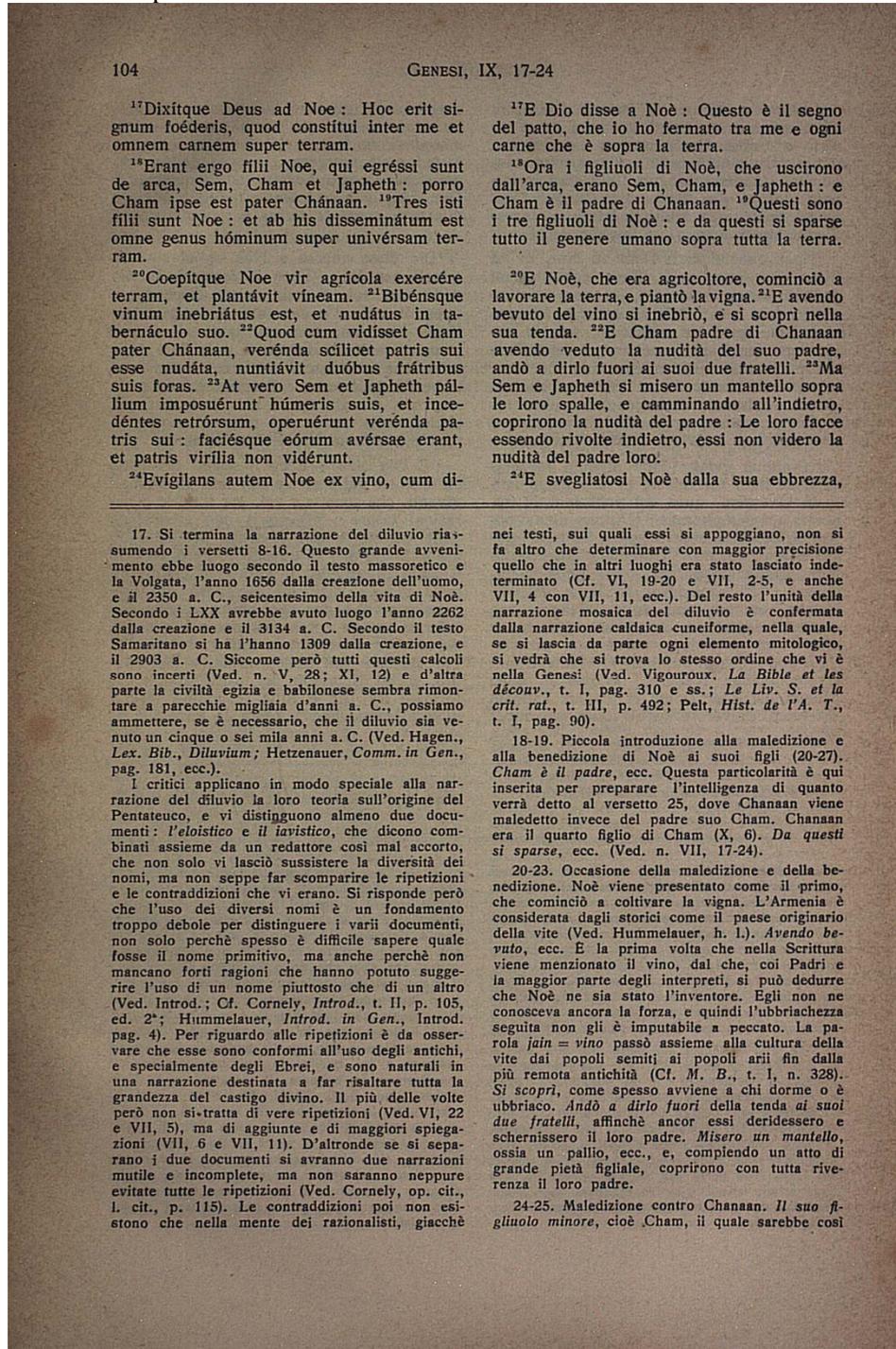
Escravidão; [Religião]

Verificação:

BPG: nº 186: SALES O. P., Marco M (Coment.). *La Sacra Bíblia: Il Vecchio Testamento*. Vol I. Torino: Tipografia Del Sacro Cuore, 1919. (BMA- F/ 44)

P. 104:

"Genesis. Capo IX"



¹⁷Dixitque Deus ad Noe : Hoc erit signum foederis, quod constitui inter me et omnem carnem super terram.

¹⁸Erant ergo filii Noe, qui egressi sunt de arca, Sem, Cham et Japheth : porro Cham ipse est pater Chanaan. ¹⁹Tres isti filii sunt Noe : et ab his disseminatum est omne genus hominum super universam terram.

²⁰Coepitque Noe vir agricola exercere terram, et plantavit vineam. ²¹Bibensque vinum inebriatus est, et nudatus in tabernaculo suo. ²²Quod cum vidisset Cham pater Chanaan, verenda scilicet patris sui esse nudata, nuntiavit duobus fratribus suis foras. ²³At vero Sem et Japheth pallium imposuerunt humeris suis, et incedentes retrorsum, operuerunt verenda patris sui : faciesque eorum aversae erant, et patris virilia non viderunt.

²⁴Evigilans autem Noe ex vino, cum di-

¹⁷E Dio disse a Noè : Questo è il segno del patto, che io ho fermato tra me e ogni carne che è sopra la terra.

¹⁸Ora i figliuoli di Noè, che uscirono dall'arca, erano Sem, Cham, e Japheth : e Cham è il padre di Chanaan. ¹⁹Questi sono i tre figliuoli di Noè : e da questi si sparse tutto il genere umano sopra tutta la terra.

²⁰E Noè, che era agricoltore, cominciò a lavorare la terra, e piantò la vigna. ²¹E avendo bevuto del vino si inebriò, e si scoprì nella sua tenda. ²²E Cham padre di Chanaan avendo veduto la nudità del suo padre, andò a dirlo fuori ai suoi due fratelli. ²³Ma Sem e Japheth si misero un mantello sopra le loro spalle, e camminando all'indietro, coprirono la nudità del padre : Le loro facce essendo rivolte indietro, essi non videro la nudità del padre loro.

²⁴E svegliatosi Noè dalla sua ebbrezza,

17. Si termina la narrazione del diluvio riassumendo i versetti 8-16. Questo grande avvenimento ebbe luogo secondo il testo massoretico e la Volgata, l'anno 1656 dalla creazione dell'uomo, e il 2350 a. C., seicentesimo della vita di Noè. Secondo i LXX avrebbe avuto luogo l'anno 2262 dalla creazione e il 3134 a. C. Secondo il testo Samaritano si ha l'anno 1309 dalla creazione, e il 2903 a. C. Siccome però tutti questi calcoli sono incerti (Ved. n. V, 28; XI, 12) e d'altra parte la civiltà egizia e babilonese sembra rimontare a parecchie migliaia d'anni a. C., possiamo ammettere, se è necessario, che il diluvio sia venuto un cinque o sei mila anni a. C. (Ved. Hagen., *Lex. Bib.*, *Diluvium*; Hetzenauer, *Comm. in Gen.*, pag. 181, ecc.).

I critici applicano in modo speciale alla narrazione del diluvio la loro teoria sull'origine del Pentateuco, e vi distinguono almeno due documenti: *Peloistico* e *Iavistico*, che dicono combinati assieme da un redattore così mal accorto, che non solo vi lasciò sussistere la diversità dei nomi, ma non seppe far scomparire le ripetizioni e le contraddizioni che vi erano. Si risponde però che l'uso dei diversi nomi è un fondamento troppo debole per distinguere i vari documenti, non solo perchè spesso è difficile sapere quale fosse il nome primitivo, ma anche perchè non mancano forti ragioni che hanno potuto suggerire l'uso di un nome piuttosto che di un altro (Ved. *Introd.*; Cf. Cornely, *Introd.*, t. II, p. 105, ed. 2°; Hummelauer, *Introd. in Gen.*, *Introd.* pag. 4). Per riguardo alle ripetizioni è da osservare che esse sono conformi all'uso degli antichi, e specialmente degli Ebrei, e sono naturali in una narrazione destinata a far risaltare tutta la grandezza del castigo divino. Il più delle volte però non si tratta di vere ripetizioni (Ved. VI, 22 e VII, 5), ma di aggiunte e di maggiori spiegazioni (VII, 6 e VII, 11). D'altronde se si separano i due documenti si avranno due narrazioni inutili e incomplete, ma non saranno neppure evitate tutte le ripetizioni (Ved. Cornely, *op. cit.*, l. cit., p. 115). Le contraddizioni poi non esistono che nella mente dei razionalisti, giacchè

nei testi, sui quali essi si appoggiano, non si fa altro che determinare con maggior precisione quello che in altri luoghi era stato lasciato indeterminato (Cf. VI, 19-20 e VII, 2-5, e anche VII, 4 con VII, 11, ecc.). Del resto l'unità della narrazione mosaica del diluvio è confermata dalla narrazione caldaica cuneiforme, nella quale, se si lascia da parte ogni elemento mitologico, si vedrà che si trova lo stesso ordine che vi è nella Genesi (Ved. Vigouroux, *La Bible et les découvert.*, t. I, pag. 310 e ss.; *Le Liv. S. et la crit. rat.*, t. III, p. 492; Pelt, *Hist. de l'A. T.*, t. I, pag. 90).

18-19. Piccola introduzione alla maledizione e alla benedizione di Noè ai suoi figli (20-27). *Cham è il padre*, ecc. Questa particolarità è qui inserita per preparare l'intelligenza di quanto verrà detto al versetto 25, dove Chanaan viene maledetto invece del padre suo Cham. Chanaan era il quarto figlio di Cham (X, 6). *Da questi si sparse*, ecc. (Ved. n. VII, 17-24).

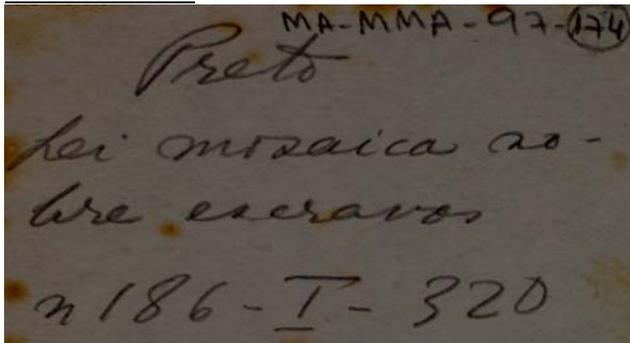
20-23. Occasione della maledizione e della benedizione. Noè viene presentato come il primo, che cominciò a coltivare la vigna. L'Armenia è considerata dagli storici come il paese originario della vite (Ved. Hummelauer, h. l.). *Avendo bevuto*, ecc. È la prima volta che nella Scrittura viene menzionato il vino, dal che, coi Padri e la maggior parte degli interpreti, si può dedurre che Noè ne sia stato l'inventore. Egli non ne conosceva ancora la forza, e quindi l'ubbrichezza seguita non gli è imputabile a peccato. La parola *jain* = vino passò assieme alla cultura della vite dai popoli semiti ai popoli arii fin dalla più remota antichità (Cf. *M. B.*, t. I, n. 328). *Si scoprì*, come spesso avviene a chi dorme o è ubbriaco. *Andò a dirlo fuori della tenda ai suoi due fratelli*, affinché ancor essi deridessero e schernissero il loro padre. *Misero un mantello*, ossia un pallio, ecc., e, compiendo un atto di grande pietà filiale, coprirono con tutta riverenza il loro padre.

24-25. Maledizione contro Chanaan. *Il suo figliuolo minore*, cioè Cham, il quale sarebbe così

Nota da pesquisa:

A ideia bíblica da Maldição de Cham é explorada por MA em "A Superstição da cor preta" (*Publicações médicas*, p. 64-68, em junho-julho de 1938), afirma:

Documento 143:



Notação:

MA- MMA 97- 174

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 174.

Transcrição:

Preto/ Lei mosaica so-/bre escravos/ n 186 - I - 320

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Religião]

Verificação:

BPG: nº 186: LA SACRA Bíblia, Il Vecchio Testamento. Vol I. Sales O. P., Marco (Coment.).Torino: Tipografia Del Sacro Cuore, 1919. (BMA- F/ 44)

vobis. ²⁴Altare de terra faciatis mihi, et offeratis super eo holocausta et pacifica vestra, oves vestras et boves, in omni loco in quo memoria fuerit nominis mei: veniam ad te, et benedicam tibi. ²⁵Quod si altare lapideum fueris mihi, non aedificabis illud de sectis lapidibus: si enim levaveris cultum super eo, polluatur. ²⁶Non ascendes per gradus ad altare meum, ne reveletur turpitudine tua.

farete degli dei di oro. ²⁴Mi farete un altare di terra, e sopra di esso offerirete i vostri olocausti, e le vostre ostie pacifiche, le vostre pecore, e i vostri buoi in ogni luogo in cui vi sarà la memoria del mio nome: io verrò a te, e ti benedirò. ²⁵Che se mi farai un altare di pietra, non lo farai di pietre lavorate a scalpello: perchè se vi alzerai lo scalpello sopra, sarà contaminato. ²⁶Non salirai per gradini al mio altare, affinché non si scopra la tua nudità.

CAPO XXI.

Leggi relative agli schiavi e ai servi, 1-11. — Leggi relative all'omicidio e alle lesioni corporali, 12-27. — Leggi relative ai danni causati dagli animali domestici, 28-32. — Leggi relative alle disgrazie accadute ad animali domestici, 33-36.

¹Haec sunt iudicia quae propones eis. ²Si emeris servum hebraeum, sex annis serviet

¹Queste sono le leggi giudiziali, che tu proporrai loro. ²Se comprerai uno schiavo

²⁴ Inf. XXVII, 8 et XXXVIII, 7.

²⁵ Deut. XXVII, 5; Jos. VIII, 31.

24-26. La costruzione dell'altare. Esso deve consistere solo in un rialzo di terra, o se viene costruito con pietre, queste non devono essere lavorate a scalpello. Il popolo d'Israele era molto inclinato all'idolatria, e perciò Dio vuole che l'altare non sia di pietre lavorate a scalpello affine di togliere agli Ebrei la tentazione di scolpirvi o dipingervi sopra delle immagini. In ogni luogo, ecc., che Dio indicherà sia per una speciale rivelazione, sia per una speciale manifestazione della sua bontà, ecc. (Cf. Giud. VI, 24; XIII, 16). Qui non è ancora prescritta l'unità di altare (Lev. XVII, 8 e ss.; Deut. XII, 5 e ss.), ma è tolto all'arbitrio dell'uomo e riservato a Dio il determinare il luogo, dove gli altari possono essere edificati. La legge del Deuteronomio (XII, 2-6, 13-16) obbligherà tutti gli Ebrei ad andare a offrire i loro sacrifici nel luogo che il Signore fisserà, cioè a Gerusalemme. Ma sino all'edificazione del tempio essi usarono di queste prescrizioni dell'Esodo con larghezza, e sacrificarono un po' dappertutto, non solo nel deserto, ma anche in Palestina. Anche dopo la costruzione del tempio, non era assolutamente vietato di offrire sacrifici fuori di Gerusalemme, quando vi fosse stata qualche ragione di farlo. «Si può quindi ritenere che la legge dell'Esodo sia stata limitata, ma non già abrogata da quella del Deuteronomio» Vigouroux (Bib. Polig.). Nell'ebraico dopo le parole: *i vostri buoi*, vi è punto fermo, e poi si prosegue: *in qualunque luogo io farò ricordare il mio nome, io verrò e ti benedirò*, vale a dire in tutti i luoghi, dove si costruirà un altare nel debito modo, e mi si renderà un culto, io mi troverò presente, ecc. *Se vi alzerai*, ecc. Il pronome *vi* si riferisce a pietra, e similmente, il verbo *sarà contaminato*. Ogni pietra che ha ricevuto colpi di scalpello vien reputata impura, e perciò inutile. *Non salirai per gradini*, ma per un piano inclinato *al mio altare*. Tale proibizione fu

poi completata dalle leggi ricordate al cap. XXVIII, 42. Cf. XXXIX, 28, ed è incerto se vi fossero gradini attorno all'altare edificato nel tempio da Salomone.

CAPO XXI.

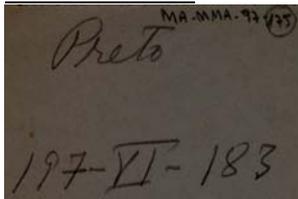
1. I versetti 1-11 contengono una serie di leggi riguardanti i diritti degli schiavi e dei servi (Cf. Deut. XV, 12-18). Il codice dell'alleanza (XX, 22-XXIII, 33) a cominciare da questo punto ha parecchi tratti di rassomiglianza col codice di Hammurabi, che viveva circa mille anni prima di Mosè. Ciò non deve recare meraviglia, se si pensa che Israele e Babel derivano dalla stessa famiglia semitica, anzi è più che naturale che nelle loro legislazioni si trovino parecchi punti di contatto. Se si confrontano però assieme i due codici si scorderà subito quanto la legislazione di Mosè sia più perfetta di quella di Hammurabi. (Sul codice di Hammurabi vedi: *Rev. Bib.*, 1903, p. 50; Grimme, *Das Gesetz Hammurabis u. Moses*, Köln, 1903; Kohler et Peiser, *Hammurabis Gesetz*, Leipzig, 1904; Dav. Hein. Müller, *Die Gesetze Hammurabis*, Wien, 1903; Mari, *Il codice di Hammurabi e la Bibbia*, Roma, 1903; *Rev. Bib.* 1905, p. 170; 1917, pagina 270, ecc.).

La scoperta di questo codice, mentre conferma le veridicità della Scrittura, mostra pure come benchè tutte le leggi di Mosè siano state da lui scritte e date al popolo, parecchie di esse erano già conosciute e osservate dagli antichi patriarchi (Cf. Hummelauer, *Com. in Exod. et Lev.*, p. 19).

Sono le leggi giudiziali, ossia le ordinazioni del supremo Giudice riguardo alle cose civili. Questo titolo si estende a tutto il contenuto XXI, 1-XXIII, 33).

2-3. *Un servo o schiavo temporaneo. Ebreo*, ecc. Riguardo ai servi o schiavi stranieri vedi

Documento 144:



Notação:

MA - MMA - 97 -175

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 175.

Transcrição:

Preto/ 197 - VI -183

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 197: MATTOS, Gregório de. *Obras de Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Gráfica, 1930, v. 6 - Última. (BMA-A/II/b/45)

P. 183:

"XIV - A uns pretos".

Nota MA a grafite:

1. cruzeta à margem do título.
2. grifo em "pretos".

Nota da pesquisa:

Segue transcrição das duas primeiras estrofes da poesia "A uns pretos":

"Carira, que caricais
Aquele senhor José,
Ontem tanga de Guiné,
E hoje senhor de Cascais:
Vós, e outras cantigas mais,
outros cães, e outras cadelas
Amais tanto as parentelas
Que imagina o vosso amor,
Que em chamando a um cão Senhor,
'Lhe dourais suas mazelas.
Longe vá o mau agouro,
Tirai-vos desse furor,
Que o negro não toma cor,
E menos tomará o ouro,
Quem nasceu de negro couro
Sempre a fortuna o respeita,
Tanto que nunca o enfeita
de outra cor, e fora aborto,
É como quem nasce torto:
Tarde ou nunca se endireita."

Documento 145:

MA-MMA 97 176

Preto

Citar o grifo de
Gregório de Matos
(que aliás sempre
teve ogeriza por tu-
do quanto em que
entrava sangue
preto) no admirá-
vel Juízo Anatô-
mico:
(n 197-IV-262)

Notação:

MA-MMA-97-176

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 176.

Transcrição:

Preto/ Citar o grifo de/ Gregório de Matos/ (que aliás sempre/teve ogeriza por tu-/ do quanto em que/ entrava sangue/ preto) no admirá-/ vel Juízo Anatô-/ mico:/ (n 197-IV-262)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário crítico e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]; [Mulato]

Verificação:

BPG: nº 197: MATTOS, Gregório de. *Obras de Gregorio de Mattos*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Gráfica, 1930, v. 4 - Satírica. (BMA- A/II/b/43).

P. 262:

"Epigramas"

Nota MA a grafite:

chave à margem da 3ª estrofe:

"Quais são seus doces objetos?... Pretos.

Tem outros bens mais massiços?...Mestiços.

Quais destes lhe são mais gratos?...Mulatos.

Dou ao Demo os insensatos,

Dou ao Demo o povo asnal,

Que estima por cabedal,

Pretos, mestiços, mulatos."

Nota da pesquisa:

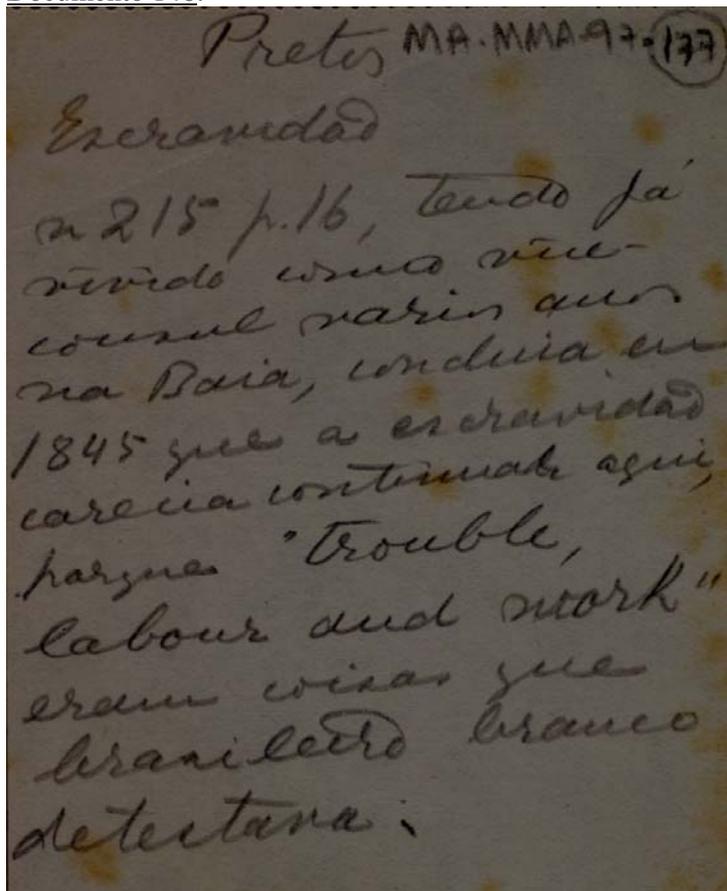
P. 261:

"Epigramas"

Nota MA a grafite:

duas cruzetas à margem do título.

Documento 146:



Pretos MA.MMA 97-177
Escravidão
n 215 p. 16, tendo já
vivido como vice-
consul vários anos
na Bahia, concluiu em
1845 que a escravidão
carecia continuar aqui,
porque "trouble,
labour and work"
eram coisas que
brasileiro branco
detestava.

Notação:

MA- MMA 97- 177

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 177.

Transcrição:

Pretos/ Escravidão/ n 215 p 16, tendo já/ vivido como vice-/consul vários anos/ na Bahia, concluiu em/ 1845 que a escravidão/ carecia continuar aqui,/ porque "trouble,/ labour and work"/ eram coisas que/ brasileiro branco/ detestava.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário, citação e referência bibliográfica.

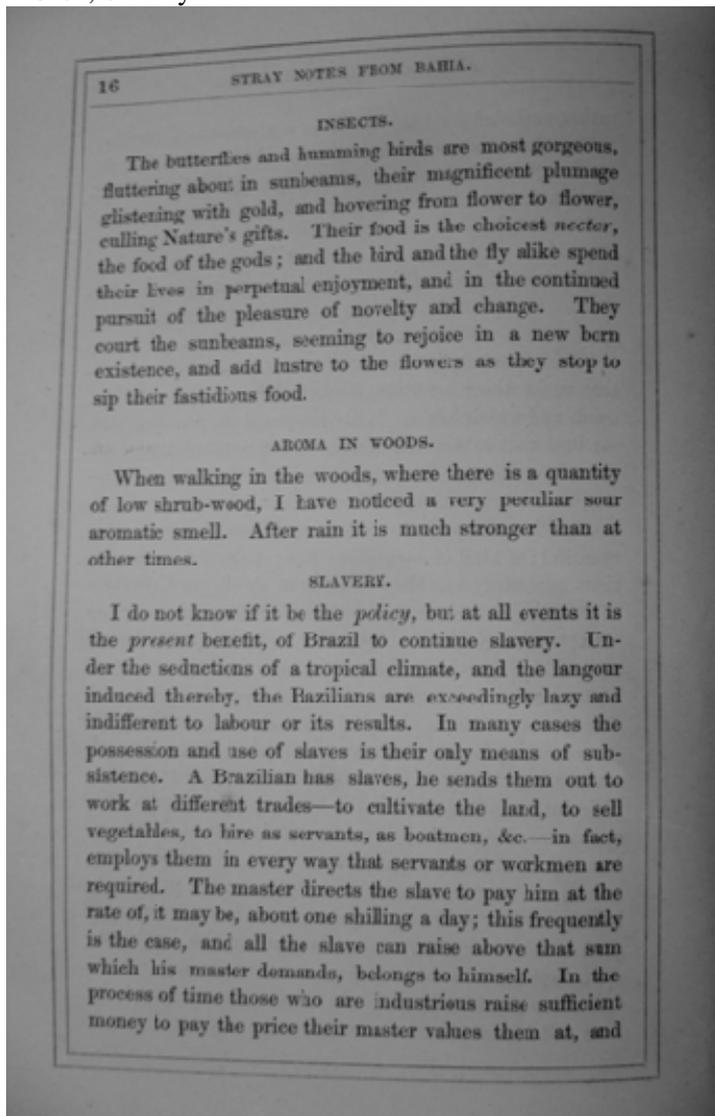
Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 215: WETHERELL, James. *Brasil: stray notes from Bahia*; being extracts from letters, &c., during a residence of fifteen years. Liverpool: Webb and hunt, 1860. (IEB- Yan)

P. 16, 17:
"1845"; Slavery"



when such is the case, the slave can claim his freedom. The produce of the labour of the slaves enables the master to live in idleness, and to call himself a gentleman in the proportion of his possessing two to three, twenty to thirty, two hundred to three hundred slaves. In a country like Brazil, which produces anything with a very small amount of labour, the land is comparatively neglected; because it is not *absolutely* required that it should be in a state of high cultivation, as the inhabitants can easily subsist without such, and its very cultivation would cause them trouble, labour, and work, all of which they *detest*. Thus, so long as the Brazilians can live at ease, without trouble to themselves, they are content with the present aspect of affairs, careless of the future. The abolition of slavery would sweep away all this, and so, of course, it is their interest, as far as personal feelings are concerned, to prevent it. These remarks apply in a less forcible degree to the slave trade.

CHURCH SITES.

Many of the churches in Bahia, which are built in the city, seem to have had their sites very badly chosen; from no position can you obtain a full view of the building, as they are often surrounded by narrow streets. In the country and outskirts, however, they are generally beautifully located upon a rising ground or a commanding eminence. Whence the difference? Perhaps, originally, the churches which now appear so shut up may have had a finer aspect, and have been built up; although there are one or two *old* buildings which have handsome squares before them, and which would, therefore, incline me to believe that the sites of the others had not been fixed upon for the sake of appearance.

Nota da pesquisa:

Embora MA indique apenas a p. 16, segue também a reprodução da p. 17 que contempla todo o capítulo.

Documento 147:

Preto MA-MMA-97-178
Escravos bem tratados
nº 218 p. 80 em 1824 diz
que os escravos eram tra-
tados aqui humana e
suavemente. "Nisso desde
não entrasse ^(furor religioso) coisa de religião
no ^(caso) meio, os portugueses e
espanhóis sempre se avan-
tajaram sobre qualquer
outra nação." Um negro fiel
se tornava aos poucos como
membro da família, e con-
siderado assim podia des-
mentir o passado e mostrar
o que era ("und seine Gründe
angeben") sem que recebesse
o castigo que receberia
no Oriente.

Notação:

MA- MMA 97- 178

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; acréscimo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.178.

Transcrição:

Preto/ Escravos bem tratados/ nº 218 p 80 em 1824 diz/ que os escravos eram tra-/tados aqui humana e/ suavemente. "Nisso, desde/não entrasse (furor religioso) coisa de religião/ no (caso) meio, os portugueses e/ espanhóis sempre se avan-/tajaram sobre qualquer/ outra nação. "Um negro fiel/ se tornava aos poucos como/ membro da família, e con-/siderado assim podia des-/mentir o passado e mostrar/ o que era ("und seine Gründe angeben") sem que recebesse/ o castigo que receberia/ no Oriente.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

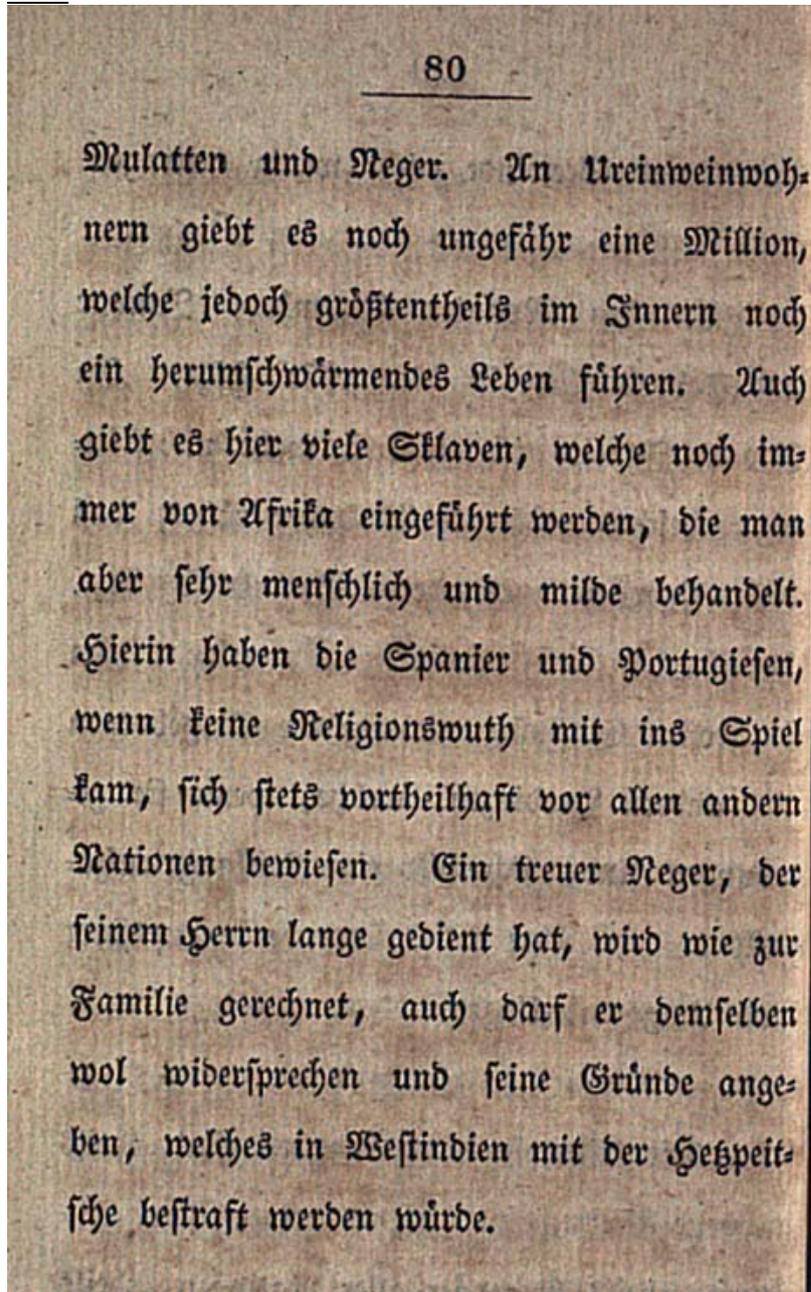
Tipo: transcrição, comentário e referência bibliográfica

Subtema:
Escravidão

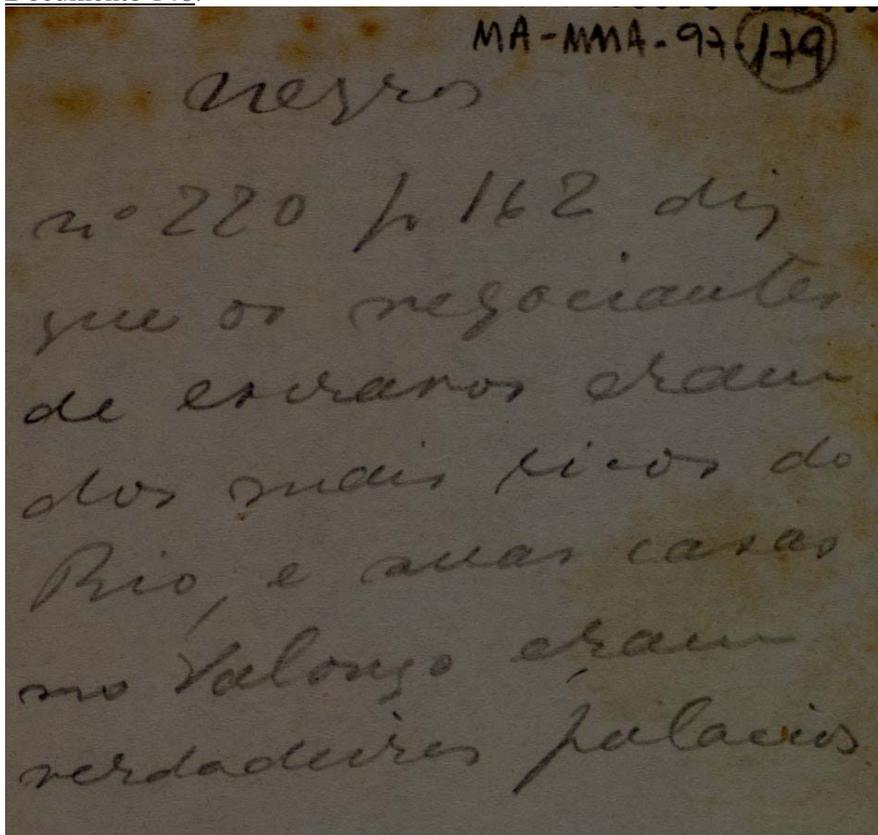
Verificação:

BPG: n° 218: SCHUMACHER, P.H. *Beschreibung meiner reise von Hamburg nach Brasilien in juni 1824*; nebst rachtichten über Brasilien bis zum Sommer 1825 und über die Auswanderer dahin. Braunschweig: F. Bieneg, 1826 (IEB- Yan)

P. 80:



Documento 148:



Notação:

MA- MMA 97- 179

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 179.

Transcrição:

Negros/ n.º 220 p 162 diz/ que os negociantes/ de escravos eram/ dos mais ricos do/ Rio, e suas casas/ no Valongo eram/ verdadeiros palácios.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

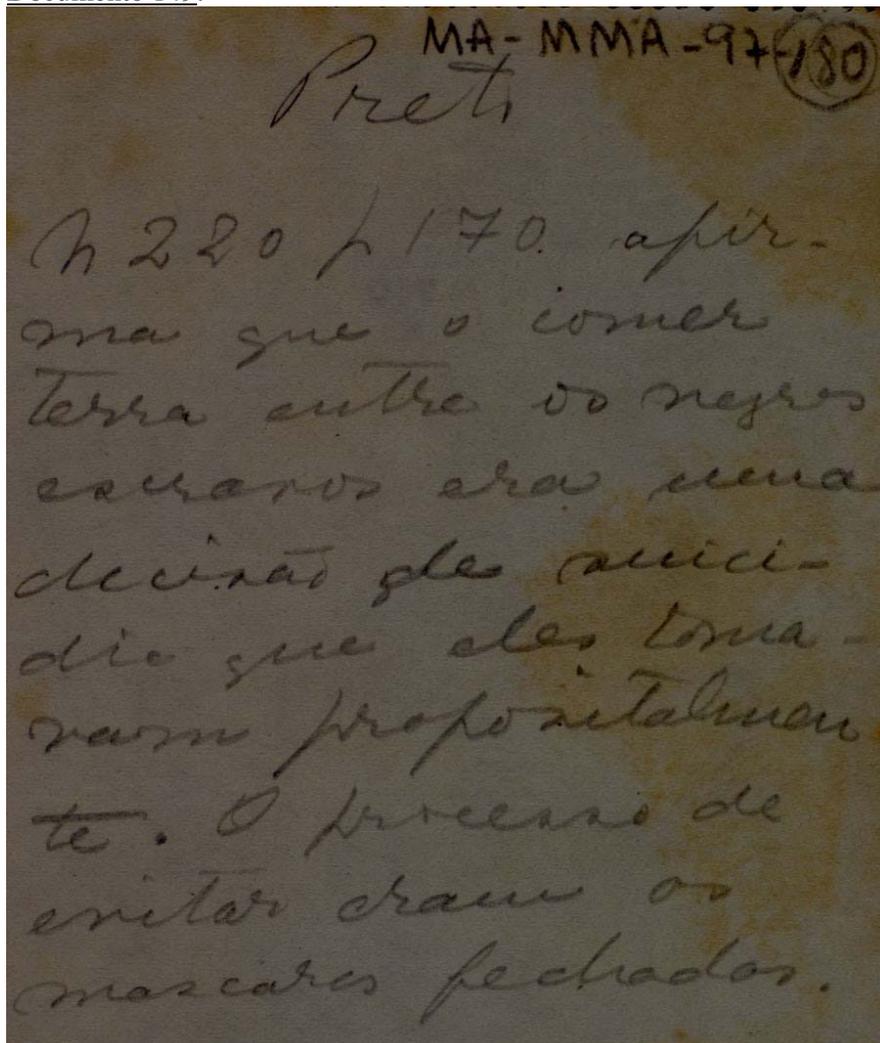
BPG: n.º 220: SCHLICHTHORST, Carl. *Rio de Janeiro wie es ist*, Hannover: Im Verlag der Hahn'schen Hosbuchhandlung, 1829. (IEB-Yan)

Neger und Ur = Einwohner von Brasilien.

In Rio de Janeiro werden jährlich zwischen 20 bis 30,000 Slaven eingeführt und größtentheils in der Stadt oder ihrer nächsten Umgebung verkauft. Dieser Handel war vorzüglich in den letzten Jahren außerordentlich lebhaft, da nach den Bestimmungen des Tractats zwischen Portugal und Brasilien, welcher unter Englands Garantie von Sir Charles Stuart abgeschlossen ist, die Neger = Einfuhr nur bis zum Jahre 1830 frei bleibt. Auch stieg der Preis der Slaven aus eben diesem Grunde bedeutend; bei meiner Ankunft konnte man einen rohen Neger zwischen 15 und 20 Jahr für 150,000 Reis kaufen, Mädchen waren etwas wohlfeiler. Ein Jahr später galt ein solcher 200,000 Reis und es läßt sich voraussehen, daß der Preis nach Erfüllung des obigen Tractats noch weit höher steigen wird, wenn es gleich unwahrscheinlich ist, daß dieser Handel auf der südlichen Halbkugel je ganz verhindert werden kann.

Die Slavenhändler werden für die reichsten Kaufleute der Stadt gehalten. Sie bewohnen fast ausschließlich die Straßen Ballongo, Aljuba und einige andere in der Nähe des Hafens. Ihre Häuser, unter denen es viele giebt, welche für Paläste gelten können, haben alle dieselbe Einrichtung zur ebenen Erde: eine weite Flur mit einigen kleinen Höfen und in diesen nichts als ein paar niedrige Bänke; dies ist das sogenannte Slaven-

Documento 149:



MA-MMA-97-180
Preto
n 220 p 170. afir-
ma que o comer
terra entre os negros
escravos era uma
decisão de suicí-
dio que eles toma-
vam propositalmen-
te. O processo de
evitar eram as
máscaras fechadas.

Notação:

MA- MMA 97- 180

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.180.

Transcrição:

Preto/ n 220 p 170 afir-/ma que o comer terra entre os negros/ escravos era uma decisão de suicí-/dio que eles toma-/vam propositalmen-/te. O processo de/ evitar eram as/ máscaras fechadas.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

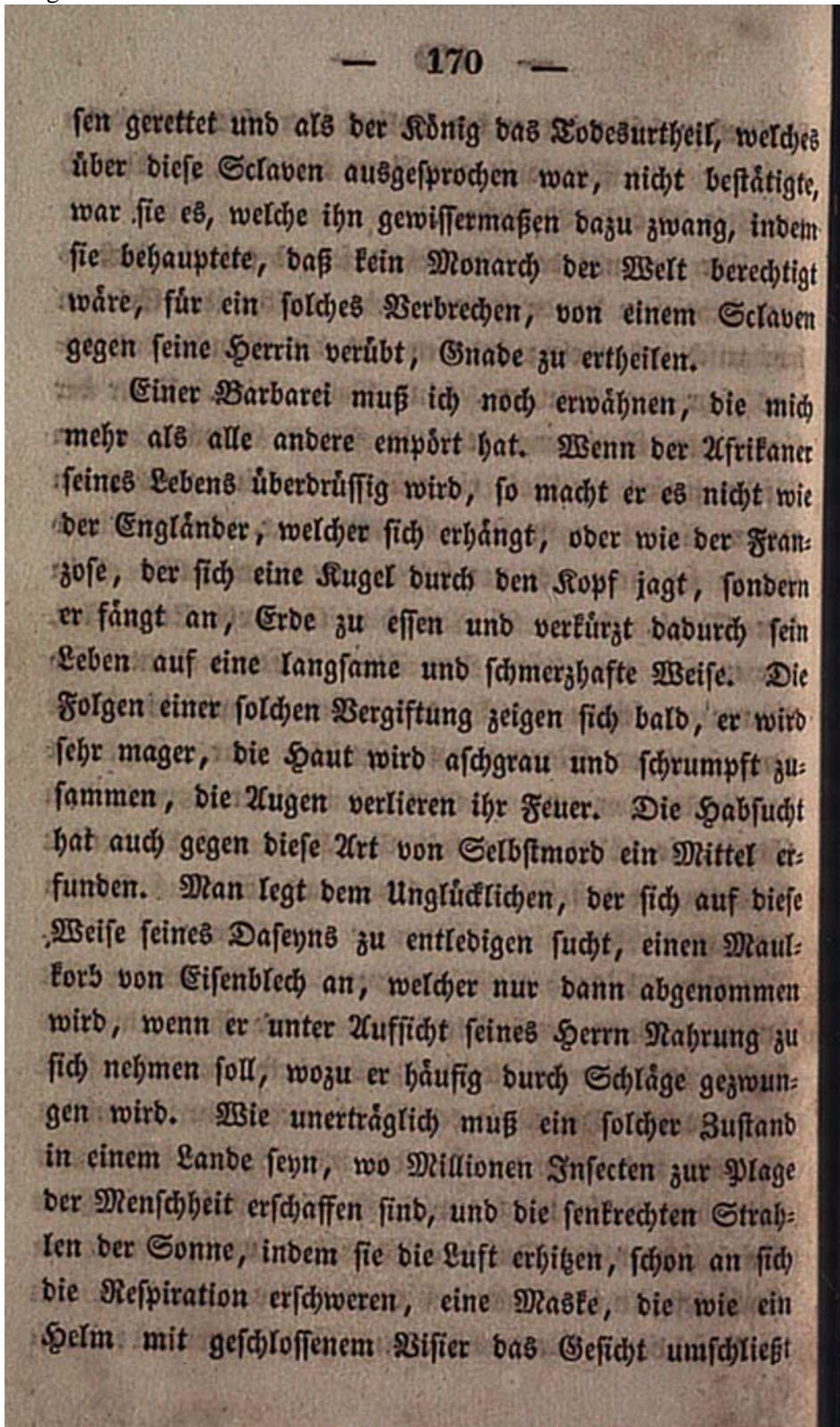
[Escravidão]

Verificação:

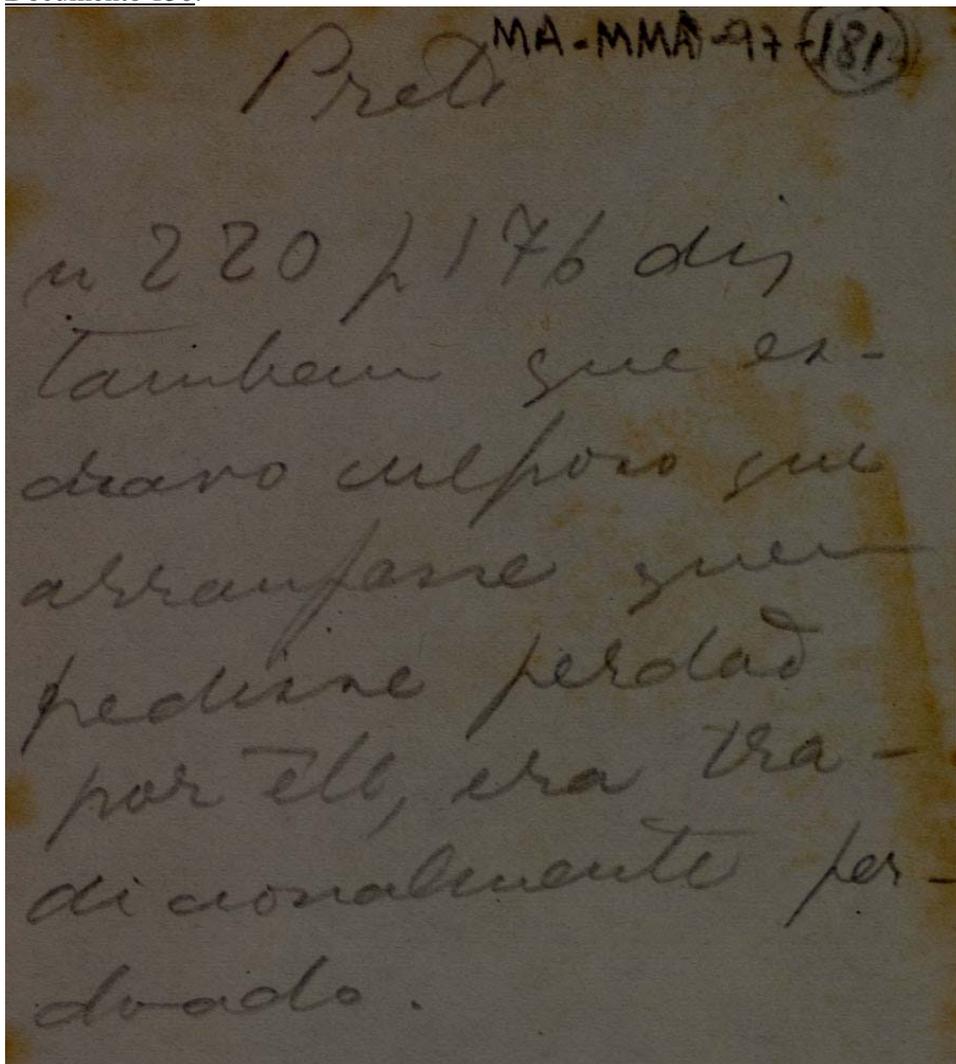
BPG: n° 220: SCHLICHTHORST, Carl. *Rio de Janeiro wie es ist*, Hannover: Im Verlag der Hahn'schen Hosbuchhandlung, 1829. (IEB-Yan)

P. 170:

“Neger und Ureinwohner von Brasilien”



Documento 150:



MA-MMA 97-181

Preto

n 220 p 176 diz
também que es-
cravo culposo que
arranjasse quem
pedisse perdão
por ele, era tra-
dicionalmente per-
doado.

Notação:

MA- MMA 97- 181

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.181.

Transcrição:

Preto/ n 220 p 176 diz/ também que es-/cravo culposo que/ arranjasse quem pedisse perdão/ por ele, era tra-/dicionalmente per-/doado.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

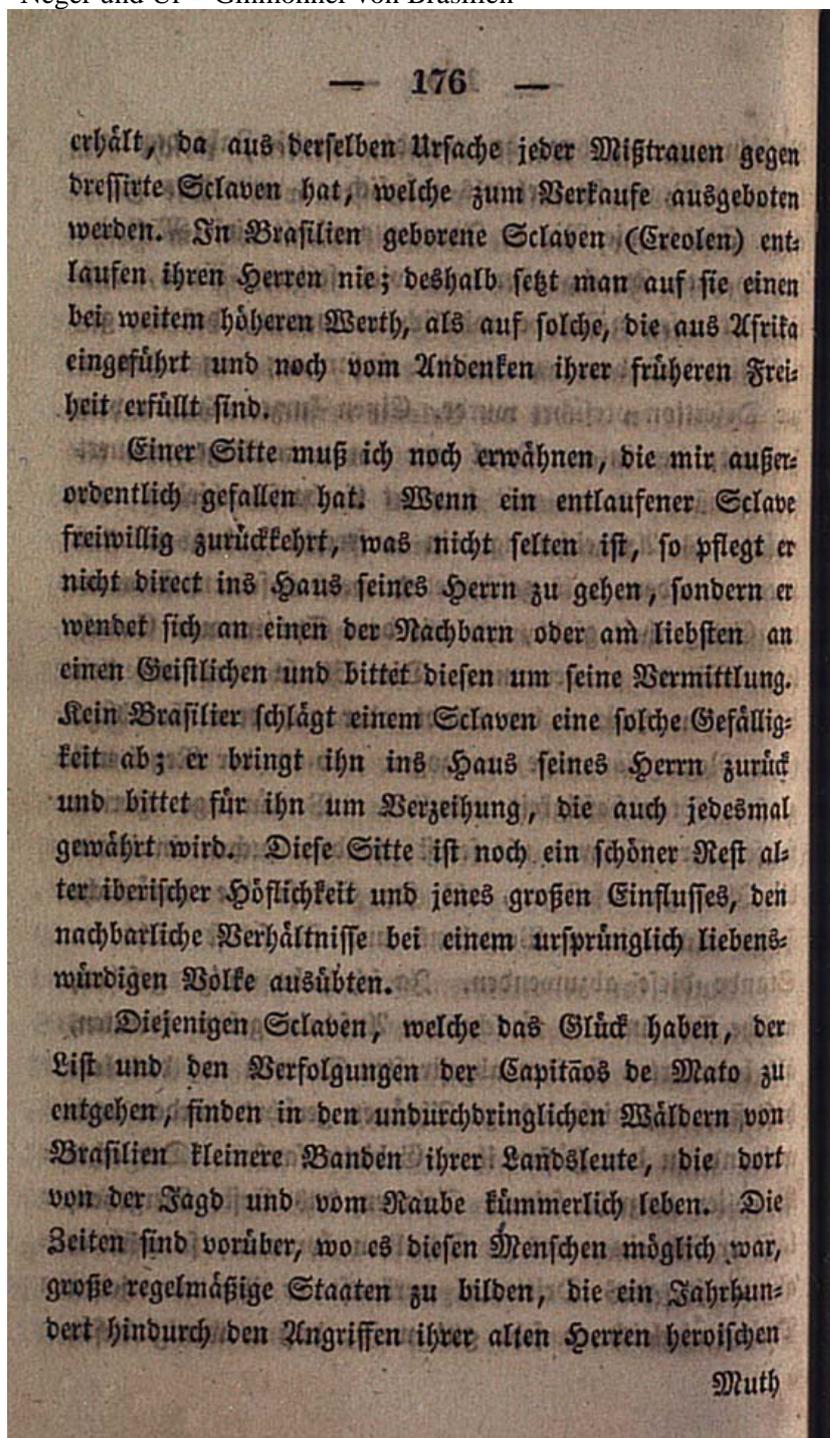
[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 220: SCHLICHTHORST, Carl. *Rio de Janeiro wie es ist*, Hannover: Im Verlag der Hahn'schen Hosbuchhandlung, 1829. (IEB- BYAP)

P. 176:

“Neger und Ur = Ginmohner von Brasilien”



Nota da pesquisa:

No manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá*, após esta referência: Nota MA: “O livro traz como dístico de abertura: ‘Huma vez e nunca mais!’”

Documento 151:

Notação:

MA- MMA 97- 182

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 182.

Transcrição:

Preto/ Felix Guisard Filho/ "Capítulos da Hist. de/ Taubaté" in n 264,/ vol XXVIII p 143, diz/ que a tristeza do/ escravo taubateano/ era típica.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio, comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 264: GUICARD FILHO, Felix. Capítulos da História de Taubaté . *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, v. 28, p. 101-160, 1930. (BMA-E/I/e/61)

guarará, ... ajudados como chamado de alguma inubiada vizinhança... o negro tambem folgava "mais tarde. Suarentos, brilhantes os rostos, com licença do "Sinhô", em derredor da fogueira, cantando sem tonalidade até pegar o fio... o tambú, a puita, a marimba, o réque-réque, o urucungo... traziam recordações ao preto das terras de além-mar, onde gozava a liberdade.

A tristeza do nosso escravo era typica. Seria ausencia de liberdade? Trabalho forçado? Seria, quem diz? o sexualismo exagerado a que se refere Paulo Prado? Não cabe em nossa historia de Taubaté a analyse do factor tristeza.

IV

Nada encontramos de velhas tradições dos nossos pretos, além das já conhecidas e repisadas. Uma ou outra lenda africana perdura ainda adulterada, um não sei numero de vezes, em nosso meio.

Provavelmente alguns dos "griots" deque falla Mauricio Delafosse. Algum dicionario vivo ambulante.

Alguns daquelles encarregados de "procurar e guardar na memoria as genealogias das familias nobres, as acções valorosas dos grandes personagens, os annaes dos estados ou das tribus, os costumes politicos, juridicos ou sociaes, as crenças religiosas e de as transmittir aos seus descendentes".

V

Mistér se faz separar o negro antes e depois da abolição. A escravidão conservava o typo, o cruzamento era reduzido. A lei da liberdade facultou-lhe os movimentos. O cruzamento realizado, o typo naturalmente desappareceria por completo. Questão de algumas gerações, o preto tende a clarear no Brasil. Difficil é dizer donde promanou o maior contingente de negro d'Africa, fixado em Taubaté. Affirma em consciencioso trabalho, o dr. Braz do Amaral que da Africa foram apanhados e trazidos para os portos do Brasil, negros de diferentes

Nota da pesquisa:

Ver nesta mesma obra: MENDONÇA, Lucio de. Luiz Gama (Uma página escrita há cinquenta anos). Revista do *Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, v. XXVIII, p. 432-444, 1930.

P. 433:

“Luiz Gama (Uma página escrita há cinquenta anos)”

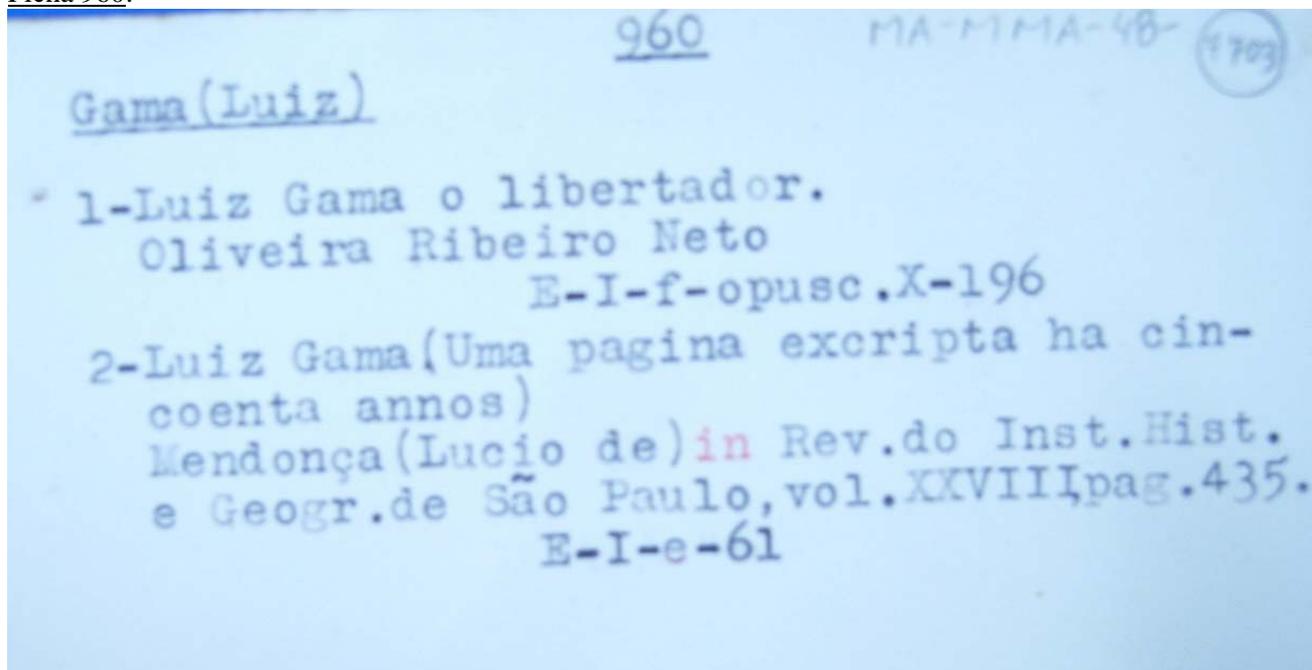
Nota MA a grafite:

"ficha 960"

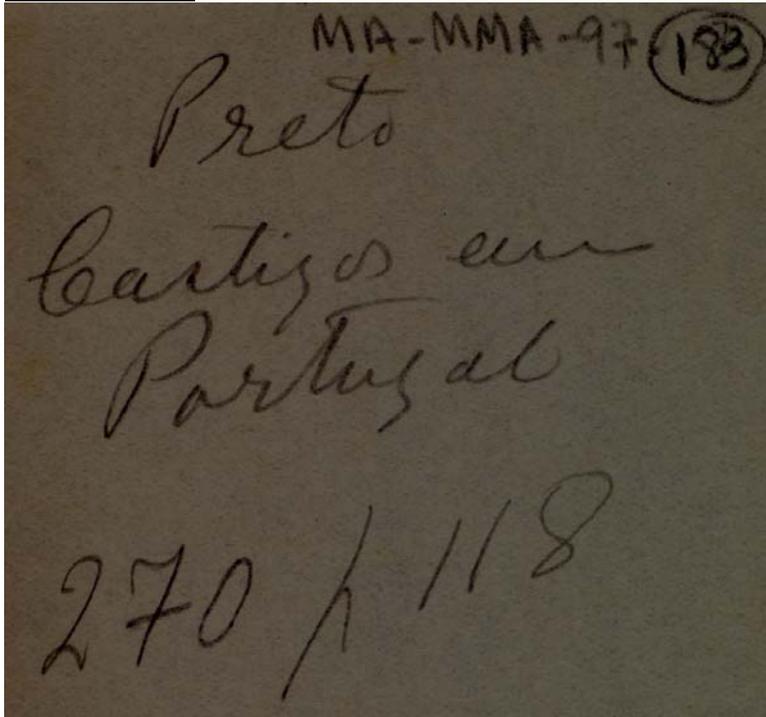
A anotação de Mário de Andrade na revista indica a segunda referência bibliográfica ficha 960, a qual compõe um dos 9.634 documentos do *Fichário Analítico*, conjunto composto principalmente de fichas de estudo e leitura, elaboradas por Mário de Andrade, além de recortes de jornais e revistas, por ele organizados. Integra a série *Manuscritos Mário de Andrade* no acervo do escritor (IEB-USP).

A indicação encontrada nesta revista é um exemplo ao apontar que a pesquisa de Mário de Andrade sobre o negro está além do dossiê *Preto*, outras referências ao tema podem ser encontradas no acervo e na obra do escritor.

Ficha 960:



Documento 152:



Notação:

MA-MMA-97-183

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.183.

Transcrição:

Preto/ Castigos em/ Portugal/ 270 p 118

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

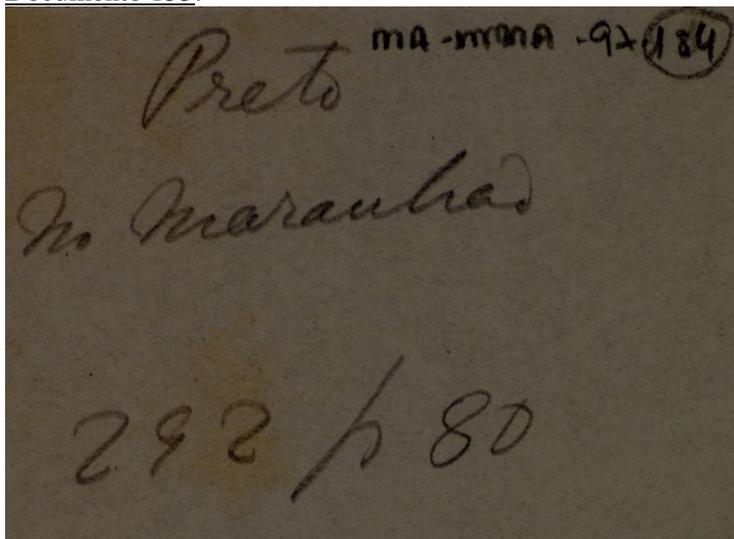
Verificação:

BPG: nº 270: PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*:ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Duprat - Mayença, 1928. (BMA- F/I/c/22)

duras, com aves e cães de raça”. A sociedade vivia em íntima mistura com mouros e negros, uns forros, outros escravizados. O trabalho servil dos escravos da África sustentava a agricultura, mas a escravidão minava o organismo social, como em toda a parte onde existiu. Os senhores favoreciam os ajuntamentos para augmentarem o numero de crias; os filhos de escravos até a terceira ou quarta geração, embora baptisados, eram marcados na cara com um ferro em brasa para se venderem; o castigo mais commum era queimal-os com tições accesos, ou com cera, toucinho ou outras materias derretidas...

Nesse aviltamento e nesses horrores começou a desaparecer o portuguez heroico do seculo XV, “fragueiro, abstemio, de imaginação ardente, propenso ao mysticismo”, que creara o typo perfeito do homem aventureiro, audacioso e sonhador, livre, sem rebuços nem euphemismos de linguagem, como imaginamos os que pintou Nuno Gonçalves no retabulo de São Vi-

Documento 153:



Notação:

MA- MMA 97- 184

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.184.

Transcrição:

Preto/ No Maranhão/ 292 p 80

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [História]

Verificação:

BPG: nº 292: LOPES, Raimundo. *O torrão maranhense*. Rio de Janeiro: typ. Do Jornal do Comércio, 1916. (BMA- F/I/d/44)

e da dedicação dos principais auxiliares, este serviço aqui não conseguiu o que, aliás, parece irrealizável, a conciliação permanente.

A raça negra, introduzida na antiga capitania desde meados do século XVII, desenvolveu-se bastante no Maranhão, onde a sua quantidade só é proporcionalmente inferior á que se nota na Baía e no Rio de Janeiro.

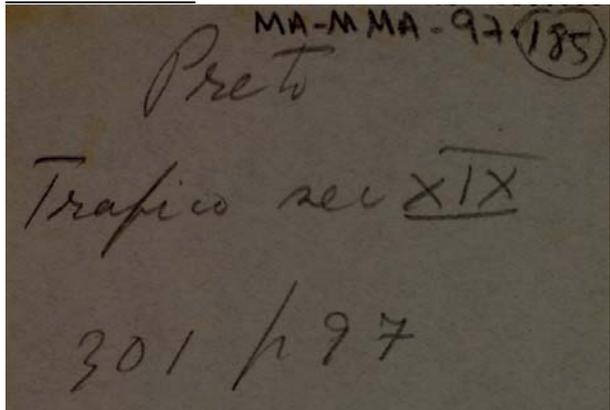
A escravidão, no Maranhão, imperou sobretudo nos campos-baixos e na capital, sendo os negros do interior ocupados na industria do assúcar e os da capital em trabalhos domesticos, serviços manuais de toda sorte, etc.

Foi uma das provincias onde mais se desenvolveram os quilombos. A grande mata estava perto, e os pretos fujidos se homiziavam frequentemente nela, formando cabildas e ás vezes batendo os arredores, em reprezalias aos escravocratas. Foram as mais notaveis as que se formaram, respectivamente na zona de Viana e na do Codó, esta ultima pelos tempos da Balaiada, que tambem aliciou muitos negros (ás ordens do lendario e funambulêscio senhor Dom Cosme Bento das Chagas, "tutor e imperador das liberdades *bemtevis*". . .)

No Maranhão, como noutras terras onde o continjente negro foi numerozo, apareceram as confrarias fetichistas das *Pretas Minas*, que se explicam pela conservação dos costumes e superstições africanas, por um certo numero de negros vindos em liberdade, da costa da *Mina* (Costa d'Ouro e Daoméi). (1).

(1) Elisée Reclus.

Documento 154:



Notação:

MA-MMA-97-185

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.185.

Transcrição:

Preto/ Trafico sec XIX/ 301 p 97

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 301: SILVA, Ignacio Accioli de Cerqueira e. *Informação ou descrição topográfica e política do Rio de S. Francisco*. Rio de Janeiro: Typographia Franceza de Frederico Arevedson, 1860. (BMA- E/I/c/40).

P. 97:

"Segunda classe: Das causas provenientes da falta de facilidades"

Nota MA a grafite:

1. traço à margem do trecho:

"Eu não falarei das arqueações dos navios empregados no trato dos negros, pelas quais as leis procuravam prevenir a crueldade de trazerem maior número de escravos do que neles podiam acomodar-se que é mera formalidade, para se vencerem os salários da diligência, como tantas outras cautelas de velha e nova invenção, que se reduzem a dinheiro extorquido por esta, ou aquela forma. Os traficantes de carne humana trazem quantos querem. Se a arqueação feita na Bahia lhes não agrada, pedem outra em Benguela, ou em Angola, que é sempre mais apertada para os míseros cativos.

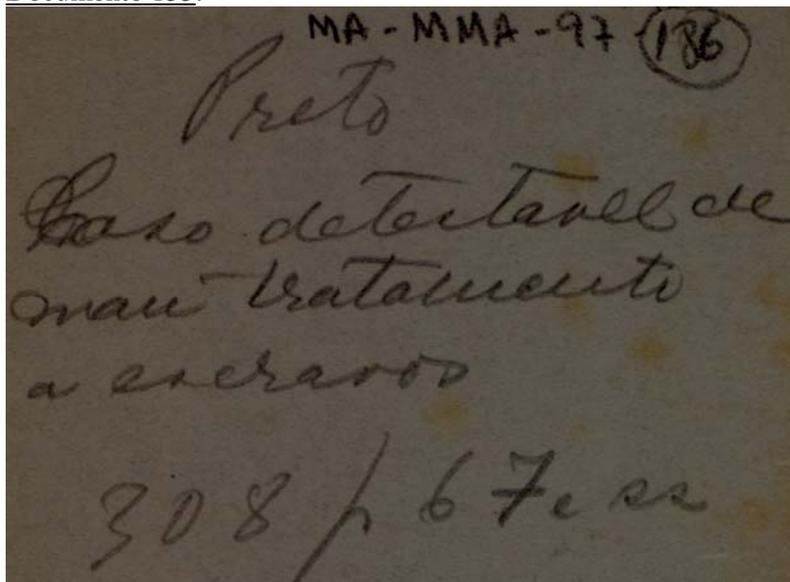
Ainda outro dia entrou, vinda de Angola, com 216 mortos na viagem, fora os que faleceram depois da entrada: (fatos estes que assás justifica o nosso mestre J.B. Say, quando no livro I, cap. 28 compara estas viagens a do Averno, que conduz aos infernos). Toda a atenção do governo se tem fixado nos capelões dos navios, em favor dos quais temos muitas providências: nenhuma porém vejo eficaz em favor da saúde dos miseráveis negros."

2. cruzeta à margem do trecho:

"Se em lugar destes nós atraíssemos os chinas, e índios orientais, como já fizemos em outro tempo, e fazem atualmente os ingleses,"

3. grifo em "chinas".

Documento 155:



MA-MMA-97 (186)
Preto
Caso detectavel de
mau tratamento
a escravos
308 p 67 e ss

Notação:

MA-MMA-97-186

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.186.

Transcrição:

Preto/ Caso detectavel de/ mau tratamento/ a escravos/ 308 p 67 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

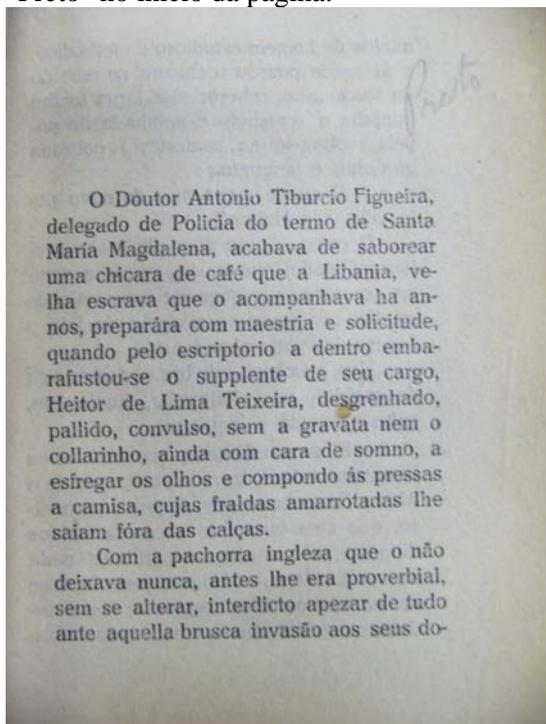
BPG: nº 308: LARANJEIRA, Joaquim. *A pequena história*. Rio de Janeiro: Graphica Excelsior, 1931. (BMA- C/II/ f/79)

P. 67-79:

"Um levante de escravos"

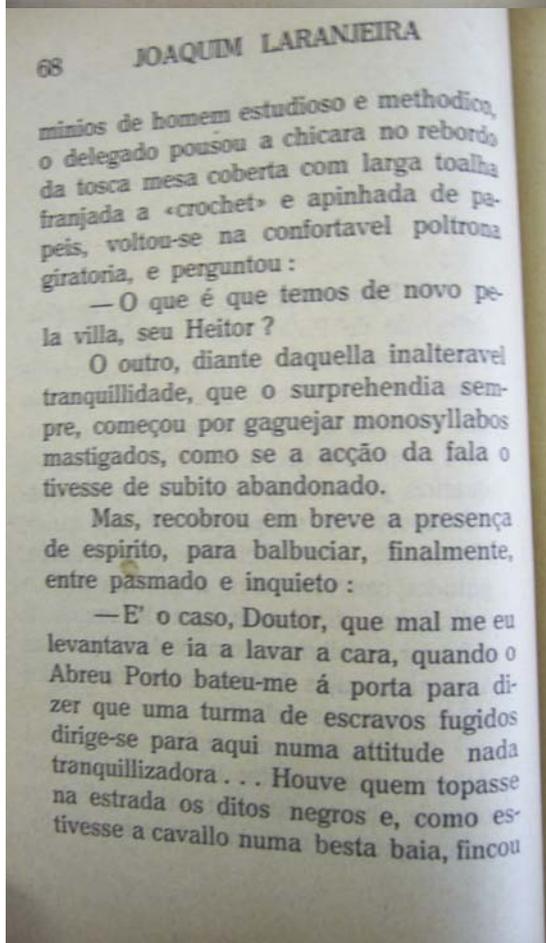
Nota MA a grafite:

"Preto" no início da página.



O Doutor Antonio Tiburcio Figueira, delegado de Policia do termo de Santa Maria Magdalena, acabava de saborear uma chicara de café que a Libania, velha escrava que o acompanhava ha annos, preparára com maestria e solici-tude, quando pelo escriptorio a dentro emba-rafustou-se o supplente de seu cargo, Heitor de Lima Teixeira, desgrehado, pallido, convulso, sem a gravata nem o collarinho, ainda com cara de somno, a esfregar os olhos e compondo ás pressas a camisa, cujas fraldas amarrotadas lhe saiam fóra das calças.

Com a pachorra ingleza que o não deixava nunca, antes lhe era proverbial, sem se alterar, interdicto apesar de tudo ante aquella brusca invasão aos seus do-



68 JOAQUIM LARANJEIRA

minios de homem estudioso e methodico, o delegado pousou a chicara no rebordo da tosca mesa coberta com larga toalha franjada a «crochet» e apinhada de pa-peis, voltou-se na confortavel poltrona giratoria, e perguntou :

— O que é que temos de novo pe-la villa, seu Heitor ?

O outro, diante daquella inalteravel tranquillidade, que o surprehendia sem-pre, começou por gaguejar monosyllabos mastigados, como se a acção da fala o tivesse de subito abandonado.

Mas, recobrou em breve a presença de espirito, para balbuciar, finalmente, entre pasmado e inquieto :

— E' o caso, Doutor, que mal me eu levantava e ia a lavar a cara, quando o Abreu Porto bateu-me á porta para di-zer que uma turma de escravos fugidos dirige-se para aqui numa attitude nada tranquillizadora . . . Houve quem topasse na estrada os ditos negros e, como es-tivesse a cavallo numa besta baia, fincou

nesta as rosetas, trouxe a noticia e lh'a deu, a elle Porto, talvez com anticipação de algumas horas á chegada aqui da leva indisciplinada.

— O Abreu Porto foi quem lhe despertou para dizer isto, seu Heitor? — interrompeu o delegado já um tanto interessado e levantando-se a meio.

— Sim, senhor . . . o Abreu Porto . . . Estava elle na venda do Cotts, a iniciar a aferição dos pesos desse negociante, quando entrou o tal cavalleiro e fel-o sciente de quanto acabo de transmittir ao senhor . . . Então, como passasse lá por casa, teve elle a boa lembrança de prevenir-me para que, como é natural e sensato, tomassemos nós autoridades as providencias que o caso exige.

O delegado impacientava-se com essa torrente de palavras, que promettia não ter fim. E vendo que, naquelle andar, o supplente não saíria dos pormenores, tão desnecessarios como innocuos na occasião, tornou, atalhando-o :

— Mas, vamos ao principal, seu Heitor, isto é, ao que nos pode interessar no momento : alguns escravos fugitivos, diz o senhor, encaminham-se aqui para a villa, ignora-se com que intenções. E' bem isto, seu Heitor?

— Justamente . . . Mas, o bando não é pequeno ! Traz mais de cincoenta homens, sem duvida nenhuma . . . e todos munidos de cacetes, alguns de facas e punhaes . . . Parece que até armas de fogo trazem uns seis ou oito . . .

— Pois então, toca a andar; vamos já a saber do que se trata . . . Mas, em primeiro lugar — desculpe a franqueza — volte o senhor á casa e componha-se, porque uma autoridade em mangas de camisa não inspira respeito e muito menos confiança . . .

Pigarreou, fez uma pausa e tornou :

— Não lhe parece isto mesmo ?

Vermelho como um camarão, deu o supplente um «até já» muito secco, meio despeitado, e saiu.

* * *

Município riquíssimo, onde a lavoura de café florescia e empregava braços e braços, Santa Maria Magdalena contava então (era a 2 de Abril de 1883) cerca de treze mil escravos, disseminados nas propriedades agrícolas das tres freguezias que o compunham.

O facto duma leva de negros armados — mais de cincoenta, segundo apurára a autoridade — dirigir-se á villa-séde não era mesmo para tranquillizar; muito ao contrario. Que pretenderia a negrada? Assaltar, roubar, depredar, e por-se em seguida ao fresco, formando algum quilombo que obrigasse a agir, numa luta de que ninguem podia prever as consequencias, os poderes publicos do Município e mesmo os da Provincia?

Quem saberia dizel-o?

O Doutor Antonio Tiburcio Figueira apromptou-se num instante. Apanhou do cabide o chapéo de lebre cor de cinza e

a grossa bengala de orelha d'onça, com castão de ouro, que lhe eram não só inseparaveis companheiros de diligencia como complementos da personalidade.

Ia a sair, quando á porta encontrou já composto e á sua espera o activo suplente e dedicado auxiliar.

Comsigo, trazia o Heitor dois posantes soldados do destacamento.

— Vae sair, Doutor?

— Perfeitamente. Para apurar a procedencia da noticia que o senhor mesmo me trouxe ha pouco, seu Heitor.

Tirou da algibeira do collete de fustão branco um veneravel relógio de prata e verificou as horas.

Faltavam dez para as sete.

Então o suplente, chamando-o de parte, quasi a arrastal-o pela golla do casaco, suggeriu em segredo:

— Eu cá achava melhor o Doutor não sair agora... Os negros estão, provavelmente, a chegar. O senhor ficaria em casa, como se de nada soubesse, e eu

mais estes dois camaradas, (indicou num rapido volver d'olhos as praças que o esperavam á distancia) com o auxilio dos paisanos que intimarei, estariamos preparados para a occasião . . .

— Mas, seu Heitor, havemos de esperar mais o quê?! E se a negrada vir penetrando na villa, a saquear vendas, amedrontando o povo, pintando o diabo? Cincoenta homens . . .

— Nada! Não são tantos . . .

— Não são cincoenta?!

— Não, senhor.

— Entretanto, estou bem certo de ter sido este o numero exacto que o senhor deu, não ha muito . . .

— Não contesto, Doutor. Estava enganado, porem. Informei-me melhor. São apenas uns vinte e vêm, segundo consta, pedir providencias contra máos tratos do senhor . . . Coisa de pouca monta, que a gente liquida sem alarde.

Isto dizendo, combinou com o delegado o seu plano de acção.

O Doutor Figueira entrou novamente em casa, enfiando-se no pyjama.

Instantes depois, apparentando absoluto alheamento, debruçou-se á janella.

A esse tempo já o supplente e os dois soldados se haviam retirado.

* * *

A's oito da manhã os escravos, que tanto preocupavam a autoridade, entravam pacificamente na villa.

Vinte e tres ao todo.

Não traziam armas para lutar.

Sómente alguns dos mais velhos vinham apoiados a toscos bordões.

Ao atravessarem a rua principal do povoado transeuntes olhavam-n'os com espanto e garotos seguiam-n'os de longe.

Dirigiram-se á casa do delegado e, vendo-o á janella, fizeram alto.

Então o que denotava ser o mais idoso do grupo, de cabeça descoberta, humilde, adiantou-se dois passos:

— Bença, sinhô.

E logo disse ao que vinham.

Eram muito maltratados pelo senhor e, no intuito de evitar algum desacato por parte dos mais exaltados, pediam a intervenção pacífica da autoridade.

— Entra, entra . . . Entrem vocês todos . . . Cá dentro de casa a gente se explica melhor, pois não?

Mandou abrir a porta, e os negros, acanhados mas confiantes, entraram.

Dentro, o mesmo que anteriormente tomára a palavra, detalhou os motivos de sua supplica. Assim:

Eram escravos de Secundino José Gonçalves Fontes, homem citado no Município pelas atrocidades que infligia aos seus negros. Sofriam tormentos incriveis e, por não mais poder supportal-os, pediam que «seu Dotô» intercedesse por elles, a ver se sua situação melhorava, sem lhes ser preciso tomar alguma resolução desesperada, extrema. Era só o que pretendiam. Mais nada . . . Não eram

negros fugidos, como se propalava já, e voltariam ao senhor, apenas com um bilhete do delegado, para acalmar as iras de Secundino, aconselhando-o, do mesmo passo, a ser mais humano.

— Vou pensar nisto, ripostou o Doutor Antonio Tiburcio Figueira. Sentem-se vocês todos, ahí mesmo no chão. E esperem um pouquinho. Vou mandar-lhes de almoçar, que andaram bastante e devem estar mortos de fome, hein?

* * *

Foi para o interior da casa, mandou pelos fundos, por um molecote, um recado ao supplente — o Heitor — e ordenou á cosinheira que abreviasse o almoço. Depois saiu.

Em pouco os pobres pretos (que fiados na humanidade alheia vinham pedir allivio ás suas penas) eram copiosamente servidos no quintal, em marmittas onde a carne-secca assada, ao lado do angú de

milho e dum feijão bispado, deitava aromas a que não estavam habituados.

Comiam de verdade!

E bebiam, que a autoridade, tambem neste particular, fêra generosa, mandando que lhes dessem quanta aguardente suportassem os seus estomagos.

O Doutor Tiburcio queria, nem mais nem menos, embebedar o bando!

O plano gizado pelo seu supplente começava a executar-se.

Os negros, todavia, de nada mais desconfiavam; seus olhos viam apenas o appetitoso almoço e a bocca, nos intervallos da mastigação, só falava louvando a bondade do delegado.

* * *

Minutos depois, quando os escravos, confiantes, findo o repasto, digeriam-no, uns semi-embriagados, a maior parte caída de todo, uma scena selvagem, barbara, monstruosa, desenrolou-se ali, lembrando

aos que a assistissem de parte a captura dos africanos, para o trafico, nos vastos areiaes de suas plagas nativas.

Esta scena revoltante occorrida sem o menor protesto, circumdada, pelo contrario, de commentarios elogiosos para os seus organizadores, vem assim narrada no "Echo da Magdalena" de 5 de Abril daquelle anno de 1883:

"... a autoridade, depois de ouvir os escravos, mandou lhes dar almoço, e, auxiliado pelo supplente do subdelegado Sr. Heitor de Lima Teixeira, fel-os amarrar por praças do destacamento e por paisanos que para isso foram intimados, e os remetteu a seu senhor, escoltados ainda por paisanos e por praças.

"Estes escravos eram todos do sexo masculino que estavam na fazenda da residencia do Sr. Secundino.

"Foi uma grave manifestação que deve servir de aviso ao Exmo. Dr. Chefe de Policia para que mantenha aqui um destacamento capaz de manter a ordem

neste município que conta cerca de 13.000 escravos, e está tão isolado de lugares d'onde possam vir recursos de força.

«Ainda bem que a energia com que se houve o Sr. Dr. Delegado de Policia será motivo para que não se reproduzam semelhantes insubordinações.»

* * *

Assegura a tradição que, ao passar pela rua Direita a lugubre caravana dos negros amarrados, o suplente Heitor de Lima Teixeira enaltecia o seu acto, que elle denominava «plano strategico», dizendo para o aferidor da Camara, Antonio Joaquim de Abreu Porto, a quem devia os primeiros informes:

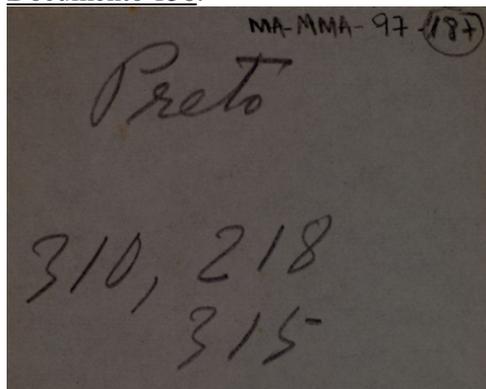
— Agora vão p'r'o tronco, p'ra não serem bestas . . . Bem feito, cambada!

E' de crêr que o outro tivesse apoiado a' phrase cortante e incisiva . . .

Nota da pesquisa:

A localização da nota "Preto", no início do capítulo, indica provavelmente a importância de toda a história relatada, por isso o fac-símile das p. 67 a 79.

Documento 156:



Notação:

MA- MMA 97- 187

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.187.

Transcrição:

Preto/ 310, 218/315

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 310: BOMFIM, Manuel. *O Brazil na História*: deturpação das tradições, degradação política. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1931. (BMA-F/I/c/34)

P. 218:

VI - O caráter brasileiro.

41° A tranquila bondade

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

(1) O Brazil na América p. 30

P. 315:

"VIII - Degradação da atividade portuguesa.

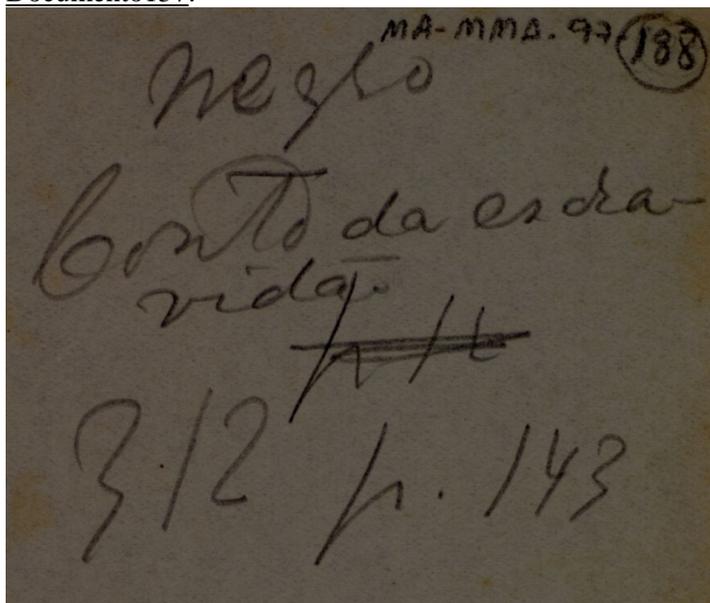
"61° Coração degenerados."

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"A avidez em que, desde logo, se transformou o ânimo condutor das aventuras portuguesas, fez que a depravação degenerativa se manifestasse nos próprios sentimentos de humanidade, e não tardou que a gula fosse ímpeto de ferocidade: cortavam os dedos e as orelhas às vítimas ainda vivas, para mais depressa arrecadarem os brincos e anéis. E, reduzidos a negreiros, o coração se lhes emperdeniu, degradando-se-lhes os sentimentos, convertidos, os ânimos mais fortes, em covardes torturadores. A pintura que o nosso Castro Alves deixou, no seu Navio Negreiro, ainda não é completa . Nem mesmo a descrição do Dr. Cliffe, que verificou pessoalmente os crimes das suas indústrias. O horror dos sofrimentos absorve as atenções nas vítimas, e esquecemos a hediondez do traficante, que se tornou o tipo, por excelência feroz, devasso, sem vislumbre, sequer dos instintos mais inerentes à natureza humana."

Documento157:



Notação:

MA- MMA 97- 188

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, supressão a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 188.

Transcrição:

Negro/ conto da esca-/vidão/ p-14 312 p 143

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 312: SILVEIRA, Valdomiro. *Nas serras e nas furnas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional,s.d.

P. 143:

"Negros fugídios"

Nota MA a grafite:

"Negro" à margem do título do capítulo.

Nota da pesquisa:

P. 146:

"Negros fugidos"

Nota MA a grafite:

grifo em "Quem tem medo de mandinga não carrega patuá".

Ao anotar "Negro" ao lado do título, MA aponta, provavelmente, para a importância de todo o capítulo. Segue fac-símile correspondente.

NEGROS FUGIDOS *(negro)*

Ao clarear, enroladas as trouxas, reuniram-se os negros na soqueira de bambús: cada um com sua manguára de piuva ou de peróbinha e sua faca á cintura, estavam promptos para a fugida, e iam pôr o peito no mundo. Mas o Hilarião, o mais velho de todos, não apparecia: por mais que o buscassem pelas senzalas, tempo esquecido, ninguem o poudo achar. A falta do feitor, que era o tapijára do sertão e o acocorador de todos, quando o senhor andava longe do cito, desanimava a alguns, a outros irritava.

O João Bahiano, afinal, ergueu o chapéo de couro de cima dos olhos para o alto da cabeça, tirou de entre os dentes o

pedaço de fumo que estava mascando, limpou da garganta um pigarro grudento, deu o seu voto:

— Home', sabe duma coisa? Deixemo' de chove-não-chove, que o dia abre logo: dês que o Larião suverteu e não quer mesmo ser da tropa, é só arvorar ahi um parceiro bem estourado, que seja o cabeça, e nós tudo' enveréda p'r esses cordões de serra!

O silencio, em que foi ouvido, era de approvação. Ninguem, no emtanto, se animava a levar a bandeira de canhambóras para as incertezas do mundo largo... Foi preciso que um retinto muito pararáca, o Agostinho, magricéla e estabanado, começasse a dar coragem á companhia; fitou neste e naquelle, rapidamente, os olhos agudos de caxinguêlé que vai romper na carreira:

— Uiai! Vocês parece que de repente perderam a cócha, e'tão arrependidos! Antão vocês querem mesmo continuar a ser resto de bacalhau e burrada de carga? Vocês 'tão resolvidos a aturar esta vida de puro traste de branco? Serve, p'ra vocês, andar c'um parêlho de algodão-ganga no rigor das friage's, sem uma ja-

pona 'o menos ; mal comido tudo o dia, a poder de feijão paã e angú encarogado ; mal drumido tuda a noite, numa esteira de piri c'uma cuberta rala ? Serve ? Pois si serve, fiquem com Deus, que eu abro o pala, tão certo como esta minhã que ei' vem vindo !

Entre-olharam-se os negros, então : e houve tamanha duvida naquelle olhar, tão amarga duvida, que mais de um atirou ao chão as trapizongas e se poz de costas, entregue, a reparar distraidamente nas flechas ensanguentadas de luz que começavam a varar o céu, vindas do fundos dos morros.

Outros procuravam sentar-se nas reboleiras de sapé, amassavam-nas, sentavam-se. E alguns, mais desconfiados, agachavam-se no meio das moitas, espreitando o sobrado da fazenda.

— Quarenta e dois, não é ? Antão farta só o Larião ? E' pena, c'os diabos ! principalmente porque elle conhece isso tudo palmo a palmo ! Mas comtanto que, p'r amor de o Larião, não é que nós havemo' de aguentar esta inferneira mais ! Eu tópo de ser o gunga-muquixe de vocês

na tiração do cipó : querem seguir a minha palavra ?

Soaram vozes de lado a lado, nas touceiras de bambú, no sapé, no limpo da tapéra :

— Queremo' !

— A' vista dos autos, eu fino o pé na estrada e vocês cobre' o meu rasto ; depois entramo' no mato, cortamo' p'r este rumo das dereitas, e bamo' arrebentar nos arredores da cidade, ansim que for beirando a noite. Diz que tem um 'bulicionista que dá couto p'r'a gente, perfico mesmo da cidade, e por riba de tudo inda ensina o resto do caminho p'r'a fugição. Olhe, meu povo : vocês aquerdite' em mim, que eu aquerdito em Deus : e atoremo' ! A negrada 'tá largando as fazendas : nós não é que havemo' de ser mais pamonhas que os outros ! Riscamo' ! Quem tem medo de mandinga não carrega patuá...

Algun do bando tinha uma garrucha, outro um pala grosso, dos que a bala não vence, garrucha e pala apanhados, talvez, de qualquer morto desconhecido das cercanias : e a arma de fogo e a coberta de defesa passaram para as mãos do João Bahiano, que tomou a deanteira da fuga.

Antes, porém, de se fazer a caminho, lembrou aos companheiros :

— Eu achava que nós devia' de fazer uma vórta e passar no açude, em lembrança do pobre do Lourenço, que não poudé mais comsigo, de desespero !

O Lourenço, na última nova, fôra atirar-se ao açude, alta noite, quando o administrador mandou soltar-o do tronco. E desde então, cada vez que por lá passavam, os negros faziam o signal da cruz, resavam um padre-nosso por tenção do afogado, e não voltavam o rosto para trás...

A' beira do açude, porém, encostado numa raiz de figueira branca, o Hilarião pitava o seu pango quietamente : a fumaça do grosso cachimbo era esverdeada e espessa, fazia arder os olhos, subia para o céu num grande rolo. Vendo chegar os outros, não se admirou nem disse nada : continuou a chupar o boccal do cachimbo, aspirando de rijo a fumaça, até que o último foguinho de folha se apagou, e o barro preto do bojo appareceu, alliviado das cinzas quasi brancas. Depois, abrindo muito a bocca, arregalando os olhos e batendo com a mão direita no ventre empipado, foi deitando fôra toda a fumaça,

vagarosamente, entre arquejos prolongados. E acabou de pitar :

— Vocês, 'tão na mesma, rapaziada ?

Não houve quem não respondesse :

— 'tamo' !

Elle contemplou-os a todos, com amor e saudade. Levantou-se, pondo a mão num pasmado de porteira antiga e attentando, por instantes, nas aguas do açude :

— E' ! Antes ansim ! Quem sabe lá si cada um de vocês, c'a tyrannia do 'dministrador, não havéra de campear o urtimo sossego do Lourenço ? Antão é mexer, que o dia 'tá de pé ! Deus ha de olhar por vocês !

O João Bahiano convidou-o :

— Pois bamo', nós semo' seus !

— Não, eu não vou. Lá no sobrado tem aquelle sinhô-moço, que eu vi nascer, que embalei nos meus braços, que mamou o leite da minha defunta companheira, e inté drumiu na minha tabôa ! Elle agora 'tá bem taludo, 'tá muito estudado e placiano, inté nem olha p'r'o negro velho, mas porém eu não tenho peito de fugir delle : eu sou um cacumbú que ha de ser enterrado nargum fundo de piçarra da

fazenda mesmo : eu não vou. Vocês é que saíam depressa, e vão com Deus !

Estendeu a mão a cada um dos canhambrás : e a sua mão callejada e craquenta, ao receber as alheias, começou a tremer como a de uma criança amedrontada :

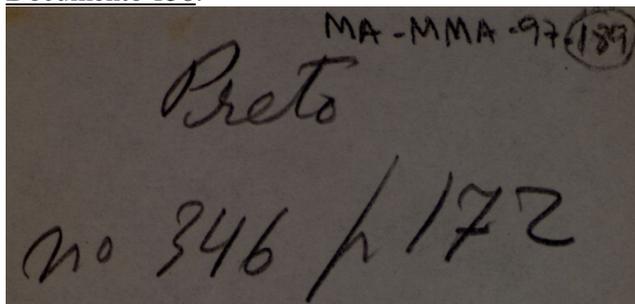
— Vocês vão, que eu não vou !

Afastaram-se d'elle, entraram no carreadouro, depois na estrada. Iam entrar no mato, voltaram-se :

— Inté um dia, Larião !

Mas já não pode vel-os : tinha os olhos rasos de agua. E foi errando o trilho, enchendo-se de espinhos de juá e de picão, dando topadas pelos estrépes e cai-caindo, que o Hilarião chegou á porta da senzala e se sentou na soleira, sózinho, enquanto as janellas do sobrado ainda estavam fechadas e não parára de correr pelo céo, em flechas de luz, o sangue vivo da madrugada.

Documento 158:



Notação:

MA-MMA-97-189

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.189.

Transcrição:

Preto/ nº 346 p 172

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 346: CARVALHO, José. *O matuto cearense e o caboclo do Pará*: contribuição ao folk-lore nacional. Belém: Oficinas Graphics Jornal de Belém, 1930. (BMA - E/I/h/34)

P. 172:

"José Marrocos"

Nota MA a grafite:

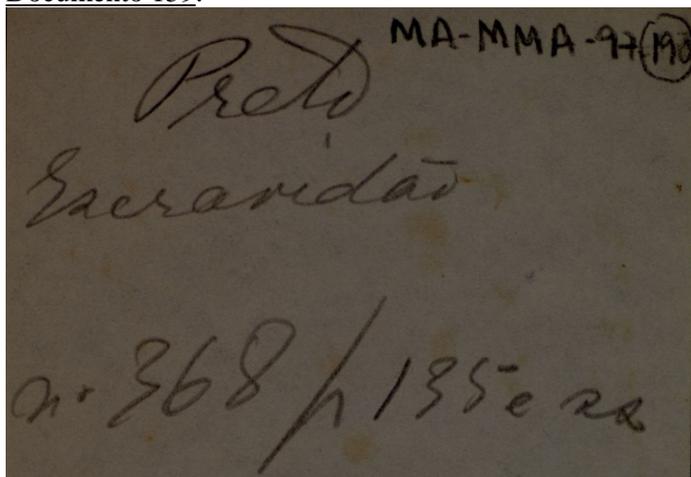
"Preto" e traço à margem do trecho:

"Foi ele, também, como tantos outros daquela companhia, um "ladrão" de escravos.

Mas, disse-me ele uma vez:

- Negro não é gente!"

Documento 159:



Notação:

MA-MMA-97-190

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.190.

Transcrição:

Preto/Escravidão/ n° 368 p 135 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: n° 368: REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: Adersen- editores, 1932. (BMA- C/II/f/122)

Deus. Elles nasceram assim porque Deus quizera e porque Deus quizera nós eramos brancos e mandavamos nelles. Mandavamos tambem nos bois, nos burros, nos mattos.

* * *

O meu avô costumava á noite, depois da ceia, conversar para a mesa toda, calada. Contava historias de parentes e de antigos, dando dos factos os mais pittorescos detalhes.

— Isto se deu antes do colera de 48 ou depois do colera de 56.

Eram os sinistros marcos de suas referencia. O seu grande motivo era, porém, a escravidão.

— Tio Leitão dava nos negros como em bestas de almanjarra. Tinha uma escravatura pequena: um negro só para mestre de assucar, purgador, pé de moenda.

— O Major Ursulino de Goyana fizera a casa de purgar no alto, para ver os negros subindo a ladeira com a caçamba de mel quente na cabeça. E tombavam canna com a corrente tinindo nos pés. Uma vez um negro dos Picos chegou na casa-grande do Major, todo

de bota e de gravata. Vinha conversar com o senhor de engenho. Subiu as escadas do sobrado offerecendo cigarros. Estava ali para prevenir das destruições que o gado do engenho fizera na canna dos Picos. Elle era o feitor de lá. O seu senhor pedira para levar este recado. O Major calou-se, afrontado. Mandou comprar o negro no outro engenho. Mas o negro só tinha uma banda escrava. Pertencendo a duas pessoas numa partilha, um dos herdeiros libertara a sua parte. Então o Major comprou a metade do escravo. E trouxe o atrevido para a sua bagaceira. E mandou chicoteá-lo no carro, a cipó de couro crú, sómente do lado que lhe pertencia.

Esta historia do Banda-fôrra, o meu avô contava para mostrar a ruindade do velho Ursulino. Era raro o senhor de engenho de coração duro para os escravos. Os delle vestiam e comiam com fartura.

— Negro só mesmo com barriga cheia. Era verdade que havia alguns que pediam cipó de boi. Ali mesmo no Santa Rosa, uma escrava botara uma herva venenosa no caldeirão de comida da escravatura. Quase que morria tudo de dor de barriga. Tinha-se inimizado com uma creoula por causa de um ne-

gro e queria matar o resto. Os jornaes, na abolição, falavam de senhores de engenho que matavam negros de relho. Ninguem hoje mata boi de macaca. Queria-se o negro gordo para o trabalho e a revenda. Não se ia botar fóra um conto nem dois de réis. Aqui comiam de estragar e na varzea, só Ursulino botava negro na corrente. Tambem a escravatura d'elle era uma desgraça. Quem tinha o seu negro fujão, vendia pro oito do Itapuá. Mandavam-se escravos para o Ursulino como hoje se bota menino na marinha — para amansar. E a gente do Partido Liberal botou o nome em Ursulino de “barão do couro-crú”. Quando veio o 13 de maio, fizeram um côco no terreiro até alta noite. Ninguem dormiu no engenho, com o zabumba batendo. Levantei-me de madrugada, para ver o gado sair para o pastoreador e me encontrei com a negrada, de enxada no hombro; iam para o oito e aqui ficaram commigo. Não me saiu do engenho um negro só. Para esta gente pobre, a abolição não serviu de nada. Vivem hoje comendo farinha secca e trabalhando a dia. O que ganham nem dá para o bacalhau. Os meus negros enchiam a barriga com angú de milho e ceará e não andavam nós como hoje, com os tróços apparecendo.

Só vim ganhar dinheiro em assucar, com a abolição. Tudo o que fazia era para comprar e vestir negros.

— Cabeça de Puque ensinava os meninos de Manoel Antonio do Bonito. Um dia desapareceu um dinheiro de ouro do velho. Botou-se logo pra cima do mestre. E judiaram com o homem de tal fôrma para descobrir o roubo, que o deixaram pra morrer. Dias depois prenderam um pedreiro em Itaíbaiana, trocando dinheiro de ouro na feira. Então tudo ficou descoberto. O pedreiro trabalhava retelhando o sobrado do Bonito, quando viu o velho Manoel Antonio botando um saquinho debaixo duma gallinha chóca, deitada. Era ali a burra do engenho. E por causa desta surra em Cabeça de Puque o senhor de engenho andou pelos matos até o Partido Conservador subir.

— Dom Pedro chegou no Pilar uma tarde. Ninguém esperava por elle. A casa da Camara estava fechada. Era certo que estaria na villa no outro dia, mas o imperador só andava correndo, cançando os cavallos. Quando a cavallhada entrou na rua grande, o povo todo correu para ver. Dom Pedro parou de frente da casa da Camara. Vieram abrir. Tio Henrique, vereador, tremia de medo.

Documento 160:

MA-MMA-97-191
Preto Preto
Que a promiscuidade
dos pretos no sec XVI já
era grande em Portugal
se pode imaginar por este
passo de Venturino (apud
nº 389, II, p. 283): Os escravos
são considerados e tratados
como as raças de cavalos
na Itália, pelo mesmo mé-
todo; o que se busca é ter
muitas crias para as ven-
der a 30 a 40 escudos. Des-
tes rebanhos de mulheres
há muitos em Portugal e
nas Índias."

Notação:

MA- MMA 97- 191

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.191.

Transcrição:

Preto Preto/ Que a promiscuidade/ dos pretos no sec XVI já/ era grande em Portugal/ se pode imaginar por este/ passo de Venturino (apud/ nº 389, II, p. 283): Os escravos/ são considerados e tratados/ como as raças de cavalos/ na Itália, pelo mesmo mé-/todo. O que se busca é ter/ muitas crias para as ven-/der a 30 e a 40 escudos. Des-/tes rebanhos de mulheres/ há muitos em Portugal e/ nas Índias."

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]; [Mulher de cor]; [Africanologia/História]

Verificação:

BPG: nº 389: BRANCO. Manuel Bernardes. *Portugal e os estrangeiros*. Lisboa: Livraria de A. M. Pereira, 1879, t. II, 1879. (IEB/Yan)

P. 283:

“(1398)Venturino (João Baptista)”

VE

283

que e dos seus, chamados reis d'armas, todos os quaes tendo no meio o escanção com a copa d'ouro e com o dito jarro coberto, estavam de joelhos, como fazem sempre aquelles, que fallam com o duque, e do mesmo modo estava o escanção, tocando entre tanto os instrumentos. Repetiu-se esta mesma cerimonia, quando o legado bebeu.

As ceremonias, foram segundo o rito Romano da missa na capella ducal. A musica era estrepitosa e retumbante; o canto era de boas vozes, mas tão altas, sendo os cantores pela maior parte eunuchos, que não pareceu sonora, nem bem concertada, como talvez fôra em aposento mais vasto.

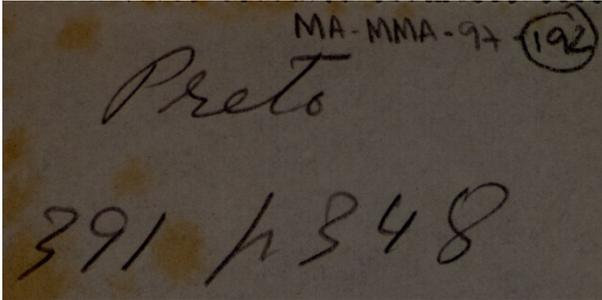
Depois da missa, voltando o legado ao seu quarto, encontrou á porta da camara ducal, esperando-o em pé, a infante D. Isabel, filha do defunto duque D. Jaime, viuva do infante D. Duarte, filho del-rei D. Manuel. Trazia um vestido preto afogado, coberta quasi toda com o manto: é de estatura alta e direita, de idade de 60 annos: ao pé d'ella estava sua filha D. Catharina, duqueza de Bragança, a qual, parecendo-lhe por ventura abatimento de sua real grandeza intitular-se duqueza, se chama a senhora Catharina. Teria de idade 29 annos. Trazia vestido de velludo preto afogado, cheio de espiguilhas galantes d'ouro, rubins e diamantes, com meias mangas, abertas ao meio com rede de oiro, cabello liso e levantado em topete como usa a rainha de Hespanha, com um rosicler de diamantes e rubins ao peito de inestimavel valor, e pulseiras e brincos de grossissimas perolas. Pegava-lhe na cauda d'uma saia de gorgorão branco que trazia por baixo, uma graciosa donzella, acompanhada d'outras dez vestidas de diversas telas, e todas do mesmo feitio com muitas joias, além de quatro donas vestidas como a infante viuva, só com a differença de não serem os veus tão compridos. Tinha ao pé de si, de um lado D. Theodosio seu filho, duque de Barcellos, de idade de quatro annos, e D. Duarte de tres, vestidos com gibões e calças de telas bordadas de prata listrada de vermelho, com cordões de oiro e perolas, estando ainda na ama o terceiro filho D. Alexandre. Do outro lado estavam as suas duas filhas D. Maria de sete annos, e D. Seraphina de seis, vestidas de razo cramezim bordado d'ouro. Feitos os cumprimentos ao legado o convidaram a sentar-se em uma cadeira de brocado de oiro, debaixo de docel, e a infante e a senhora D. Catharina no chão sobre um estrado, que ficava defronte. Conversaram algum tempo, estando as damas em pé do outro lado, e o duque assentado á esquerda do legado fallando com o patriarcha Alexandrino, e os outros prelados e gentis homens em pé no meio da sala.

Tem o duque nos seus estados grandes bancos de marmores alvissimos de veios amarellos, e d'outras especies, muitos e excellentes. A artilheria dos seus castellos é numerosa.

Os escravos são considerados e tratados como as raças de cavallos na Italia pelo mesmo methodo; o que se busca é ter muitas crias para as vender a 30 e a 40 escudos. D'estes rebanhos de mulheres ha muitos em Portugal e nas Indias.

O duque pode levantar sessenta mil homens de peleja, dando só Barcellos 13:000, afóra 6:000 cavallos.

Documento 161:



Notação:

MA-MMA-97-192

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.192.

Transcrição:

Preto/ 391 p 348

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 391: FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Shmidt Ltda, 1933.(BMA - F/II/d/22)

P. 348:

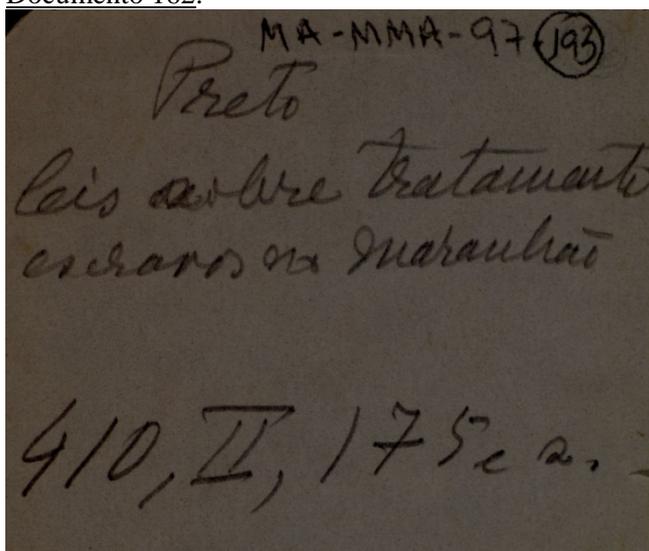
"Capítulo IV: O escravo negro na vida sexual e da família do brasileiro"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"Sempre que consideramos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não a do negro por si, que apreciamos. Ruediger Bilden pretende explicar pela influência da escravidão todos os traços de formação econômica e social do Brasil. Ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plástica social. "

Documento 162:



Notação:

MA-MMA-97-193

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 193.

Transcrição:

Preto/ Leis sobre tratamento/ escravos no Maranhão/ 410, II, 175 e s.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 410: LISBOA, João Francisco. *Obras*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiro, 1901. (BMA- E/I/d/32)

P. 175:

"Apontamentos para a história do Maranhão"

Nota MA a grafite:

1. "Preto" e traço à margem do trecho:

" - Os senhores não castiguem cruelmente seus escravos, sim com moderação, e conforme as leis, pois, já não é pouco serem os mesmos escravos privados da liberdade. Sobre este particular se deve perguntar nas devassas anuais. Os senhores que assim o fizerem são obrigados a vender os escravos a quem lhes dê bom trato (C. R. 20 mar. 1688).

- Os governadores ficam autorizados a castigar arbitrariamente os senhores que se houverem com crueldade; mas sendo o excesso grave, fará proceder contra eles sumariamente pela justiça, porém de modo que não cheguem tais procedimentos à notícia dos escravos, e não tomem eles dali casos para se insubordinarem... Ao bispo se tem recomendado que vigie pelos escravos, e denuncie aos governadores os excessos que se usarem com eles, que sobre contrários às leis régias, o são também a caridade cristã (C. R. 23 mar. 1688).

- Ficam revogadas as duas leis anteriores, de que não resultaram perturbações entre senhores e escravos. Acerca dos que castigam os seus cruelmente, observem-se somente

as leis gerais, fazendo-se entender isto mesmo aos escravos por algum ato positivo, com que se desenganem das ilusões em que por ventura estiverem (C. R. 23 fev. 1689).

- O governador dê providências para que os senhores não deixem morrer os escravos sem os últimos sacramentos, como tantas vezes acontece, ou por desumanidade dos mesmos senhores, ou por avareza dos párocos que exigem, pelos administrar, conhecenças exorbitantes (C. R. 17 mar. 1663).

- O governador do Estado do Maranhão proponha o orçamento, assim da fábrica de um hospital para os índios, como dos seu custeio anual, afim de evitar-se que pereçam quase todos os que costumam vir nos descimentos à míngua de tratamento, como ordinariamente acontece (C. R. 20 out. 1690).

- Se os índios fugirem de seus senhores para as aldeias, o governador e o ouvidor examinarão se são escravos, em voz, sem figura nem estrépito de juízo, e o que se assentar, será executado. Havendo nesta matéria dúvidas que respeitem ao espiritual, serão decididas com parecer da junta das missões (C. R. 11 jan. 1701).

- Os senhores deem o sábado livre aos escravos para poderem procurar o seu sustento (C. R. 31 jan. 1701).

- Já que os senhores preferem dar sustento aos escravos para o dia, e com que se cubram à noite, em vez de mais um dia livre na semana, faça o governador cumprir fielmente este acordo, castigando condignamente os senhores que faltarem a ele (C. R. 4 jul. 1709)

- Porquanto as escravas costumam sair à noite com adornos a excitar a lascívia dos homens, do que se seguem muitas ofensas a Deus, proíbam o governador que elas trajem sedas, e usem adornos de ouro, e outros semelhantes com que procuram tornarem-se mais atrativas (C. R. 3 set. 1709)

- Aprovando o assento que o provedor dos defuntos do reino de Angola fez com o governador do bispado e oficiais do juízo para se por um carimbo ou marca nos escravos do mesmo juízo (Prov. 3 abr. 1720).

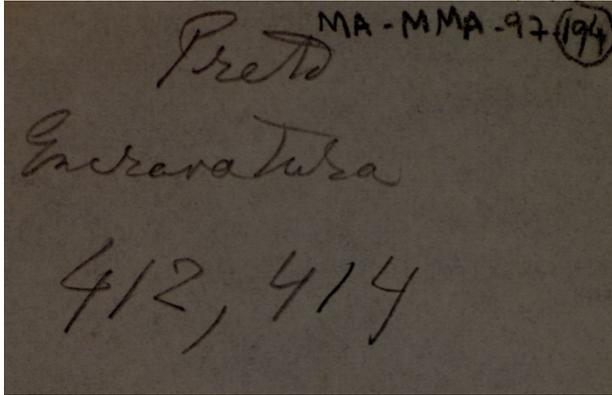
- Ao provedor dos defuntos do Rio de Janeiro, sobre a arrecadação de uma herança, determinando que se os escravos não forem precisos para a cultura dos bens de raiz, sejam logo vendidos em praça, porque são fôlegos vivos, que podem faltar (Prov. 23 dez. 1727)

- Como os negros fugidos que vivem em quilombos, e se chamam vulgarmente callambolas, são usados a cometer muitos crimes, logo que forem apreendidos nos quilombos, se lhes imprima a marca F com um ferro em brasa que para isso haverá nas camaras. E se na ocasião de executar-se esta pena, for o escravo já achado com a marca sobredita, se lhe cortará uma orelha, procedendo-se em tudo por simples mandado de juiz de fora, ou do ordinário da terra, ou do ouvidor da comarca, sem processo algum, e só pela notoriedade do fato, logo que o escravo for trazido do quilombo, e ainda antes de entrar para a cadeia (Alv. 3 mar. 1741)

- Em vereação de 3 de novembro de 1686 acordou a câmara de S. Luiz que ninguém consentisse em seus quintais poracés do gentio da terra, e bailes de tapanhunos, salvo em tempo de festa e de dia; e por bando publicado em 1740 por ordem do governador – que nenhum escravo, quer de Guiné, quer do gentio da terra, e bem assim criolos, mamelucos, mulatos, cafuzes, andem com armas de defesa, cacetes, e violas, sob pena de três dias de prisão e cinquenta açoites por dia. Aos brancos encontrados nas suas súcias e desordens – quinze dias de prisão.

2. duas cruzetas à margem das palavras grifadas: “poracés”, “tapanhunos”, “violas”.

Documento 163:



Notação:

MA-MMA-97-194

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.194.

Transcrição:

Preto/ Escravidão/ 412, 414

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 412: TAUNAY, Affonso de E. *Rio de Janeiro de Antanho: (1695-1831) Impressões de viajantes estrangeiros.* Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925. (BMA- E/I/d/2)

P. 414:

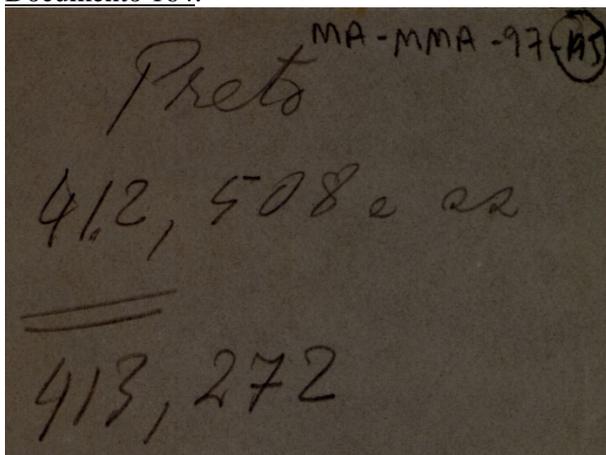
"Froger. III- Regresso da esquadra de De gemes à Europa"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"A tal propósito faz o autor uma série de considerações sobre a desgraçadíssima condição dos negros no Brasil e a crueldade com que os tratavam os brancos. Assim mesmo, declara, os espanhóis e ingleses ainda são mais cruéis e relata ainda que entre os seus patrícios da Martinica era costume cortar-se uma das pernas ao negro apanhado após duas escapulas."

Documento 164:



Notação:

MA-MMA-97-195

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólho destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.195.

Transcrição:

Preto/ 412, 508 e ss/ =/ 413, 272

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

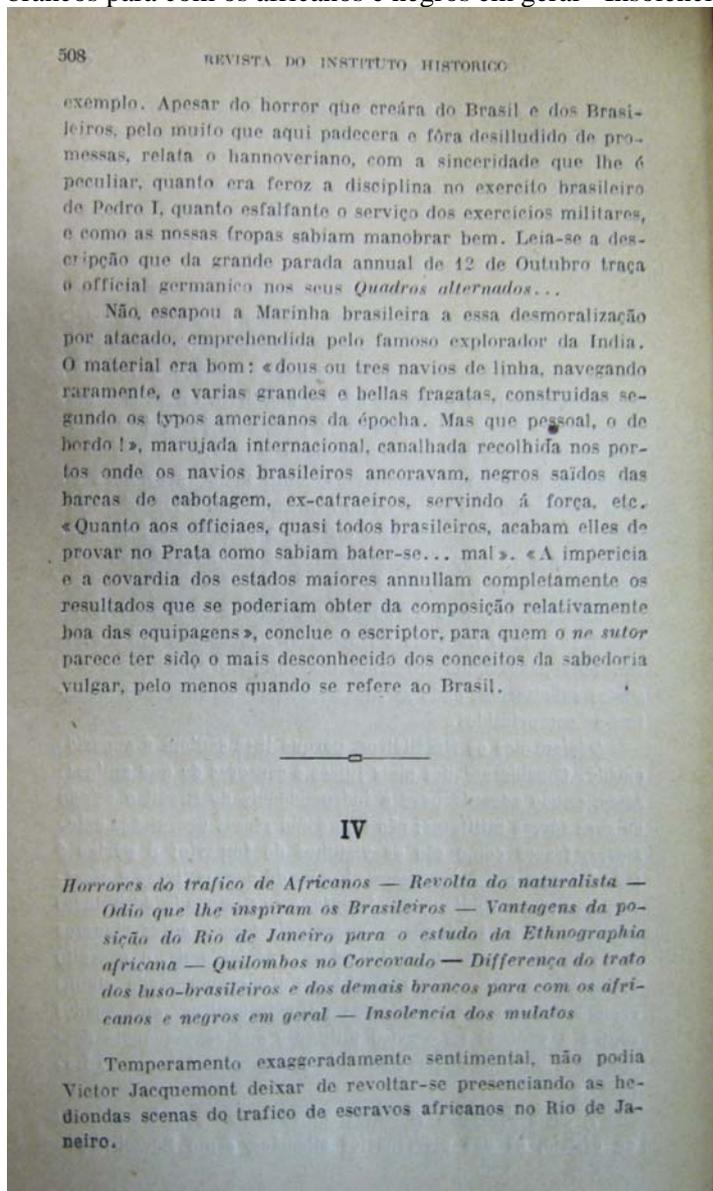
[Escravidão]; [Mulato]

Verificação:

BPG: nº 412: TAUNAY, Affonso de E. *Rio de Janeiro de Antanho*:(1695-1831) Impressões de viajantes estrangeiros.Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925. (BMA- E/I/d/2)

P. 508 a p. 513:

"Victor Jacquemont. IV - Horrores do tráfico de Africanos - Revolta do naturalista - ódio que lhe inspiram os brasileiros - vantagens da posição do Rio de Janeiro para o estudo da Etnografia africana - Quilombos no corcovado - Diferenças do trato dos luso-brasileiros e dos demais brancos para com os africanos e negros em geral - Insolência dos mulatos"



Foram ellas, provavelmente, as inspiradoras da violentissima oburgatoria que, contra o povo e o governo, cumplices de taes ignominias, deixou traçada no seu *Diário de Viagem*.

Estava o commercio livre do ebanho a findar: conseguiu d. Pedro I que a Inglaterra o tolerasse ainda até 1830. Rapidamente subia o preço dos escravos, apesar das enormes importações apressadamente feitas pelos negreiros. Tão enraizada se achava no Brasil, porém a instituição servil que o naturalista não a acreditava capaz de extincção, e a este proposito escreveu uma série de conceitos exactos como antecipação dos acontecimentos, que se dariam até 1851. «Enquanto o Governo brasileiro não se unir sinceramente ao britannico para reprimir o trafico, por mais numerosos e activos que possam ser os cruzeiros inglezes, apenas o conseguirão perturbar, sem chegar a destrui-lo. Ora, nunca será o Governo brasileiro fiel á execução do tractado, porque, ella arrastaria a sua ruina total.

Nesta occasião em 1828, fallava-se que a entrada annual de Africanos no Rio orçava por 30.000 cabeças.

Já no dia da ancoragem do seu navio nas aguas da Guanabara tivera o viajante a mais desagradavel antevisão das scenas de captiveiro. Uma grande embarcação negreira passara rente a amurada da fragata franceza. «Fizera sem duvida feliz viagem, pois vinha embandeirada como em dia de gala. Ao convéz e coberta, desde o beque da proa até ao mastro de mesena, apinhavam-se negros acorrentados uns aos outros e enfileirados, de modo a não atrapalhar a manobra. Todos estes desgraçados, inteiramente nus, á excepção de uma carapuça vermelha e de uma tanga de zuarte, pareciam contudo assás alegres, vendo terra, arvores e quiçá, a esperanza de um alivio proximo das suas misérias. Sôbre um passadiço para trás da mesena achava-se o capitão, acompanhado dos officiaes, vestido com elegancia e commandando em attitude displicente.»

Ao naturalista inspirou a maior revolta o aspecto desse negociante de carne. «Causou-me horror; creio que sem o minimo escrupulo lhe mandaria uma boa bala.»

Desembarcado, quiz Jacquemont visitar o famoso e sinistro Vallongo, os trapiches, que os negreiros atulhavam de sua mercadoria humana. Naquellas vastas e sordidas casas, situadas no peor bairro da cidade, mulheres homens e crianças

estavam separados. Allí passavam dias e noites, sentados sobre bancos, acorrentados, symmetricamente, como meninos de escola. Rapavam-nos, forçavam-nos a alguns cuidados hygienicos, friccionavam-nos com unguentos mercuriaes e sulfurosos para lhes combater as dermatoses.

Duas vezes frequentou o naturalista os locaes, onde se realizavam os leilões de negros: «A tristeza estúpida, tediosa, daquelles infelizes, o espectáculo asqueroso e confrangente de suas molestias, de sua magreza hedionda, deixam-me uma impressão de horror que jámais me haviam causados os navios negreiros.»

Apesar da repulsão provocada por estas scenas de barbaria, o naturalista apaixonado que era Jacquemont não pôde eximir-se á curiosidade provocada pelo aspecto diverso daquelles Africanos. Examinou-lhes as tatuagens, tão differentes, que a quasi todos desfiguravam horriavelmente — como essa que consistia em produzir excrescencias carnosas no rosto, em fórma de ervilha e dispostas em filas — informou-se acerca de sua lingua, comparou-lhes os typos ethnicos, chegando á conclusão de que o Rio de Janeiro era o logar do mundo mais propicio para os estudos ethnographicos relativos á Africa Occidental.

A este proposito endereçou judiciosos conselhos aos anthropologos. Vissem ao Rio de Janeiro e tractassem de se informar com os negreiros brasileiros. «Estes homens conhecem as diversas raças de negros, como os tropeiros mais habéis distinguem as dos cavallos.

Dos seus depoimentos tem immenso a Anthropologia a esperar. Sobretudo dos traficantes que vão ao interior para negociar com os régulos africanos carregamentos de escravos, e cuja abominavel profissão exige certamente uma grande dóse de sagacidade. Elles possuem sobre o regíme social das tribus que frequentam uma infinidade de conhecimentos, que á Europa letrada faltam por completo. Um viajante que se dedique á perigosa exploração do continente africano deve começar adquirindo todas estas informações. Dahi do Rio de Janeiro lhe convem partir — ou de qualquer ponto da America, onde o trafico se faz intensamente — para começar sua expedição. Dahi deve prepara-la longamente pela frequentação assidua dos

traficantes, o estudo prévio das diversas raças de negros escravos, encontradas, e a aquisição de seus idiomas. Melhor nem mais útil companheiro de viagem pôde ter do que algum velho traficante.»

Dava-se no Brasil o que geralmente se passava em quasi todas as terras de escravidão, e o naturalista já em Haiti observára. Havia incomparavelmente mais escravos importados do que escravas, sendo a causa de tal desproporção o facto dos homens se venderem mais caro que as mulheres.

Na opinião do viajante francez, «a confusão e a desordem» eram duas instituições permanentes «naquella grande cidade do Rio de Janeiro». Serviam, contudo, «para mascarar algum dos mais repulsivos aspectos da escravidão». Já então se notavam bastantes negros e mulatos forros; alguns dos quaes ricos, varios abastados.

Si acaso não pretendiam usar dos direitos politicos, faziam-no por méra questão de relaxamento, não que o orgulho de raça dos brancos os perseguisse. Viviam muitos dos taes libertos dos seus escravo alugados, dos seus *negros de ganho*, instituição cruel que justamente lhe inspirou a maior repulsão. Grandes bandos de escravos trabalhavam nas ruas do Rio, sob a vigilancia de feitores. «Moderados pareciam ser os castigos, raramente me affligiu o seu espectáculo; mas aquella nudez, miseria e embrutecimento de séres humanos eram cousa para profundamente entristecer a alma e a confranger».

Um facto que ao viajante causou especie foi a fraqueza dos brancos em relação ás attitudes de egualdade e até mesmo de insolencia, que supportavam por parte de libertos negros e mulatos, circumstancia que a Francezes e Inglezes revoltava, habituados como estavam em suas colonias á sujeição dos escravos e á maxima subserviencia dos homens de côr livres.

As vantagens sociaes concedidas aos alforriados pelos brancos, do Brasil, deveriam inspirar-lhes alguma gratidão para com a raça superior.

«Porque em louvor dos Portuguezes, preciso dizer que não manifestam pela gente de côr, nem mesmo pelos escravos, negros, este desprezo, este afastamento, que parece, no francez, e sobretudo no inglez, proceder, mais de uma repugnancia physica instinctiva, do que de um preconceito social. Vivem os brancos das classes baixas do Brasil em pé de egualdade com

os libertos de sua categoria. Não parecem — é verdade — dedicar-lhes grande estima, mas não os mantêm aquella respeitosa distancia, que nas colonias francezas os mais modestos fazendeiros conservam entre elles e os homens livres, de côr, como a confissão tacita que da inferioridade destes ultimos exigem. Havia, porém, nessa indulgencia dos brancos brasileiros grande perigo latente, pensa o reparador. Concedidas todas as liberdades aos homens de côr para que adquirissem fortuna, haveriam de instruir-se e compenetrar-se das idéas da independencia absoluta; reclamariam brevemente a posse integral dos privilegios que se irrogavam os detentores do poder politico.

Relataram a Jacquemont que nas fazendas o regime dos escravos era «bastante suave». Entretanto, elevada se mantinha, entre elles, a mortalidade, apesar da grande salubridade climatica. Fugiam muitos delles para «as solidões immensas do Brasil». Até nas florestas do Corcovado havia quilombos; si os quilombolas assim o entendessem, poderiam reduzir a capital do imperio a sêde. Desde annos viviam na serra do Andarahi e à noite vinham saquear as chacaras da cidade e os viajantes que encontravam. Até o imperador, indo para a cidade, como costumava fazer, acompanhado de fraca escolta, poderia, algum dia, ser capturado pelos negros fugidos.

A tal proposito, amontoando phantasias provavelmente devidas à infidelidade de algum informante imaginoso, conta Jacquemont que já por diversas vezes haviam destacamentos da infantaria procurado destruir os quilombos do Corcovado.

Em certa occasião, havendo um dos negros morto um dos soldados assaltantes, tinham os seus adversarios descido as encostas da gibbosa montanha com uma velocidade mais que velozissima.

E relatando o incidente aproveita o naturalista para acrescentar mais um elemento depreciativo à sua pesada objurgatoria contra o Brasil: «Algumas esquadras de policia franceza, em poucos dias, teriam aniquilado aquelles desventurados negros, quasi todos desprovidos de meios de defesa, em condições de só poderem resistir a tropas do exercito brasileiro».

Continuando a tractar ainda dos problemas servis brasileiros, affirma Jacquemont que o numero de mulatos escravos

do nosso paiz, era diminuto, ou porque aos brancos repugnasse vêr os seus bastardos no captivo, ou porque a mixtiçagem já lhes trouxera mais intelligencia e, portanto, meios mais efficientes para a recuperação da liberdade.

Aspecto curioso offerencia no Rio de Janeiro, em 1828, o culto catholico, especialmente affecto aos negros, e servido por sacerdotes, mixtiços, que os pretos preferiam aos padres brancos. Era a lithurgia a mesma das demais; religião só a tinham os negros nascidos no Brasil ou transplantados na primeira infancia, porque vivia o resto entregue ao feticchismo africano, a que addicionavam algumas practicas christãs. Os senhores de escravos, neste particular, tudo deixavam correr á revelia. «O aperfeigoamento moral e a instrução religiosa dos pretos eram cousas que jámais poderiam entrar na mente de um Brasileiro.»

V

Abominavel administração da justiça no Brasil — Falso sentimentalismo piegas em relação á pena de morte. — Horriavel systema penitenciario — Falta d'agua no Rio de Janeiro — Escolas superiores de charlatanice e mentira — O Theatro Imperial — Curiosas scenas de costumes — Civilização pechisbeque — A Imprensa — Violencias contra jornalistas.

Proseguindo nos seus reparos sobre numerosos assumptos allinentes á vida brasileira e especialmente fluminense, extranha Jacquemont que a uma grande cidade como o Rio de Janeiro, tão admiravelmente dotada sob tantos aspectos, faltasse agua quando se achava ao sopé de grandes serras vestidas de magnificas florestas, cujos cimos viviam recobertos pelas nuvens. Raro e caro, o liquido precioso do velho chavão. Seria inacessivel ás classes pobres, si acaso houvesse uma diminuição de fornecimento, ou si os quilombolas do Corcovado se lembrassem de cortar o aqueducto da Carioca.

BPG: nº413: TAUNAY, Affonso de E. *Na Bahia colonial (1610-1774)*. Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1925.

P.272:

"Francisco Coreal -

II - Perversidade contra os escravos"

Voltando á segunda das baldas predilectas, adduz o mysterioso viajante:

«Com taes costumes nem por isto deixa de alli haver grande religiosidade, quanto ao culto externo. As egrejas são frequentadas, a confissão muito repetida, sem duvida, por causa da multidão de peccados. O fausto religioso se mostra em toda a sua exterioridade. Não vi logar onde o Christianismo se apresente mais pomposo do que nesta cidade, seja quanto á riqueza e multidão das egrejas, dos conventos e religiosos, ou quanto á feição devota dos fidalgos, senhores e cortezãs e geralmente de todos os cidadãos da Bahia. Ninguem anda sem rosario na mão, terço ao pescoço e um Sancto Antonio sobre o bucho. São todos pontuaes a se ajoelharem pelas ruas ao toque do «Angelus», mas ao mesmo tempo não ha quem não tome a precaução de não sair de casa sem um punhal á cava, pistola ao bolso e espada das mais compridas á ilharga esquerda, afim de não deixar escapar uma occasião propicia de se vingar de um inimigo, embora durante a recitação do terço.»

E ninguem mais feroz para os escravos do que os taes piedosos Bahianos, sustenta o falso carthagenez.

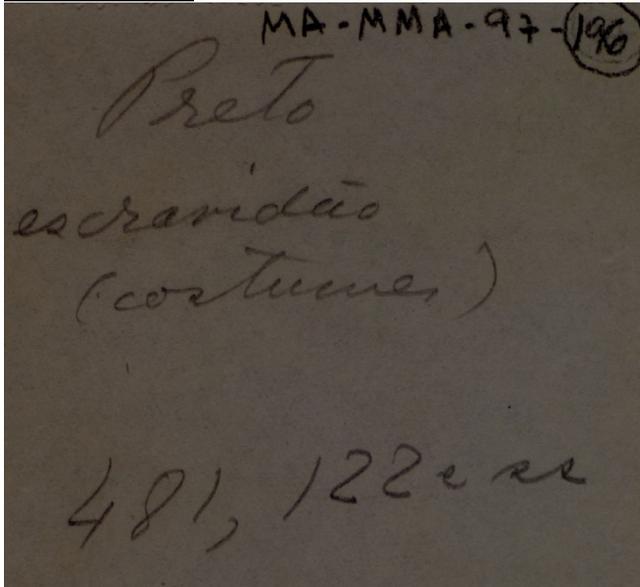
“São os infelizes negros tractados com a ultima das barbarias. Não sómente vendidos em publico, como ainda expostos nus e examinados com o cuidado e insensibilidade com que em nossa terra, um tropeiro observa um cavallo. E' ao mesmo tempo engraçado e insolente ver-se um portuguez esquadriñar o corpo de um escravo, oculos sobre o nariz, examinando escrupulosamente todas as partes do corpo de um negro ou de uma negra. Uma vez comprados, podem, pelo minimo pretexto, ser mortos e, quando velhos, ha sempre bastantes pretextos para que sejam atirados fóra, como si fossem cães velhos. Existem, no emtanto, na Bahia muitissimos escravos, e não duvido de que, si estes desgraçados tivessem brío e firmeza, não pudessem pôr os Portuguezes do Brasil em maus lenções.»

Para documentar o que avança sôbre a mixtura de sentimentos cruéis e piedosos dos Bahianos, conta Coréal que, indo certo dia á casa de um «christian veiu» (sic) «muito exemplar entre os Portuguezes, pela sua devoção, mas tão pouco caridosos nas açções quanto superstioso e carola em toda a

Nota da pesquisa:

MA reúne na mesma nota de trabalho duas passagens de obras diferentes do mesmo autor.

Documento 165:



Notação:

MA-MMA-97 – 196

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.196.

Transcrição:

Preto/ Escravidão/ (costumes)/ 481, 122 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Escravidão]; [Costume]

Verificação:

BPG: nº 481: MOURA, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora: evocações da metrópole*. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1932. (IEB- Yan)

côr. Como se não fôra a côr uma questão de pura convenção no determinismo das raças humanas.

S. Paulo teve, é facto, os algozes da escravidão. Mas teve, em alto som e em forte brado os defensores.

De um lado, o «Quebra-bunda». Mas de outro, as Igrejas dos Remedios, da Misericordia, as casas de refugio de Juca Frade, de Antonio Bento, de Gama.

Que era «Quebra-bunda»?

Diz o chronista de antanho:

«No bairro da Liberdade existiam antigamente muitas chacaras, que hoje estão transformadas em ruas e quasi todas já possuindo bellos predios, estando nesse numero a chacara denominada do *Quebra-bunda* ou *Telegrapho* e que ficava situada entre as Ruas dos Appeninos, Pires da Motta, Nilo e Paraiso, onde hoje (1910) está o Hospital Ophthalmico, sendo que, dentro do grande quintal do edificio em que funciona o referido hospital, ainda existe o antigo predio terreo da mesma chacara, tendo no meio um pequeno sobrado com duas janellas, que se avistam da Rua do Paraiso.

Nessa chacara, que pertenceu, segundo consta, ao commerciante José Velloso de Oliveira, fallecido ha cerca de sessenta annos, era onde, por ser muito afastada do centro da cidade, se costumava disciplinar os infelizes escravos que não serviam bem aos seus senhores, dando-se-lhes grandes surras, a ponto de ficarem os infelizes descadeirados, provindo d'ahi o nome de *Quebra-bunda* dado á mesma chacara, a qual confinava com terras pertencentes ao tenente Joaquim Innocencio Cardim, Padre Jeronymo Maximo Rodrigues Cardim e Lourenço Josephino Cardim e mais irmãos, e, actualmente (1910) pertence, parte

dessas terras, ao proprietario do Jardim da Acclimação e aos herdeiros de Francisco Justino da Silva, fallecido a 11 de Agosto de 1901, havendo, além dessa tradicional chacara, outras em diversos lugares da cidade e tambem afastadas do centro, em que se disciplinavam os escravos, applicando-se-lhes surras, gratuitamente e por amizade aos respectivos senhores, ou, então, mediante o pagamento de qualquer quantia aos proprietarios de taes chacaras.»

A triste realidade! O «Quebra-bunda», prolongamento do Pelourinho. Aqui, o supplicio officializado, o castigo escarmento, o tripudio publico, os ais na penhula modorrenta da cidade, o sangue pelas sargetas. Lá, o supplicio occulto, particular, perverso, odioso. A «surra» de quebrar quadris, «por amizade» — nojento tributo do reconhecimento! — ou a troco do dinheiro, da «cheta» ignominiosa, maculando mãos avaras.

Triste episodio, fetido receptaculo das miserias humanas derramadas, sem que nenhum sublimado corrosivo pudesse tiral-o das paginas da historia.

A consciencia dos posterios foi, comtudo, redimida pela coragem, pelo amor, pela caridade de um pugilo de irmãos e amigos.

Em contraposição ao «Quebra-bunda» e similares, havia o refugio — para que não dizel-o? — em outras chacaras de abolicionistas, em modestas casas e nas igrejas. Na Igreja dos Remedios, na da Misericordia, no largo deste nome (demolida em 1888, coincidindo com a *lei aurea*, como a dizer — «não precisam mais de mim») e na de S. Gonçalo. A velhissima reliquia dos tempos idos, que a picareta do progresso ainda está respeitando — a Igreja dos Remedios — attesta

solemnemente a protecção aos escravos. Pela sua collocação — proximidades do Largo do Pelourinho, pois que naquelle tempo, havia uma casa de permeio entre a igreja e o largo — proximidades do Largo da Forca (Liberdade) — a igreja dava ao infeliz perseguido, acolhida immediata. E era como que uma fronteira de paiz neutro e amigo, o portal do velho templo. Transpondo-o, o foragido gosava da immuni- dade provisoria até que a intercessão dos caritativos, o restituísse, que remedio?, á sua trajectoria de opprobrios.

Este respeito ao interior da igreja para a interrupção da corrida empós o castigo, não repousava nos vislumbres, quiçá, de complacencia ou de arrependimento. Tinha elle origem, tão sómente, na cren- dice, na superstição, no temor, no «phariseismo» de que as turbas eram possuidas, ao tempo da ligação da Igreja ao Estado, fazendo, da turba-multa dos scelerados, os eternos e fingidos penitentes, sem peni- tencia alguma ou proveito espiritual, além dos balbu- cios hypocritas, em desvãos de naves ou cantos de confissionarios. Era o receio do olhar severo da jus- tiça divina, no recesso do seu Santuario, que retinha o passo da perseguição.

Sob a nave, o escravo estava amparado. Mas, nem só ahi. Corredores havia de casas particulares, similares a palanques de pegadas tauromachicas. O corpo, *incontinenti*, protegido das *chifradas*.

Assim era a casa de Juca Frade, de Antonio Bento, de João Mendes, de Gama, de muitos paulistas, eis que a misera sofreguidão escravocrata expandia- se sómente em individualidades de caracter mal tem-

perado. As damas, então, tinham sempre aberto o coração para o acolhimento fraternal do negro.

De Antonio Bento e Juca Frade, posteriores a Gama e Patrocinio — baluartes heroicos da liberta- ção, elles mesmos victimas — residentes nos arredores, contam-se prodigios de ousadia.

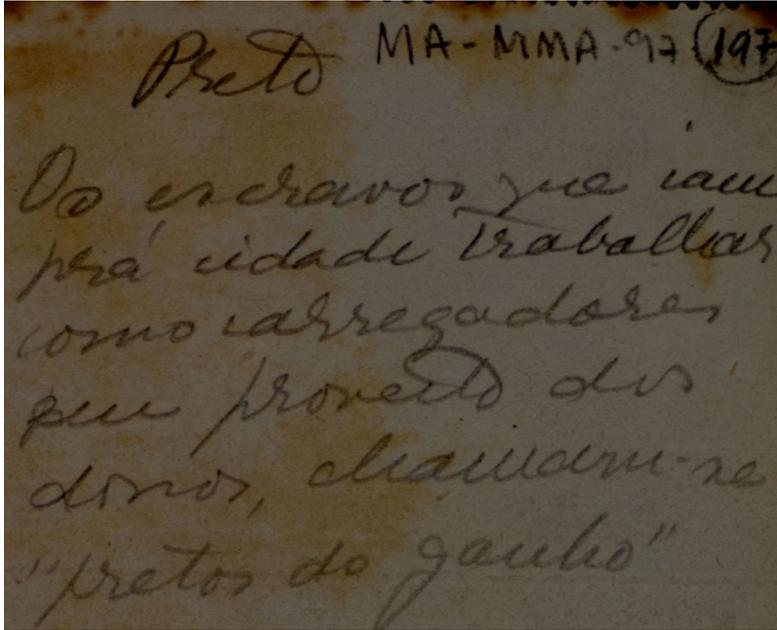
A associação que tomou o nome de *Caijazes*, or- ganizada, dirigida e custeada por Antonio Bento, ao tempo do jornal abolicionista «A Redempção» (1887) e depois «A Liberdade», ambos fundados pelo mes- mo paulista, tinha por objectivo a conquista dos es- cravos, no interior, para redimil-os.

«Tão numerosas e frequentes eram as fugas, a retirada em massa da escravatura das fazendas, rea- lisada, aliás, á luz meridiana, sob a orientação dos *Caijazes* de Antonio Bento — diz Affonso A. de Freitas — que, se a lei de 13 de Maio retardasse de meio lustro sequer seu apparecimento, por certo não mais encontraria escravos a libertar, pelo menos em S. Paulo.»

Almeida Nogueira, fazendo o elogio do grande libertador, nas «Tradições e Reminiscencias» da Aca- demia de Direito de S. Paulo, refere que o devotamento do redactor da «A Redempção» foi tão grande que, sob o imperio da lei escravocrata, fez elle «uma ex- posição de instrumentos de martyrio dos escravos na Igreja da Misericordia».

Tudo passou. Caminhemos para o futuro. Faça- mos, como o Pae-João, que lá vae, cambaio e tarta- mudeando, pela rua em fóra... liberto. Olhemos, com firmeza o facho da liberdade, brilhante como nunca o fóra, no céu acolhedor do S. Paulo-Brasileiro.

Documento 166:



Preto MA-MMA-97 (197)
Os escravos que iam
pra cidade trabalhar
como carregadores
sem proveito dos
donos, chamavam-se
"pretos do ganho"

Notação:

MA- MMA 97- 197

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.197.

Transcrição:

Preto/ Os escravos que iam/ pra cidade trabalhar/ como carregadores/ sem proveito dos/ donos, chamavam-se/ "pretos de ganho"

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Subtema:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário .

Nota da pesquisa:

MA registra um fato histórico, mas não indica a fonte.

Documento 167:

MA-MMA-97 (198)
Preto
Escravidão
Está claro que não é
possível tomar em con-
ta um ridículo Charles
Expilly, partindo de uma
verdade essencial, o usual
da escravidão, para pro-
vã-la com as suas ro-
mânticas historietas,
pouco Conjinguas des Borgios,
e dos Pompadour e Henrique VII.

Notação:

MA- MMA 97- 198

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.198.

Transcrição:

Preto/Escravidão/ está claro que não é/ possível tomar em con-/ta um ridículo Charles/ Expilly, partindo de uma/ verdade essencial, o [usual] da escravidão, para pro-/vã-la com as suas ro-/mânticas historietas,/ pouco Conjinguas des Borgios, / e dos Pompadour e Henrique VII

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário crítico.

Subtema:

[Escravidão]

Nota da pesquisa:

MA não se refere diretamente a um trecho de uma obra. Na biblioteca dele consta a obra: EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Gastão Penalva (trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

Documento 168 :



Notação:

MA - MMA - 97 - 199

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (66 x 49 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal; f.199.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

PINHO, Wanderley. Abolição do tráfico interprovincial de escravos (do livro a aparecer- "Cotegipe e seu tempo"). *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1936.

Documento 169:



Notação:

MA - MMA - 97 - 200

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (66 x 29 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal; f.200.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

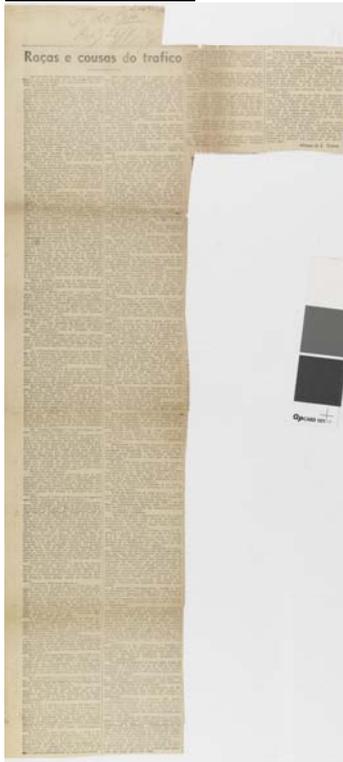
Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

TAUNAY, Affonso d'Escagnolle. Cousas dos primeiros séculos do tráfico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 agosto 1936.

Documento 170:



Notação:

MA - MMA - 97 - 201

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (66 x 29 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal; f. 201.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

Subtema:

[Escravidão]

Verificação:

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Raças e cousas do tráfico. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 26 julho 1936.

Nota MA a grafite:

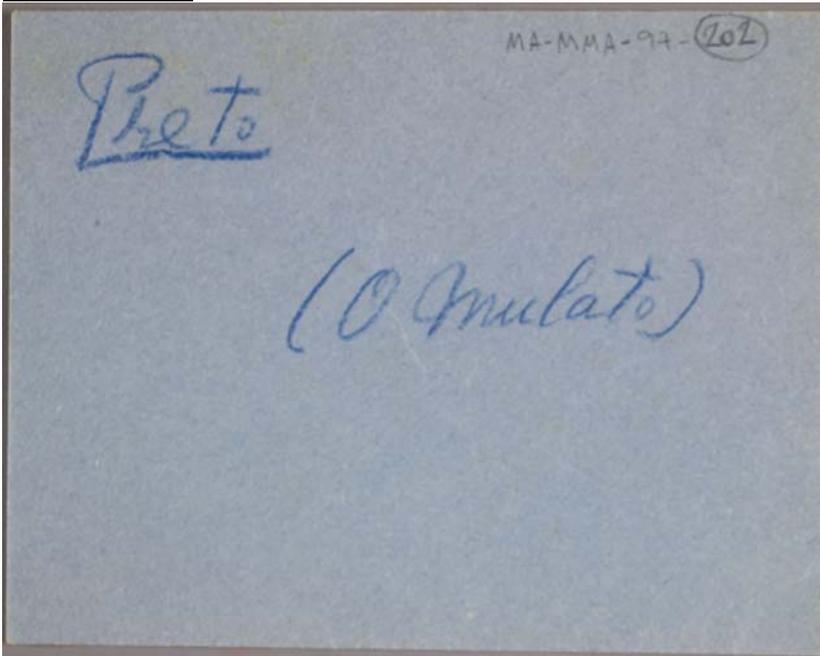
“J. do Com Rio, 26/7/36

MA-MMA-97-101

Peto

(Omulato)

Documento 171:



Notação:

MA-MMA-97-202

Análise documental:

Autógrafo a lápis azul; envelope de papel azul (10 x 15 cm); f.202.

Transcrição:

Preto/ (O Mulato)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: envelope para organização original.

203 Preto (quias)
 Mulato, paltrão (134-II-427)
 Visitamos primeiro os ma-
 tos da serra do Coati e nos
 afundamos despreocupados
 na riqueza da natureza
 & sem querer nos reparamos
 em do outro, e um de nós
 acompanhado pelo indio
 e felizmente armado en-
 vortrou afastado no
 meio do mata, uma
 miçanga. O indio tinha
 abatido com uma seta
 uma arara encarnada
 e estava procurando-a
 quando um mulato
 forte com gestos amea-
 çadores, girando um
 grosso pau de noz,
 acorreu e começou bri-
 gando com ele sobre o
 direito de caçar na sua
 terra. Procurou-se se
 desculpar com bondade
 e mostrou-se tam-

plum, como a tempestade
continuar, o passapar-
te real. O fazendeiro se-
cundou raivoso: - O rei
manda na casa dele e
eu na minha! Enquan-
to isso os escravos pretos
dele, se arrastando na
espinha da terra
pareciam apenas espe-
rar um sinal do seu
dono pra atirar no estran-
geiro. Naquela lugar peri-
goso o que valeu foi cora-
gem e resolução rápida.
O viajante deixou cair
balas nos ombros da espia-
garda tranqui laurente
e depois que nada tinha
afudado as ~~depois~~ de-
fejos bondosas, avançou
pro inimigo com a arma
pronta. Por isso em fugiu
junto com os escravos
armados - exemplo exe-
lente da poitrine do mu-
lato e da dominio se o
europau exerce sobre muit,
pretos e mulatos

Notação:

MA- MMA 97- 203

Análise documentária:

Autógrafo a grafite utilizando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 203.

Transcrição:

Preto (Minas) /Mulatos poltrões (134-II-427)/ Visitamos primeiro os ma-/tos da serra do Coati e nos/ afundaram despreocupados/ na riqueza da natureza./Sem querer nos separamos/ um do outro, e um de nós/ acompanhado pelo índio/ e felizmente armado en-/controu afastado no/ meio do mato, um/ milharal. O índio tinha/ abatido com uma setada/ uma arara encaruada/ e estava procurando-a/ quando um mulato/ forte com gestos amea-/çadores, girando um/ grosso pau de nós./acorreu e começou brigando com ele sobre o/ direito de caçar na sua/ terra. Procurou-se se/ desculpar com bondade/ e mostrou-se-lhe tam/bém, como a tempestade/ continuasse, o passapor-/te real. O fazendeiro se-/cundou raivoso: - O rei/ manda na casa dele e/ eu na minha! Enquan-/to isso os escravos pretos/ dele, se arrastando na/ espessura da erva/ pareciam apenas espe-/rar um sinal do seu/ dono pra atirar no estran-/geiro. Naquele lugar peri-/goso o que valeu foi coragem e resolução rápida./ O viajante deixou cair/ balas nos canos da espin-/garda tranquilamente/ e depois que nada tinha tinham/ ajudado as defezas bondosas, avançou/ pro inimigo, com a arma/ pronta. Por isso este fugiu/ ficando com os escravos/ armados - exemplo exce-/lente da poltronice dos mu-/latos e do domínio que o/ europeu exerce sobre muitos/ pretos e mulatos.

Estatuto genético:

Nota de trabalho:

Tipo: escólio; comentário crítico e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]; [Caracteres];[Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München, Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

P. 427:

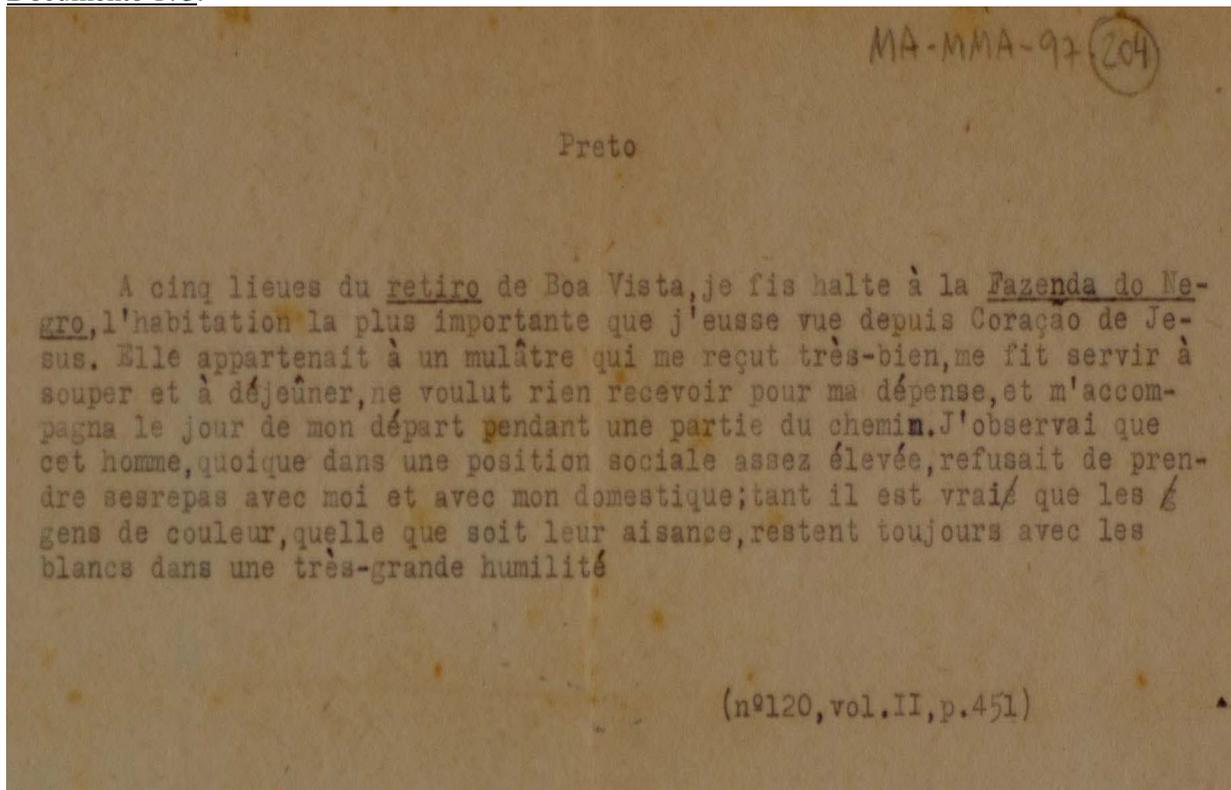
"Fünftes Buch. I. Kapitel. Reise von Villa Rica nach dem Diamantendistricte."

Nota MA a grafite:

"Poltronia de mulatos (Minas)" e traço à margem do trecho:

"Während dieser Anstalten besuchten wir die zunächst der Serra Coati liegenden Wälder, und da wir uns ganz rücksichtslos in den Naturreichthum vertieften, und uns unversehens von einander trennten, stiess Einer von uns, von dem Indianer begleitet, und zum Glück whol bewaffnet, mitten im Walde auf eine abgelegene Maispflanzung. Der Indianer hatte eben seinen Pfeil auf einen rothen Arara abgeschneilt, und war mit dem Aufsuchen desselben beschäftigt, als ein starker Mulatte mit drohender Gebärde und einen dicken Knotenstock schwingend, herbeilief, und mit ihm über das Recht auf seinem Grund und Boden zu jagen, zu streiten begann. Er suchte sich gütlich zu entschuldigen und zeigte ihm auch, bei weiterem Ungestüm, den Königlichen Reisepass; der Fazendeiro antwortete jedoch ganz erbosst: der Rönig gebietet in seinem Hause und ich in dem meinigen; indessen waren die Neger-sclaven mit Fliten in der Hand im Dickicht des Grases herbeigeschlichen und schienen nur des Winkes ihres Herrn gewärtig, um auf den Fremden abzuschliessen. In dieser gefährlichen Umgebung, galt schleuniger Entschluss und Muth; der Reisende liess in der Stille Kugeln in die Flintenläufe fallen, und trat hierauf, da nun alles gütliche Vertheidigen nichts half, seinem Feinde mit gespanntem Gewere entgegen, worauf dieser sammt seinen bewaffneten Slaven schleunigst die Flucht ergriff; - ein treffendes Beispiel von der Poltronerie der Mulatten, und der Herrschaft eines Europäers über viele Neger und Mulatten.

Documento 173:



Notação:

MA- MMA 97- 204

Análise documentária:

Datiloscrito a fita preta; rasura a tinta preta; folha de sulfite cortada ao meio (22,5 x 17 cm); manchas de fungo; sinal de dobra na vertical; anverso: autógrafo a lápis azul, Nota MA: Preto; f.204.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica

Subtema:

[O Mulato]

Verificação:

BPG: nº 120: SAINT-HILAIRE, Augustin François César Prouvençal de. *Voyages dans le provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerais*. Paris: Grimbert t Dorez, 1830, v.2. (IEB - YAN)

P. 451

“Chap. XVIII. Les villages de Coração de Jesus et de Curmatahy”

Nota da pesquisa:

MA transcreve exatamente o trecho referido, não é necessário o fac-símile da página

Documento 174:

Preto MA-MMA-97 (205)
Mulato Valentão
n 134-II-597 e
p 6 da tradução,
"Através da Baía"
do Pirajá da Silva

Martius maltrata
os mulatos n 134-II-
600 (p. 8 da trad.)
e p. 607 (p. 20 da trad.)

Notação:

MA- MMA 97- 205

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.205.

Transcrição:

Preto/ Mulato Valentão/ n 134-II- 597 e/ p 6 da tradução/ "Através da Baía"/ do Pirajá da Silva/ =/ Martius maltrata/ os mulatos n134-II-/ 600 (p. 8 da trad.)/ e p. 607 (p. 20 da trad.)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

O Mulato

Verificação:

BPG: nº 134: BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

P. 597:

"II Kapitel. Reise von Malhada durch das Innere der Provinz von bahia nach der hauptstadt Bahia de todos os santos."

von Hügeln umgebenen Niederung des Gebirges entgegen, den müden Wanderern ein freundliches Obdach verheissend.

Cayteté (*Caeteté* oder *Villa Nova do Principe*) hat, gemäss der Aehnlichkeit seines Klima und seiner Vegetation mit denen von Minas Novas, seit zwanzig Jahren die Cultur der Baumwolle in grosser Ausdehnung betrieben, und ist dadurch einer der reichsten Orte im Sertão von Bahia geworden. Es giebt hier Aufkäufer, welche jährlich tausend Maulthierladungen nach Bahia absenden. An Ort und Stelle hält sich der Preis einer solchen Ladung von sechs bis sieben Arrobas auf 22 — 25,000 Réis (66 bis 69½ Gulden) während in Bahia selbst zur Zeit unserer Anwesenheit die Arroba um 5,200 — 5,800 Réis (13½ bis 15 Gulden) ausgeboten wurde. Die von hier versendete Baumwolle ist jedoch nicht blos Product der Umgegend, sondern kommt zum Theile auch aus dem westlichsten Bezirke von Minas Geraes hieher. Der nördliche und östliche Theil dieser Provinz schickt seine Baumwolle, von der Austrittsstation im *Arrayal do Rio Pardo*, auf den beiden, neuerlich eröffneten Strassen über *Conquista* und *Gavião* nach Bahia. In dem benachbarten Gebirge, und namentlich in dem nordöstlichen Abhange, der sogenannten *Serra de S. Vicente*, hat man unzweifelhafte Spuren von Gold gefunden; doch wird nicht auf dasselbe gearbeitet. Dagegen machen die schönen, durch ihre dunkle Farbe ausgezeichneten Amethyste, welche zehn Leguas von hier, auf dem Wege nach *Rio Pardo* gefunden werden, einen nicht unbeträchtlichen Handelsartikel aus, und werden vorzüglich an die Steinhändler von Minas Novas verkauft. Die Einwohner des betriebsamen Oertchens gaben uns Gelegenheit unsere ärztliche Thätigkeit zu üben; es kamen viele Kranke, besonders Schwindsüchtige, Wassersüchtige und an rheumatischer Augenentzündung Leidende zu uns. Nach Sonnenuntergang hatten wir uns eben in das Nachtquartier zurückgezogen, als einer von unsern Dienern mit furchtsamer Mine einen *Valentão* ankündigte; und er hatte kaum ausgesprochen, als ein gigantischer Mann, im Reitermantel, mit Schwert und Pistolen bewaffnet, kecken Schrittes hereintrat, ihn aus der Thüre schob, diese abschloss, und sich jetzt ohne eine Sylbe des Grusses mit den Worten zu entkleiden begann: „Ihr Herren Fremden, curirt mich; — aber

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Trad. Manuel A. Pirajá da Silva. *Através da Bahia*, excertos da obra *Reise in Brasilian*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916. (BMA- E/I/h/22).

P.6:

“Viagem de Malhada pelo interior da província da Bahia à Capital Bahia de todos os Santos”

— 6 —

Os habitantes do industrioso logarejo deram-nos ensejo de exercer a nossa profissão medica; procuraram-nos muitos doentes tuberculosos, hydropicos e de ophtalmia rheumatica.

Depois do sol posto, justamente quando nos retiravamos para o quarto de dormir, um dos nossos creados, com a physionomia assustada, annunciou-nos um valentão. Mal acabava de falar, quando um homem gigantesco, mettido num pala, armado de facão de arrasto e pistolas, entrou com passo resolute, puxou o creado para fóra, fechou a porta e, sem cumprimentar, começou a despir-se, dizendo: «*Senhores estrangeiros, curae-me com pressa, pois não posso aqui ficar*».

Mostrou-nos em seu corpo, digno de um Achilles, muitos golpes e as repugnantes consequencias da libertinagem, exigindo-nos com impetuosa arrogancia e palavras chistosas tratamento immediato.

O rosto quasi branco, energico e bem talhado, revelava um mulato disfarçado, com cerca de 30 annos de idade. Intrepidez selvagem, que se enfurece a cada obstaculo; inclinação para as libertinagens ousadas, tal era a impressão que dava esse hómem exquisito. Jamais encontramos egual mixto de uma natureza nobre com semelhante depravação.

Como não quizesse responder ao nosso interrogatorio medico, fizemos silenciosamente, passado o primeiro susto, o nosso *trabalho forçado*, administrando medicamentos da nossa ambulancia e fazendo-lhe o curativo. Mal acabamos, desapareceu, dizendo apenas: «*Muito obrigado. Adeus*».

Ouvimol-o sahir a galope e ainda ficamos a duvidar se seria um sonho ou uma realidade.

wohllüstigen Unthätigkeit, umgeben von einem zahlreichen Serail, aus Indolenz oder Eifersucht, dem Fremden unzugänglich. Oestlich von der *Serra de Joazeiro* erhebt sich der Weg allmählig, und führt endlich in ein, auf beiden Seiten von hohen Bergen eingeschlossenes Thal. Um in der *Villa do Rio de Contas* die nöthigen Vorbereitungen zu treffen, liess ich hier, in der *Fazenda Tapera*, den Trupp zurück, und setzte die Reise, blos im Geleite eines schwarzen Führers, nach Sonnenuntergang fort. Der Mond erschien an dem, in ein warmes Violett gekleidetem Firmamente, und beleuchtete mit ungewöhnlicher Klarheit die Gebirge, *Serra da Villa Velha*; ich konnte mit Leichtigkeit die kühnen Umrisse derselben und die verschiedenen Baumgruppen unterscheiden, welche in diesem schönen Thale mit Blüthen überschüttet, einen ambrosischen Wohlgeruch ausströmten. Dieser plötzliche Uebertritt aus einer öden, ausgebrannten Gegend in eine heitre Frühlingslandschaft musste um so erquickender auf das Gemüth wirken, als wir, nach den bisherigen Erfahrungen und der Aussage der Bewohner, bis Bahia keine Regung der wieder auflebenden Natur zu hoffen hatten. Auch war es nur ein örtlicher, vielleicht durch die Bildung der Berge verursachter Regen, was die Vegetation wie im Zauberschlage hervorgelockt hatte. Zum ersten Male seit langer Zeit fühlte ich hier meine Kleider von dem nächtlichen Thau benetzt, eine Erscheinung, welche ich keineswegs durch die höhere Lage des Ortes und die deshalb eintretende schnellere Reduction der wässerigen Dünste in dem Luftkreise zu erklären wagte, da wir während der trocknen Monate in Minas Geraës an gleich hohen und höheren Orten keine Spur von Nachthau wahrgenommen hatten. Eher glaubte ich die Ursache in einem ziemlich heftigen Nordwinde suchen zu müssen, den ich seit längerer Zeit im Sertão, wo fast stets Ostwinde herrschten, nicht bemerkt hatte. (1.) Auch die Thiere waren hier mit dem belebenden Eintritte der Feuchtigkeit aus ihrer Erstarrung erwacht; tausende von grossen Cicaden betäubten mich mit ihrem lauten monotonen Geschwirre, durch welches ich endlich, in der Nähe von *Villa Velha*, das Brausen des *Rio Brumado* vernahm, eines klaren Bergstromes, der seiner Verbindung mit dem *Rio de Contas* zueilt. *Villa Velha*, der „alte Flecken“, war eine der frühesten Niederlassungen im Sertão von Bahia, entvölkerte

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Trad. Manuel A. Pirajá da Silva. *Através da Bahia*, excertos da obra *Reise in Brasilian*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916. (BMA- E/I/h/22).

P.8:

“Viagem de Malhada pelo interior da província da Bahia à Capital Bahia de todos os Santos”

— 8 —

serranias mais altas, por entre as quaes desce o RIO DE CONTAS, tambem cobertas de catinga.

Visto estar esta vegetação no momento quasi despida de todo o verde, offerecendo pouca pastagem para os animaes de carga, receiamos não ter uma provisão sufficiente de milho.

Os animaes afastaram-se tanto durante a noite, apezar de peiados, que perdemos a metade do dia em reunil-os.

Alguns tinham comido a erva *Icô* (4) (uma especie de alcaparra que conserva suas folhas duras mesmo durante as seccas) e haviam adoecido.

Procuramos cural-os, dando grandes doses de sal e de oleo de ricino.

Nesta situação melindrosa alcançamos a fazenda da LAGÔA DE N. S. D'AJUDA, onde esperavamos socorro, por ser ella uma das maiores fazendas de todo o sertão; porém justamente a grande população de mais de 160 escravos se oppoz aos nossos desejos.

Affirmaram que elles mesmos tinham falta de milho e só conseguimos, com grande custo, compral-o aos negros, que tinham occupado os seus dias livres na propria cultura.

Os proprietarios destas grandes fazendas raramente moram no sertão. Gastam suas rendas em districtos mais populosos, muitas vezes com luxo incrível, deixando a fiscalisação a um mulato, e nem sempre pode o viajante contar com a hospitalidade deste. Outros, numa ociosidade lasciva de numeroso serralho,

(4) *Capparis Ycô*, Mart. Acreditam os tropeiros que uma farta ração de milho serve de contraveneno ás propriedades toxicas desta planta. N. A.

BPG: nº 134: SPIX, Joh. Bapt. von, MARTIUS, Carl Friedr. Phil. von. Reise in Brasilien. München, Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

P. 607:

“II Kapitel. Reise von Malhada durch das Innere der Provinz von bahia nach der hauptstadt Bahia de todos os santos.”

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

“Es ist dies ein merkwürdiges Verhältniss, das wir in ganz Brasilien eiederfanden, dass der Mulatte in seiner gemischten Abkunft Anspruch auf höhere Achtung begründet sieht, die er sich auc durch seine Talente und bürgerliche Thätigkeit erhält, während ein allgemeines Sprichwort in jeder Mischung MIT amerikanischem Blute nichts Heilsames und Tüchtiges anerkennt.”

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Trad. Manuel A. Pirajá da Silva. *Através da Bahia*, excertos da obra Reise in Brasilian. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916. (BMA- E/I/h/22).

P.20:

“Viagem de Malhada pelo interior da província da Bahia à Capital Bahia de todos os Santos”

— 20 —

doce, preparam com leite a imbusada, prato refrigerante e saboroso.

A caça e os prazeres sensuaes são os gosos que lhes compensam a solidão.

Raramente se encontra entre elles um branco de pura origem européa; muitos são mulatos; outros demonstram pela côr mais clara do rosto e pelos cabellos lisos a origem mixta de indigenas e brancos e, como tivessem herdado muitas vezes a indolencia e morosidade de seus paes indigenas, são frequentemente appellidados, por desdem, de *tapuyada* (de *Tapuüya*, indios), objecto de desprezo dos seus vizinhos.

Uma circumstancia exquisita, observada em todo o BRAZIL, é que o mulato vê na sua mestiçagem direito a uma consideração maior do que a devida aos seus talentos e profissão, emquanto que um adagio muito generalizado nada reconhece de util e proveitoso em qualquer mestiçagem com sangue indigena.

Da fazenda SECCO deviamos novamente subir uma alta montanha, a SERRA DAS LAGES.

A base dessa montanha é de um *schisto* argilloso de finas palhetas e de *schisto* micaceo cinzento esverdeado, que frequentemente se aproxima do *chloritoschisto* e contem octaedros de ferro.

No alto encontra-se *schisto quartzoso*, como perto da VILLA DO RIO DE CONTAS e, sobre elle, em vez de catingas, encontra-se uma especie de vegetação parecida com a de MINAS, faltando, porém, quasi por completo *liliaceas*.

No alto da montanha, que se eleva successivamente nos arredores da fazenda LAGES, apparecem poderosas jazidas de ferro e, sem duvida, esse metal se

Documento 175:

Preto MA-MMA-97 (206)
Mulato
"Wir fanden eine grosse Menge der Bewohner (da vila do Infinitado em Minas, n° 134-I-402) unter den erleuchteten Marienbildern versammelt, um das Ave zu beten. Diese Sitte des Mutterlandes wird jeden Abend überall in Brasilien mit Eifer und mit einer fast Theatralischen Feier geübt; die Mulatten, denen im Allgemeinen eine eben so bewegliche Zunge, als starke Lunge zu geboten stehen, übernehmen dabei das

amt des Vorsängers oder des Geistlichen."

Notação:

MA- MMA 97- 206

Análise documentária:

Autógrafo a grafite utilizando verso e anverso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm) manchas de fungo; borda superior picotada; f.206.

Transcrição:

Preto/ Mulato/ "Wir fanden eine grosse/ Menger der Bewohner (da/ vila do [Infinitado] em/ Minas, n° 134-I-402)/ unter den erleuchteten Marien-/ bildern versammelt, um/ das Ave zu betten. Diese Sitte des Mutterlandes/ wird jeden Abend über/ all in Brasilien mit Eifer und mit einer/ fast Theatralischen/ Feier geübt; die Mulat-/ ten, denen im Allge-/ meinen einer

eben so/ bewegliche Zunge, als/ starke Lunge zu Gebo-/ te stehen,/ übernehmen dabei das Amt des Vorsängers/ oder des Geistlichen.“

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München, Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. I. (BMA- B/V/i/134)

P. 402:

"Viertes Buch. III. Kapitel. Wanderungen in der Umgegend von Villa Rica"

Diese Fabrik bearbeitet den eisenglanzhaltigen Glimmerschiefer, der hier beträchtliche Lager auf und in dem weissen Quarzschiefer bildet, und wovon hie und da grosse Blöcke auf der Oberfläche umherliegen. Nicht selten wird er von rothem Eisensteinflötze bedeckt. Das Gestein ist sehr reich, von sechzig bis achtzig Procent, und man könnte von hier aus ganz Minas mit Eisen versehen; da aber viele Fazendeiros ihren Bedarf an Eisen selbst bereiten, auch ausserdem mehrere kleine Oefen in den verschiedensten Gegenden der Provinz bestehen, und zur Zeit ein grosser Theil des Eisens von Rio de Janeiro eingeführt wird, so beschränkt sich das tägliche Erzeugniss auf eine bis zwei Arrobas, welche sogleich in Beile, Aexete, Waldhauen, Messerklingen, Hufeisen und Nägel verarbeitet werden. Die Arroba rohen Eisens wird hier und in der Nähe zu tausend achthundert Rëis verkauft. Unser Freund v. ESCHWEGE beklagte sich öfters über die Schwierigkeiten, welche sich in diesem Lande bis jetzt einer jeden Fabrikanstalt entgegensetzen, und nannte als Hauptgrund die Abneigung der ärmeren Volksklasse, sich an ein gewisses Geschäft zu binden.

Von der Eisenfabrik gingen wir nach dem, in der Richtung von N. O. zwei und eine halbe Legoa entfernten, *Arraial de Bento Rodriguez*. Die Gegend ist bergig, und die Oberfläche des Bodens, grösstentheils von der Formation des goldhaltigen Eisensteinflötzes bedeckt, beurkundet durch häufige Gräben und Schürfarbeiten den Fleiss der Goldwäscher. Um so befremdender war es uns, in diesem Dorfe wie in vielen anderen wenige Spuren von Wohlhabenheit anzutreffen. Die Häuser sind baufällig, im Innern ärmlich, und die Bewohner sehen sehr kümmerlich aus; Allès verräth, dass die Blüthezeit dieses Districts schon vorüber, und nur noch zerstreute Reste des ehemaligen Reichthums übrig sind. Die Sonne war schon untergegangen, und die dunkle Tropennacht eingetreten, als wir über ein sehr ungleiches und deshalb gefährliches Terrain bis zu dem bedeutenden Dorfe *Inficionado* gelangten, wo wir übernachten wollten. Wir fanden eine grosse Menge der Bewohner unter den erleuchteten Marienbildern versammelt, um das Ave zu beten. Diese Sitte des Mutterlandes wird jeden Abend überall in Brasilien mit Eifer und mit einer fast theatralischen Feier geübt; die Mulatten, denen im Allgemeinen eine eben so bewegliche Zunge,

Documento 176:

Preto MA-MMA-97-207
Martius encontrou um
certo preconceito de
cor na alta sociedade
baiana. "Muita gente
por provas legais, como
por exemplo certidão
de batismo, quer de-
monstrar uma cor
que o estrangeiro,
julgando desa-
paixonadamente, com
bastante dificulda-
de lhe concederá."
n.º 134-II-639; p. 68 da
tradução de Pirajá da Silva

Notação:

MA- MMA 97- 207

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.207.

Transcrição:

Preto/Martius encontrou um/ certo preconceito de/ cor na alta sociedade/ baiana. "Muita gente/ por provas legais, como / por exemplo certidão/ de batismo, quer de-/monstrar uma cor/ que o estrangeiro/ julgando desa-/paixonadamente, com/ bastante dificulda-/de lhe concederá."/ n.º 134-II-639; p.68 da/ tradução de Pirajá da Silva

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

O Mulato

Verificação:

BPG: n° 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

P. 639

“Aufenthalt in der Stadt S. Salvador oder Bahia”

639

men, welche theils neben den Erzeugnissen der benachbarten Zuckerfabriken und den Artikeln, welche aus dem Innern des Landes herbeigeführt werden, theils ausschliesslich, Mais, Reis, Mandioccamehl, Gemüse, Federvieh, Fische u. d. gl. an Bord haben. Nichts gleicht der Lebendigkeit des Hafens von *Bahia*, vorzüglich an Tagen, welche den Festtagen vorausgehen, und der Betrachter wird dann geneigt, einen trügerischen Schluss von der Bevölkerung dieser Provinz zu machen, wenn er nicht weiss, dass viele dieser Kähne von zwanzig bis dreissig *Legoa*s entfernten Orten herbeikommen. Die beiweitem grösste Zahl derselben gehört aber den Ortschaften und Engenhos der Bai an, deren Ufer in seiner ganzen Ausdehnung mit den Gebieten der Flüsse, welche in die Bai fallen, so weit sie fahrbar sind, gemeiniglich *Reconcavo* genannt wird.

Die Bevölkerung dieses grossen Kessels darf gegenwärtig ohne Uebertreibung auf zweimalhundert tausend Seelen angenommen werden, wovon vielleicht einhundert und fünfzehntausend in der Stadt und ihren beiden Vorstädten *da Victoria* und *do Bom Fim* wohnen. (3.) Einem aufmerksamen Beobachter dieser, aus drei Rassen gemischten Menschenmasse wird es nicht entgehen, dass hier die reineuropäischen Physiognomien im Verhältnisse seltner sind, als in Rio de Janeiro, wohin die letzten politischen Katastrophen so viele Weisse gezogen haben. Man bemerkt vielmehr selbst in den höheren Ständen bisweilen Züge, welche an Vermischung mit Indianern und Negern erinnern, und namentlich ist dies in manchen der ältesten Bürgerfamilien der Fall, welche sich auf ihre Abstammung mit Recht etwas zu gute thun, sich als die naturalisirten Brasilianer betrachten, und Erinnerungen an die Verdienste ihrer Vorältern bei Gründung der Stadt und bei Vertreibung der Holländer unter dem kriegerischen Bischofe *TEIXEIRA* mit Stolz unterhalten. Dessen ungeachtet ist ein Vorurtheil gegen gemischte Abkunft in soferne bemerkbar, als Mancher sich und seine Nachkommenschaft selbst durch legale Zeugnisse, wie z. B. im Taufbuche, zu einer Farbe bekennt, die ihm das unbefangene Urtheil des Fremden wohl schwerlich zugestehen würde. Uebrigens gehen die feineren Grade der Färbung der Ansprüche in der Gesellschaft nicht verlustig; man sieht auch Personen von entschie-

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Trad. Manuel A. Pirajá da Silva. *Através da Bahia*, excertos da obra *Reise in Brasilian*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916. (BMA- E/I/h/22).

P.68:

“Estadia na cidade de Salvador ou Bahia”

— 68 —

Não obstante isso, ha um preconceito contra a procedencia mestiça. Assim, muitas pessoas querem provar por certidão de baptismo, terem uma côr, que difficilmente lhes poderá reconhecer o julgamento imparcial do estrangeiro.

Finalmente, as mais ligeiras variantes da côr não fazem perder o prestigio na sociedade. Vêem-se nella, sem que isso cause extranheza, pessoas de côr accentuadamente mestiça e sómente ao incumbido da estatística seria difficil verificar-lhes o numero e traçar os limites entre brancos e homens de côr.

A disposição especial da cidade e dos seus arredores dá logo idéa da população. que na mesma superficie excede á do RIO e possue uma actividade triplicada.

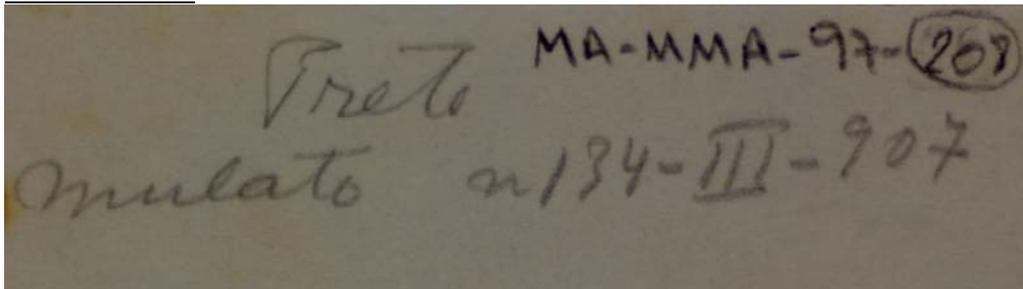
A agricultura está entreguê aos escravos, que orçam por 80 a 90.000. As manufacturas, com particularidade as mais communs, já completamente desenvolvidas na cidade, occupam a população de côr. O commercio, as altas industrias, a administação dos differentes cargos de estado e das grandes fazendas e engenhos do RECONCAVO, estão nas mãos dos brancos ou daquelles que assim se consideram.

Embora a côr branca no BRAZIL quasi ennobreça e dê habitualmente pretensões a uma certa posição na sociedade, enganar-se-ia muito aquelle que esperasse da parte branca da população, das classe mais elevadas mesmo, uma igualdade de educação e de ideias.

A educação e os costumes são os de Portugal, alterados, porém, de diversas maneiras pela influencia da litteratura francêsa ou inglêsa ou pela experiencia da vida e pelo conhecimento ou desconhecimento da EUROPA.

Educação, litteratura
e costumes

Documento 177:



Notação:

MA- MMA 97- 208

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.208.

Transcrição:

Preto/ mulato n 134 - III - 907

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. III.

P.907:

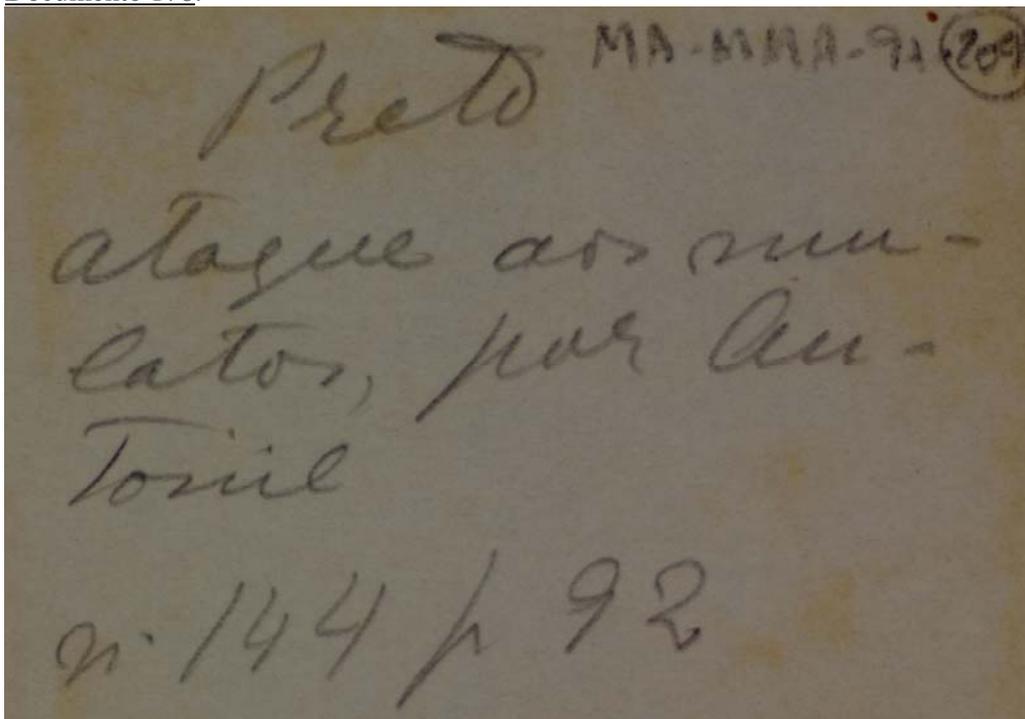
“III. Kapitel. Reise Von Pará durch den Archipel in den Amazonenstrim, und diesem bis zur Enge von Obydos.”

Nota MA a grafite:

“Mulato” e traço à margem do trecho:

“Stimmung, gesellschaftliche Bildung und geistige Bedürfnisse der weissen Einwohner sind gleichsam ländliten Ständen im Süden Brasiliens.”

Documento 178:



Notação:

MA- MMA 97- 209

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.209.

Transcrição:

Preto/ ataque aos mu/latos, por An-/tonil/ n° 144 p. 92

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

O Mulato; [Mulher]

Verificação:

BPG: n° 144: ANTONIL, Andre João. *Cultura e opulência do Brazil por suas drogas e minas*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1923. (BMA- F/I/c/40)

P. 92:

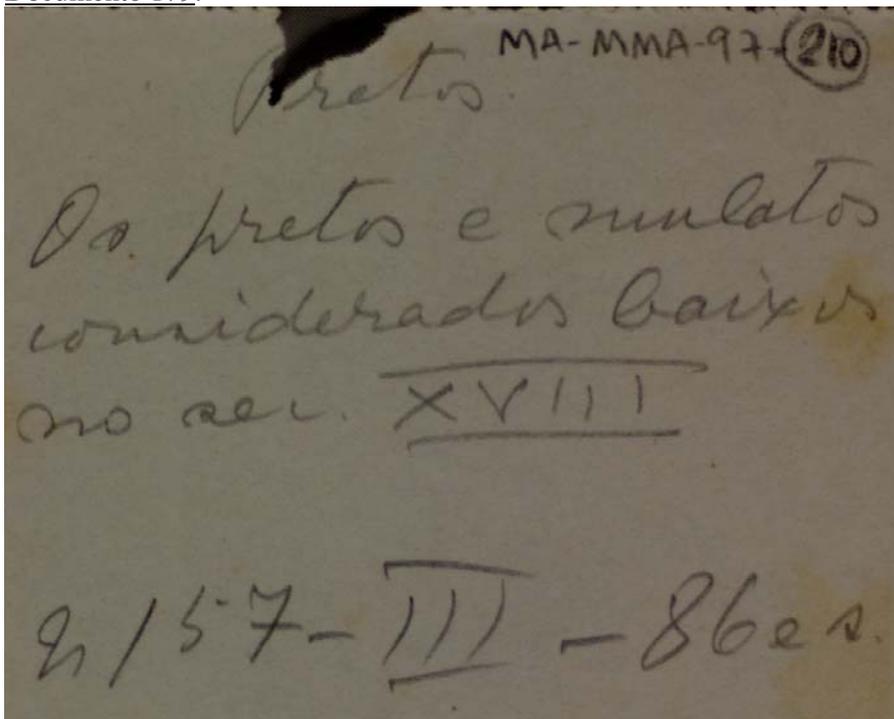
"Cap. IX - Como se há de haver o senhor de engenho com seus escravos"

Nota MA a grafite:

grifo no trecho:

"Forrar mulatas desinquieta é perdição manifesta; porque o dinheiro, que dão para se livrarem, raras vezes sai de outras minas, que dos seus mesmos corpos, com repetidos pecados; e depois de forras continuam a ser ruína de muitos."

Documento 179:



Notação:

MA-MMA- 97- 210

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; rasgamento na borda superior; f.210.

Transcrição:

Pretos/ Os pretos e mulatos/ Considerados baixos/no sec. XVIII/ n 157 - III - 86 e s.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[O Mulato]; [Escravidão]; [Contra o preto]

Verificação:

BPG: nº 157:FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro 3. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, tomo 89, v. 143, 1921. (BMA- F/II/c/18)

Certo pretendente chegou até á quarta geração, mas desistiu da empresa, porque os quartos avós não tinham pinga de sangue do archi-millionario lord. Era apenas um simples Portuguez de condição humilde, que se casara com uma india, levado pelas garantias do alvará de 4 de Abril. Foi immensa a decepção do tal cidadão, que já sonhva receber em partilha grossa cobreira!

Segundo Camillo Castello Branco, foi d. Luiz da Cunha quem aconselhou ao depois marquez de Pombal que nobilitasse os christãos novos arrependidos e, tambem, a confusão das raças e das côres. O ministro de d. José deu o habito de Christo a um commerciante, que na sua mocidade saíra de vela amarella em um auto de fé. *O conde de Oeiras fez ermão da Misericordia* (de Lisboa) um mulato, com grande *vituperio para os seus confrades que tinham justificado a pureza do seu sangue.*

Não tenho tempo para verificar esse ultimo facto. E' certo, porém, que no tempo de Pombal, dos compromissos da Misericordia foi riscada a clausula de só poder fazer parte da confraria quem tivesse sangue limpo, isto é, não descendesse de mouro, judeu ou mulato.

Aqui, no Rio e na nossa Misericordia, em virtude da lei régia de 25 de Maio de 1773, deu cumprimento á ordem o provedor marquez de Lavradio, vice-rei e tambem provedor da Irmandade.

O termo foi lavrado em mesa de 17 de Março de 1775, sendo assignado pelo marquez, Manuel da Costa Cardoso escrivão, Braz Carneiro Leão, Simão Gomes da Silva, Domingos Vaz Pacheco, Germano Luiz Lisboa, José Caetano Alves, Luiz Antonio de Miranda, José da Cruz Silva e Antonio de Sousa Costa.

Entretanto, esse mesmo Lavradio era implacavel contra as transgressões do alvará de 4 de Abril de 1755.

Tendo sabido pelo ouvidor da Comarca, Antonio Pinheiro Amado, que certo Indio se casara com uma preta, dirigiu-lhe o seguinte officio, em data de 6 de Agosto de 1774:

«Visto a informação que Vossa Mercê me deu do Indio José Dias Quaresma, *capitão-mór da aldeia de Ipuca*, se achar casado como uma preta, devo dizer-lhe que, tendo el-rei meu

Senhor habilitado todos os Indios para poderem servir *todos os cargos da Republica*, pondo-os habéis e sem infamia alguma para todos os empregos, tendo elles capacidade para os exercitarem, como a mente do mesmo Senhor é infundir-lhes espiritos de honra e o referido Indio José Dias Quaresma *é de espirito tão baixo* que, sem attenção ás distinctas mercês, com que el-rei meu Senhor tem honrado todos os Indios, se casou com uma prêta, *manchando com este casamento o seu sangue* e fazendo-se por esta causa indigno de exercer o posto de capitão-mór, por ser o primeiro que devia servir de exemplo, Vossa Mercê o fará logo suspender do exercicio de capitão-mór da sobredicta aldeia, mandando-lhe recolher a patente, que se lhe passou do dicto posto, remettendo-me ao mesmo tempo nova proposta deste mesmo posto, elegendo-se para elle um Indio assistido dos requisitos, que se fazem necessarios para o exercitar.»

Certo, em cousas do coração o *Gravata* (assim era alcunhado o marquez de Lavradio) não podia atirar a primeira pedra ao pobre caboclo, que se enfeiticara pela rapariga e a levava ante os altares.

Como é geralmente sabido, o marquez, como o grande Camões, era temivel em luctas amorosas de todo genero.

O peor estava no seguinte: a esposa do *ex-maioral* era escrava, e pelas leis do tempo os filhos do Quaresma e seus descendentes nasciam captivos!

Ahi pegava o carro.

3 de Abril de 1905.

RELIQUIAS

Transcreveu o *Jornal do Commercio* de 3 de Abril, dada pelo correspondente em Romã de uma folha belga, a noticia de um novo meio de tornar mais efficazes os remedios: applicar a imagem de um sancto sôbre o ponto infermo nas molestias externas e engolir a imagem com o remedio nas molestias internas.

Nota da pesquisa:

O fac-símile da p. 85 foi acrescentado pelo pesquisa para contextualizar a leitura. MA consulta o artigo "Indios" de José Vieira Fazenda em que o autor trata da legalização do casamento do indígena com portugueses e vice-versa, no entanto, era vedada a aliança com o negro.

Preto MA. MMA-97 (211)
Desordeiros mulatos
Os proprios frades
acarocavam e prote-
giam os fascinosos.
Nos brigas contra os be-
nedictinos do Rio, o go-
vernador Luis Valhia
Monteiro, se queixava
daqueles contravento-
res da ordem real
que fiados nos seus
mulatos reforçados" (n 157-
II - 140) se mostravam
duma indisciplina... e-
xemplar.

Notação:

MA-MMA- 97- 211

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm cm; 11,6 x 6,7cm; 14,4 x 10,5 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.211.

Transcrição:

Preto/Desordeiros mulatos/ os próprios frades/ acarocavam e prote-/giam os fascinosos./ Nas brigas contra os be-/nedictinos do Rio, o go-/vernador Luis Vahia/ Monteiro, se queixava/ daqueles contravento-/res da ordem real/ que fiados nos seus/ mulatos reforçados "(n 157 -/ 55 - 140) se mostravam/ dum a indisciplina ... e-/xemplar.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; comentário crítico e referência bibliográfica

Subtema:

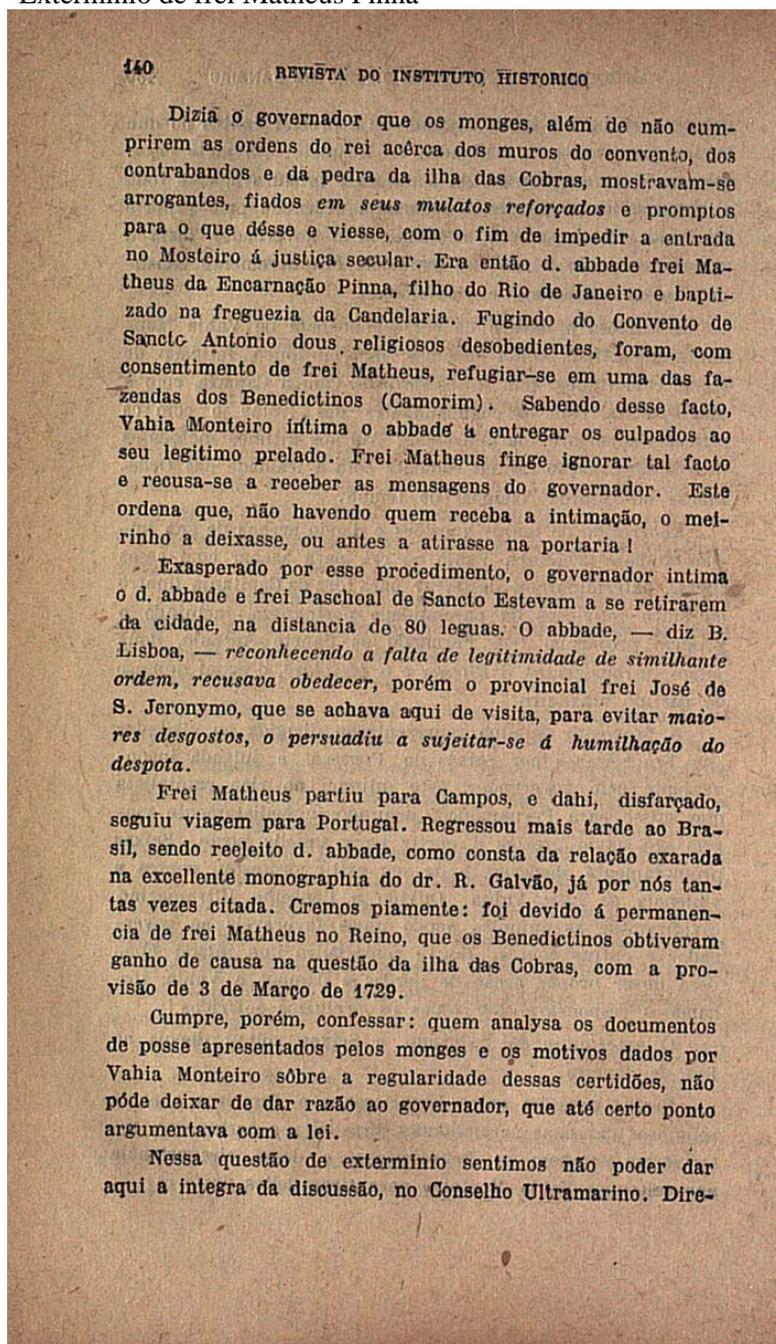
[O Mulato]

Verificação:

BPG: nº 157: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro 2. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1923, tomo 88, v. 142, 1920. (BMA- F/II/c/17)

P. 140:

"Extermínio de frei Matheus Pinna"



Documento 181:

Preto MA.MMA.97(212)

Dão Francisco Manuel
não quer na casa dos
bem casados nem ne-
gras nem mulatas
porque são "fecundas, e
inçam uma casa de
tantas manchas ~~para~~
como d'ellas nascem"; e
nem negrinhos ou mu-
latinhos porque "são os
mesmos diabos, ladi-
nos, e chocarreiros."

208 p 135

Notação:

MA- MMA 97- 212

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.212.

Transcrição:

Preto/ Dão Francisco Manuel/ não quer na casa dos/ bem casados nem ne-/gras nem mulatas/ porque são "fecundas, e / inçam uma casa de/ tantas manchas como delas nascem", e/ nem negrinhos ou mu-/latinhos porque "são os/ mesmos diabos, ladi-/nos, e chocarreiros."/ 208 p 135

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

O Mulato; [Mulher negra]

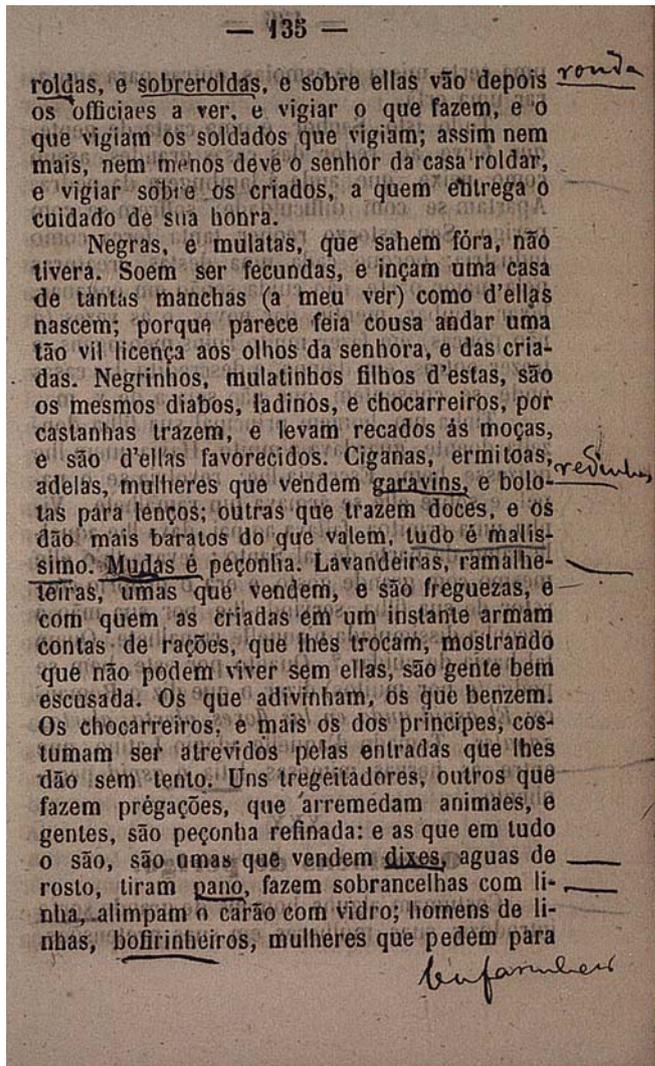
Verificação:

BPG: nº 208: MELLO, Francisco Manuel de. *Carta de Guia de Casados*. Porto: Typ. Pereira da Silva, 1873.

(IEB- JFO)

P. 135:

"XXIX - Governo da casa"



Nota da pesquisa:

Embora Ma tenha um exemplar desta obra, não há correspondência entre a pagina do livro e a indicada na nota de trabalho. Sabemos que MA não se valeu do exemplar de sua biblioteca, pois no manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá* ele indica "Pio", o que equivale dizer que fez a consulta na biblioteca de Pio Lourenço em Araraquara.

Na biblioteca de João Feliciano Costa (IEB-USP), consta a edição de 1898 que contém exatamente o trecho referido na nota de trabalho, conforme se vê no fac-símile.

Documento 182:

MA-MMA-97-213
Pretos
não mulatos Cotegipe,
Rebouças,
Patrocínio
Teodoro Sampaio
Aleijadinho
n 264 vol 28
p 335
Cruz e Souza
Gonçalves Crespo?
Luis Gama

Notação:

MA- MMA 97- 213

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.213.

Transcrição:

Pretos/ são mulatos Cotegipe/ Rebouças/ Patrocínio/ Teodoro Sampaio/ Aleijadinho/ n 264 vol 28/ p 335/ Cruz e Souza/ Gonçalves Crespo ?/ Luis Gama

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

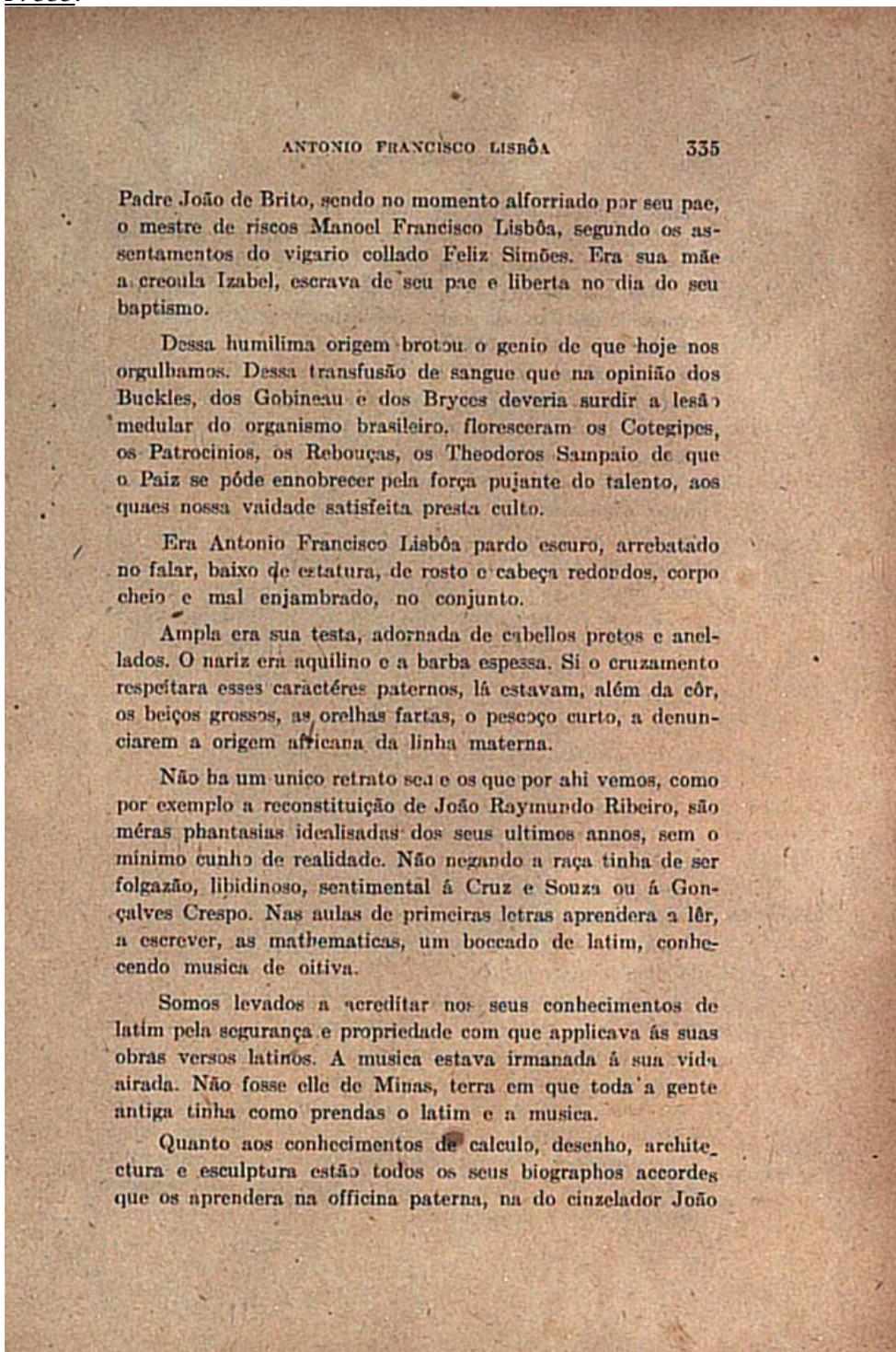
Subtema:

[O Mulato]; [Africanologia/ História]

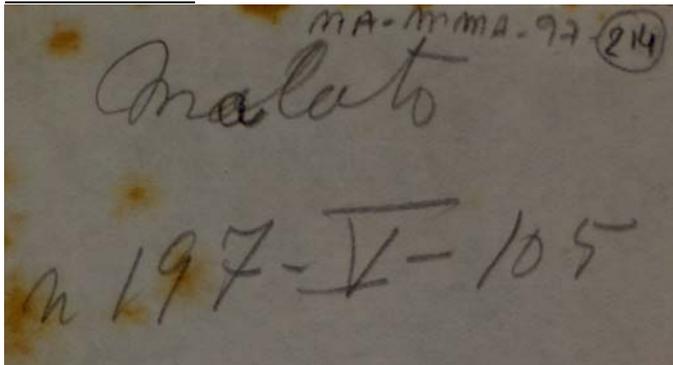
Verificação:

BPG: nº 264: GUIMARÃES, Renato Alves. Antonio Francisco Lisboa, o 'Aleijadinho'. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, v. XXVIII, p. 331-412, 1930. (BMA- E/I/e/61)

P. 335:



Documento 183:



Notação:

MA- MMA- 97- 214

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlho destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.214.

Transcrição:

Mulato/ n 197 - V - 105

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[O Mulato]; [Escravidão];

Verificação:

BPG: nº 197: MATTOS, Gregório de. *Obras de Gregorio de Mattos*. Rio de Janeiro: Officina Industrial Gráfica, 1930, v. 5 - Satírica. (BMA-A/II/b/44)

P. 104 e 105:

" XXV - Pedindo a soltura de um mulato a seu senhor"

Nota MA a grafite:

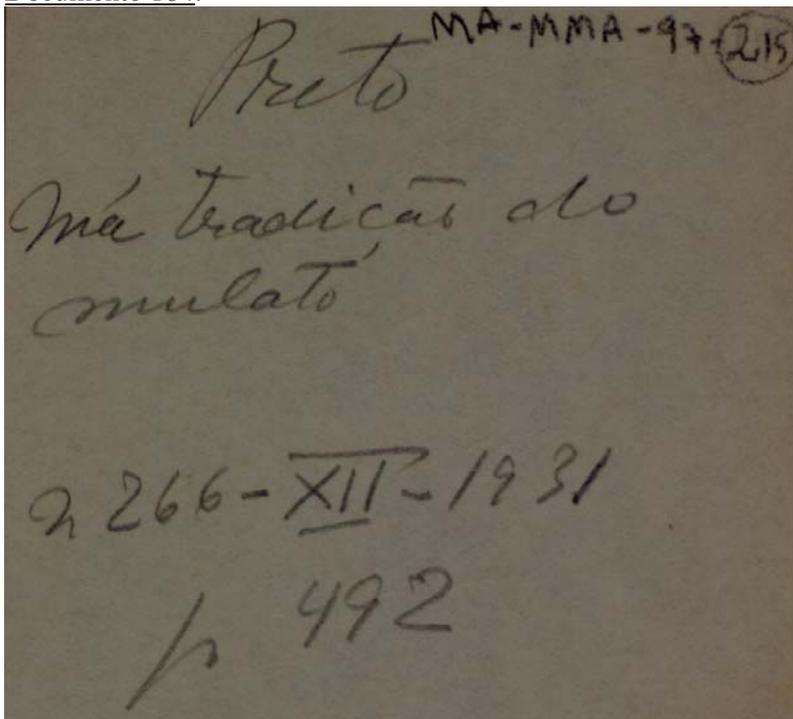
traço à margem da 2ª estrofe:

"Um castigo tão tirano,
Uma prisão tão severa ,
Satisfaria a uma fera,
E eu cuidei que éreis humano:
Há pouco menos de um ano
Que está esse pecador
Purgando com grande dor,
E com trabalho infinito,
A princípio o seu delito,
E agora o de seu senhor."

Nota da pesquisa:

Embora MA indique apenas a p. 105, a Nota MA e o trecho transcrito compreendem trechos da páginas 104 e 105.

Documento 184:



Notação:

MA- MMA 97- 215

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.215.

Transcrição:

Preto/ Má tradição do/ mulato/ n 266 - XII - 1931/ p 492

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]; [Caracteres]

Verificação:

BPG: nº 266: Epistolário Acadêmico: Carta de José Veríssimo à sua noiva. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, v. XXXVII, ano XXII, nº 120, dezembro 1931. (BMA)

P. 492:

Nota MA a grafite:

"Preto/ Fraqueza de/ psicologia, de-/preciando o mu-/lato... por tra-/dição. Tais va-/cilações são hu-/manas e não/ só dos mestiços" e chave à margem do trecho:

"Dizer-te que eu próprio não me conheço perfeitamente, ou que, pelo menos, acho-me muitas vezes em contradição comigo mesmo, não é exagerar. No meu caráter, como aliás acontece com os mestiços, em que se reúnem tendências de raças diversas, e nos homens cuja vocação foi contrariada pelo encadeamento de circunstâncias a que uns chamam Providência, outros Acaso, há variações, flutuações, que muitas vezes me tem perturbado o espírito e desassossegado o coração."

Documento 185:

Notação:

MA- MMA 97- 216

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.216.

Transcrição:

Preto/ "Coçar um pouco"/ quer dizer que é mulato/ Beliscar a orelha=/ também indica que/ a pessoa de que se/trata é mulata/ "Ter cabelo ruim" =/ quer dizer que é mulato/ 275 pgs 97 e 98

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]

Verificação:

BPG: nº 275. COUTO, Ribeiro. *Cabocla*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. (BMA- C/II/f/51)

P. 97 e 98:

Capítulo "X"

Nota MA a grafite:

1. traço à margem do trecho:

" - De um rapazinho muito distinto. Coça um pouco (e minha prima beliscou uma orelha para indicar que o noivo de Zuca era mulato), mas muito distinto.

- Tem o cabelo ruim? - perguntei a minha prima, que gostava de conversas bisbilhoteiras.

- Não muito, mas vê-se que coça, no beijo roxo... - e fez um momo de desdém inocente, manifestando uma certa repulsão."

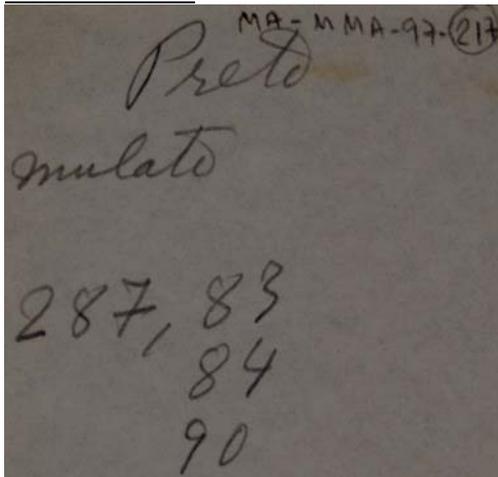
2. grifo em "Coça um pouco".

Nota da pesquisa:

Encontrado neste livro, como possível marcador de página, a propagando eleitoral:

"Para Senador/ Brasílio Machado Neto/ Para suplente/ Christiano Altenfelder Silva". No verso MA escreve a grafite: "Machado"

Documento 186:



Notação:

MA-MMA- 97- 217

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.217.

Transcrição:

Preto/ Mulato/ 287, 83/84/90

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[O Mulato]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 287: PEIXOTO, Julio Afranio. *Missangas Poesia e Folklore*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. (BMA-F/I/A/14)

P. 83:

"Adágios brasileiros"

Nota MA a grafite:

cruzeta à margem do trecho:

" Mulato em burro é lacaio: dois sinais de inferioridade".

P. 84:

"Adágios brasileiros"

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Negro que pinta tem tres vezes trinta. Os pretos costumam a encanecer."

2. grifo em "pretos".

P. 90:

"Adágios brasileiros"

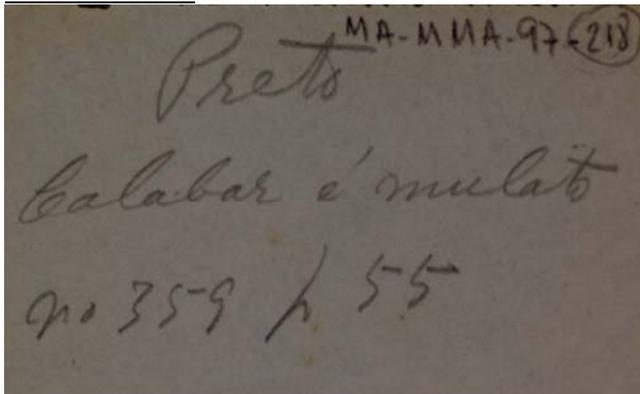
Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Preto não serve preto. Os iguais não se devem submissões".

2. grifo em "Preto".

Documento 187:



Notação:

MA-MMA- 97- 218

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.218.

Transcrição:

Preto/ Calabar é mulato/ nº 359 p 55

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]; [Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº 359. CALMON, Pedro. *História da civilização brasileira*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1933. (BMA- E/I/C/62)

P.55:

Nota MA a grafite:

1. "Preto" à margem do trecho:

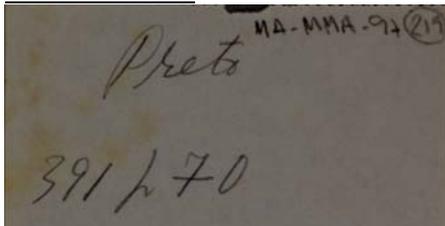
"A frota espanhola encontrou, na altura dos Abrolhos, a esquadra flamenga de Adrião Pater, e a um combate de resultados indecisos se cifrou a sua ação. Sem vantagens maiores prosseguiu a guerra à volta do Paraíba (1631) e do Cabo de Santo Agostinho (1632), até que obtendo a amizade de um sertanista mulato, Domingos Calabar, lograram tomar e queimar a vila de Iguarasú (..)."

2. grifo em "sertanista mulato, Domingos Calabar"

Nota da pesquisa:

Domingos Fernandes Calabar (1600-1635) militar brasileiro, nasceu e morreu em Porto Calvo, Alagoas. Foi educado por jesuítas, prosperou e se tornou senhor de terras e engenhos de açúcar. Entre 1630 e abril de 1632, participou da luta contra os holandeses sob as ordens de Matias de Albuquerque. Em 1632, passou para o lado do invasor por considerar o domínio holandês mais benéfico para o Brasil que o jugo português – e Portugal, na época, estava sob domínio espanhol. Grande conhecedor do terreno, sua colaboração foi de grande valia para a penetração holandesa, mas, em 1635, o governador pernambucano conseguiu render as forças holandesas. Julgado sumariamente, foi considerado traidor e enforcado por ordem de Matias de Albuquerque.

Documento 188:



Notação:

MA-MMA- 97- 219

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; rasgamento na borda superior; f.219.

Transcrição:

Preto/ 391 p 70

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[O Mulato]

Verificação:

BPG: nº 391: FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Shmidt Ltda, 1933.(BMA - F/II/d/22)

P. 70:

"Capítulo I: tendências gerais da colonização portuguesa no Brasil; formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida".

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem da nota de rodapé:

"(4) Chamar-se alguém de "caboclo" no Brasil quase que é sempre elogio de seu caráter ou da sua capacidade de resistência física e moral. Em contraste com "mulato", "negro", "moleque", "crioulo", "pardo", "pardavasco", "sará", que em geral envolvem intenção depreciativa da moral, da cultura ou da situação social do indivíduo. Muito mulato brasileiro de elevada posição social ou política faz-se questão de dizer-se caboclo: "nós caboclos", "não fosse eu caboclo", etc. E Julio Bello refere que o velho Sebastião do Rosário, conhecido senhor de engenho pernambucano do século XIX, Wanderley puro, dos bons, dos de Serinhaen, a pele avermelhada de europeu, os olhos azuis, o cabelo ruivo, quando exaltava-se, contente, nos seus grandes jantares, era para gabar-se, falsamente, de ser "caboclo". Mulato ou tocado de sangue negro é que ninguém quer ser quando nas alturas. Raríssimas as exceções."

Nota da pesquisa:

Não há uma nota de trabalho no dossiê *Preto* que se ligue à seguinte nota marginal (o que contribue para indicar que a pesquisa de MA sobre este tema pode ser explorada além do dossiê):

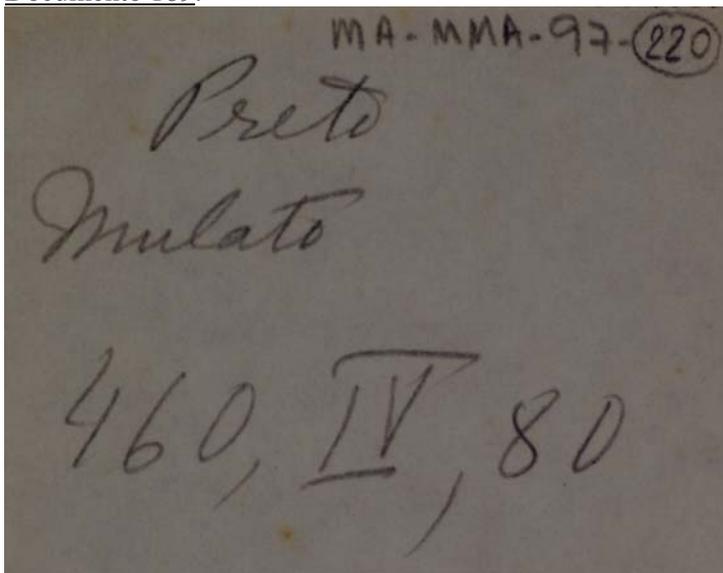
P. 71:

"Capítulo I: tendências gerais da colonização portuguesa no Brasil; formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida".

Nota MA a grafite:

"Índios" "negros" "Preto" à margem do trecho: 'A mestiçagem', diz Roquette Pinto, 'deu o "jagunço : o jagunço não é mameluco, filho do índio e o branco. Euclides estudou-o na Bahia; Bahia e Minas são os dois estados da União em que mais se espalhou o africano."

Documento 189:



Notação:

MA-MMA- 97- 220

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.220.

Transcrição:

Preto/ Mulato/ 460, IV, 80

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 460: TROVADOR Collecção de modinhas, recitativos, arias, lundús, etc. Rio de Janeiro: Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, 1876, v. 4. (BMA-F/II/b/2)

P. 80:

"Lundu - Gentis, vossê já viu, já?"

Nota MA a grafite:

1. grifo no título "Gentis, vossê já viu, já?"

2. cruzeta ao lado do trecho:

"Lundu brasileiro, composto pelo curioso B. B., e posto em música pelo professor Dorison."

Nota da pesquisa:

Segue a transcrição do lundu mencionado:

"Gentis, vossê já viu, já,

Iôyô mais sidôto?

Que deixa o peito dá gentis

Fazendo tátá sem dô?

Que ladrão que faz a gentis

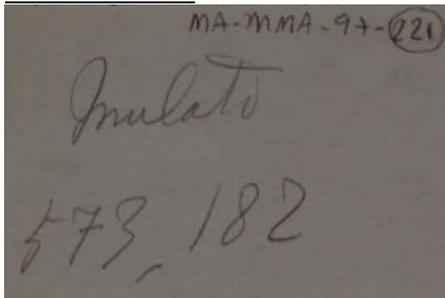
Sentir por ele um bichinho,

Roendo no coração

Lhe pinicando mansinho.

Vossê, gentis, não tem, não,
Também seu camondoguinho,
Não tem amor, não quer bem
A algum iôyôsinho?
Pois é doce, é bem gostoso
Ter a gentis seu ladrão,
Para aliviar as mágoas
De seu triste coração.
Não há gentis de bom gosto,
Do grande tom rigoroso,
Que não tenha seu Adonis,
Seu trambolhinho amoroso.
O querer bem e amar
E o gostar, do que é bom,
Não ofende, não é crime,
E não é pecado, não."

Documento 200:



Notação:

MA-MMA- 97-221

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.221.

Transcrição:

Mulato/ 573, 182

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[O Mulato]; [Caracteres]

Verificação:

BPG: nº 573: CALMON, Pedro. *Espírito da sociedade colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (BMA- E/I/c/46)

P. 182 e 183:

"XI. O mamaluco, lusíada do sertão. O bandeirante. O meio-índio. Conquistadores. O potoreio. A fazenda de criar. "

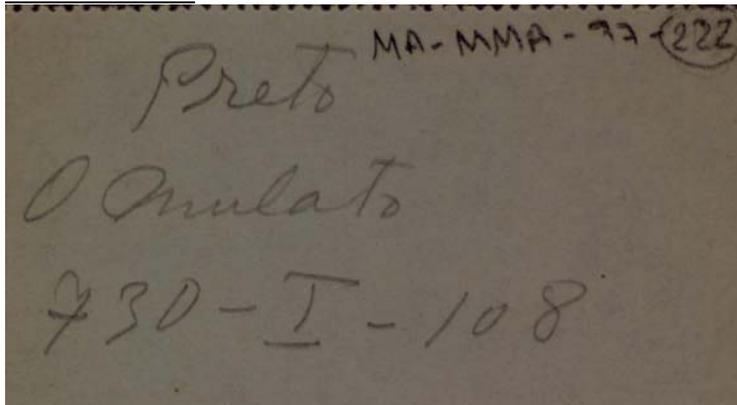
Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"O mestiço de branco e negro é sedentário, sensual, inteligente e ousado; o mestiço de branco e índio é nômade, independente, aventureiro, inconstante. O "mulato" ama a terra, a que o prende o matriarcado- agrícola, que o produziu, e era indolente por orgulho, diferenciando-se do cativo, que "tinha de trabalhar"; o mamaluco" tem por pátria o deserto, induzido a conquistá-lo, porque o patriarcado-pastoril o domina. O "mulato" não conhece o pai; o "mamaluco" não conhece a mãe. Foi a distinção fundamental que entre eles houve. Ambos, porém, repetem a ascendência que parecem desprezar: o "mamaluco" é mais índio que europeu; o "mulato" é mais branco que negro. Tem aquele de lutar com o gentio, e o imita; nele renasce, por uma imperiosa lei de ativismo, o caboclo rastreador, o atleta da floresta, o tupi andejo ou o tupaia feroz. O "mulato" para valorizar sua mestiçagem, copia as ideias, a educação, os atos do branco; exagera-os; acumula-os sobre a herança psicológica do negro, o seu fetichismo animista, a sua instintiva humildade, o seu erotismo primário. No primeiro caso, é um civilizado, que se barbariza; no outro, é um bárbaro que se civiliza. E as raças inferiores encontram neles os seus algozeiros. O "mamaluco" é o "descendedor de índios"; e o "mulato", o "feitor" da escravatura. O maior inimigo do negro e do índio é o mestiço, seu descendente. Com que se vingava do próprio, malsinando-lhe a origem. Destruía-se, na pessoa dos parentes, uma purificação incosnciente (328).

(328) Vd. Frei Vicente, *Hist. do Brasil*, 3ª ed., p. 278." (atualizei ortografia)

Documento 201:



Notação:

MA- MMA 97- 222

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,3 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.222.

Transcrição:

Preto/ O Mulato/ 730 - I- 108

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[O Mulato]; [Caracteres]; [Música]

Verificação:

BPG: nº 730: DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Trad. Sergio Milliet. São Paulo, Livraria Martins, 1940, t. II. (BMA- E/3/b/14)

P. 108:

"Caráter do mulato"

cruzeta à margem do trecho:

“É certo que no Brasil a cabana e o palácio são o berço comum da música. Por isso ouve-se dia e noite o som da marimba do escravo africano, do violão ou do cavaquinho do homem do povo, e a harmonia mais sabida do piano do homem rico. Santa Catarina e Pernambuco se ufanam do gênio musical de seus habitantes e, como na Alemanha nas escolas primárias de Santa Catarina ensina-se o *abc* juntamente como o *dorémi*, vantagem que produz muitos compositores entre os quais distingue-se hoje o célebre D. Francisco de Oliveira Coutinho. É de lamentar que um tão grande gênio defina escondido nos rochedos que cercam a cidade de Desterro, capital da ilha de Santa Catarina, pois merece com justiça o título de excelente professor; discorrendo sobre sua arte ele a pratica com filosofia.”

Documento 202:

MA-MMA-97.223
Burros
"The beast may be
learned by studying
the mulatto and the
eunuch: like those
amiable monsters, it
appears to eye all creation
with a general and
undistinguishable
hate"
n° 88, I, 96

Notação:

MA- MMA 97- 223

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.223.

Transcrição:

Burros/ "The beast maybe/ learned by studing/ the mulatto and the/ eunuch: like those/ amiable monsters, it/ appears to eye all creation/ with a general and/ undistinguishable hate."/ n° 88, I, 96

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

O mulato

Verificação:

BPG: n° 88: BURTON, Richard. F. *Explorations of the highlands of the Brazil*. London: Tinsley Brothers, 1869, v. 1. (IEB- Yan)

this a "capánga,"* or pouchlet of coarse canvas, in which the muleteer stows away tobacco, flint and steel, pack-thread, and as much miscellaneous cargo as is contained by the schoolboy's pocket. Thus equipped, the wearer was the model of an English travelling gentleman.

The Brazil may be improvident, profuse, reckless, but not so North Britain. Mr. L'pool scrutinized, with underwriter eyes, the "little bill," and at once detected charged to us 32 bottles of beer, which the "Maje" had drunk to drown his sorrows. Poor little old man, his family allows him no "trink-gelt!" When remonstrated with, he offered seriously, but in bitter irony, to reduce his account to nothing—to one quarter—to half. But the fine satire being utterly thrown away upon the son of that city where men seem to be born with brown paper parcels under their arms, he took off 14 shillings from as many pounds sterling, and thus ended the Battle of the Bottles.

Good news awaited us at Barbacena. Mr. J. N. Gordon, Superintendent-in-chief of the great English mine at Morro Velho, had kindly offered to send mules for us to Juiz de Fóra; our delay had caused the troop to march northwards, and we were in no small fear of missing it. Hired animals are here paid 5\$000 per diem each, including a mounted guide. But they are seldom good, never safe, especially where a riding-habit is in the case; and the first comfort of travel in the Brazil depends upon your beast and your saddle. It was therefore with no small satisfaction that we found ten good beasts under the charge of Mr. Fitzpatrick, whose sole duty it was to look after them and their furniture. In Persia we should call this Master of the Morro Velho Horse a Mirakhor, Chief of stables, here he is an Escoteiro or Ecuyer—all I shall say of him is that he kept his men sober, and that he made us thoroughly comfortable.

Every traveller complains of the testy and petulant mule; every traveller rides mules, a necessary evil, as horses cannot stand long marches in this part of the Brazil. The beast may be learned by studying the mulatto, and the eunuch: like those amiable monsters, it appears to eye all creation with a general and undistinguishable hate. It will not become attached to the

* This bag is taken from the Indians, who when hunting slung it over the shoulder like a kind of carnassière; it was

of cotton cords knotted and plaited and dyed alternately yellow or red brown, with the "catoua" bark.

MA-MMA-97-214

Por mulatismo, na accção generica em que é tomado aqui o vocabulô, se entende e designa aquella especie de tara indigena peculiar de boa parte do meio brasileiro e que se manifesta simultaneamente na ordem politica, social e litteraria. Na primeira por uma ignorancia crassa de conhecimentos geraes os mais elementares, pela submissão a todos os governos, pela ancia de galgar posições (servilismo, incondicionalismo, avacalhamento); pela preocupação absorvente de dar emprego á parentela (filhotismo); pelo abuso ostensivo do poder (caciquismo, mandonismo). Na ordem social pela ausencia de gosto e boas maneiras, de discreção e reserva no falar, de comedimento no gesto, de benevolencia no trato, pela mania de pôr-se em evidencia, de figurar no cartaz, como se costuma dizer nestes termos de publicidade berrante e pela ostentação espetaculosa de tudo quanto é lantejoula e gurope (exhibicionismo, rastaquerismo). Na litteratura finalmente pelo arremedo despejado e grotesco do modelo estrangeiro e por uma aggressividade nacional intratavel contra todos os valores da intelligencia. Em todas tres, em summa, pela ambição exclusiva do dinheiro, pela falta de ideal e desinteresse, de capacidade de servir e obedecer, de vontade de querer e poder: pela adoração bruta, que é o traço caracteristico dos povos fracos ou decadentes (lembre-se a proposito o entusiasmo que suscitavam aqui os allemães na grande guerra); pela iactancia, basofia e loquacidade (pernoticismo, capadoçagem, etc.); pelo exercicio de praticas enervantes e dissolventes (espiritismo, bruxaria, macumbas), pelo quebranto, pessimismo e desanimo, que são as tres formas essenciaes do derrotismo.

Alberto Ramos
Boletim de Ariel
11.33

Notação:

MA- MMA 97- 224

Análise documentária:

Datiloscrito a fita preta; rasura em autógrafo a tinta vermelha; folha de sulfite (33 x 22 cm); manchas de fungo; sinal de dobra na vertical e horizontal; f. 99.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Mulato

Verificação:

RAMOS, Alberto. O mulatismo. *Boletim de Ariel* – Mensário crítico-bibliográfico Letras, Artes e Ciências. a.3, n. 2 , nov. de 1933.

CRISE DA POESIA

A crise não é propriamente da poesia. Hoje como sempre aquella maravilhosa cadeia magnetica de Platão une da terra aos céos o homem ephemero aos deuses eternos, enamorados dos bellos versos e das bellas imagens, do jogo alternado dos rythmos, da severa architectura da estrophe.

Não, a crise não é de poesia; a crise é de poetas. Depois de Goethe, Byron, Victor Hugo, o mundo habituou-se de ouvir as grandes vozes dos seus interpretes soberanos. Outras, discretas e singulares, — Poe, Baudelaire, Mallarmé, Verlaine, aquelle angelico e tenebroso Anthero de Quental, quantos mais! — foram talvez sublimes acordes, sublimes e solitarios, não o jubilo cantico de alleluia ou a rajada prophetica da grande lyra.

A verdade é que os tempos modernos, e está nisto a condemnação irreversivel desta época ingloria que alardeia um progresso material aberrante, não produziram um poeta, o seu poeta.

Mas a poesia não morreu no coração dos homens. A harpa do propheta emmudeceu e pende inerte do salgueiro, mas Babylonia espera inconsolavelmente o sopro creador e divino que ha de reanimar as adormecidas cordas.

Entretanto, si o presente não produziu nenhum grande poeta valha-nos ao menos a esperança do futuro. E não pareça vã prosapia admittir que algum dia no tempo venha a caber ao Brasil renovado, renascido, liberto de odios e preconceitos, de fanatismos, de superstições e de tyrannias, immenso e fraternal, a honra incomparavel de dar ao mundo o seu poeta.

Esse dia, pelos modos, ainda vem longe. Por enquanto a poesia no Brasil expia a longa fatalidade de um servilismo nauseante que se traduz na contrafacção grosseira do modelo francez mais recente — symbolismo, futurismo, modernismo, super-realismo, phenomeno que de um modo geral se inclue no quadro synoptico do mulatismo nacional.

O MULATISMO

A proposito de mulatismo, e para dissipar possiveis malentendi-

BOLETIM DE ARIEL

dos preteritos ou futuros, quero explicar-me aqui brevemente sobre o emprego e o sentido virtual deste vocabulo, que contrariamente ao que se poderia pensar não implica nenhuma relação de ethnia racial, de coloração epidermica ou entrosagem capillar, absurdo preconceito, questão ademais ociosa e, sejamos francos, positivamente ridicula no Brasil onde o que mais presuma de arya-sil onde o que mais passará muito no dolico-leuro não passará muito provavelmente e na melhor das hypotheses de mulato brancoide e o hypothese differencial da raça poderia resumir-se numa maior ou menor porção de globulos de sangue exotico. Méra questão de dosagem, como se vê; no fundo a droga é a mesma.

Por mulatismo, na accepção generica em que é tomado aqui o vocabulo, se entende e designa aquella especie de tara indigena peculiar de boa parte do meio brasileiro e que se manifesta simultaneamente na ordem politica, social e litteraria. Na primeira por uma ignorancia crassa de conhecimentos geraes os mais elementares, pela submissão a todos os governos, pela ancia de galgar posições (servilismo, incondicionalismo, avacalhamento); pela preoccupação absorvente de dar emprego á parentela (filhotismo); pelo abuso ostensivo do poder (caciquismo, mandonismo). Na ordem social pela ausencia de gosto e boas maneiras, de discreção e reserva no falar, de comedimento no gesto, de benevolencia no trato, pela mania de pôr-se em evidencia, de *figurar no cartaz*, como se costuma dizer nestes tempos de publicidade berrante e pela ostentação espectacular de tudo quanto é lantejoula e ouropel (exhibicionismo, rastaquerismo). Na litteratura finalmente pelo arremedo despejado e grotesco do modelo estrangeiro e por uma aggressividade nacional intratavel contra todos os valores da intelligencia. Em todas tres, em summa, pela ambição exclusiva do dinheiro, pela falta de ideal e desinteresse, de capacidade de servir e obedecer, de vontade de querer e poder; pela adoração apalermada da força bruta, que é o traço caracteristico dos povos fracos ou decadentes (lembre-se a proposito o enthusiasmo que suscitavam aqui os allemães na grande guerra); pela jaectancia, basofia e loquacidade (pernosticismo, capadoçagem, etc.), pelo exercicio de praticas enervantes e dissolventes (espiritismo, bruxaria, macumbas), pelo que-

branto, pessimismo e desanimo, que são as tres formas essenciaes do derrotismo.

E' a tudo isto junto, em série ou por partes, que á falta de expressão mais adequada capitulo de mulatismo.

Saber si desaparecerá com o tempo essa tara é problema do futuro. Aos anthropologistas cabe dizer si algum dia, cedo ou tarde, neze solo abençoado, por effeito de caldeamento, fusão ou assimilação de elementos ethnicos superiores, uma nova raça surgirá extreme desses estygmás, retemperada, renovada, refeita, capaz em summa de reconhecer e fazer fructificar com honra e para proveito commum da humanidade a mais formidavel porção de bens e riquezas que coube jámaes em parte a nenhum povo no planeta.

ALBERTO RAMOS.

— Ortega y Gasset vê-se divulgado em francez. E' um pensador austero, algo pessimista em relação a homens e cousas da Hespanha de seu tempo. No periodo da dictadura de Primo de Rivera, foi envolvido em complicações analogas ás que envolveram o pobre Unamuno, dado um protesto em que foi secundado pelo romancista Perez de Ayala.

“SEMANA CULTURAL PORTUGUEZA”

Foi preciso que viesse ao Brasil um portuguez de talento, como o sr. Osorio de Oliveira, jovem escriptor que tem na sua terra a mentalidade das novas gerações de lá, daqui e de toda parte, para que os nossos academicos ouvissem, no proprio salão azul do Petit-Trianon, e atravez da sua luminosa “Mensagem á Nação Brasileira”, o que a maioria delles, por commodismo ou fossilização, jamais ou-saria dizer, ou mesmo pensar, a respeito da força imperiosa que conduz á formação das nacionalidades e faz com que cada vez mais tenues sejam hoje os laços que no passado nos uniam a Portugal.

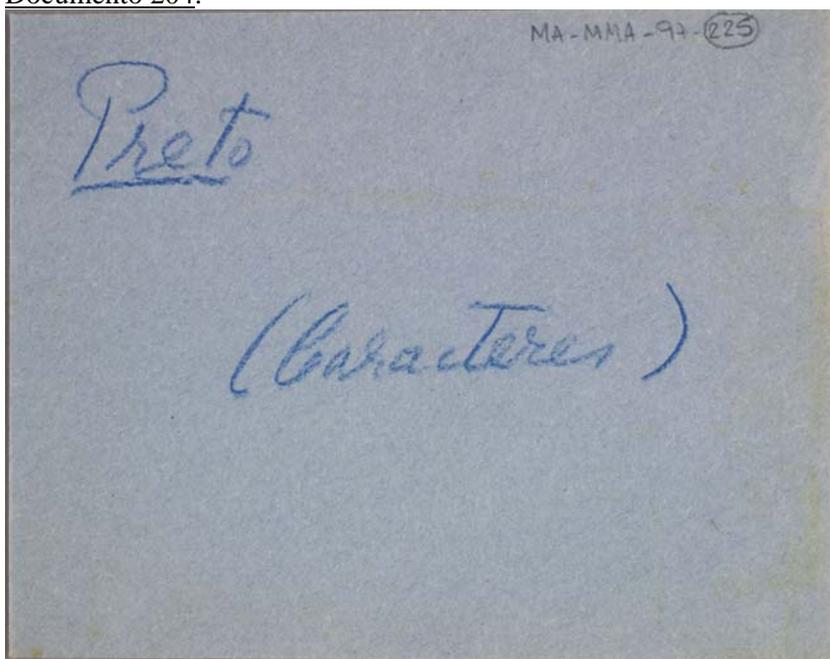
E' que para felicidade de ambos os paizes, nem o Portugal de agora é o do melifluo sr. Julio Dantas, nem o Brasil que quer ir para a frente pode estar agarrado ao fraque quinhentista do sr. Laudelino Freire.

MA-MMA-97-225

Peto

(Caracteres)

Documento 204:



Notação:

MA-MMA-97-225

Análise documentária:

Autógrafo a lápis azul; envelope de papel azul (10 x 15 cm); f.225.

Transcrição:

Preto/ (Caracteres)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: envelope para organização original.

Preto (n. 153-p. 258) MA-MMA97-226
 Tão uma gente uriosa. Quando andam sozinhos
 falam um o outro, ou riem até pra
 si mesmos, acrobacia ou cantam. Parece
 que especialmente o canto, embora sem
 melodia fixa, lhes dá um prazer grande.
 O preto é sempre alegre e tímido conserva
 a boca parada, seu monólogo interior refe-
 re-se principalmente ás suas relações
 com seu senhor; muitas vezes fingem
 uma viva troca de palavras, com ele,
 mas quasi o senhor se introduz ralhando
 enquanto elles se desculpam. Quando
 dois pretos se encontram, em passo
 antes, já a conversa ou a rizada ~~ou~~ um-
 ploria principia. muito raro para
 um preto por outro sem se falarem, se
 torturando pra falar portuguez; o cu-
 sulo é que na propria modulação
 monologação, em vez da lingua ma-
 terna, usam o portuguez. Principal-
 te os escravos estão proibidos de falar
 outra lingua que o portuguez, porquê
 assim aprendem quasi rapido a
 lingua da terra e tambem porquê
 não possam conversar respeito na
 presença dos senhores. O corpo dos
 pretos é muitas vezes bonito e ma-
 ncheira forquido mas a cara qua-
 si sempre feio especialmente das
 mulheres.

Notação:

MA- MMA 97- 226

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (14,3 x 10,5 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.226.

Transcrição:

Preto/ n 153 - p 258/ São uma gente curiosa. Quando andam sozi-/nhos falam com os botões ou riem alto pra/ si mesmos, assobiam ou cantam. Parece/ que especialmente o canto, embora sem/ melodia fixa, lhes dá um prazer grande. / O preto é sempre alegre e nunca conserva/ a boca parada. Seu monólogo interior refe-/re-se principalmente às suas relações/ com seu senhor, muitas vezes fingem/ uma viva troca de palavras com ele/, na qual o senhor se introduz ralhan-/do enquanto eles se desculpam. Quan-/do dois pretos se encontram, em passos/ antes já a conversa ou a risada sim-/ploria principia. Muito raro passa/ um preto por outro sem se falarem, se/ torturando pra falar português; o cú-/mulo é que na própria/ monologação, em vez da língua ma-/terna, usam o português porque/ assim aprendem mais rápido a/ língua da terra e também porque/ não possam conversar segredos na/ presença dos senhores. O corpo dos/ pretos é muitas vezes bonito e pra/ maioria forçado mas a cara qua-/se sempre feio especialmente das mulheres.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: tradução e referência bibliográfica.

Subtema:

Caracteres;[Escravidão];[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 153: Adalbert, Príncipe da Prússia. *Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Nach dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben von H. Kletke. Berlin, Hasselberg'sche Verlagshandlung, 1857.* (BMA: F/II/a/47)

P. 258:

"VII. Rio de Janeiro"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

die Conversation nun auf französisch fortsetzte. Jetzt erwiderte auch die Schöne mit unerschütterlicher Ruhe seine Fragen in einer langen, wohlgefügten Rede, deren kurzer Sinn war, daß dieses Haus hart unter der riesigen Wand der Gavia läge, welche das düstere Gewölk täglich den Blicken entzöge. So war der hohe Herr also auf dem Wege zu der „Lagoa da Tijuca“ bis unter das Haupte des „Küsten“ gelangt. — Hier lehnte er um, und trat, seinem Verlangen nach der schönen, wilden Natur nicht wenig Zwang anthuend, den Rückweg an, denn heute Abend um halb sieben Uhr schon sollte er, einer Einladung des Kaisers zufolge, in das französische Theater fahren.

Das Gewölk senkte sich immer tiefer, und bald gesch es vom Himmel herab. Der Prinz war nur mit einer weisseleinen Matrosenjacke bekleidet, die sich nicht lange gegen den eindringenden Regen sperrte; dafür tröstete ihn aber ein schöner, hellblauer Vogel, der an ihm vorüber flog. Bald darauf begegnete ihm ein, in einen dunkeln Gummi-mantel gekleideter Reisender, auf einem Kaultiere reitend, und später sehr viele Neger, die Kaultierzüge trieben oder kleine Lasten auf dem Kopfe trugen. — Der rothe Boden war vom Regen schlüpfrig geworden; Prinz Adalbert führte daher sein Ross über die Höhen, und hatte sein Vergnügen daran, die Neger, welche des Weges zogen, zu beobachten, und sich an ihrer unverwundlich guten Laune zu erfreuen. Sie sind, bemerkt der Prinz in seinem Tagebuch, ein curioses Volk! Gehen sie allein, so reden sie mit sich

selbst oder lachen laut für sich, pfeifen oder singen. Besonders scheint das Singen, doch ohne in's Ohr fallende Melodie, ihnen großes Vergnügen zu machen. Der Schwarze, portugiesisch „o Preto“, ist immer heiter, und „der Mund steht ihm nie still“. Ihr Selbstgespräch betrifft meist ihr eigenes Verhältniß zu ihrem Herrn; oft singiren sie wohl gar einen lebhaften Wortwechsel mit ihm, bei dem derselbe redend eingeführt wird, ihnen Vorwürfe macht, während sie sich vertheidigen. Begegnen sich zwei Neger, so fängt die Conversation oder das einseitige Gelächter schon auf hundert Schritt an. Sehr selten gehen zwei Schwarze an einander vorüber, ohne sich anzureden, wobei sie sich stets abwechseln, portugiesisch zu sprechen; ja, es geht so weit, daß sie sogar ihre Selbstgespräche, statt in ihrer Muttersprache, ebenfalls auf portugiesisch abzuhalten pflegen. Es wird nämlich den Sklaven von ihren Herren verboten, unter einander eine andere, als die portugiesische Sprache zu reden, einestheils, damit sie desto schneller die Landessprache erlernen, andererseits aber wohl auch, damit sie keine geheimen Gespräche in ihrer Gegenwart führen können. Die Gestalten der Neger sind oft häßlich und meist kräftig; ihre Gesichtszüge dagegen fast immer hübsch, besonders bei den Frauen.

Kurz vor dem Dunkelwerden traf der Prinz in „a Mangueira“ ein, und fuhr dann gleich in die Stadt. — Der Kaiser und die Prinzessinnen stellten sich, wie das erste Mal, auf die Estrade in der Loge hinter dem grünen Vor-

Nota da pesquisa:

Optamos pelo fac-símile dos textos em alemão gótico, mesmo aqueles que têm nota marginalde Mário de Andrade.

Documento 206:

MA-MMA-97-227
Preto Congo e Mozambique
nº 69 p 356
"Les nègres du Congo et du
Mozambique, ces malheu-
reux dont le type est aus-
si hideux que leur moral
et d'ordinaire pervers,
ont été corrompus par
le contact des Portugais
et au rebut des Euro-
péens, aventuriers, négriers
et matelots, qui s'en al-
laient leurs enseigner
Tous les vices... etc."

Notação:

MA- MMA 97-227

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.227.

Transcrição:

Preto Congo e Mozambique/ nº 69 p 356 "Les nègres du Congo et du/ Mozambique, ces malheu-/reux dont le type est aus-/si hideux que leur moral/ et d'ordinaire pervers,/ ont été corrompus par/ le contact des Portugais/ et au rebut des Européens, aventuriers, négriers et matelots, qui s'en allaient leurs enseigner tous les vies..etc. "

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Caracteres]

Verificação:

JACOBS, Alfred. *L'Afrique nouvelle*. Paris: Didier, 1862.

356 LES NÈGRES SONT-ILS CIVILISABLES? — HAITI.

Mais ici se présente une question très-grave et très-controversée : les nègres sont-ils susceptibles de civilisation ? Si pour juger cette question on prenait pour exemples les peuplades anarchiques du Mozambique, du Congo, ou même Haïti, le principal lieu où les nègres, livrés à eux-mêmes, aient prétendu s'organiser à l'image des sociétés européennes, la décision ne se ferait pas attendre ; il serait seulement à craindre qu'elle ne fût pas juste. Les nègres du Congo et du Mozambique, ces malheureux dont le type est aussi hideux que leur moral est d'ordinaire perverti, ont été corrompus par le contact des Portugais et du rebut des Européens, aventuriers, négriers et matelots, qui s'en allaient leur enseigner tous les vices, leur donner le goût des boissons fortes, et les exciter, dans la pensée de faire prospérer le commerce des esclaves, à s'entre-déchirer et à se vendre les uns les autres.

Quant à Haïti, il est vrai que cette île, depuis que la population noire s'y trouve livrée à elle-même, présente le spectacle d'une hideuse et sanglante parodie ; mais il faut se rappeler que les nègres, comme de grands enfants, sont ce que l'éducation sait les faire : d'esclaves, ceux de Haïti sont devenus libres tout à coup ; ils ont joui sans préparation d'une liberté que leurs maîtres, en abusant de toutes les jouissances brutales, leur avaient eux-mêmes appris à confondre avec les dérèglements de la licence. Il s'est produit dans l'esprit de ces hommes, devenus subitement maîtres du sol qu'ils cultivaient en esclaves, une folle réaction qui dure encore

Nota da pesquisa:

No manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá*, após a indicação da obra, Nota MA: "Fernando M. de Almeida". *L'Afrique Nouvelle* foi consultado no site <http://books.google.com>, onde pode ser lido na íntegra.

Preto (Boi) MA-MMA
97 (227)
seu tratado
"O gado toruare-ia
tão mau como
o europeu, se se
pudesse vender a
india ritivel covar-
dia dos negros, e
um medo e tava-
rão que não se
aproximam de
nenhuma maneira
do gado, nem se
arruam de
grande pau. Pra
no 777 p. 200 (alhos)

ordenar uma vaca
fozem preparos
como se tivessem
que amamentar um
boi bravo. Na ca-
teca e pei trapei-
ros precedem la-
ços e enquadro um
seio de frente para
atrair a atenção da
vaca, outros avança
de gatinhas para
tetos, e principia
ordenhando, tremu-
lo e prona sempre
pronto pra fugir. A
gente precisa de whiter pra
não perder a paciência, e in-
to comuera logo o europeu
porquê na melhor criação e
necessaria tanta gente".

Notação:

MA- MMA 97- 228

Análise documentária:

Autógrafo a grafite ocupando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.228.

Transcrição:

Preto (Boi)/ "O gado assim tratado tornar-se-ia/ tão manso como/ o europeu, si se/ pudesse vencer a/ indescritível covar-/dia dos negros,/ cujo o medo é tama-/nho que não se/ aproximam de nenhuma maneira/ do gado sem se/ascurem dum/ grande pau./ Pra/ (atrás)/ nº 111 p. 200/ordenhar uma vaca/fazem preparar) como si tivessem/ que amansar um/ boi bravo. Na ca-/beça e pés trazei-/ros prendem la-/ços e enquanto um/ negro de frente ~~toma~~/ atrai a atenção-da/ vaca, outro avança/ de gatinhas prás/ teas, e principia/ ordenhando, tremu-/lo e ~~pronto~~ sempre/ pronto pra fugir. A/ gente precisa se conter pra/ não perder a paciência, e is-/to convencerá logo o europeu/ porque na menor criação é/ necessaria tanta gente”.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Caracteres

Verificação:

BPG: nº 111: WEECH, J. Friedrich. *Brasiliens und den vereigten*. Hamburg: Bei Hoffmann und Campe, 1828.

Volkes, manche Arbeit nach dem Takte einer vaterländischen Melodie zu verrichten, der Gebrauch, die feil habenden Waaren, mit ihrer äußerst starken Stimme auszurufen, und die tobenden Ausbrüche der Freude, welcher sie sich ohne Zwang überlassen, verursachen einen Lärm, der den Fremden, bis sich sein Ohr daran gewöhnt, völlig betäubt; er glaubt sich anfangs in die Residenzstadt eines afrikanischen Fürsten versetzt; später nehmen jedoch die Neger die Aufmerksamkeit des Beobachters in verdienten Anspruch.

Es gibt in Rio de Janeiro Neger von allen jenen afrikanischen Nationen, welche mit den Portugiesen in gutem Vernehmen stehen; die Mehrzahl aber sind Angolas, Congos, Cabindas, Quillimanos, Benguellas, Mozambique's und Minas; seltner sind Capunda's, Rebolos, Anjicos, Gabaos, Cajenges, Mombassas, u. a. m.

Manche dieser Nationen unterscheiden sich durch ihre Gesichtsbildung von einander; die Mehrzahl aber durch Einschnitte oder eingebrannte Zeichen im Gesichte, die sie mehr oder minder entstellen; einzelne tragen diese Abzeichen auch auf dem Leibe, entweder als Urkunde ihres Volkstammes oder einer höheren Würde, die sie in ihrer Heimath bekleideten.

Man ist in der Hauptstadt der Meinung, daß man es dieser so verschiedenartigen Abstammung der Negerlaven, welche sich zum Theile gar nicht verstehen, oder schon in Afrika anfeindeten, allein verdankt, daß man von jenen Revolts-Versuchen verschont blieb, welche Bahia schon einige Mal (1814 und 16 zuletzt) gefährlich wurden, weil die Mehrzahl der dortigen Sklaven der Nation Mina angehören, die an Bildung und Muth wesentliche Vorzüge vor den genannten Völkern hat.

Preto MA-MMA-97 (229)
 n.º 134-I-251
 Um preto liberto que ~~se~~
 tinha entrado na nova
 comitiva como tropeiro,
 era natural desta re-
 gião (Spanema) e deu
 nos inconscientemente
 o fora assim que se viu
 outra vez no Torrão na-
 tal. Este acontecimento
~~em si mesmo~~ na nossa
 por deu uma descon-
 fiança irreversível con-
 tra gente de lá, que em
 muitos aspectos iden-
 ticas dirigiu favora-
 velmente nossa ~~situa-~~
 ção maneira de ação.
 Por isso devemos reco-
 mendar aos viajantes

do Hinterland Brasi-
 leiro a mais cuidado-
 sa escolha de servi-
 dores: quanto menos
 dependam de na-
 turais mais avel-
 mente e seguramen-
 te viajarão.

(p. 252):
 Os trabalhadores novos (de
 Spanema) tiveram que
 procurar a necessária aju-
 da de negros e mulatos e
 estão muito satisfeitos com
 a capacidade prática deles,
 porém a preguiça e irre-
 gularidade no serviço e
 uma certa perece de
 insatisfação pra aque-
 la boa gente.

Notação:

MA- MMA 97-229

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.229.

Transcrição:

Preto/nº 134 - I - 251/ Um preto liberto que/ tinha entrado na nossa/ comitiva como tropeiro,/ era natural desta re-/gião (Ipanema) e deu-nos inconscientemente/ o fora assim que se viu/ outra vez no torrão na-/tal. Este acontecimento/ nos deu uma desconfiança invencível con-/tra gente de cor, que em/ muitas ocasiões iden-/ticas dirigiu favora-/velmente nossa/ maneira de ação./ Por isso devemos reco-/mendar aos viajantes/ do hinterland brasi-/leiro a mais cuidado-/sa escolha de servi-/dores: quanto menos/ dependam de na-/turais mais agravel-/mente e seguramen-/te viajarão./ (p.252)/ Os trabalhadores suecos (de Ipanema) tiveram que/ procurar a necessária aju-/da de negros e mulatos e/ estão muito satisfeitos com/ a capacidade prática deles;/ porem a preguiça e irre-/gularidade no serviço e / uma causa perene de/ insatisfação pra aque-/la boa gente."

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: tradução de trecho e referência bibliográfica.

Subtema:

[Caracteres]

Verificação:

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. I. (BMA- B/V/i/134)

Wir waren durch den lebenswürdigen Obersten TOLEDO zu S. Paul an den Rechnungsführer der Fabrik SNR. FRANCISCO XAVIER FERREIRA empfohlen worden. Die Gastfreundschaft dieses wackeren Paulisten und die natürliche Gutmüthigkeit, womit seine zahlreiche Familie uns Fremdlingen entgegenkam, machte unsern Aufenthalt in *Ypanema* zu einer der schönsten Perioden unserer Reise, deren Erinnerung wir nicht ohne Rührung in uns erneuern. Unser Wirth räumte uns ein kleines Haus in der Nähe der Fabrik ein, wo wir Platz genug hatten, unsere Sammlungen zu ordnen, zu lüften und zu trocknen. Er selbst bewohnte einen auf der Anhöhe, etwa zehn Minuten vom Orte entfernten Meierhof, liess aber den ganzen Tag über mehrere gesattelte Pferde in unserer Nähe bereit halten, um unsere Besuche zu erleichtern. Der Aufenthalt bei dieser gastfreien, natürlichen Familie wäre gleich anfänglich sehr angenehm gewesen, hätte uns nicht das Ausbleiben unserer Karavane, die am Abend nach uns eintreffen sollte, beunruhigt. Es verstrichen drei Tage in banger Erwartung, und erst nachdem wir einen Tropeiro mit frischen Thieren abgeschickt hatten, sahen wir am fünften Tage die Lastthiere im kläglichsten Zustande ankommen. Ein freier Schwarzer, welcher von Rio de Janeiro aus unserem Trupp als Tropeiro beigegeben wurde, war aus dieser Gegend gebürtig und entfloh gewissenlos, nachdem er sich wieder in seinem Vaterlande sah. Dieser Vorfall floss uns ein unbesiegbares Misstrauen gegen alle Leute seiner Farbe ein, das auch bei vielen ähnlichen Verhältnissen unsere Handlungsweise günstig leitete. Wir müssen daher Reisenden im Innern Brasiliens die sorgfältigste Auswahl ihrer Diener empfehlen; je weniger sie hierin von Inländern abhängen, desto angenehmer und sicherer werden sie reisen.

Die ganze Ortschaft von *Ypanema* verdankt ihre Entstehung den mächtigen Niederlagen von magnetischem Eisenstein in dem Berge von *Araasojava*, dessen Metallreichthum zwar schon seit längerer Zeit bekannt ist, aber erst seit der Ankunft des Königs regelmässig und nach Grundsätzen der Hüttenkunde benützt wird. Der unternehmende Minister CONDE DE LINHARES brachte im Jahre 1810 eine Gesellschaft schwedischer Hüttenleute hieher, welche damit begannen, dass sie am Ufer des *Ypanema* ein Werkhaus von Holz errichteten, und das Erz in zwei kleinen Frischfeuern

bearbeiteten. Gegenwärtig befinden sich noch drei schwedische Meister hier, welche den jährlichen Ertrag der von ihnen erbauten Fabrik auf viertausend Arroben gebracht haben. Man befolgt im Satze und in der Schmelzarbeit die schwedische Methode. Sowohl der Mangel eines Hochofens als die Schwierigkeit, das Metall in grösseren Massen zu transportiren, und die Nachfrage nach schon fertigen Geräthen bestimmen die Administration, den grössten Theil des gewonnenen Metalls sogleich zu Hufeisen, Nägeln, Beschlügen, Schlössern u. s. w. verarbeiten zu lassen. Die schwedischen Arbeiter haben die nöthigen Gehülften aus Negern und Mulatten zu bilden gesucht, und sind mit den practischen Fähigkeiten derselben sehr zufrieden; jedoch ist ihre Trägheit und Unregelmässigkeit im Dienste eine beständige Ursache der Unzufriedenheit für jene guten Leute, welche selbst im Ueberflusse und der Sorgenfreiheit des südlichen Klimas ihr Vaterland nicht vergessen können, und bei dem Gedanken, einst wie ihre schon verstorbenen Gefährten in ungeweihter Erde liegen zu müssen, von dem bittersten Heimweh ergriffen werden. Unter dem Gouvernement des CONDE DA PALMA, eines einsichtsvollen Beförderers des Fabrikwesens, war der Plan zu einer neuen grösseren und dauerhafteren Eisenfabrik gefasst, und die Ausführung desselben unserem Landsmanne, dem Hrn. Oberstlieutenant VARNHAGEN, übergeben worden. Das schöne und weitläufige Werk, dessen Kosten sich auf 300,000 Crusados belaufen, war eben fertig geworden, als wir nach *Ipanema* kamen, man hatte aber noch nicht darin geschmolzen, weil man die zum Betriebe eines Hochofens nöthigen Giesser aus Deutschland erwartete. Die neuen Fabrikgebäude sind mit Geschmack und von Dauer aus dem hier brechenden gelben Sandstein erbauet. Das Werk besteht aus zwei Hochöfen und mehreren Frischfeuern; die Gebläse sind Wassertrommeln. Für die Aufbewahrung der Kohlen und des fertigen Fabrikats sind sehr zweckmässige, geräumige Magazine in der Nähe des Hauptgebäudes errichtet, welches durch einen gemauerten, mit Schleusen versehenen Canal das nöthige Wasser aus dem *Rio Ipanema* erhält. Auch für die kranken Arbeiter der Fabrik ist durch ein Hospital gesorgt worden, bei welchem zwei Chirurgen angestellt sind. Ueber die Feuerbeständigkeit des hiesigen Sandsteins walteten zur Zeit unserer Anwesenheit Zweifel ob, weil man noch keine Schmelzung versucht hatte. Eine Schwierigkeit, welche sich der Ausdehnung der

Documento 209:

MA-MMA-97-230
Preto
n. 134 p. 120, vol I
"Aliás os negros se adap-
tam mais facilmente
aqui (Rio) como aliás
em todo o Brasil. Isto
é uma consequencia
do temperamento levia-
no deles bem como
da paridade climá-
tica com a pa terra
natal e a bondade
com que são tratados
no Brasil.

Notação:

MA- MMA 97- 230

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.230.

Transcrição:

Preto/ n. 134 p 120, vol I/

"Aliás os negros se adap-/tam mais facilmente/ aqui (Rio) como aliás/ em todo Brasil. Isto/ é uma consequencia/ do temperamento levia-/no deles bem como/ da paridade climá-/tica com a pa terra/ natal e a bondade/ com que são tratados/ no Brasil.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Caracteres

Verificação:

BPG: n° 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. I. (BMA-B/V/i/134)P. 120:

P. 120:

"Zweites Buch. I. Kapitel. Aufenthal in Rio de Janeiro"

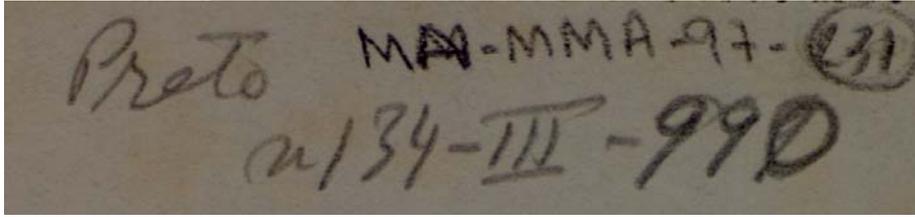
120

Arbeit und Erzeugnisse des Slaven. Bei unmenschlicher Behandlung desselben ist er aber, wie bei anderen civilen Vergehen, der Strafe der Polizei oder der Gerichte unterworfen. Letztere sorgen dagegen auch durch besondere Anstalten, entflozene Slaven den rechtmässigen Eigenthümern wieder zurückzustellen, und bestrafen die Flüchtlinge bei wiederholter Flucht durch Anlegung eines eisernen Ringes um den Hals. Will der Herr die Unarten seines Slaven nicht selbst strafen lassen, so geschieht dieses, nach Erlegung einer gewissen Summe, von der Polizei in der *Calabouço*. Uebrigens bürgern sich die Neger hier, wie in Brasilien überhaupt, leicht ein. Es ist dieses die Folge ihres leichtsinnigen Temperamentes sowohl, als der Aehnlichkeit des Klimas mit dem ihres Vaterlandes, und der Milde, womit sie in Brasilien behandelt werden.

Vor der Versetzung des Hofes von Lissabon nach *Rio de Janeiro* war der Handel dieser und aller anderen Städte Brasiliens lediglich auf Portugal beschränkt. Die täglich wachsende Erzeugung kostbarer Colonialproducte und die fleissige Bebauung der Goldminen im Innern des Landes hatten seit mehr als hundert Jahren den Reichthum und damit die Bedürfnisse der Brasilianer sehr vermehrt; der Handel Lissabons und Oporto's mit der Colonie entschädigte daher das Mutterland für den Verlust Ostindiens, aus dem es seine erste Macht und Grösse geholt hatte. Der enge politisch-merkantilische Verband jener beiden Städte mit der Colonie begünstigte die Blüthe der ersteren ganz ausnehmend und um so mehr, als ihre ohnehin so glückliche Lage in der Nähe des Mittelmeeres und an der Küste des Oceans, der Strasse des Welthandels zwischen Europa, Ost- und Westindien, einen leichteren Absatz der Colonialwaaren möglich machte. Der portugiesische Handelsstand bestimmte damals selbstständig nicht nur die Preise aller Producte Brasiliens, da letzteres nur an ihn verkaufen durfte, sondern konnte auch überdies die Rückzahlungen mit den Erzeugnissen europäischen Kunstfleisses und unter den von ihm ausgehenden Bedingungen machen. So hatte Lissabon in den letzten Decennien des vorigen Jahrhunderts eine Thätigkeit und einen Reichthum erworben, die es nach London zum ersten Handelsplatze der Welt erhoben. Nachdem aber eine k. Acte (*) die Selbstständigkeit des brasilianischen Handels begründete, änderte sich

(*) Die Carta regia, durch welche den Fremden der freie Handel in den brasilianischen Häfen geöffnet wurde, ist vom 18. Februar 1808.

Documento 210:



Notação:

MA- MMA 97- 231

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.231.

Transcrição:

Preto/ n. 134 – III – 990

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Caracteres]; [Costume]

Verificação:

BPG: n° 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. III. (BMA-B/V/i/136):

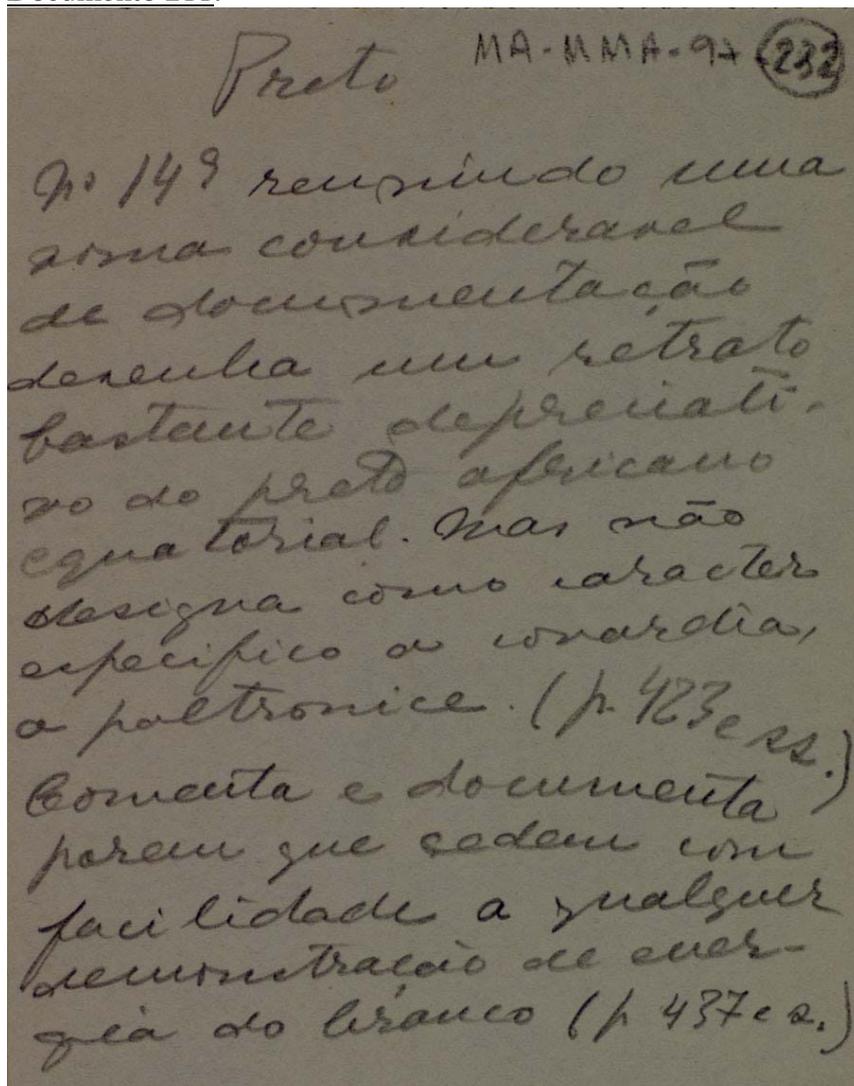
P. 990:

"III. Kapitel. Reise von Pará durch den Archipel in de Amazonenstrom, und auf diesem bis zur Enge von Obydos"

“Preto” e traço à margem do trecho:

“Wenn der Normann im höchsten Norden Europa’s seine Hütte nicht verschliesst, weil er der Treue der Nachbarn mehr als Schloss und Riegel vertrauet, so lässt der Ansiedler indiansicher Abstammung auf *Marajó* die seine offen, weil er kein Besitzthum von Werth hat, und, selbst ohne Neugierde, auch bei dem Nachbarn keine Heimlichkeiten erwartet. Wie verschieden ist in dieser Beziehung der Character des Negers!

Documento 211:



Notação:

MA- MMA 97- 232

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.232.

Transcrição:

Preto/ n° 149 reunindo uma/ soma considerável/ de documentação/ desenha um retrato/ bastante depreciati-/vo do preto africano/ equatorial. Mas não/designa como caracter/ específico a covardia,/ a poltronice. (p. 423 e ss)/ Comenta e documenta/ porém que cedem com/ facilidade a qualquer/ demonstração de ener-/gia do branco (p 437 e s.)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário, escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

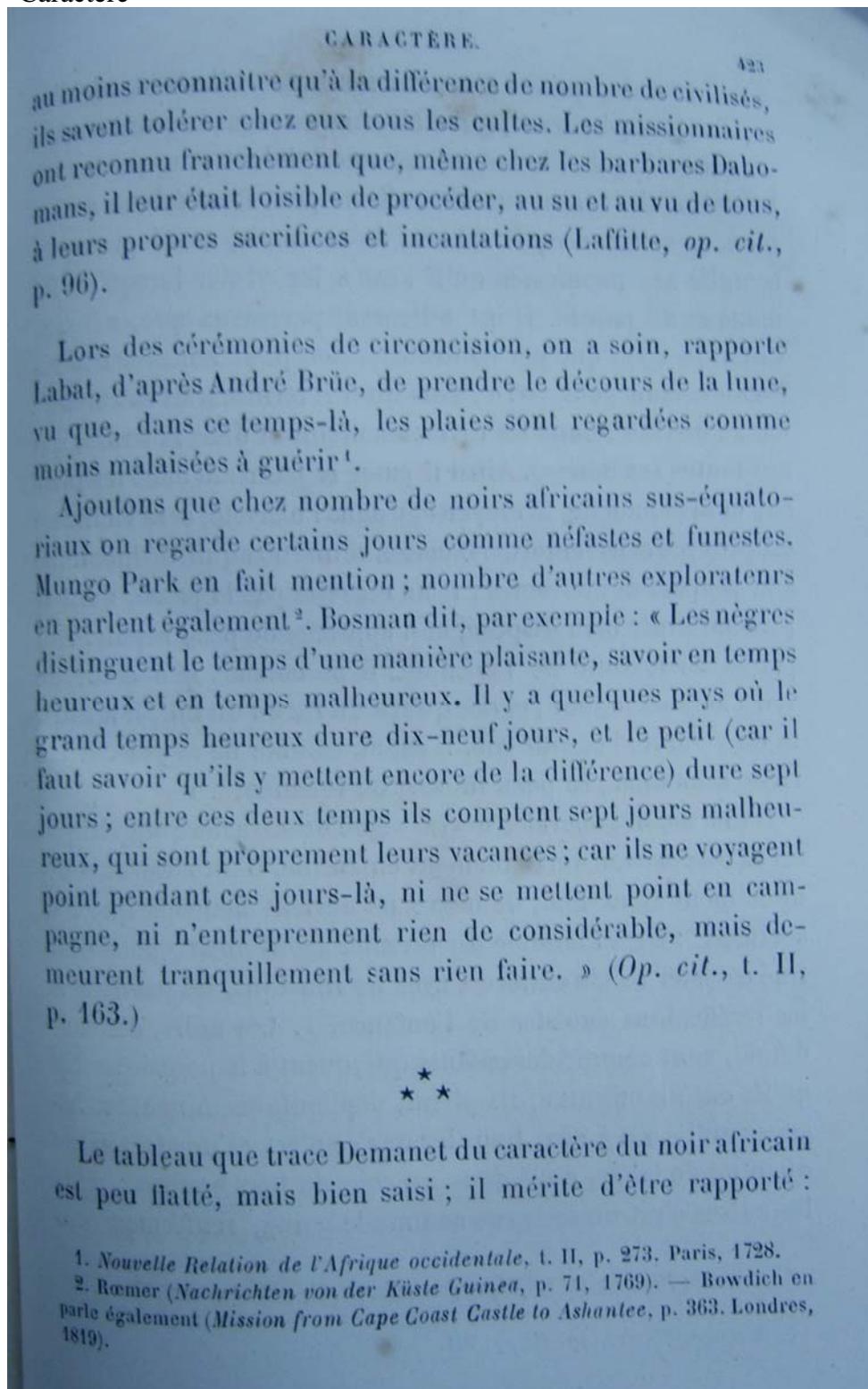
[Caracteres]; [Africanologia/História]; [Contra o preto]

Verificação:

BPG: n° 149: HOVELACQUE, Abel. *Les nègres de L'Afrique sus-équatoriale*. Paris: Lecrosnier et Babé, Libraire -éditeurs, 1889. (BMA- F/II/a/2).

P. 423 e 427:

"Caractère"



« Cet Africain, qui est d'un caractère naturellement gai, d'un esprit vif et pénétrant, qui d'ailleurs ne regarde point comme un crime le vol et le larcin, est assez violent pour porter sur lui-même des mains suicides, s'il ne peut faire éclater autrement sa vengeance. Il est ami de ses amis, aussi prompt à remplir ses promesses qu'il l'est à les violer lorsqu'on lui manque de parole. Il est tellement paresseux que, s'il travaille, ce n'est que par contrainte, non pour amasser des richesses, mais pour vivre ; sans quoi il terminerait sa carrière dans l'oisiveté, dans les divertissements et dans la danse, qui fait toutes ses délices. Ainsi il passe sa jeunesse dans les plaisirs et la débauche, le moyen âge dans l'oisiveté, et sa vieillesse est presque sans remords. Il conserve une tranquillité inconnue à la plupart des hommes ; il ne regrette pas le passé, dont il prétend avoir bien disposé, et n'appréhende pas l'avenir. Nul projet de fortune ne l'occupe : il ne connaît que celui de vivre au jour le jour ; et dès qu'il a du riz ou du mil, il a tout. Si on y ajoute l'eau-de-vie, il est au comble de sa joie. Il est riche sans bien ; sa peau lui sert de vêtement ¹. »

D'une façon générale, le vrai signe du caractère nigritique est sa disposition véritablement enfantine. D'un naturel communément assez bon, le nègre ne devient mauvais que par accident ² : c'est l'homme du premier mouvement, mais destiné à rester sa vie entière « avec les illusions, les passions et les irréflexions égoïstes de l'enfance ³ ». Les noirs, dit Sanderval, sont comme des enfants qui jouent à la poupée : « Dès qu'ils ont une minute, ils plient, déplient, examinent les bagages qu'ils ont à eux. Pour les uns ce n'est qu'une très petite quantité de tabac, noué dans un coin de leur boubou ; pour les autres c'est un sac gros comme le poing, renfermant des

1. *Nouvelle Histoire de l'Afrique française*, t. II, p. 3. Paris, 1767.

2. Raffoul, *op. cit.*, t. II, p. 139.

3. Béranger-Féraud, *op. cit.*, p. 364.

grigris, des bouts de guenilles, du tabac¹. » Tous ceux qui ont pu observer le développement des facultés intellectuelles des jeunes nègres ont reconnu, qu'avec l'adolescence, ces facultés subissaient un arrêt très sensible : « Je considère le nègre adulte, a dit justement A. de Quatrefages, comme un être dont l'intelligence est restée, par une sorte d'arrêt de développement, au point où nous l'observons chez les adolescents de race blanche... Le nègre conserve toute sa vie la légèreté, la versatilité et l'étourderie de l'enfant². »

« Je crois, dit Baker (*op. cit.*, p. 200), que pendant la période de l'enfance, le nègre dépasse en intelligence l'enfant blanc du même âge ; mais son esprit ne prend aucun développement ; le fruit est là, il ne mûrit pas ; le corps se fortifie, l'esprit reste stationnaire. »

Mondière, après bien d'autres, a tracé le même tableau : « Toute cette aptitude, toutes ces promesses d'une intelligence qui semblait si compréhensive, tout cela disparaît vers la dix-septième année au plus tard. Il ne reste guère des choses apprises que ce qui peut servir à tromper le voisin. Les idées ont disparu, et le jeune noir qui à douze ou treize ans paraissait si intelligent, si disposé à comprendre, est devenu un vrai nègre dès qu'il en a dix-huit ; nègre supérieur, toutefois, à celui qui n'a pu profiter de pareils éléments d'instruction³. »

L'infériorité intellectuelle du nègre, en comparaison de l'Européen, se trahit avant tout par une grande incapacité d'attention soutenue. Le nègre réfléchit difficilement, et, comme l'a fort bien remarqué Bèrenger-Féraud (*op. cit.*,

1. *De l'Atlantique au Niger*, p. 143.

2. *Bulletins de la Société d'Anthropologie*, 1860, p. 428.

3. *Revue d'Anthropologie*, t. IX, p. 646. — Cf. Touchard, *Bulletins de la Société d'Anthropologie*, 1866, p. 526. — Waitz, *op. cit.*, t. II, p. 234. — Rassenel, *op. cit.*, t. II, p. 240. — Leonard, *Records of a Voyage to the W. Coast of Africa*, p. 59. Edimbourg, 1833.

p. 357), il manque essentiellement d'esprit de comparaison, c'est-à-dire, en réalité, de jugement. On ne peut donc, sans injustice, attendre de lui ce que l'on peut attendre d'un individu de race blanche.

« Il ne faut exiger de l'Africain que ce qu'il peut donner ; il ne faut point le presser de questions sur des faits qu'il doit ignorer ; il ne faut point fatiguer son esprit peu accoutumé à la réflexion, et s'il se trompe, il ne faut point discuter avec lui son erreur, ce serait perdre son temps ; il la corrigerait par complaisance, ou se troublerait et ne dirait plus que des sottises ¹. »

Un très grand nombre de nègres n'ont qu'une fort vague notion du temps et ne connaissent point leur âge (Bosman). Il en est pourtant qui savent grouper les jours en semaines, celles-ci en mois, ceux-ci en années, par exemple les Yébous ².

Le nègre a pour l'ordinaire une mémoire prodigieuse³ ; c'est là encore un côté enfantin de ses dispositions naturelles. Il est grimacier et possède un remarquable talent d'imitation. Il apprend les langues étrangères avec une facilité extrême⁴, au moins les phrases usuelles et les mots, les tournures qui peuvent lui servir dans ses rapports avec les commerçants européens. Il ne manque d'ailleurs pas d'imagination : « Il deviendrait beaucoup plus facilement poète que calculateur ; son discours s'enjolive volontiers d'images et de peintures saisissantes ; il prend vite feu dans la conver-

1. D'Escayrac de Lauture, *Bulletin de la Société de Géographie*, t. II de 1855, p. 94.

2. D'Avezac, *Mémoires de la Société ethnologique*, t. II. « Divisée en trois saisons, l'année des Yébous compte douze mois ; chacun de ces mois a 6 semaines à 5 jours. »

3. Raffinell, *op. cit.*, t. II, p. 239.

4. Allen et Thomson, *Narrative of the Expedition to the River Niger*, t. I, p. 393.

sation et arrive à une excitation, à une volubilité très remarquables, mais là s'arrête sa capacité. Aussi, après avoir fait un brillant palabre, les affaires ne sont souvent guère plus avancées par lui¹. »

Le nègre se signale encore par une grande inconsistance d'esprit ; aucune régularité dans sa conduite : a-t-il, un jour, accompli une tâche de telle façon, il y a les chances les plus grandes, pour que, livré à lui-même, il s'y prenne le lendemain d'une autre manière. « En lui, dit Baker, les bonnes et les mauvaises qualités de la nature humaine paraissent sans aucune régularité, comme les fleurs et les épines du désert. » Abattu au moindre échec, il reprend courage pour un rien. Mungo Park rapporte un fait bien caractéristique :

« Plusieurs des esclaves qui portaient des fardeaux sur leur tête étaient très fatigués. Quelques-uns faisaient claquer leurs doigts, ce qui, parmi les nègres, est un signe certain de désespoir. Sur-le-champ, les *slatées* les mirent tous aux fers. Ceux qui avaient donné le plus de marques de découragement furent mis à part, et on leur attacha les mains. Le matin on trouva qu'ils avaient repris courage. » (*Op. cit.*, t. II, p. 113.)
 Traité énergiquement lorsqu'il fait mine de résister, le noir ne tarde pas à céder, et bientôt, comme si rien n'avait eu lieu, il reprend le meilleur naturel possible.

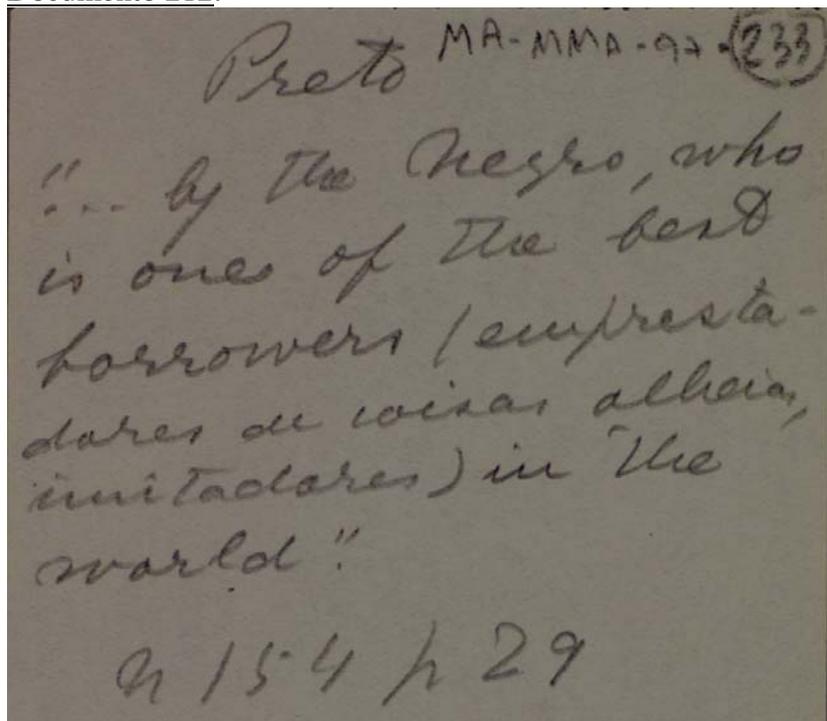
Sa vanité, son amour-propre sont extrêmes et le rendent souvent insupportable² ; les moindres oripeaux excitent son orgueil. Bien vêtu, paré d'ornements qu'il n'a point l'habitude de porter, sa fierté ne connaît plus de bornes, et il passe son temps à parader devant ses semblables.

Il est passionné pour les louanges et se laisse prendre aux

1. Bérenger-Féraud. *Op. cit.*, p. 357.

2. *Revue maritime et coloniale*, t. IX, p. 335.

Documento 212:



Notação:

MA- MMA 97- 233

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.233.

Transcrição:

Preto/ "...by the Negro, who is one of the best borrowers (emprestadores de coisas alheias, imitadores) in the world." n 154 p 29

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica

Subtema:

[Caracteres]

Verificação:

BPG: nº 154: WHITE, Newman I. *American negro folk-songs*. Cambridge: Harvard University press, 1928. (BMA- B/VII/c/6)

P. 29:

"The negro song in general"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"An attempt to account for all these circumstances would be hopeless. Some, doubtless, are the result of a common song ancestor. Others may be borrowings by the Negro, who is one of the best borrowers in the world. But some, beyond question are borrowings by the white singers."

Preto MA-MMA-97 (234)
 1855 p 208 falando dos
 pretos do Pará vendi-
 ros, que se acham os que
 vivem aqui: Os ne-
 gres, criam, chantent,
 adreando la parole à
 tous les passants, et au
 nomme répondent au-
 tour d'eux une animas-
 tion et une volente
 locale très curieuses
 pour un Européen".
 Que os negros tanto
 do Rio como Bahia e
 Nordeste elle pareu
 que eram aduira-
 relamente bem trata-
 dos e sob muito os
 pretos a vida de eles
 era mais feliz que a
 de um europeu em

França. Mas que
 tambem havia
 casos terriveis, in-
 ferra. Negros cuja
 pele negra a em-
 branguecer um os
 surras. e ita uma
 uma dona F. do
 Pará que grava
 tanto em suplicas
 exorcos, que até
 no allieis ne
 emarregava de
 passar a puni-
 ção.

Notação:

MA- MMA 97- 234

Análise documental:

Autógrafo a grafite e a tinta preta, ocupando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.234.

Transcrição:

Preto/ nº 155 p 288 falando dos/ pretos do Pará vendei-/ros quer escravos quer/ livres, diz: Ces nè-/gres crient, chantent,/ adressent la parole à/ tous les passants, est (...?)" / Que os escravos (?)/ do Rio como Bahia e/ Nordeste lhe parecem/ que eram admirá-/velmente bem trata-/dos e sob muitos os/ netos a vida deles/ era mais feliz que a/ dum estudante em/ França. Mas que/ também havia/ casos terríveis, con-/fessa. Negros cuja pele chegava a em-/branquecer com as/ surras. E cita uma/ dona F.do/ Pará que gosava/ tanto em supliciar/ escravos que até/ nos alheios se/ encarregava de/ passar a puni-/ção.

Estatuto genético:

Nota de trabalho:

Tipo: transcrição; comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

Caracteres; [Escravidão]

Verificação:

BPG: n° 155: GABRIAC, Conte de. *Promenade à travers L'Amérique du Sud Nouvelle-Grenade, Équateur, Pérou, Brésil*. Paris: Michel Lévy Frères, 1868. IEB-(BYAP)

P. 288:

"Amazone et Brèsil"

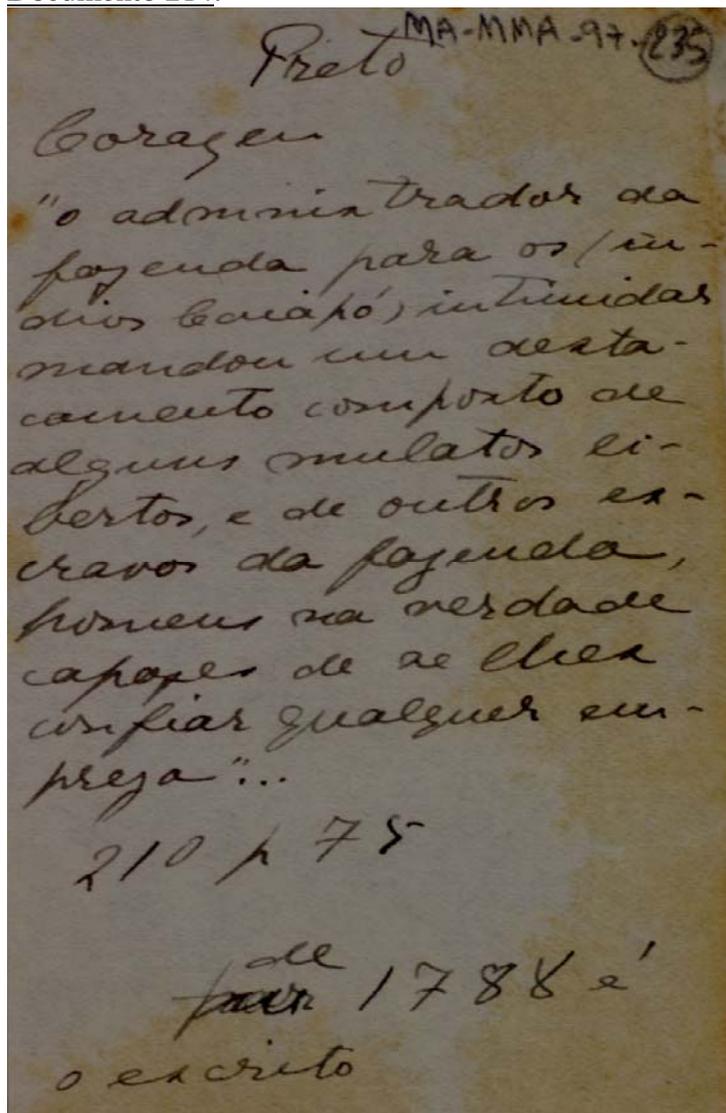
Ceux qui sont libres se reconnaissent aux souliers, qu'ils ont seuls le droit de porter et qu'ils ne manquent pas de montrer avec fierté.

Les négresses sont souvent fort belles, malgré leur vilaine figure, car elles sont parfaitement proportionnées, grandes, bien faites, et ont la peau très-unie. Quelques-unes d'entre elles ressemblent à de vraies statues de bronze. Dans les rues, elles sont généralement bien habillées et même assez élégantes, relativement à leur condition. Les plus pauvres portent des robes de mousseline blanche ou bleue d'une propreté irréprochable. Plusieurs ont des volants ornés de dentelles, mais toutes possèdent des bracelets d'argent ou d'or qu'elles mettent chaque fois qu'elles en ont l'occasion, car elles sont sinon coquettes, du moins très-amies de la parure.

Une quantité de nègres hommes et femmes se promènent constamment dans les rues en portant sur la tête des plateaux chargés de fruits et de sucreries. Le soir, ceux qui appartiennent à un maître leur apportent l'argent qu'ils ont gagné, et les autres, lorsqu'ils ne boivent pas, amassent rapidement une petite fortune, car ils n'ont presque rien à dépenser pour leur entretien. Ces nègres crient, chantent, adressent la parole à tous les passants, et en somme répandent autour d'eux une animation et une couleur locale très-curieuses pour un Européen.

L'année précédente, lorsque je parcourais les provinces orientales du Brésil, j'ai eu occasion de visiter les magnifiques fazendas de M. Faro et de M. de Baipendy à la Barra du Pirahy, de M. de Barral aux environs de Bahia et de M. d'Albuquerque dans la province de Pernambuco. Partout les nègres m'avaient paru admirablement traités, et leur vie, sous bien des rapports, m'avait semblé beaucoup plus heureuse que celle des collégiens français. Je

Documento 214:



MA-MMA-97-235
Preto
Coragem
"o administrador da
fazenda para os (in-
dios caiapó) intimidados
mandou um desta-
camento composto de
alguns mulatos li-
bertos, e de outros es-
cravos da fazenda,
homens na verdade
capazes de se lhes
confiar qualquer em-
preza"...

210 p 78

de
fev. 1788 e'
o escrito

Notação:

MA- MMA 97- 235

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.235.

Transcrição:

Preto/ Coragem/ "o administrador da/ fazenda para os (in-/dios caiapó) intimidar/
mandou um desta-/camento composto de/ alguns mulatos/ li-/bertos, e de outros es-
/cravos da fazenda,/ homens na verdade/ capazes de se lhes/ confiar qualquer em-
/preza."

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica

Subtema:

[Caracteres]; [O mulato]; [Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 210: ALMEIDA, Francisco José de Lacerda. *Diário de viagem do Dr. Francisco José de Lacerda Almeida* pelas capitânicas do Pará, Rio-negro, Mato Grosso, Cuiabá e S. Paulo. São Paulo: Costa Silveira, 1841. IEB- (BYAP)

P. 75:

“Ano de 1788”

— 75 —

levarão por terra uma grande boiada para aquella Villa, cortando sertões, por onde nunca se tinha passado, e dirigindo o rumo pela estimativa. — Os seus mattos produzem muito bem os legumes, a cana de assucar, o arroz, o pão, e as fructas do paiz. N'este chapadão, por onde se vêem dispersas algumas colinas, estão as vertentes de alguns rios, que desagoão no Paraguay, Rio Grande, ou Paraná, os quaes tem um declive tão grande que me admirou, pois nunca pensei subir, ou descer por uma ladeira de agoas. O ar é temperado e puro, tão alegre, e ameno aquelle terreno todo, que depois que sahi de Portugal não ví, nem nas Capitânicas do Pará, e Rio Negro, nem na de Matto Grosso, cousa que se lhe possa comparar. Renasceo em mim toda alegria, que um paiz aprazível pode causar, e que tinha perdido vivendo por oito annos em um sertão (assim o posso dizer) cheio de mattos altissimos, asperos, e de algum campo pela maior parte inundado, e pestifero. Os socios d'esta Fazenda devem fazer bom negocio, pois além das carnes, e mais generos que vendem pelo preço que corre em Cuyabá, levão pelo transporte de cada uma canôa 20\$000 rs., e por cada uma carrada 9\$600 rs.

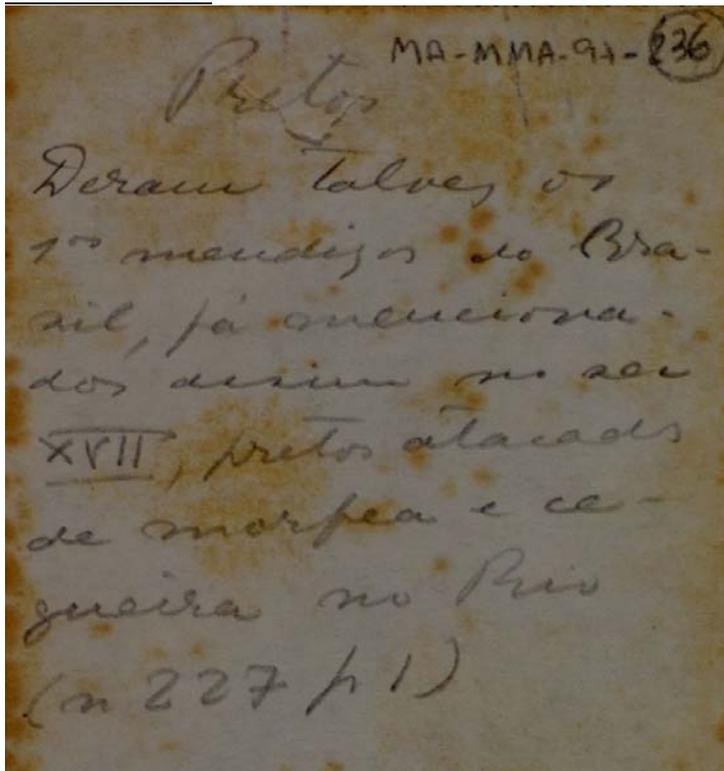
Esta Fazenda é infestada pelo Gentio Cayapó, nação robusta que uza de bordão, e flexa armada na sua extremidade de um espontão de rijo páo cheio de farpas descontraçadas pelo seu comprimento de dous palmos, ou tambem de osso, e é tão numerosa, que só por si faz um grande imperio, pois principiando ao Norte do Cuyabá, chega a Camapuam, ao Norte de S. Paulo, ao Norte e Leste de Villa Boa de Goyaz, cuja Lat. A., e Long. é (conforme as observações de uns Jesuitas) 16° 26' — 330° 10'.

Ha tres para quatro annos que tendo este Gentio insultado no Cuxiim a uns commerciantes que navegavão para o Cuyabá, o administrador da fazenda para os intimidar mandou um destacamento composto de alguns mulatos libertos, e de outros escravos da fazenda, homens na verdade capazes de se lhes confiar qualquer empreza, em que se deva ter valor e intrepidez, os quaes no fim de alguns dias os encontrarão, (e talvez aos innocentes) e fizerão uma boa preza de rapazes e de mulheres de toda idade, e os conduzirão á fazenda, onde os ví fallando portuguez, alegres, e pacíficos, depois de terem tentado a fuga por duas vezes inutilmente, pois forão seguidos pelo rasto, e apanhados. Vi duas mulheres velhissimas, mas tão fortes que na dicta fuga forão apanhadas carregando cada uma ás costas o seu rapaz de cinco para seis annos.

Não posso deixar de fallar na unica cousa, que n'esta povoação me causou grande fastio a ponto de fugir da gente d'ella, e em que se verifica muito bem, que os máos habitos com facilidade se communicão e aprendem. A lingua propria d'esta Nação é grata aos ouvidos, como observei, mandando-os conversar na materna; mas dão á portugueza um sotaque tão fastidioso, e ingrato, que fazia

—

Documento 215:



Notação:

MA- MMA 97- 236

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.236.

Transcrição:

Pretos/ Deram talvez os/ 1ºs mendigos do Bra-/sil, já menciona-/dos assim no sec/ XVIII, pretos atacados/ de morfea e ce-/gueira no Rio/ (n 227 p1)

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Caracteres; [Africanologia/História]

Verificação:

BPG: nº 227: FILHO MORAES, Mello. *Factos e Memórias*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904. IEB- (BYAP)

P. 1:

"A mendicidade do Rio de Janeiro"

Factos e Memorias

PRIMEIRA PARTE

A Mendicidade do Rio de Janeiro

I

Os primeiros mendigos. — Os pardieiros do conde de Bobadela. — Mendigos e loucos. — O Hospital dos Lazaros e o deposito de Santa Luzia. — Nas ruas e nas praças. — Trovadores de Benguela e de Angola. — Cabildas suspeitas. — Repressão e abrigo. — O Asylo de Mendicidade e o « Inferno » do Dante. — A preferencia na desgraça. — Mendicidade e industria.

Tanto quanto podem remontar as nossas pesquisas, vemos que a mendicidade faz acto de presença na historia d'esta capital a datar do seculo xvii, figurando nos primitivos grupos os escravos d'Africa, que aqui aportavam atacados de morphéa e feridos de cegueira.

E era horrendo de ver aquelles pobres filhos do deserto lavarem as ulceras fetidas nos rios e corregos da terra do exilio, contaminando com as exalações

1

Preto MA-MMA97-237
"Constituídas as primitivas
turmas de mendigos por es-
cravos d'Africa, como ficou
dito, errantes ou estacionados
nas praias, velhos trovadores
de Benguela ou de Angola,
maltrapilhos, nus da cintura
para cima, encostavam ao ven-
tre enrugado e negro as cuias
de suas marimbas e o ces-
to de coco de seus urucungos
em arco, ao som de ujás
Toadas nativas deliciavam
seus conterrâneos, que, se-
cun-dando-os em coro, lhes se-
davam após espontânea es-
mola que humilhava
os sentimentos humanos
de seus senhores."

227 p 4

Notação:

MA- MMA 97- 237

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; sinal de ferrugem provocado por clipe; borda superior picotada; f.237.

Transcrição:

Preto/ Constituída as primitivas/ turmas de mendigos por es-/cravos d'Africa, como ficou/ dito, errantes ou estacionados/ nas praias, velhos trovadores/ de Benguela ou de Angola,/ maltrapilhos nus da cintura/ para cima, encostavam seu ven-/tre enrugado e negro as cuias/ de suas marimbas, e o ces-/to de coco de seus urucungos/ em arco, ao som de cujas/ toadas nativas deliciavam/ seus conterrâneos, que, se-
cun-/dando-os em coro, lhes se-/davam após espontânea es-/mola que humilhava/ os sentimentos humanos/ de seus senhores./ 227 p 4

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

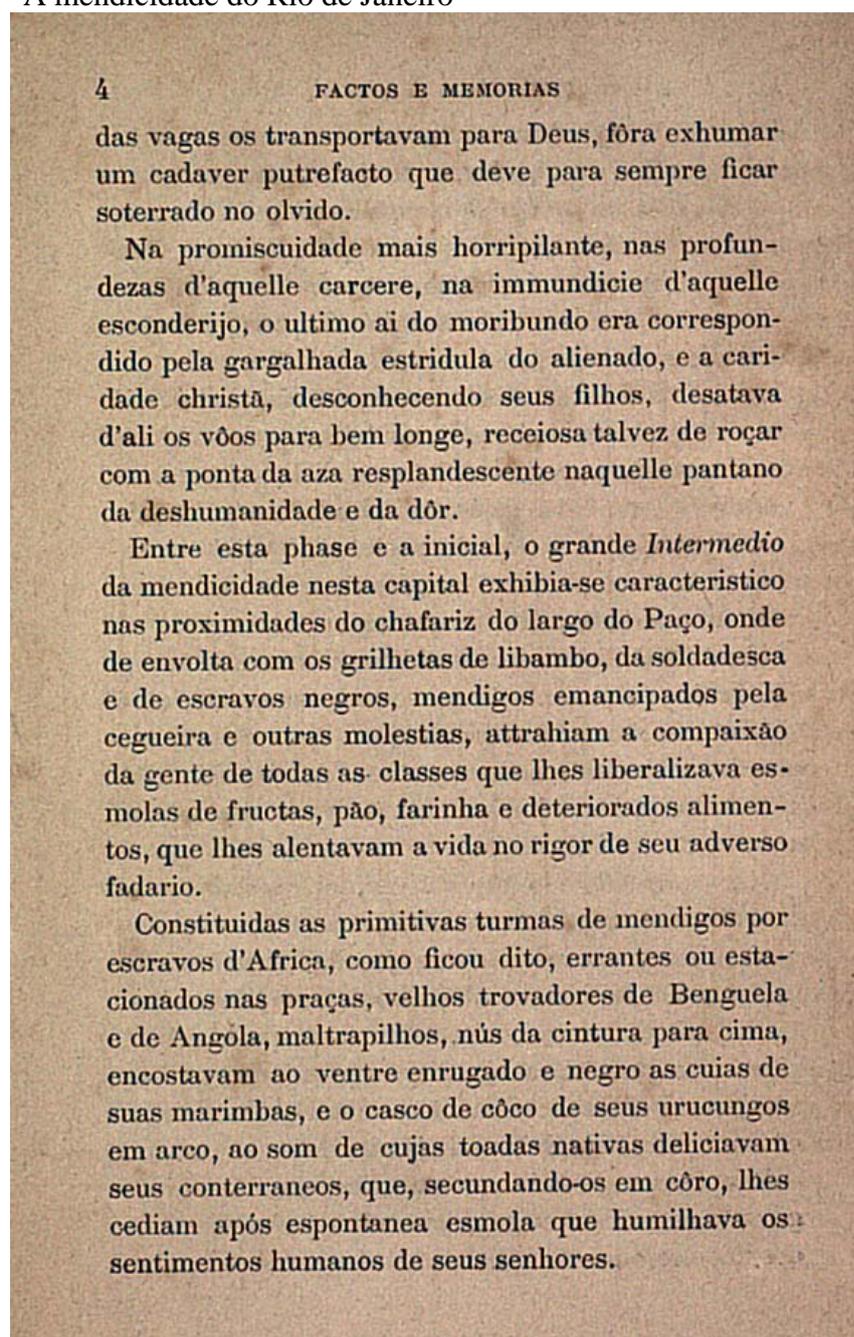
Caracteres; [História]; [Música]; [Escravidão]

Verificação:

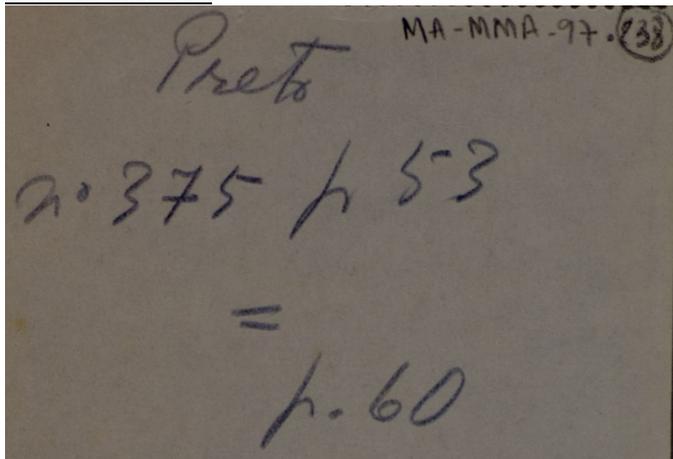
BPG: n° 227: FILHO MORAES, Mello. *Factos e Memórias*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904. (BYAP)

P. 4:

"A mendicidade do Rio de Janeiro"



Documento 217:



Notação:

MA- MMA 97- 238

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.238.

Transcrição:

Preto/ nº 375 p 53/ = p. 60

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Caracteres]

Verificação:

BPG: nº 375: PINTO, E. Roquette. *Ensaio de Anthropologia Brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1933. (BMA- F/I/c/18- ex. 2)

P. 53:

"VI"

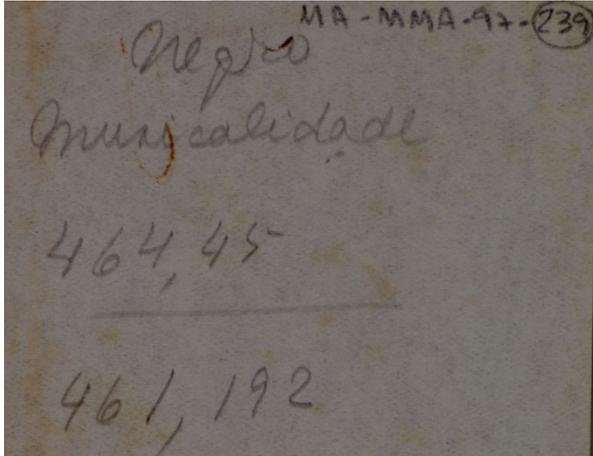
Nota MA a grafite:

"Preto" e chave à margem do trecho:

"Sabido é que os filhos de brancos e mulatos, as mais das vezes, se caracterizam por suas aptidões intelectuais, enquanto que as suas frequentes falhas morais, em geral, se explicam pela sua situação social.

Fritz Müller era de uma severidade rara, de uma sinceridade quase grosseira, de uma honestidade científica inigualável. Esses conceitos, sobre negros e mulatos, formulados por um sábio de tal porte - precisam ser divulgados no Brasil."

Documento 218:



Notação:

MA- MMA 97- 239

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; sinal de ferrugem provocado por clipe; borda superior picotada; f.239.

Transcrição:

Negro/ Musicalidade/ 464,45/ _____/ 461, 192

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

Caracteres; [Música]

Verificação:

BPG: nº 464: CURTIS, Natalie. *Songs and tales from the dark continent*. New York: G. Schirmer, 1920. (BMA- B/VII/c/17)

III

HOW THE ANIMALS DUG THEIR WELL

Once there was a terrible drought: no rain fell, the lakes dried up and the animals had no water. So Mphon'tholo, the Lion, who was King, called all the animals together and said, "You must dig a well. Each of you must do his share and take his turn."

But Shu'lo, the Hare, said, "I shall not waste my time nor trouble myself with any digging. Let the others do that." So he ran off by himself.

But the other animals all gathered to do their share; they came from many different parts of the country and each one, as he trotted in to the place chosen for the well, sang as he ran:

Chinya' nje-nje'leka nje,	I'm coming joggy-jog trot,
Chinya' nje-nje'leka nje,	I'm coming joggy-jog trot,
Chinya' nje-nje'leka nje.	I'm coming joggy-jog trot.

Then he began to dance, for he thought that by dancing he would kick up the ground. That was his way of digging. And as he danced he sang:

Kupu'tu,¹ kupu'tu, buku'ta mphu'li!² Kupu'tu, kupu'tu, the dirt is flying!

Then he made way for the next animal, saying,

Ti no lu ka'nda ku'na, Va³ Njou! I give my place to you, Sir Elephant!

Then Njou, the Elephant, would dance and sing,

Chinya' nje-nje'leka nje,	I'm coming joggy-jog trot,
Chinya' nje-nje'leka nje,	I'm coming joggy-jog trot,
Chinya' nje-nje'leka nje.	I'm coming joggy-jog trot.
Kupu'tu, kupu'tu, buku'ta mphu'li!	Kupu'tu, kupu'tu, the dirt is flying!

At the end of his dance Njou would say,

Ti no lu ka'nda ku'na, Va Nya'ti! I give my place to you, Sir Buffalo!

Then Nya'ti, the Buffalo, would dance and sing,

Chinya' nje-nje'leka nje,	I'm coming joggy-jog trot,
Chinya' nje-nje'leka nje,	I'm coming joggy-jog trot,
Chinya' nje-nje'leka nje.	I'm coming joggy-jog trot.
Kupu'tu, kupu'tu, buku'ta mphu'li!	Kupu'tu, kupu'tu, the dirt is flying!

At the end of his dance Nya'ti would say,

Ti no lu ka'nda ku'na, Va She'len! I give my place to you, Sir Bush-Buck!

So it went on until all had sung and danced and dug, yet no water was in sight.

¹Kupu'tu has no meaning, but the three-syllable word is always used to imitate the sound of an animal loping.

²The "h" is aspirate; "ph" in African is *not* pronounced like the English "f."

³The word "Va" in the Chindau' language is an honorific, corresponding to the English "Mr." or "Sir." It is often used by the natives in addressing one another.

BPG: n° 461: CENDRARS, Blaise. *Anthologie Negre*. Paris: Éditions de la Sirène, 1921. (BMA- F/II/b/28)

P. 192:

"Chapitre XIII Contes du merveilleux - 58. Sikouloumé"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Les ogres le poursuivaient en chantant:

Notre viande est partie! Allons toujours!

Allez, nous la rattraperons! Allons toujours!

En effet, ils rattrapèrent Sikouloumé. Celui-ci leur dit: - Eh bien! mettez-vous en ligne. Ils se mirent en ligne. Alors il commença à chanter le chant que voici:

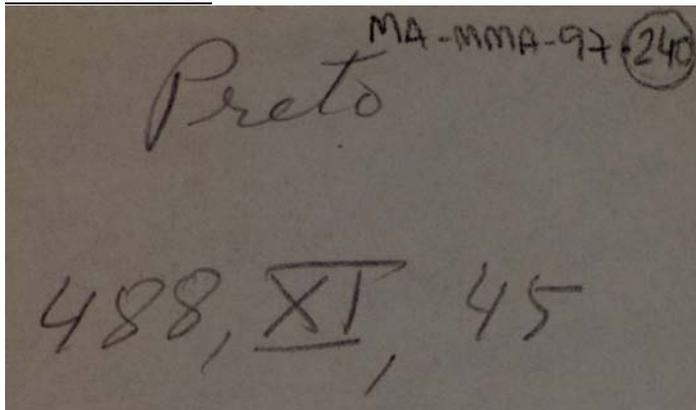
Oh! dans ce pays-ci, dans ce pays-ci, nous n'avons pas coutume de manger les gens!

Les ogres chantaient:

Oh! Dans ce pays-ci, dans ce pays-ci, nous n'avons pas coutume de manger les gens!

Les uns pourtant s'écrièrent: - Est-ce que nous allons laisser notre petit morceau de viande retourner à la maison! D'autres leur répondirent: - Laissons-le aller, puisque nous avons appris ce chant; cela suffit, car nous le chanterons désormais en mangeant."

Documento 219:



Notação:

MA- MMA 97- 240

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlho destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.240.

Transcrição:

Preto/ 488, XI, 45

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Caracteres]; [História]

Verificação:

BPG: nº 488: LEITÃO, Mello. Darwin e o Brasil. *Revista Nacional de Educação*. Rio de Janeiro, ano I, nºs 11 e 12, p. 42- 51, agosto-setembro 1933. (BMA)

P. 45:

Nota MA a grafite:

chave à margem do trecho:

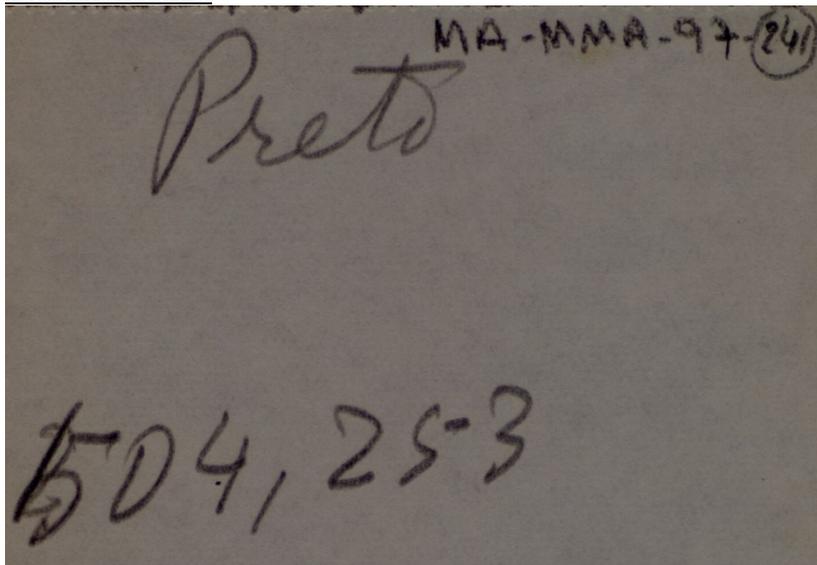
"Feito por uma matrona romana, esse ato teria sido celebrado como impellido pelo nobre amor da liberdade; executado por uma pobre negra, contentaram-se com atribuí-la a brutal teimosia."

Nota da pesquisa:

Para contextualizar, segue trecho que antecede o destacado por MA:

"Este lugar é célebre; serviu durante muito tempo de refúgio a alguns negros fugidos que, cultivando pequena peneplanície do cimo chegaram a assegurar-se a própria subsistência. Descobriram-nos enfim e mandaram soldados para desalojá-los; renderam-se todos, com exceção de uma velha que, a retomar as cadeias da escravidão, preferiu precipitar-se do alto do rochedo."

Documento 220:



Notação:

MA-MMA-97-241

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.241.

Transcrição:

Preto/ 504, 253

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Caracteres]; [Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 504: AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 19-
(BMA- A/II/c/18)

P. 253:

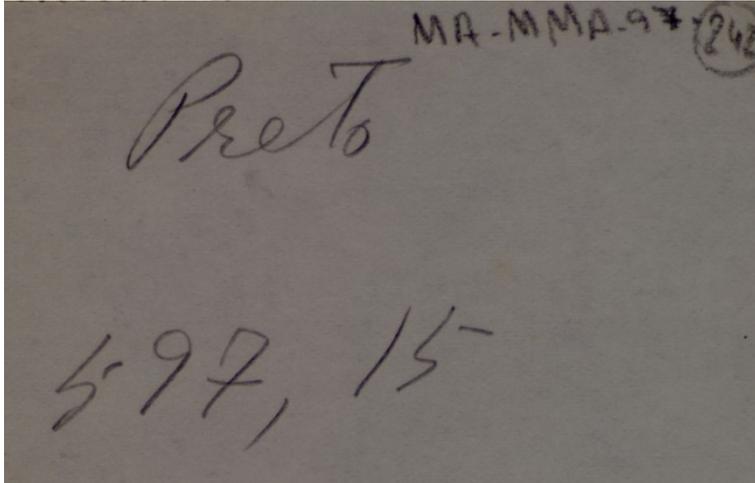
"Capítulo XV"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"No íntimo respeitava o capoeira; tinha-lhe medo. Amara-o a princípio por afinidade de temperamento, pela irresistível conexão do instinto luxurioso e canalha que predominava em ambos, depois continuou a estar com ele por hábito, por uma espécie de vício que almalçoamos sem poder largá-lo; mas desde que Jeronymo propendeu para ela, fascinando-a com sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração, e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior."

Documento 221:



Notação:

MA-MMA-97-242

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.241.

Transcrição:

Preto/ 597, 15

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Caracteres]; [O Mulato]

Verificação:

BPG: n° 504: AZEVEDO, Aluísio. *O mulato*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 19-. (BMA- A/II/c/18)

P.15:

Nota MA a grafite:

“Preto” à margem do trecho:

“ Maria Barbosa tinha o verdadeiro tipo das velhas maranhenses criadas na fazenda. Tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa; muito cheia de escrúpulos de sangue. Quando falava nos pretos dizia ‘Os sujos’ e, quando se referia a um mulato, dizia “O cabra.”

Publicamos hoje em língua portuguesa a excelente palestra que, com o título acima, o notável psicólogo europeu, prof. dr. C. A. Jung, realizou na cidade de New York, em fins de 1935. Jung forma com Adler e Freud a grande trindade da ciência contemporânea. Seus estudos de etnografia, antropologia e psicologia são internacionalmente conhecidos. Esse prodigioso observador dos diversos caracteres da raça humana é, talvez, depois de Frobenius, o maior interprete do «motive blak», do ponto-de-vista essencialmente científico. Observemo-lo agora na análise desse problema afro-americano:

O Negro e o Índio na conduta do Americano

C. G. Jung

Ao gênio europeu, jamais ocorreu a ideia de que a psicologia do americano médio — pequeno-burguês — possa ser particularmente objeto de complicação ou sofisma. Ao contrario, só a simplicidade, a inteireza de pensamento e os costumes do americano, interessam-no. Agrada-o considerar o americano como um povo ativo, negociante e assombrosamente pratico, dedicado a um unico fim: — «O Deus Amarello», cujo «handicap» tem alguma coisa de que os magazines ingleses costumam chamar «American». Alguma coisa que está nos limites da mania: — «a gente colonial, ao que se vê, parece um pouco rara, como os nossos parentes da Africa do Sul».

Assim, diante da necessidade de falar seriamente aos americanos e á sua peculiar psicologia, é natural que o meu publico europeu sintia-se, de certo modo, confundido e disposto a desaprová-lo. Por enquanto, aguardo o que os americanos possam pensar de minhas ideias.

Em 1909 visitei os Estados Unidos pela primeira vez. Minha primeira impressão do povo, tive-a em conjunto (antes conhecia indivíduos somente). Lembro-me que caminhando pelas ruas de Buffalo, durante a saída de grande massa operária de uma officina, como gênio europeu, não pude ainda observar ao meu companheiro americano: — saindo não me havia ocorrido considerar que o sangue indio corre bastante nas veias do vosso povo.

—«Que sangue indio? — disse ele. A posto que há uma só gota em toda essa multidão.» E contestei: — «Mas você não vê suas fisionomias? São mais indias que europeias!»

Em seguida fui informado de que a maioria desses trabalhadores era de origem irlandesa, escocesa e germânica. Fiquei aturdido e incrédulo, ao mesmo tempo. E só mais tarde é que cheguei á conclusão de que minha hipótese era ridicula. Entretanto, minha impressão se manteve firme, e, o tempo serviu para confirmá-la.

Quando voltei á América, trouxe esse particular sentimento de insatisfação, próprio, até certo ponto, de quem arrasta uma dívida. Tive de confessar minha impossibilidade para «pescá-los». Sabia unicamente que uma diferença sutil separava o americano do europeu. Uma diferença semelhante á que existe entre o homem da Austrália e o da Africa do Sul. Sendo tanto pelos caracteres anatómicos, e pela própria conduta, ao menos pelo todo fisico e mental. Isso é evidente na linguagem, nos gestos, na mentalidade, nos movimentos do corpo, e, ainda, nos aspectos mais nebulosos. Pode-se dizer muitas coisas uteis e inteligentes, sem, entretanto, chegar á distinguir essa diferença.

Mas uma outra impressão se fixou ainda assim em mim-mesmo. A principio, não pude percebê-la, embora a procurasse — como succede com as coisas de certa importância que ainda não foram compreendidas.

Certa vez fui hóspede de uma rígida e soleno família da Nova Inglaterra, cuja respeitabilidade era quasi horrível. Fiquei a vontade, pois também na Suíça existe gente assim tão conservadora e tão respeitável. A mesa era servida por uns cria-

dos negros que me deixaram a impressão de estar comendo num circo. Surpreendi-me examinando: demoradamente os pratos, para melhor encontrar as pontas dos dedos negros que sustinham-nos. Uma solidão inexplicável circundava-nos — uma solidão, creio, própria de uma grande virtude ou, de certo modo, criada pelo estilo. Ninguém sorria, absolutamente. Todos eram muito amáveis e muito corteses.

Finalmente, não me contive, e comeci a fazer pilherias, que não deixaram de ser celebrados com sorrisos condescendentes. Mesmo assim não consegui despertar esse riso americano, cordial e generoso que tanto amo e admiro. Bem — pensei —, o sangue indigeno, as casas de madeira, os mongóis de «camouflagens». Por que não ensaiar um motivo chinês com eles? E cheguei á conclusão de minha história — conclusão realmente boa —, despertando em mim-mesmo ampla satisfação. É que o criado negro exprime o verdadeiro sorriso americano, esse sorriso grande, sem limites, insofismavel, mostrando uma fileira de dentes, paladar, lingua; tudo enfim. Admiro esse meu irmão da Africa.

— II —

O riso americano é muito impressionante. Rir é uma manifestação emotiva e se aprende demasiado sobre o carater da gente através do estudo de sua maneira de rir. Há quem padeça de um riso mutilado. Então causa dó: ver alguém sorrir mostrando o movimento sonoro de uma mactra estridente, dura e comprimida. A América é um país que sabe rir. Isso tem grande significação: — significa que todavia existe impenuidade, saúde emotiva e relação imediata entre os seus semelhantes.

Esse riso se acompanha de uma notavel vivacidade e de uma grande facilidade expressiva. Os americanos são grandes faladores. Sua palavra chega até aos seus periódicos — monstruosamente grandes —, de maneira que a palavra continua na leitura. O estilo de tal prosa imbuída é um estilo falado. Quando não é demasiado pedestre é para o europeu, tão novo e agradável como o riso americano... Mas, desgracadamente, é um dessecando o ruido de um montão de toses vazias.

Uma das maiores vantagens do idioma americano é seu «slang». Estou longe de amesquinhá-lo. Ao contrario, ele me agrada profundamente. O «slang» é uma linguagem em formação, uma coisa cheia de vida. Suas figuras não são metáforas: roídas por dizeres ou por imagens plidas consagradas por idades immemoriais e por convenções plidas, corretas e rígidas. São figuras prenhes de vida, com o vigor de sua origem e o incomparavel sabor de um país estranho e novo. Na América sente-se fruir uma nova e estranha corrente de vida através do velho idioma inglês.

Os ingleses assombram-se frequentemente

te, sem explicação. É produto do novo país somente? Duvido! E depois darí minhas razões.

O americano mostra em seus movimentos uma forte inclinação para a negligencia. Isso torna-se evidente em seu andar, no modo de apunhar o chapéu e o cigarro e na maneira de falar. Os americanos movem-se com as articulações relaxadas e as cadeiras oscilantes. Essa característica das mulheres negras primitivas observou-se frequentemente nas mulheres americanas, enquanto o porte moedico é comum aos homens.

A característica mais assombrosa na vida ianque é sua illimitada promiscuidade. Todos se sentem no direito de por-se em contacto com o proximo. É isso pouco agradável. (Entretanto, para um europeu do centro como eu (1), a falta de distancia entre as pessoas, a ausencia de grades em torno dos jardins, a afan de popularidade, as colunas misturadas dos jornais, as portas francas das casas (permitindo ver-se na intimidade, desde a sala até ao dormitório adjacente e os fundos), — tudo isso é mais que desagradavel: — é realmente horrível. Um ou outro pode ficar possuído por essa onda febril e absorvente de inconsciência emotiva que não conhece limites. Encontram-se na ansia e no tumulto da vida quotidiana, em todos os aspectos do entusiasmo: — nos orgiasticos ruidos sectários e na violência de sua admiração ou reprovação publica)...

Essa nebulosa influencia das emoções coletivas se estende em tudo. Ultrapassa as medidas com facilidade, levando as pessoas a situações que, a priori, são condenadas pelo livre-arbitrio. É isso tem um efeito decisivo na psicologia americana, notadamente no problema sexual e em sua evolução depois da guerra. Há uma consideravel tendência á promiscuidade, que pode ser observada tanto na frequência dos divorcios, como ainda na falta de preconceitos de ordem sexual por parte da juventude.

Como resultado inevitavel, a relação individual entre os sexos tem de sofrer. O contacto fácil nunca desperta um desenvolve os valores do carater porque não permite uma profunda compreensão mutua. Tal compreensão (sem a qual é impossivel o verdadeiro amor), só pode ser alcançada depois de vitoriosas todas as dificuldades que nasceu da diferença psicológica dos sexos. A promiscuidade paraliza todos esses esforços, tornando a relação individual absolutamente superficial. Assim quanto mais prevalece uma liberdade sem preconceitos e uma fácil promiscuidade, tanto mais grotesco parece o amor: — degenera em jogo sexual transitório.

Toda a vida americana parece ser a vida das grandes aglomerações, verdadeira vida de cidade. O carater de povo é negado até nas menores comunas que se criam com tendências á cidades. Dir-se-ia que tudo é coletivo e standardizado (pois a cidade governa o estilo de vida) ainda mesmo nos campos. Uma vez, ao visitar determinada zona de veraneio, onde se pratica a chamada vida do campo, um amigo europeu, que me acompanhava, observou: — «suposto que existe um tratado de camping». E, com efeito, lá estavam eles brilhando na estante em capa vermelha e ouro.

O campo é admiravel — ou melhor: divino — com o leve perfume da eternidade (sem offensa á história do dr...) Os grilos não temem a passagem do homem, nem os sapos piando na noite com o som pre-histórico de seu canto. Sim, existe realmente o campo. Parece que ninguém vive nele, e, menos que ninguém — são esses cidadãos apressados, charlatães, ruidosos e automatistas. Não se integraram na terra como os pele-vermelhas. Entre os indios, tudo está mais ou menos bem: eles estão em seu país e não por cima dele... Isso quer dizer que para eles só existe a paz de um Deus!

(1) O dr. Jung é natural da Suíssa.

(Continua no proximo numero)

Notação:

MA-MMA-97-243

Análise documentária:

Artigo recortado de periódico;(33 x 23,3 cm); manchas de fungo; nota MA autógrafa a grafite “revista ‘Pernambuco’, Recife, agosto de 1937”; f.243.

Transcrição:

Preto/ 597, 15

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Caracteres];

Verificação:

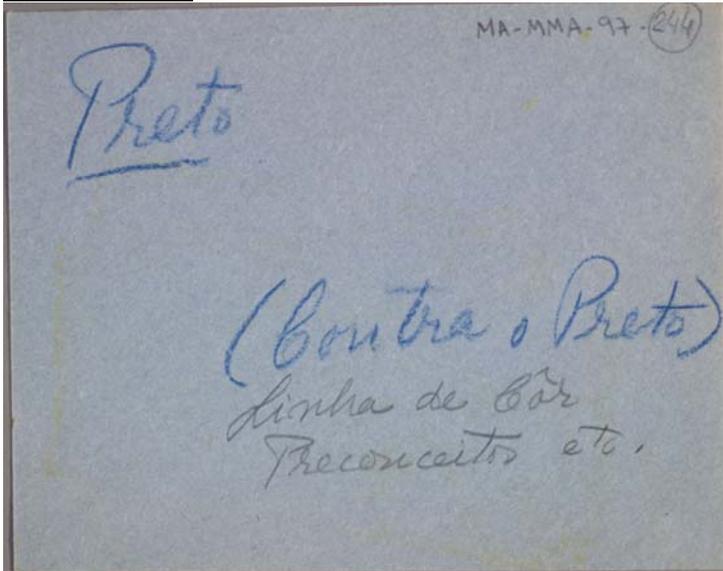
JUNG, Carl Gustav. O negro e o índio na conduta do americano. *Revista Pernambuco*, Recife, agosto de 1937.

MA-MMA-97-244

Preto

(Contra o Preto)
Linha de Cor
Preconceitos etc.

Documento 223:



Notação:

MA-MMA-97-244

Análise documentária:

Autógrafo a lápis azul e a grafite; envelope de papel azul (10 x 15 cm); f.244.

Transcrição:

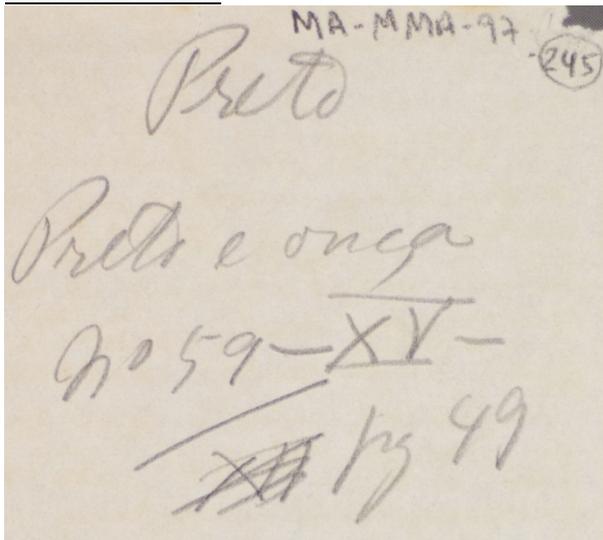
Preto/ (Contra o Preto)/ Linha de côr/ Preconceitos etc.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: envelope para organização original.

Documento 224:



Notação:

MA- MMA 97- 245

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, supressão a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; rasgamento borda superior direita; f.245.

Transcrição:

Preto e onça/ n° 59 - XV - / ~~XII~~ pg 49

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

BPG: 59: Fundo Vila Lobos. Cx. 6; Pasta 15: “Segunda parte da História do capitão José Satyro de Souza”.

Nota da pesquisa:

Não há Nota MA, foi possível identificar que a nota refere-se ao trecho em que, dentre várias histórias sobre onça, o narrador conta a seguinte relativa ao negro:

“Me disse Alfredo Vicente:
Quero contar-lhe um segredo
Que os negros estão na ponta,
Em bosque de arvoredo
Quando um negro foi passando
A onça corre com medo

Me contou um homem sério
Que viu o ano passado
Um negro veio de feira

Muito embriagado:
Na passagem de uma onça
Foi o negro empiquetado

Quando o negro viu a onça
Estava fora da razão,
Pensou que era um cachorro,
Estalou o dedo da mão
Se, se, serigado qui, qui,
Do tó to tubarão

A onça partiu ao negro
Bateu com ele no chão
Arrastou-lhe para a gruta
A sua satisfação
Comeu o negro bêbado
Fedendo o guaribão

Com pouco mais a onça
Ficou bêbada de repente
Com vontade de lançar
Parecia estar doente
Vomitou a carne do negro,
Que só fedia a aguardente

A onça comeu o negro
Teve que botá-lo fora.
Negro aqui insulta onça,
De noite em qualquer hora,
Onde a onça vê um negro
Sai cuspiendo e vai embora”

Documento 225:

MA-MMA-97-246
Preto
Nova Friburgo 153/335
Só a criadagem preta
e alguns "negrinhos" brin-
cando com as crianças bran-
cas, lembravam que a gente
não estava na Europa. A
conversação caiu logo sobre
as dificuldades de viagem
no Brasil e dos caminhos
sujos passou pros negros
que aqui pareciam consi-
derar como um grau in-
termedio entre o homem
e o irracional, Tanto que
as próprias senhoras
quando se chegou nes-
se assunto, afirmaram:
"Ils ne sont pas à la
hauteur du maria-
ge" - e opinaram que
por causa disso não
se admitia casamentos
de pretos na fazenda.

Notação:

MA- MMA 97- 246

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.246.

Transcrição:

Preto/ Nova Friburgo 153 p 335/ Só a criadagem preta/ e alguns "negrinhos" brin-
/cando com crianças bran-
/cas lembravam que a gente/
não estava na Europa. A/
conversaçoão caiu logo sobre/
as dificuldades de viagem/
no Brasil e dos caminhos/
sujos passou pros negros/
que aqui pareciam consi-
/derar como um grau in-
/termédio entre o
homem/ e o irracional. Tanto que/
as próprias senhoras/
quando se chegou nes-
/se assunto, afirmaram:/"Ils ne sont pas à la/
hauteur du maria-
/ge" - e opinaram que/
por causa disso não/
se admitia casamentos/
de pretos na fazenda.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

Contra o Preto

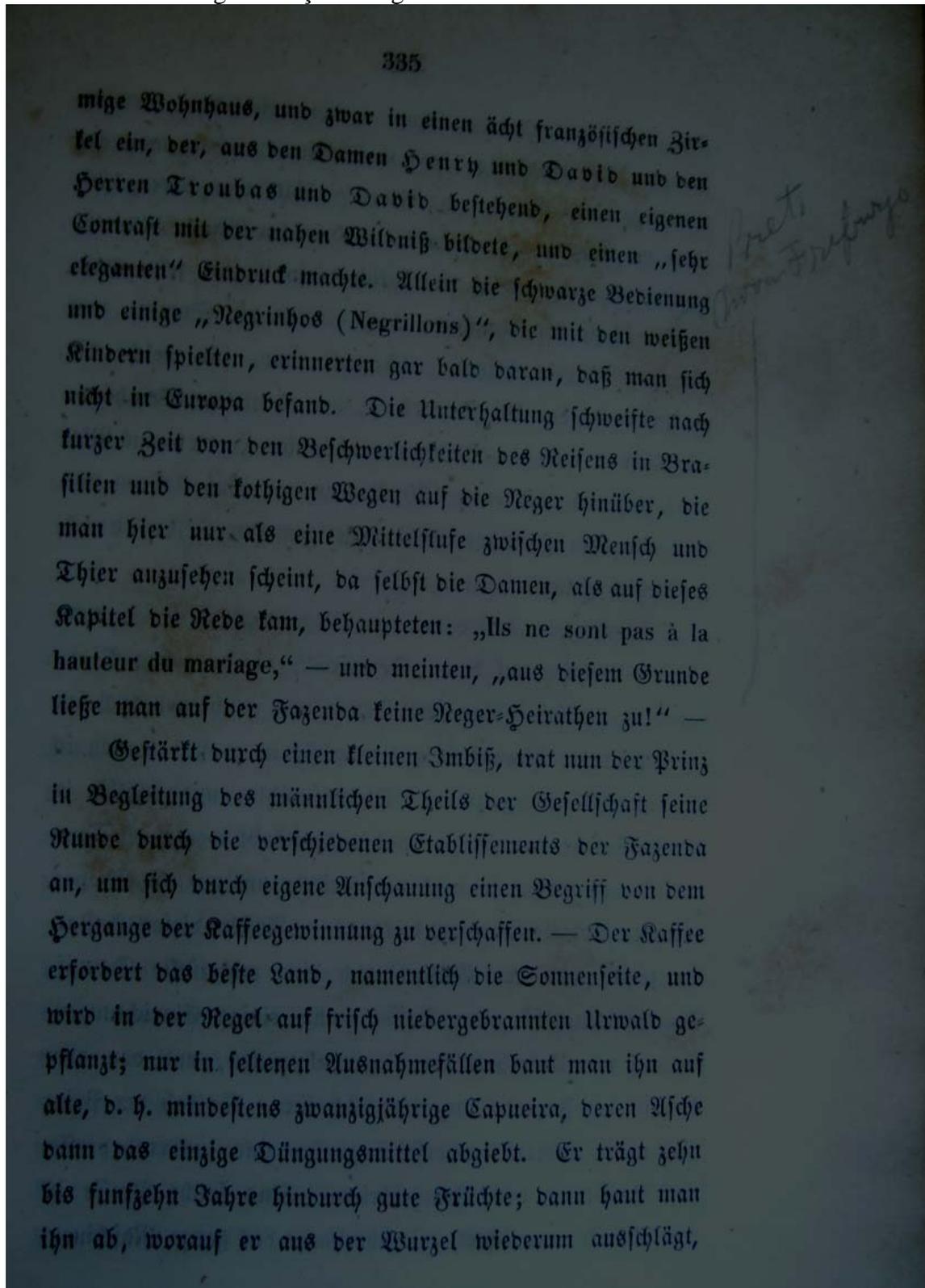
Verificação:

BPG: nº 153: Adalbert, Príncipe da Prússia. *Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Nach dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben von H. Kletke. Berlin, Hasselberg'sche Verlagshandlung, 1857. (BMA: F/II/a/47)*

P. 335:

Nota MA:“

“Preto/ Nova Friburgo” e traço à margem do trecho:



Documento 226:

MA-MMA-97 (247)
~~Mai~~ Preto
Em Alvaros de A-
zevedo que ficou
absolutamente
insensível ao ele-
mento negro, só a-
parece aquele quadro
na parede descre-
vendo "um preto
beberrão sobre uma
pipa" que "aos gros-
sos beijos a garrafa
aperta"
n 191-II, 169

Notação:

MA- MMA 97- 247

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, supressão a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.247.

Transcrição:

~~Mai~~ Preto/ Em Alvaros de A-/zevedo que ficou/ absolutamente/ insensível ao ele-/mento negro, só a-/parece aquele quadro/ na parede descre-/vendo "um preto/ beberrão sobre uma/ pipa 'que' aos gros-/sos beijos a garrafa/ aberta"./ n 191- II- 169

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição; comentário crítico e referência bibliográfica.

Subtema:

Contra o Preto

Verificação:

BPG: nº 191: AZEVEDO, Alvares de. *Obras*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 19__, v. 2.
(BMA- A/II/d/43)

P. 169:

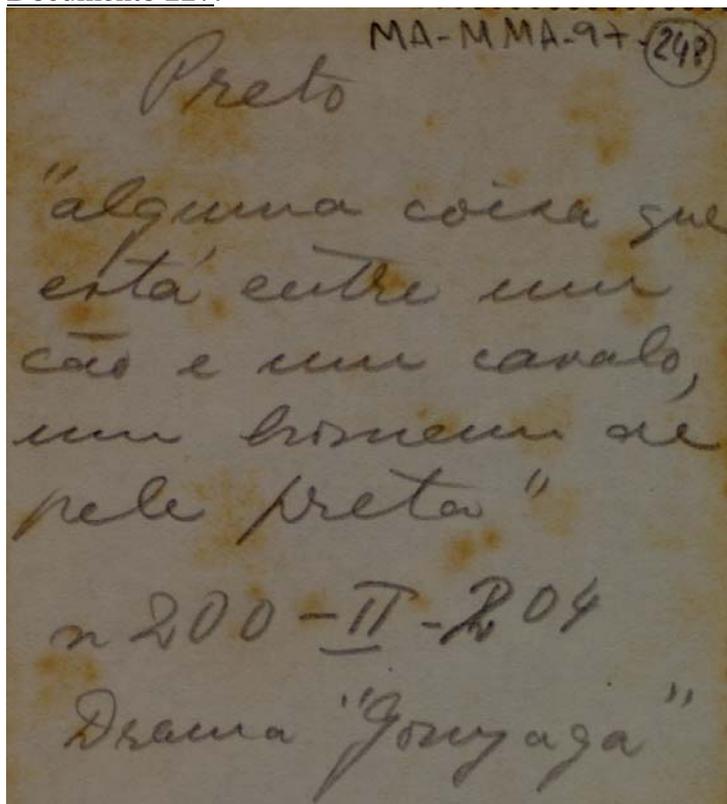
"Idéias Intimas. II"

— 169 —

II

Enchi o meu salão de mil figuras:
Aqui vòa um cavallo no galope,
Um rôxo *dominó* as costas volta
A um cavalleiro de allemães bigodes,
Um preto beberrão sobre uma pipa
Aos grossos beijos a garrafa aperta...
Ao longo das paredes se derramão
Extinctas inscripções de versos mortos
E mortos ao nascer!.. Alli na alcova,
Em agoas negras, se levanta a ilha
Romantica, sombria, á flôr das ondas
De um rio que se perde na floresta...
— Um sonho de mancebo e de poeta,
El-Dorado de amor que a mente cria,
Como um Eden de noites deleitosas...
Era alli que eu podia no silencio
Junto de um anjo... Além o romantismo!
Borra adiante folgaz caricatura
Com tinta de escrever e pó vermelho
A gorda face, o volumoso abdomen,

Documento 227:



MA-MMA-97-248

Preto

"alguma coisa que
está entre um
cão e um cavalo,
um homem de
pele preta"

n 200-II-204

Drama "Gonzaga"

Notação:

MA- MMA 97- 248

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.248.

Transcrição: Preto/ "alguma coisa que/ está entre um/ cão e um cavalo,/ um homem de/ pele preta"/ n 200-II- 204/ Drama "Gonzaga"

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

Contra o Preto

Verificação:

BPG: nº 200: ALVES. Castro. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921, v. 2. (BMA- s/i)

estrebucha na agonia. E sabem o que este homem quer? Qual é o unico sonho de sua noite, a unica idéa de seu cerebro? Perguntem-lhe.

CLAUDIO. — Talvez o amor, a ventura sob a fórma de um beijo.

LUIZ. — Perdôe, meu senhor. Engana-se. Não!

CLAUDIO. — Riqueza para realizar estes castellos doudos de uma imaginação da Africa?

LUIZ. — Ainda não.

CLAUDIO. — Mulheres como nos harens do Oriente, como os principes da Africa sabem ter?

LUIZ. — Não, mil vezes não.

CLAUDIO. — Posição, grandeza, talvez uma farda de Governador. Ainda não? com mil diabos, és difficil de contentar.

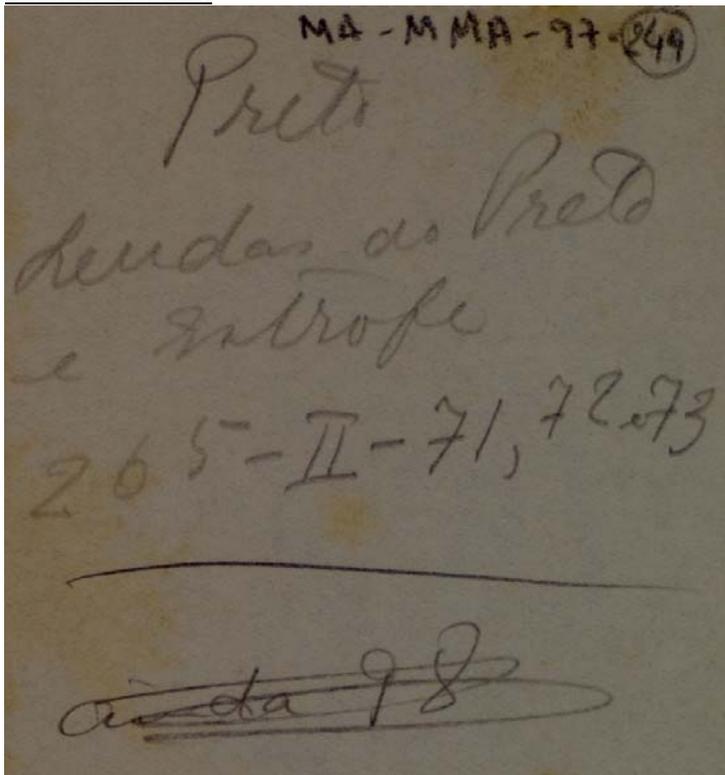
GONZAGA. — Enganas-te. Elle quer pouco, quer o que todos nós temos, quer sua familia, quer sua filha.

CLAUDIO. — Então não quer dizer nada. Comprehando: é preciso talvez libertal-a. Ahi tens minha bolsa e falemos do que mais importa.

GONZAGA. — Guarda a tua bolsa, ella não basta. Admiras-te? Eu vou contar-te esta pequena historia. Havia, quando eu era criança, meus amigos, em nossa fazenda, uma mulata. Chamava-se Córa. Era uma bonita e boa mulher que um dia appareceu-nos, dizendo ser livre, e que minha mãe acolheu. Pouco tempo depois...

LUIZ. — Eu lhes contarei esta historia, meus senhores. Eu a tenho aqui (*apontando o coração*) e é memoria que nunca falha... Foi muito simples. A mulher amou um homem, enganei-me, amou alguma cousa que está entre o cão e o cavallo, amou um homem de pelle preta. Para que falar destes amores? O pobre diabo adorava-a, e ella, ella queria-o muito. Oh! nunca comprehendereis o amor de dous

Documento 228:



Notação:

MA- MMA 97 - 249

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, supressão a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.249.

Transcrição:

Preto/ lendas do Preto e Estrofe/ 265 -II-71, 72 e 73/ _____/ ainda 98

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]; [Religiosidade]

Verificação:

BPG: nº 265: GOMES, Lindolfo. *Contos populares narrativas maravilhosas e lendárias*, seguidas de cantigas de adormecer da tradição oral, no estado de Minas. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 19___. (BMA- F/I/a/44)

P. 71:

"Lendas populares e religiosas"

Nota MA a grafite:

"Preto" no início do traço e "Preto" no fim do traço à margem do trecho:

"O Branco e o Negro

Deus fez o homem perfeito a sua imagem e semelhança.

O diabo entendeu que podia conseguir obra igual ou ainda melhor.

Tomou um pouco de barro, como vira Deus fazer, e recomeçou a trabalhar. Quando terminou a figura, reparou que estava toda ela enegrecida, porque feita pelas mãos dele, que são de fogo, saíra cor de carvão e com o cabelo todo chamuscado.

O diabo ficou indignado por não ter podido conseguir uma figura tão perfeita como a que saíra das mãos de Deus e, contemplando enfurecido o boneco, deu-lhe tamanho murro no nariz que o esborrachou.

Deus tinha feito o branco e o diabo fizera o negro, preto como carvão, de cabelo encarapinhado e de nariz esborrachado."

"O branco, o índio e o negro

Deus criou o branco, o índio e o negro. Quis depois experimentar-lhes as qualidades de inteligência, coragem e destreza.

Atirou-os a um poço de certa profundidade.

O branco, vendo o perigo em que se achava, pensou logo no que deveria fazer e, aproveitando-se das fendas da terra, agarrando-se às paredes do buraco, salvou-se, saindo do poço.

O índio, que lhe observara todos os movimentos e expedientes, procurou imitá-lo, mas, só pôde conseguir o que desejava, trepando às costas do negro.

Mas este, indolente, nada tentou para salvar-se, e deixou-se ficar inativo, até que veio a morrer.

E aí está como Deus, na sua grande sabedoria, fez o negro inferior ao índio e o índio inferior ao branco."

P. 72 e 73:

"Lendas populares e religiosas"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

"As três raças

Dizem que antigamente todo os homens eram negros.

Vai então Deus viu, um dia, três irmãos lamentando com muito pranto a morte de seu pai.

Deus ficou muito penalizado e resolveu consolá-los, de algum modo, em tanto sofrimento.

Disse-lhes que havia uma fonte de água muito pura e cristalina, da qual, se nela se lavassem, poderiam sair tão brancos como a neve,

Um dos irmãos atalhou:

- Não acredito em tal maravilha. Nem sequer tentarei a experiência.

O segundo disse:

- Irei ver essa fonte maravilhosa.

O terceiro disse:

- Irei lavar-me nessa fonte e, quando dela sair, estarei branco e perfeito.

E dizendo isto, foi atirar-se em meio da fonte, deonde saiu com a pele inteiramente branca.

Vendo-o, o segundo correu a imitá-lo, mas encontrou a água já alterada, de maneira que, após o banho, ficou ele com o corpo apenas avermelhado.

O primeiro, já não duvidando do milagre, correu também à fonte, mas havia já tão pouca água que apenas pode nela tocar a planta dos pés e a palma das mãos.

E assim foi que apareceram as três raças, a branca, a vermelha e a negra.

P. 73:

"Lendas populares e religiosas"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

"Nota- A propósito das raças conheço também estas quadrinhas populares:

Deus quando fez o negro
Começou no calcanhar,
Quando chegou no nariz
Deu ao diabo para acabar.
O diabo tinha preguiça,
Não queria trabalhar;
Deu um soco no nariz
E o acabou de esborrachar."

Nota da pesquisa:

O livro consultado não consta data de publicação, no manuscrito *Bibliografia para na Pancada do ganzá*, MA anota 1931. A segunda história aqui transcrita corresponde à passagem de *Macunaíma* no capítulo “”.

Documento 229:

MA-MMA-97-250
Preto
Ayres do Casal
incluiu os negros
entre as 37 castas
de quadrupedes
indígenas do Bra-
sil
297 p 102

Notação:

MA- MMA 97 - 250

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.250.

Transcrição:

Preto/ Ayres de Casal / inclui os negros/ entre as 37 castas/ de quadrupedes/ indígenas do Bra-/sil/ 297 p 102

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e nota de trabalho.

Subtema:

Contra o Preto

Verificação:

BPG: nº 297: TAUNAY, Affonso de E. *Non ducor, duco notícias de S. Paulo, 1565-1820*. São Paulo: Typ. Ideal, 1924. (BMA- E/I/c/59)

P. 102:

"Cap. XIII"

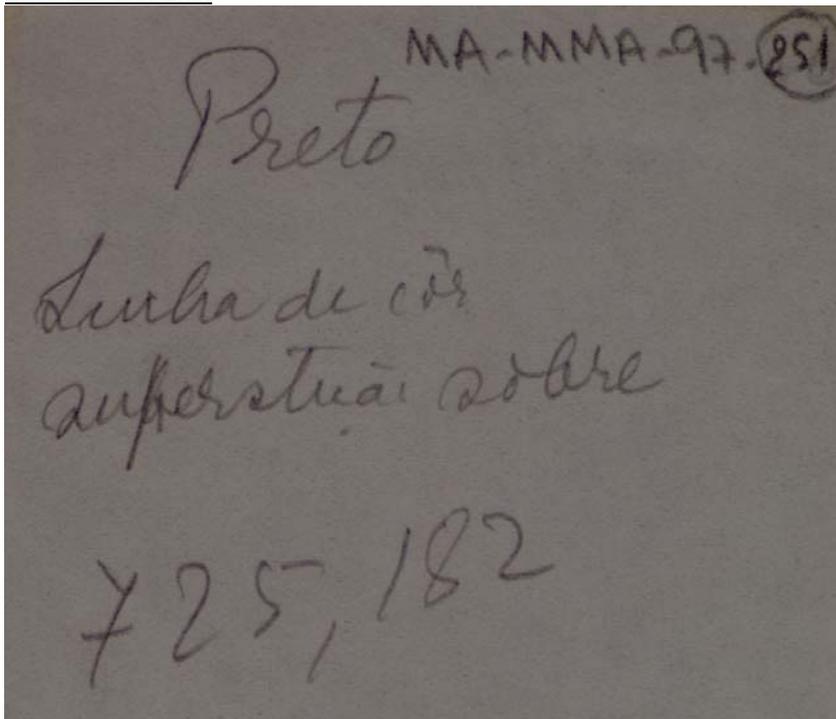
Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Começa a 'Coreographia' por uma parte geral, a 'Introdução', em que há umas tantas páginas consagradas a uma notícia histórica, outras tantas à zoologia, à botânica às vezes, na ingenuidade senão na simplicidade dos seus dizeres.

Assim, no número relativo à zoologia e às 'trinta e sete castas de quadrúpedes indígenas' inclui a notícia referente aos aborígenes brasileiros, no seu desdém de homem de raça superior. E, com os índios, encambulha os negros, que 'com o físico conservam todas as manhas pátrias e as refinam, quiçá, porque os seus crimes acham aqui menos rigor do que na Nigrícia."

Documento 230:



Notação:

MA - MMA - 97 - 251

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8); manchas de fungo; borda superior picotada; f.251.

Transcrição:

Preto/ Linha de côr/ superstição sobre/ 725/182

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o Preto]; [Superstição]

Verificação:

BPG: nº 725: OLIVEIRA, Sebastião Almeida. *Expressões do populário sertanejo: vocabulários e superstições*. São Paulo: Revista dos tribunais, 1940. (BMA- F/I/d/61)

P. 182:

Nota MA a grafite:

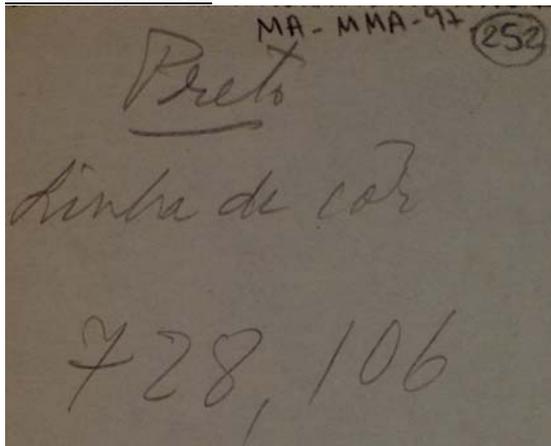
cruzeta à margem do trecho:

" f) quem se recusa a paraninfar gente de cor pratica sério pecado, falta essa que poderá remir servindo de padrinho a sete negros consecutivos."

Nota da pesquisa:

Oliveira recolhe diferentes definições de batismo, este trecho corresponde a uma delas.

Documento 231:



Notação:

MA - MMA - 97 - 252

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.252.

Transcrição:

Preto/ Linha de côr/ 728, 106

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o Preto]; [Mulher negra]

Verificação:

BPG: nº 728: EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Gastão Penalva (trad.). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (BMA- E/I/c/72)

P. 106:

"Capítulo III"

Nota MA a grafite:

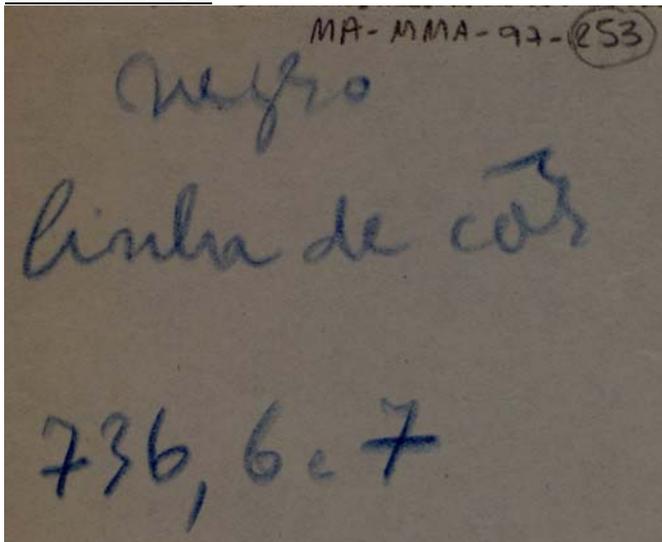
palavra "Preto" e traço à margem do trecho:

" Entre os passageiros havia um cabeleleiro e um português negociante de carne seca. Longe do meu pensamento, eu, modesto fabricante de fósforos, fazer pouco no industrial e no artista. Direi apenas que a educação desses dois senhores deixava a desejar.

Esses indivíduos, Fruchot, uma negra livre e eu constituíamos o pessoal pagante a bordo.

Apenas saímos da baía, tocaram para o jantar. Exceto eu, cada qual acorreu ao apelo. Logo que a negra sentou-se à mesa, o negociante de carne seca e o cabeleleiro trocaram um olhar de espanto. Uma negra ao lado de brancos! Era um fato sem exemplo nas tradições coloniais. Houve protesto contra a monstruosidade e o negociante censurou vivamente o comandante a esse respeito."

Documento 232:



Notação:

MA- MMA 97 - 253

Análise documentária:

Autógrafo a lápis azul; fôlho destacado de bloco de bolso (10,5 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.253.

Transcrição:

Negro/ linha de côr/ 736, 6 e 7

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]; [Religiosidade]

Verificação:

BPG: nº 736: PASSOS, Zoroastro Vianna. *Em torno da História do Sabará*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940. (BMA- E/3/b/10)

P. 6:

"Explicação"

Nota MA a lápis azul:

traço à margem do trecho:

"A igreja do Carmo, de brancos, foi levantada quando em Sabará já havia duas Irmandades de pretos, com Igrejas: Rosário e Mercês; e duas irmandades de homens pardos: São Francisco de Assiz, na Capela de Nossa senhora Rainha dos Anjos, e N. S. do Amparo com altar na Igreja Grande. "

Estabelecendo Presídias pela vastidão da Comarca do Rio das Velhas, das quais tinha direção absoluta, a Ordem 3.^a do Carmo da Vila Real, enfeixando nas mãos uma benéfica ditadura espiritual, foi incontestavel fator na grandeza da Vila Real.

Quem ler, meditando, este trabalho verá a sua influencia benéfica, auxiliando a construção de um Chafariz, instalando o Hospital, fazendo e calçando a rua do Carmo, construindo as Catacumbas, auxiliando Irmãos seus que dela necessitassem, etc.

Foi a agremiação dos nobres de Sabará.

Folheando um livro de assentos de Óbitos de Vila Real, via, a cada passo, que a morte, nos seus aparatos sociais, distinguia, ostensivamente, os seus habitantes: os brancos, de alta linhagem, quando tinham elevado conceito público e eram seus Irmãos, só se enterravam no Carmo; e vi mais que só as senhoras que tinham dona a lhe preceder o nome poderiam ser enterradas em sua Igreja...

Era a Igreja dos Capitães-Mores, dos Desembargadores, dos Doutores, dos potentados... quando brancos.

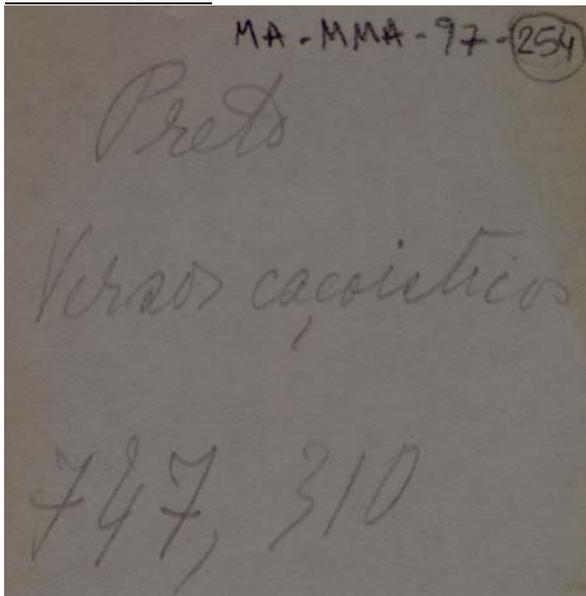
Uma ou outra vez distinguia, mesmo entre os brancos, os mais ricos; o que deu, de uma feita, azo a que se reclamasse contra os dobres de sino muito repetidos para defuntos ricos...

Há nesse volume um termo, — Injuria de Mulata, — para que solicito atenção (1).

O Major Bento Epaminondas, mulato diamantinense, e temibilissimo rábula, tendo conseguido professar na Irmandade do Carmo, já em dias da república, ao ter, de uma feita, de ditar sua qualificação, disse: — Bento Epaminondas, brasileiro, branco, pois Irmão do Carmo..., assim ironizando

(1) — V. 1768 — (2 de Fevereiro). Injuria de Mulata...

Documento 233:



Notação:

MA- MMA 97 - 254

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.254.

Transcrição:

Preto/ Versos caçóisticos/ 747, 310

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

BPG: nº 747: TEIXEIRA, José A. *Folklore Goiano: Cancioneiro, lendas , Superstições*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. (BMA- C/I/e/63).

P.310:

"Humorismo, inteligência, sensibilidade"

Nota MA a grafite:

"Recortado" ao lado do trecho:

" Bulindo com o Negro

4- Eu quiria falá uma coisa

mas arrependi,

Dicertu tem nêgu aí...

Mas agora resurvi,

Si tivé inda não vi.

Tenho mêdu é de feitiçu.

genti u qui é issu,

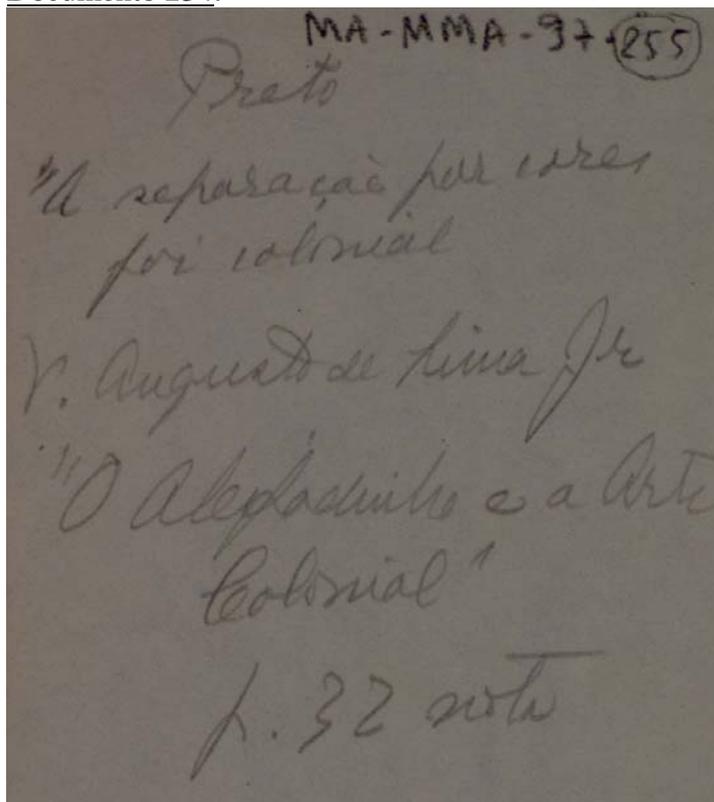
Nêgu catanga uriçu.

Casa di nêgu
Não tem traméla,
fais um buracu
Diz q' é janéla.
A cuberta da casa
É di capim,
U fiu di nêgu
É criulim.
Cumú é bunito u bichim!
oi u niguim
Como é ispóra!
U nêgu também namora,
I pisa nu buracu
Quanu vão embora...
5- Vô contá u qui aconteceu
Vi um nêgu muntadu em pêlu
Na fazenda du Mutúca,
Trazenu um laço na garupa.
Êssi nêgu intrô na rua
Fazenu seu riboliçu,
vendenu boiada mocha
Alojada pelo chifri.
Êssi nêgu intrô na rua
Numa mula machâdera,
U nêgu istava peladu
Di relógio na argibêra.
Êssa mula é muntu boa
Mais pra mim ela num presta
É uma mula sem cabeça
Qui tem istrela na testa.”

Nota da pesquisa:

1. "Recortado" é o nome do subtítulo ao qual pertence este trecho; ao todo é dividido em 5 partes, as 3 primeiras não se referem ao negro.
2. Nota MA na contra capa do livro: " Há um certo modo de elogiar as pessoas do governo que não me parece que fique bem na pena quieta de um folclorista".
3. Livro com dedicatória do autor.

Documento 234:



Notação:

MA- MMA 97 - 255

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.255.

Transcrição:

Preto/ A separação por cores/ foi colonial/ V. Augusto de Lima Jr./ "O aleijadinho e a arte Colonial"/ p. 32 nota

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]

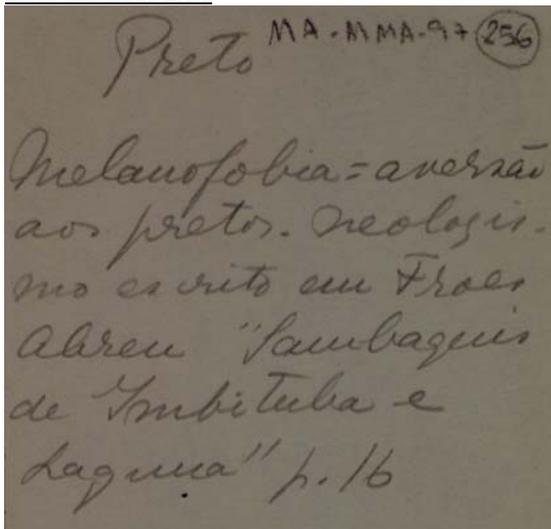
Verificação:

LIMA JUNIOR, Augusto de. *O Aleijadinho e a arte colonial*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1942. (BMA- E/3/c/67)

possam ter legitima nem suceder ab in testado e que somente poderão ter os alimentos que na forma de direito lhes competirem. "Esse parecer de 1734 aprovado pelo Rei explica a situação social da formação mineira e o drama familiar que dele resultou, cimentando uma luta entre os resultantes das uniões forçadamente ilegítimas e os poderes públicos de Portugal. (1)

(1) A separação pelas cores foi manifestada até o final do século dezoito nas instituições militares com a existência de corpos de "brancos" "pardos" e "pretos" ou "Henriques". A supressão do preconceito da cor é fenômeno exclusivamente brasileiro

Documento 235:



Notação:

MA- MMA 97 - 256

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.256.

Transcrição:

Preto/ Melanofobia= aversão/ aos pretos. Neologismo escrito em Froes/ Abreu "Sambaquis/ de Imbituba e/ Laguna" p.116

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

ABREU, S. Fróes. Sambaquis de Imbituba e Laguna Santa Catarina. Separata da *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Papelaria Mello, 1928. (BMA)

P. 16:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta à margem do trecho:

"Rath era bem germânico, quem lê seu opúsculo intitulado "Algumas palavras etnológicas e paleontológicas a respeito da Província de São Paulo", percebe logo a profunda antipatia que ele devotava à raça negra. Tinha uma verdadeira melanofobia; o problema dos sambaquis já estaria elucidado, pensava ele, se não fossem os negros com suas enxadas, que quebravam os crânios e inutilizavam as peças de cerâmicas."

2. grifo em "melanofobia".

Documento 236:

MA-MMA-97 (257)
Preto
Sai semana, entra semana,
Nêgo num larga trabáio,
a vida inteira lutando,
E cadê treze de maio!
Cala a boca, nêgo bêta,
Vai prá roça, pega o arado.
Treze de maio pra nós
É desejo de capado
João Calagans (Bahia)
in "Idéia" Rio
Setembro 1937 p.12

Notação:

MA- MMA 97 - 257

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.257.

Transcrição:

Preto/ Sai semana, entra semana,/Nêgo num larga trabáio,/ a vida inteira lutando,/ E cadê treze de maio!/ Cala a boca, nêgo bêta,/ Vai prá roça, pega o arado./ Treze de maio pra nós/ É desejo de capado/ João Calagans (Bahia)/ in "Idéia" Rio/ setembro 1937

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

CALAZANS, João. "Sob mirada de Xangô". *Idéia* (Órgão oficial do centro acadêmico Candido de Oliveira da Faculdade Nacional de Direito), a.2, Jan: set 1937.

P. 12:

Nota MA a grafite:

"já fichado" no início do artigo.

Nota MA a lápis vermelho:

1. grifo em: "- Num é terno, é Bumba-meu-boi que tem hoje."

2. traço à margem do trecho:

"Sae sumana, entra sumana,

nêgo num larga trabáio:

a vida inteira lutando...

E cadê treze de maio?"

3. traço à margem do trecho:

"Cala a boca, nêgo besta:

Vae prá roça, péga o arado.

Treze de maio prá nós

é desejo de capado."

4. traço à margem do trecho:

"Dô para uni o meu côro

às carne dessa mulata,

um conto de réis de ôro

e um conto de réis em prata."

5. grifo em "prata".

6. grifo em "argonautas", do trecho:

"- Lapinha boa boa era do meu tempo. Tinha chegança, pastoris, argonautas, tinha bumba... Os ternos eram chics"

7. traço à margem do trecho:

- Que bumba!? Veja... No meu tempo, tinha. Entrava a manhãzinha e o Boi num quiria sai. Chorava a viola, o pandero trimia que nem sezão... o canzá rezava. Nois só cumpanhando eles:

'Eh! Boi. Bumba-meu-boi.

Meu boi maiádo...

Eh! Boi. Bumba-meu-boi.'

Esse tempo não vorta mais.

Documento 237:

MA-MMA-97-258
Negros
O padre Delapor-
te em 1752 (J. do
Comercio, Rio, 4-I-931)
depois de enumerar
a serie pavorosa de
qualidades ruins dos
bairanos "presunçosos,
preguiçosos, invejosos,
orgulhosos, voluptuosos,
trapaceiros, hipocri-
tas, cruéis, vingati-
vos e devotos", atri-
bui tudo isso ao
contacto dos negros.

Notação:

MA- MMA 97 - 258

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.258.

Transcrição:

Negros/ O padre Delapor-/te em 1752 (J. do/ Comércio, Rio, 4-I-931)/ depois de
enumerar/ a série pavorosa de/ qualidades ruins dos/ bairanos "presunçosos/,
preguiçosos, invejosos,/ orgulhosos,/ voluptuosos,/trapaceiros/, hipócric-/tas, cruéis,
vingati-/vos e devotos", atri-/bui tudo isso ao/ contato dos negros.

Estatuto genético:

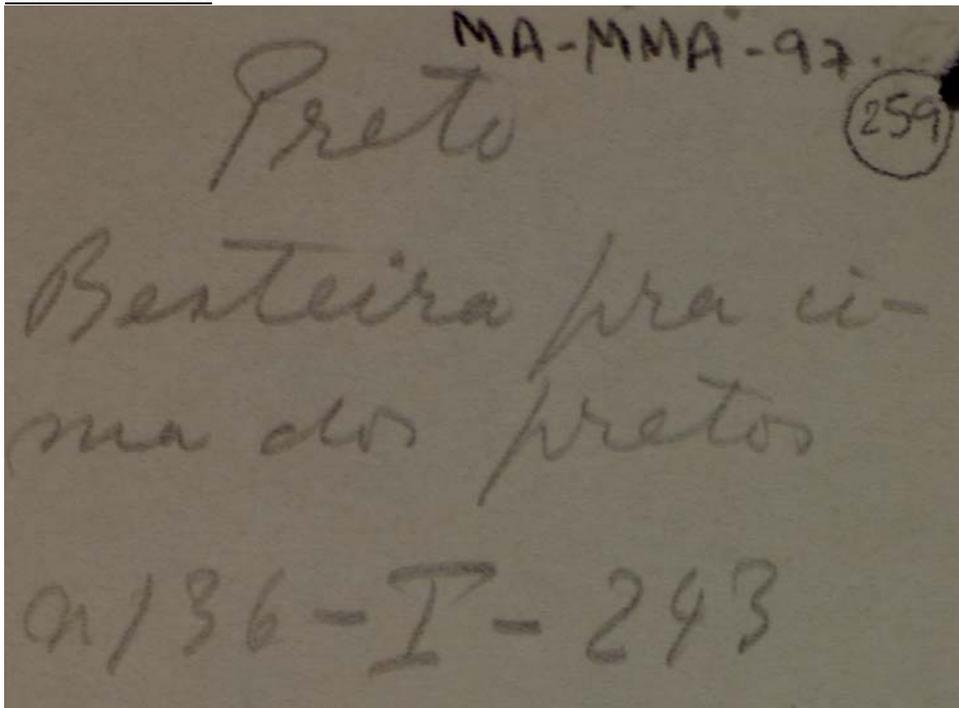
Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

Contra o Preto; [Caracteres]

Documento 238:



Notação:

MA - MMA - 97 - 259

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; rasgamento borda superior direita; f.259.

Transcrição:

Preto/ Besteira pra ci-/ma dos pretos/ n 136 - I - 243

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário crítico e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra o preto]; [Caracteres]

Verificação:

BPG: nº 136: MOTTA, Arthur. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. (BMA - F//42)

P. 243:

"XII - Os fatores de influência da psicologia nacional."

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Do negro, vieram, principalmente, o espírito supersticioso, as crendices e abusões, a submissão aos atos tirânicos ou de verdadeiro despotismo, a apatia que caracteriza a indiferença do brasileiro por tudo que influe em seu destino ou lhe compromete a existência."

MA-MMA-73 260

O NEGRO NA TRADIÇÃO ORAL

Representações coletivas do negro — O ciclo da formação das raças

Então

Florestan Fernandes

15-VIII-43

Além da análise sucinta que já fizemos da atuação do negro no folclore brasileiro, podemos encantar qual a posição ocupada pelo negro neste mesmo folclore. Essa posição poderia ser reconhecida em certas representações coletivas, cristalizadas na tradição popular (nas lendas, na parentologia, etc.), as quais podem fornecer juízos de valor e regras, consequentemente as relações entre indivíduos de cor diferentes, fornecendo padrões predominantes de comportamento e contribuindo para a estabilização definitiva dos padrões "democráticos" ou "antidemocráticos", na sociedade. Em síntese trata-se de verificar como o folclore brasileiro poderia colocar o problema das relações entre brancos e pretos, e para isso nos amparamos preferentemente em situações por nós recolhidas em S. Paulo.

Nesse material, que exporemos a seu tempo, podemos distinguir três situações do negro, relativamente ao branco:

- 1) O negro é apresentado como sendo etiológicamente inferior ao branco;
- 2) O negro é apresentado como sendo biologicamente superior ao branco;
- 3) O negro é apresentado como sendo socialmente inferior ao branco. Vemos que os itens 1 e 3 são desfavoráveis ao negro, enquanto o item 2 parece, à primeira vista, favorável.

Os mesmos fatores que explicam a situação do negro no folclore brasileiro também explicam, a nosso ver, essas três situações do negro na sua tradição oral. De fato a condição servil do negro em contacto direto com o branco, punha-o em condições de inferioridade. Mas graças à formação cristã da civilização do senhor, o negro era a "besta de carga", a máquina que devia movimentar tudo, desde o interior da Casa Grande, até as áreas imensas cobertas pela cultura e pelos engenhos. E como "besta de carga" era encarcerado pelo senhor, que dele exigia obediência sem limites e passividade absoluta, e o obrigava a trabalho insano, sol a sol, denominado "manhã de negro" qualquer pretexto de fadiga. Além disso, o negro, como cativo, ocupava o mais baixo "status" da hierarquia social, não tendo, mesmo, durante muito tempo, sequer direito à paternidade, pois o filho era propriedade exclusiva do senhor, que dele dispunha livremente, vendendo-o ou conservando-o de acordo com as necessidades do momento. Doutra lado, o fato de haver relações sexuais entre o senhor e a escrava, pouco ou quase nada beneficiava a mãe negra e o filho mestiço, pois ainda nisso a escrava exercia a função da "besta", da máquina de reprodução da Casa Grande. E o que o senhor retinha dessas relações, posteriormente, era o aumento da mão de obra, equilibrando assim o número de braços com o aumento de trabalho na fazenda.

A situação social de escravo, por outro lado, vinha reforçar as representações que já existiam sobre a inferioridade e a bestialidade do negro, que aliás justificavam a sua submissão e seu emprego como cativo, por parte dos senhores dominantes. O resultado dessas relações sociais, reguladas pela própria estruturação da sociedade colonial e imperial, bem como a existência anterior de estereótipos desfavoráveis aos negros, parecem-nos explicar convenientemente essas três situações previstas no nosso folclore.

Podemos analisar a representação da inferioridade etiológica do negro no ciclo sobre a formação das raças. Ali há uma localização bem definida de posição do negro, o qual se aparece criado por Deus, se apresenta inferior em relação aos elementos representativos das demais raças, por uma espécie de retardamento físico e mental, os quais o impedem de qualquer iniciativa própria e imediata; ou, então, a noção de inferioridade se patenteia através da entidade criadora, diferente para o preto e para o branco, o Diabo e Deus, respectivamente; num último caso, a inferioridade é a resultante de uma maldição, motivada pela conduta do suposto ascendente, como veremos adiante. Esses fatos, cristalizados na tradição popular, refletem na parentologia, prevendo até a situação dos descendentes mestiços, como esclarece o seguinte provérbio, que recolhemos no bairro do Pari: "Caipira descendente do branco é limpo e trabalhador; caipira descendente de preto é sujo e vagabundo". Vejamos as lendas.

"Origem das raças" (Pari)
 "Antigamente todos os homens eram pretos. Uma vez Deus resolveu premiar o esforço de cada um, sem nada ter dito a eles; mandou-os atravessar um rio. O mais esperto e que tinha mais fé executou logo as ordens de Deus, atravessando o rio a nado. Quando saiu do outro lado estava completamente branco, que era uma beleza.

O outro, quando viu o que aconteceu ao irmão, também correu para as águas do rio, fazendo a mesma coisa que ele tinha feito. Mas a água estava suja e ele saiu do outro lado apenas amarelo.

O terceiro também quis mudar de cor, imitando os dois irmãos. Mas a água estava muito mais suja e quando ele chegou do outro lado viu com desgosto que estava apenas mulato.

O quarto, muito moleza e preguiçoso, quando chegou no rio, Deus já o tinha feito secar. Então ele molhou os pés e as mãos, apertando-os sobre o leito do rio. Por isso que o preto tem só as palmas das mãos e as solas dos pés brancas, e é menos que os outros."

"O Branco e o Negro" (Lapa).
 "Certo dia, Deus ao ver o mundo tão bonito, resolveu povoá-lo, para dar mais vida à natureza. Então fez o branco, aproveitando o barro da terra. O "Tinhoso", que sempre anda espiondo o que Deus faz para fazer a mesma coisa, também tratou de fazer um boneco de barro. Quando acabou deu um aspirado nele e um monstro cambaio, preto e de cabelo queimado, saiu a correr mundo. O Diabo ficou dançado de vida, pois o de Deus era bonito e bonito, mas a culpa foi sua, porque ele varou que sua mãe queimava. Assim nasceu

o preto e o branco, um filho de "Coba-Ritua" e outro de "Deus".

A representação de que o negro é filho do Diabo está bastante disseminada entre o povo. Além dessa lenda, recolhemos outra ("Deus, o Diabo e o Português"), de fundo anedótico, em que Deus cria o branco, o Diabo o negro, e o português, superando os dois, cria uma síntese: o mulato. Também na poesia popular cabocla há esta "preocupação de diminuir o preto", como observa Rodrigues de Carvalho (1), que recolheu várias quadras, entre as quais destacamos a seguinte:

"O branco é filho de Deus,
 O mulato é entado,
 O cabra não tem parente,
 E negro é filho do diabo".

A outra lenda, que se refere ao suposto ascendente da raça negra, é a seguinte:

"Como nasceu a Raça Negra" (Santa Cecilia).

"Quando Cain foi amaldiçoado por Deus, porque matou o seu irmão Abel, virou negro. E ele, no desespero, procurou um rio para se lavar. Encontrando um riacho, molhou os pés e as solas dos pés e as palmas da mão no água, o facho secou. E por isso que os negros têm as palmas da mão e as solas dos pés brancas, enquanto o resto do seu corpo é negro como a noite".

Outra lenda, que esclarece a posição de inferioridade do negro, no folclore brasileiro, é a seguinte, recolhida por Lindolfo Gomes (2), e incluída no seu "Ciclo sobre a formação das raças": "O Branco, o Índio e o Negro".

"Deus criou o branco, o índio e o negro.

(Continua na pag. seguinte)

O negro na tradição oral

(Conclusão da pag. anterior)

Quis depois experimentar-lhes as qualidades de inteligência, coragem e destreza.

Atrou-os a um poço de certa profundidade.

O branco vendo o perigo em que se achava, pensou no que deveria fazer e, aproveitando-se das fendas da terra, agarrando-se às paredes do buraco, salvou-se saindo do poço.

O índio, que lhe observara todos os movimentos e expedientes, procurou imitá-lo, mas só pôde conseguir o que desejava trepando às costas do negro.

Mas este, indolente, nada tentou para salvar-se e deixou-se ficar inativo, sem pedir socorro, sem procurar qualquer recurso, até que veio a morrer.

E aí está como Deus, na sua grande sabedoria, fez o negro inferior ao índio e o índio inferior ao branco".

Do mesmo modo, há explicações ridicularizadoras dos traços físicos do negro, na tradição popular, colocando-o, também, em posição inferior:

"Urubu", passaro preto (Bela Vista)
 Passaro do b'co rombudo,
 Foi praça que Deus deixou:
 Todo negro ser belçudo".

Outra explicação desse genero encontramos sobre o nariz do preto, em Lindolfo Gomes (doc. cit.):

"Deus quando fez o negro
 Começou né calcanhar.
 Quando chegou no nariz
 Deus do Diabo para acabar.
 O Diabo tinha preçuica,
 Não queria trabalhar.
 Deus um soco no nariz.
 E o acabou de esborrachar".

Portanto, não só se explicam no folclore brasileiro o preto como sendo etiológicamente inferior ao branco e de inteligência e aptidões inferiores, como também há uma tentativa de explicação dos traços físicos diferentes (nse lendas — palma da mão etc.) e em outros elementos folclóricos).

(1) Os Pretos de Influência Africana na Formação Social do Brasil, em Novos Estudos Afro-Brasileiros, Rio de Janeiro, 1937, pg. 55.

(2) "Contos Populares", S. Paulo, S.A., vol. II, pgs. 71.

Notação:

MA - MMA - 97 - 260

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (38,3 x 15,4 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal; continuação do artigo colada à página; f. 260.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: representações coletivas do negro – O ciclo da formação das raças. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 julho 1943.

Notação:

MA - MMA - 97 - 260

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (48 x 16 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal; continuação do artigo colada à página; f. 261.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

FERNANDES, Florestan. O negro na tradição oral: A superioridade biológica e a posição social do negro – Consequências. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 22 julho 1943.

Notação:

MA - MMA - 97 - 262

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (65,8 x 15,3 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal; continuação do artigo colada à página; f. 262.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: recorte de periódico

Subtema:

[Contra o preto]

Verificação:

XIDIEH, Oswaldo Elias. Linha de cor e Macumba. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 outubro 1944.

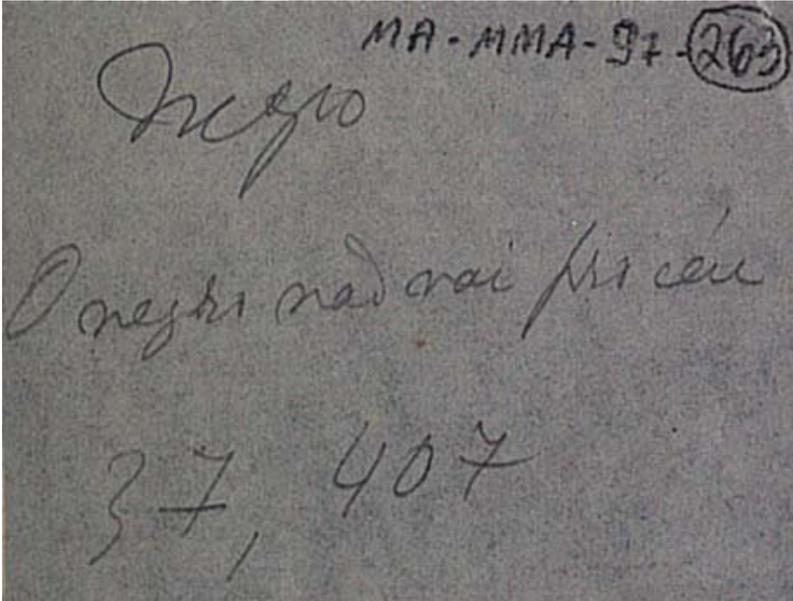
MA-MMA-97-(284)

Pezzo

Apodo a ele

766, 54

Documento 242:



Notação:

MA-MMA-97- 263

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 263.

Transcrição:

Negro/ O negro não vai pro céu/ 37, 407

Estatuto genético:

Nota de trabalho:

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 37: BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*: (Folk-lore). Rio de Janeiro: Livraria editora Leite Ribeiro, 1921. (BMA- F/I/c/3)

P. 407:

"O ciclo dos caboclos- Silva de quadras de desafio entre negros e caboclos"

— 407 —

O mais que achei escrevi
Sem que constasse mais nada.

Villa dos Desconsolados,
Doze ou dezoito de Maio,
O vigario Zé Coxixo
Montenegro Para-Raio.»

A satyra é formidavel. No emtanto, ha peor. As trovas que trocam os cantadores de desafio, quando um é negro e o outro cabôclo... Essas são duma ferocidade terrivel. Nellas o cantador cabôclo defende a sua raça com unhas e dentes, e o cantador negro attaca-a, ao mesmo tempo que tambem defende a sua. Eis uma silva de quadras alternadas desses curiosos desafios:

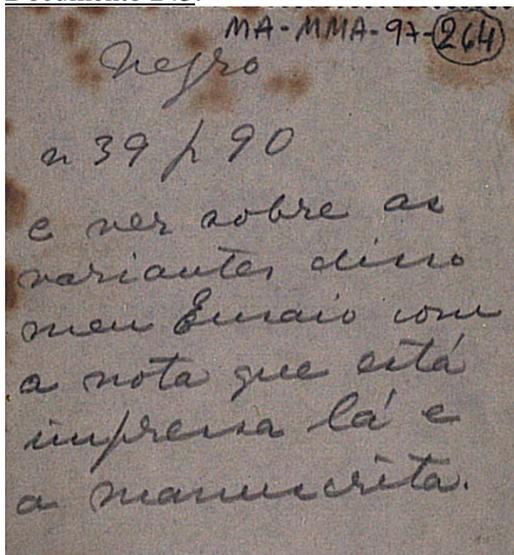
SILVA DE QUADRAS DE DESAFIO ENTRE
NEGROS E CABOCLOS

Cabôclo não vae ao céu
Nem que seja rezador,
Que tem o cabelo duro
Espeta Nosso Senhor!

O negro não vae ao céu
Nem que seja resador,
Que o negro catinga muito,
Offende Nosso Senhor!

Tenho visto muito negro

Documento 243:



Notação:

MA-MMA-97-264

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,7 x 6,6 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 264.

Transcrição:

Negro/ n 39 p 90/ e ver sobre as/ variantes disso/ meu Ensaio com/ a nota que está/ impressa lá e/ a manuscrita.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 39: MOTTA, Leonardo. *Cantadores: Poesia e linguagem do sertão cearense*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1921. (BMA).

P. 90:

"Azulão"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Negro não adora a santo,
negro adora é calunga..."

Nota da pesquisa:

1.MA indica as rasuras do exemplar de trabalho do artigo de sua autoria "A superstição da cor preta". *Revista Publicações Médicas*. São Paulo: junho 1938, p. 65-68. O texto foi transformado em exemplar de trabalho pelo autor e incorporado por ele mesmo ao dossiê *Preto*.

P.64:

Rasura MA a grafite:

“junho-julho. 1938. “Publ. Médicas”

P.65.

Rasura MA: acréscimo do expoente “(1)” ao final do trecho:

“Mas semelhante verdade não oculta a verdade maior de que o negro entre nós sofre daquela antinomia branco-européia que lembrei no início, e de que herdamos por via ibérica.”

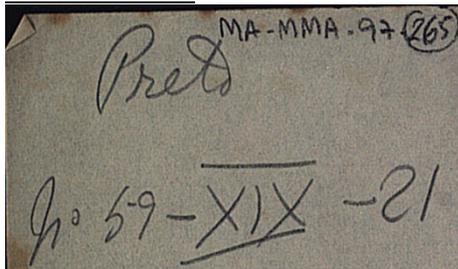
Rasura MA:

Na folha colada ao final da página, MA escreve (manuscrito autógrafo):

_____/ (1) Aliás a simbologia Bem-Branco Mal-Preto/ ultrapassa a Europa e suas descendências e/ parece um pensamento primário bastante/ universal. A simbologia do preto nas gran-/des religiões é bastante complicada em sua/ interpretação mística e muitas vezes o pre-/to parece simbolizar um princípio genético, uma/ força bemfazeja, ~~um~~ e o Bem. Mas simboliza/ não o Bem em si que é próprio do branco, da luz/ divina ou solar, mas o Bem em fazer-se, uma/ força dinâmica indicadora de futuro, como das/ trevas da noite nasce o dia, ou do mal do inver-/no a primavera, ou do erro da culpa a verdade/ da redenção. Frédéric Portal que estudou sinteti-/camente o assunto no seu livrinho “Des Couleurs/ Symboliques”, mesmo verificando estas/ interpretações possíveis do preto, não deixa de re-/conhecer que está universalmente estabelecido/ em todas as grandes religiões que “o preto é o/ símbolo de tudo o que é mau ou o que é falso.”

2. Leonardo Motta dedica capítulos a cantores populares que andam pelo sertão cantando versos próprios e alheios. O capítulo "Azulão", refere-se ao cantor negro Sebastião Candido dos Santos, cantador destemido, que segundo o autor "Não raro terminava em via de fato o seus desafios". Azulão dizia não decorar versos que não fossem de sua autoria. À p. 90, Motta aponta: "Havendo falado da arrogância do negro Azulão, arrogância que é, de certo, o desespero de uma raça secularmente amesquinhada e que tem a dolorosa consciência do preconceito da própria inferioridade, transcrevo uma poesia em que se revelam as prevenções da mestiçagem contra o elemento negro. Estes versos eu os incluí em artigo de imprensa, publicado em 1918, na Fortaleza, sobre o cantador Mestre Telles (Antonio Telles de Almeida), velho pedreiro de Quixeramobim:".

Documento 244:



Notação:

MA- MMA 97- 265

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 265.

Transcrição:

nº 59 – XIX- 21

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: 59: Fundo Villa Lobos. Caixa ;Pasta 19: “A peleja de Leandro Gomes com uma velha de Sergipe”

P.21:

Nota MA a grafite

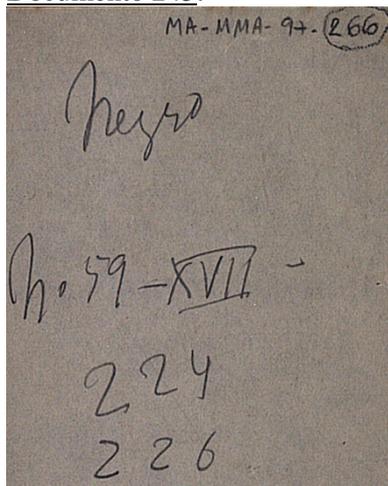
traço à margem dos versos:

“casamento para homem
é ascorosa prisão”

Nota da pesquisa:

Caso único no dossiê em que não se identifica uma relação entre a nota de trabalho e o tema.

Documento 245:



Notação:

MA- MMA 97- 266

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 266.

Transcrição:

nº 59 - XVII- 224/ 226

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: 59: Fundo Villa Lobos. Caixa 2; Pasta 5: "Moleque dengoso".

P. 226:

Nota MA a grafite:

'Negro' e traço à margem da estrofe:

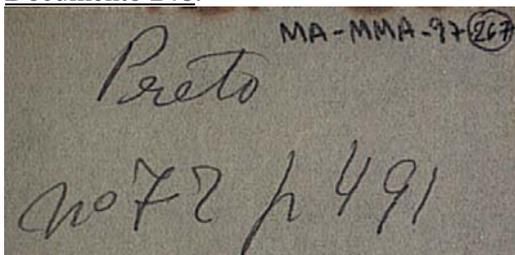
"Disê qui nêgo não presta

é não tê imaginação:

os brancos fala dos preto,

mas cunzinha com carvão."

Documento 246:



Notação:

MA-MMA-97- 267

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.267.

Transcrição:

Preto/ nº 72 p 491

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]; [Música]

Verificação:

BPG: 72: RIO, João do. *Fados, Canções e dansas de Portugal*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 19_. (BMA- B/I/c/18).

P. 491:

"Danças: Oh! Preto, oh! Preta"

DANSAS 491

OH! PRETO, OH! PRETA

▼ ▼

Oh! preto, oh! preta,
Lá do Bihé,
Jogas as cartas
C'o chimpazé.

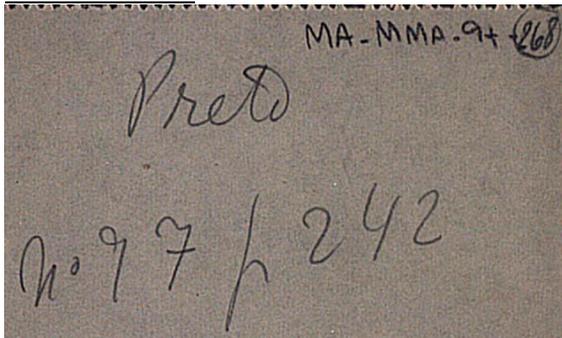
Oh! preto, oh! preta,
Do Ronhónhó,
Jogas as cartas
Com teu sinhó.

Allegretto.

Oh pre-to, oh pre - ta,

la do Bi - hé, jo-gas as

Documento 247:



Notação:

MA-MMA-97- 268

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 268.

Transcrição:

Preto/nº 97 p 242

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 97: BRAZIL, A. Americano do. *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1925. (BMA- F/I/a/49).

P. 242:

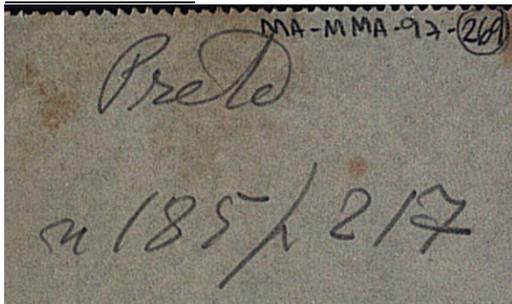
"Quadrinhas"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"O anu e o passo preto,
Bichos de bico rombudo,
Foi o mal que Deus deixou
Todo negro ser beijudo."

Documento 248:



Notação:

MA-MMA-97- 269

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.269.

Transcrição:

Negro/ nº 185 p 54

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 185: MOTTA, Leonardo. *Sertão Alegre*: Poesia e linguagem do sertão nordestino. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas, 1928. (BMA- F/I/a/30).

P. 54:

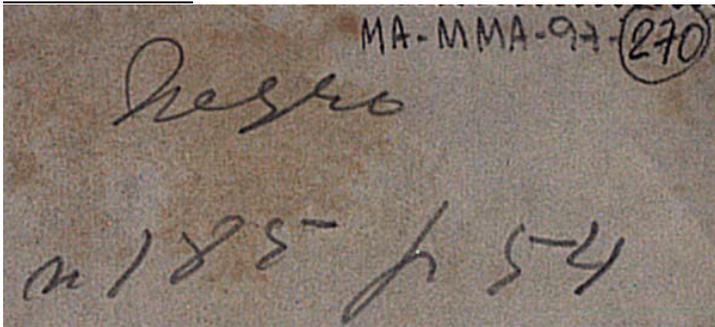
"Pobre não é gente"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Dinheiro nos dá razão,
Dinheiro nos dá fidalguia,
Dinheiro faz negra "Dona",
Negro "Vossa senhoria",
Dinheiro dá cor a negro,
Faz ser branco de família."

Documento 249:



Notação:

MA-MMA-97- 270

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.270.

Transcrição:

Preto/ n 185 p 217

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 185: MOTTA, Leonardo. *Sertão Alegre*: Poesia e linguagem do sertão nordestino. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas, 1928. (BMA- F/I/a/30).

P. 217:

"Negros maranhenses"

Fac-símile

Nota da pesquisa:

A obra de Leonardo Motta colige grande número de expressões populares sobre diferentes temas; em forma de histórias, poesias, quadras. Neste capítulo, "Negros maranhenses", o autor apresenta 26 apodos; dentre eles MA destaca os 6 aqui transcritos. Embora MA aponte a p. 217, nela não há nenhuma anotação, mas inicia-se o capítulo.

P. 218:

"Negros maranhenses"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"De negro quero distância,

Apreceio o cidadão.

Abraço qualquer caboclo

Porém negro só p'r'o cão!"

P. 219:

"Negros maranhenses"

Nota MA a grafite:

1. traço à margem do trecho:

"Jogo de branco é dinheiro

De cabôclo é frecharia,

Vida de cabra é cachaça,
de negro é feitiçaria."

2. "por chicote" e traço à margem do texto:

"Lombo de negro não tem

Um só pedaço pagão:

Couro de boi o botiza

Pra minha satisfação."

3. grifo em "Couro de boi"

4. traço duplo à margem do trecho:

"Moça que casa com negro

Tem coragem de fartura,

Tem istambo de cachorro

E coração de mucura."

P. 220:

"Negros maranhenses"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

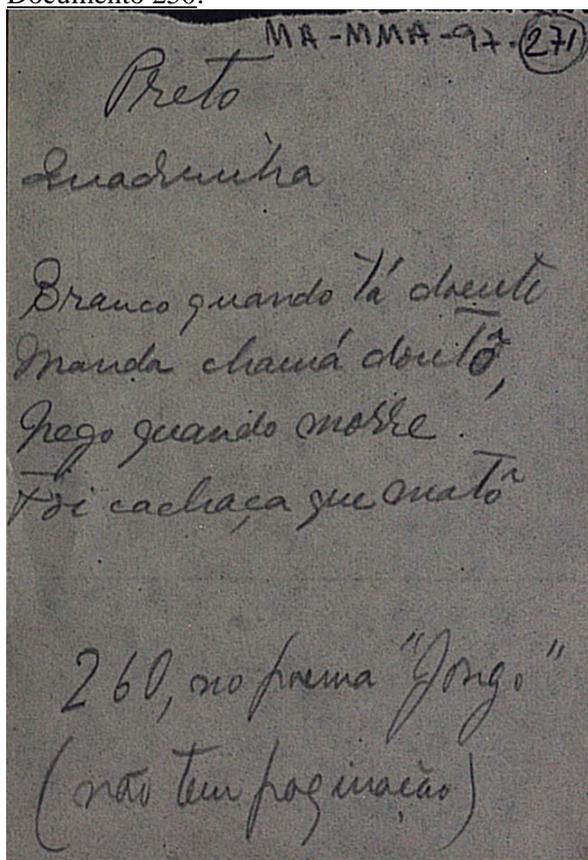
"Tudo no mundo se acaba,

Tudo no mundo tem fim:

Só negro é que não se acaba,

Por ser praga mais ruim."

Documento 250:



Notação:

MA- MMA 97- 271

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 271.

Transcrição:

Preto/ Quadrinha/ Branco quando tá doente/ manda chamá doutô,/ nego quando morre/ Foi cachaça que matô/ 260, no poema "Jongo" (não tem paginação)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 260: PEIXOTO, Mário. *Mundéu*. Rio de Janeiro: Typ. São Benedito, 1931. (BMA-F/I/e/33)

“Jongo”

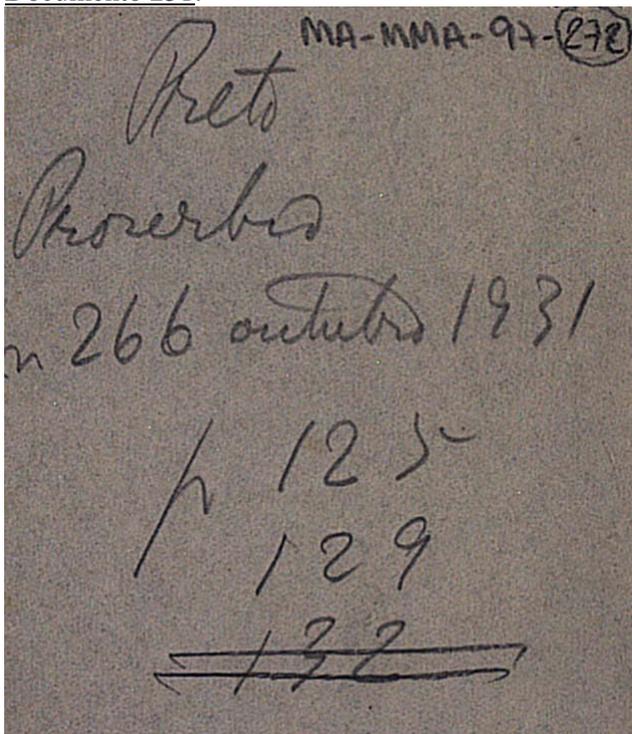
*mexendo as ancas
tremendo as carnes
num gingo molle
provocante
entregue
lamuriando nos dentes
os rostos luzindo
as quadras monotonas
bobas
que dizem sem saber*

*branco quando tá doente
manda chamá dotô
nego quando morre
foi cachaça que matô*

o negro jogueiro

Nota da pesquisa:
Obra sem paginação.

Documento 251:



Notação:

MA- MMA 97- 272

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, supressão a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.272.

Transcrição:

Preto/ Proverbio/ n 266 outubro 1931/ p 125/129/432

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 266: AMARAL, Amadeu. Os ditados que, de fato, se dizem. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, v. 37, ano 22, nº 118, outubro 1931. (BMA)

P. 125:

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho:

"Negro, quando pinta, cento e trinta - Isto é, quando o negro chega a ter cabelos grisalhos, é porque está em idade muito avançada. Leonardo Motta colheu no Nordeste: 'Negro, quando pinta, três vezes trinta'."

P. 129:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Quando negro não quer fava, fava nele!"

2. grifo em "negro".

Nota da pesquisa:

MA rasura a nota de trabalho, ao indicar a página 132. No entanto, a verificação mostra que a referência corresponde à pesquisa do dossiê *Preto*.

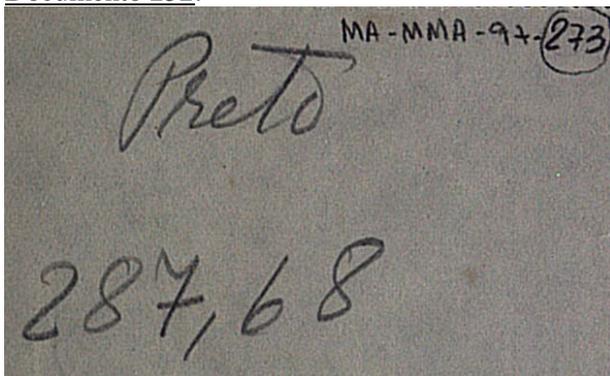
P. 132:

Nota MA a grafite:

"Negr (Baía)" ao lado do trecho:

"Em festa de branco, negro não se mete - Corresponde a: ' Em festa de macuco, nambu não pia'."

Documento 252:



Notação:

MA-MMA-97- 273

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.273.

Transcrição:

Preto/ 287,68

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 287: PEIXOTO, Julio Afranio. *Missangas Poesia e Folklore*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. (BMA-F/I/A/14)

P. 68:

"Adágios brasileiros"

Nota MA a grafite:

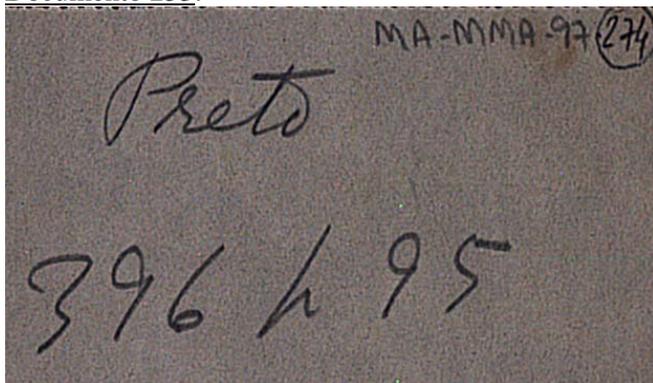
cruzeta à margem do trecho:

"Abelha preta é arapuá, tempero de negro é manguá. Rima e adverte que o bastão ou manguá é o deleite dos pretos escravos".

Nota da pesquisa:

Missangas Poesia e Folklore de Afranio Peixoto, reúne centenas de frases populares de toda a sorte. Este livro serve-nos como exemplo de simultaneidade das pesquisas que MA se envolveu. O pesquisador destaca trechos para diferentes temas que compõem sua obra, verificamos, por exemplo, as seguintes anotações: "Boi"; "Zoofonia", "O sequestro da dona ausente".

Documento 253:



Notação:

MA-MMA-97- 274

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.274.

Transcrição:

Preto/ 396 p 95

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]; [Mulato]

Verificação:

BPG: nº 396: CARVALHO, Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. Paraíba do Norte: Typ. Livraria S. Paulo, 1928. (BMA- F/I/a/63)

P. 95:

"Sobre qualidade de pessoas"

Nota MA a grafite:

1. "Preto" à margem do título
2. traço à margem do trecho:

"Sobre qualidades

Branco é filho de Deus,

E mulato é enteado,

O cabra não tem parente,

Negro é filho do diabo.

Vossê diz que é branco fino

Sem levar casta nenhuma,

Os cabelos da cabeça

Lhe sirvam de testemunha.

Todo branco é filho de Deus,

Todo mulato é pimpão,

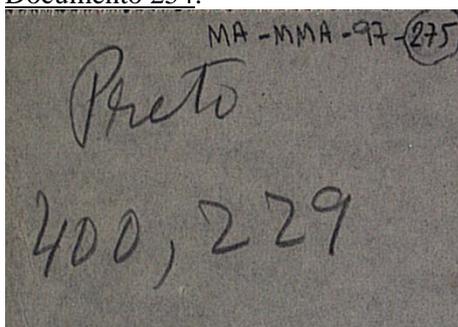
Todo negro é feiticeiro,

Todo caboclo é ladrão."

3. grifo em "Todo negro é feiticeiro"

4. "Catimbó" à margem de " Todo negro é feiticeiro".

Documento 254:



Notação:

MA-MMA-97- 275

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.275.

Transcrição:

Preto/ 400, 229

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 268: BARROSO, Gustavo. *Terra do sol*: (Natureza e costumes do Norte) . Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930. (BMA- F/I/a/4)

P. 229:

"A arte - A poesia"

Nota MA a grafite:

1. cruzeta à margem do trecho:

"-Xique- xique é pau de espinho,

Umburana é pau de abêia:

Gravata de boi é canga,

Palitô de negro é peia."

2. grifo em "Gravata de boi é canga"

3. "Preto", cruzeta, chave e traço à margem do trecho:

- "O negro não vae ao céo,

Nem que seja resadô:

O negro catinga muito

Persegue Nosso Senhô.

- Tenho visto muito negro

No altar, dizendo missa,

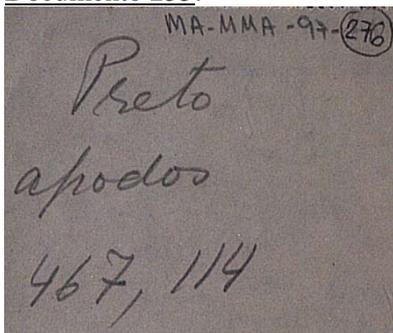
E cabôclo ao mais que chega

É a oficial de justiça..."

Nota da pesquisa:

O trecho grifado 'Gravata de boi é canga', refere-se, muito provavelmente, à pesquisa sobre o Bumba meu boi.

Documento 255:



Notação:

MA-MMA-97- 276

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.276.

Transcrição:

Preto/ apodos/ 467, 114

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 467: RAIMUNDO, Jacques. *Vocabulários indígenas de Venezuela: da importância dos idiomas ameríndios nas relações com o português-brasileiro*. Rio de Janeiro: Livraria católica, 1934. (BMA - F/I/d/49)

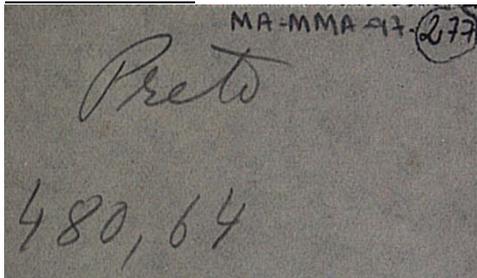
P. 114:

"Posfácio"

Nota MA a grafite:

1. palavra "preto" à margem do trecho: "charuto, homem de cor preta."
2. grifo em "charuto".

Documento 256:



Notação:

MA-MMA-97- 277

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f. 277.

Transcrição:

Preto/ 480, 64

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

[Música]

Verificação:

BPG: nº 480: QUERINO, Manuel. *A Bahia de outr'ora: vultos e factos populares*. Bahia: Livraria econômica, 1922. (BMA- E/I/e /54)

P. 64:

"A capoeira"

Nota MA a grafite:

1. cruzeta à margem do trecho:

"Tiririca é faca de cotá,

Jacatimba moleque de sinhá,

Subiava ni fundo di quintá.

Coro

Aloanguê caba de matá

Aloanguê."

2. grifo em "subiava".

3. traço à margem do trecho:

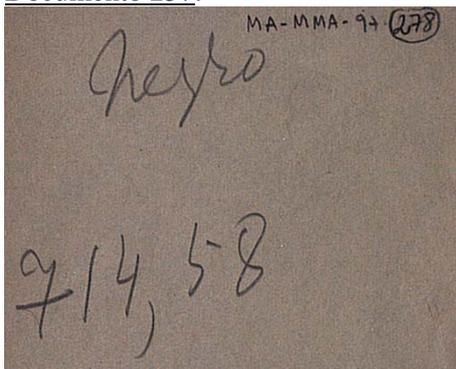
"Marimbondo dono do mato,

Carrapato dono de fôia,

Todo mundo bebe caxaxa,

negro Angola só leva a fama."

Documento 257:



Notação:

MA-MMA-97- 278

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,8 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.278.

Transcrição:

Negro/ 714, 58

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

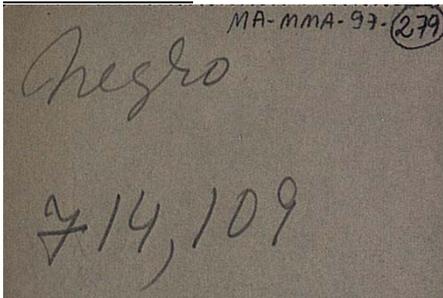
BPG: nº 714: CASCUDO, Luis da Camara. *Vaqueiros e cantadores*: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939. (BMA- C/I/b/80)

58	LUIS DA CAMARA CASCUDO
Individuo, Independência, Ilha, Itália, Iludias	Quirino, Queixo, Queixada, Quarto, Quente, Quebradura.
Jesús, Juízo, Jornada, Jordão, Jafé, e Jardim, Janela, Jangada, Jorge, Joca, Jacó e Jasmim.	Rei, Rainha, Redenção, Reino, Roberto, Regente, Razão, Roque, Rafael, Rosa, Raquel, Requerente.
Kalendário estou cantando, Kalendas, Kilo, Kilão, Kapricho, Kapela, Kágado, Kafé, Kain, Kireleizão. . .	Silveste, Silva, Silvano, Saudoso, Sono, Sabor, Sagrado, Sol, Sacramento, Salomão, São Salvador.
Laranja, Lima, Limão, Luz, Luzeiro e Lanterna, Lamento, Lousa, Ligeiro, Lucifer, Lapis, Lucerna,	Terrível, Torpe, Torpeza, Tenente, Tôrres, Trovão, Tonelada, Tina, Taxa, Temente, Torrada, Torrão.
Manga, Mangaba, Mamão, Mato, Martelo, Muriçoca, Môscas, Mosquito, Mutuca, Milho, Melão, Mandioca,	Urna, Urga, Urugana, Una, Utinga, Unidade, Última, Unção, Utilissimo, Uva, Urtiga, Utilidade.
Naufrágio, Navio, Novo, Nuvem, Neve, Narração, Nico, Nicácio, Ninive, Norte e Napoleão. . .	Vila, Viola, Vanguarda, Ventura, Vileta, Veneza, Vital, Vitor, Vitalino, Vidro, Vidraça, Vileza.
Órfãos, Onofre, Oficial, Ora, Ofensa, Obrigação, Ourives, Ouro, Oliveira, Ouro, Orgulho, Ostentação.	Xarope, Xan, Xalaça, Xampanha, Xocambo, Xão, Xavier, Xancho, Ximenes, Xonana, Xan, Xananão. . .
Pontífice, Poncius Pilatos, Pasma, Palma e Palmeira, Pará, Paraíba, Ponte, Pato, Pavão, Padroeira,	O TIL é última letra Se assenta pouco ou muito Porém que nela eu componho Todo o A. B. C. conjunto
Quartel, Quaresma, Quitanda, Quintal, Quadrado, Quentura,	(Falta a letra Z)
A. B. C. dos Negros.	
Este curiosíssimo abecedário foi colhido no Maranhão por Leonardo Mota e publicado no seu "SERTÃO ALEGRE", p. 218/221.	
E' posterior a 13 de maio de 1888 e anterior a 15 de novembro de 1889.	
Agora tocou a sorte dizer o que o peito sente,	falar dos 13 de Maio que também querem ser gente.

Nota da pesquisa:

Cascudo remete à obra de Leonardo Motta que recolhera o abecedário em *Sertão Alegre*, obra lida e anotada por MA que elaborou nota de trabalho e a incorporou ao dossiê *Preto*.

Documento 258:



Notação:

MA-MMA- 97- 279

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,8 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.279.

Transcrição:

Negro/ 714, 109

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 714: CASCUDO, Luis da Camara. *Vaqueiros e cantadores*: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939. (BMA- C/I/b/80)

P. 109:

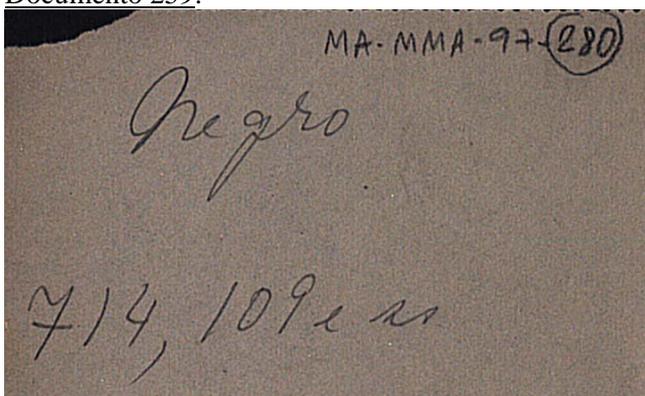
"Ciclo social

c) O negro nos desafios do Nordeste"

Nota de pesquisa:

MA elabora duas notas de trabalho para a mesma obra e trecho, porém, neste caso indica a primeira página do capítulo, na outra amplia para as páginas que se seguem. Portanto, na documento seguinte está disponível o capítulo completo.

Documento 259:



Notação:

MA-MMA-97- 280

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,8 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada, rasgamento do lado esquerdo; f.279.

Transcrição:

Negro/ 714, 109 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 714: CASCUDO, Luis da Camara. *Vaqueiros e cantadores*: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939. (BMA- C/I/b/80)

Deu desgosto a muita gente
mas ela ficou contente
pois o que tinha mostrou.

Mostrou os seios bem alvos,
fêz o povo estremecer.
O sovaquinho raspado
para o suor não arder.
Mostrou as pernas também,
e para o que conhece bem
nada mais tinha o que ver.

Muitas moças da elite
por onde elas vão passando,

encontram um homem vexado,
êle pára e fica olhando...
Olhando por desafôro,
a roupa ligada ao couro
com as carnes balançando.

Quando ela sai a passeio,
não usa dizer p'ra onde...
Se a viagem é prolongada
precisa tomar um bonde,
cousa que a gente ignora,
fica do lado de fora,
que o vestido não esconde...

A violência com que o cantador vitupera os hábitos atuais indicam a idade de sua formação mental. Versos, rimas, imagens, ritmos, tudo lhe veio de cem anos e êle conserva, respeitoso e deliciado, o ambiente imóvel onde julga viver a perfeição e a alegria para sempre perdidas. Nos primeiros anos de sua vida criminoso, Virgolino Ferreira da Silva, o capitão Lampeão, mandava surrar tôdas as moças que encontrava a "la Garçonne". Hoje está habituado. Sua companheira, "Maria do Capitão", é inseparável duma "Gilette". (*)

Ciclo Social

c) O negro nos desafios do Nordeste.

Quando o visconde de Bryce visitou o Brasil, o marinheiro João Cândido comandava a esquadra revoltada na baía do Rio de Janeiro. O navio do sociólogo passou ao alcance de um olhar dos tombadilhos repletos de negros. Ao escrever suas impressões o nobre dolicocefalo não pôde deixar de suspeitar do futuro do Brasil, entregue a uma sub-raça e com a determinante étnica africana. Lapouge também fizera profecias ilustres, dando-nos como um país fatalmente destinado a realizar na América austral uma réplica de S. Domingos e Haiti. Ultimamente o bolchevista Waldo Franck, com notável acuidade psicológica, escreveu que só a gente negra que habita o Brasil pode criar uma autêntica cultura brasileira. Alberto Rangel citou ("No Rolar do Tempo", p. 50. Rio de Janeiro. 1937) uma outra opinião saliente. E' a do senhor conde Alexis de Guigard Saint Priest, Ministro da França no Rio em 1833-34. Disse S. Excia: "*Tout brésilien est, plus ou moins, sang mêlé. Le Brésil est une monarchie mulâtre*". Todo êsse material, registado por homens superiormente cultos, imparciais e sapientes, está tão próximo da verdade como estamos na órbita de Sirius. Os nossos estudiosos brasileiros, não inoculados do virus "científico" do bolchevismo, responderam com algarismos, fatos, episódios, raciocínios. Verdade é que a resposta foi quase abafada pela campanha do silêncio da imprensa e dos sábios, furiosos com o atrevimento da discordância. Oliveira Vianna, Batista Pereira, Roquete Pinto, sociológica e mesmo antropológicamente, mos-

(*) O cangaceiro Lampeão, sua companheira "Maria Bonita" e o grupo, foram mortos num assalto feito pela Polícia alagoana na fazenda Angico, município de Pôrto da Fôlha, Sergipe, a 28 de julho de 1938.

traram a falência do tabú de Lapouge, de Bryce e os "bolchevismus" de Waldo and others. Jorge de Lima publicou um ensaio magnífico, compendiando, logicamente, o que de mais percuciente e incisivo havia sobre o tema. Infelizmente teimou em não dar versão brasileira e os nossos eruditos comunizantes não lêem alemão. A Rússia para eles viaja através da Espanha e França. Jorge de Lima demonstra que houve no Brasil uma política racial instintiva, automática, contínua. O processo de, *excusez*, arianização começou no próprio "momento" em que o velho Homo Afer chegou às terras brasileiras (*).

Não é de somenos os dados folclóricos sobre o "estado" do Negro no Brasil. Não tivemos repulsa por êle e o sexualismo português foi um elemento clarificador, em pleno aceleração. Ninguém se lembrou de vetar ao negro os galões do Exército e a promoção na vida burocrática. Negros, fulos, crioulos, foram Ministros de Estado e governaram o Brasil ao lado de dom Pedro II, neto dos reis de Portugal, Espanha, França, Áustria. Nenhum instituto de educação excluiu negros, nem uma criança brasileira se recusou brincar com um negrinho. A Mãe Negra é uma instituição comovedora e romântica e 90% dos brasileiros beberam leite de negro, mais ou menos caldeado.

O folclore do nordeste brasileiro traz como seus melhores cantadores os negros Inácio da Catingueira, Preto Limão, Manuel Caetano, etc. Bateram-se com os maiores improvisadores e nenhum afastou seu antagonista sob a alegação da epiderme escura. Quando muito esta tem servido para comentários humorísticos, material de sátira, forma para motejos, jamais sem resposta e contra golpe.

Um A.B.C. que Leonardo Mota colheu no Maranhão mostra que a sátira é mais de razões pessoais que reais. Os mais agressivos cantadores nunca tiveram dúvida da inteligência, da agilidade mental negra. Satirizam a côr, os hábitos, a culinária. Socialmente, ponto essencial para os observadores marxistas, o negro é um brasileiro como outro qualquer. Um inquérito, agora desgraçadamente parcial, que se fizesse sobre a situação do negro-escravo no Brasil e do cidadão-negro na África durante o século XIX, daria conclusões inesperadas e paradoxais. Tenho conversado com diversos ex-escravos e os horrores que a campanha abolicionista pôs em giro literário ficam ao lado das atrocidades alemães que a imprensa norteamericana e francesa criou.

Nas lutas poéticas é fatal a alusão à côr, a lembrança do estado subalterno ainda mais acrescido da ignorância. Quando um cantador esgota as comparações finas e remosques mais ou menos felizes, recorre ao vocabulário tradicional do desafôro. O cego Aderaldo cantando com José Pretinho do Tucum atirou-lhe estes golpes:

Negro, és monturo,
mulambo rasgado,
cachimbo apagado,
Recanto de muro...
Negro sem futuro,
Perna de tição,
Bôca de purão,

Beijo de gamela,
Venta de moela,
Moleque ladrão!...

Negro careteiro
eu te rasgo a giba,
Cara de guariba,

(*) "Raffsenbildung und Raffsenpolitik in Brafilien". Verlag Adolf Klein, Leipzig. 1934, p. 39, 45 e 49.

Pagé feiticeiro...
 Queres o dinheiro,
 Barriga de angú?
 Barba de quandú,
 Camisa de saia,
 Te deixo na praia
 escovando urubú...

Negro é raiz
 que apodreceu...
 Casco de Judeu,
 Moleque infeliz
 Vai p'ra teu país
 Sinão eu te surro,

Dou-te até de murro,
 Te tiro o regalo,
 Cara de cavalo,
 Cabeça de burro!...

Se eu der uma tapa,
 No Negro de fama,
 êle come lama
 dizendo que é papa.
 Eu rompo-lhe o mapa,
 lhe rasgo de espora,
 o Negro hoje chora,
 com febre e com íngua,
 eu deixo-lhe a língua
 com um palmo de fora...

Os cantadores Manuel Macedo Xavier (Manuel Ninnô) e Daniel Ribeiro encontraram-se no povoado Barcelona, município de S. Tomé, no Rio Grande do Norte. A peleja iniciou-se calmamente. Daniel Ribeiro é negro e Ninnô "alvarinto". Não demoraram na troca de insultos sôbre a melhoria de pigmento e, recorrendo ao "martelo" (de dez pés), permutaram essa série de amabilidades. E terminaram cordialissimamente, como não seria de esperar.

M — Negro feio do quengo de cupim
 Nefasto da perna de tição
 Babeco da bôca de furão
 Tu vies-te enganado para mim
 Êste negro, rescende um petuim
 Que mata na terra todo vivo
 Me acho bastante pensativo
 Em ver-me com êle aliás
 Dou-te figa nojento satanaz
 Nefário moleque incompassivo

D — Capanga do beijo arrebitado
 Fateiro, bode da mão torta
 Maldizente, machado que não corta
 Preguiçoso, cachorro arrepiado
 Negligente, luzório, acanalhado
 Lambareiro, frei-sabugo, péla-bucho
 Língua preta, bigode de capuxo,
 Barulhento, sufocante e abafado,
 Sem vexame, pateta debochado
 Sapo-sunga, faminto, rosto murcho

M — Pedante, cambado, mentiroso
 Gatuno, nojento, feiticeiro
 Gabola, ridículo, desordeiro
 Bandido, fiota, vaidoso
 Sambista, pilhérico, audacioso

Soberbo, pezunho e traidor
 Abuzo, bichão, conspirador
 Amarelo, sumítico, desvalido
 Babaquara, cavalo entrometido,
 Infame, infeliz conquistador

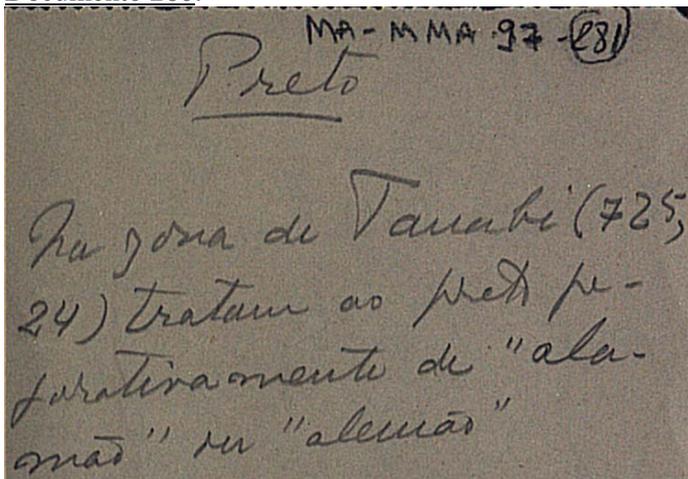
D — Malfazeijo, sujeito falador
 Amarelo da cara de pandeiro
 Ovo choco fedorento, estradeiro
 Encrédulo, tapia, roubador
 De mentir êsse bicho muda a côr
 Quando abre o bicão na sala alheia
 Estronda igualmente uma baleia
 Cantador do gesto aborrecido
 O teu nome aqui 'stá conhecido
 Por alpercata furada sem correia

M — Quisília, relaxo, sem futuro
 Pisunho, chibante caraolho
 Te retira daqui bicho zarolho
 Beijo murcho, recanto de monturo
 Zumbido, sujeito do pé duro
 Ladrão, massilento, magelado
 Maluco, cachimbo desbocado
 Lambe-ólho, aleijo cabeçudo
 Remelento, cavalo barrigudo
 Te descreio, maldito escomungado

Nota da pesquisa:

Caso raro em que MA elabora duas notas de trabalho ligadas ao mesmo trecho. Na segunda nota amplia o trecho de seu interesse, esta nota indica uma possível segunda leitura de MA.

Documento 260:



MA-MMA-97-281
Preto
Na zona de Tanabi (725,
24) tratam ao preto pe-
jorativamente de "ala-
mão" ou "alemão"

Notação:

MA-MMA-97- 281

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,8 x 8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.281.

Transcrição:

Preto/ Na zona de Tanabi (725,/24) tratam ao preto pe-/jorativamente de "ala-/mão" ver "alemão"

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

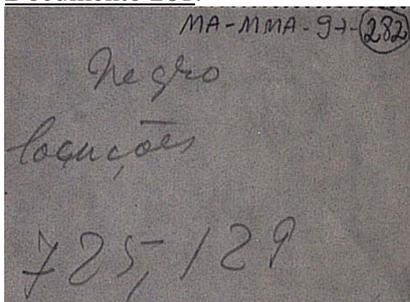
[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 725: OLIVEIRA, Sebastião Almeida. *Expressões do populário sertanejo*: vocabulários e superstições. São Paulo: Civilização Brasileira, 1940. (BMA- F/I/d/61)

- Ajustado**, p. p. de ajustar; empregado ou camarada contratado por tempo certo, ano ou meses, para trabalhos agrícolas.
- Ajustar**, v. contratar camarada para serviços rurais; "ajustar um peão"/ Combinar corridas de cavalos em ráia ou pista.
- Alamão** ou **alemão**, adj. tratamento pejorativo da gíria roceira conferido à gente de côr; sendo o ariano o protótipo da brancura e o emprêgo de antíteses muito ao sabor da gente rude, justifica-se essa forma de tratamento.
- Alar**, v. desenvolver o serviço, apressá-lo.
- Alas**, adv. então.
- Alazão**, **lazão**, adj. côr de animal cavalariço; côr de canela com variantes: rosilho, bragado, ruano, etc..
- Alcáide**, s. objetos de pouco valor, que se não vendem; traste inútil, avariado.
- Alelúia**, s. a fêmea do cupim, conhecida termita; possui asas com as quais vôa e delas se desprende quando pousa novamente ao solo; aparece logo após chuva forte.
- Alembrar**, v. lembrar, recordar.
- Alemôa**, s. alemã.
- Alferes-da-bandeira**, porta bandeira da folia de reis.
- Alesado**, adj. prejudicado, lesado.
- Alifante**, s. arcaísmo conservado pela linguagem do povô; elefante.
- Alimento**, s. corruptela de elemento, prestígio, fôrça, recursos.
- Alma-de-gato**, s. (*Ortoperyx guira*, ou segundo outros *Piaga cavanna*) ave de canto semelhante ao grito de gato, de onde a origem de seu nome; o anú branco.
- Almofadinha**, s. pessoa bem trajada, afeminada; termo homologado pela gíria regional.

Documento 261:



Notação:

MA-MMA-97- 282

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.281.

Transcrição:

Negro/ locuções/ 725, 129

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 725: OLIVEIRA, Sebastião Almeida. *Expressões do populário sertanejo: vocabulários e superstições*. São Paulo: Revista dos tribunais, 1940. (BMA- F/I/d/61)

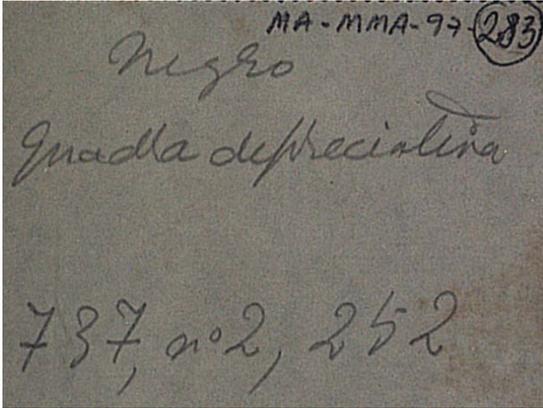
P. 129:

Nota MA a grafite:

cruzeta à margem do trecho:

"Negro, s. forma as expressões: 'Negro quando pinta três vezes trinta', ou ainda; 'Negro quando pinta tem cento e trinta', isto é, quando o homem de cor apresenta sinais de velhice já está muito idoso; 'Ponte e rego, negócio com negro, não dá sossego', idiotismo popular; 'Negro de luva é sinal de chuva', 'Quem não tem coragem não amarra negro', ditados."

Documento 262:



Notação:

MA- MMA 97- 283

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.281.

Transcrição:

Negro/ quadra depreciativa/ 737, n° 2, 252

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: n 737: MAGALHÃES, Basílio de. O povo brasileiro através do folclore. *Revista Cultura Política*, Rio de Janeiro, n. 2, a. 1, p. 248-252, abr 1941.

todavia, há certas plantas consagradas, por influência lusa, a determinados santos: a açucena, símbolo da pureza, a S. José; o gladiolo, a Santa Rita (donde o seu nome vulgar de "palma de Santa Rita"); um cipó e um arbusto, cujas corolas rubras desabrocham em junho, a S. João; e uma trepadeira silvestre, de cor amarela, a S. Caetano (é o chamado "melão de S. Caetano"). Do maracujazeiro irrompe a "flor da Paixão" (donde a denominação científica de *Passiflora*, dada à linda e útil planta); e a quaresmeira é assim chamada pelo nosso povo, porque as suas tristonhas flores pintalgam de roxo o aranhol verde das nossas matas, durante o tempo da quaresma. Não nos faltam algumas espécies medicinais, também aureoladas, pelo nome de potestades da latria cristã: a "herva de Santa Luzia", aplicada, em cosimento, às enfermidades dos olhos; a "herva de Santa Maria" (*Che-nopodium*), com que a missão Rockefeller tem andado a curar, aqui e alhures, o terrível amarelão (ancilostomose ou hipocemia intertrópica); e a fava de Santo Inácio (*Strychnos*), da qual se extrai a estriquinina.

A oliveira e a vinha teem a sua plantação, colheita e beneficiamento orientados, em Portugal, por alguns mandamentos em verso em que figuram S. João, S. Pedro, S. Mateus e S. Martinho, produto da sabedoria empírica e da musa anônima de lá (veja-se Paulo de Moraes, *Novo manual de agricultura prática*, págs. 767-769). Não tiveram ingresso em nosso folclore tais prognósticos rimados, por se não haverem desenvolvido aqui, em nosso longo período colonial, aquelas opulentas culturas, até vedadas então no Brasil pelo monopólio lusitano. Em nosso país, o "saber só de experiências feito" dos lavradores estabeleceu pelas fases da lua os preceitos para a sementeira de cereais e legumes, assim como para a póda de árvores frutíferas e corte de madeira. Releva consignar que da tradição europeia nos vieram alguns "dias aziagos", entre os quais se destacam: a primeira segunda-feira de agosto, ligada à catástrofe lusa de Alcácerquibir (5 de agosto de 1578); e o dia 24 de agosto (dia de S. Bartolomeu), talvez por influxo da tristemente célebre *Saint-Barthelemy* de 1572.

Entre as canonizadas pertencentes ao torrão ibérico, algumas, como Santa Teresa e Santa Iria, figuram em brincados e parlendas infantis, migradas de Portugal para o Brasil; e outra acha-se vinculada a certa expressão popular, com que, lá e aqui, se qualifica um trabalho que está consumindo longo espaço de tempo a rematar-se: "E' uma obra de Santa Engrácia".

O mais curioso é que o nosso povo criou um santo, inexistente no agiologio cristão, para significar sugestiva e fantasiadamente a impossibilidade de realizar-se algum fato. Quem quer assim afirmar que certa promessa, ameaça ou praga não se efetivara em tempo algum, exclama sempre: — "Isso só acontecerá no dia de S. Nunca, de tarde!"

Expressões irreverentes, visantes ao clero ou mesmo ligadas a nomes de potestades da mansão etérea, encontram-se, poucas embora, no linguajar do nosso povo, e devem ser de herança lusitana: "comer como um frade", o "cordão de S. Francisco" e "Santa Luzia de cinco olhos", denominação dada à palmatória, tão em uso nas escolas de antanho.

Em nosso país, generalizou-se o uso da cachaça por parte dos homens do campo e do litoral, sendo raros os que preferem o vinho à aguardente de cana-de-açúcar. Recebeu aquela inúmeras denominações populares, já dicionarizadas pelos nossos colecionadores de brasileirismos. Dado pelo Velho-Testamento como um invento de Noé, o segundo pai da humanidade, e introduzido na liturgia cristã por virtude da ceia pascal, constante do Novo-Testamento, o vinho, por sua vez, tem sido batizado com diversos nomes vulgares, conforme seu colorido e procedência. Assim é que certo vinho branco, famoso pelo sabor delicado, é chamado na Alemanha *Liebfraumilch*, isto é, "leite de Nossa Senhora"; e a um excelente vinho tinto foi dada na Itália a denominação de *Lácri-ma Christi*. Do folclore afro-brasileiro conhecemos uma trova, ouvida há muitos anos, em nossa cidade natal (por ocasião de uma "dança-de-Moçambique"), e em que o sumo da uva figura mais de acôrdo com a narração evangélica:

"Nêgo bebe só cachaça,
Num martelo ou num calixto;
Baranco (*branco*) só bebe vinho,
E vinho é sangue de Cristo".

Do agiologio romano não há quem supere no amor do nosso povo a S. João e Santo António, principalmente este,

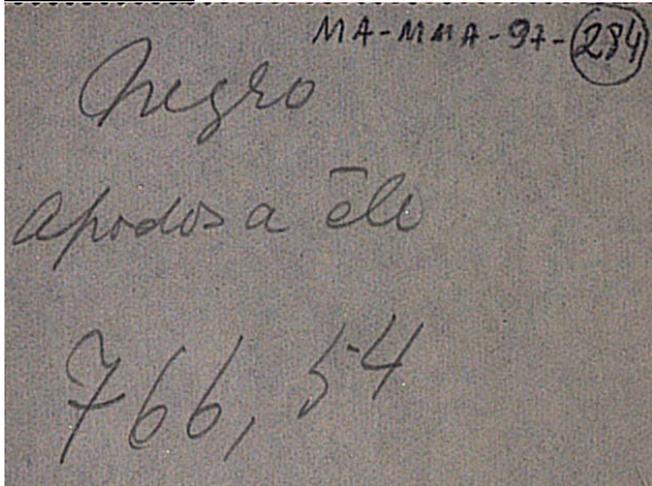
por ser filho da capital portuguesa. Figura êle em nosso folclore, em nossa epopéia colonial para a expulsão definitiva dos holandeses e até em nosso antigo almanaque militar.

De um e outro, que demandam mais acurada atenção, trataremos no próximo artigo.

Nota da pesquisa:

Ma indica p. 252, o fac-símile da p.251 serve para contextualizar a leitura.

Documento 263:



Notação:

MA- MMA 97- 284

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.284.

Transcrição:

Negro/ apodos a ele/ 766, 54

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG: nº 766: O NEGRO no Brasil. Trabalhos apresentados ao 2º Congresso Afro-brasileiro (Bahia). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940. (BMA- C/I/e/ 72)

P. 54:

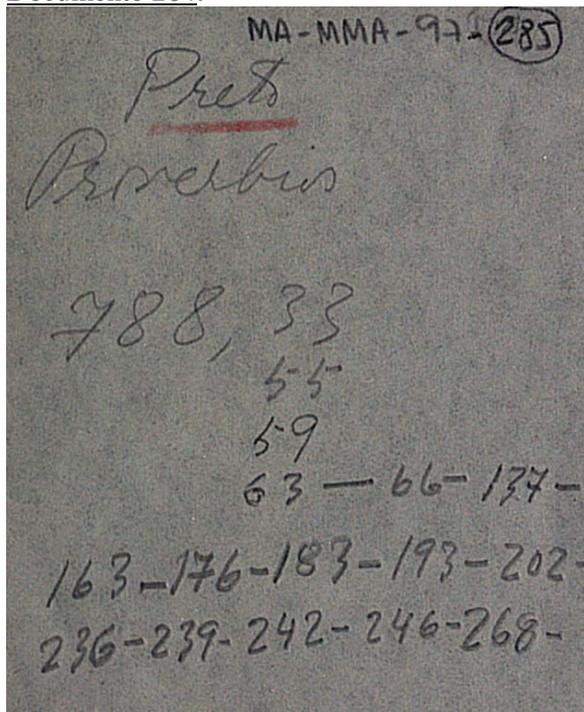
"Costumes e práticas do negro" de Ademar Vidal.

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"(6) Por causa desses mistérios é que se encontra na voz do povo a cantiga de que 'todo negro é filho do diabo', que ' negro come bosta de porco', ou ainda que 'todo negro é feiticeiro'. Conta-se até que o 'negro nasceu da barriga duma guariba' e que 'seu pai foi o bute' e que depois do parto foi propositalmente abandonado nas margens de uma lagoa. Não caberiam aqui de tão extensas as histórias que correm sobre o aparecimento de negro. Interessante que são os mulatos os maiores sabedores dessas novidades."

Documento 264:



Notação:

MA- MMA 97- 285

Análise documentária:

Autógrafo a grafite e a lápis vermelho; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.285.

Transcrição:

Preto/Proverbios/788, 33/55/59/63/-66/-137/-163/-176/-193/-202/-236/-239/-242/-246/-268-

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]; [Mulher de cor]; [Contra ataque]

Verificação:

BPG: nº 788: LAMENZA, Mario. *Proverbios*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1941. (BMA- F/I/c/200)

P. 33:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Ainda que negro é, alma tem, honra e fé"

2. cruzeta ao lado do trecho:

"Ainda negros, gente somos, alma temos"

P. 55:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Boa fazenda e negros, se não custassem dinheiro"

2. cruzeta ao lado do trecho:

"Boas contas deita o preto, se lhe não saem erradas."

3. cruzeta ao lado do trecho:

"Boas contas deita o preto, se o seu senhor o não vende."

P. 55:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Burro queimado - negro, casa em cima de Pedro e negro chamado Pedro, eu tenho medo.

2. grifo em "negro"

P. 63:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Caminho largo, ou mula ou mulato.

2. grifo em "mulato"

P. 66:

Nota MA a grafite:

cruzeta ao lado do trecho:

"Catinga de negro 'perfume nacional"

P. 137:

Nota MA a grafite:

cruzeta ao lado do trecho:

"Matulage' de negro não salta riacho.

P. 163:

Nota MA a grafite:

1. "Superstição/ da cor/ negra" e cruzeta ao lado do trecho:

"Negra é a mercê que tarda e mal agradecida.

Negra é a pimenta e todos comem dela.

Negra é o carvoeiro, branco é seu dinheiro.

Negro é o carvoeiro, porém branco é o seu dinheiro.

Negro ensaboado, tempo perdido, sabão desperdiçado.

Negro não come gostoso porque não espera cozinhar.

Negro não namora, embirra.

Negro, negra, negrinha negrão.

Negro quando pinta, três vezes trinta.

Negro que não gosta de mel é ladrão de cortiço.

Negros, criá-los depois vendê-los; mulatos, criá-los depois matá-los."

2. Da quinta a oitava frase, grifo em "Negro"

P. 176:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"O branco na sela e o negro na garupa, o cavalo é do negro"

2. grifo em "negro"

P. 183:

Nota MA a grafite:

1. duas cruzetas ao lado do trecho:

"O mulato sempre asno, quer na cabeça, quer no rabo."

2. grifo em "mulato".

P. 193:

Nota MA a grafite:

cruzeta ao lado do trecho:

"Onde está branco, não fala preto."

P. 202:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:

"Para que vai a preta ao banho, se branca não pode ser?"

2. grifo em "preta"

P. 236:

Nota MA a grafite:

1. cruzeta ao lado do trecho:
“Quem mata mulato é capricho”
2. grifo em “mulato”

P. 239:

Nota MA a grafite:

1. “ Preto?” e cruzeta ao lado do trecho:
“Quem não é de nação, nem a poder de sabão.”
2. grifo em “nação”

P. 242:

Nota MA a grafite:

1. Cruzeta ao lado do trecho:
“Quem não tiver paciência, não amarra negro.”
2. grifo em “negro”.

P. 246:

Nota MA a grafite:

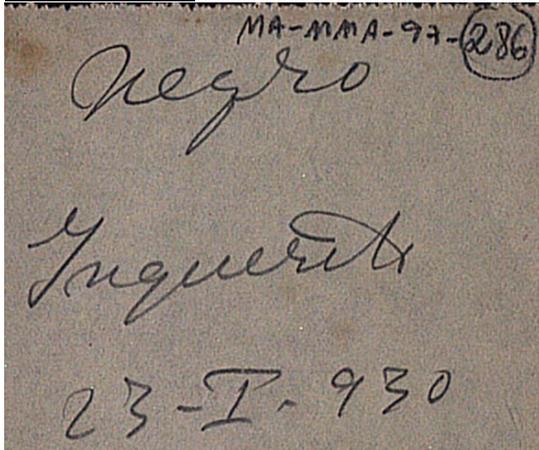
1. Cruzeta ao lado do trecho:
“Quem quiser branquear um preto, perde seu sabão.”
2. grifo em “preto”

P. 268:

Nota MA a grafite:

1. Cruzeta ao lado do trecho:
“Sobre negrura não há pintura.”
2. grifo em “negrura”.

Documento 265:



Notação:

MA-MMA-97- 286

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.286.

Transcrição:

Negro/ Inquirito/ 23- I - 930

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

Indicação não localizada pela pesquisa.

Documento 266:

MA-MMA-97-287

Preto

apodo

"Cabra quando não sal-
ta berra"

"Negro quando não suja
na entrada, na saída
é certeza"

Sebast. Alm. Oliveira in
O Município Tamabi
9-VIII-42

Notação:

MA- MMA 97- 287

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.287.

Transcrição:

Preto/ Apodos/ "Cabra quando não sal-/ta berra"/ "Negro quando não suja/ ne entrada, na saída/ é certeza"/ Sebast. Alm. Oliveira in/ O Município Tamabi/ 9-VIII-42

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

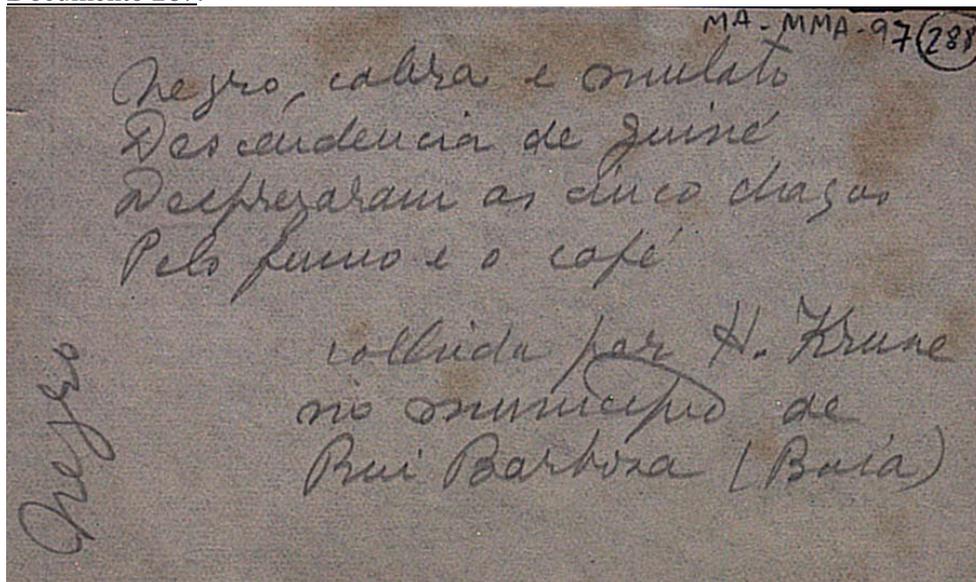
Subtema:

[Apodo]

Nota da pesquisa:

Indicação não localizada pela pesquisa.

Documento 267:



Notação:

MA- MMA 97- 288

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.288.

Transcrição:

Negro/ Negro, cabra e mulato/ Descendencia de Guiné/ Desprezaram as cinco chagas/ Pelo fumo e o café/ Colhida por H. Kruse/ no município de/ Rui Barbosa (Baía)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

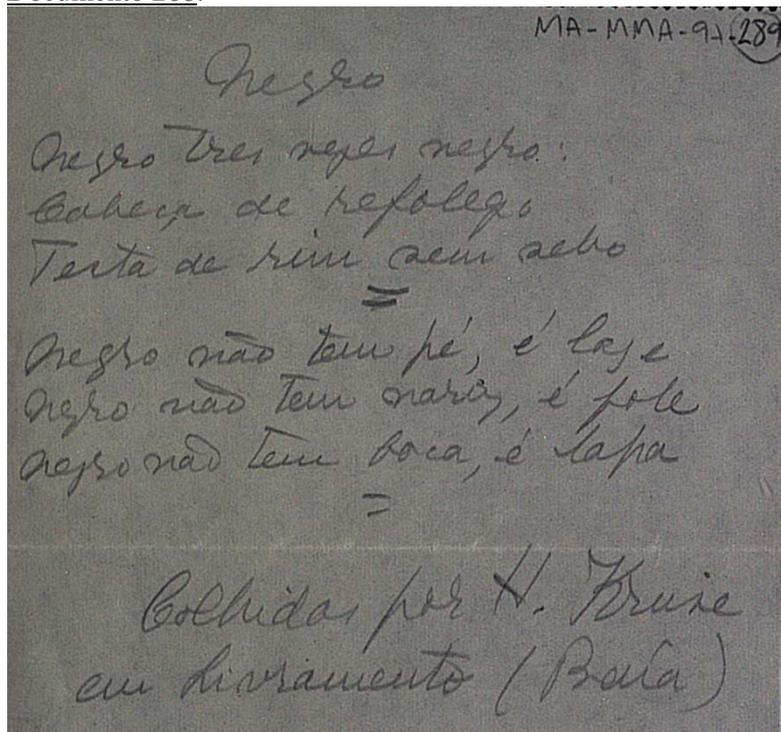
Subtema:

[Apodo]

Nota da pesquisa:

Os documentos 267 a 274 contém compilações recolhidas em campo por Hermann Kruse, um dos delegados em viagem do SPHAN (conforme atesta o f. 295). Na biblioteca de MA encontra-se o livro *Goyaz: das wahre herz brasiliens* (1936) de Hermann Kruse; com dedicatória a MA.

Documento 268:



Notação:

MA- MMA 97- 289

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,2); manchas de fungo; borda superior picotada; sinal de dobra na horizontal; f.289.

Transcrição:

Negro/ Negro três vezes negro:/ Cachaça de refolego/ Testa de rim sem sebo/ =/ Negro não tem pé, é laje/ Negro não tem nariz, é fole/ Negro não tem boca, é lapa/ =/ Colhidas por H. Kruse/ em Livramento (Bahia)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

Subtema:

[Apodo]

Documento 269:

MA-MMA-97-290

Negro

Negro de-noite não dorme
Vive na roça alheia
Teme o sol do dia
A noite que negro passeia

=

Deus não tem nada com negro
Nem negro nada com santo
Negro é como urubú
Que só vive levando espanto

Barba de negro é chupete
Casa de negro senzala
Comida de negro é churrubo
Pernéado de negro é bala

colhidas por H. Kruse
em Angra dos Reis (Baía)

Notação:

MA- MMA 97-290

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,2); manchas de fungo; borda superior picotada; sinal de dobra na horizontal; f.290.

Transcrição:

Negro/ Negro de- noite não dorme/ Vive na roça alheia/ Teme o sol do dia/ À noite que negro passeia/ =/ Deus não tem nada com negro/ Nem negro nada com santo/ Negro é como urubu/ Que só vive levando espanto/=/ Barba de negro é (?) / Casa de negro senzala

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

Subtema:

[Apodo]

Documento 270:

Negro MA-MMA-97(291)
Negro não dorme, cochila.
Negro não come, resmõe.
Negro não casa, junta
Negro não reza, resmungo.
Negro não vai na missa, escuta.
Negro não morre, desaparece

Colhido por H. Kruse
no Rio de Contas
(sertão baiano)

Notação:

MA- MMA 97- 291

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,2); manchas de fungo; borda superior picotada; sinal de dobra na horizontal; f.291.

Transcrição:

Negro/ Negro não dorme, cochila./ Negro não come, resmõe./ Negro não casa, junta/ Negro não reza, resmungo/ Negro não vai na missa, escuta./ Negro não morre, desaparece./ Colhido por H. Kruse/ no Rio de Contas/ (sertão baiano)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

Subtema:

[Apodo]

Documento 271:

MA-MMA-97-292

Repro
Repro é meu futuro
Recanto de onuro,
Cachimbo apagado
Fogão encoberto

Teuho uma dor no peito
E outra no coração
De ver repro de fortuna
E gente de pé no chão

Não dança anim, repro velho,
De perna dura de pau.
Repro não fuma charuto
Charuto de repro é pau

Repro não come cozido

Porque não quer esperar,
Ele quebra panela
Si demonstrar cozimento

Colhido por H. Krune
no Rio de Contas

Notação:

MA- MMA 97- 292

Análise documentária:

Autógrafo a grafite ocupando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,2); manchas de fungo; borda superior picotada; sinal de dobra na horizontal; f.292.

Transcrição:

Negro/ Negro é sem futuro/ Recanto de muro/ Cachimbo apagado/ Fogão encerrado/ =/ Tenho uma dor no peito/ E outra no coração/ De ver negro de botina/ E gente de pé no chão/=/ Não dança assim, negro velho,/ De perna dura de pau/ Negro não fuma charuto/ Charuto de negro é pau/ =/ Negro não come cozido/ Porque não quer esperar/ Ele quebra panela/ Si demorar cozinhar/ Colhido por H. Kruse/ no Rio de Contas

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição coleta de campo.

Subtema:

[Apodo]

Documento 272:

MA-MMA-97- (293)

Negro

"Negro é bicho bom, só tem
um defeito: não presta"

Negro deitado: um porco;
Negro de longe: um vulto;
Negro de perto: um Toco.

Branco: filho de Deus,
Mulato: enteadado,
Caboclo: não tem pai,
Negro: filho do Diabo.

Colhidas por H. Kruse
em Rio de Contas

Notação:

MA- MMA 97- 293

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,2); manchas de fungo; borda superior picotada; sinal de dobra na horizontal; f.293.

Transcrição:

Negro/ "Negro é bicho bom, só tem/ um defeito: não presta"/=/ Negro deitado: um porco;/ Negro de longe: um vulto;/ Negro de perto: um toco./ =/ Branco: filho de Deus,/ Mulato: enteadado,/ Caboclo: não tem pai,/ Negro: filho do Diabo./ Colhidas por H. Kruse/

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

Subtema:

[Apodo]

Documento 273:

MA-MMA-97-294

Negro
Branco bebe cerveja
Mulato vinho do Porto
Cabra garapa azeda
Negro mijo de porco

Branco come na sala
Mulato no corredor
Cabra na cozinha
Negro no cagador

Colhidas por H. Kruse
em Livramento (Bahia)

Notação:

MA- MMA 97- 294

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,2); manchas de fungo; borda superior picotada; sinal de dobra na horizontal; f.294.

Transcrição:

Negro/ Branco bebe cerveja/ Mulato vinho do Porto/ cabra garapa azeda/ Negro mijo de porco/ Branco come na sala/ Mulato no corredor/ Cabra na cozinha/ Negro no cagador/ Colhidas por H. Kruse/ em Livramento (Bahia)

Estatuto genético:

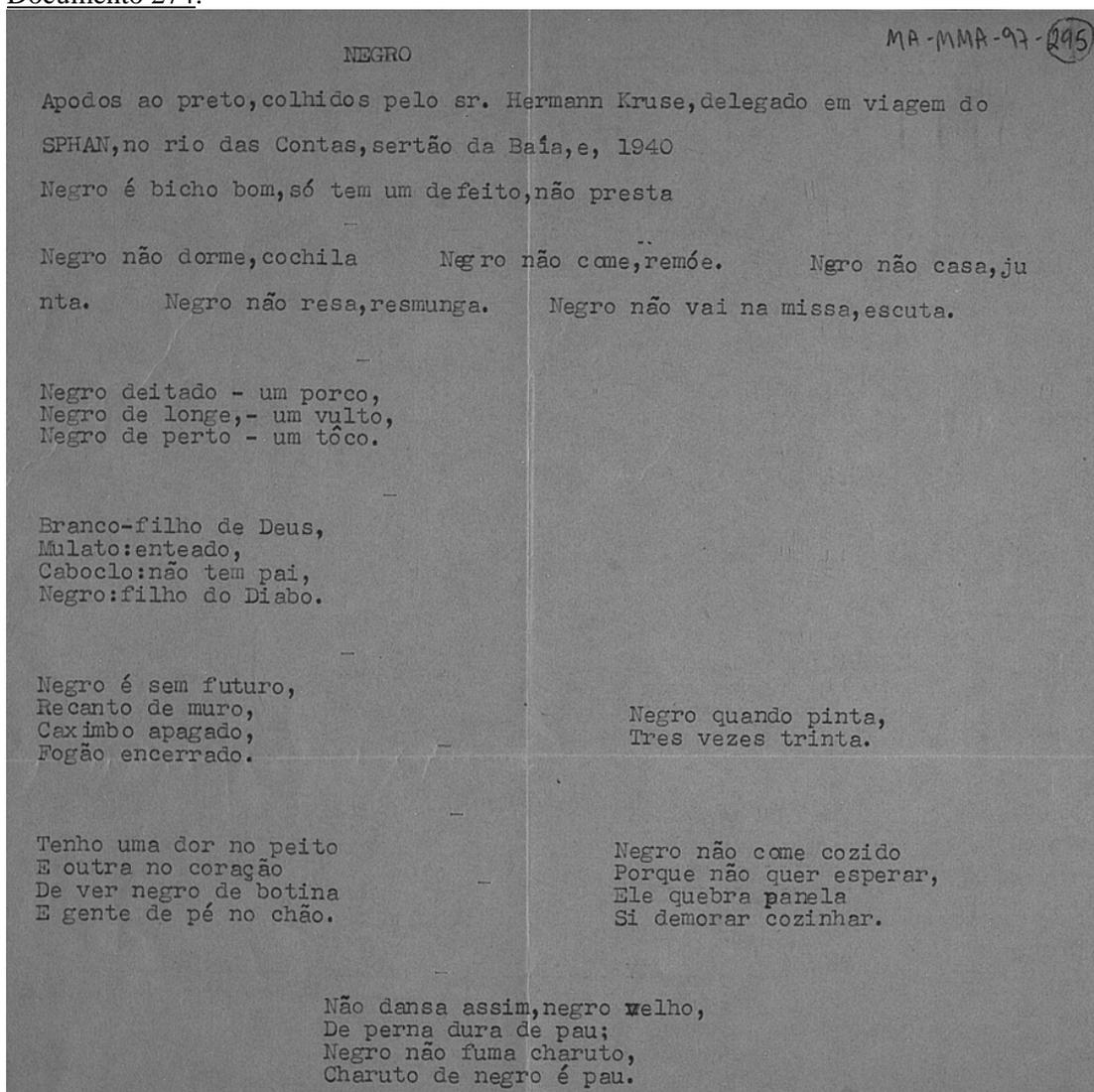
Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

Subtema:

[Apodo]

Documento 274:



Notação:

MA- MMA 97- 295

Análise documentária:

Datiloscrito a fita preta; folha de sulfite cortada ao meio (21,2 x 21,1 cm); manchas de fungo; sinal de dobra na vertical e na horizontal; f.295.

Transcrição:

Negro (Kruse) datiloscrito fac-símile

Estatuto genético:

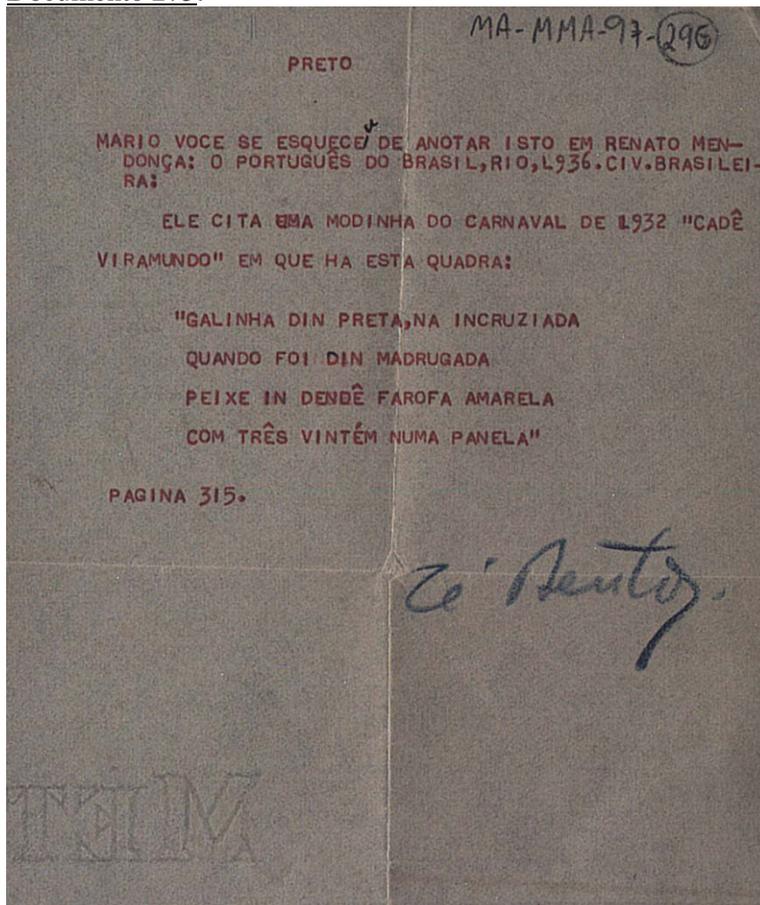
Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e comentário.

Subtema:

[Apodo]

Documento 275:



Notação:

MA- MMA 97- 296

Análise documentária:

Datiloscrito a fita vermelha e assinatura a lápis azul; folha de bloco de bolso (16,3 x 11 cm); manchas de fungo; sinal de dobra na vertical e na horizontal; f.296.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Apodo]

Verificação:

BPG nº 643: MENDONÇA. Renato. *O Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

O PORTUGUÊS DO BRASIL

315

Veado no mato *corredô*
Cadê Cabôco Ventania
Cadê Cabôco Ventania
Esse Cabôco é da folia.

Côro

Ou cadê Vira Mundo Pemba, etc.

Galinha ãin Preta, na incruziada
Quando foi ãin madrugada
Peixe in dendê farofa amarela
Com tres vintém numa panela.

Nestes versos aparece clara e nítida a mão do negro, com os “despachos” de galinhas pretas e farofa amarela nas encruzilhadas...

A própria invocação dos galos, do “veado *corredô*”, do “mano caçadô” lembram hábitos tribais, daqueles bons tempos de liberdade na África...

E a *macumba* geme, como se o negro ainda sentisse a marca do chicote ou o peso das cadeias. A língua se altera também para marcar a antiga sujeição.

Já o caso é outro nessa cantiga de bem viver, como se podia chamar:

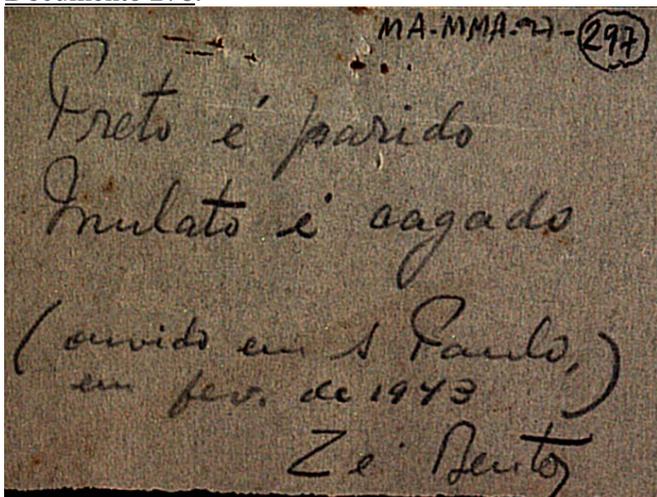
«DE PAPO PRO AR

Não quero outra vida,
Pescando no rio de Garará
Tenho peixe bom,
Tem sirí patoia
De dá com pé!

Nota da pesquisa:

Os documentos 274 a 277, foram escritos por José Bento Farias, secretário de Mário de Andrade. V. nesta dissertação: capítulo 3.2 “Os documentos de dupla natureza”

Documento 276:



MA-MMA-97-297

Preto é parido
Mulato é cagado
(ouvido em S. Paulo,
em fev. de 1943)
Zé Bento

Notação:

MA- MMA 97- 297

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso cortada ao meio (5,5 x 8,2 cm); marcas de ferrugem e furos causados por alfinete; borda superior picotada; f. 297.

Transcrição:

Preto é parido/ Mulato é cagado/ (ouvido em S. Paulo, em fev. de 1943)/ Zé Bento

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

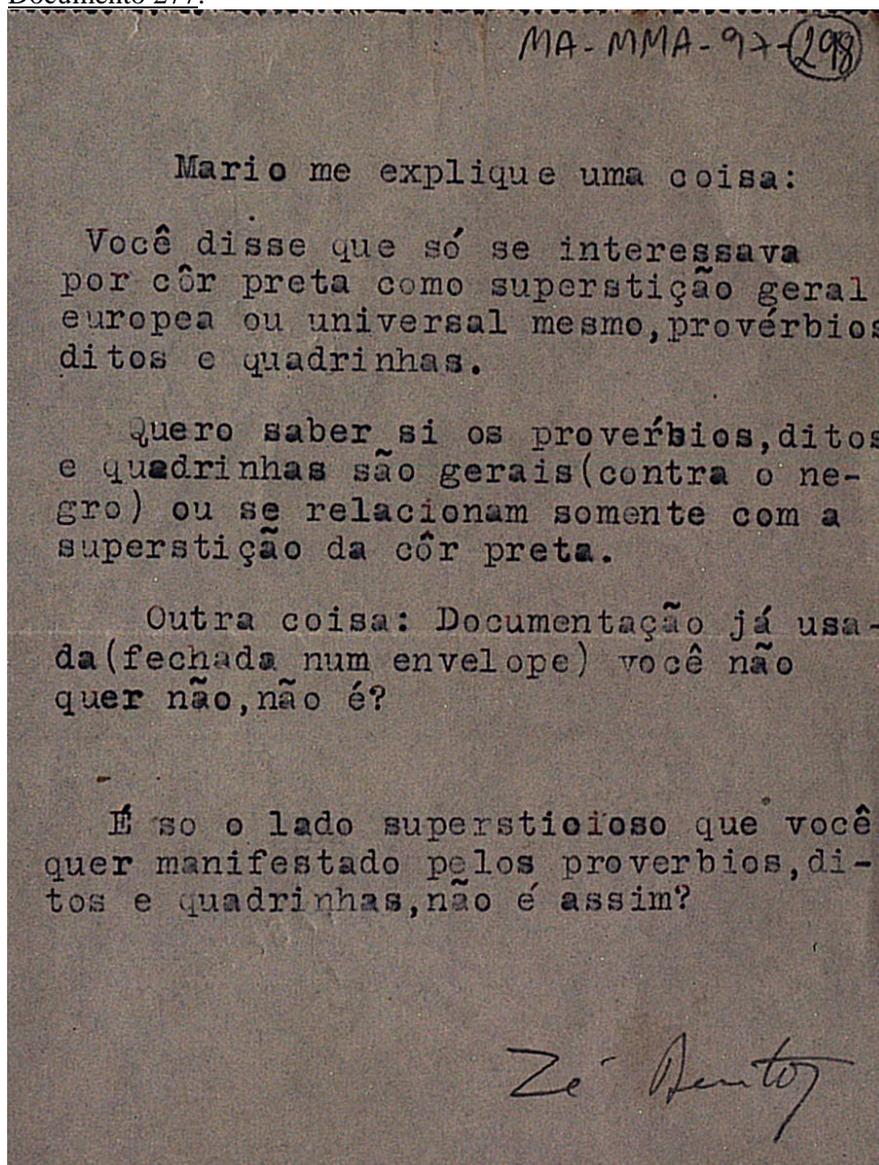
Tipo:transcrição e referência.

Subtema:

[Apodo]

Nota da pesquisa:

Esta nota de trabalho foi encontrada alfinetada no artigo “Linha de cor” (*O Estado de S. Paulo* em 29 março de 1939).



Notação:

MA- MMA - 97- 298

Análise documentária:

Datiloscrito a fita vermelha e assinatura a grafite; folha de bloco de bolso (24,3 x 10,5 cm); manchas de fungo; f.298.

Transcrição:

‘mario me explique uma coisa’ fac-símile

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário.

Subtema:

[Apodo]

S.Paulo 31 de março de 1939.

Grande Mário!

Mandei -lhe um recado escrito há poucos dias para que v. se certificasse de que a gente nunca se esquece dos grandes (amigos e mestres). Também seria o cumulo se isso acontecesse. Eles são tão poucos...

Li o seu artigo sobre a linha de côr. Lembrei-me muito de minha avó, ^{materna} possuidora de uma memória prodigiosa que sabia uma coleção enorme de provérbios, ~~referentes~~ de negros e da minha incrível vagabundagem e habitual preguiça de tomar notas dêles.

Não quero trazer nenhuma contribuição (não quero, não, -não posso) para os seus trabalhos e imagino que v. tem tudo que eu possa citar. Mas existe uma pequena sequencia que é interessante e foi pena que v. ^à ~~vêdesse~~ ^{toda} no seu artigo (pelo menos para meu gozá-lo mais). É a seguinte:

Negro não nasce
Aparece.

Negro não janta
Come.

Negro não casa
Junta.

Negro não trabalha
Pena.

Negro não morre
Some.

Entre ~~as~~ ^{não} que não podem ser citados há também uma que sei se v. conhece :

Negro nasce sem cabaço.

Mas agora que acabei de escrever esta pagina vejo que a minha contribuição é absolutamente bôba e que tudo isso não passou de saudades de v. e da vontade de mandar-lhe um abraço.

Sticauon

Notação:

MA- MMA 97 - 300

Análise documentária:

Datiloscrito a fita preta; rasuras e assinatura a tinta vermelha e a grafite; folha de papel sulfite (31,2 x 21,1 cm); manchas de fungo; f.330.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: carta.

Subtema:

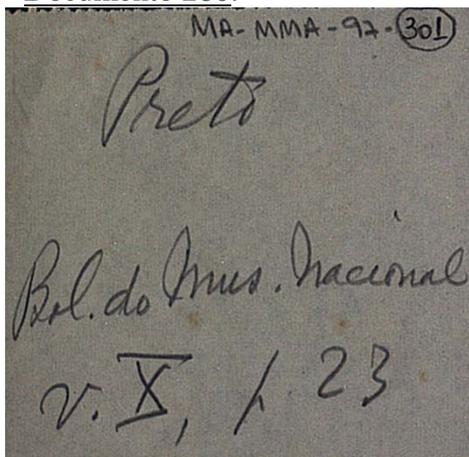
[Apodo]

Nota da pesquisa:

Nicanor Miranda, diretor do Departamento de Educação e Recreação da Prefeitura Municipal de São Paulo, nos anos de 1930. V. nesta dissertação: capítulo 3.2 “Os documentos de dupla natureza”

Botânica

Documento 280:



Notação:

MA- MMA 97- 301

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.301.

Transcrição:

Preto/ Bol. Do Mus. Nacional/ v. X, p. 23

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Botânica]

Verificação:

SAMPAIO, A. J. de. "Nomes vulgares de plantas da Amazônia". *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, v. X, mar, jun, set, dez 1934. (BMA)

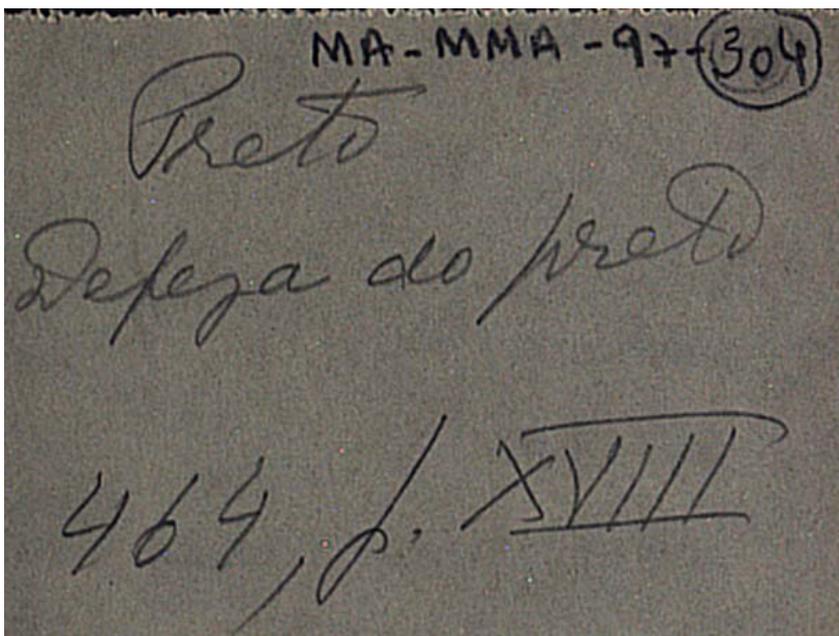
P. 23:

Nota MA a lápis vermelho:

grifo em Negro no trecho:

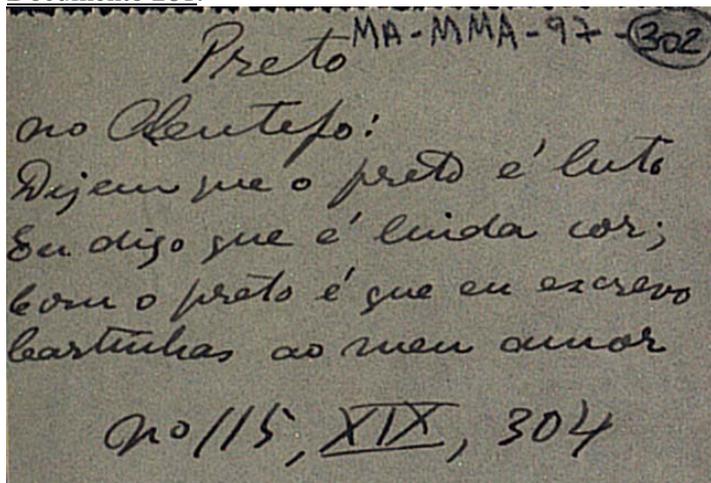
"Coração de Negro: no Xingu é *Cassia seleroxylon* Ducke; em Manaus, *Swartzia ingaefolia* Ducke; no baixo Amazonas, *Swartzia* sp.; em Breves, *Cassia adiantifolia* Bth., em Montealegre, *Swartzia fugax* Bth., em Macapá, *Sw. grandifolia* Bth; na região de Bragança, *Zollernia paraensis* Hub; em outras localidades, também esp. de *Machaerium*; leguminosas; o nome do Coração de Negro é dado no Ceará a uma *Zollernia* e no Maranhão (Codó) a *Cassia apoucouita* Aubl.

Contra-ataque



Nota da pesquisa: entende-se contra-ataque as referências encontradas por MA em que o negro defende e ou enaltece sua cor, a qual recorrentemente é atacada preconceituosamente pelo branco ou mesmo pelo negro.

Documento 281:



Notação:

MA- MMA 97- 302

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.302.

Transcrição:

Preto/ no Alentejo:/ Dizem que o Preto é luto/ Eu digo que é linda cor;/ Com o preto é que eu escrevo/ Cartinhas pro meu amor/ nº 115, XIX, 304

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra ataque]

Verificação:

CHAVES, Luis. Folclore de Santa Vitória do Ameixial. *Revista Lusitana*, nº 19, Lisboa: Imprensa Nacional, 1916, p. 292-333.

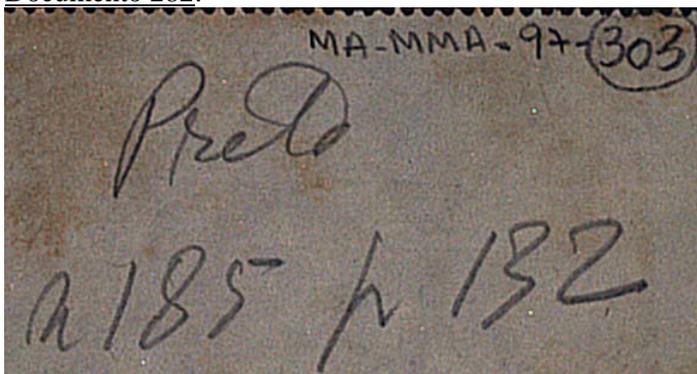
- 111 — Já vi nacêri o sóli
Lá no máci êintri balisas,
Acridita qu'ê nã vôjo
Mãs téirra qu'á qui tu pisas.
- 112 — Ê fui o qui dissí 'ó sóli
Despensas di anacêiri;
Á vista d'êissis tês olhos,
O qui vinha cá fazêiri?
- 113 — Anda o sóli atraz da lua,
A luz atraz do luári,
A minh'alma atraz da tua
Sêim n'a podêiri alcançári.
- 114 — Istá o céo inevoado,
Amanha nã 'stá bom dia,
Têinho o mê amôri zangado,
Ai Jasus o qui seria?
- 115 — Istá o ceo inevoado,
Á roda copos de vrido,
Tira de mim o cudado,
Qu' ê tiro di ti o sêintido.
- 116 — Sêitistrêillo, sóli e luz,
Tudo no ári êimbarcô.
Cara linda com'á tua
Indas Dês a nã pintô.
- 117 — Plantê-mi a contári as 'strêillas,
Só a do Norte dêxê;
Por sêiri a más piquinina,
Só contigo a acomparê.
- 118 — O' minha istrêilla do Nôrti,
'O' pôri do soli aparécis.
Si quêiris sabêiri o mê fórti,
Prêgunta a quêim mi conhêici.
- 119 — Dêitê azêti no lúmi,
Augardôinti na candêa;
A' vista d'êssis tês olhos,
Atêi o juizo varêa.
- 120 — Chamástis-mi variêinta,
Ê fui quêim variê;
Variaram os mêis olhos,
Assim qui p'rós tês ólhê.
- 121 — Vi passári um pôsa-lôsa,
P'rós lados di Moçambiqui,
Tinha ôvisto tanta côsa
Nã sê quêim acredití.
- 122 — Nã péigui a isbagulhári,
A botári teirra p'r'ó lado;
Adôndi o gavião chigári,
Nã têim qui fazêiri o pombo.
- 123 — Ê'sô com'ó gavião,
Qui no ári faço parada;
Quando abáxo ó chão
Nunca alivanto sêim nada.
- 124 — O êincarnado nã brilha
Sêim têiri o azulí ó péi.
Arranjári amôris nã custa,
Dêxa-los éi qu'êilla éi.
- 125 — Dizêim qu'ó prêito éi fêo,
Ê digo qu' éi linda côri.
Com o prêito éi qu'ê iscrêivo
Cartinhas ó mê amôri.
- 126 — Dizêim qu'ó prêito éi luito,
Ê digo qu'êille éi gravedádi,
Dêxa-ti cudári, mê amôri,
Andas á minha vontádi.
- 127 — Amaréillo, amaréillo,
Amaréillo, linda filôri;
Quêim nã gosta di amaréillo,
Nã gosta do sê amôri.
- 128 — Tu éis prata *perfinda*,
Luzeinta na tua rua;
Têinho visto caras lindas,
Mas nêim uma com'á tua.

112 *Anascer*, id. de *nascer*.114 *Jasus*, v. 46.^a q.115 *Vrido*, metathese *idr-vid* de *vidro*.120 *Variêinta*, vid. *Vocabulario. Auga*, v. 44.^a. É corrente a syntaxe do 2.^o verso:

«Eu foi quem variêi», a comparar com estoutra: «Eu fui dos que variêi».

121 *Pousa-lousa*, vid. *Vocabulario. Ouvisto* é o part., corrente no povo, do verbo *ouvir*, por associação com *visto* de *ver*.122 e 123 *adônde*, *q'ando*, *abáxo* e *alevanto*, são factos já mencionados respectivamente em 108.^a, 16.^a, 14.^a e 112.^a qq.126 *Gravidade*, vid. *Vocabulario*.127 *Pilor*, v. 72.^a q.128 *Perfinda*, v. *Vocab.*

Documento 282:



Notação:

MA - MMA - 97 - 303

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.303.

Transcrição:

Preto/n 185 p 132

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra ataque]

Verificação:

BPG: nº 185: MOTTA, Leonardo. *Sertão Alegre: Poesia e linguagem do sertão nordestino*. Belo Horizonte: Imprensa oficial de Minas, 1928. (BMA- F/I/a/30).

P. 132:

"Pulé rotí"

Nota MA a grafite:

palavra "preto" e traço à margem do trecho:

" (...) Argumentava que roupa preta é que é roupa de gala e lembrava que pinico também é branco. sabia de cor a sextilha:

Quanda as casas de negócio

Fazem sua transação,

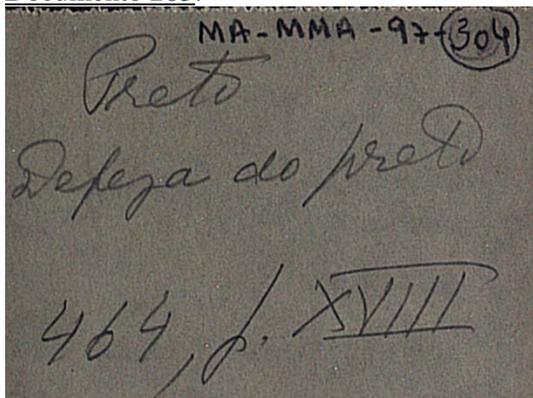
O papel branco e lustroso

Não vale nem um tostão...

Escreve-se com tinta preta:

Fica valendo um milhão!"

Documento 283:



Notação:

MA- MMA 97- 304

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.304.

Transcrição:

Preto/ Dejeza do preto/ 464, p. XVIII

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra ataque]

Verificação:

BPG: nº 464: CURTIS, Natalie. *Songs and tales from the dark continent*. New York: G. Schirmer, 1920. (BMA- B/VII/c/17)

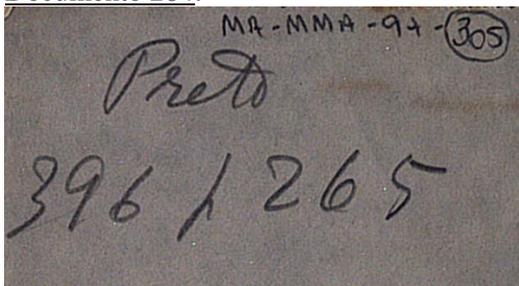
P. XVIII:

"Introduction"

Nota MA a grafite: traço à margem do trecho:

"Since we of the white race (who have behind us science, philosophy and the art of printing with dissemination of knowledge) have only recently broken the bonds of the same fears that still shackle the native African, is it just to condemn the unlettered man of the Dark Continent as a constitutionally inferior being?"

Documento 284:



Notação:

MA - MMA - 97 - 305

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.305.

Transcrição:

Preto/396 p 265

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Contra ataque]

Verificação:

BPG: nº 396: CARVALHO, Rodrigues. *Cancioneiro do Norte*. Paraíba do Norte: Typ. Livraria S. Paulo, 1928. (BMA- F/I/a/63)

P. 265:

"Cancioneiro popular"

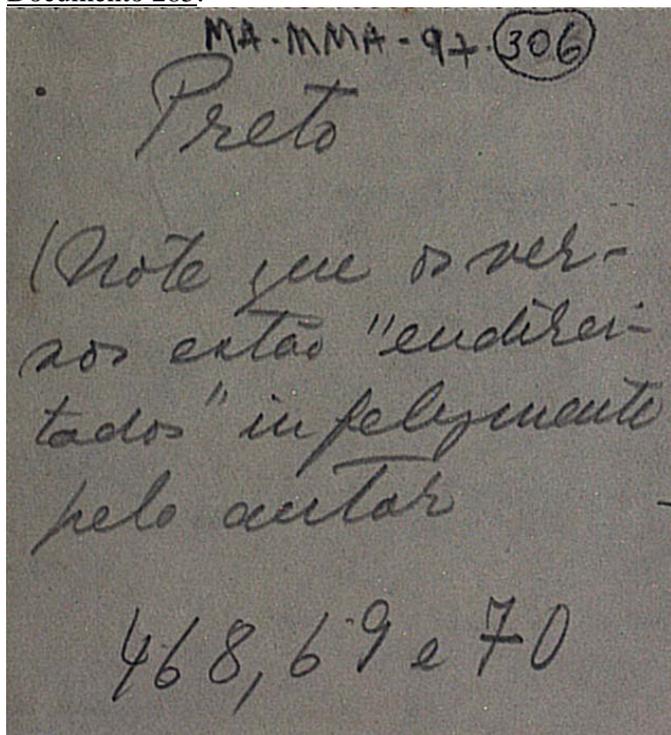
Nota MA a grafite:

1. "Preto" à margem do trecho:

"Você me diz que sou negro
da cabeça de rebôlo:

Se passo a mão, vejo a queda,
Se passo o pé, vejo o rolo!"

Documento 285:



Notação:

MA- MMA 97- 306

Análise documentária:

Transcrição:

Preto/ (note que os ver-/sos estão "endirei-/tados" infelizmente/ pelo autor/ 468, 69 e 70

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: comentário crítico e referência bibliográfica.

Subtema:

[Contra ataque]

Verificação:

BPG: nº 468: CARDOSO, Pedro. *Folclore Caboverdeano*. Porto: Edição Maranus, 1933.
(BMA- B/11/c/23)

P. 69:

"II Parte (Cancioneiro)"

Nota MA a grafite:

1. "Preto/ negativo /p 70" e traço à margem do trecho:

"Nhô é rico, mi ê préto,
Nhô é branco, mi ê préto;
Calquer dés ê ca grandeza,
calquer dés ê ca difêto.
Nhô é branco, mi ê préto,
Diferença só na cór.
Ser só branco ca ta dâ.
Milhó preste, más bolor."

2. grifo em "ca ", terceiro verso; traço que liga "ca" a "negativo" à margem.

P. 70:

1. traço à margem do trecho:
" Nós questam ê só de pêle,
Carne e ósso ta jugatâ.
Nós tudo ê fêto de barro,
Ê ca mi, libro que frâ.
Nhô ê branco, mi ê prêto.
Nhô sim; mas nhô considrâ:
Branco ê papel, mas sim tinta
E mudo, êl ca ta papiâ.
Nôs tudo nu bêm ês mundo
Pa quêl um caminho só.
Se nu ca más um do que ôto,
Tanto soberba pamó?"
2. grifo em "pamó" e "praquê".

Documento 286:

MA-MMA-97-307

Negro

Branco diz que negro furta
Negro furta com razão
Si Branco também furta
Quando acha ocasião

Canção de negra velha, mor-
ta em 1895, guardada tradi-
cionalmente e colhida por
H. Kruse em Monte Alto
(Bahia) em 1941

Notação:

MA- MMA 97- 307

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (14,5 x 10,5 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.307.

Transcrição:

Negro/ Branco diz que negro furta/ Negro furta com razão/ Si Branco também furta/ Quando acha ocasião/ canção de negra velha, mor-/ta em 1895, guardada tradi-/cionalmente e colhida por/ H. Kruse em Monte Alto/ (Bahia) em 1941

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição de material coletado em campo.

Subtema:

[Contra ataque]

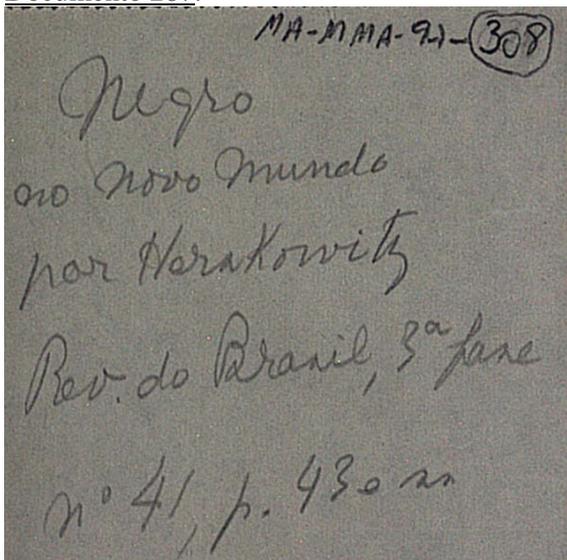
Nota da pesquisa:

Hermann Kruse, trabalhou como um dos delegados em viagem do SPHAN (conforme atesta o f. 295). Na biblioteca de MA encontra-se o livro *Goyaz: das wahre herz brasiliens* (1936) de Hermann Kruse; com dedicatória a MA.

Africanologia

DEPOIMENTOS DE MISSIONARIOS
DOS SECULOS XVII E XVIII

Documento 287:



Notação:

MA- MMA 97- 308

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.308.

Transcrição:

Negro/ no novo Mundo/ por Herakovitz/ Rev. do Brasil, 3ª fase/ n° 41, p. 43 e ss.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: n° 41: HERSKOVITS, Melville J. O negro no novo mundo. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, ano IV, 3ª fase, n° 41, p. 43-58, novembro 1941. (BMA)

O NEGRO DO NOVO MUNDO COMO UM TEMA PARA PESQUISA CIENTÍFICA

Antes que vinte anos tivessem decorrido após a descoberta da América Espanhola por Cristovão Colombo, já os primeiros negros haviam sido trazidos para o Novo Mundo. Nos meados do século dezoito, estes africanos e seus descendentes eram encontrados em muitas regiões da América do Sul, em todas as ilhas do Mar dos Caraíbas habitadas até aquela data, no México e na América Central. O começo do século seguinte marcou a sua introdução na América do Norte. Com o correr do tempo, o tráfico desta mercadoria humana aumentou tão constantemente em volume e regularidade que pelos fins do século dezoito os negros africanos estavam sendo importados para o Novo Mundo às dezenas de milhares.

E' geralmente reconhecido que as repercussões sociais desta migração forçada, talvez a maior que o mundo jamais presenciou, foram consideráveis. Os problemas práticos que surgiram da situação interracial tem sido de primeira magnitude e tem feito que os estudiosos dirijam antes a sua atenção para a solução dos mesmos que para a análise de outras questões mais fundamentais de importância científica que surgem ao se contemplarem os resultados desta grande experiência histórica. Nesta discussão tentarei indicar, entretanto, onde a situação criada no Novo Mundo oferece uma recompensa igualmente rica àqueles que estão interessados nos problemas da formação e estabilidade dos tipos humanos e que compreenderiam a transformação daquelas tendências de profundas raízes, as quais, ao mesmo tempo, agem no sentido de manter e mudar as formas de comportamento humano-sociais. E assim fazendo, cuidarei mais dos problemas de teoria e métodos, limitando ao mínimo as referências aos dados atuais. Pois tais materiais foram amplamente divulgados no campo dos estudos do negro no excelente volume de autoria do meu colega professor Artur Ramos, cujo trabalho intitulado *As Culturas Negras no Novo Mundo* torna desnecessário repetir aqui os dados por ele tão bem apresentados.

A palavra "negro", que era originariamente usada para designar os aborígenes da África, tem vindo a servir, pouco a pouco, para identificar uma das principais raças humanas. Este ter-

mo, em linguagem científica, serve, assim, hoje, como uma designação para aquelas pessoas que, de um ponto de vista biológico, pertencem à raça negra. Ainda assim, quando consideramos os problemas que surgem ao estudarem-se os negros do Novo Mundo, um dos fatos mais notáveis é que, em muitas regiões, pessoas classificadas como negras contam entre seus antepassados membros de todas as três principais raças — isto é, descendentes de índios (mongolóides), europeus (caucasóides), como também de negros propriamente ditos.

O emprego da palavra com tão variadas significações nas diferentes partes do Novo Mundo torna excessivamente difícil o uso da mesma com exatidão científica. E' necessário somente que se compare o seu uso aqui no Brasil com o que tem nos Estados-Unidos para se chegar a esta conclusão. No Brasil, um negro é uma pessoa de pura origem africana, ou cujas características físicas são pronunciadamente africanas. Por outro lado, nos Estados-Unidos, um negro é uma pessoa que, seja qual for o grau no caso, é de admitida ou reconhecida descendência negra. Ali, a simples palavra designa homens e mulheres de origem surpreendentemente diversa, podendo ser incluído nesse curioso fenômeno sociológico o "negro" que tem cabelo fino, louro e olhos azues, e que na realidade biológica é uma pessoa branca, com tão poucos traços dos antepassados africanos que os mesmos não permanecem visíveis. Por causa destes diferentes usos, somos obrigados, para o fim da nossa análise, a colocar na categoria de negro todos aqueles que no Novo Mundo são desta forma classificados, seja qual for a base da classificação. E é deste ponto de vista que partimos para indicar a distribuição de tal povo no Hemisfério Ocidental.

Movendo-nos do Norte para o Sul, podemos começar com os Estados-Unidos, onde encontramos uma população negra concentrada na parte sul do país, se bem que nos recentes anos a migração de negros tem aumentado grandemente a proporção destes no Norte, principalmente nas maiores cidades, como New York e Chicago. Nos outros países da América do Norte — México e Canadá — o número de negros é diminuto, enquanto que o elemento negro é de proporção variável nas repúblicas da América Central. Por outro lado, nas ilhas do Mar dos Caraíbas, a população negra é muito densa; em algumas, tais como Haiti, Martinica e Guadalupe, Ilhas Virgens e Jamaica, os brancos são tão poucos que se tornam despercebidos na população total.

Na América do Sul, os negros são acima de tudo encontrados nas costas este e nordeste, se bem que haja um considerável número de vilas de negros ao longo da costa do Pacífico, na Colômbia e no Perú. As três Guianas, a francesa, a inglesa e a holandesa, tem, cada uma delas, uma grande população negra. A Venezuela possui negros em número que, embora relativamente pequeno, constitui uma quantidade considerável, enquanto que na Colômbia recentemente conclui haver

talvez mais de dois milhões de negros, sobre os quais, entretanto, absolutamente nada é sabido. Não é necessário mencionar aqui o lugar dos negros do Brasil. A proporção de negros no grupo total e a importância do grupo negro tem sido bem reconhecida, e nenhum estudo do negro no Novo Mundo pode ser completo sem uma cuidadosa consideração do seu papel.

Quando se passa da distribuição de negros para a consideração de sua importância numérica, na maioria dos casos só se podem obter números aproximados. Nos Estados-Unidos, onde temos a mais acurada documentação (se bem que devamos sempre lembrar neste caso a definição sociológica da palavra "negro"), um pouco mais de um décimo da população repousa nesta categoria. Em 1930 o número de negros nos Estados-Unidos era assim de cerca de treze milhões; isto é, um terço, mais ou menos, do total calculado dos negros existentes no Novo Mundo, número que é dado pelo *Negro Yearbook* nas proximidades de trinta e cinco milhões. Nas Antilhas Maiores e Menores, em uma população total de menos de onze milhões, sete milhões e meio são negros. Se bem que no Brasil a categoria "negro" não se ache incluída nas figuras do censo, é calculado pela mesma fonte que uns doze dos quarenta milhões de seus habitantes pertencem a esta raça.

Em estudando uma população tão grande em número e cujas características físicas e culturais são derivadas de tão variadas origens, percorremos a escala inteira dos problemas no repertório da ciência antropológica. Entretanto, a despeito da grande variedade de materiais, o estudo do negro do Novo Mundo oferece-nos a grande vantagem de trabalhar com informações sobre as quais podemos exercer controles adequados, desde que, a despeito das misturas que esta população representa, ela é com efeito derivada quer das origens que são conhecidas, quer das que ainda podem ser descobertas. Assim é que a sua história no novo *habitat* pode ser traçada nos aspectos principais. E é justamente neste ponto que se verifica a sua importância especial. Pois, trabalhando-se com materiais derivados destes povos, quando reunimos os resultados da pesquisa histórica aos dados etnográficos disponíveis, nos achamos numa posição de analisar nossos materiais com uma confiança que se torna impossível quando precisamos trabalhar com informações somente derivadas do povo "primitivo" e "não-histórico".

Neste ponto talvez seja desejável explicar por ilustração o significado da frase "controle histórico", que melhor descreve a vantagem em método que estou acentuando, indicando-se as técnicas empregadas no estudo do problema das origens africanas dos negros do Novo Mundo e as complicações acarretadas por ter-se tal conhecimento.

Quando se comparam as culturas da África Ocidental com as da Europa e com as civilizações aborígenes da América do Norte e do Sul, com as quais os negros entram em contacto, elas podem ser consideradas como relativamente homogêneas. Os africanos trazidos para o Novo Mundo, doados com um corpo de tradições similares, entraram em contacto com vários tipos de europeus. Não demorou muito que começasse a mistura de sangue e costumes que tem continuado até o presente: com o francês nas Antilhas e Luisiana; com o espanhol em Florida, Cuba, Venezuela, Colômbia, Perú e América Central; com o português no Brasil; com o inglês na América do Norte, Jamaica, Ilhas Baamas, Guiana Inglesa e a maior parte das Antilhas Menores; com o holandês em Guiana e Curaçau; e com o dinamarquês nas Ilhas Virgens.

Além disto, em cada área estes contactos variaram em intensidade, de acordo com as circunstâncias históricas. Deste modo, as revoltas que marcaram o período completo de escravidão do Novo Mundo foram vencedoras em diferentes graus e em diferentes áreas, permitindo o estudo dos grupos negros do Novo Mundo, que viviam sob diferentes graus de autonomia. Na Guiana Holandesa, os negros do mato, descendentes de escravos revoltados, tem vivido, por algumas gerações, praticamente livres de influências exteriores. Por causa do seu isolamento, este povo tem tido peculiaridades da cultura africana, as quais não se podem mais encontrar nas tribus ancestrais, e por isto não somente produz o melhor ponto de contacto entre a cultura negra do Novo Mundo e a da África, mas também permite ao estudante compreender, melhor do que outra forma seria possível, as várias situações observáveis ao se estudarem os povos atuais da África Ocidental. Em Haiti, onde as revoltas de mesmo modo libertaram os escravos, o seu pronunciado contacto com os europeus até 1804, quando, para todos os efeitos práticos, foi o mesmo quebrado, permite-nos comparar este outro povo com os negros do mato, que, após haverem conhecido um longo período de estrito controle branco, continuaram o desenvolvimento de sua cultura na base destes contactos, após obterem sua liberdade sem ulterior intervenção externa. Os semiindependentes Maroons da Jamaica oferecem ainda outra oportunidade para comparações. Aqui, entretanto, tem havido constante contacto entre negros e brancos através da completa experiência deste grupo no Novo Mundo.

No resto do Novo Mundo, onde os grupos negros tem conseguido autonomia, a influência de costumes não-africanos na tradição africana tem variado de acordo com os tipos de contacto com os brancos ou com a específica situação histórica em que um dado grupo se acha. Os negros domésticos, principalmente, tiveram com os brancos tipos de contacto diferentes dos que tiveram os negros que nessa época trabalhavam em plantações. Os que viveram em cidades vieram a conhecer

uma espécie de vida inteiramente diferente da vida da África, e que não contrastava com a dos seus companheiros que viveram no campo; enquanto que o sentimento anti-negro, divergente em sua força e efeito nas várias regiões do Hemisfério Ocidental, concorreu para a atual divergência nas situações interracialis. Finalmente, a proporção de indivíduos vindos da tribo numa dada região onde os africanos fossem implantados, exerceu uma apreciável influência.

Mais um exemplo da influência específica da experiência histórica ao dar-se forma às culturas do negro do Novo Mundo, deve ser tirado do terreno da vida religiosa quando se faz um paralelo entre os contactos dos negros com as comunidades protestantes européias e os seus contactos com os brancos, que eram católicos. Este simples fator parece haver desempenhado um papel da maior importância em determinando o número e espécie de crenças africanas que foram implantadas numa dada área, pois encontramos muito mais africanismos, conservados em forma mais pura, nas crenças e atitudes de negros que vivem em países católicos do que entre aqueles que vivem em regiões predominantemente protestantes. Isto não sómente pareceria relativamente simples de ser alcançado por sincretismo entre a teologia e o ritual africano e católico, por causa de certas analogias originais entre as duas, mas também pela tolerância manifestada por católicos e protestantes em relação às crenças e práticas pagãs dos seus escravos africanos, as quais igualmente divergiram enorme e significativamente. Daí porque nas Ilhas Virgens, onde os morávios exerceram forte influência missionária, por mais de dois séculos, na parte sul dos Estados Unidos, ou, por exemplo, em Barbados, as manifestações da religião africana são tão poucas, quando comparadas com as que existem em Haiti, no Brasil, em Cuba e mesmo no Estado de Luisiana.

Um importante fator, dando-se ao estudioso o controle histórico, cuja importância acaba de ser indicada, é o conhecimento da linha-base africana, da qual se irradiaram as presentes culturas do negro do Novo Mundo. Aqui imediatamente fazemos face a um problema de método, desde que se tem achado necessário estudar as origens africanas dos negros do Novo Mundo pelo uso de uma combinação, raramente feita, de técnicas históricas e etnológicas. Ali existe uma considerável quantidade de materiais históricos que datam do tempo do comércio de escravos, os quais são de primeira importância no fornecimento de informações verídicas quanto às ligações das tribus de africanos transportadas para o Novo Mundo. Ainda assim, a experiência tem ensinado que, a despeito da importância da evidência direta contida em tal testemunho, não podem as mesmas ser usadas com melhor resultado a não ser que sejam combinadas com um adequado conhecimento da presente etnografia das tribus da África Ocidental.

A prática inicial deste método surgiu do fato de que no interior da Guiana, no Haiti e no Brasil, em menores graus na Jamaica, em

Trinidad e outras ilhas do Mar dos Caraibas, as sociedades dos negros deveriam ser estudadas entre aquelas em que nomes pessoais, nomes de lugares, divindades, práticas de rituais, formas de organização social e econômica e semelhantes, eram provenientes de definidas regiões e tribus da África Ocidental. Foi então descoberto que em escritos históricos, tais como a descrição de Haiti, publicada em 1796 por Moreau de Saint-Méry, ou a de C. G. A. Oldendorp, Inspetor Geral das Missões Morávias nas Ilhas Virgens de 177- a 1775, ou os documentos citados em excelentes tratados por Père Rinchon com relação ao comércio de escravos do porto de Nantes no século dezoito ou por Donnan sobre o comércio inglês, é por diversas vezes feita menção das mesmas tribus e mesmas regiões como fontes de escravos. Assim começou a ser evidente que estas divergentes linhas de ataque estavam convergindo em pontos muito precisos, conclusão esta que se tornou inevitável quando se verificou que nas regiões da África Ocidental marcadas por estes indícios existem em grande número traços de culturas que correspondem aos costumes e instituições de negros do Novo Mundo.

Desta forma, através do uso deste método etno-histórico, chegou-se a saber que os negros do Novo Mundo são descendentes de antepassados que, na maioria, vieram de uma parte relativamente restrita do continente africano. Tomando como ponto de partida o Senegal no Norte, esta área compõe-se do cinto de floresta costeira que acompanha a costa da Guiné, abraçando a embocadura do Rio Niger e a fronteira ocidental do Congo até que alcança o seu limite do Sul no território português de Angola. Aqui é importante frisar a expressão "zona costeira", visto que sómente uma pequena proporção de escravos veio do interior; em outras palavras, a maioria deles se originaram de uma faixa de floresta que, numa profundidade que varia entre duzentos e cinquenta e quatrocentos quilômetros, segue a costa ocidental da África ao Sul do cinto de deserto. Tanto quanto nos permitem saber as fontes de recursos conhecidas, o interior do Congo não foi uma área onde o comércio funcionasse em considerável extensão, enquanto já é conhecido que muito poucos escravos vieram na verdade da parte este do continente e de Madagascar. Mesmo que a economia do comércio não fosse suficiente para explicar a razão por que os escravos não foram exportados destas regiões, as figuras citadas pela professora Elizabeth Donnan ou pelo Père Rinchon nas listas dadas por eles dos manifestos de navios que indicavam os pontos de origem das cargas de escravos trazidos para a América do Norte e as Antilhas, durante o século dezoito, seriam suficientes para nos dar uma informação sobre este ponto. O testemunho dos seus trabalhos é o mais importante, visto que nos documentos que eles citam aparecem muitas vezes os nomes de tribus e localidades encontradas em outros escritos da época.

Alem disto, deve-se notar que foram as culturas da parte central da área de onde os escravos foram trazidos as que mais influenciaram na formação dos costumes atuais do negro do Novo Mundo. É patente a raridade com que os sobreviventes representantes dos costumes africanos que veem de pontos diferentes desta área central podem ser encontrados em forma reconhecível entre os negros do Novo Mundo. Uma das poucas exceções deste princípio é o Brasil, onde os sobreviventes do Congo e Haussa são prontamente identificáveis. Sobre o Novo Mundo, entretanto, esta é a exceção, fato que talvez possa ser explicado pela natureza do desenvolvimento histórico do mercado de escravos em si mesmo, o qual, com o correr do tempo, movimentou-se do Norte para o Sul. Os escravos senegaleses que formavam a maior parte dos carregamentos de navios nos primeiros tempos do comércio, não eram suficientemente numerosos para fazer sentir a sua influência na construção das formas de comportamento dos que chegaram mais tarde a seu novo *habitat*. Por outro lado, os negros do Congo importados em maior número para o Novo Mundo nas proximidades do fim do período de escravidão, vieram num momento em que a sua cultura foi estabelecida na base de uma cultura trazida dos costumes que prevaleceram na área central. Estes costumes se encontravam tão bem estabelecidos neste período, que os que vieram posteriormente nada mais puderam fazer do que se adaptar ao que encontraram funcionando em completa força. Essa presunção parece confirmada por certos comentários de uma carta que recebi do sr. J. G. Cruickshank, arquivista da Guiana Inglesa, e que aqui passo a mencionar:

"...do que aprendi dos velhos negros... parecia que as três ou quatro nações africanas que em predominante número para aqui foram trazidas impuseram sua língua, crenças, etc., gradualmente aos outros. Com o correr do tempo não havia uma suficiente minoria de tribus em estado de tomar parte em costumes, dansas e semelhantes, ou mesmo para continuar com a língua. Ninguém foi deixado para falar! As crianças ao crescerem escutavam uma outra língua africana mais frequentemente que a sua própria; eram até vítimas de risos quando pronunciavam algumas das suas palavras-mães — e assim com a língua das tribus em minoria e muitas outras — se bem que nunca, provavelmente, todas hajam desaparecido."

Numa discussão desta ordem é impossível dar mais pormenores com relação ao uso de materiais históricos que atestam a origem dos negros do Novo Mundo e às conclusões que tem sido alcançadas

com a utilização destes dados, desde que a esta altura devemos passar a um resumo do nosso presente conhecimento com relação às culturas e tipos físicos dos negros do Novo Mundo. O tipo físico pode ser considerado somente com um ligeiro comentário, desde que, como já foi indicado, nossa informação sobre este ponto não é mais que fragmentária. Somente nos últimos quinze anos tem sido efetuados estudos sobre os resultados do cruzamento do elemento negro-branco-indio nos Estados-Unidos, e praticamente nenhuma pesquisa tem sido levada a efeito neste terreno em nenhuma parte, exceto na Jamaica. Com referência à antropologia física da África Ocidental em si mesma, sentimento-nos da mesma maneira com falta de informações precisas. De quão superficial é o nosso conhecimento das características físicas dos habitantes da região da África Ocidental com os quais estamos mais vivamente preocupados, constitue melhor indício a declaração, que aqui faço, de que as medidas que me foi possível tomar ali enquanto me encontrava no terreno em 1931, as quais incluem materiais de algumas séries de não mais de trezentos entes masculinos, representam atualmente o maior conjunto de informações disponíveis sobre africanos desta área. Em virtude deste precário estado de nossas informações, temos de nos limitar a indicar os problemas desta área que podem mais vantajosamente ser estudados no futuro. Um destes é o efeito sobre o puro tipo de negro vivendo em um novo ambiente. Outro, relaciona-se com a análise dos resultados do cruzamento entre africanos ocidentais e os vários grupos de europeus e índios americanos, com os quais eles tem estado em contacto há cerca de trezentos anos. Naturalmente, todos os habituais problemas antropométricos devem ser estudados entre os negros da África Ocidental e os do Novo Mundo, mas é especialmente importante que nos certifiquemos se o crescimento das crianças negras difere do crescimento das crianças européias e índias; portanto o estudo básico destes problemas torna-se a tarefa elementar ao se descreverem os tipos de negros encontrados em várias áreas da África e do Novo Mundo.

O etnologista preocupado com o problema de estudos comparativos do negro, bem como o antropologista físico, necessita de mais dados do que os que possui à mão, embora, tudo isto considerado, ele se ache em melhor situação que seu colega preocupado com o tipo físico. Inúmeras pesquisas modernas sobre as culturas da Costa de Ouro e Daomei tem sido publicadas para melhor descrever as civilizações com que foram doados os escravos destes reinos. Nos últimos três anos, intensos estudos se tem efetuado em Nigéria, ao longo do Ioruba, do Ibo e do Haussa, estudos cujos resultados, quando publicados, aumentarão vastamente as nossas fontes. A única região desta

área que foi centro do comércio de escravos, com relação à qual nos falta informação baseada em métodos modernos de investigação, fica ao longo do golfo de Benin, a Oeste da boca do Rio Niger. Se bem que um grande número de escravos haja vindo de Malabar, nenhum trabalho sistemático sobre as culturas deste particular distrito foi levado a efeito. A Costa de Marfim e os Cameruns, que são fronteiriços a esta região central no Oeste e Este, respectivamente, devem ter fornecido contingentes de escravos, contudo em menores proporções, e aqui também, infelizmente, é deficiente nossa informação. O Norte do Senegal e a parte oeste da bacia do Congo desempenharam papéis mais importantes. Possuímos materiais de considerável valor com relação ao Senegal, porém necessitamos de mais ainda; o estudo das tribus do Congo constitui um terreno quase inteiramente não trabalhado dentro do moderno método etnográfico.

Nossos materiais sobre o Novo Mundo também variam em qualidade e quantidade ao passarmos de uma região para outra. Infelizmente para aqueles que estão interessados no estudo completo da cultura, os dados disponíveis para estudo, em geral, referem-se tão particularmente à vida religiosa de muitos destes povos, que mesmo quando tais dados são excelentes, como acontece em muitos casos, pouco sabemos com relação aos aspectos diários da vida dos grupos discutidos. Existem duas razões para isto, ambas as quais são de fácil compreensão.

Os estudos dos negros do Novo Mundo são essencialmente do tipo chamado estudos de aculturação, isto é, que procuram compreender os resultados do contacto cultural. Ora, é de fácil observação que quando os estudos desta espécie tem como objetivo a análise da ação entre uma civilização européia e outra não-européia, eles tendem facilmente a concentrar a atenção nos aspectos não-europeus do fenómeno estudado. Isto é devido em parte à tradição da etnologia em si própria, que nos faz considerar as culturas não-europeias como o nosso terreno especial. É igualmente devido, entretanto, ao fato de que aqueles de nós para quem as tradições da Europa e da América constituem a nossa própria herança estão inclinados a passar de largo sobre a consideração dos aspectos europeus de uma cultura híbrida, tomando-os mais ou menos como fatos aceitos. Isto, afinal, resulta do fato humano e natural, incontestável, de que os mais pitorescos aspectos da vida são mais interessantes do que aqueles que a nós parecem óbvios e ordinários.

É assim em Haiti, onde só muito raramente se encontram escritores que mencionam os importantes elementos católicos no culto *vodum* dos camponeses. Para os europeus como para os haitianos, é muito mais interessante estudar a possessão pelo

loa — os deuses — e os rituais mágicos deste culto, do que considerar as orações e hinos da igreja, os quais, para o devoto, são partes integrantes dos ritos *vodum*. Ainda assim, do ponto de vista da pesquisa científica, cada elemento deve ser tratado com igual atenção. Ainda mais, é interessante notar-se que praticamente todos os estudos dos negros da Guiana Holandesa tem sido inteiramente relacionados com os negros do mato, com esquecimento dos negros mais europeus da zona costeira, a despeito do fato de que estes últimos são idênticamente de grande importância para os fins da análise científica.

O que encontramos aqui é inteiramente comparável à convenção metodológica que tantas vezes preside ao trabalho dos etnólogos com relação ao valor especial atribuído a informações obtidas de pessoas antigas. Poder-se-á, entretanto, assegurar que são somente os mais velhos que podem dar informação verdadeira? Não depende isto, em grande parte, do tipo de informação que se deseja obter? Se estou, por exemplo, interessado em mitos de uma tribo africana, é evidente que necessito procurar os mais velhos, que são os únicos que conhecem as versões exotéricas, às quais os nativos ligam a maior importância. Mas quanto ao meu próprio interesse pela natureza e desenvolvimento da cultura ou pela reação entre uma cultura e os indivíduos que são seus representantes, as idéias de um jovem com relação aos mitos da sua tribo são igualmente importantes, mesmo que elas sejam decomposições das "verdadeiras" versões somente conhecidas pelos mais velhos. Quanto aos aspectos da vida nativa, tais como as suas fases econômicas e tecnológicas, o testemunho de quase qualquer membro da tribo que tenha um conhecimento médio dos modos de viver das mesmas pode fornecer informações valiosas. De fato, do ponto de vista do método, torna-se assim claro que, de uma forma ou de outra, os aspectos mais comuns de culturas (isto é, quanto ao nosso assunto do momento, o aspecto europeu da cultura do negro do Novo Mundo em comparação com as suas mais exóticas fases africanas) são para o etnólogo um assunto de estudo tão proveitoso quanto as fases "primitivas" destas culturas híbridas que são mais além removidas da tradição européia, e por isto menos familiares a nós.

As razões dos aspectos não-religiosos da vida do negro do Novo Mundo são tão pouco conhecidas quando as comparamos com o nosso conhecimento das crenças supernaturais e ritos religiosos deste mesmo povo, que devem também ser consideradas como provenientes de uma outra causa, desde que esta importância verdadeiramente reflète valores culturais de fundo africano. Afirmando que os negros concentram o seu interesse mais

na religião do que noutros aspectos da sua cultura, não desejo de forma alguma sugerir que os negros da África Ocidental ou os do Novo Mundo estejam preocupados com a contemplação do sobrenatural com exclusão de outras faces da sua vida diária. Nem desejaria eu indicar que estamos tratando de um exemplo daquelas "indicações" semimísticas que alguns pensam caracterizar cada cultura. Desejo unicamente dizer que quando observamos as civilizações humanas no mundo, colhemos a impressão de que todo povo, em um dado período de sua história, se interessa mais por um aspecto de sua cultura do que por outros. No caso da nossa civilização é óbvio que as questões que mais facilmente nos prendem a atenção e pelas quais é dominada a nossa existência não são religiosas, mas essencialmente pecuniárias e mecânicas. No caso dos negros da África Ocidental e do Novo Mundo, o fenómeno correspondente é encontrado nas atitudes do povo para com a religião.

Em meu próprio campo de trabalho entre o pessoal negro, tem-se tornado evidente que é muito mais fácil conservar a atenção e interesse dos informantes quando discuto com eles questões de religião ou magia do que quando me interesso pelo comércio, economia da produção ou regras de organização social. Fato, pois, particularmente digno de registro: é justamente no terreno das crenças e práticas religiosas que os africanos se tem mantido com as maiores forças em todo o Novo Mundo. Por um lado isto deriva da situação histórica em que os próprios negros se encontraram. Mas isto não é inteiramente certo, porquanto verificamos que naquelas áreas onde as tradições africanas tem sido atacadas com igual força em todas as frentes é que os traços religiosos de cultura africana tem demonstrado a maior resistência às pressões dos modos de existência europeus. Qualquer que seja o caso, permanece de pé esta verdade: a maioria dos estudos sobre negros do Novo Mundo pouco diz com relação aos aspectos de cada dia de sua existência ou passam por eles inteiramente alheios.

*

É claro, portanto, que possuímos sómente muito poucos dados etnográficos sobre as culturas do negro do Novo Mundo. O estudo de Beckwith sobre a vida dos negros da Jamaica, as descrições que a sra. Herskovits e eu tivemos o privilégio de oferecer sobre as culturas dos negros do mato e dos da cidade, da região de Suriname, e esta que fiz sobre os costumes dos camponeses haitianos, talvez se enquadrem sózinhas dentro desta categoria. Felizmente, os estudos que tratam de elementos

destas culturas são mais numerosos. Entre outros a serem notados, acham-se os excelentes trabalhos de Ramos, Freire e outros, do Brasil, os de Price-Mars e Dorsainvil, de Haití, e os de Ortiz, de Cuba, todos os quais nos dão importantes descrições da vida religiosa e de certos aspectos dos costumes do povo. O mais importante nestes trabalhos é o fato de que seus autores fazem uma análise completa do sincretismo entre crenças europeias e africanas encontradas nos dados que eles utilizam. Nos Estados-Unidos, exceto dois ou três estudos da vida social, apenas descrições da magia, histórias do povo, provérbios e enigmas estão ao nosso alcance. Até este momento não se publicou nenhum estudo completo sobre uma única comunidade negra da América do Norte, escrito por um estudioso capaz de mostrar onde os africanismos tem persistido e continuado a desempenhar o seu papel social. Na verdade, nenhum estudioso até agora tentou um estudo sobre qualquer aspecto da vida do negro nos Estados-Unidos associado às culturas correlatas da África Ocidental ou a costumes de negros que vivem noutras partes do Novo Mundo. Finalmente, quanto aos costumes dos negros que habitam as ilhas menores do Mar dos Caraíbas ou que vivem na América Central, somos quase inteiramente ignorantes, exceto quanto a estudos do folclore, assunto sobre o qual Parsons, Beckwith e outros tem fornecido muito material.

Posso agora ligeiramente considerar algumas dentre as descrições das culturas do negro do Novo Mundo que tive oportunidade de estudar, apontando sua significação em face do problema que nos ocupa. Na Guiana Holandesa, onde os africanismos tem sido conservados na sua mais pura forma, vivem três tribus de negros do mato. Suas línguas são uma mistura de africano, português, inglês e palavras holandesas, tudo isto pronunciado, como em toda parte do Novo Mundo, de acordo com as regras de fonética da África Ocidental, e organizado de acordo com as formas gramaticais das línguas dos antepassados. A organização social dos negros do mato é como a dos povos da Costa de Ouro. Seu número pequeno, em comparação com a quantidade dos que habitam os reinos da África Ocidental dos quais provieram seus antepassados, tem determinado certas mudanças na sua vida econômica. Os mercados existentes em toda parte nos seus países de origem não são encontrados entre eles, enquanto que, no tocante ao uso do dinheiro, suas moedas são as moedas da Holanda. Eles usam sómente a concha "caury", o dinheiro aborigene da África Ocidental, para fins decorativos e magias. Ao mesmo tempo apresentam tipos de trabalho agrícola, e certas tradições de trabalho cooperativo que hoje são também características da África Ocidental.

Estes negros tem conservado as formas africanas de organização política, a despeito do fato de que no mato de Suriname os enormes poderes do rei, que caracterizam os impérios da África Ocidental, tem dado lugar a um sistema sob o qual são exercidos controles por tribus e chefes de vilas. Aqui testemunhamos talvez um retrocesso análogo ao verificado nos tempos antigos entre os pequenos principados semiindependentes que existiam na África Ocidental antes do desenvolvimento dos grandes reinados, principados que ainda hoje existem naquelas áreas onde as maiores unidades não estabeleceram sua soberania antes do período da conquista européia. A instituição africana que mais nos impressiona é a escravidão. Como em outras partes do Novo Mundo, os negros do mato, havendo tido a sua experiência de servidão, tem-na evitado, em defesa da sua atual liberdade.

A vida religiosa dos negros do mato é inteiramente africana. Encontramo-los adorando *Nyankompon* ou *Nyame*, o grande Deus das tribus Axanti-Fanti, *Asaase*, a mãe da terra, *Opete*, o urubú, e outros deuses da Costa do Ouro. Estes negros adoram deuses dahomeanos como *Legba*, *Gedeonsu*, *Afrikete*, *Aisa*, *Aido Wedo* e muitos outros, do mesmo modo e pelas mesmas razões por que são adorados na África Ocidental, e tem continuado o culto da serpente em sua adoração do *Dagowwe*, do *Vodum* e de outros reptéis. Eles conhecem os deuses do Congo, *Zamba* e *Ma Bumba*, assim como também numerosos deuses ioruba, tais como *Xangô*, *Iemanjá*, e outros. Poderia citar-se uma longa lista de outros cultos transportados, a qual incluiria a natureza sacra do *hohobi* ou gêmeos, os diferentes tipos e nomes de tambores, todo o complexo do ritual, que consiste em dansas, cantos e transes em que entram os possuídos pelos deuses, e, acima de tudo, a organização do mundo sobrenatural e a concepção do universo.

Em grau idêntico a tradição aborígene tem-se mantido com todo o vigor na vida estética, como é visto em esculturas de madeira, no folclore e na música deste povo. O dr. Kolinski, que transcreveu cantos colecionados por mim entre os negros do mato e no Haiti tais como aqueles que registrei em Daomei e na região do Ioruba e Axanti — foi capaz de isolar, tanto nos cantos dos negros do mato como nos dos haitianos, as progressões de tons e motivos rítmicos, cuja proveniência africana pode ser claramente constatada.

Em Haiti, a influência européia manifesta-se mais do que entre os negros do mato, mas não há falta de material para reclamar a atenção dos interessados para o problema de sobreviventes africanos. Já indiquei a maneira pela qual o culto *vodum* em Haiti representa um sincretismo da crença africana e da ca-

tólica européia, muito idênticamente a Cuba e ao Brasil; o fato interessante é que encontramos combinações similares em outros aspectos da vida haitiana. A organização econômica é a muitos respeito europeia na forma, mas as sociedades cooperativas de trabalho do tipo africano tem sido conservadas em todo o seu vigor e com toda a sua importância, enquanto que é difícil distinguir-se o mercado haitiano destes centros comerciais da África Ocidental. Quanto às formas de casamento, os sincretismos entre as tradições poligâmicas da África e as regras de casamentos monogâmicos da Europa são patentes na instituição conhecida como *placage*. Se bem que as instituições européias tenham geralmente prevalecido sobre as da África no domínio da organização social, — quando passamos para as manifestações do culto ancestral, novamente encontramos sincretismos nos ritos de funerais e serviços dos mortos, os quais, embora principalmente católicos na forma, são sancionados por crenças e acompanhados de ritos inteiramente africanos.

Em toda parte do Novo Mundo não é tão fácil discernir sobreviventes da cultura africana. Naturalmente, quando analisamos um jogo como o *adji* (*wari*), é uma questão simples identificá-lo como uma peculiaridade da cultura africana, particularmente quanto todo o complexo de costumes que acompanha a associação deste jogo com a do culto dos mortos tem sido igualmente conservado. Manifestações de magia africana são encontradas em toda parte, mesmo onde a repressão deste tipo de atividade tem sido a mais forte. Na verdade, pareceria ser nos países não-católicos que a magia desempenha o seu mais importante papel, especialmente onde a atividade missionária tem sido de grande sucesso e onde, como nos Estados- Unidos, todos os negros se consideram cristãos.

De um modo geral, pode-se dizer que os africanismos tem persistido mais teimosamente nos sutis e mínimos aspectos objetivos da cultura — em atitude, ponto de vista ou gesticulação motora. Somente depois de longo e repetido contacto é que se pode ser bem sucedido no descobrimento de africanismos desta sorte nos gestos e movimentos dos negros em várias partes do Novo Mundo — em suas atitudes fundamentais e psicológicas e nas crenças interiores que são na maioria dos casos tão eficientemente escondidas do estudioso inquiridor. Esta bem reconhecida reserva dos africanos é, na verdade, um aspecto tão vivo das reações características dos negros do Novo Mundo como o é dos negros da África. Na mesma base se apoia o fato de se encontrarem em toda parte, mesmo nos Estados- Unidos, atitudes que derivam das relações íntimas entre mãe e filhos, fato que é tão fundamental na psicologia africana e contribue com tipos para

a manutenção da família que são inteiramente diferentes das características estruturais da família encontradas entre os indivíduos de descendência européia.

*

À luz da discussão anterior, torna-se patente a razão por que o estudo do africano e dos negros do Novo Mundo, num programa bem integrado e simples, deve ser considerado como oferecedor de tão grande recompensa para a nossa compreensão dos dois tipos de problemas, práticos e teóricos, relacionados com o comportamento humano e os processos da civilização humana. Esta porção de trabalho necessária para nos dar completa informação sobre este problema, ainda tem que ser feita, mas de nenhum modo depreciada em sua importância. As massas de negros encontradas em todo o Novo Mundo tem desempenhado um papel apreciável, e, em muitos países, de considerável importância, no desenvolvimento das suas culturas atuais. Como mostramos, as diferenças entre as tradições ancestrais dos americanos que vieram da África e da Europa devem ser compreendidas em toda a sua possível extensão, se a algum resultado se deseja chegar. No caso dos negros provenientes de civilizações complexas sem línguas escritas, isto significa que se deve recorrer às técnicas etnológicas como também às históricas, se este passado for tomado em conta no mesmo grau que as doações culturais históricas européias dos povos do Novo Mundo.

Mas o conhecimento de tais fatos é sómente o começo da nossa análise, cuja finalidade é compreender o que aconteceu a estas diferentes tradições quando elas entraram em contacto recíproco e com as culturas aborígenes dos habitantes índios do Novo Mundo. Como tem tudo isto convergido e como funciona hoje? Em que extensão tem sido considerados pelos índios e brancos os modos e comportamentos africanos? Em que extensão tem sido eles conservados pelos descendentes dos seus portadores originais e, assim, tendem a diferenciar os negros dos seus compatriotas habitantes dos varios países do Hemisfério Ocidental?

Nos Estados-Unidos, pelo menos, e penso que em toda parte, existe uma tendência para dispensar menos atenção às realizações culturais dos africanos do Ocidente e para menosprezar seriamente a tenacidade que estas tradições tem mostrado sob as forças e pressões da escravidão. Não é por certo reconhecido geralmente, em nenhuma parte, quão artificiais, complexas e ainda assim bem integradas eram e ainda são as civilizações daquelas regiões da África onde na maioria os antepassados dos negros

do Novo Mundo foram escravizados. Certamente poucos estudiosos em qualquer país tem percebido a necessidade da compreensão de tais fatos, quando desejamos conseguir uma perspectiva correta, ao estudarmos a situação interracial no Novo Mundo com uma essencial clareza de visão, se é que o povo negro está destinado a ter em toda parte uma oportunidade adequada para ocupar o seu lugar no sistema social do qual faz parte.

O mais importante de tudo é a significação deste vasto corpo de materiais que aumenta a nossa compreensão do trabalho da civilização humana em geral. Comparando os resultados de tão minuciosa análise científica sob o controle histórico destas relacionadas culturas africanas e do Novo Mundo com outros estudos de situações similares em diferentes partes do mundo, poderemos eventualmente alcançar conclusões verdadeiras com relação ao funcionamento da cultura humana, à maneira pela qual o costume afeta a vida humana e como as tradições são afetadas pelas diferentes personalidades dos seus portadores.

MELVILLE J. HERSKOVITS

(no 69, cap. XXI) MA. MMA. 197
 309
 Proprietários ianques, se reuniram em 1810, no Capitólio de Washington, para avaliar a condição dos negros libertados. Dissensões, etc. e no ano de 1820 a sociedade tomou orientação prática viável. Em 1821 se adquiriu dos chefes indígenas o território que abraça o cabo Mesurada, 130 milhas de costa com 40 milhas de profundidade. Assim se fundou a república negra da Libéria, que entre dificuldades, medonhas de 1822 a 29, principalmente vencidas pela perseverança do preto J. Ashmun, construiu sua capitalzinha, Monróvia, que perpetuava o nome de Monróe necessariamente partidário do repatriamento africano. Vários aldeamentos, vilas e cidades se construíram na ~~esta~~ república nova que teve suas províncias, ~~com~~ uma com 4 outra com 6 representantes formando um corpo de-

gislativo a escravidão e tráfico hu-
mano. Nenhum branco podia
ficar proprietário lá. O 1º go-
vernador foi José Roberto, 1841,
que dirigiu satisfatoriamen-
te o estado prospero que lhe
veio às mãos contando 9 ci-
dades, 20 igrejas, 10 escolas, 2
jornais, 4 tipografias. A inde-
pendência lhe foi dada
pela ~~somite~~ sociedade de
colonização ianque em 1847
Outra republica vizinha
foi criada por imitação,
por gente de Baltimore,
a Maryland in Liberia
que recebeu os direitos
de independência em 1854

Comentar sobre isso
geografias atuais e
o n.º 46

Notação:

MA- MMA 97- 309

Análise documentária:

Autógrafo a grafite utilizando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (11,5 x 6,7 cm); manchas de fungo; rasgamento na borda superior; f.309.

Transcrição:

[Preto]/ (nº69, cap. XXI)/ Proprietarios ianques se réu-/niram 1810, no Capitolio de/
Washington, pra melhorar/ a condição dos negros liberta-/dos. Dissenções etc. e só em/ 1820 a
sociedade tomou orien-/tação prática[vianal]. Em 1821/ se adquiriu dos chefes indi-/genas o
territorio que cerca/ o cabo Masurada, 130 milhas/ de costa com 40 milhas de/ profundidade./
Assim se/ fundou a republica da/negra Liberia, que entre/ dificuldades medonhas de/ 1822 a 29,
principalmente ven-/cidas pela perseverança do/ preto J. Ashmun, construiu/ sua capitalzinha,
Monro-/via, que perpetuava o no-/me de Monroë necessa-/riamente partidário desse/
repatriamento africano./ Varios aldeamentos, vi-/lãs e cidades se construi-/RAM na ~~Est~~
republica/ nova que teve duas províncias,/ ead uma com 4/ outra com 6 representantes/
formando um Corpo le-/gislativo [ilegível] compl/ta de (escravidão) e trafico hu-/mano.
Nenhum branco podia/ ficar proprietario lá. O 1º go-/vernador foi José Roberto, 1841,/ que
dirigiu satisfatoriimen-/te o estado prospero que lhe/ veio às mãos contando 9 ci-/ dades, 20
igrejas, 10 escolas, 2 /jornais, 4 tipografias. A inde-/pendência lhe foi dada/ pela ~~somite~~
sociedade de/ colonização ianque em 1847/ =/ Outra republica vizinha/ foi criada por imitação,/
por gente de Baltimore,/ a Maryland in Liberia/ que recebeu os direitos/ de independência em
1854/ =/ Comentar sobre isso/ geografias/ atuais e/ o n.º46 / =

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº69: JACOBS, Alfred. *L'Afrique Nouvelle*. Paris: Didier, 1862.

P. 364-368:

« Chapitre XXI – Experiences sur les noirs – Le Liberia »

364

EXEMPLE DONNÉ PAR HAÏTI.

décider qu'elle est incapable de bien se diriger elle-même. C'est Haïti. Cette terre, une des plus riches du monde, si prospère sous la colonisation française, est retombée dans le chaos, l'anarchie; elle est redevenue improductive dès que les noirs en sont devenus propriétaires. Il est vrai qu'à cela il y a peut-être quelques causes particulières, telles que la trop grande rapidité de la réaction qui d'une terre servile a fait, sans transition, une terre libre; les excès de dureté auxquels s'étaient trop souvent laissés aller les anciens maîtres, et qui n'étaient pas faites pour améliorer la nature farouche des noirs et leur donner quelques principes d'une éducation humaine. Cependant cet exemple d'Haïti ne doit pas être concluant et décisif, parce que nous en avons un autre à lui opposer à la côte même d'Afrique : c'est le Liberia, qui, sans donner encore des résultats de civilisation et de société très-complets, nous fait cependant nettement voir quelle influence et quels avantageux résultats une salubre éducation, un développement intellectuel et moral bien entendus, de sages exemples et une direction bienveillante peuvent produire sur la race noire.

C'est à une idée toute philanthropique qu'est due la fondation du Liberia. Profondément touchés de la misère des esclaves noirs et de la difficulté que ceux qui avaient pu se libérer trouvaient à vivre aux États-Unis, quelques-uns des propriétaires les plus éclairés et les plus riches de l'Amérique du Nord se réunirent, il y a une cinquantaine d'années, avec l'intention de chercher

les moyens d'améliorer la condition des noirs. Ce fut en 1810 qu'eut lieu, au capitol même de Washington, le premier meeting où fut publiquement débattue cette question, et une Société s'organisa pour la colonisation des hommes de couleur libres des États-Unis ; mais tant de circonstances paralysèrent la bonne volonté des fondateurs de la Société, que leurs desseins ne revêtirent une forme réalisable qu'en 1820. Il fut décidé alors qu'une ville serait fondée sur la côte occidentale d'Afrique, et destinée à devenir le centre de l'État dans lequel devait être tentée une épreuve et jugée une question qui intéressait une branche entière de l'humanité : les noirs sont-ils susceptibles d'être civilisés par l'éducation ?

Quatre-vingts noirs et des agents américains furent envoyés à la côte des Graines. Une mortalité terrible réduisit d'un tiers cette première expédition ; on ne se découragea pas cependant : l'Afrique tropicale et la côte la plus rapprochée de l'Amérique pouvaient seules convenir aux projets de la Société de colonisation. A la fin de 1821, le territoire qui environne le cap Mesurada, dans une étendue de cent trente milles de côtes et de quarante milles de profondeur, fut acquis des chefs indigènes, et la Société en devint propriétaire aux termes d'un traité régulier conclu par ses agents avec quelques petits rois de la côte. Ce n'était pas tout cependant que d'avoir conclu un contrat, il s'agissait de le faire respecter par les nombreux principicules nègres qui n'avaient pas eu le bonheur de traiter avec les Américains. Aussi,

quand les convois de noirs émancipés arrivèrent pour prendre possession du sol qui venait d'être acquis, quand ils se mirent à abattre les grands bois qui couvraient ce littoral pour bâtir les premières huttes de la ville nouvelle, plusieurs chefs indigènes se jetèrent sur eux à la tête de leurs tribus pour faire acheter leur amitié. Tout en défrichant, tout en construisant, il fallut combattre.

De 1822 à 1829, il y eut ainsi une période de difficultés sans cesse renaissantes qui ne furent surmontées que par l'énergie, la persévérance et le dévouement des agents de colonisation, notamment de J. Ashmun, homme de couleur qui succomba en 1828 aux fatigues de la tâche qu'il s'était imposée. Du moins ce fondateur du Liberia put-il voir en mourant que sa peine ne serait pas stérile, car à cette date commençait à s'élever sur le cap Mesurada, avec des maisons de pierre, des chapelles, des écoles, un hôpital, un petit fort, une véritable ville à laquelle fut donné le nom de Monrovia, en l'honneur du président Monroë, qui s'était montré un des plus chauds partisans de la Société de colonisation.

Désormais l'existence du Liberia était assurée; une imprimerie fonctionnait à Monrovia et y fondait le *Liberia-Herald*, organe des intérêts coloniaux, qui depuis n'a pas cessé de paraître. Des missionnaires américains avaient visité la jeune colonie et constataient la moralité des noirs et leur louable émulation à bien faire; parmi les nègres libres des États-Unis, tous ceux qui avaient la force de secouer l'indolence native et qui sentaient

s'éveiller en eux le sentiment de la dignité humaine prenaient le chemin du Liberia. La colonie s'étendait en même temps, par de nouvelles acquisitions de territoire, au delà des limites étroites qui, primitivement, lui avaient été assignées. Un chef de la côte, nommé Bah-Grey, se montra, par une heureuse exception, très-disposé à favoriser les idées américaines, et deux nouveaux comptoirs, deux petites villes, Edina et la colonie du cap Monte, s'élevèrent, l'une au sud, l'autre au nord de Monrovia. Quelques chefs indigènes favorisèrent les nouveaux établissements; ceux qui se montrèrent hostiles furent repoussés.

En 1835, la Société particulière de colonisation de l'État de Pensylvanie créa, vis-à-vis d'Edina, sur la rivière Saint-Jean, une nouvelle ville, Bassa-Cove, qui, après quelques vicissitudes, prospéra comme ses voisines. En 1859, les règlements institués par la grande Société de colonisation furent convertis en système général d'organisation politique, applicable aux diverses colonies et centralisant le pouvoir à Monrovia : un gouvernement, assisté d'un conseil, sorte de corps législatif, reçut le droit d'édicter des lois subordonnées à l'assentiment du conseil de colonisation. Le territoire était divisé en deux comtés : le premier, composé des districts de Monrovia, Caldwell, Millsbourg et New-Georgie, prenait le nom de comté de Mesurada; le second, comté de Bassa, comprenait Bassa-Cove, Marshall, Bexley et Edina. Les deux comtés devaient envoyer au corps

législatif, celui-ci quatre, celui-là six représentants.

Ce règlement assurait à la société naissante le jugement par le jury; il interdisait l'esclavage et tout trafic d'esclaves. Aucun blanc ne pouvait devenir propriétaire foncier en Liberia. Cette organisation nouvelle trouvait la colonie dans un état très-prospère : Liberia comptait neuf villes, quatre imprimeries, deux journaux, vingt églises, dix écoles. Le gouverneur, Joseph Roberts, placé en 1841 à la tête du petit État, eut le mérite et le bonheur de se concilier la plupart des chefs du littoral et de conclure un traité d'alliance intime avec les puissants Kroomen, qui s'étendent des confins du Liberia au cap Palmas, dans la direction du sud. Le chef Bah-Grey, qui s'était constamment montré fidèle ami des Libériens, menacé par des chefs de l'intérieur qui l'accusaient de leur porter préjudice par la suppression du trafic des esclaves, annexa ses États à la communauté libérienne. L'agriculture, le commerce, l'industrie, se développaient. Enfin, en 1847, l'état de la colonie était tel, que la Société de colonisation jugea le moment venu de frapper un grand coup et de compléter l'expérience qu'elle avait entreprise en déclarant le Liberia digne de s'administrer lui-même et en proclamant sa liberté politique. Une circonstance hâta cette détermination; les bâtiments anglais qui venaient commercer sur les côtes de la colonie refusaient de s'y soumettre à aucune taxe, sous prétexte qu'elle n'était pas un État, mais le comptoir d'une société particulière. Ce

Nota da pesquisa:

MA não indica as páginas referentes a este terço, no entanto foi possível identificá-las.

No manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá*, após a indicação da obra, Nota MA: "Fernando M. de Almeida". Obra consultada no site <http://books.google.com>, onde pode ser lida na íntegra.

Documento 289:

MA-MMA-97-310

Negros

Raças no Rio

Angolas, Congos,
Cabendas, Quili-
manos, Benguelas,
Moçambiques, Mi-
nas.

E mais raros: Ca-
pundas, Rebolos,
Anjicos, Gabãos
Cajenges, Mom-
bassas

nº 110, II, 89

Notação:

MA- MMA 97- 310

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.310.

Transcrição:

Negros/ Raças no Rio/ Angolas, Congos/ Cabendas, Quili-/manos, Benguelas,/ Moçambiques, Mi-/nas./ E mais raros: Ca-/pundas, Rebolos,/ Anjicos, Gabãos/ Cajenges, / Mom-/bassas/ nº 110, II, 89

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

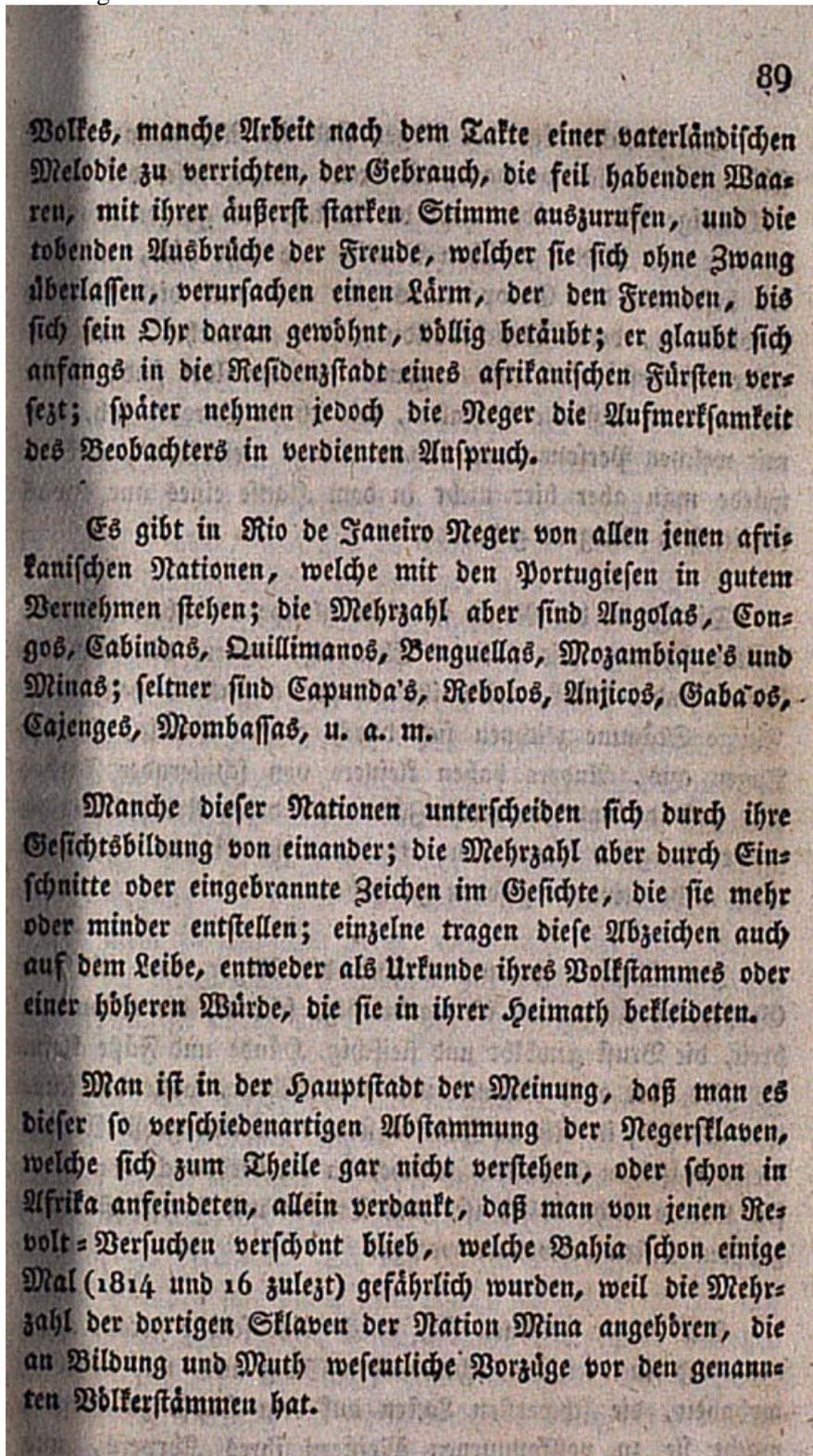
Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

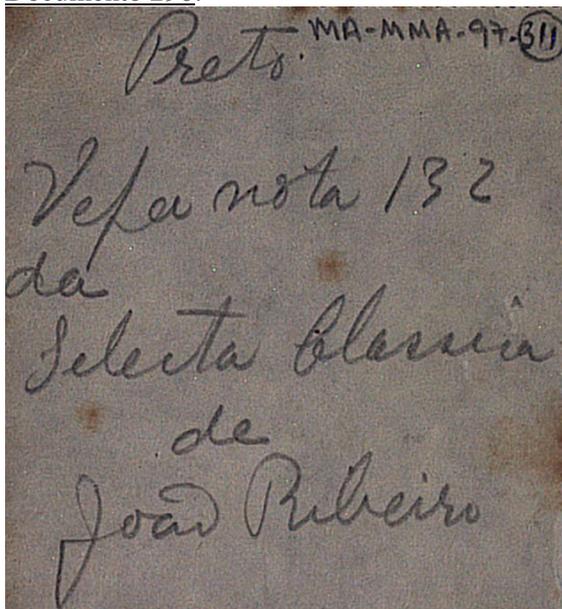
BPG: nº 110: WEECH, J. Friedrich. *Reise über England und Portugal nach Brasilien und den vereigten Staaten des La- Plata-Stromes während den Jahren 1823 bis 1827.* München, Fr. X. Auer, 1831, v. 2. (BYAP)



Nota da pesquisa:

No manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá*, após esta indicação bibliográfica, Nota MA: "Weech esteve no Brasil por 1827 e antes"

Documento 290:



Notação:

MA- MMA 97 - 311

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.311.

Transcrição:

Preto/ Veja nota 132/da/ Selecta Clássica/ de/ João Ribeiro

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

RIBEIRO, João. *Selecta Clássica*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1905. (IEB/YAN)

Renuncia

A Dom Frei Bartolomeu quando renunciou ao Arcebispado, perguntou-lhe um fidalgo como se achava depois que se tornara a encerrar n'aquelles claustros. Respondeu com rosto alegre:

«Acho-me como negro ferro, a quem tiraram uma braga muito pesada, que arrastou vinte e quatro annos com grande trabalho e grande desconsolação.

E acrescentou: «Ora desengane-se o mundo (e creiam-me como a experimentado e acutilado) que o que lá chamam dignidades e cargos honrosos, não têm mais de seu que aquellas vistas e representação de magestade, que tudo o mais são perpetuas occupaões e cuidados, e são mais d'elles mui penosos.

«E o que é pior, carregam a consciencia com montes de escrúpulos, e poem em risco a salvação sem mais premio muitas vezes que um leteiro pomposo e vão para os ossos secos da sepultura.

«Por isso dou infinitas graças a Nosso Senhor que me livrou de um mar sempre alterado, sempre tormentoso, e me trouxe a este porto de quietação, onde me parece que já começo á lograr os bens da gloria.» (132)

Lus. IX, est. 76; e ainda mais livremente IX, est. 60, e M. Bernardes nas *Armas da Castidade* (pg. 410, 412 etc. do vol. II dos *Varios trabalhos*, 4ª ed. 1737) A idéa do morrer por violenta e dura tambem é costume represental-a por euphemismos e periphrazes: *dar o alma ao Creador, passar d'esta a melhor sta.*; em *Camões*, IV est. 69; V, est. 48; X, est. 54; em *Heitor Pinto — Imagem*, I, 402, 407 etc. da ed. de 1843; «meu pae que *Deus tem*» *Barros — Clar.* III, 261.

(132) Negro e preto. Parece que a expressão negro, sobre sêr a mais

Milagre de esposa

Estava Dom Francisco em Lisboa, só e em negocios da sua casa. Amanhece um dia salteado de uma febre com incendimento temeroso, que crescendo por horas acomettem a cabeça e deu em modorra. Desconfiaram os medicos. É cousa de espanto como abre os olhos e entendimento qualquer tribulação: só por isto se deviam desejar as doencas. Ensinou a força do mal ao enfermo que tinha em *Santarem* (era sua residencia ordinaria nesta villa) e dentro em sua casa melhor medico que todos os de *Lisboa*, e que só lhe podia dar saude. sem estudar por *Hippocrates* nem *Avicena*: o qual era dona *Jeronyma*, sua mulher.

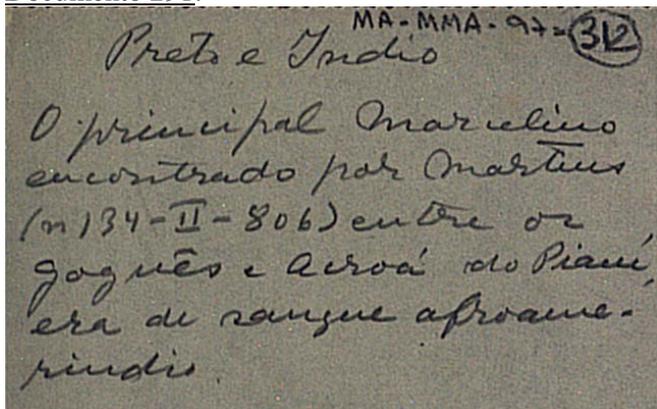
propria, é a mais antiga na designação da raça; emprega-se exclusivamente *Zurara* na *Conquista de Guiné* todas as vezes que necessita (tres a pg. 400 e ainda a pg. 406, 448, etc. da ed. de Paris; note-se que o vocabulo *preto* é igual a *perito* (adv.) n'este e nos autores coevos; um negro é o personagem da *Fragoa d'Amor* de Gil Vicente, e já no mesmo Gil Vicente, apparece a fórma hespanhola (*Mi cabras blancas y prietas*) mas, quanto á palavra, a lingua portugueza genericamente a possuia, embora não applicada á raça negra. Parece-me obscura a etymologia de *preto*, a não contentar-se com a fórma castelhana *prieto* que pouco adianta; Meyer Lübke deriva *prieto* de *preire*, o que me parece inaceitavel. Não há necessidade de insistir no vocabulo castelhano, porque desde o seculo XIII ha em Portugal a moeda *reaca pretos* (Viterbo); o som é do portuguez corresponde a *g* e n'este caso o etymo *pletus* = cheio, de *plere*, satisfaz perfeitamente quanto á fórma; quanto ao sentido haveria mister imaginar uma transição; effectivamente *branco* passou a designar *vasio* (em *branco*) e *preto* designava *cheio* como era o sentido primitivo; d'esta opposição parcial de sentidos resultou uma opposição completa entre *branco* e *preto*, na designação de plenitude e depois côres, raças, etc. Isto explica ainda o sentido de *espada em preto* (não afiada, cheia ou embotada) como se vê em J. de Barros e Moraes, *Loco*. Tambem o facto de que antigamente eram necessarios *dez reacas pretos*, como se chamavam, para perfazer um *real branco*, confirmou o sentido pejorativo do primeiro, applicado á raça inferior. Affirmei acima que genericamente e como substantivo *preto* não designava o

Já como quem via céu claro e sem nevoas, reconhecia por solida e verdadeira a virtude que dantes se lhe figurava hypocrisia, ou superstição. Manda-lhe pedir encarecidamente lhe acuda com sua presença. E estava tanto em si no meio dos accidentes da doença, que na hora que a teve comsigo se deu por são. E, como quem tinha experiencia dos modos porque a podia grangear, pediu-lhe que em seu nome quizesse logo visitar o *Santissimo Sacramento*, e em seu nome confessar-se e comungar.

Louva ella a *Deus* em seu coração, reconhecendo o poder divino e cobrando de tal linguagem grande animo; e deu-lh'o o mesmo *Deus*, logo para antes de sair de casa lhe prometter saude com palavras singelas e humildes

homem da raça negra, porque nos mais antigos documentos sempre se achao designativo negro: *Zurara, Conquista* (pg. 400, terra dos negros; guinéus negros, *ibid*; terra dos negros, 400; uma negra, 411; aquelles negros, 371; etc.) em *Ruy de Pina, na Chronica de D. João II*, tambem se emprega o mesmo epitheto (alguns d'aquelles Negros, pg. 145; negros que Portugal hiam já christãos, pg. 158; um negro christão 172); no *Roteiro de Vasco da Gama*: gente negra, 21; os negros começaram de comer, pg. 7. São estes documentos os do tempo da conquista da Africa e n'elles sempre occorre o designativo negro e não preto; *João de Barros* escrevia da *Ropica* «com tres pretos acham mil soldados» e escreveu sem ambiguidade, por que preto era o nome de uma moeda—(o real preto). Ainda mesmo no correr do seculo XVI continuou como até hoje o designativo negro, mas já apparecem adjectivações como estas «homens que não eram muito pretos» (em *Gaspar Corrêa, Lendas da India*, I, 1ª parte pg. 29), em *Fr. João dos Santos* que na sua Ethiopia Oriental preferia a expressão negro, já se encontram algumas phrases taes: «os mais d'estes cañes são pretos como azeviche» pg. 81; «cañes e mouros, uns pretos outros brancos» pg. 164; «entre cates vivem alguns mouros pretos» pg. 231. Na *Relação do Pe. Godinho* «em seu lugar tomei um moço preto»; pg. 106 d'esse tempo por diante o epitheto de negro ou preto é indifferente, quando applicado substantivamente, como nome geral, aos negros. O *Pe. Nobrega — Cartas* (ed. *Valle Cabral*, pg. 52 etc.) chama sempre de negros aos indios,

Documento 291:



Notação:

MA- MMA 97- 312

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.312.

Transcrição:

Preto e Indio/ O principal Marcelino/ encontrado por Martius/ (n 134 - II- 806) entre os/ gogues e Acroá do Piauí,/era de sangue afroame-/rindio.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

nen, und diese haben sich an der *Lagoa do Sal* friedlich niedergelassen; der grösste Theil derselben schweift aber noch unabhängig umher, und die Fazendeiros haben das Recht, sich derjenigen von ihnen, welche sie gefangen nehmen können, auf zehn Jahre als Slaven zu bedienen oder sie zu verkaufen. Diese Behandlungsweise stimmt mit den Principien überein, welche zu Anfange des laufenden Jahrhunderts gegen die menschenfressenden *Botocudos* in Minas Geraës und Porto Seguro gesetzlich ausgesprochen worden waren. Dieselben waren nämlich, wegen grausamer Einfälle in die benachbarten Ansiedlungen, als Feinde des Staats, vogelfrei, und bei Gefangennehmung als Slaven erklärt worden, und, so wie in Minas gegen die *Botocudos*, wurden in den Provinzen Goyaz, Piahy und Maranhão zahlreiche Entradas gegen die feindlichen Indianer am *Rio Tocantins* und *Rio Mearim* unternommen, die man, mit dem allgemeinen Namen *Botocudos* bezeichnend, auf gleiche Art als Slaven hinwegführte. Obgleich aber von einem portugiesischen Schriftsteller (*Azaredo Coutinho, Ensaio sobre o commercio de Portugal*, S. 61. 67.) behauptet wird, dass um das Jahr 1758 Horden der *Botocudos* durch die *Coroados* von Minas Geraës aus bis an die Grenzen von Maranhão seyen gejagt worden, so ist es doch durch mehrere Berichte gewiss, dass die Entradas in den erwähnten nördlichen Provinzen nicht sowohl diesen ursprünglichen *Botocudos* (den ehemaligen *Aymorés*), als vielen andern zahlreichen und kriegerischen Stämmen, die zum Theil wie jene die Unterlippe und die Ohren zu durchbohren pflegen, gegolten haben. Von den auf diese Weise gefangenen *Pimenteiras* sahen wir mehrere in Oeiras. Sie gehörten unter die stärksten und gewandtesten Indianer, welche uns bis jetzt vorgekommen waren, und hatten in ihren Gesichtszügen, so wie in ihrer, an Gaumenlauten sehr reichen, Sprache, eine gewisse Freiheit und Festigkeit, die wir an den aldeirten Indianern zu *S. Gonçalo d'Amarante* vergeblich suchten. Die hier vorgefundenen Individuen gehörten zu den Stämmen der *Goguês* (*Gueguês*) und *Acroàs* (*Acroazes, Aruazes*). Sie wurden uns zugänglich durch Vermittelung ihres Vorstandes (*Principal*) MARCELLINO, eines sehr alten, aber noch vollkommen rüstigen, Mannes, der nicht von rein indianischer Abkunft zu seyn, sondern auch äthiopische Mischung zu haben schien, und dem Zuge von João do REGO gegen diese

Botocudos de matar, desarmados
 in Oeiras, Maranhão
 Pimenteiras
 mais tardes

forte

(contina duas
folhas adiante)

Documento 292:

Preto MA-MMA-97 (313)
Numas Touradas a
que assistiu em
S. Paulo, comenta
Martius (n 134-I-225)
a pouca coragem
e inabilidade dos
toureiros que eram
na maioria negros.

Notação:

MA- MMA 97- 313

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.313.

Transcrição:

Preto/ Numas touradas a/ que assitiu em/ S. Paulo, comenta Martius (n 134-I-225)/ a pouca coragem/ e inabilidade dos/ toureiros que eram na maioria negros.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. I. (BMA- B/V/i/134)

Unter den Bewohnern von *S. Paulo* ist der Sinn für europäischen Luxus noch bei weitem nicht so sehr entwickelt als bei den reicheren Bahianern, Pernambucanern und Maranhotten. Bequemlichkeit und Reinlichkeit werden bei der häuslichen Einrichtung mehr bedacht als Eleganz und Pracht, und statt der leichten nordamericanischen Meubles und der französischen Spiegel jener Provinzen findet man in dem Besuchzimmer (*Sala*) eine Reihe schwerfälliger Stühle, die sich auf längst verflossene Decennien zurückdatiren, und einen kleinen Spiegel, worin der Deutsche an der Nürnberger Fassung einen Landsmann zu erkennen glaubt. Statt grosser Glaslampen oder Wachskerzen prunkt eine messingene Lampe auf dem Tische, in welcher gemeiniglich das Oel des Wunderbaumes (*Ricinus communis*) gebrannt wird. In dem gesellschaftlichen Tone bemerkt man eben so sehr noch den verhältnissmässig geringen Einfluss Europa's. Seltener als in den übrigen Capitanien dient hier das Kartenspiel die Unterhaltung zu beleben, um so lauter ist aber das Gespräch, das mit Gesang und Tanz wechselt. Während unseres Aufenthaltes wurde ein Stiergefecht im Circus gegeben. Man bezieht die Stiere aus dem Süden der Provinz, besonders von Curitiba, wo sie durch die freie Lebensart in den ausgedehnten Grasfluren die nöthige Wildheit beibehalten haben. Dieses Mal jedoch schienen die Thiere nicht sehr muthig zu seyn und auch die *Matadores* (meist farbige Leute) an Gewandtheit und Muth ihren spanischen Collegen nachzustehen. Dem Charakter des Portugiesen ist diese Belustigung ohnehin fremd, und in einem Lande, wo die Natur so manchen kräftigen Feind gegen den Menschen bewaffnet, sieht man doppelt ungern das nützliche Hausthier zum Werkzeuge eines so grausamen Spiels gemacht. Auch an dramatischen Festen fehlte es damals in *S. Paulo* nicht. Wir sahen in dem nach moderner Art erbauten Schauspielhause die französische Operette *le Déserteur* in portugiesischer Sprache vorstellen. Die Aufführung entsprach jener Zeit, als Thespis theatralischer Wagen zuerst durch die Strassen von Athen zog. Die Acteurs, insgesamt schwarze oder farbige Leute, gehörten in die Kategorie derer, denen Ulpianus noch „*levis notae maculam*“ giebt. Der Hauptacteur, ein Barbier, rührte seine Mitbürger aufs tiefste. Dass auch die Musik dabei gleichsam noch chaotisch in ihren Urelementen herumsuchte, durfte uns nicht befremden, da ausser der beliebten Guitarre zur Begleitung des Gesanges

MA-MMA 97-314
Preto (134-II-501)

"O meirinho nos conser-
vou acordados, contando
assassinios, os quais, re-
gundo a afirmação dele,
eram ^{tão} frequentes
no Termo das Minas No-
vas que num ano ~~os~~
chegaram a 27, noutro
a 18. Também notou
que portuguez emigrados
sofriam a maior de-
generação e desedu-
cação de seus filhos
que os brasileiros na-
tos e pretendem expli-
car isso principalmen-
te pela educação ~~seu~~
defeituosa em re-
lação aos escravos da

casa, com que na
Europa não se está
acostumado".

Notação:

MA- MMA 97 - 314

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.314.

Transcrição:

Preto (n 134-II-501)/ "O meirinho nos conser-/vou acordados, contando/ assassinios, os quais, se-/gundo afirmação dele, eram tão frequentes/ no Termo das Minas Novas que num ano chegaram a 27, noutro/ a 18. Também notou/ que portuguez emigrados/ mais frequentemente/ sofriam a maior de-/geração e desedu-/cação de seus filhos/ que os brasileiros na-/tos e pretendem expli-/car isso principalmen-/te pela educação/ defeituosa em/ re-/lação aos escravos da/ casa, com que na / Europa não se está/ acostumado."

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

P. 501:

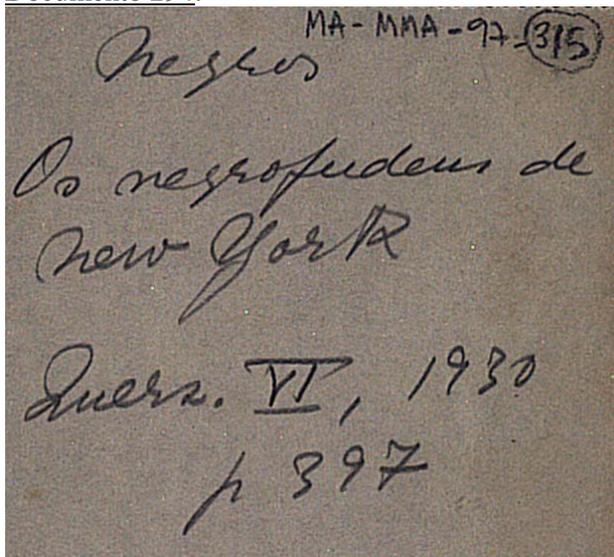
"Fünftes Buch. III. Kapitel. Reise von Tejuco in dem Termo von Minas Novas."

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço á margem do trecho:

"und der Meirinho hielt uns mit den Erzählungen vieler Mordthaten wach, die, nach seiner Versicherung im Termo von Minas Novas so häufig vorkämen, dass in einem Jahre sieben und zwanzig im andern achtzehn gezählt worden seyen. Er bemerkte auch, dass eingewanderte Portugiesen viel häufiger die grösste Ausartung und Sittenlosigkeit an ihren Kindern erlebten, als gebohrne Brasilianer, und wollte dies besonders durch mangelhafte Erziehung im Verhältniss zu den Slaven des Hauses, an die man in Europa nicht gewöhnt sey, erklären."

Documento 294:



Notação:

MA- MMA -97- 315

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.315.

Transcrição:

Negros/ Os judeus de/ New York/ Quers. VI, 1930/ p. 397

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]; [Religião]

Verificação:

GEST, D. von. "Die Negerjuden New Yorks". *Der Querschnitt*. Berlin: Herausgeber, n. 10, v. 6, p. 397, 398, 1930. (BMA)

DIE NEGERJUDEN NEW YORKS

Von
D. G E S T

Fast alle Rassen und Sekten der Welt sind in dem weiten Schoße New Yorks vertreten. Trotzdem ist die Tatsache überraschend, daß Harlem, das „Klein-Afrika“ dieser großen Stadt, ein bißchen Abessinien einschließt und in diesem Negersekten, von denen die eine ein Mischmasch zwischen jüdischer und christlicher Religion darstellt, während zwei andere absolut nach den Religionsriten des orthodoxen Judentums leben. Ein jüdischer Fleischer berichtete die Tatsache Herrn Chapiro, einem jüdischen Kaufmann, der sie der „New York Sun“ mitteilte. Karl Helm wurde auf Reportage ausgeschickt und nahm W. B. Seabrook, den Autor von „The Magic Island“, das sich mit der Religion der Haiti-Neger eingehend befaßt, mit auf seinen Forschungsgang. Der Führer brachte die beiden zu einem alten Ziegelsteinbau, dessen Front ein kleines Schild mit der Aufschrift zeigte: „Die den göttlichen Vorschriften folgen. Heilige Kirche des lebendigen Gottes. Pfeiler und Grund der Wahrheit. Gottesdienst Freitag, Sonnabend, Sonntag. Bischof A. W. Matthews.“ Im Innern wartete eine kleine Gemeinde. Die neugierigen Männer sahen ein Klavier, auf dessen Deckel mehrere Tamburine, ein Triangel, ein paar Messingzimbeln und eine Gitarre lagen. Hinter dem Betpult stand eine weitere Gitarre und auf einem Tisch davor noch ein Saxophon. „Diese Instrumente spielen sie“, sagte Herr Chapiro. „Sonderbar!“ — „Gar nicht sonderbar“, sagte Mr. Seabrook. „Sie haben ein biblisches Recht auf diese Instrumente. Was spielte denn König David, als er vor der Bundeslade tanzte?“

„Das Kynor“, sagte Mr. Chapiro, „ist unser Saxophon, die Gitarre das ‚Newel‘, das Tamburin dagegen das biblische ‚Tupim‘, wie die hebräischen Bezeichnungen für diese Instrumente lauten.“

An einer Wand stand das hebräische Alphabet. Bischof Matthews unterrichtet im Laufe der Woche im Hebräischen. Nicht weit davon war der Davidsschild, die zwei übereinandergelegten Dreiecke mit einer hebräischen Inschrift. Dann die zehn Gebote, voll ausgeschrieben. Auf einer schwarzen Wandtafel stand in unmißverständlichem Englisch „175 Dollar sofort benötigt“. Auf einem andern ein Plakat „Harret auf die Ausgießung des heiligen Geistes, die zu Pfingsten kam“, eine andere Inschrift „Völker, bereitet euch vor, dem Herrn entgegenzuziehen“, „Von Jesus kommt das Heil“. Ein Fenster in der Rückwand zeigte in bemaltem Glas das Kreuz und die Krone Christi.

„Diese Gemeinde“, erklärte Mr. Chapiro, „ist die liberalste der drei. Sie erkennen Jesus an. Manche unter ihnen als Prophet im Range von Moses, andere, glaube ich, schreiben ihm Göttlichkeit zu. Sie glauben, daß sie die wahren, ursprünglichen Söhne Israels aus dem Stamme Juda sind, während nach ihrer Meinung alle weißen Juden den zehn verlorengegangenen Stämmen angehören.“

„Ohne Zweifel haben sie eine begründete Basis für den Glauben, von hebräischer Abstammung zu sein, da sie doch Abessinier sind“, sagte Mr. Seabrook.

„Gewiß, das sind sie“, antwortete Mr. Chapiro.

„In dem biblischen Bericht von dem Besuch der Königin von Saba bei König Salomon“, fuhr Mr. Seabrook fort, „ist gesagt, daß sie eine Äthiopierin war.“

„Ja, das ist richtig“, sagte Mr. Chapiro. „Bischof Matthews, der in wenigen Minuten hier sein wird, spricht hebräisch mit einem arabischen Akzent, wie man ihn sehr selten hört. Es ist das palästinensische, das reine Hebräisch.“

„Diese Gemeinde hier“, fuhr Mr. Chapiro fort, „ist zugleich orthodox und unorthodox. Ihre Mitglieder essen nur koscheres Fleisch. Sie halten den Sabbat. Sie fasten am Jom Kipur, essen während der Osterfeiertage Mazzes, und einige von ihnen schicken ihre Kinder in jüdische Schulen. Aber sie glauben dabei an Jesus. Die beiden andern Negergemeinden: die Gemeinde ‚B'nei Beth Abraham‘ und die ‚Thora Beth Zion‘ glauben nicht an Jesus.“

Während die drei sich noch unterhielten, trat Bischof Matthews plötzlich ein. Er begrüßte die Gäste herzlich und ging zu dem Betpult. Inzwischen hatte sich ein gutes Dutzend Frauen eingefunden, und ein Saxophon setzte mit einigen Skalen ein. Vom Klavier ertönte „Die Wolke und das Feuer“. Die Musik begann langsam, in einem gemäßigten Marschtempo, die Tamburine gaben den Takt an, die Zimbeln fingen ihn auf, und die Triangel klingelten zum Austakt. Ein Vers, ein zweiter Vers, beim dritten Vers beginnt das Tempo zu steigen, Läufe in den Baßtönen, der Versuch einer Synkopierung. Der Gesang wächst an, die Körper bewegen sich schwingend im Takt, immer schneller und schneller wird die Musik, allmählich zu einem Quick-Step ansteigend: „So the sign of the fire by night, And the sign of the cloud by day; Hov'ring o'er — Just before — As they journey ion ther way.“ Die Tamburine taktieren und rasseln, dum ta-da dum, dum ta-da dum. Dann die zweite Strophe und die dritte, und als sie keinen Text mehr hatten, sangen sie die Melodie im Chor ohne Worte wieder und wieder. Mit den Füßen klopfen sie den Takt auf den Boden, sie jazzten den Rhythmus in einem ansteckenden Wiegen ihrer Körper. Eine große Negerin in einem schwarzen Pelzmantel erhob sich von ihrem Stuhl und setzt dieses Wiegen stehend fort. Schreie ertönten, Hallelujah, Hallelujah, Lobet den Herrn! Das Tempo der Musik wurde zu einem schneller und schnelleren Trommeln.

„Das ist afrikanisch“, sagte Mr. Saebrook mit leuchtenden Augen, „das ist der afrikanische Trommelschlag, dum ta-da, dum ta-da dum.“

Eine neue Hymne begann. Der Bischof schüttelte sein Tamburin, und sie sangen: „He brought me out of the mi-ry clay; He set my feet on the rocks to stay — He puts a song in my soul to-day . . .“ Wieder ein langsamer Anfang und immer heftiger werdende Steigerung bis zum Foxtrot-Tempo. Die Frauen wiegten sich, während sie das Saxophon bliesen, in dem weißen Weihrauchdunst. Wiederholt auf einem Höhepunkt angekommen, hielten sie inne.

„Hallelujah, lobet den Herrn“, sagte der Bischof und legte einen weißseidenen Gebetmantel um seine Schultern. Die Gemeinde erhob sich, mit einer klaren und strengen Stimme, die an- und abschwoll, begann er vorzubeten. Er sprach immer ein, zwei Sätze hebräisch und erklärte sie dann englisch. Er betete um den Segen Gottes für seine treuen Kinder Israels, er betete für alle andern, daß sie „das Licht sehen mögen“, er betete für den Präsidenten, für den Kongreß und für die Richter des Landes. Ab und zu sprach er einen Absatz in hebräisch. Ein Fünfzehn-Minuten-Gebet beendete er damit, daß er die zehn Gebote verlas, die Gemeinde fiel ein, dann verkündete er das Vorlesen der Bibel. „Das kann etwa eine Stunde dauern“, sagte Mr. Chapiro, und die Gäste verabschiedeten sich und gingen.

Documento 295:

MA-MMA-97(316)
O Preto
Roubo entre pretos
afroamericanos
n 154 / p 370, n° 39

Notação:

MA- MMA 97 - 316

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.316.

Transcrição:

Preto/ O roubo entre pretos/ afroamericanos/ n 154 p 370, n° 39

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: n° 154: WHITE, Newman I. *American negro folk-songs*. Cambridge: Harvard University press, 1928. (BMA- B/VII/c/6)

by the chants of the sisters, the shouts of the brethren, and a swaying, rhythmical movement which swings the whole congregation in unison. Particularly if the elder describes some figurative combat of his own with Satan, the shouts of "Gib it to him!" "Shoot him down!" and once, "Cut him wid a big razor!" urge on the preacher to combat and almost lift the roof. His sermon usually lasts a full hour, with a short interval about the middle of the discourse for rest, during which the congregation chant a hymn. Instead of closing with a peroration the sermon is finished off with a sort of anti-climax, the preacher's voice sinking suddenly from a yell to a few colloquial words, thanking his congregation for their attention and hoping his words will "beneficiate" them. Words must fail utterly to depict the absurd effect of this closing apology, or the combination of shouts, spitting, chants, and pastoral contortions which lend their peculiar emphasis to one of these negro discourses.⁹

At the present time such manifestations as these are most often met with at camp-meetings, baptizings, and protracted meetings. A contemporary baptizing in Louisiana is thus described by Mr. Kennedy:

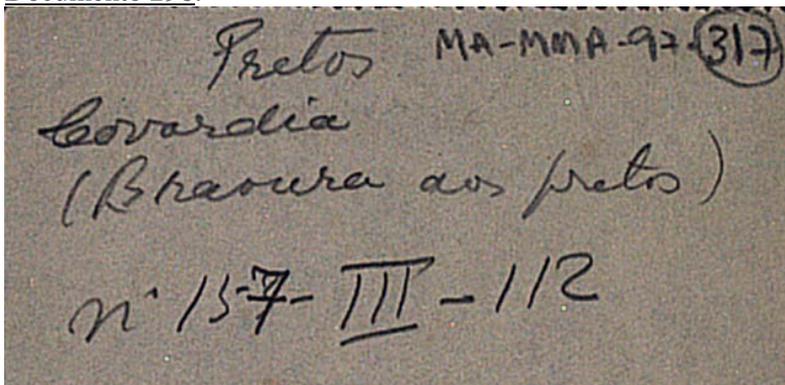
Baptizings formerly took place in the river or bayou or stream of water that was nearest at hand; but of recent years nearly all the churches have pools dug in the churchyards, and they are filled with water at the appointed time, and the ceremonies are held on the grounds. The night before baptizing the "candidates for the pool" assemble before the church, and after much subdued humming and singing in chorus, one after another the candidates glide up the aisle, swaying in rhythmic dance-movements, murmuring the burden of some hymn tune in an undertone, until they reach the altar where the deacons and the elders are seated, and there they stand and relate their fantastic experiences to the congregation. After a while the harmonious monotony and the exacting rhythm exert their intoxicating power over the congregation and their emotion grows more intense as the narrations go on. Like the chorus of the ancient Greeks, their exclamations and responses lend poetic fervor and religious elation to the enactment of the archaic drama; and sometimes from a state of mild hysteria the condition resolves itself into an incoherent frenzy, with loud shouting, wild jumping, bench-walking, and acrobatic feats beyond belief.¹⁰

Shouting, which accompanies most of the meetings just described, is of two kinds. Sometimes it is a ceremony as described by a writer in the *Nation* for May 30, 1867.

⁹ Clarence Deming, *By Ways of Nature and Life* (New York and London, G. P. Putnam's Sons, 1884), p. 361. Quoted by permission of the publishers.

¹⁰ Robert Emmet Kennedy, *Black Cameos*, (New York, A. and C. Boni, 1924), p. xvii. Quoted by permission of the publishers.

Documento 296:



Notação:

MA - MMA - 97 - 317

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.317.

Transcrição:

Pretos/ Covardia/ (Bravura dos pretos)/ nº 157 - III - 112

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Africanologia/ História]; [Caracteres]

Verificação:

BPG: nº 157: FAZENDA, José Vieira. Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro 3. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1924, tomo 89, v. 142, 1921. (BMA-F/IIC/17)

P. 112:

"Scenas Extintas"

Nota MA a grafite:

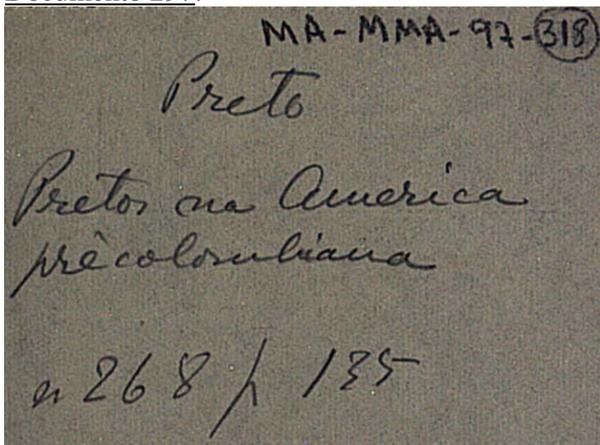
"covardia" à margem do texto:

"Foram os africanos e os crioulos da terra, mal armados, servindo-se de paus, chuços e espingardas velhas - que mais contribuíram para repelir e esmagar nas ruas do Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 1710, a invasão de Duclerc; a luta holandesa em Pernambuco realça o valor de Henrique Dias e de seus negros, em honra de quem a metrópole criou o 'terço dos pretos.'"

Nota da pesquisa:

Neste trecho do artigo "Scenas extintas", Fazenda vangloria a atuação dos negros na força militar. A Nota MA "Covardia", trata-se, provavelmente, de uma crítica ao comentário de autor, isto é, MA contrapõe o ponto de vista dele ao de Fazenda em relação à presença do negro nas forças militares; muitas vezes, tratou-se de uma questão compulsória ou oferecia-se aos escravos a alforria em troca de sua participação na guerra. Segundo Manuel Querino no livro *A Bahia de outr'ora* (1922), no capítulo "A capoeira", afirma: "Por ocasião da guerra do Paraguai, o governo da então Província fez seguir um bom número de capoeiras; muitos por livre e espontânea vontade, e muitíssimos voluntariamente constrangidos."

Documento 297:



Notação:

MA - MMA - 97 - 318

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.318.

Transcrição:

Preto/ Pretos na America/ précolombiana/ n268 p 135

Estatuto genético:

Nota de trabalho:

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº 268: BARROSO, Gustavo. *Aquem da atlândida*. São Paulo: Companhia editora Nacional, 1931. (BMA- F/I/d/33)

P. 135:

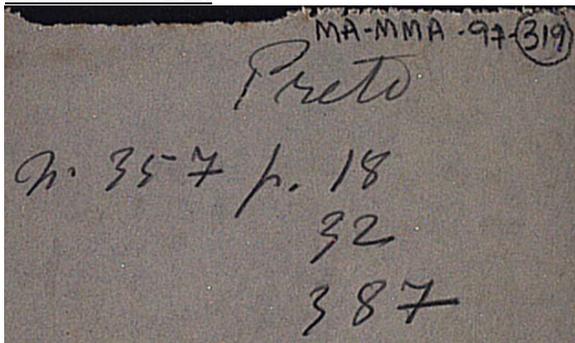
"Os negros na América antes do descobrimento"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"As tribos escuras do Brasil, de cabelos encarapinhados, a que se referiram Vespúcio e Pigaffeta, que o sábio Nierhof rotula como nanjipose porcigise o etnógrafo Knivet, como montayas, e a que Quatrfages se reporta".

Documento 298:



Notação:

MA - MMA - 97 - 319

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.319.

Transcrição:

Preto/ n° 357 p. 18/32/387

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

BPG: n° 357: RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932. (BMA- F/I/a/27)

P. 18:

"Introdução"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"Abrindo, pois, da condição de escravos em que os negros foram introduzidos no Brasil, e apreciando suas qualidades de colonos como faríamos com os de qualquer outra procedência; extremando as especulações teóricas sobre o assunto e o destino das raças humanas, do exame concreto das consequências imediatas das suas desigualdades atuais para o desenvolvimento do nosso país, consideramos a supremacia imediata ou mediata da raça negra nociva à nossa nacionalidade, prejudicial em todo o caso a sua influência não sofreada aos progressos e à cultura do nosso povo."

P. 32:

"Capítulo I: Procedências africanas dos negros brasileiros"

Nota MA a grafite:

"Pretos no Brasil" e traço à margem do trecho:

"A crença que domina os cientistas pátrios é que foram Bantusos povos negros que colonisaram o Brasil. No erro deste exclusivismo incidem etnólogos, historiadores e literatos. E é talvez a grande autoridade de Spix e Martius, que mais o tem valido e propagado. Nos seus prestimosos estudos sobre o nosso país, reduzem estes autores as procedências do tráfico, para o Brasil, às colônias portuguesas da África meridional e às

ilhas do Golfo de Guiné. Para eles, dos Congos, Cabindas e Angola na costa ocidental da África, dos Macúas e Anjicos na oriental, provieram todos os africanos brasileiros. Também se referem às procedências de Cacheo e Bissáu para os negros de Pernambuco, Maranhão e Pará, naturalmente mais conhecidos pela história da Companhia de comércio do Grão-Pará e Maranhão, com que foi feito o contrato da introdução destes negros. Mas nem destes, nem dos procedentes das ilhas de Fernando Pó, Príncipe, S. Thomé e Ano Bom, a que também aludem, convenientemente ocuparam."

P. 387:

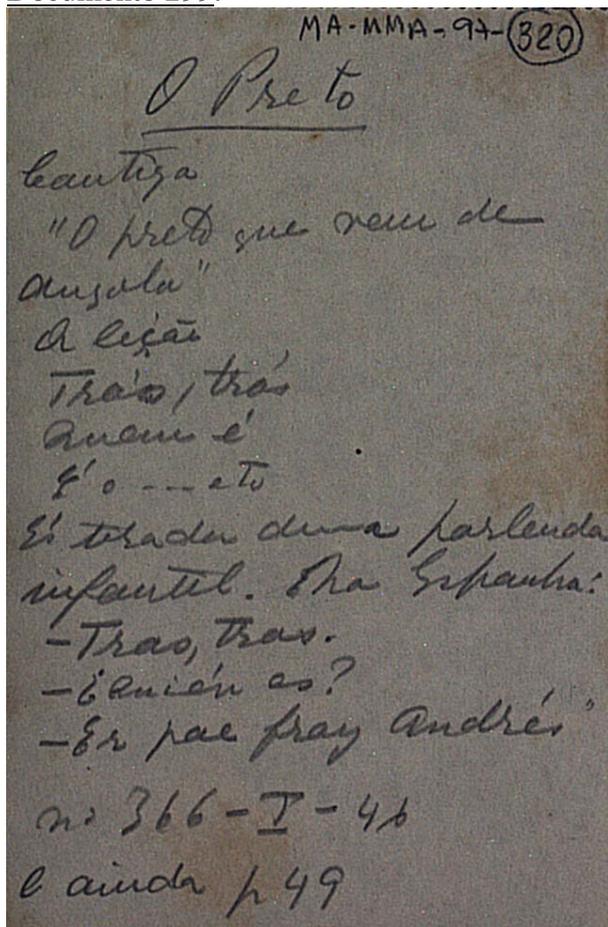
"Capítulo VIII - Valor social das raças e povos negros que colonizaram o Brasil e dos seus descendentes"

Nota MA a grafite:

"Pretos" à margem do trecho:

" I. Os dados e documentos coligidos neste trabalho, permitem distribuir no seguinte quadro as raças e povos africanos de cuja introdução no Brasil há provas certas e indiscutíveis."

Documento 299:



Notação:

MA- MMA 97- 320

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.320.

Transcrição:

O Preto/ Cantiga/ "O preto que vem de/ Angola"/ A lição/ Trás, trás/ Quem é/ É o ...
Etc/ És tirada duma parlenda/ infantil. Na Espanha:/ - Tras, tras/ - ¿Quién és?/ - Es pae
fray Andrés"/ nº 366-I-46

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

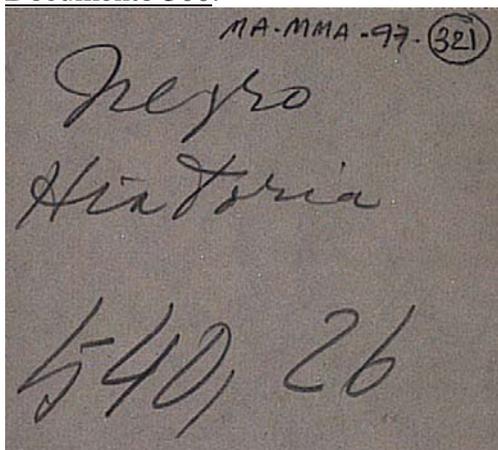
[Africanologia/História]; [Música]

Verificação:

BPG: nº 366: RODRIGUEZ MARÍN, Francisco (org.). Cantos populares espanoles.
Sevilla: Francisco Alvares, 1882. (BMA – F/I/f/12))

- 57 Anda, niño, anda,
 Que Dios te lo manda;
 Y la Virgen María,
 Que andes todo el día.
- 58 Anda, niño, anda,
 Que Dios te lo manda.
 Si no andas hoy,
 Andarás mañana. ¹⁴
- 59 Sana, sana,
 C.... de rana;
 Si no sanas hoy,
 Sanarás mañana. ¹⁵
- 60 Este niño pidió un güebo.
 Este lo puso á asá.
 Este l' echó la sá.
 Este lo sasonó
 Y este picariyo gordo se lo comió. ¹⁶
- 61 Este niño pide pan.
 Este dice que no hay.
 Este dice:—¿Qué jaremos?
 Este dice:—Robaremos.
 Y este dice:—Nó, eso nó,
 Que nos mata Dios. ¹⁷
- 62 —Tras, tras.
 —¿Quién es?
 —Er pae fray Andrés.
 —¿Qué quiere er pae fray Andrés?
 —Habla con la señora.
 —Señorita.

Documento 300:



Notação:

MA - MMA - 97 - 321

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.321.

Transcrição:

Negro/ Historia/ 540, 26

Estatuto genético:

Nota de tranalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

BPG: nº 540: RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-brasileiro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença editora , 1933. (BMA - E/I/c/31)

P. 26:

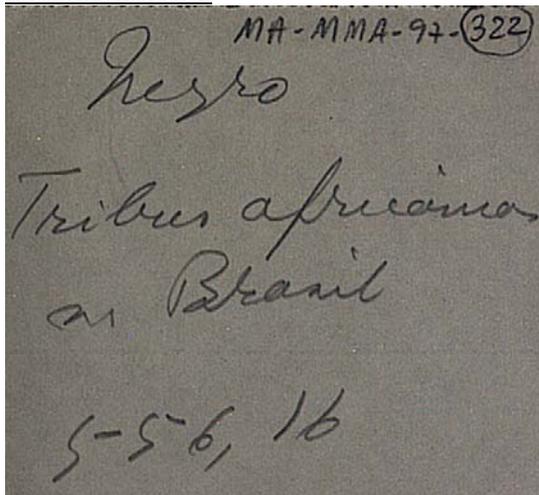
"Primeira parte - Conquista da África, O escravo negro em Portugal e no teatro do século de quinhentos. Raças e línguas afro-negras. Influência e contribuição das línguas africanas" (atualizei ortografia)

Nota MA a grafite:

palavras "Preto" , "Hist" e traço à margem do trecho:

"Como razão derradeira, o reinol envida esforços em translevar aos feudos o negro, obediente e submisso, e em 1549, por alvará de 29 de março, el rei D. João o terceiro faculta, para auxílio da cultura da cana e do trabalho dos engenhos, o resgate por conta dos respectivos donos e o cabimento de escravos da Costa de Guiné e da ilha de Santo Tomé."

Documento 301:



Notação:

MA - MMA - 97 - 322

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.322

Transcrição:

Negro/ Tribus africanas/ no Brasil/ 556, 16

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

BPG: nº 556: RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro ethographia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934. (BMA- E/I/C/67)

ella comportando um vasto volume. Bem assim, a historia da escravidão¹¹. A destruição dos documentos historicos, determinada pelo Ministerio da Fazenda, em circular n. 29 de 13 de Maio de 1891, inutilizou varias tentativas nesse sentido. E continuam muitos daquelles problemas alludidos sem solução.

Quaes as tribus africanas entradas no Brasil? Por muito tempo tem lavourado grande confusão a respeito, suppondo alguns dos nossos mais autorizados historiadores, copiando uma antiga nota de Spix e Martius, que fossem negros "bantus" os que entraram no Brasil, exclusivamente para uns, em maior numero, para outros. Assim, para Spix e Martius, os negros escravos no Brasil teriam provindo dos "Congos", "Cabindas" e "Angolas" da Africa occidental, e dos "Macuas" e "Angicos", da Costa oriental¹². Nas suas memorias sobre as tribus negras importadas, Affonso Claudio¹³ e Braz do Amaral¹⁴, embora avançando em grande esforço de discriminação, não conseguiram esclarecer cabalmente o assumpto. A confusão reconhecia varios factores: inexistencia de documentos originaes, nomes vulgares que os negros se davam a elles proprios, de accordo com o logar de origem, ás vezes simples cidades ou villas¹⁵, movimentos migratorios secundarios dentro do proprio paiz — na Africa e no Brasil;

11 Vide, para a historia politica da escravidão no Brasil: Evaristo de Moraes, *A escravidão africana no Brasil (das origens á extincção)*, S. Paulo, 1933.

12 Spix und von Martius, *Reise in Brasilien*, cit. por Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, pag. 32.

13 Affonso Claudio, *As tribus negras importadas. Estudo ethnographico, sua distribuição regional no Brasil. Os grandes mercados de escravos*, Revista do Instituto Geographico e Historico Brasileiro, t. LXXII, 2.ª parte, 1910, pags. 597-655.

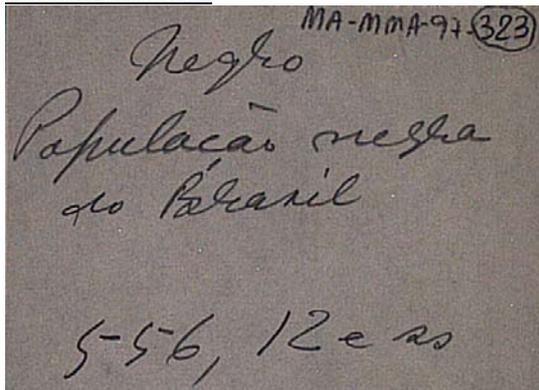
14 Braz do Amaral, *ibid.*, loc. cit., pags. 663-693.

15 Foi esse criterio o utilizado por alguns estudiosos, á falta de documentos historicos da escravidão, por exemplo Manoel Querino, que depois de enumerar as varias denominações de negros, na Bahia, explica: "Os nomes acima citados indicam, apenas, localidades de nascimento ou de tribu onde a linguagem primitiva soffreu alterações, originando os diversos patuás." (*A raça africana e os seus costumes na Bahia*, Annaes do 5.º Congresso Brasileiro de Geographia, 1.º vol., Bahia, 1916, pag. 627).

Nota da pesquisa:

Arthur Ramos faz referência a Spix e Martius, historiadores alemães que viajaram pelo Brasil no século XIX. MA também vale-se destes autores neste dossiê; a obra *Reise in brasilien* (1823, 4 v.) e a tradução de Manuel A. Pirajá *Através da Bahia*: excertos da obra *Reise in Brasilien*, incorporam a biblioteca MA, do IEB.

Documento 302:



Notação:

MA - MMA - 97 - 323

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.323.

Transcrição:

Negro/ População negra/ do Brasil/ 556, 12 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

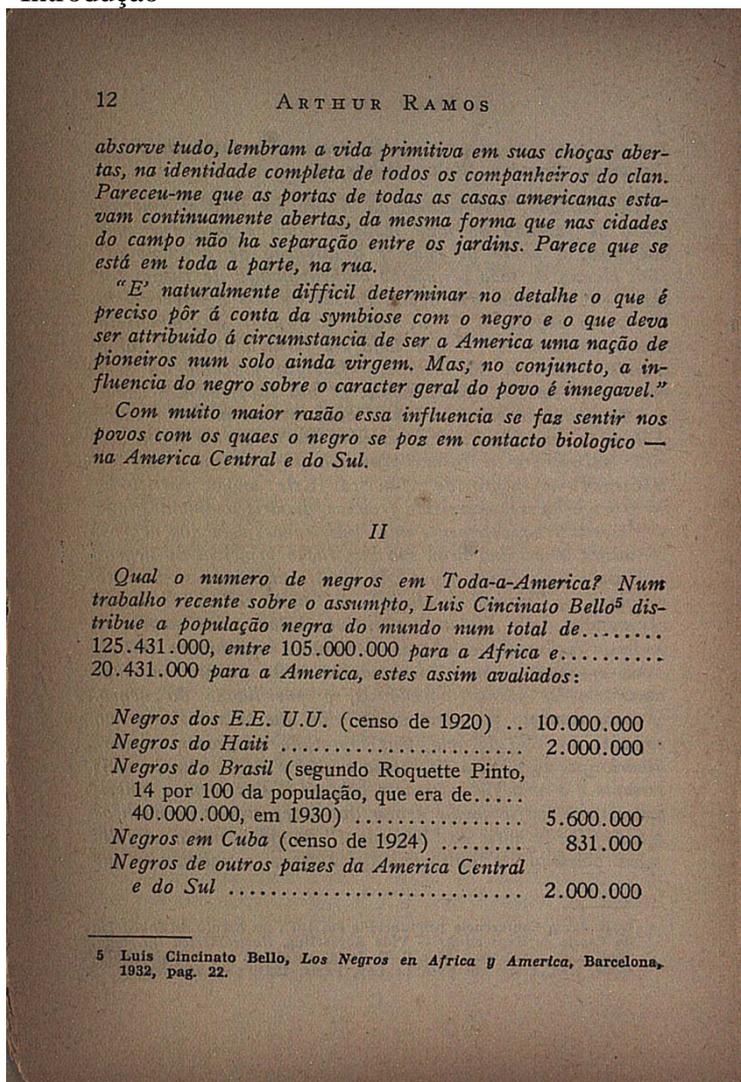
Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

BPG: nº 556: RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro ethographia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934. (BMA- E/I/C/67)

P. 12:
"Introdução"



Nota da pesquisa:

P. 21- 22 :

"Introdução"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"A teoria animista da escola antropológica inglesa, com Tylor à frente, e tanto das preferências do sábio baiano, já não tem significado para o nosso tempo. Lévy-Bruhl imprimiu novos rumos e trouxe novas e surpreendentes interpretações ao conhecimento da psique primitiva, principalmente das suas manifestações religiosas, com a teoria do pensamento pré-lógico e da lei de participação. De outro lado, a psicologia introduziu uma fecunda orientação metodológica ao assunto, continuando e completando as luminosas vistas de Lévy-Bruhl.

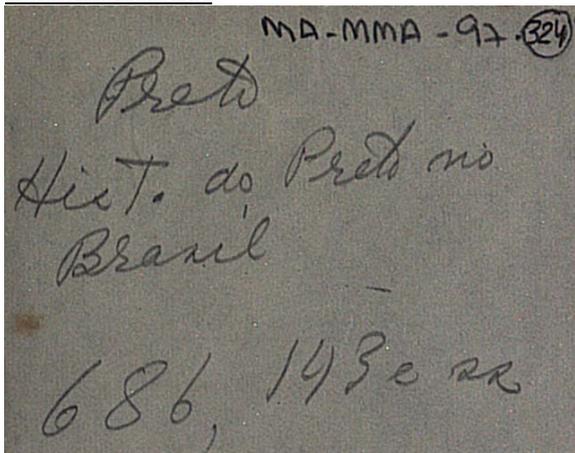
O ritual e os processos de magia, os fenômenos de possessão e fetichista, o sincretismo religioso, os mitos negros, etc., têm que ser reinterpretados com esses novos métodos de pesquisa científica.

São esses primeiros resultados que ora apresentamos no atual volume, cuja primeira parte será dedicada à documentação, e a segunda à interpretação analítica dos resultados, à luz daqueles referidos métodos.

Certamente não devemos alimentar a ilusão que esses novos métodos sejam definitivos, e infalíveis essas teorias. Eles nada mais são do que novas “hipóteses de trabalho” (para empregar uma expressão consagrada), reflexos do espírito científico da época, a nos impulsionarem novas pesquisas. Não devemos nos preocupar com o “verdadeiro”, de uma hipótese, mas com a fecundidade de seus resultados. Se a ciência de nossos dias infirma a exatidão de certos postulados da época que trabalhou Nina Rodrigues, nem por isso podemos deixar de reconhecer quão fecundos foram e continuam a ser os resultados de suas investigações.”

As p. 21 e 22 fazem parte da conclusão desta introdução, único trecho grifado por MA neste capítulo. Há na página de rosto, abaixo da dedicatória, Nota MA a grafite : "Pontos a estudar ps 21 - 40 -141 -166-". A transcrição do trecho refere-se, portanto, à primeira dessas indicações.

Documento 303:



Notação:

MA - MMA - 97 - 324

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.324.

Transcrição:

Preto/ Hist. do Preto no Brasil/ 686, 143 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

BPG: nº 686: CASTRO, Eugenio de. *Geographia linguistica e cultura brasileira* (ensaio). Rio de Janeiro: Gráfica Sauer, 1937. (BMA- C/I/c/20)

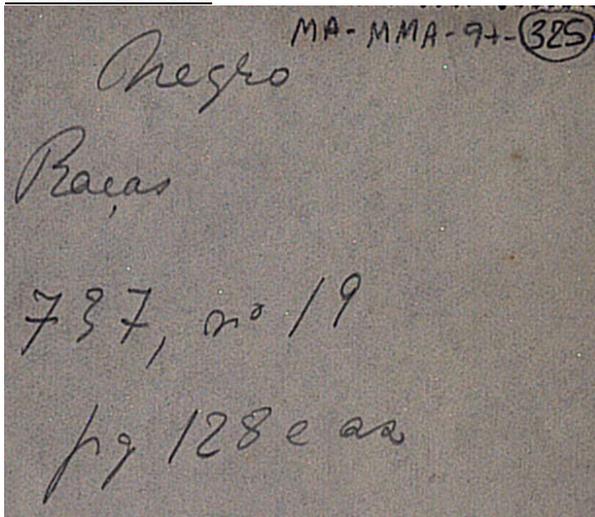
P. 143:
"O elemento negro"

O ELEMENTO NEGRO

Cerca de um século antes de serem importados negros africanos no Brasil, já Portugal os traficava para a Península Iberica e primeiras ilhas conquistadas ou redescobertas no Atlantico pelos seus navegadores. Remonta aos tempos do Infante d. Henrique a fundação da Companhia de Lagos; e como escravos desembarcados das naus dos primeiros arrendatarios do pau de tinturaria na "terra dos papagaios", se deu a fixação do negro no nosso littoral. Antes de 1535 deram entrada em Lisbôa 10 a 12.000 captivos em Africa, que foram cambiados ou vendidos em grande numero para Castella, Canarias e Açores e, em parte muito diminuta, para o Brasil.

Duarte Coelho Pereira em 1539 requeria e em 42 renovava ao Rei o mesmo pedido para importar, isentos de direitos reaes, negros da Guiné; e durante sua administração fecunda e colonizadora da Capitania de Pernambuco, muitas "peças chegadas da Africa" eram logo conduzidas para os primeiros engenhos e lavouras de açúcar. Ainda em 1583, segundo Anchieta, dos quatorze mil negros existentes no Brasil, só dez mil estacionavam em Pernambuco; tres mil na Bahia, e uma centena delles apenas no Rio de Janeiro.

Documento 304:



Notação:

MA- MMA - 97- 325

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.325.

Transcrição:

Negro/ Raças/ 737, nº 19/ pg 128 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

BPG: n 737: NEIVA, Artur Hehl. "A política imigratória do Brasil no século XVI". *Cultura Política*, Rio de Janeiro, n. 19, a. 2, p. 128- 141, set 1942.

Povoamento

A política imigratoria do Brasil no
século XVI

(A contribuição africana; estudo sobre alguns
reinos da Guiné Superior)

ARTUR HEHL NEIVA

Membro do Conselho de Imigração e
Colonização e Diretor Geral do Expe-
diente e Contabilidade da Polícia Civil
do Distrito Federal

N O PRECEDENTE artigo levámos a descrição política da costa da Guiné a, aproximadamente, o limite N. da república da Liberia.

Daí por diante, a costa africana até o delta do Niger toma quatro nomes pitorescos, com sabor das coisas antigas, lembrando os tempos heróicos da navegação a vela, dos combates com os filibusteiros e das mercadorias valiosas para o ocidental do Renascimento: costa da Malagueta, que começa no cabo Mesurado, *ap. Hist. da Exp. no Mundo* I, 359, e em IV, 62 (103), compreendendo a orla litorânea da Liberia atual, até o cabo Palmas; costa do Marfim, desde até o limite com a colônia inglesa da costa do Ouro e compreendendo, pois, o litoral da colônia francesa que lhe conservou o nome; costa do Ouro, daí até o cabo de S. Paulo; e costa dos Escravos na baía de Benin.

Aparentemente, é fácil fazer o estudo dessas regiões, conhecidas há mais de 4 séculos. Mas, na realidade, trata-se de uma das mais ingratas tarefas que jamais tive de empreender, não pela falta de bibliografia, que é farta e variada, mas pela impossibilidade prática de obtê-la entre nós. Além da obra clássi-

ca de Maurice Delafosse, *Haut Sénégal-Niger*, de 1911, J. L. Monod, em 1926, publicou a *Histoire de l'Afrique Occidentale Française*; H. J. Herskovits, em 1938, seu monumental *Dahomey*; M. Besson, a *Histoire des Colonies Françaises*, em 1931; G. Brunel, 4 anos após, a *Histoire Générale des Colonies Françaises*; e até Gabriel Hanotaux editou, em 1934, a *Histoire des Colonies Françaises et de l'Expansion de la France dans le Monde*, em 6 volumes. Toda esta bibliografia, porém, é absolutamente inatingível no momento presente. Sobre as colônias inglesas dessa região, existem os trabalhos de John Blake, *European Beginnings in West Africa, 1454-1578*, London, 1937; a obra clássica de W. W. Claridge, *A History of the Gold Coast and Ashanti, from the Earliest Times to the Twentieth Century*, 2 vols. Londres 1915; a de C. W. Welman, *The Native States of the Gold Coast*, London, 1930; a de A. C. Burns, *History of Nigeria*, London, 1929. Sir Harry Johnston publicou *The Colonisation of Africa* em Cambridge, 1899, e afinal C. R. Niven escreveu *A Short History of Nigeria*, London, 1937.

Finalmente, sobre a Liberia poderiam ser aconselhados: E. J. Yancy, *Historical Lights of Liberia's Yesterday and Today*, Xenia, Ohio, 1934, e os dois vols. de Sir Harry Johnston, *Liberia*, 1906.

Todos estes livros são citados, apenas, a título de indicação bibliográfica aos que desejarem especializar-se nestes estudos; infelizmente, não pudemos encontrá-los aqui, e por conseguinte não nos foi possível utilizá-los para a feitura deste artigo. Tivemos de contentar-nos com os poucos elementos disponíveis em nossas bibliotecas públicas e mesmo particulares, que, apesar das preciosidades que possuem, não dispõem, sequer, da clássica obra de Archibald Dalziel, *The History of Dahomey, and Inland Kingdom of Africa*, London, 1793, que foi continuada por Frederick E. Forbes no seu *Dahomey and the Dahomans* até 1851, e muito menos das inúmeras publicações oficiais francesas ou inglesas sobre a matéria. Lamentamos sinceramente, portanto, que, à falta de elementos melhores, não nos tenha sido possível fazer obra mais completa.

O lamentável desinteresse dos nossos estudiosos

A enumeração que fizemos demonstra à sociedade a deficiência que existe em nossas instituições culturais e o lamentável desinteresse dos nossos estudiosos por assunto que tão de perto nos toca. É possível, entretanto, que haja em alguma biblioteca de pesquisadores dessa matéria, não somente estas obras, mas outras mais; delas, porém, não tivemos conhecimento, embora nos houvéssemos esforçado por encontrá-las.

Vimos, ainda, no final do artigo anterior, que as fontes de que dispúnhamos para este trecho da costa eram o *Esmeraldo de Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira (IV), 1574-1620; *Da Mina ao Cabo Negro*, segundo Garcia Mendes Castelo Branco (IX-a), 1593-1631; *Terras e Minas Africanas*, segundo Baltazar Rebelo de Aragão (IX-b), 1516-1619; *Escravos e Minas de Africa*, segundo D. Afonso, rei do Congo; Baltazar de Castro; Manuel Pacheco; diversas testemunhas (9 ao todo); um anônimo inidentificado; João Rodrigues Roxo; Gaspar de Rosa e outro anônimo não identificado (IXf). Vejamos o que poderemos coligir de útil com esses elementos.

A construção de feitorias fortificadas

Em 1461, *ap.* XV, I/1, pág. 139, iniciou Portugal a política de construção de feitorias fortificadas, erigindo o castelo de Arguim, por Sociro Mendes, fidalgo da casa real. Era esse o primeiro passo para a organização política das descobertas africanas em capitânias, que já encontraremos em pleno florescimento no sec. XVII, *ap.* IX d, *passim*, ficando Sociro com a alcaidaria-mor, hereditária, de Arguim, que lhe foi concedida em 26 de Julho de 1464.

É preciso não se deixar levar o leitor pela afirmativa de Sousa Dias, in *Hist. Exp. Port. no Mundo I*, 363, que só dá esta última data, a qual não é a do início da construção do castelo.

Está claro que o principal negócio na costa d'África, por essa época, era o dos escravos. Antonio da Noli recebe, em 1466, o privilegio "*di praticare la tratta dei Negri in Guinea*" diz Caddeo, *Le Navigazioni Atlantiche*, pág. 105, e de tal importancia era que, mais tarde, se encontram a cada passo, no *Esmeraldo*, indicações sobre os preços medios de escravos negros e os meios de resgate empregados.

A seguir, a coroa arrendou o comercio da Guiné. Barros (XV), *ibid*, págs. 141-142, dá as razões que motivaram tal providencia; o melhor resumo a respeito é o de Fontoura da Costa, in *Hist. Exp. Port. no Mundo I*, 2.^a parte, págs. 358-59: "*Como o comercio da Guiné seguisse em progressiva importancia, D. Afonso V, em Novembro de 1469, arrendou-o por cinco anos a Fernão Gomes. Entre as condições do contrato citemos estas: 1) a renda anual de 200:000 reais; 2) a obrigação de o arrendatario descobrir 100 leguas de costa, em cada ano desde a Serra Leoa; 3) o marfim ficar reservado para o rei; e 4) o comercio da costa africana fronteira às ilhas de Cabo Verde, bem como o do Castelo de Arguim, ficarem excluidos do arrendamento.*

A renda anual foi aumentada 100:000 reais em 1470 (logo a seguir ao contrato de 1469) por motivo de ficar reservado para Fernão Gomes todo o resgate da malagueta; D. Afonso V, em carta de 1 de Junho de 1473, prorrogou-lhe o arrendamento por mais um ano (Torre do Tombo, Chanc. de D. Afonso V, Liv. 33, Fls. 147 v. e 148 r.)." Deste mesmo documento deduz-se o acréscimo de cem

mil réis anualmente, em troca de certos favores. Mais tarde, Gomes obteve do Príncipe o resgate de Arguim, mediante pagamento de 100\$000 anuais, *ap.* XV, 1/1, 143.

Goes, *Chronica do Príncipe D. João*, pág. 49, indica cem mil réis, apenas, o que evidentemente está errado; o erro é repetido por J. Lucio de Azevedo in *Historia de Portugal III*, pág. 630: a explicação é a dada acima.

Alguns anos mais tarde, D. Afonso V deu a seu filho, o príncipe D. João, cognominado o "Perfeito", os proveitos do resgate de Guiné e a governança da África, pois XIII, pág. 30, escreve: "*Em vida del Rey dom Affonso sendo ainda el Rey Príncipe tinha já a governança dos lugares dalem em Affrica, e assi as rendas, e tratos da Mina, e todo Guiné...*".

Fontoura da Costa, *op. cit.*, pág. 360, indica a lei de 31 de Agosto de 1474, informando: "*a qual declarou monopólio da coroa o commercio africano, cujos rendimentos passaram a pertencer ao Príncipe D. João, o futuro rei*".

Ja este, por consequente, se preparando para assumir a herança do grande Infante D. Henrique; e a sua autoridade ainda foi ampliada em 4 de Maio de 1481, quando lhe foi confiado o encargo "*dos feitos das partes de Guiné e investigação dos mares, terras e gentes e cousas delles*", *ap.* Damião Péres in *Hist. de Portugal*, III pág. 549. Isto se tornava necessario porque começava a fendilhar a estrutura do *mare clausum*, sempre defendido por Portugal; haja vista a ida de flamengos à Guiné em 1475, confirmada por IV, 64 (106-107), e a de espanhóis em 1478, *ap.* Péres, *op. cit.* pág. 547-548, o que ficou proibido pelo tratado firmado em Toledo em 6 de Março de 1480, que Santarém indica no seu *Quadro Elementar I*, pág. 382.

A descoberta do resto da Guiné

Foi durante o reinado de D. João II, iniciado a 28 de Agosto de 1481 e que se prolongou por 14 anos, que todo o resto de Guiné, na acepção antiga, foi descoberto. Daí a necessidade dessa pequena digressão de historia geral, pois assim é possível recordar ao leitor que este grande monarca, já ao ascender ao trono, tinha experiencia das coisas da Africa.

Fazendo um breve resumo, notamos

que, no trecho da costa africana a ser descrito, a situação no período quinhentista era a seguinte, retomando a descrição no ponto em que a deixámos no artigo precedente, isto é, no rio das Palmas, pouco antes de chegar ao Cabo Mesurado:

A terra ainda era dominada pelos Bolões, pois IV, 61 (102) diz: "... e hyndo com nauio pequeno de trinta atee trinta e sinco tonees per este Rio acima espaço de vinte e sinco leguas acharam sete aldeas, e aleem d'ellas estaa hum grande luguar, que terá sinco ou seis mil vezinhos, a que chamam Quynamo e estando aquy dous meses poderiam Resgatar mil e quinhentas dobras ... E quem aqui for, guarde-se dos negros d'esta terra, por que sam muito maa jente e trabalham de thomar os nauios com grandes almadias que tem, e esta jente se chamam Bouloces".

Mais adiante, ainda antes de entrar na costa da Malagueta, vinha a terra dos Cobales, conforme se vê de IV, 62 (103): "... e indo por elle acima (o rio dos Monos) trinta leguoas pouco mais ou menos he hachada hua comarca de terra que chamam Coya, e d'esta terra veem todo o ouro a toda a serra Lyoa e suas comarcas; e he ouro muito fino, quasy de vinte e tres quilates em ley, e aqui val muito ho sal e muito mais ho estanho e as outras mercadorias que na mesma serra valem; e ha gente d'esta terra se chamam Cobales". Estes, perto do rio dos Cestos, davam lugar aos Zeguebos, *ap.* IV, 62-63 (104): "... e este Rio dos Cestos se aparta em ladeza da linha equinocial contra ho pollo artico sinco graaos e trinta minutos; e a jente d'esta terra e d'aly por diante vinte e sinco leguoas ou mais se chamam Zeguebos". O Esmeraldo nos dá algumas precisões a respeito, ao informar sobre os negros que habitavam uma pequena ilha próxima a este rio: "... Os negros d'esta costa nam sam circuncisos, e andam nuus, sam idolatras e he gente sem doutrina nem bondade, sam grandes pescadores e vaão a pescar duas e tres leguoas no mar em huas almadias que parecem lançadeiras de tecelam, p. 63 (105)".

A capacidade dos negros

Notamos, mais uma vez, a capacidade marítima destes negros. E' que pertencem à cultura denominada "atlântica" por Frobenius, in *Kulturgeschichte Afri-*

kas, pág. 205 e cartogramas 26 e 27 à pág. 207. Aliás o grande africanólogo, recentemente falecido, em seu *Atlas Africanus*, caderno 3, fls. 15-16, de Março de 1922, intitulado "*Wasser und Weg*", mostra que, em toda a Guiné, desde o cabo Branco até quasi à foz do Cunene, havia navegação marítima e fluvial, e que na costa da Guiné Superior, de Serra Leoa até um pouco além do delta do Niger, usava-se o remo trífido, sendo a técnica a de se remar sentado. (E' estranhavel o remo trífido ou em tridente, pois Frobenius não ilustra o objeto; o termo no original alemão é *Dreizackruder*).

E já que estamos examinando elementos culturais, convem assinalar que na Guiné Superior, da Serra Leoa até o fundo do golfo de Biafra, falta o arco, que desapareceu em concorrência com as outras armas.

Frobenius admite que, por ocasião da invasão européia, esses territorios eram a patria de duas especies de povoadores: aqueles que, recentemente, ali haviam chegado, vindos do interior, e cujas invasões penetravam frequentemente até à costa, e os antigos residentes, ou, nas suas proprias palavras (*Atlas Africanus*, caderno IV, fl. 18, de Janeiro de 1929): "... *In der Zeit der europäischen Invasion waren diese Länder die Heimat zweier verschiedener Arten von Bevölkerung, nämlich einmal solcher, die erts in jüngster Zeit aus dem Inland hereingebrochen waren (und auch seitdem noch häufig gegen die Küste Sturm liefen), und zweitens solcher, die alleingesessen waren*".

Os negros desta costa da Malagueta deviam ser bravios; eram antropófagos, e os portugueses não saltavam em terra, mas resgatavam diretamente das naus ou caravelas com as almadias. Ignoramos seu nome; sabemos apenas que, nas proximidades do cabo Palmas, porém já na costa do Marfim, se denominavam Eguorebos ou Siguorebos, conforme Pimentel, *Arte Prática de Navegar*, ap. IV, (108).

Todas estas afirmativas são baseadas em IV, 64-65 (106-108), que transcrevemos: "... *Adiante do Rio de Sam Vicente quatro leguoas pella costa estaa ha praya dos Escrauos, e esta praya durará em longuo duas leguoas ou mais; o qual nome lhe foy posto por que aqui se Resguatáram certos escrauos no tempo que se esta terra descobrio; e haguora pouco Resguate se faz aqui, por que pel-*

la costa que atrás fica (m) e asy algua parte da que adiante vay, se acha mais malagueta e escrauos que na dita praya. E no anno de nosso senhor Jesus Christo de 1475 annos se armou em Frandes hum nauio de Framenguos com hum piloto Castelhana e alguas mercadorias, os quaees se atreuêram yr Resguatar á Mina primeiro sete ou oyto annos que o castello de Sam Jorze fosse feyto, e como quer que lá Resgatasem sinco ou seis mil dobras e nam temendo as graues excomunhões dos Santos Padres sobre este caso outrogadas aos Rex de Portugal, que outra nenhua jeraçam lá nam jose senam os Portugueses por licença dos ditos Rex, asy como os ditos Framenguos nem temêram as defesas do pastor da Santa Madre Igreja, asy lhe deu Deos maaõ fim; por que da torna-viagem da dita Mina vieram ter tanto avante como esta praya dos Escrauos, e como o vento entam fosse calma, elles surgiram pellas vinte e cinco braças, e como quer que em, toda esta costa este fundo he çujo, ha pedra lhe cortou de noyte hamarra, e ventando o vento do mar deu com este nauio na dita praya á costa, honde se perdeo, e aly comêram os negros trinta e sinco Framenguos que no dito nauio hiam; e isto soubemos despois pellos ditos negros e por Pedro Gonçalvez Neto que o outro anno aly foy por capitam de hum nauio, que quasy todo ho ou (t)ro que os ditos Framenguos traziam, Resguatou com algua parte dos vestidos d'elles ... E os negros de toda esta terra trazem ha malagueta ha resguatar aos nauios nas almadias em que vão a pescar ao mar; andam nuus e nam sam circuncisos, e sam idolatras por que sam jentios ... aqui há pouca malagueta; todolos negros d'esta costa sam idolatras e nam sam circunsisos; he jente viciosa e de pouca paz ... da costa da Malagueta, a qual faz fim no dito cabo das Palmas ... e a gente d'este cabo das Palmas se chama Eguorebo".

Adiante, diz IV, 66-67 (109-110): "... *toda esta costa he pouorada ... quanto atee agora nam temos pratica nem commercio d'este Rio de Santo André, nam curo d'elle mais escreuer, soomente temos sabido que he terra de muita pouoracãm ... Do Rio d'Alaguoa adiante sete leguoas sam achadas sete aldeas ao longuo da costa do mar, as quaees sam de grande pouoracãm, e duraram estas aldeas do principio atee o fim d'ellas sete ou oyto leguoas ... E os negros d'esta costa sam grandes pescadores e teem huas*

almadias com huns castellos davante, e ha estes chamamos "Beifudos" e aqui teiras, e andam nuus e sam idolatras, e grande, e a terra darredor d'elle he mui nam há comercio e sam maa gente ... Das sete aldeas ao Rio de Mayo há doze reguoa e este Rio nam tem ha boca grande, e a terra darredor d'elle he muito baixa e hapahulada e de muito aruoredo; e aqui nam temos sabido o comercio que nesta terra pode hauer, soomenle sabido temos da muita abastança de jente que aqui há".

A construção do castelo de S. Jorge da Mina

Chegamos, assim, à região de onde, pouco depois da descoberta, começaram os portugueses a extrair ouro. Ouro, em qualquer ponto, era sinônimo de feitoria; foi precisamente o que ocorreu. Em pequeno trecho da costa fundaram os portugueses, em 1482, o castelo de S. Jorge da Mina; e geograficamente antes deste, mas cronologicamente em época posterior, o castelo de Axem, mandado construir já no reinado de D. Manuel, em princípios do século XVI, *ap.* IV, 67 (III).

Este último, de que trataremos primeiro, dado o método que estamos seguindo, ficava a cerca de 25 km. ao ocidente do cabo das Três Pontas, e era menor que o de S. Jorge. Sua invocação, *ap.* Luciano Cordeiro, nota à pág. 13 de IX d, era de Santo Antonio, acrescentando: "*Era ainda nosso em 1641*". Os dados a seu respeito são escassos; a melhor descrição que possuímos é a de IX f, pp. 18-19, em doc. do 1º decênio do século XVII. Contemporaneamente, em 1607, IX d nos indica, à pág. 15, o pessoal europeu que ali exercia suas funções, com o salario respectivo.

O castelo de S. Jorge da Mina era situado a cerca de 60 km. a leste do cabo das Três Pontas, e sobre ele temos alguns informes mais detalhados. Foi fundado por Diogo de Azambuja, e construído de 1482 a 1484, *ap.* Fontoura da Costa, *op. cit.*, pág. 359, nota 5; IV, 68-69 (113-114) dá apenas 1482. Luciano Cordeiro, anotando IX d, pág. 13, esclarece: "*Caiu em poder dos holandeses, commandados por Nicolau van Yperen, por covardia ou connivencia do Governador, em 1637, e foi-lhes diplomaticamente cedido em 1641*". Era uma excelente fortaleza; podemos vê-la representada no atlas de Cantino, de 1502,

reproduzida in *Hist. Exp. Port. no Mundo II*, extra-texto, entre as págs. 16 e 17; no de Lázaro Luis, de 1563, *in ibid.* entre as págs. 248-249, e, melhor ainda, numa gravura reproduzida da obra de Dapper, *Naukeurige Beschrijvinge der afrikaensche Gewesten*, Amsterdam 1668, in *Hist. de Portugal*, ed. monumental, t. III, pág. 550. Entre as fontes que utilizámos, é descrito em IX d, pág. 13; IX f, pág. 20, *passim*; IX a, p. 26; *Historia de Portugal*, citada, pp. 549-552; XII pp. 11-17, e XIII pp. 30-32, além do que refere XV, I/1, pp. 153-170.

O rei daquela zona era Casamança, o que significa senhor de Casa, pois "*mansa*" ou "*mãça*" é o título de rei ou senhor, em lingua mandinga, *ap.* V, pp. 75 e 83. E uma vez construído, o castelo da Mina serviu de emporio para o comercio de toda uma vasta zona, pois IV, 69 (114), assevera: "*... em cada hum anno se tira daly por Resguate que veem pera estes Reynos de Portugal, cento e setenta mil dobras de boõ ouro fino, e muito mais e alguus annos se Resguata(m) e compra aos negros que de longuas terras este ouro aly trazem, os quaecs sam mercadores de diverssas nasções, .s. Bremus, Atis, Hacanys, Boroës, Mandingas, Cacres, Andeses ou Souzaos e outros muitos que leixo de escreuer por nam fazer longuo sermom*".

Ligada ao ouro a exploração da costa da Guiné

Aliás, toda esta questão da exploração da costa da Guiné estava intimamente ligada ao ouro. Quem estuda magistralmente o assunto é Jaime Cortesão, em seu *Origens e Função Marítimas de Portugal*, ainda inédito. Resumindo as conclusões a que chega nesta materia, pode-se dizer que um dos objetivos do Infante D. Henrique e de D. João II, ao prosseguirem tenazmente a política de descobertas, era, exatadamente, "*... fixar na costa, e em seu proveito, o ouro que de varios pontos convergia sobre o Tombuctu, em proveito final dos odiados muçulmanos. Tratava-se de operar uma inversão no sistema de trocas. O golpe vibrado no coração do poderio islâmico, com o bloqueio do Mar Vermelho e o monopólio do comercio do Indico, nunca poderia levar-se a efeito sem este outro golpe no monopólio do comercio do ouro sudanês, em mãos igualmente de muçulmanos. A fundação das fortalezas-*

feitorias desde Arguim à Mina, que ia duplicar e triplicar as rendas da pequena nação, não tinha outro objetivo", (p. 43).

Este fenômeno carece de uma pequena explicação, para os que não tiveram a ventura de consultar o notável inédito de Cortesão. Em suas próprias palavras, *ib.* pp. 37, 38 e 42, esta é a seguinte: "... O comercio do ouro fóra não só a base económica do imperio Mandinga, mas o laço que prendera o Sudão aos sultanatos muçulmanos do norte de Africa, que por sua vez enriqueceram à custa desse tráfico ... Das regiões auríferas o ouro concentrava-se em Tombuctu, e aí o vinham buscar as caravanas de amelos que o levavam, através do deserto, a Fez, Bugia, Tremecém, Tunis, Trípoli e Cairo. Duarte Pacheco calculava num milhão de ducados o ouro exportado por esta forma do Sudão. Com ele se cunhava a moeda desses sultanatos; e, em Portugal, durante a Idade Média, a maior parte das peças desse metal que corriam no País eram também as chamadas valedias mouriscas ... Os navegantes portugueses, ao demandar as costas da Guiné, iam na esperança e na intenção de encontrar o ouro com que se cunhavam as valedias mouriscas, que serviam aos mercadores do norte de Africa para comprarem a fruta do Algarve. A realidade não os desiludiu".

Até o fundo do golfo de Biafra

Sobre a zona seguinte, até o fundo do golfo de Biafra, é que mais se faz sentir a falta de elementos dentre os que dispomos.

As indicações são pouco mais do que meros nomes, inexpressivos. Tentaremos, contudo, bosquejar o quadro.

Informando sobre a costa a partir do castelo de S. Jorge da Mina, diz IV, 70 (116): "... do cabo Corço pera o cabo das Redes ... estam tres luguares poucos de pescadores, .s. Fante o grande e Fante o pequeno, e Sabuu o pequeno". E imediatamente após, referindo-se às cercanias do rio Volta, escreve: "... esta prouincia se chama do Mumu; e os negros d'esta terra sam maa jente e comem os homees e ateeguora nam teemos com elles nenhua conversaçam".

Continuando sua preciosa descrição, voluntariamente incompleta no que se refere às tribus, etc., o que é de ser profundamente lamentado, declara Duarte

Pacheco, relativamente à atual Keta Lagoon: "... hua muito grande alaguoa, que tem mais de duas leguoas em larguo e outras tantas em longuo, e doze ou treze leguoas por este Rio acima he achada hua grande cidade, que se chama ho Geebuu, a qual he cercada de hua muito grande caua; e ho Rio d'esta terra aguora em nossos dias se chama Agusale; e ho comercio que aquy pode hauer, sam escravos, que se vendem por manilhas de latam a doze e quinze manilhas a peça, e alguus dentes de elefantos". (IV, 71 (117)).

Epifanio Dias, comentando IV, assimila ho Geebu ao Jabum de Manoel Pimentel, *Arte Prática de Navegar*, p. 257. Ora, Luciano Cordeiro, *in IX a*, p. 26, identifica Jabum com Xabu, que assim é referido (*ibid.* p. 27): "Temos outro rei amigo nosso que é o de Xabu, reino pequeno mas muito bellicoso". Fica-se tentado a, em face do "pequeno" de IX a, que escrevia em 1621, assimilar talvez o Xabu ao Sabuu do Esmeraldo; deixamos, porém, a solução deste caso a outros pesquisadores mais pacientes.

A complexidade dos problemas desta zona

A complexidade dos problemas desta zona é bem descrita por um simples exemplo, tirado de Seligman, *The Races of Africa*. O autor é uma das maiores autoridades mundiais em africanística, sendo professor de Etnologia da Universidade de Londres; mas a-pesar-disso, declara a pp. 54-55: "... In our present state of knowledge the first classification of the tribes of the blacks of this vast area must be linguistic, and here, from Senegal through the Guinea coast and Southern Nigeria and occupying the hinterland from west to east, are found a large number of important language groups, each constituting a unit, though all belonging to the Sudanic family. A concrete example is furnished by the Guinea Coast, where the Twi —, Ewe —, and Yoruba-speaking peoples succeed each other from west to east; each of these linguistic groups consist of a number of tribes with more or less similar customs, and the members of all three groups themselves exhibit a substantial identity in their basic beliefs and habits of life". Esclarecendo mais um pouco, afirma às pp. 66-67: "... To the Twi-Fante, generally called Akan, belong Ashanti, Sefwe, Nkoranza, Adanse, Assini,

Wassaw, Ahanta, Brong, &c., together with the Agni of the Ivory Coast. The Ewe family includes the Ewe proper of Togoland and the peoples of southern Dahomey. Yoruba includes Nupe and Munshi (p. 82), while Bini and Efik-Ibibio stand outside these groups. Por aí vemos que a tarefa de fazer ressaltar apenas o importante, mesmo perfunto-riamente como neste trabalho, não é fácil.

Duarte Pacheco não se refere, entre 1505 e 1508, ao reinado de Ardra; IX a, entretanto, em 1621, ensina à p. 27: "Com o rei de Ardra que está junto à mina, que é nosso amigo ..." Cordeiro, *ibid.* p. 26, assimila Arda a Ardra, o que é perfeitamente justificado. Concluimos pois que, no decorrer do século XVI, o reino de Ardra, possivelmente existente já no interior, se fortaleceu e chegou à costa, nos limites da capitania da Mina, que se estendia até o rio Volta, *ap.* IX a, pp. 12-13.

Certos reinos que se salientaram na historia desta região

Convém, aqui, fazermos uma ligeira incursão para, à *vol d'oiseau*, informarmos nossos leitores relativamente a certos reinos que, posteriormente, desempenharam papel saliente na historia desta região.

Trata-se dos grandes Estados, bem organizados e internamente fortes, dos Achanti e do Dahomey, que, em conjunto com o de Benin, ocupam lugar à parte dos simples reinos bárbaros da costa e, também, dos grandes imperios sudaneses.

De passagem, salientemos que, a estes três Estados, dadas certas semelhanças, se poderia assimilar o reino Mossi. Não o fazemos aqui porque este último, situado na região entre a alça do Níger e o alto Volta, já faz parte, propriamente, do Sudão Central, e a ele nos referimos no artigo XVI. Contudo, como a referencia foi muito ligeira, podemos detalhar algo mais, porque o Estado Mossi, pela sua situação geográfica, étnica, histórica e política, estabelece verdadeiro elo de transição entre estes três reinos, que poderíamos denominar de subsudaneses, pelas diferenças que apresentam com o Sudão, no século XVI, e os grandes imperios que anteriormente já estudamos.

O Mossi é um dos Estados de sucessão do Gâna, havendo conservado a orga-

nização feudal típica dos imperios sudaneses, embora já modificada, tendendo a um fortalecimento maior do poder central através da criação de uma poderosa aristocracia militar em torno do rei. Também não tentou atingir a costa; sempre se manteve no interior.

A seu respeito, refere Augustin Bernard, in *L'Afrique Occidentale et Septentrionale*, pp. 467-468: "... (dans) *La partie méridionale de la boucle du Niger, la région de la haut Volta ... Le fond de la population est formé par les Mossis, dont le royaume, à organisation féodale, a réussi à se défendre contre les razzias des conquérants esclavagistes; les grandes empires éphémères qui se sont succédés dans les régions en bordure du Sahara n'ont pas réussi à l'ébranler*".

É preciso tomar algum cuidado com certos resumos, ainda que subscritos por grandes autoridades. A título de exemplo, citemos aqui a afirmativa de Renato Biasutti, professor da Universidade de Florença, in *Enciclopedia Italiana*, vol. XXIII, p. 935, vb. "Mossi": "... *Al Fulbé risale anche la fondazione del principato Mossi durato sino al periodo coloniale ...*", o que não coresponde à realidade.

Já em 1887 Vivien de Saint-Martin, no seu precioso *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, T. III, p. 1027, informava: "... MOSSI, Môchi ou Mécé. *Pays du Soudan Central, ... Bien que le Mossi soit divisé en une foule de petites principautés presque entièrement indépendentes les unes des autres et ne reconnaissant guère que pour la forme la suzeraineté du chef qui règne à Ouéghodoghô, il n'en a pas moins été le plus puissant des royaumes païens de cette région qui ont résisté aux guerres des Sonrhais et des Foulahs. Il était déjà puissant il y a plus de cinq siècles; au commencement du XIVème siècle, une armée du Mossi franchit le Niger et s'empara de Tombouctou; sa renommée fut même portée au roi Jean II de Portugal par un prince djolof qui se rendit à Lisbonne en 1488*". Apesar de algumas incorreções manifestas, sempre sobra um residuo aproveitavel nesta citação.

Mais recentemente, Seligman, à p. 63 de seu *Races of Africa*, assim cuida dos Mossi: "... *The Mossi comprise a large portion of the population of French Africa, where they centre round Wagadugu and extend into the Northwest Provinces of the Gold Coast. They appear to have reached their present home*

in the basin of the Volta from the east, merging with the indigenous population and forming a homogeneous people so far as language and culture are concerned. In the middle of the fourteenth century Mossi, Dagomba, and Mambrusi were united under one leader and for a short time were in possession of Timbuktu. The government is centralized, and the districts with their villages are grouped into administrative or vassal provinces under chiefs appointed by the king who resides at Wagadugu with his ministers, consisting of the chiefs of the five provinces, and numerous hereditary court dignitaries".

Meynier confirma, à p. 84 do seu *L'Afrique Noire*, que os portugueses do século XV conheciam o grande Hoggon do Mossi, e bem assim, a pp. 96 e 98, a conquista de Tombuctu.

Os outros três reinos a que nos referimos, localizados *grosso modo* entre o Mossi, cuja hegemonia é mais remota, e os pequeninos Estados litorâneos da Guiné Superior, chegaram à costa em diferentes momentos de sua evolução, embora tenham surgido no interior da região que ora estamos passando em revista; e atingiram o apogeu de seu poderio em épocas diversas, na seguinte ordem: Benin, sec. XVI; Dahomey, sec. XVII; e Achanti, sec. XVIII. Expandindo-se do interior para o litoral, possivelmente em virtude de pressões vindas do Sudão propriamente dito, acabaram por assenhorear-se deste, já em época mais recente e que não interessa a este estudo, desde a Costa do Ouro até além do delta do Niger.

Destes três, incontestavelmente o mais antigo é o de Benin, único, por conseguinte, a ser mencionado nas crônicas da época, pois já havia atingido a costa por ocasião da primeira chegada dos europeus na segunda metade do século XV; mais tarde, quando atingirmos a descrição da costa, examinaremos o que as nossas fontes registram em relação ao mesmo.

Quanto aos outros, faremos um sumário estudo de cada um deles, pois os dados a respeito, repetimos, são escassíssimos, e completaremos o esboço dando de um modo geral o que se refere a todos conjuntamente.

Principiemos pelo de Ardra. Este nos interessa particularmente, por se tratar do reino-madre de onde, posteriormente, surgiu a monarquia dahomeana.

A historia do reino de Ardra

Conta-nos a historia que, provavelmente no século XVI, o reino de Ardra se fragmentou, por herança, entre três irmãos, um dos quais manteve parte do reino com o nome antigo, o segundo fundou o reino de Whydah, ou Wydah, ou Ajudá, fixando-se na costa, nas imediações de Porto Novo, e o terceiro ascendeu ao trono do Dahomey, que, no interior e com o nome de Dauma, deve ser o mesmo já mencionado por Leão o Africano, como região, no século XVI. Mais tarde, este, fortalecendo-se, absorveu os outros dois, mas em época posterior à que nos interessa neste estudo.

A respeito do mesmo, sabemos que compreendia o Grande e o Pequeno Povo, e os países limítrofes. Depois, sua historia se confunde com a do Dahomey, que está resumida magistralmente por Agostino Gaibi e Aldobrandino Malvezzi de *Medici in Enciclopedia Italiana*, vol. XII, p. 229: "... *L'origine degli stati indigeni nella regione del Dahomey è incerta; parrebbe tuttavia che essi siano stati ab antiquo vassalli del re del Benin. Nel 1610 circa, Tacuduno terzogenito di Koppon re di Allaga passò nel paese dei Foy, bene accolto del re Da, che gli concesse un terreno sul quale egli si stabilì, pochi anni dopo. Peraltro, Tacuduno s'impadronì di tutte quante le regioni costituendovi il regno del Dahomey (1625). I successori di Tacuduno, e fra gli altri Adahunzu I (1650), guerreggiarono col potente stato limitrofo degli Ashanti: e nel 1725, unificandosi alla tendenza comune di tutti quanti i reami interni dell'Africa, cercarono di aprirsi un accesso al mare, impadronendosi delle regioni litoranee. Nel 1741 il re del Dahomey Bessa Abadè s'impadronì del forte portoghese di Ouidah e re Gezo (1818-1858) estese invece il Dahomey al N., facendo raggiungere allo stato i limiti massimi".*

Augustin Bernard, em sua obra *L'Afrique Occidentale e Septentrionale*, p. 474, acrescenta: "... *On trouve au Dahomey plus de trente races différentes. On peut cependant distinguer trois groupes principaux. Les Dahoméens proprement dits ou Eons (42 p. 100 de la population totale) se rattachent à la même souche que les Achantis; ils avaient comme ces derniers une civilisation très originale. Au centre et dans le Sud-Est sont les Nagos ou Yoroubas. Le Nord est occupé*

par les Baribas et par d'assez importants groupes de Foulbés, qui se livrent à l'élevage. Ces populations sont restées en grande majorité animistes".

Ainda a título de ilustração, acrescentemos que a língua do reino de Ardra era dialeto do Ewe ou Ewe, a cujo respeito se encontra a seguinte nota em *La Grande Encyclopédie*, I. XVI, p. 880: "... Evé ou Eiwé. Peuple nègre de la Guinée, qui donne son nom à l'Évèavo, région comprise entre les cours inférieur du Volta et la lagune de Togo; la partie littorale de l'Évèavo porte le nom des Esclaves. La langue évé est classée par les ethnologues au nombre des idiomes les plus intéressants de la région nègre; c'est à elle que se rattachent la plupart des dialectes parlés entre l'Asini, le golfe de Guinée et le Niger. Le siège primitif des Evé paraît avoir été la petite contrée de Noudsi, qui se trouve à dix journées de la côte d'Aoungla vers le N. E."

A respeito do reino de Achanti

Vejamos o que é possível saber relativamente aos Achanti.

C. A. de Magnin, estudando sua história no tomo I, p. 374, da *La Grande Encyclopédie*, diz: "Jusqu'à la fin du XVIIème. siècle les Achanti étaient à peu près inconnus; c'est à la suite d'une longue guerre avec les Fonti, peuple de la côte d'Or, sur les bords du Golfe de Guinée, que les Achanti des montagnes descendirent à l'intérieur et furent amenés jusque sous les forts anglais et hollandais qui protégeaient le commerce de la côte".

Augustin Bernard *op. cit.* p. 473, assevera: "... Koumassi était la capitale du royaume Achanti, puissant Etat militaire, fondé au XVIIème. siècle et qui nécessita trois guerres avant d'être réduit à se soumettre".

Um pouco mais detalhado é o relato de Medici, in *Enciclopedia Italiana*, vol. IV, pp. 835-836: "... Nei due secoli che trascorsero fra la sua costituzione e la sua fine (fine del sec. XVII, fine del sec. XIX) l'Ashanti provocò e sostenne continue guerre, prima per affermare e consolidare la propria egemonia sui popoli circonvicini, poi per difendere la sua indipendenza dagli Inglesi stabiliti nella vicina Costa d'Oro ... Vassalli, all'inizio della loro storia, del re dei Denkera, nel 1699 gli Ashanti furono libera-

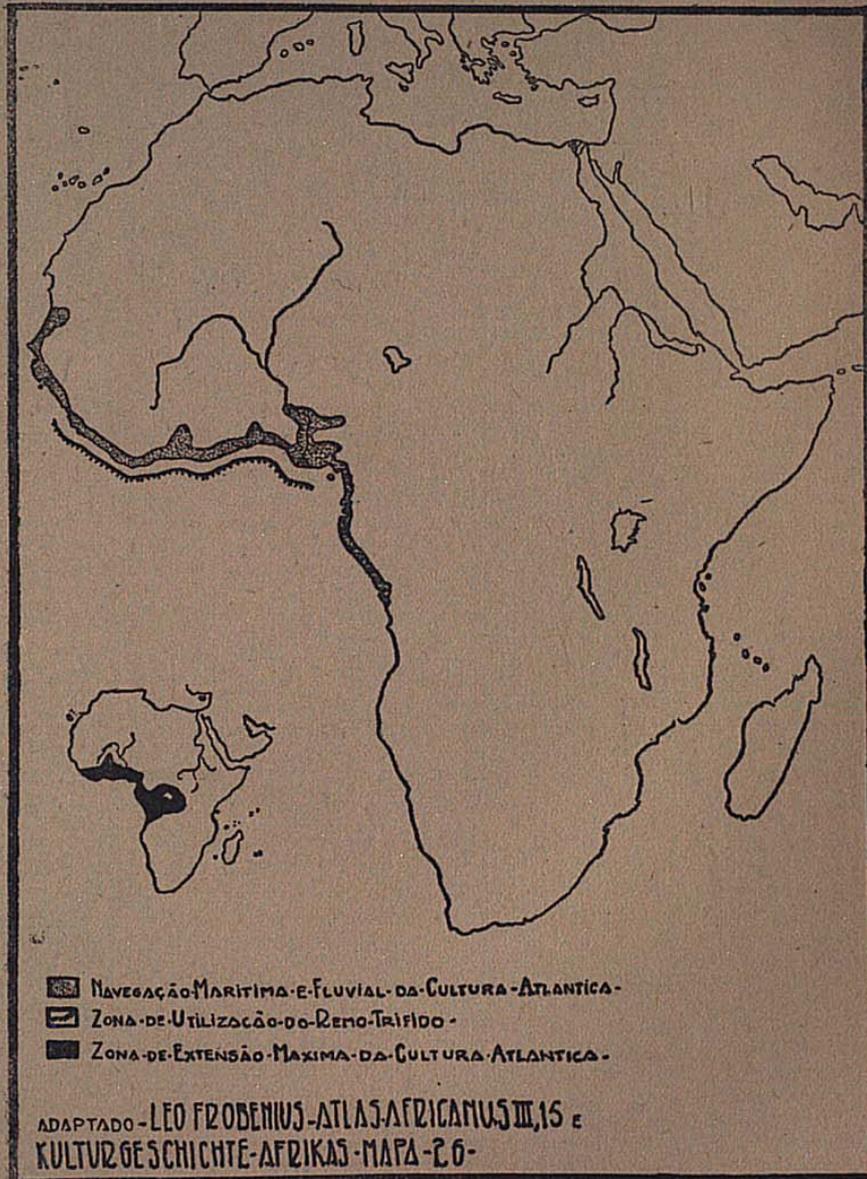
ti dal vassallaggio e conquistarono l'indipendenza per opera del loro sovrano Osei Tutu (1695-1731), che sconfisse il re dei Denkera, Ntim Jakari ... Durante il periodo della sua indipendenza l'Ashanti fu notevole per l'organizzazione militare e la ferrea disciplina gerarchica".

Vemos, portanto, que todos estes reinos, originariamente, são de tribus subsudanesas; o Benin, como veremos, já era um Estado importantíssimo no século XVI; o Dahomey foi fundado no século XVII, como o Achanti, que lhe é bastante posterior, e ambos só foram dominados pelo branco em pleno século XIX. O reino do Mossi, na parte sul da curva do Niger e no alto Volta, também é de formação mais tardia.

Em resumo, o que distingue estes grupos dos sudaneses é o seguinte: 1) são agricultores, e consequentemente sedentários, e não pastores ou seminômades; 2) são animistas, e não islamizados; 3) têm grande densidade de população concentrada, o que lhes dá um sentimento nacional forte, e não estão apenas reunidos efemeramente sob um imperador de outra origem; 4) têm uma organização estatal centralizada, e não feudalizada, como a dos outros impérios. Daí sua maior estabilidade, e também suas características mais destacadas do que as dos sudaneses.

Por outro lado, haviam atingido, talvez por condições mesológicas de preferência a outras causas, grau de civilização mais elevado do que os reinos costeiros. Se não viviam, estritamente, na região saheliana do Sudão, também não estavam prejudicados, no seu desenvolvimento, pela floresta tropical da orla litorânea do golfo de Guiné, o que lhes dava melhores condições de pujança e organização, distinguindo-os assim dos pequenos reinos litorâneos. Ocupam, de facto, posição *sui-generis* no quadro que estamos tentando debuxar.

Bernard, *op. cit.*, resume assim a situação, às pp. 429-430, 434: "... Les royaumes du Sud ont eu une destinée toute différente de celle des empires du Nord. Bien qu'ils n'aient eu ni l'éclat ni la renommée de Ghana, de Gao et de Mali et que leurs territoires n'aient jamais atteint des dimensions aussi considérables, ce furent en réalité des Etats plus forts, plus homogènes et plus durables. Ils ont subsisté pendant des siècles sans changement appréciable dans leurs limites ni dans leur organisation intérieure, et la même famille y a toujours



conservé le pouvoir. Cette fortune particulière tient à la densité et à l'homogénéité du peuplement, jointes à l'existence d'une religion nationale. Et ces particularités elles-mêmes sont dues à ce que ces pays étaient à l'abri des nomades sahariens, ce qui n'était pas le cas des États du Nord, dont l'éphémère apogée fut toujours suivie à bref délai d'un démembrement progressif ou d'une fin rapide.

E. F. Gautier a bien marqué l'opposition entre les pays mandingues de la boucle du Niger et les pays mossis, qui ont joui d'une beaucoup plus grande stabilité. Autour du roi, le Moro Naba, entouré de grands dignitaires et lié par un protocole très strict, on trouve une caste aristocratique, celle des Nahomsés. Les affinités du Mossi sont avec la Nigéria, le Dahomey, l'Achanti.

Les royaumes guinéens ont une physionomie très particulière. Le roi et la caste militaire sont en possession du pouvoir; tout le reste de la population est sous l'autorité absolue du souverain, à la mort duquel les victimes humaines étaient sacrifiées par milliers, ces grands sacrifices rituels s'accompagnant de cannibalisme. Il y avait une armée fortement constituée, dans laquelle figuraient des femmes, les Amazones. Par ailleurs, ces populations, surtout au Bénin, ont produit des statuettes de bronze très remarquables et paraissent à certains égards très avancées. Cette civilisation étrange, peut-être en partie d'origine congolaise, est en tout cas purement nègre et n'a pas subi l'influence des Berbères ni des Peuls.

Ainsi, au point de vue de la géographie humaine, ces royaumes agricoles de peuples paysans diffèrent des empires de pasteurs et de demi-nomades; l'évolution religieuse a achevé de les séparer, le Nord devenant musulman, tandis que le Sud demeurait animiste... Le climat et la fertilité ne sont au Soudan que l'un des facteurs de la densité de la population. Le facteur historique a eu une importance au moins égale à celle du facteur géographique. La densité est fonction de la sécurité; c'est seulement là où elle a été suffisamment assurée que la population a pu se multiplier. Dans la partie septentrionale de la boucle du Niger et au Tchad, le pays a été rui-

né par les razzias des esclavagistes, tandis que les royaumes haoussas ou foubés et le Bornou leur opposaient une résistance invincible. Il en a été de même des royaumes du Sud, Bénin, Dahomey, Achanti, et du Mossi, auquel les conquérants du Nord, tels que Samory, n'ont pas osé s'attaquer".

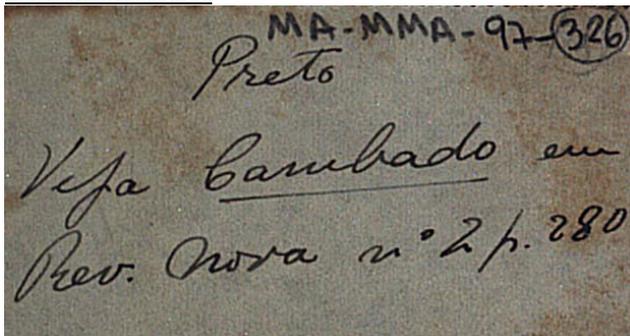
Os fenômenos que serviram de causa à evolução política desses povos são, por conseguinte, semelhantes, e os resultados deveriam sê-lo também. A expansão desses reinos para a costa é absolutamente natural; estavam eles crescendo através da linha de menor resistencia, que era evidentemente a das populações, muito mais atrasadas culturalmente, dos minúsculos reinos litoraneos, do que as dos poderosos Estados Sudaneseos. Em virtude da sua excepcional posição geográfica, o reino Mossi não pôde atingir a costa; os Achanti e os povos do Dahomey a atingiram, como se dera, anteriormente, com os de Benin.

Este, que é o mais antigo, e que por conseguinte merecerá estudos mais pormenorizados neste trabalho, em virtude de estar menos em contacto com a civilização européia, é de todos os quatro certamente o mais interessante e original como expressão de civilização puramente negra e africana.

Esta digressão tornou-se necessaria, frisamo-lo mais uma vez, para dar ao leitor o indispensavel *background*. Sintetizando, temos que, no século XVI, se excetuarmos o reino do Congo, "nas regiões da grande floresta tropical, o único Estado poderoso... era o de Benim", no dizer de Jaime Cortesão, *in Origens e Função Marítimas de Portugal*, p. 43; todos os outros eram apenas os pequenos reinos da orla litoranea, na Guiné Superior, a partir da Serra Leoa.

Os Estados que acabamos de examinar, talvez com alguma impropriedade denominados sudaneseos pelos nossos autores que estudaram assuntos africanos, ainda não haviam surgido em toda a plenitude do seu poderio. Este só viria mais tarde, nos séculos posteriores do commercio de escravos; e assim, não podem servir de exemplo aos que estudam o tráfico negreiro para o Brasil no século XVI. Queira o paciente leitor reter esta conclusão, tendo em vista a demonstração que nos comprometemos a fazer.

Documento 305:



Notação:

MA- MMA- 97 – 326

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.326.

Transcrição:

Preto/ Veja Cambado em/ Rev. Nova nº 2 p 280

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

CARVALHO, Rodrigues de. Língua Nacional (I). *Revista Nova*. São Paulo: a.1, n. 2, jun 1931, p. 278- 283. (BMA- C/I/c/78)

- caldeirões em que se abre a pedra" (Euclides da Cunha, *Sertões*, 3.^a ed., p. 13). No Amazonas é o redemoinho nos rios formado por correntes circulares, perigosas á navegação (Beaurepaire Rohan, Dic.).
- CALUNDU'** — Aborrecimento. Estar de calundú é o mesmo que estar nos seus azeites.
- CAMADA** — Emprega-se no sentido de doença transmissível: uma camada de sarna.
- CAMARADA** — Companheiro, collega. Individuo de nome desconhecido. (Termo castelhano).
- CAMARÇO** — Disposição das cartas de jogar, de modo que certo jogador tem sempre bom jogo.
- CAMBADA** — Gente de ralé. Certa porção de peixe á venda.
- CAMBADO** — Que tem bicho de pé. (Este nome veio do Paraguay, como denominação deboxativa ao soldado negro, porque existe lá um macaco preto chamado cambá — Baptista Caetano).
- CAMBALACHO** — Arranjo de contas de advocacia administrativa. (Termo usado em Portugal).
- CAMBA — PE'** — Golpe de capoeiragem para fazer cahir o adversario.
- GAMBINDAS** — Dança africana.
- CAMBISTA** — O que faz monopollo dos bilhetes de uma récita nos theatros: "Tem sido reconhecida judicialmente a profissão de cambista, vendedor de bilhetes de teatro" (Carvalho de Mendonça, *Dir Commercial*, 2.^a ed., vol. 1.^o, p. 329).
- CAMPAINHA CAIDA** — Inflamação da uvula.
- CAMPEAR** — Vaquear os gadoz no campo (*Linguagem do sertanejo do Nordeste*).
- CAMUECA** — Embriaguez: "Café sem rapadura tira camueca" (Honorio Silves, *Jornal do Commercio*, 23-9-1928).
- CANÇO** — Participio duplo do verbo cançar, conforme o linguaajar do Nordeste: Estou canço (em lugar de cançado) de avisar a Fulano.
- CANDINHA** — Usa-se no modismo filhos da Candinha — o povo que boateja: "Os filhos da Candinha não dormem" (A. Peixoto, *Bugrinha*, p. 138) (Nordeste).
- CANGUEIRO** — Que anda com marcha irregular, meio agachado.
- CANINGA** — Synonimo de cafiça, calpora. Encaningar: encaiporar. (Do tupy: cany; perda, morte, acabamento. — Montoya. Entretanto ha uma versão na tradição popular que põe em duvida essa origem. Ao serem ajustados os negocios do Brasil com Portugal, ao tempo da Independencia, veio ao Rio de Janeiro um lord inglez e primeiro ministro, Canning, que tudo embarçou sobre o reconhecimento da soberania brasileira. Exigiu o pagamento de um milhão e quatrocentas mil libras esterlinas, que a velha metropole devia á Inglaterra, e tivemos que assumir o debito. O Brasil começou com este azar, com esta caninga, que nos tem trazido até hoje escravizados por dividas. — V. Paulo Setubal, *Maluquices do Imperador*, p. 126).
- CANUDO** — O mesmo que taboca. Mau negocio. Tomar um canudo: comprar caro (Usa-se em Portugal).
- CAPACHO** — O mesmo que chaleira, bajulador (Usado em Portugal).
- CAPADO** (subst.) — Porco castrado, posto no chiqueiro para engorda: "... vieram as toalhas de Flandres, as grandes jarras da India; matouse um capado" (Machado de Assis, *Braz Cubas*, p. 39).
- CAPAR DE VOLTA** — Estragar, inutilizar: "Mas no fim capei de volta" (Viriato Corrêa, *Balaçada*, p. 19).
- CAPIM** — Nome de várias especies de gramineas e da ciperaceas, quasi todas proprias para forragens. Botar o pé no capim: voltar á terra natal depois de um degredo. (Do tupy caapiyn: matto fino).
- CAPIONGO** — Triste.
- CAPITAO — DE-CAMPO** — Individuo que, ao tempo da escravidão, tinha por officio procurar negro fugido.

MA - MMA - 97 - (327)
 Preto
 O barão Forth Rouen
 que esteve na Baía por
 16 dias, de viagem pra
 Cluina (1847) escreveu
 que quasi todos os negros
 do lugar eram da
 nação naofo, e um gran-
 de parte sabiam ler e
 escrever o arabe. Eram
 fortes, allegres, expansivos
 apesar da penuria e
 abatimento em que vi-
 viam na escravidão.
 E que um proprietario
 fora obrigado a cortar
 uma boa arvore que
 pela facilidade de dis-
 posição dos ramos era

teatro quasi diario de
 supricamentos suicidi-
 dos. E, combinando
 quasi com von Weeck,
 no desprezo do furea
 ou corajem dos negros,
 conta que pra puxarem
 uma charrua importa-
 da da Europa vieram
 18 bois e 3 ou 4 negros
 e "apenas conseguiram
 trazer um sulco de
 algumas polegadas, Tão
 duras eram as terras!"
 (Jornal do Comercio, Rio,
 27 - VII - 30)

Notação:

MA - MMA - 97 - 327

Análise documentária:

Autógrafo a grafite utilizando o verso e anverso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.327.

Transcrição:

Preto/ O barão Forth Rouen/ que esteve na Baía por/ 16 dias, de viagem prá/ China (1847) escreveu/ que quase todos os negros/ do lugar eram da/ nação Naojo, e em gran- /de parte sabiam ler e/ escrever o arabe. Eram/ fortes, alegres, expansivos/ apesar da penúria e/ abatimento em que vi-/ viam na escravidão./ E que um proprietário/ fôra obrigado a cortar/ uma sua árvore que/ pela facilidade de dis-/posição dos ramos era/ teatro quasi diário de/ enforcamentos suicí-/dios. E, combinando/ quasi com von Weech,/ no desprezo à força/ ou coragem dos negros,/ conta que pra puxarem/ uma charrua importa-/da da Europa vira/ 18 bois e 3 ou 4 negros/ e "apenas conseguiram/ traçar um sulco de/ algumas polegadas, tão/ duras eram as terras". / (Jornal do Comercio, Rio,/ 27- VII - 30)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Africanologia/História]; [Escravidão]

Verificação:

Não localizado pela pesquisa.

Africanologia

DEPOIMENTOS DE MISSIONARIOS DOS SECULOS XVII E XVIII

Depoimentos antigos e preciosos, que ainda não vimos invocados pelos que historiam o regime escravidão brasileiro, vêm a ser os dos missionários capuchinhos das famosas missões do Congo seiscentistas e setecentistas.

Eram estes catechizadores quasi todos italianos e deixaram assaz abundante literatura que o zelo de seus irmãos de habito está trazendo a lume, de uns decennios para cá.

Constitue esta bibliographia, escudado e lebrado, o valioso manancial para o estudo da ethnographia africana da costa atlantica equatorial, sobretudo para o Congo e Angola.

Em virtude da situação geographica de sua zona de catechese tiveram estes missionarios numerosos e assaz extensos contactos com o Brasil, sobretudo com a Bahia e Pernambuco. Em suas obras occorrem diversas referencias as questões do trafico, uma ou outra já dilucidadas.

Constituem outras tantas achegas importantes para o esclarecimento dos nossos fastos servis.

Gracas á gentileza do douto Fr. Fidelis Motta de Primerio, O. M. C., autor de extensa e substanciosa monographia *Os Missionarios Capuchinhos no Brasil* (S. Paulo, 1930), que tivemos a honra de prefaciar, obra escripta em collaboração com o seu irmão de habito, Frei Modesto de Rezende, consultámos alguns dos volumes a que nos referimos publicações recentes, realizadas sob os auspícios de sua benemerita Ordem.

De muito conheciamos a relação de viagem de dois desses capuchinhos do seculo XVII, os Padres Frei Dionysio de Carli di Piacenza e Frei Miguel Angelo Guattini. Estiveram em Pernambuco no terceiro quartel do seculo XVII e lá recolheu sobre os patulistas, uma série de patranhas pittorescas e descabidamente fantásticas de que nos aproveitamos em um dos capitulos de nosso *Non áncos áncos*.

Da desces missionarios se havia Alfredo de Carvalho occupado, menos pormenorizadamente, porém, do que nós, aliás.

Em 1666 partiram os dois capuchinhos de Genova para o Brasil. Após uma travessia de tres mezes aportaram, com feliz viagem, a Pernambuco.

Acharam a cidade populosa, cheia de escravos trazidos de Angola, Congo, Dongo e Matamba. Regulava a sua entrada annual "em dez mil individuos destinados ás lavouras de fumo, assucar e algodão, assim como ao corte da madeira com que se tingiam as sedas e outros estoffos de raião".

Admiraram-se os missionarios do vicio dos algodoeiros pernambucanos; atingiam elles o altura de um homem.

Visitando o engenho de assucar, notaram as moendas, cujos propulsores eram turmas de escravos. "Admiramo-nos ao ver os negros, prolixos por natureza, trabalhar tão duramente e collocar as canhas ante as peças de ferro massico, tão dextramente e em risco de ali deixarem mãos e bracos".

A 2 de Novembro de 1667 sahiram de Pernambuco para o Congo, e a 25 de Dezembro tocavam em S. Felippe de Benguela onde só havia duzentos brancos. O logarejo não passava de miseravel amontoamento, contanto cerca de duzentas casas de barro.

Resadma impressão lhes causaram os portuguezes dalli, documentos vivos de quanto o clima era pernicioso aos brancos. Pareceram-lhes defuntos sahidos da corte de voses syncopadas e sibilantes entre os dentes. Loanda e Benguela passavam por ser os peores logares de degredo. "os mais infectos de todas as possessões portuguezas". Assim os lusitanos que lá se achavam eram "os mais malvados e os mais velhacos".

Doze dias mais tarde chegaram a São Paulo de Loanda, porto esplendido.

A cidade, incomparavelmente superior a Benguela, contava tres mil brancos e innumeravel copia de negros. Allí residiam individuos possuidores de centenas de escravos. Alguns até de dois ou tres milhares de cabeças. Havia em S. Paulo casas de pedra e cal, mas a sua agia potavel era pessima.

As macuzas, biramas e pecas da India eram a moeda corrente da Costa d'Africa, onde quasi não existia numerario. Fazia-se, o commercio pelo escambo em geral. A macuca, peça de raião com uma jardá de comprido (91 centímetros), valia dez réis; a birama, peça de algodão grosseiro, de cinco varas (5 metros e 50 cts), 300 réis. A peça de India, de panño fino, correspondia ao valor de um moleiro até a idade maxima de 20 annos, ou fossem, em termo médio, 20.000 réis.

Depois de uma jornada no "grão ducado de Bambe", tendo recebido Frei Miguel Angelo, voltou Frei Dionysio de Piacenza, gravemente enfermo, a Loanda, onde embarcou para a Bahia, desalando voltar á Italia.

A mástria quasi o matara. Sentia-se absolutamente exaustão pelas privações, o rigor do clima, o cansaço do apostolado.

E achava-se sobretudo farto da permanencia naquelles paizes barbaros, onde o espirito escravista tão profundamente arraigara, entre negros e brancos, que nenhum europeu vendia a recusa de um presente de escravos: a o seu tumbão pelado de 50 africanos de ambos os sexos, adultos e crianças. E levava boa provisão de marfim.

Que espectralidade apresentavam estes "poveiros meschini" exclama o capuchinho horroreizado.

Os homens empilhavam-se no fundo do barco, cercados por grades, por cordões...

rio e pertinaz da actuação franciscana no Congo e Angola. Partiu o Padre Cavazzi em 1654 com a quarta turma de evangelizadores. Permaneceu em Angola 14 annos e só regressou á Italia em Abril de 1669, passando pelo Brasil. A Africa voltou em 1670 como Prefeito das Missões.

Depois de numerosas paginas consagradas á descripção geographica da região quanto ao clima, flora, fauna maritima e terrestre, conta-nos Cavazzi que o Congo era o menos habitado dos tres reinos. Sua capital, São Salvador, não passava de pequena villa de cinco mil habitantes. Dalli sahiram, para toda a America, escravos numa media de quinze mil cabeças, annualmente.

Verbera Cavazzi o defeito a seu ver maximo, dos conguezes, a sua tendencia de desamarrar para com os mais proximos parentes, fossem irmãos e até paes e filhos. Os proprios reis vendiam sua progenitura certos de que se o não fizesses elle seria negociado após a sua morte pelo seu herdeiro presumptivo aclamado soberano!

Logo ao chegar á Africa, em 1654, assistiu Cavazzi uma scena, típica perto de sua igreja conventual. Percebu um individuo a fazer enorme berreiro. Pensou que estivesse louco ou pelo menos victima de algum accesso de loucura religiosa.

Tal não se dava contudo. Era conspicioo habitante negro de São Salvador que se arrependera de haver vendido a traficantes varios irmãos, uma irmã e ainda por cima de tudo paes e mãe! E berrava agora porque não possuindo mais consanguinos deplorava o negocio que o privava de ora em diante de qualquer assistencia familiar.

Este ao menos soffrera esta crise de remorsos interesseiros. Outros havia que, com a maior singeleza, contravam haver despendido para a America filhos, progenitores, irmãos. E como desculpa de tal monstruosidade allegavam a premencia do aperto financeiro. A compra de escravos fazia mediante trocas e era absolutamente mesquinhas, sendo-lhes de base bugigangas como collares de coral, vidrilhos, uma garrafa de vinho, etc.

Relata o Padre Cavazzi que, em 1648, após a victoria da restauração de São Paulo de Loanda, impoz Salvador Corrêa de Sá, rei do Congo, uma contribuição de guerra de nove mil escravos, pelos prejuizos causados aos dominios portuguezes por este monarcha, aliado aos holandezes. E exigiu ainda a entrega de todos os captivos fugidos aos portuguezes durante a invasão hollanda.

Descrevendo scenas que assistiu em Angola refere-se Cavazzi á partida de um de seus companheiros, Frei Boaventura de Correglia, de São Paulo de Loanda para o Brasil, numa caravela em que iam novecentos escravos.

"Barbara é a escravidão, commenta, e não menos barbaro o systema de se estivarem, como enxovas, tantos pobres infelizes sobre fragil lenho! Empilhados sem ordem e sem distincção de sexo e idade não tardou que uma epidemia em poucos dias delicia matasse 250.

O commandante do navio sentindo-se arruinado estava na imminencia de peior loucura: a do suicidio. Foi o capuchinho quem o deteveu deste passo, sinistrando o ponto de vista religioso. Durou pouco a travessia, muito menos do que de costume, sem tempestades nem maus encontros. Verdadeira "bolgia infernal" qualifica a o nosso autor.

Conta-nos o Padre Cavazzi que, além de tudo, os miseros africanos navegavam para o Brasil sob o peso das mais terribes apprehensões. Eram rezes conscientes marchando para infallivel matadouro.

Entre elles corria o boato de que na America seriam todos trucidados para, com os seus ossos carbonizados, fazerem os brancos polvora de arcaubus! Do resto do corpo extrahiriam os perversos oppressores o óleo americano vendido nos portos da Africa. Só com o saberem o que os esperava na America muitos se homisaram fugindo para as florestas.

Occorriam scenas crueldadissimas no momento do desembarque. Numerosos eram os captivos postos a bordo depois de desesperadamente surrados e após desesperada e incrível resistencia; muitos procuravam então atirar-se ao mar e suicidar-se.

Tal o desespero dos desgraçados africanos que, por diversas vezes, se havia visto escravos arrancarem as taboas do fundo dos navios fazendo-os submergir, parecendo assim com os seus martyrizadores, a preferirem o suicidio ao horror do captivo na America.

Publicação interessante e valiosa é a que o Padre Frei Evazio Gato, capuchinho, fez da obra de um seu confrade, o Padre Frei Giuseppe Monari da Modena, prefeito das missões do Angola.

Esta memoria, até agora inédita, data de principios do seculo XVIII. Em 1931 imprimiu-se sob o titulo: *Sulle terre e sul mar*.

Este o missionario na Africa portugueza a principio de 1711 a 1713 e o seu relatório traz varios informes curiosos sobre as condições do Congo e de Angola e o trafico de escravos.

Assim, por exemplo, nos relata quanto certas mercadorias europeas eram caras: Um pito de vinho com "sette misure di un peso e mezzo" ou, exactamente, um hectolitro vendia-se por escassa moeda de 200 réis e 200 réis, tendo havido occasões em que um garrafão de vinho se negociava por um dobrão!

Naquella terra de escambo não se calculava quasi dinheiro e sim macuzas, biramas e pecas da India.

A macuca correspondia a uma tela de quatro palmos de circumferencia feita de folhas de certas palmeiras africanas. Com destas telas equalitiam a mil réis. A birama correspondia

Depois de uma jornada no "grão ducado de Bamba", tendo fallecido Frei Miguel Angelo, voltou Frei Dionysio de Piacenza, gravemente enfermo, a Loanda, onde embarcou para a Bahia, desejando voltar a Italia.

A malaria quasi o matara. Sentia-se absolutamente exaustado pelas privações, o rigor do clima, o cansaço do apostolado.

E achava-se sobretudo farto da permanencia naquelles paizes barbaros, onde o espirito escravista tão profundamente se arraigara, entre negros e brancos, que ninguem comprehendia a recusa de um presente de escravos: Ia o seu tumbelero pelado de 650 africanos de ambos os sexos, adultos e crianças. E levava boa provisão de marfim.

Que espectáculo apresentavam estes "poveri meschini!" exclama o capuchinho horrorizado.

Os homens empilhavam-se no fundo do bordo, cercados por grades, pois podiam sublevar-se e matar todos os brancos de bordo.

As mulheres se reservava a segunda cobertura: as que estavam grávidas achavam-se recolhidas á camera de pópa. Os menores, estes, em barril. Se os negros queriam dormir caíam uns sobre os outros.

Para satisfazerem as necessidades corporaes havia sentinas, mas como muitos receissem perder os logares que occupavam, exponiam-se onde se achavam. Sobretudo os homens, cruelmente accumulados, de modo que entre elles o calor e o fetido se tornavam intoleráveis.

Durava a travessia oceanica, geralmente, de trinta a trinta e cinco dias. Levou cincoenta e com a calma, enfão havida, padeceram muito os tripulantes e passageiros.

Attonito viu o capuchinho os portuquezes da marula amarrarem a imagem de Santo Antonio a um dos mastros do seu horrivel navio e de cara virada para o madeiro. Puzeram-se de joelhos a proferir em côro: — Santo Antonio! patricio nosso, tercis de ficar assim, ah!, até que nos favoreças com um vento de feição que nos permita continuar a viagem!

Pois bem, correu logo certa viração! Mas, logo depois, começaram os rivezes a faltar e o capitão consultou o capellão a lhe dizer: — Padre! não ha remedio! estamos todos mortos de fome! Respondeu-lhe o capuchinho que de amigos recebera bom vislgo ao sahir de Loanda. Daria pelo menos para sustentar os brancos por alguns dias. Os africanos elle, capitão, visse como poderia mantel-os. E como houvesse a bordo quarenta pipas de boa agua, desse-lhes mais dois dias, pelo menos. Não tardou que se levantasse terrivel clamor dentro os captivos. Começaram as crianças o seu berreiro logo acompanhado pelo das mulheres e dos homens. "Era coisa para impressionar o homem do animo mais corajoso!"

Recordou Frei Dionysio aos remedios da fé. Reuniu os brancos e beberceu-lhes a bebedica e a irreligiosidade. Fessimos exemplos davam aquelles miseros christãos recentes, mostrando-se até blasphemos. Pois não haviam baptisado com o nome de Santa Maria o cabroto com que surravam os captivos?

Cabiram todos de joelhos a gritar: — Perdão! Perdão! Entorram-se hymnos a Nossa Senhora e fer-se solenne promessa de oitenta missas, metade em honra a Santo Antonio e o resto pelas almas do Purgatorio.

Mandou o capitão distribuir a cada negro certa quantidade de agua, mas dentro em breve a gritaria dos famintos, sobretudo a das crianças, implorando alimento, era de tal vulto que o capuchinho, vendo-se incapaz de alliviar aquelles desgraçados, trançou-se em seu camarote.

Alli passou um dia a jejuar. Não queria comer á vista dos pretos para lhes não augmentar o desespero. Se Deus não intervesse logo, estariam todos perdidos.

Ouvindo falar na necessidade do recurso extremo á anthropophagia, verberou Frei Dionysio, vehemente e taes idéas, proclamando que, se tal horror viesse a occorrer, elle queria ser o primeiro a sacrificio.

Tam as cousas de mal a peor e deram-se scenas de indisciplina e ferocidade. O mestre, bebado, assassinou, barbaramente, um marinheiro e não pôde ser castigado sequer de leve por um motivo de *salus populi*. Era o mais habil navegador de bordo. Afinal, occorreu o milagre. Chegou o navio á vista da costa brasileira. Isto levou os esfalmados a tal delirio que, na ansia de contemplar a terra, precipitaram-se todos para um dos costados apesar do adornamento perigoso do navio.

Entrando na Bahia de Todos os Santos, espalhou-se logo o boato de que o navio gastara cincoenta dias na travessia.

Corretam muitos negreiros a bordo, certos de que todos os africanos tinham morrido, e surprehenderam-se ao saber que dos 650 apenas faltavam 331 Milagre, verdadeiro!

Voltando á Europa partiu Fr. Dionysio da Bahia num navio que era "verdadeira Arca de Noé", ch' a, sobretudo, de macacos de todos os tamanhos, papagaios e araras, a que chama *arocas*. Levava mil caixas de assucar, tres mil arrobas de fumo, muito pau brasil e entre os seus passageiros, além dos portuquezes, diversos italianos, holandeses, hespanhoes, além de escravos indios e negros, destinados ao Reino.

Editou-se ultimamente (1931), em Tivoli, acaá aientada obra de um missionario capuchinho da Africa: *A Descrizione Storica del tre regni Congo, Matamba ed Angola situati nell' Etiopia inferiore occidentale e delle missioni apostoliche esercitate dai missionari cappuccini*.

E seu autor o Padre Fr. João Antonio Carrari, missionario e prefeito de missões africanas. O original de seu relato foi modernizado por Frei Fortunato Alamandini de Bologna. As missões capuchinhas da Africa occidental encetaram-se em 1818 mas a principio sem resultado apreciavel. De 1843 data o esforço se-

Monari da Modena, prefeito das missões de Zingola.

Esta memoria, até agora inedita, data de principios do seculo XVIII. Em 1931 imprimiu-se sob o titulo: *Sulle terre e sul mar*.

Esteve o missionario na Africa portuqueza a principio de 1711 e o seu relatório traz varios informes curiosos sobre as condições do Congo e de Angola e o trafico de escravos.

Assim, por exemplo, nos relata quanto certas mercadorias europeas eram caras: Um pipete de vinho com "sette misure di un peso e mezzo" ou, exactamente, um hectolitro vendia-se por sessenta mil reis e as vellas por 200 mil reis, tendo havido occasões em que um barrilão de vinho se negociava por um dobrão! Naquelle terra de escambo não circulava quasi dinheiro e sim macutas, bramas e pecas da India.

A macuta correspondia a uma tela de quatro palmos de circunferencia tecida de folhas de certas palmeiras africanas. Com destas telas equivaliam a mil reis. A brama correspondia a uma peça de algodão com cinco braças (11 metros) e a peca da India era escravo, negro, de seus vinte annos, alto e robusto, no valor de sessenta mil reis em termo medio.

A 19 de Maio de 1730 sahio Frei Giuseppe da Modena do porto de Loanda para a Bahia, chegando ao porto em que se destinava a 24 do junho seguinte. Trinta e cinco dias para atravessar o Atlantico.

No navio a que chama *la nave del Purgatorio* além dos marujos, officialidade e passageiros iam 789 negros dos quaes morreram 80 durante a travessia.

"É impossivel descrever o pranto, a confusão, o fedor a quantidade de pillohos que devoravam aquelles pobres negros, relata o missionario. Naquelle barco havia um pedaco de inferno mas como os que estão no inferno não têm esperanças de delle sahirem me contentarei dizendo que elle era a nau do Purgatorio".

A lotação dos tumbeleros admitia grandes quantidades de escravos. Cargas de 700 a 1.000 captivos vinham a ser frequentes. Assim no vol. II dos *Missionarios Toscani* (337) se conta que a 7 de junho de 1708 sahio de S. Paulo de Loanda para a Bahia a nau *Nossa Senhora do Cabo* com cincoentos passageiros dos quaes 742 escravos. Apenas em alto mar desenvolveu-se a bordo terrivel epidemia dissimuladora de brancos e negros. Estes "stava no come bestie, involti nel loro sudiciume e immondezza".

Terrivel o quadro que apresentava aquella área tão restricta. Gritavam uns lamentavam-se outros, choravam outros mais, ao passo que ainda outros riam, dementados.

"In somma il tutto era confusione, relata o autor italiano, e con tale strettezza di sito che uno appena poteva muoversi per la moltitudine grande di quei neri. Il fetore era intollerabile, il riposo breve, preché appena si poteva serrare gli occhi".

Entre os documentos ultimamente editados sobre as missões conguezas figura a *Pratica missionaria dos Padres Capuchinos Italianos nos reinos de Congo, Angola e regiões adjacentes exposta para esclarecer e guiar os missionarios destinados a estas santas missões*.

Trata-se de um manuscrito de 1747, impresso em 1931, pela editorial belga L'Asiam.

Pertence esta obra ao conjunto da publicações das *Archives Congolaises*, encetadas, em 1913, pelos eruditos belgas De Jonghe e Th. Simas.

Diz o prefacador anônimo do Berlim que a autoria deste se pode ser attribuída ao Padre Jacintho de Bolonha Triboli que, para o Congo partiu em 1741, foi Prefeito da Missão em 1747, voltou á terra natal e morreu em sua cidade benenice a 15 de Dezembro de 1747.

O *Institut Royal Colonial de Belgique* que reconheceu os trabalhos da antiga comissão das *Archives Congolaises*, interrogados pela Grande Guerra, brevemente offeresora ao publico, ao que parece, diversos documentos de maxima origem que a *Pratica dos missionarios*.

Depois de relatar que o porto de embarque dos missionarios de sua ordem era Lisboa, onde o Rei de Portugal mandava dar a cada um destes franciscanos uma ajuda de custo de cem cruzados (40\$000) conta-nos Frei Jacintho que os marinheiros portuquezes consideravam verdadeira mascote a presença de um capuchinho a bordo de seus navios.

Refere-se a sua instrução sobretudo a Loanda. Numerosos capitulos da obra consagram-se aos trabalhos de piedade dos evangelizadores postos a testa de alguma missão. O interior das terras loandezas era aspero e "Jamais fora percorrido pelos senhores bispos sequer os senhores conegos da Sé de S. Paulo", exclama impressionado senão escandalizado o evangelizador. Jamais se ouvira falar da administração do orlam ao que parece, diversos documentos de maxima origem que a *Pratica dos missionarios*.

Assim tinham os missionarios que viver isolados no meio das populações negras, a distancia por vezes enormes da costa.

Frequentemente, reputavam-se mortos ou perdidos estes auidas catholicas. E de repente reapareciam entre os civilizados a exemplo de certo frade que, passadoz sete annos de impensavel mysterio sobre o seu destino, surgiu em Cabinda, porto animadissimo graças á presença de numerosissimos navios traficantes de escravos, sobretudo ingleses, francezes e holandezes.

Em 1747, afirma Fr. Jacintho, partiam de Benguela, annualmente para as outras conquistas de Sua Magestade Fidelissima, cerca de dous mil escravos.

Ser missionario no Congo e Angola era coisa sobremodo rude e o nozo pic po autor conta um captivo á recommendação instante e ao exame meticoloso de quanto convem ser bem percurtada as vocações para as obras misio-

5/4/36/

MA-MMA-97

328

JORNAL DO COMMERCIO — DOMINGO, 5 DE

OS

narias, entre os candidatos a tão ardua carreira evangelica.

Os exercicios de piedade tornavam-se formidavelmente exigentes para que a pureza do ministerio se mantivesse sem jaça.

Muito mais riscos corriam ainda aquelles apóstolos do catholicismo, destinados a servir em districtos percorridos pelos traficantes portuguezes, graças aos abominaveis escandalos nascidos dos vicios que elles espalhavam entre os singelos pagãos, baldas até agora a estes desconhecidas.

Ingenualmente observa Fr. Jacintho de Bologonha, commentando o imperio exercido pela raça branca sobre a prole de Cham:

"Especial providencia de Deus esta que faz com que os conguezes e angolezes, por mais robustos, por mais ferozes e bellicosos de genio que sejam vivam no emtanto dominados por grande temor dos brancos. Isto a tal ponto que, embora constantemente oppresos e tyrannizados não se rebellam, cousa pasmosa sobretudo em S.

Paulo de Loanda onde ha grande copia de negres e pequeno numero de portuguezes".

Apezar de tudo, de vez em quando, surgiam tentativas de revolta. Pouco antes de 1747 uma houvera, e bem seria até, fracassada por causa da desunião de seus promotoras.

Era o fito de tal levante o exterminio completo dos brancos, seculares e ecclesiasticos. Só seriam poupados os capuchinhos...

Tratando das leis e costumes dos africanos que conheceu affirma o nosso capuchinho que os algozes não eram como os pagãos do Brasil *sine duce e sine lege vagantur*.

Tinham reis e leis, por vezes extravagantes e barbaras e ás iniquas; mas tambem outras os regiam, honestas e humanas.

Indicava notavel elevação a ausencia absoluta de perversões sexuaes entre esta pobre gente. As que iam apparecendo haviam-lhes sido ensinadas pelos brancos.

Affonso de E. Taunoy

no Congo
1654 com
maneceu
Italia em
A' Africa
sões.
agradas á
o ao cli-
conta-nos
itudo dos
não pas-
bitantes.
escravos
annual-

Notação:

MA- MMA -97- 328

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (67 x 28,5 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal;

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

Subtema:

[Africanologia/História]

Verificação:

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Depoimentos de missionários dos séculos XVII e XVIII. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1936.

Nota da pesquisa:

Devido às medidas deste e do próximo artigo ultrapassarem este espaço, eles foram dividido em três partes, para que possa ser possível a leitura.

PANORAMA AFRICANO

Quaes os principios poros africanos importados no Brasil? O problema está hoje incomparavelmente mais esclarecido do que ha meio século atrás, eua que se apresentava absolutamente obscuro.

Foi a principio ventilado, e de modo superior, por Nina Rodrigues. Mais tarde Calogeras retomou-o e ultimamente Affonso Ramos o synthetizou em seu O negro brasileiro.

Como a seguro mestre senhor da bibliographia antiga, recente e hodierna, ouçamos a este ultimo:

"Por muito tempo tem lavrado grande confusão a respeito, suppondo alguns dos nossos mais autorizados historiadores copiando uma antiga nota de Spraxius Martius, que fuisse negros "bantus" os que entraram no Brasil, exclusivamente para uns, em maior numero para outros. Assim, para Spix e Martius, os negros escravos no Brasil teriam provindo dos "Congo", "Cabindas" e "Angolas" da Africa Occidental, e dos "Macuas" e "Angicos" da Costa oriental.

Nas suas memorias sobre as tribus negras importadas, Affonso Claudio e Braz do Amaral, embora avançando em grande efforço de determinação, não conseguiram esclarecer cabalmente o assumpto.

A confusão reconhecia varios factores: incasidencia de documentos, originaes bomeas falsas que os negros se fixam a ellas proprio, de accordo com o lugar de origem, as vezes simples cidades ou villas, movimentos migratorios secundarios dentro do proprio país — na Africa e no Brasil — absorção socio-psychologica, evidente nas formas religiosas, das tribus bantus atrazadas pelas mais adiantadas; formação de uma lingua geral ("nago"), na Bahia, "Quimbundo" em outros pontos) pelo mesmo phenomeno de absorção."

Provou Nina Rodrigues de modo cabal quanto se enganavam os antigos autores. Demonstrou a existencia de innumeros contingentes de sudanesez na Bahia. E pensa que os grandes responsaveis desta appelloção erronea foram Spix e Martius. Por deficiencia de conhecimentos do portuguez não perceberam na região bahiana o enorme affluxo de sudanesez.

João Ribeiro, induzido em erro pelas duas grandes sabias leitas, inclinou em sua Historia do Brasil (edição de 1900) estas noções falsas a seus leitores. Assim também Sylvio Romero na Historia de litteratura brasileira.

Contesta o sabio maranhense de modo formal este modo de ver entendendo que numericamente a porcentagem sudanesez não é inferior a bantus. E recorda que dos autores antigos o que mais se approximara da verdade fôra o Visconde de Porto Seguro.

Percorrendo a collecção da *Idade de Ouro* encontrou Nina Rodrigues elementos valiosos para avaliar os dados da importação africana na zona bahiana.

Entre 1812 e 1820 entraram no porto da Cidade do Salvador 17.591 escravos da Africa Septentrional e 20.641 da Africa Meridional. Mas como de 1816 em diante os cruzeiros Inguezes vigiavam rigorosamente o litoral guineense devem se estudar sobretudo os resultados do quinquennio de 1812 a 1815 em que desembarcaram na Bahia 17.307 sudanesez e apenas 3.645 bantus.

Invoca Nina Rodrigues o testemuho em 1795 de D. Fernando José de Portugal, então Capitão General da Bahia, em carta ao Ministro do Estado futuro Visconde de Balsemão. Oppuzo-se ao projecto de commercio com o rei do Dahomé allegando não convir accumular mais negros sudanesez na Bahia.

Os bantus estes enclavam as terras de Pernambuco e as do Rio Grande que nenhum trabalho os cunha. Considerem agora se romperão a toda Hollanda homens que tudo romperão."

Entende Nina Rodrigues que a designação "Angola" coincide genericamente os bantus, a de Minas, os nagos e Ardas ou Ardas os gégés e dahomensez. Barlaeus que, por assim dizer, só conheceu o Brasil septentrional no S. XVIII, cita-nos da existencia em Pernambuco dos ardriceses, dahomensez, guineensez e outros.

Foi portanto Nina Rodrigues quem lançou a primeira luz sobre a questão. E na Bahia, idéa effluca a grossa massa da população negra como de procedencia "sudanesez": "yorubas", gégés, "haussás", minas... sem embargo da existencia lá em menor numero de origem "bantus", "angolas", "cabindas",...

Verstando assumpto de larguissimas dimensões e valendo-se do longo inquerito sobre as religiões negras da Bahia. A Harmonia que no Brasil entraram quasi exclusivamente negros dos dois grandes grupos: o sudanesez e o bantus, o que aliás é positivamente explicito desde que se considere o que abrangia a esphera da influencia portugueza no continente dentro o Atlantico e o Indico.

Mas sob o ponto de vista da rebeldia ficavam muito abaixo dos Fulas ou Guruncias (A. Ramos) também chamados Gallinhas, por proverem talvez do presidio da foz do Rio das Gallinhas (Nina Rodrigues); ricas das mais evoluídas da Africa, avança Calogeras.

Euicidavam-se a miudo fugindo ao aviltamento de sua condição. Mas sob este ponto de vista nenhumem igualavam os Cara-queimadas, feroces indomáveis, malometanos regidos por principios estoicos. Não os queriam os traficantes assim como aos gallinhas.

Era costume na Bahia, conta-nos Braz do Amaral, dizerem os senhores do engenho que lotes de compra eram bons quando nelles não vinham gallinhas. Os Efans, muito ativos, reagiam aos senhores, sendo tratados com extrema dureza e aceitando os mais cruezs supplicios cotidiaes e indomitamente.

Para E. Amaral que eram idênticas e pertenciam a alguns tribus do centro da Africa Oriental. Poucos foram transportados ao Brasil, a vista de sua combatividade certissima.

Discorda Calogeras do erudito bahiano collocando os Efans ou Fares no Gabão. Os *caras queimadas*, ou Efan em sua lingua, são negros do dizez de Renato de Mendonça.

Relata-nos Ferdinand Denis que no seu tempo na Bahia os negros do Gabão, "menos feios que os outros africanos, eram summamente estupidos e passavam por anthropopagias. Suicidavam-se com extrema facilidade. Seriam os cara-queimadas?"

Os congos pelo contrario os henquelas e casungues, gente de seu grupo, muito affectuosos ao captivo, optimos criados mas muito estupidos, tinham esta ultima fama. No entanto entre os lavradores velhos de S. Paulo encontramos opiniões diversas á má reputação dos cabindas como negros do cito. Para E. Mendonça os congos são os mesmos cabindas.

E os angicos, reliquos, soberbos de silveses e tatuagens, altos e robustos, muito acciados, de que nos fala Denis, embora pertencentes ao grupo angoles eram muito diversos dos seus e os mostrados se pouco residiam no captivo.

Os Krumanos, considerados estupidissimos pelos proprios africanos, provinham da actual Liberia, Peticheira, grosselros, barbathados, mas herculeos, patientes e laboriosos. Quasi eram os rebolos de que ainda nos fala Denis, sujeitos a terríveis explosões de desagravo, pequenos e robustos, indolentes. Não os encontramos mencionados nos nossos africanistas contemporaneos.

Falando das tribus occidentales escreve Calogeras:

"Das tribus orientales as do quarto grupo citam-se a belliosidade, a attivez e a insumissão a seus senhores — banceos."

Para o Brasil vieram em numero menor, e mais tarde. A principio nas naus da India, do Antonio. O afastamento era maior; mais longe, portanto, travessia oceânica. E, portanto, fora suppor minimo o contingente que comprehendia também gente de Madagascar.

Já o longo enumerar das tribus mostra a larga abrangencia exercida pelo grupo da costa oriental. Condições economicas também exerciam seu influxo, por mais barato o preço em Moçambique, e pelo contrabando a que davam ao as mercadorias da India, entropostadas ali.

Trouxeram para a America a rebeldia nativa de suas patrias, e a turbulencia de seus costumes. Aumentou a procura mais tarde. Mas barato do que os da costa occidente, primeira razão, iam buscal-os mercadores e navios, com o lito não confessado, porém de fazerem negocio em numeroz da Asia de onde os navios saíam por preço mais commoado do que o pedido, quando importados na colonia americana, via Lisboa. Houve necessidade de providenciaes sob esta concorrência, e a "providencia" futuramente tropolitana signal claro de que o prejuizo era real.

No tempo de Denis estes escravos "fracos e pregucosos" eram poucos desejados na Bahia. "Em todo o caso delles lá havia bastante."

Ao chamar especial attenção para as denominações populares que as nações africanas recebiam em nosso país, observa Nina Rodrigues:

"Quem quer que se proponha mais tarde a estudar os Africanos no Brasil se perderá em inutilizações collectivas se não conhecer bem os equivalentes brasileiros dos nomes dos povos africanos que importamos. Posso julgar o que virão a ser mais tarde essas difficuldades pelas que encontro agora, apesar de ainda existirem entre nós representantes de muitas dellas.

Como os francezes, na Bahia chamam-se nagos a todos os negros da Costa dos Escravos que fazem a lingua yorubana. Desta providencia, tivemos escravos de todas as pequenas nações daquelle grupo.

Os negros da Costa dos Escravos, que os francezes chamam *Efés* ou *Eufs* e os Inguezes *Efes*, são entre nós chamados *Gégés*. João Ribeiro parece acreditar que sejam os Xezus os nossos *Gégés*. Mas os Xezus entre negros bantus como ensina Martius em quem, como expressamente declara, se inspirou João Ribeiro.

E as minhas observações não deixam a menor duvida sobre a procedencia sudanesez da importante colonia giga da Bahia.

A denominação *Gégés* vem do nome da zona ou territorio da Costa dos Escravos que vas da Bagéda a Atraku e que os Inguezes escrevem *Gegé*. Nesta territorio estão o pequeno Popô e Aggeh, donde veio para o Brasil a grande numero de escravos, já no dominio commercial dos pequenos estados visinho de Ajudá, já mais tarde quando os venceu e supplantou Dahomty. Alguns negros gégés, como o termo genérico *Efe*, cuja pronuncia melhor se representaria acrescentando a palavra franceza *Loués* um h fortemente aspirado, por esta forma *zhua*.

Recorda ainda o cientista maranhense que os indigenas do Camero passaram a ser os Cas

o il
ma
nan
neit
neit
de
rio
fora
de
clul
zira
ções
são
rito
aqu
litt
met
gen
to
cho
nan
ria
mer
rian
vist
pro
ren
que
cont
pau
litt
cão

balho os canças. Considerem agora se romperão a toda Hollândia homens que tudo romperão."

Entende Nina Rodrigues que a designação "Angolas" coube genericamente os bantus, a do Minas, os nagós e Aráus ou Aráus os gégés e dahomeanos. Barbaeus que, por assim dizer, só conheceu o Brasil septentrional no S. Francisco, falsos da existência em Pernambuco dos arábicos, dahomeanos, guineenses e outros.

Foi portanto Nina Rodrigues quem lançou a primeira luz sobre a questão. E na Bahia, identificou a grossa massa da população negra como de procedência "sudanesa": "yorubas", gégés, "haussás", minas... sem embargo da existência lá em menor numero de origem "bantú", "angolas", "cabinhas".

Verando assumpto de larguissimas dimensões e valendo-se do longo inquerito sobre as religiões negras, avança A. Ramos que no Brasil entraram quasi exclusivamente negros dos dois grandes grupos: o sudanês e o bantú, o que aliás é perfeitamente explicavel desde que se considere o que abrangia a esphera da influencia portuguesa no continente dentro do Atlantico e do Indico.

Analisando as opiniões de Braz do Amaral na *Contribuição para o estudo das tribus negras importadas* e cotejando as opiniões deste eminente sabedor das nossas coisas com os informes mais recentes dos africanistas, e os do precioso Atlas de Stieler, emittiu Calogeras (Política Exterior do Imperio, 2.397) parecer a respeito da procedência dos quatro grupos principais de africanos transplantados no Brasil.

Não parece, porém, ter aproveitado ao traçar estes conceitos, os ensinamentos d'Os africanos da Bahia, mais ainda *crônicas africanas* manuscrito o livro capital de Nina Rodrigues.

Para elle o primeiro grupo seria o da antefachada atlântica da Africa, centralizando suas exportações de escravos em Cacheu e Cabo Verde.

O segundo representaria a costa Oeste-Leste da Guiné, desde o cabo das Palmas até a ilha de Fernando Pó, o fundo do golpho, o Camerun e a Guiné hespanhola. S. Thomé e as ilhas annexas constituiriam o ponto central do systema.

O terceiro abrangeria a costa Norte-Sul do golpho e teria S. Paulo de Loanda como sua capital.

O quarto, finalmente, valeria por toda a costa oriental do continente, com a cabeça em Moçambique.

Não acompanharemos o escriptor estadista em seu trabalho de pesquisa e identificação dos povos africanos trazidos pelo trafico. Pensa ter chegado a noventa e quatro resultados acceptaveis e encontrado onze indeterminações. Observa ainda que a terra americana realizava a homogeneização dos diversos grupos de escravos negros, e negros cruzados de elementos chamíticos e semitas.

E esclarecendo as informações contemporaneas estabelece diversas distincções psychologicas entre os grupos tangidos a contra costa atlântica pelos ferozes tanganhões e pombeiros.

Os angolezes, volubres, ingenuos e loquazes, cheios de ronha, artificiosos mostravam-se passivos e infantis, muito influenciaveis pelas promessas de divertimentos e os presentes de bugigangas.

Atrevidos e respondões eram mais escravos. Ferdinand Denis, que em 1817 esteve na Bahia bastante tempo, discorda destes ultimos caracteristicas. Conta-nos que os angolezes eram sumamente doces e affecçaveis passando por criados excellentes.

Aliás logo adiante declara Calogeras que os minas davam assim como os Angolais bons servidores urbanos.

Dos primeiros diz-nos o autor d'As minas do Brasil: intelligentes, pueris, libidinosos, loucos por divertimentos e adornos" mas, quanto ao trabalho e á applicação, inferiores aos da homotopia, escol da escravatura pela coragem e virilidade, a intelligencia e a industria.

Refero Denis uma opinião aliás accepta em todo o Brasil: destacavam-se os minas pela intelligencia e as tendências á revolta.

O qualificativo dahomeano é por assim dizer palavra truída para a grande maioria dos brasileiros. Só as pessoas de cultura o conhecem.

Os sudaneses procedentes da zona que o General Dodds incorporou ao Imperio colonial francez — e onde ainda na segunda metade do século XIX se davam as horripilantes scenas de crueldade descriptas pelos viajantes — eram confundidos com os minas no Brasil. Predominava esta determinação popularissima em todo o país para os filhos daquella extensa costa abamada da Malagueta, do Marfim, do Ouro, dos Escravos assim como do seu hinterland.

Ashanti e Yoruba são tambem termos de divulgação recente no Brasil. Não os vemos citados nos documentos antigos nem pelos viajantes que percorreram a nossa terra. Os negros comprehendidos sob esta denominação, diz Calogeras, tinham grandes qualidades. Os Fantis, nome tambem novo em nosso país, eram-lhes inferiores. Os Yorubas no Brasil, afirma Arthur Ramos, eram os nagós, muito conhecidos, os Fantis, segundo Braz do Amaral, os minas da Costa do Ouro.

Afirma Ferdinand Denis que os minas desta procedência, altos e robustos, predominavam na cidade d'O Salvador dando á população negra da capital bahiana um aspecto mais europeico do que o das outras cidades brasileiras. Os Gégés, em alguns pontos do Brasil chamados gégés, eram mais civilizados. Falavam lingua sifim da dos dahomeanos. Eram como ellas felicitadas porém grosseiros, borrachos, pragueiros, além de sumamente lascivos.

Os tapas, apparentados com os nagós, segundo Renato de Mendonça, escodados por Cacheu e Cabo Verde, e os Haussá, "os judeus africanos" no dizer de Braz do Amaral, guineenses, eram musculados, robustos, esforçados, tinham muita propensão ao emulamento. Passavam por pertencer aos melhores elementos trazidos pelo trafico.

Os negros da Costa dos Escravos, que os Francezes chamam *Escs* ou *Escs* e os Ingleses *Escs*, são entre nós chamados Gégés. João Ribeiro parece acreditar que sejam os Xezys ou nossos Gégés. Mas os Xezys eram negros bantus como ensina Martius em quem, como expressamente declara, se inspirou João Ribeiro. E as minhas observações não deixam a menor duvida sobre a procedencia genuina da importante colonia gége da Bahia.

A denominação Gége vem do nome da zona ou territorio da Costa dos Escravos que vai de Bagida a Akráki e que os Ingleses escreveram *Gege* mas que os negros pronunciam antes *egge*. Neste territorio estão o pequeno Popó e Agweh donde veio para o Brasil avultado numero de escravos, já no dominio commercial dos pequenos estados vizinhos de Ajuda, já mais tarde quando os venceu e supplantou Dahomey. Alguns negros gégés conhecem o termo generico *Eze*, cuja pronuncia melior se representaria acrescentando a palavra franceza *Ezudé* um h fortemente aspirado, por esta forma *Ehuds*.

Recorda ainda o cientista maranhense que os Indigenas do Camerun passaram a ser os Camarões e lembra que o nome dos Haussás foi adulterado por escriptores de merito para Ugs e até Assos mediante erro typographico de que nasceu uma serie de informes defeituosos pela propagação desta noticia inicial.

Nagó foi outra designação racial muito espalhada no Brasil. Os nagós eram, no tempo de Nina Rodrigues, os mais importantes dos africanos da Bahia.

E' o nome nagó, generico das pequenas nações yorubanas provindo em geral do centro da Costa dos Escravos os gégés são os procedentes dos Dahomey, importados na Ajuda, grande e pequeno Popó, etc. Os aráus de que fala Henrique Dias eram certamente gégés.

Os minas, provinham sobretudo das vizinhanças do Castello da São Jorge da Mina e eram chamados os negros da Costa do Ouro.

Afirma Nina Rodrigues que os africanos distinguem perfeitamente duas especies de Minas: os Ashantis e os Popós.

Dehret encontrou no Rio de Janeiro os Minas Nejos, Mahiys e Cavallos. Pensa Rodrigues que seriam africanos da Costa do Marfim, do Ouro e dos Escravos.

"Seria para surpreender que os Nagós não tivessem sido introduzidos naquella região. Não sei se será uma simples aproximação de palavras a semelhança que tem o termo "nagó" a denominação popular de "Nagós" por que era conhecida no Rio de Janeiro uma das mais atnadas das suas malhas de capociras. Não estou habilitado a dar uma solução positiva a esta applicação.

Estou informado de que existem negros nagós no Rio de Janeiro. Não prova isso, todavia, uma importação directa da Africa, pois num certo periodo da escravidão a lavoura de café no sul do país promoveu para all uma grande importação dos escravos do norte."

Tratando dos negros super equatoriales ou sudaneses declara N. Rodrigues que em seu tempo havia na Bahia restos de colonias haussás, borntis e guruncis.

Lembra a allvez dos primeiros, o papel saliente que tomaram nas lutas em prol da libertação, o seu apego aos Islamismo.

Tapas, nifés ou napés eram muito affins dos haussás de quem foram aliados. Seus ritmos de religião aliás, como tambem os borntis, os guruncis, guruncis ou gruncis eram chamados gallinhas.

Pensava-se que procediam do valle do rio das Gallinhas mas Nina Rodrigues esclarece a questão com os depoimentos de diversos destes negros.

Provinham do centro longinquo da Africa, eram bravos e indomáveis e talvez se originasse a sua denominação do facto de terem partido do presidio da fax do alludido rio das Gallinhas.

Parecem aliás ter sido introduzidos no Brasil muito mais tarde, pensando Nina Rodrigues que pertenceram ás ultimas levadas trazidas pelo trafico.

Dos fulahs escreve o douto autor: "E' crenga que os fulahs ou fulbi (plural de fulu ou fulu), povos pretos de raça branca do ramo Chamita ou de todo, não vieram para a America como escravos, ou só vieram em numero muito reduzido. E' o que se afirma pelo menos para os Estados Unidos e as Antilhas."

No entanto, as minhas investigações sobre este ponto deixam fora de duvida que o Brasil recebeu como escravos não só os fulahs verdadeiros como mestiços desta raça.

De duas procedencias distintas os recebemos nos. Os Portuguezes introduziram no Brasil sob a denominação muito conhecida de pretos-fulahs, para distinguir dos fulu-fulahs, isto é, dos fulahs puros ou verdadeiramente fulahs, mestiços fulbi provenientes da Senegambia, da Guiné portuguesa e costas adjacentes.

Estes mestiços provinham dos negros da Senegambia com os peuls ou fulbi e mais positivo encontro os seus vestigios nas tradições dos escravos das antigas provincias do norte do Brasil, do que na memoria dos negros da Bahia.

Não conseguí apurar se com estes pretos-fulahs ou mestiços fulbi e desta procedencia entraram tambem no Brasil os fulu-fulahs ou fulahs puros do Futa-Djalon.

Os mandingas habitavam o "hinterland" da Serra Leoa.

Synthetizando as opiniões de Nina Rodrigues e valendo-se dos estudos mais recentes, assim se exprime Arthur Ramos:

"O grupo sudanês foi introduzido inicialmente nos mercados de escravos da Bahia, de lá espalhando-se pelas plantações do reconcaivo e secundariamente por outros pontos do Brasil."

Desse negros sudaneses, os mais importantes foram os "yorubanos" ou "nagós" e os "gégés" (aves ou "dahomeanos") e em segundo lugar, os "minas" ("tahis" e "gás"), os "haussás", os "tapas", os "borntis" e os "gruncis" ou "gallinhas". Com esses negros sudaneses entraram dois povos de origem berbere-ethiopic

MA-MMA-97-329

Julho de 36

JORNAL DO COMMERCIO — DOMINGO, 19 DE

e influencia mahometana: os "fulahs" e os "mandês".

Os "bantús" foram introduzidos em Pernambuco (estendendo-se a Alagoás), Rio de Janeiro (estendendo-se ao Estado do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo), e Maranhão (estendendo-se ao littoral paraense), focos primitivos de onde se irradiaram posteriormente para varios pontos do territorio brasileiro. "Bantús" foram os "angolas", os "congós" ou "cabindas", os "benguelas", os negros de Moçambique (incluindo os "macúas" e "angicos" a que se referiram Spix e Martius). As demais denominações que tanta confusão originaram nada mais são do que provincias ou regiões do vasto territorio afro-austral, "habitat" dos povos bantús.

"Sudanezes" e "bantús" entrados no Brasil, aqui se fundiram uns com o outros, constituindo uma população escrava que progressivamente se foi amalgamando aos demais contingentes da população brasileira — em cruzamentos biologicos e inter-influências de ordem psicho-sociologica."

Ao ver de Arthur Ramos as terras de Pernambuco receberam bantús em enorme maioria. Assim entre os palmarenses só haveria elementos desta procedência, ou pelo menos estariam elles em esmagadora preponderancia.

Lembrar o immenso que sob o ponto de vista da apprehensão rapida dos assumptos representam os bons elementos cartographicos, vem a ser incidir nos casos attinentes aquillo que a nossa conhecida expressão galata popular consubstancia, ao associar os nomes de mel de pau e descoberta numa frase ironica dedicada a inventores e descobridores de limitada imaginação e notavel ingenuidade.

Pensamos porém escapar a esta exprobação lembrando que ao alcance do publico brasileiro até bem pouco não se achavam estes subsidios de importancia capital.

Assim veio a Bibliotheca Pedagogica Brasileira da Companhia Editora Nacional com a sua já preciosa brasiliana supprir tal deficiencia por intermedio dos volumes de Arthur Ramos: *O negro brasileiro* e Renato Mendonça: *A influencia africana no portuguez do Brasil*.

No primeiro ha dois escores: *Primitivos focos da entrada de negros escravos no Brasil* e *Penetração musulmana nos imperios sudanezes do seculo XVI (imitado de Meynier)* que valem por muitas paginas de explicação.

A contribuição cartographica de Renato de Mendonça é muito mais avultada. Excellentes a sua *Carta linguistica da Africa* de accordo com os resultados, de muitas das maiores summidades da africanologia. Não menos instructiva a que illustra a *Distribuição do elemento negro no Brasil colonial e imperial* apontando os grandes focos dissimadores. A ella acompanham cinco mappas finaes da localização dos toponymos afros em todo o paiz, organizados muito interessante e valioso e ainda lacunoso, pelo Dr. Carlos Marie Cantão, ensaio inedito como era de esperar, aliás. O proprio autor aliás o recorda.

E com effeito avultam e immenso na nossa toponymia os *quilombos*, os *mocambos*, os *cabanões*, etc., etc. A sua resenha extensa abrange centenas de localizações e ainda está por se fazer detidamente.

Affonso de E. Taunay

Notação:

MA- MMA -97- 329

Análise documentária:

Artigo extraído de periódico; (67 x 27,8 cm); sinal de dobra na vertical e horizontal;

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: artigo extraído de periódico.

Subtema:

[Africanologia/História]

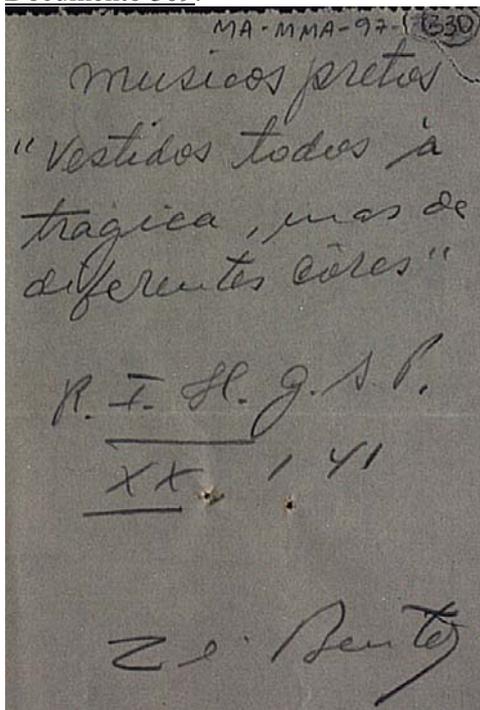
Verificação:

TAUNAY, Affonso d'Escragnolle. Panorama Africano. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 19 de julho de 1936.

Costume

Nota da pesquisa: a escolha do subtema “costume” refere-se muitas vezes a maneiras preconceituosas de pensar o homem negro, encontradas nas leituras feitas por Mário de Andrade.

Documento 309:



Notação:

MA- MMA 97- 330

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.330.

Transcrição:

Músicos pretos/ "vestidos todos à/ trágica, mas de/ diferentes cores"/ R.H.I.G.S.P./ XX 141/ Zé Bento

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]; [Música]

Verificação:

TAUNNAY. Affonso d'E. Frei Gaspar da Madre de Deus. *Revista do Instituto Geográfico de São Paulo*, nº 20, 1915.

dor a encaminhá-los para S. Paulo e o Rio de Janeiro. Em Setembro de 1749 obtinha de Gomes Freire uma sesmaria nos campos de Bocaina, no caminho que ligava as duas cidades, «com excellentes pastos para nelles engordarem as boiadas que descem para o talho», refere a «Nobiliarchia Paulistana».

Assim, pois, próspera quanto possível a sua situação financeira, passava D. Anna de Siqueira e Mendonça e suas duas filhas, D. Izabel e D. Anna, a residirem no Rio de Janeiro, junto ao filho e irmão, de cujos talentos e virtudes tanta gloria lhes cabia.

Reunido á familia, pôde Frei Gaspar, quanto lhe permitia a estreiteza da disciplina monastica, gozar da companhia de sua mãe, por quem professava a mais justa e extensa das venerações. Ia, porém, D. Anna de Siqueira passar a viver só, pois as filhas, tomando a directriz que norteava a familia, manifestaram o desejo de envergar o habito das freiras do novo Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, installado no novo e enorme edificio cujas dimensões eram o orgulho dos Fluminenses da época. Desde 1745, em que assumira o governo da diocese fluminense, fôra a grande preocupação do Bispo D. Fr. Antonio do Desterro a instauração deste cenobio, construido no Sul para corresponder aos constantes pedidos da Camara do Rio de Janeiro e aos votos da população, «pois muito carecia a cidade, que já naquella época contava mais de dez mil familias um mosteiro de religiosas em que poudessem ser offerecidas a Deus as filhas de seus habitantes, que merecessem do céu esta vocação, sem que se viessem precizadas a ir buscar o da Bahia, ou os do Reino, com o perigo de padecerem a escravidão dos barbaros que, com seu corso, infestavam os mares», diz a «Gazeta de Lisboa» de 1 de dezembro de 1750.

Decididas a professar no novo mosteiro, fizeram-lhe as irmãs de Fr. Gaspar doação da fortuna pessoal, ajuntando D. Anna de Siqueira avultada somma á já consideravel dadiva das filhas.

A 30 de Maio de 1750 iniciava-se a vida regular do convento edificado pelo Brigadeiro Alpoim e cuja regra ia ser a de Santa Clara; para elle entravam as novas religiosas — dez — acompanhando lhes os coches o Capitão General, o Bispo e seu Cabido, os Ministros da Justiça, o Senado da Camara, com seu estandarte, as «Religiões», Confrarias e Irmandades, nobreza, funcionarios, cidadãos, a população em peso da cidade.

Sabido o prestito da igreja de S. Bento, passou pelas ruas alcatifadas de flores, espadanas e folhas, entre paredes de tapeçarias e colchas riquissimas e as alas de soldados dos tres terços da guarnição e dos auxiliares, a Companhia dos Estudantes e a cavallaria da «terra firme e outra banda», «retinindo a harmonia festiva dos instrumentos bellicos», pois, havia cada mestre de campo levado, uns dez, outros

MA-MMA-97-331
Imoralidade
Comer no sentido
de possuir, "comida"
como na revista
"Comidas, meu saúdo"
não sei de línguas
europeas que usem
o verbo nesse sen-
tido metafórico. Terá
no mundo do anglo-
leuse? Há lá o cos-
tume do namorado
oferecer à pretendida
cola e gengibre que

ela ~~aceita~~ e come
si o aceita e é vir-
gem. Usam ainda
"comer cola" pra
dizer que alguem
se entrega à liber-
tinagem
nº 82 p 31

Notação:

MA-MMA-97-331

Análise documentária:

Autógrafo a grafite ocupando o anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.331.

Transcrição:

Imoralidade/ Comer no sentido/ de possuir, "comida"/ como na revista/ "Comidas, meu santo"/ não sei de línguas/ européias que usem/ o verbo nesse sen-/tido metafórico. Terá/ nos vindo do Ango-lense?/Há lá cos-/tume do namorado/ oferecer à pretendida/ cola e gengibre que/ ela ~~aceita~~ e come/ se aceita é vir-/gem. Usam ainda/ "comer cola" pra/ dizer que alguém/ se entrega à liber-/tinagem/ (nº 82 p 31)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]

Verificação:

BPG: nº82: BATALHA, Ladislau Estevão da Silva. *Costumes Angoleses*. Lisboa: Nacional, 1890. (BMA- B/11/c/29)

Caungo, Malia segunda (*), etc. Sobre este penteado collocam a parte da cabeça de uma pelle de tigre ou de onça (*kia*) que lhes desce pelas costas abaixo. A cara é matizada com barro amarello (*Pemba*), *tacúla*, *quicéca*, e farinha de milho *fuba*.

Os pulsos e tornozelos do *quibanda* teem geralmente muitas banilhas de ferro, cobre e mesmo ouro, além dos aneis de missanga com que se adornam.

Na mão trazem uma espingarda lazarina, com pedreneira, e uma cabaça para aguardente. A's costas pendem-lhes um surrão, ou alforjes de algodão tecidos no paiz e destinados a conduzir garrafas vazias e muitas outras trapalhadas.

Imagina tu o lindo figurino que todo este trajo offerecerá aos olhos curiosos.

Com o *quibanda* veem sempre os musicos portadores da *puíta*, e um rapazinho que traz as panellas de barro onde se hão de preparar os *milongo* (isto é, os remedios espirituaes e os naturaes).

Antes de ir adeante já sei que devo explicar-te, por incidente, o que ha por aqui ácerca da *colla* e *gengibre*, em que por diferentes vezes te tenho falado nas minhas cartas.

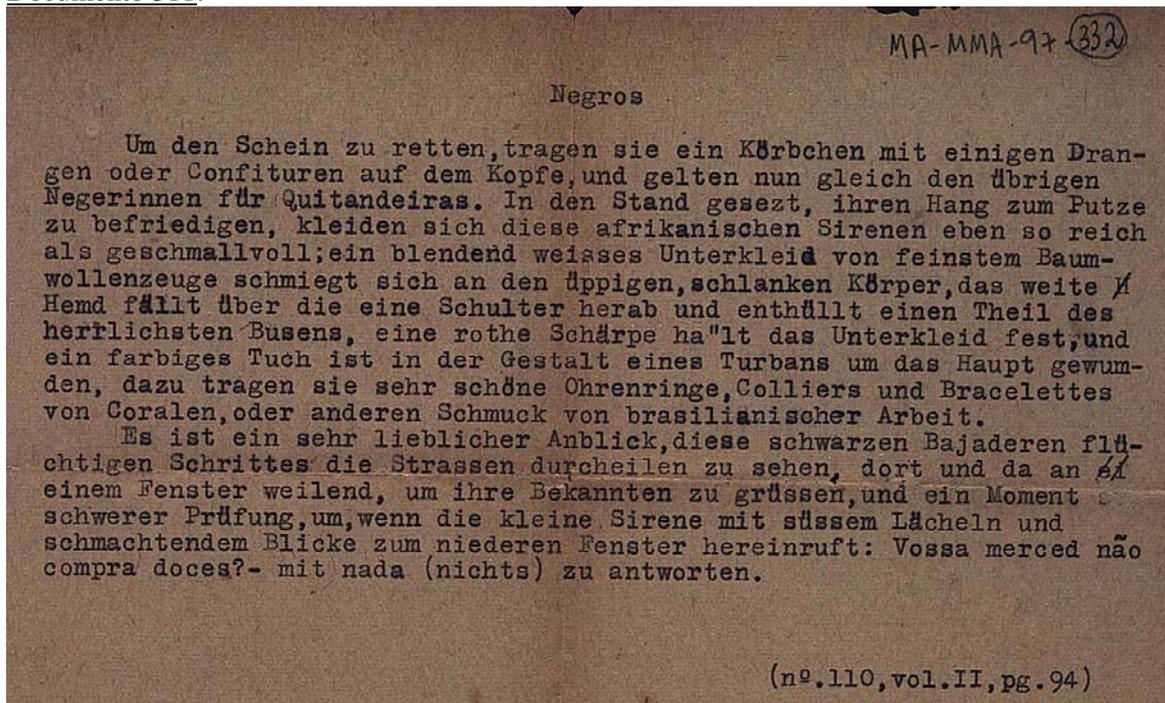
A *colla* e a *gengibre* teem na provincia de Angola uma importante representação nos amores da mocidade. Um preto declara amor a uma donzella offerecendo-lhe um boccadinho de *colla* e de *gengibre*. Se ella acceita e mastiga, é signal de que corresponde ao apaixonado e se acha virgem. Se acceita a offerta, mas não se utiliza, quer dizer. . . que já de outra vez tinha provado *colla*! n'este caso, corresponde aos amores, mas já não está livre de mácula.

D'aqui o anrexim n'bundo: «*Comer colla*» (isto é: entregar-se á libertinagem).

A's vezes a rapariga não recebe a offerta que o namorado lhe faz. Então comprehende-se que não acceita a côrte que se lhe offerece. e o desenganado tem de guardar a *colla* para outra que se digue acceitar-lh'a.

Vejo agora que tinha um certo espirito o offerecimento de *colla* e *gengibre* que as quitandeiras de Loanda me faziam quando eu desenhava: e fai vêr o mercado dos pretos.

(* Corrupção de *Maria Segunda*, nome dado a uma certa cantaria de commercio.



Notação:

MA- MMA 97- 332

Análise documentária:

Datiloscrito a fita preta; rasura a fita preta; folha de sulfite cortada ao meio (22 x 15,8 cm); manchas de fungo; sinal de dobra na vertical com rasgamento; f. 332.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]

Nota da pesquisa:

BPG: nº 110: WEECH, J. Friedrich von. *Reise über England und Portugal nach Brasilien und den vereingten Staaten des La-Plata Stromes während den Jahren 1823 bis 1827*. München: Fr. X. Auer, 1831, v. II. (Nota MA: "Weech esteve no Brasil por 1827 e antes"). (IEB- YAN)

seine Arbeit; kommt der Abend herbei, und es bleiben ihm einige Minuten über den Taglohn, den er nach Hause bringen muß, so dünkt er sich unaussprechlich glücklich, und vor einer Benda mit seinen Landsleuten vereinigt, überläßt er sich der ganzen Lebhaftigkeit seines Gemüthes; die Töne eines vaterländischen Instrumentes, die Anwesenheit eines ihm günstigen Mädchens begeistern ihn; er beginnt mit ihr einen seiner vaterländischen Tänze, von seinen Landsleuten umringt, welche die Musik mit ihren Stimmen begleiten und dem gewandten Paare reichlichen Beifall zollen; Andere treten an dessen Stelle, indeß das Pärchen sich mit einem Glase Brandwein und einigen gebackenen Fischen labt und später ein Schäferstündchen feiert.

Das weibliche Geschlecht, so lange es jung und schön ist, befindet sich besonders in Rio de Janeiro vortrefflich; diejenigen, welche zum Dienste des Hauses verwendet werden, arbeiten wenig, denn Jedermann, der nur einigermaßen bemittelt ist, hat Ueberfluß an Sklaven; die mit Waaren und Süßigkeiten zc. auf die Strassen geschickt werden, durchschwärmen den ganzen Tag die Stadt und verdienen mit verschiedenen Nebengeschäftchen, die sie auf eigene Rechnung treiben, so viel, daß sie ihre Herrschaft jedesmal befriedigen und noch ein Namhaftes auf ihr Vergnügen und ihre Kleidung verwenden können, und sehr schöne Negerinnen finden so viele Gönner unter Brasilianern und Europäern, daß sie gar nicht nöthig haben, auf irgend eine Weise zu arbeiten. Um den Schein zu retten, tragen sie ein Körbchen mit einigen Orangen oder Confituren auf dem Kopfe, und gelten nun gleich den übrigen Negerinnen für Quitandeiras. In den Stand gesetzt, ihren Hang zum Putze zu befriedigen, kleiden sich diese afrikanischen Sirenen eben so reich, als geschmackvoll; ein blendend weißes Unterkleid von feinstem Baumwollenzeuge schmiegt sich an den üppigen, schlanken Körper.

Documento 312:

? MA-MMA-97-333

Mufumu são uma
casta de feiticeiros
(Congo belga), que conhe-
cem os contravenenos
e ervas benéficas, e
inutilizam as forças
maléficas por meio
de encantamentos

nº 122 p. 193

Não tenho esta pala-
vra numa cantiga
qualquer?

Notação:

MA- MMA -97- 333

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; fôlio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.333.

Transcrição:

?/ Mufumu são uma/ casta de feiticeiros/ (Congo belga), que conhe-/cem os contravenenos/ e ervas benéficas, e/ inutilizam as forças/ malélicas por meio/ de encantamentos/ nº 122 p. 193/ Não tenho esta pala-/vra numa cantiga/ qualquer?

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]; [Religião]

Verificação:

BPG: nº 122: HAARDT, Georges-Marie, AUDOUIN-DUBREUIL, Louis. *La croisière noire* Expedition Citroën Centre- Afrique. Paris: Librarie Plon, 1927. (E/II/f/7)

justifier en subissant le poison d'épreuve. S'il résiste à l'absorption de la décoction de « libengué », c'est qu'il a pu, *in extremis*, se mettre d'accord avec le sorcier. S'il succombe au milieu d'atroces douleurs, c'est qu'il était d'une naïveté irréductible.

Comme pour le poulet, sa vésicule biliaire, montrée aux foules, prouve que le verdict était juste et que Likoundou est bien atteint là où il se cachait. Quant au corps de la victime, il servait autrefois de festin final.

Le pouvoir des sorciers est presque dynastique et l'on ne peut pas dire que ces mauvais drôles ne soient pas convaincus ; aussi crédules que leurs victimes, ils croient à leur pouvoir, raison pour eux de se faire payer plus cher.

L'âme populaire est partout semblable : pour frapper leur clientèle, les sorciers de la forêt équatoriale n'emploient pas d'autres moyens que les charlatans : costumes extraordinaires, danses, ventriloquie. Dans l'ancien village de Tippto-Tip, tout près de Stanleyville, nous vîmes, quelques jours plus tard, les modèles du genre : deux sorciers Baleka : Meli-Massikini, dont le nom signifie « Meli-le-pauvre » et Paalipopotee, c'est-à-dire « qui-est-partout ». Empanachés, le visage peint en blanc, entourés de sorcières chantant le « Tambué », ces deux compères nous dansèrent, en compagnie de leurs femmes, un véritable ballet rappelant la danse ombilicale des Ouled-Naïl.

Mais la tyrannie des sorciers du Mauvais-Sort n'est pas complète. Il existe une corporation de bons docteurs, les « Mufumu », qui, connaissant les contrepoisons et les herbes bénéfiques, se livrent à des incantations pour paralyser les puissances néfastes. Le corps bariolé de lignes blanches

Documento 313:

MA-MMA-97-334

Preto

Condição e costu-
mes dos negros da
Baía

n 134 - II - 651

p 87 e ss da
tradução de Pirajá
da Silva

Notação:

MA- MMA -97- 334

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.334.

Transcrição:

Preto/ Condição e costu-/mes dos negros da/ Baía/ n 134 - II - 651/ p 87 e ss da/ tradução de Pirajá da Silva

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]; [Africanologia/ História]

Verificação:

BPG: nº 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

neiro gesendet. Das Wasser wird, wie in Rio de Janeiro, von Neger-
 slaven in kleinen hölzernen Fässern herumgeführt und feilgeboten; es ist
 oft sehr warm und unrein. Die beste Quelle der Stadt, am *Campo de*
S. Pedro, ist zu entlegen, um häufig benützt werden zu können. Die
 Schiffe versorgen sich am Strande zwischen dem Leuchthause von *S. An-*
tonio und dem *Forte de S. Pedro*.

An den Wasserplätzen der Stadt sind oft zahlreiche Haufen von
 Slaven versammelt, und nicht ohne Interesse beobachtet der Menschen-
 freund diese unglücklichen Kinder eines entfernten Welttheiles, welche
 bestimmt scheinen, mit ihrem Schweisse die Erde des neuen Continentes
 zu befruchten. Welch' sonderbarer Gang in der Entwicklung des
 menschlichen Geschlechtes, dass die Söhne Europa's und Africa's hier
 einen dritten Continent, und damit sich und ihr Vaterland umgestalten
 müssen! — Die grösste Zahl der Neger-slaven, welche sonst hierher ge-
 bracht wurden, gehörten dem Stamme der *Ausazes* und *Schéschés* (*Gi-*
aghis, *Giagues* der Italiener und Spanier) an. Sie sind von dunkelschwar-
 zer Hautfarbe, gross, muskulös, kräftig, sehr unternehmend, und haben
 früher einige Male gefährliche Meutereien angezettelt, ihre Herren getödt-
 tet, die Engenhos in Asche gelegt, und energische Maassregeln von Seite
 der Regierung nothwendig gemacht. Gegenwärtig, wo die Slaven am
 Congo- oder Zaireflusse, wegen der Concurrrenz spanischer, portugiesi-
 scher und nordamericanischer Slavenhändler, seltner und theurer werden,
 kommen mehrere derselben von der Rhede von *Cabinda*, von *S. Felipe*
de Benguela, und ganz vorzüglich von *Mosambique*. Durch Vermis-
 chung mehrerer Stämme, die ihre Sprachen gegenseitig nicht verstehen,
 kommt man den Gefahren einer Empörung dieser so zahlreichen Neger
 allerdings einigermassen zuvor, jedoch verstehen sich viele, sehr entfernt
 von einander wohnende Stämme wenigstens in einzelnen Ausdrücken, denn,
 merkwürdig genug, haben sehr viele africanische Sprachen eine grosse
 Aehnlichkeit mit einander, und stehen dadurch in einem auffallenden Ge-
 gensatze mit den so äusserst isolirten und oft auf wenige Familien be-
 schränkten Sprachen der americanischen Ureinwohner. Uebrigens erkennen
 sich die verschiedenen Negerstämme, sowohl durch ihre Sprache, Hautfarbe,

SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Trad. Manuel A. Pirajá da Silva. *Através da Bahia*, excertos da obra *Reise in Brasilian*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1916. (BMA- E/I/h/22).

P.87 a 90:

“Estadia na cidade de Salvador ou Bahia”

— 87 —

Nos chafarizes da cidade reúnem-se muitas vezes magotes de escravos. Não é sem certo interesse que o philantropo observa esses infelizes, filhos de um continente longínquo, destinados a fecundar com o seu suor a terra do novo continente.

Que estranha sorte esta no desenvolvimento da humanidade! Os filhos da EUROPA e da AFRICA são obrigados a modificar um terceiro continente e, com isso, a si próprios e a sua patria!

O maior numero de escravos negros, que para a BAHIA antigamente foram transportados, pertence ás tribus dos *Ausazes* e *Schêschês* (*Giaghis*, *Giagues* dos italianos e hespanhoes) ⁽³³⁾.

Têm a pelle preta; são altos, musculosos, fortes e muito ousados, tendo já causado por diversas vezes, perigosos motins, matado seus senhores, incendiado engenhos, tornando assim necessarias medidas energicas por parte do governo.

Gravatá, Gabriel, Barris, Tororó, S. Antonio; além destas ha muitas particulares em roças e hortas visinhas á Cidade: sendo publica a Fonte d'Alegria com tres chafarizes de boa agua, ultimamente feita junto á calçada d'Alegria antigamente do Bomfim. Destas fontes algumas possuem agua medicinal como affirma o mencionado historiador.

É notavel a especial agua ferrea que existe em um logar distante da Igreja da Victoria e já muito experimentada.

Na roça do Hospicio dos Franciscanos dedicado á N. Senhora da Boa Viagem existe uma fonte de agua alambreada a que lhe dão o nome de salsa: é medicinal e proveitosa.

Na Quinta, hoje do coronel Joaquim Bento Pires junto ao Campo Grande de S. Pedro, no sitio Bom Gosto, ha uma fonte de agua ferrea, a qual é provada para certas enfermidades de que já se tem tirado resultados felizes.

Seria de grande utilidade que se verificasse por analyses chimicas, a composição de taes aguas reputadas medicinaes.

Possivel é que existam outras fontes particulares, entretanto, são mais conhecidas as que mencionei. N. T.

(33) Nina Rodrigues, estudando as procedencias africanas dos negros brasileiros, analysa a informação de *Martius* e diz que não eram só *Hausás* (*Ausazes*) os negros bahianos. Affirma ainda o distincto professor que na Bahia não existiam *Schêschês*, mas sim *Gêges*, dizendo que houve provavelmente confusão entre *Schêschês* e *Gêges*.

O cemiterio dos africanos era situado ao lado do cemiterio da Misericordia, como se pode ver indicado no mappa topographico da cidade do Salvador e seus suburbios, levantado pelo Sr. Carlos Augusto Weyll. N. T.

— 88 —

Tendo-se tornado ultimamente mais caros e raros os escravos dos rios CONGO e ZAIRE, pela concurrencia de negociantes hespanhoes, portuguezes e norte-americanos, vêm mais dos ancoradouros de CABINDA, de S. FELIPPE DE BENGUELA e principalmente de MOÇAMBIQUE.

Pela promiscuidade de diversas tribus, que se não entendem, evita-se de algum modo uma revolta de tão numerosos negros. Ha muitas tribus domiciliadas a grandes distancias que se entendem pelo menos em certas expressões, pois é um facto notavel terem muitas linguas africanas grande semelhança entre si. Por isso estão em saliente contraste com as linguas dos aborigenes da AMERICA, tão isolados e muitas vezes limitados a poucas familias.

Além disso, as diferentes tribus de negros se reconhecem pela linguagem, pela côr, pelo tamanho e formação do rosto e principalmente pelas mutilações a que foram submettidos, segundo o costume das suas tribus.

Muito frequentemente encontram-se negros, cujos dentes caninos são espontados, ou cujos dentes incisivos são limados em profundos entalhos; outros apresentam diversas cicatrizes bastante profundas de incisões por instrumentos cortantes, queimaduras, ou por cauterizações na região temporal, na fronte ou nas faces.

Taes signaes característicos de nacionalidade encontram-se muito accentuados nos *Macuas*, tribu que vem de MOÇAMBIQUE e como para todos os negros da quella costa, parecem indicar, pela pelle menos preta, mais côr de café, menor estatura, cabellos mais compridos e alguns traços physionomicos, que não são de pura raça ethiopica.

Estes negros ainda menos se recommendam pela força e belleza physica. São empregados especialmente na lavoura, enquanto que os do CONGO e de ANGOLA, são empregados como creados domesticos pela sua maior docilidade e desembaraço no fallar.

As condições sociaes desses escravos não são absolutamente tão tristes como se pensa na EUROPA.

Não soffrem falta de alimentação, vestem-se tanto quanto exige o clima e raramente são sobrecarregados de trabalhos.

Além dos domingos e dos 35 dias santos costumados, foram declarados pelo governo actual, como feriados, mais 18 dias por anno, nos quaes não ha despacho.

Nos dois primeiros feriados o escravo está livre de trabalhar para o seu senhor e pode se occupar de seus proprios interesses.

Os trabalhos nos engenhos de assucar e nas plantações são os mais fatigantes, porém, duram menos tempo. Além disso, o escravo no campo goza de uma certa liberdade e vive tranquillamente com sua familia, habitando ordinariamente uma senzalla propria.

Nas cidades acham-se em situação muitissimo triste os que devem trazer diariamente aos seus senhores uma certa quantia (cerca de 240 rs.), porque são consideradas como capital em acção e os senhores não os poupam, querendo dentro de um curto prazo resgatar o capital adiantado com os respectivos juros. Peza-me dizer que taes escravos, ás vezes, quando velhos e incapazes de trabalhar, são alforriados e, assim, entregues ao desamparo.

Afora este caso, todavia raro para hora dos brazileiros, goza o escravo despreoccupadamente, entre

Condições sociaes dos escravos

Opinião injusta sobre a escravidão no Brazil

o trabalho e o descanso, de uma sorte, que é preferivel, sob muitos pontos de vista, ao estado de inquietação anarchica e indigencia, em que vive na sua patria aviltada pelos perversos artificios dos europeus.

Aqui elle goza a vida e em geral não é a escravidão que lhe tortura a alma, mas, a separação dos seus parentes e o tratamento deshumano durante o transporte, horrores aos quaes infelizmente succumbe grande numero destas infelizes victimas.

Quem tiver occasião de observar as modinhas e danças alegres, que são executadas ao pôr do sol nas ruas da BAHIA por grandes grupos de negros, elevando-se muitas vezes a um enthusiasmo selvagem, pode difficilmente se convencer que sejam estes os mesmos escravos, que se julgava, segundo as descripções exaggeradas de escriptores philantropos, rebaixados á animalidade, instrumentos estupidos do mais vil egoismo e de todas as paixões vergonhosas.

Ao contrario, depois de conhecermos exactamente as condições dos escravos na AMERICA, convencemo-nos de que tambem nesse caminho, manchado pelo sangue de innumeradas victimas, encontram-se os vestigios daquelle genio que conduz a humanidade ao ennobrecimento.

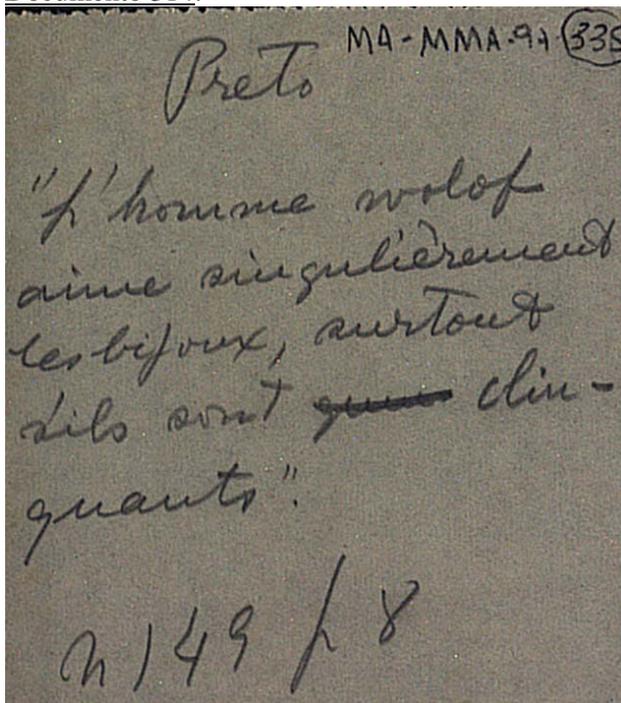
Muitos escravos reconhecem o valor do aperfeiçoamento moral que lhes pode advir da luz do christianismo. Disso dão provas indubitaveis, muitas vezes commoventes, recordando-se com um mêdo pueril e piedoso da idolatria de sua patria e respeitando o seu estado seguro e tranquillo, sob a garantia de certas leis, embora muito restrictivas.

Pude convencer-me deste modo de pensar, em

Nota da pesquisa:

Embora haja Notas MA às p. 89 e 90, para contextualizar a leitura disponibilizamos as duas páginas completas .

Documento 314:



Notação:

MA- MMA -97- 335

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,7 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.335.

Transcrição:

Preto/ "L'homme wolof/ aime singulièrement/ les bijoux, surtout/ s'ils sont ~~quin~~ clin-/quants". /
n 149 p 8

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica

Subtema:

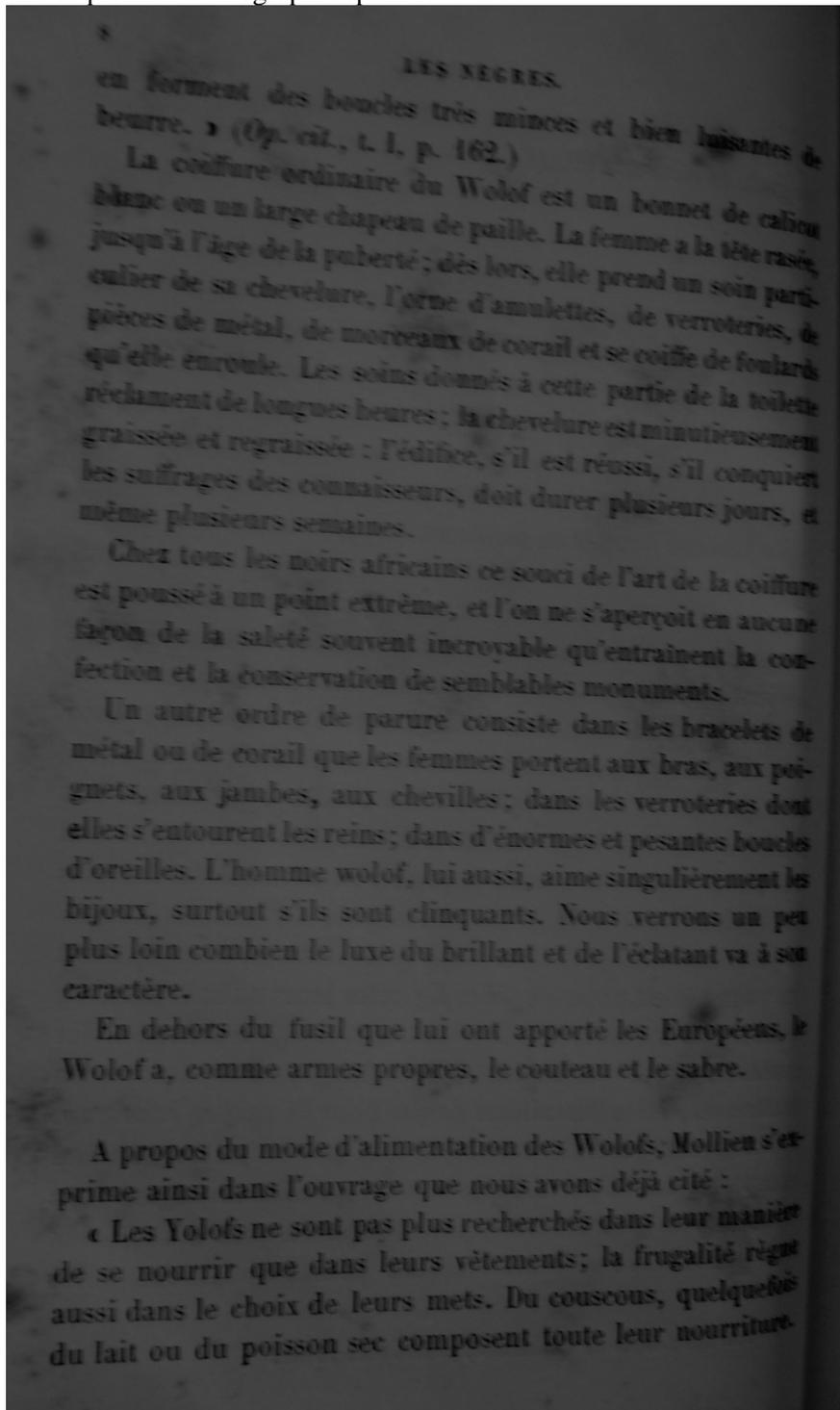
[Costume]

Verificação:

BPG: n°149: HOVELACQUE, Abel. *Les nègres de L'Afrique sus- équatoriale*. Paris: Lecrosnier et Babé, Libraire -éditeurs, 1889. (BMA- F/II/a/2).

P. 8:

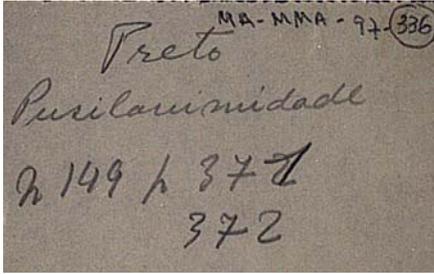
"Livre premier: ethnographie spéciale"



Nota da pesquisa:

1.O "homem wolof" trata-se do grupo étnico africano que vive na região dos países: Senegal, Gâmbia e Mauritània. Os dois primeiros localizados na África subsariana e o último na África Ocidental. Segundo Havelacque, os wolof ocupam um espaço em torno de 220 km do norte ao sul e 150km do leste a oeste.

Documento 315:



Notação:

MA- MMA -97- 336

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.336.

Transcrição:

Preto/ Pusilanimidade/ n 149 p 371/ 372

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica

Subtema:

[Costume]; [História]

Verificação:

BPG: nº 149: HOVELACQUE. Abel. *Les nègres de L'Afrique sus- équatoriale*. Paris: Lecrosnier et Babé, Libraire -éditeurs, 1889. (BMA- F/II/a/2).

P. 371 e 372:

"Les armes, les guerres"

Nota MA grafite:

traço à margem dos trechos:

"Drôles de guerries, dit Sanderval, que ces guerriers noirs remplaçant par un air farouche l'attirail militaire qui leur manque. Les uns ont de fusils à pierre, les autres des sabres; de moins favorisés n'ont qu'un arc bambou, et la plupart n'ont rien. C'est sufissant, la guerre consistant à aller crier ou faire du tapage dans un bois, hors de la portée de l'ennemi, qui probablement en fait autant de son côté, après quoi chacun rentre vainqueur, sans morts ni blessés"(4)

(4) De L'Atlantique au Niger, p. 191.

" Nous citerons enconre un passage de Raffanel (op. cit., p. 441): 'Les nègres ne sont pas d'une grande intrépidité, dans leurs engagements avec leurs ennemis ordinaires, et, s'ils se mettent volontiers en campagne avec bruit de guerre, ils ne se montrent pas aussi volontiers disposé à l'attaque quand ils rencontrent ceux qu'ils cherchent, ou, du moins qu'ils ont l'air de chercher. Cette petite comédie est égalemant très commune: à voir les nègres se préparer au départ, à voir leur empressement à courir sur les traces de leurs ennemis, on dirait que tous ceux qui tomberaient entre leurs mains seront terriblement traités; mais vienne la rencontre, et cette fureur d'apparat fait place á la plus étonnante des couardises.'

On a vu cependant, surtout en Guinée, des combats extra-ordinairement acharnés. Des noir se sont fait tuer sur place, plus d'une fois, plutôt que de lâcher pied. Ça été le cas, souvent, dans les guerres de la Côté de l'Or et dans celles de la Côté des Esclaves. Si la bataille dure quelque temps, si le sang est versé, la pitié est un sentiment inconnu est l'ennemi vaincu n'a droit à aucune grâce; les prisonniers sont massacrés avec la dernière cruaté.(1)

1. Bowdich, *Mission from Cape Coast Castle to Ashantce*, p. 402. Londres, 1819 - Cailliaud, *Voyage à Méroé, au fleuve Blanc*, t. III, p. 32. Paris, 1826.

Documento 316:

Preto MA-MMA.97.337
Polidez
n 215 p. 5 e p. 7
admirava a
polidez dos pretos
da Baía em 1843 e
diz que os pretos de
lá tinham o costume
de se saudar, es-
talando um com o
outro dois dedos cada,
da mão direita

Notação:

MA- MMA -97- 337

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.337.

Transcrição:

Preto/ Polidez/ n 215 p. 5 e p. 7/ admirava a/ polidez dos pretos/ da Baía em 1843 e / diz que os pretos de/ lá tinham o costume/ de se saudar, es-/talando um com o/ outro dois dedos cada,/ da mão direita.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]

Verificação:

BPG: nº 215: WETHERELL, James. *Stray notes from Bahia: being extracts from letters, &c., during a residence of fifteen years.* Liverpool: Webb and hunt, 1860. (IEB- Yan)

POLITENESS OF BLACKS,

The Blacks seem naturally polite ; they never pass without saluting by removing their hats, and when they meet, they crack the two first fingers of the right hand, each taking hold of the other's hand for the purpose, in the same way as if they were going to shake hands. If a black woman passes a man seated, with whom she is acquainted, he not only takes off his hat but rises from his seat ; and the women seem to take these little courtesies of life as a perfect matter of course, which strikes a foreigner, and particularly an Englishman, with such peculiarity, from being so totally different from anything he is accustomed to. In this case the politeness shows itself in all the various little incidents of life. It is a very pleasing sight, and their being taught from their earliest infancy, gives no appearance of it being assumed.

NEGRO PRINCES.

There are some of the blacks who have been princes in their own land, and whenever any of the same nation meet such a one they kneel down. They are nearly always talking at the extent of their voices, and when they can hold the conversation in their own language they do so. When they meet they generally have something to say, and in passing, after asking a question, they seem to repeat the same word or words several times over alternately. They frequently talk to themselves aloud, and in nearly every instance, the subject of their soliloquy is money.

NEGRO DANCES.

We came upon a group of negroes dancing under the shade of some cocoa nut trees. The men, the performers, were assembled with some few women surrounding them, who had things for sale.

NEGRO POLITENESS.

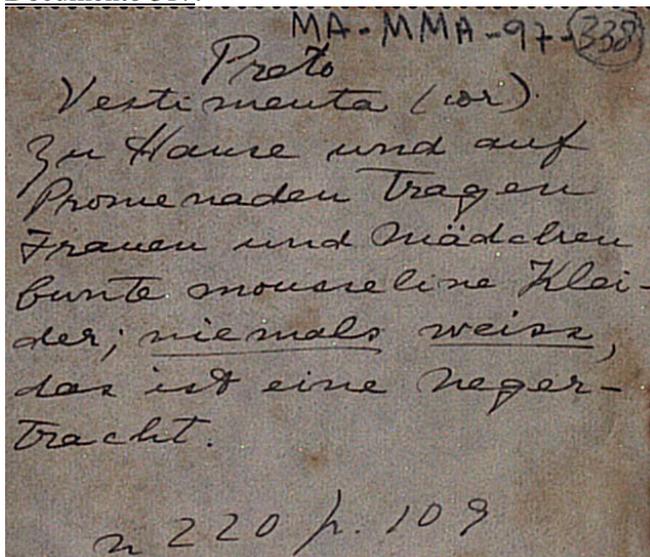
Talking of the politeness of the blacks : I have seen as much coquetry on the part of a black woman who had to land from a boat on the Escada, or wooden steps, when there was rather a heavy surf running, as much fear lest she should have spoilt her dress, as much care to arrange her ornaments, as much time in wrapping her shawl around her properly, and to have her shoes ready for her on the quay, and, on the other hand, as much made by the men as to whom should take care of her basket, or who should hand her out of the boat, as there possibly could be to the greatest European beauty who ever graced a boating excursion, by her civilized admirers.

STREETS.

The pavements of the streets are most wretched, huge stones, mixed with smaller ones, without any regularity, sometimes wedged tightly, sometimes laid loosely ; when once out of order, the streets seem never to be repaired, but left to become, in process of time, almost impassible, In the centre is the gutter, a receptacle for all sorts of filth ; but, being the channel for the rain, after copious showers it becomes temporarily clean. Generally it is, however, filled with dirty water, the effluvia from which is not the worst part the passers-by have to suffer, they are in constant fear of being splashed and soiled.



Documento 317:



Notação:

MA - MMA - 97- 338

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.338.

Transcrição:

Preto/Vestimenta (cor)/ zu Zu Hause und auf/ Promenaden Tragen/ Frauen und Mädchen/ bunte mousseline Klei/ der; niemals weiss,/ das ist eine Neger-/ tracht./ n220 p.109

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Costume]

Verificação:

BPG: nº 220: SCHLICHTHORST, Carl. *Rio de Janeiro wie es ist*, Hannover: Im Verlag der Hahn'schen Hosbuchhandlung, 1829. (IEB-Yan de Almeida Prado)

eine Tocque mit schwankenden Straußfedern und ein brillanter Schmuck geben der phantastischen Tracht eine imponirende Würde. Indessen ist nicht alles Diamant, was beim strahlendem Kerzenlichte einen bunten Schimmer von sich wirft; in keinem Lande werden mehr falsche Steine getragen, als in Brasilien, diesem Vaterlande der Diamanten.

Zu Hause und auf Promenaden tragen Frauen und Mädchen bunte mouffelinene Kleider; niemals weiß, das ist eine Negertracht. In diesem einfachen Gewande entfaltet die Brasilierin ihren höchsten Reiz. Bewohner des Nordens können sich keinen Begriff davon machen, sie, die gewohnt sind, die schönsten Formen in einer materiellen Umhüllung zu erblicken, welche wohl die Kunst des Schneiders, aber nicht den plastischen Bau des Körpers verräth. In Brasilien weiß man nichts von Unterröcken und Corsets, selbst das Hemd ist ein überflüssiges Kleidungsstück und wird in der heißen Jahreszeit von wenig Frauenzimmern getragen. Ein dünnes Kleid umschließt die reizenden Gestalten; Arme, Hals und Nacken sind bloß, ein durchsichtiger Strumpf bedeckt die zierlichen Füße. So muß man sie sehen, nach morgenländischer Art auf dem Sopha sitzend, das eine Bein untergeschlagen, während das andere nachlässig herunterhängt, das Kleid gelüftet, eine volle Schulter unbedeckt, Hände, Arme und Augen in beständiger Bewegung und der Fächer zu diesem artigen Spiele den Tact schlagend. Dann vergißt oder übersieht man auch die Schattenseite dieses

Documento 318:

Pretos MA-MMA-97-339
Vestimenta
231 p 75 diz ser comum
escravos no Rio só de
tanga;
Aos domingos viu pretos
e pretas com florzinhas
pendentes das orelhas
como brincos, e que
também tinham o
costume de espetar
na carapinha uma
rosa

Notação:

MA- MMA - 97- 339

Análise documental:

Transcrição:

Pretos/ vestimenta/ 231 p 75 diz ser comum/ escravos no Rio só de/ tanga./ Aos domingos viu pretos/ e pretas com florzinhas/ pendentes das orelhas/ como brincos, e que/ também tinham o/ costume de espetar/ na carapinha uma/ rosa

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

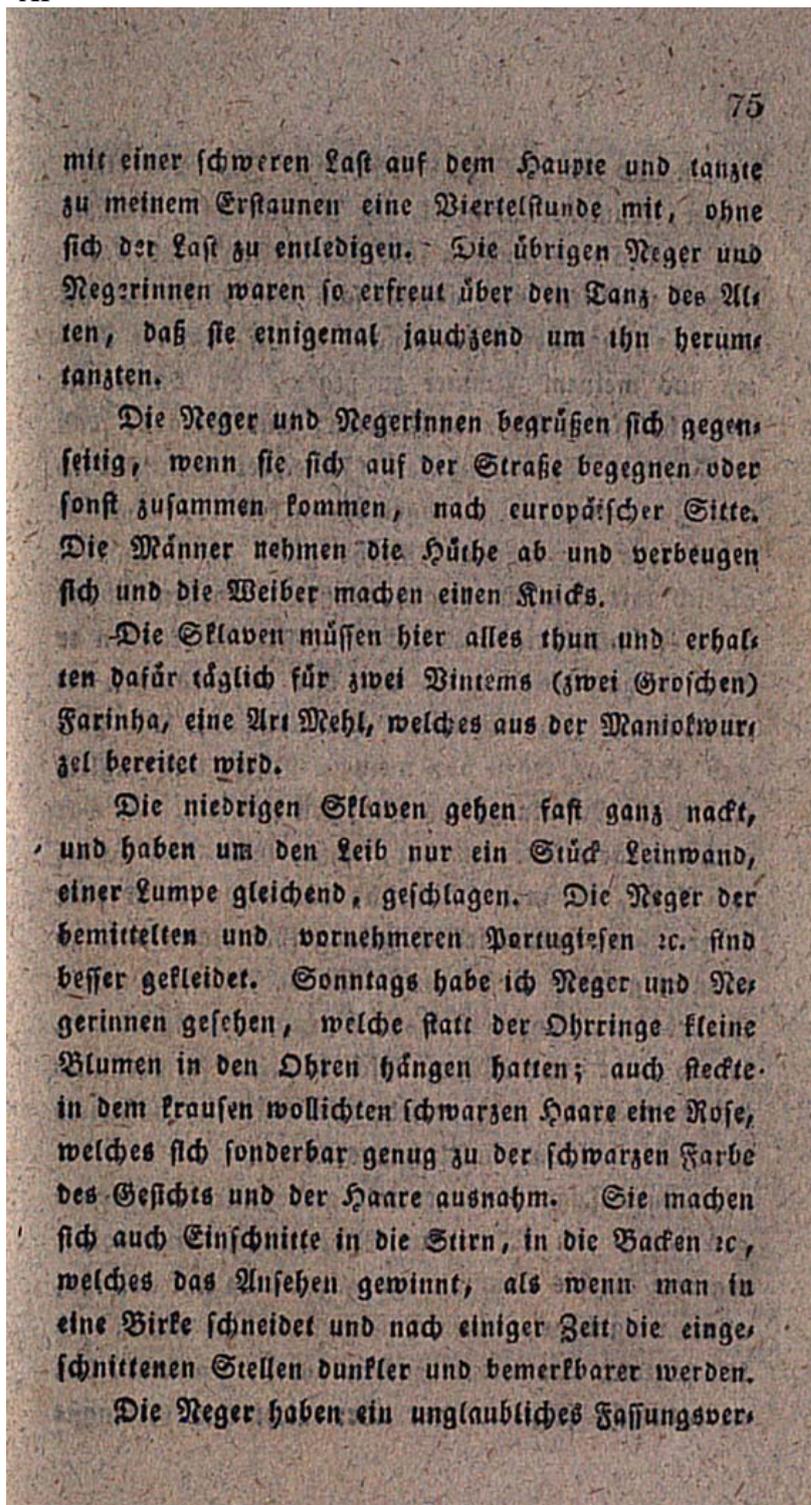
Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]

Verificação:

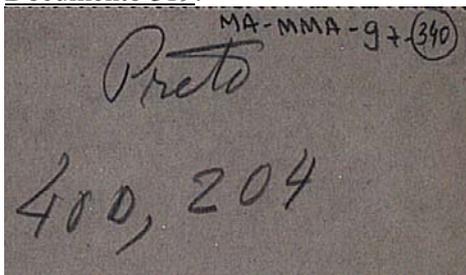
BPG: nº 231: LEITHOLD, Theodor von. *Meine ausflucht nach brasilien oder reise von dort zurueck*. Berlin: Maurerschen Buchhandlung, 1820. (IEB/ Yan)



Nota da pesquisa:

Na BPG, MA escreve logo após esta indicação bibliográfica: "(esteve no Rio 4 meses de outubro de 1819)".

Documento 319:



Notação:

MA - MMA - 97 - 340

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.340.

Transcrição:

Preto/400, 204

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Costume]

Verificação:

BPG: nº 400: BARROSO, Gustavo. *Terra de sol: Natureza e Costumes do Norte*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930. (BMA- F/I/a /4)

P. 204:

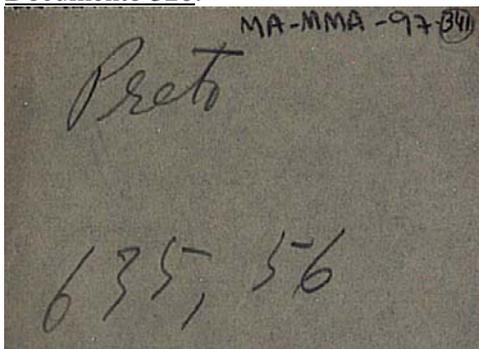
"A arte"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"o sertanejo conhece o preto, mas emprega também essa denominação para exprimir ausência de verdura e de alegria. O solo do sertão despido de folhicos e relva ao tempo da seca está 'preto'. Preto é o arvoredado desnudo, a serrota escalvada e nua. Preto é aglomeração: 'preto de moscas, preto de gente'.

Documento 320:



Notação:

MA - MMA - 97- 341

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.341.

Transcrição:

Preto/ 635,56

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Costume]; [Contra o preto]

Verificação:

BPG: nº 635: CAMPOS, J. da Silva. *A voz dos Campanários Bahianos*. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1936. (BMA- E/I/f/279)

P. 56:

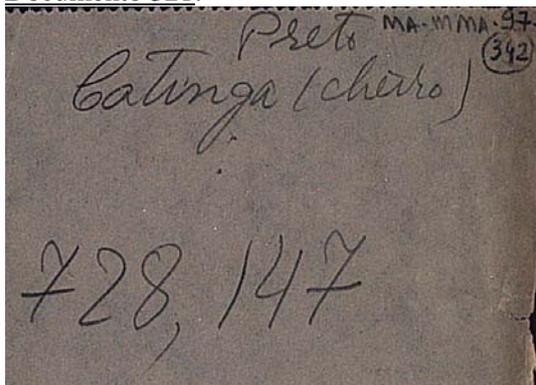
"VII: Sinos do interior da Bahia, sinos de diversos estados: paraenses, maranhenses, piauienses, pernambucanos, sergipanos, cariocas, mineiros e goianos."

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Em poucas cidades brasileiras o preconceito de cor foi tão acirrado como em São Luiz. Havia ali, outrora, um costume típico de tal prevenção, que não sei se ainda se observa. Quando um rapaz branco se casava com mulatinha, ou vice-versa, a família daquele ou desta, cerrava a porta e as janelas da casa durante oito dias, e mandava dobrar sinos a finados..."

Documento 321:



Notação:

MA - MMA - 97 - 342

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,9 x 7,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; borda lateral direita irregular f.342.

Transcrição:

Preto/ catinga (Cheiro)/ 728, 147

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Costume]; [Contra o preto]

Verificação:

BPG: nº 728: EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. Trad. Gastão Penalva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (BMA- E/I/c/72)

P. 147:

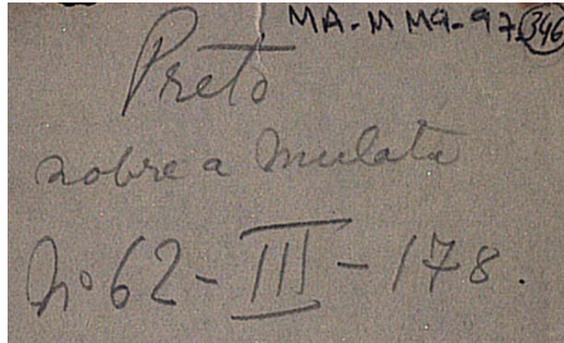
"Capítulo III"

Nota MA a grafite:

palavra "catinga" à margem do trecho:

"Aí está porque a catinga é menos perniciosa que o cheiro produzido pela maquillage (perdoar-me-ão o emprego desta palavra consagrada para caracterizar o sistema de caiadura usado por essas mulheres)."

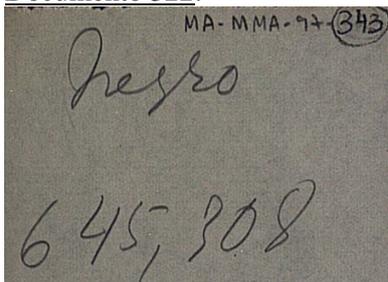
Mulher de cor



Nota da pesquisa:

As notas de trabalho deste subtema referem-se às leituras feitas por Mário de Andrade em que aparecem questões a respeito da mulher afrodescendente, no entanto, este conceito não era usado à época de Mário de Andrade, portanto, a pesquisa optou por um termo comum nos anos de 1930/40.

Documento 322:



Notação:

MA- MMA 97- 343

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.343.

Transcrição:

Negro/ nº 645, 308

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

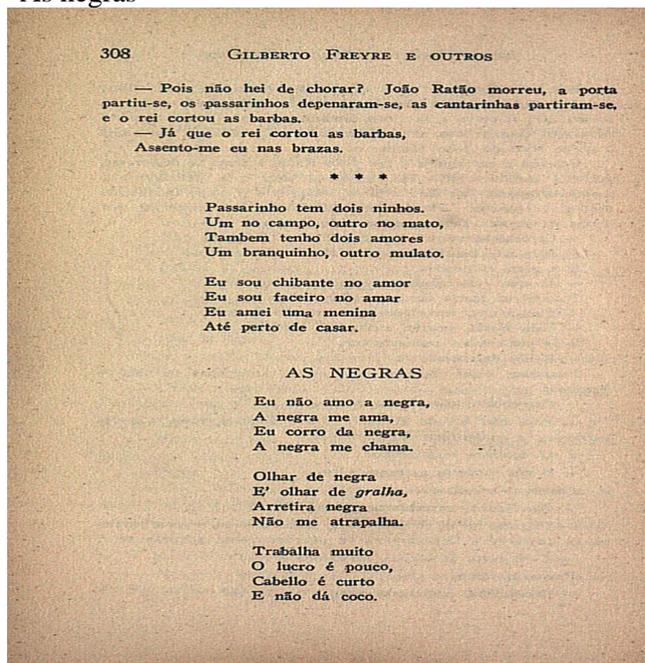
[Mulher de cor]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 645: NOVOS estudos afro-brasileiros; trabalhos apresentados no I Congresso Afro-Brasileiro do Recife /por/ Gilberto Freyre e outros; prefácio Arthur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. (BMA- F/I/b/36)

P. 308:

“As negras”



As negras juntam
Para ir na festa,
Amarram cabelo,
Repucham a testa.

Amarram cabelo
Maciam lá,
Cabello de negra
E' *picuman*.

Feçam os olhos
Apparece o dente,
Cabello de negra
E' quebra pente.

Amarra o cabelo
E anella o cacho,
Fica parecido
Macaco macho.

Quando a negra sae
Para ir na festa,
Penteia o cabelo
E repucha a testa.

Arregala o *qoio*
E arregala o dente,
Cabello de negra
E' de quebrar pente.

O olhar da negra
E' olhar de *graia*
Olhar de negra
Não me atrapaia.

Catinga de negra
Tem dois logar.
Debaixo do braço
E no calcanhar.

Eu corro da negra,
A negra lá vem,
Não quero esta negra
Para ser meu bem.

A FILHA MALDICTA OU A ASSASSINA DOS PAES

Leitores que caso horrivel
Vou aqui vos relatar
Me faz o corpo tremer
E os cabellos arrepiar
Pois nunca pensei no mundo
Existisse um ente immundo
Capaz de seus paes matar.

Este ente horripilante,
Infame, cruel, novento
E' uma joven mui formosa
E de fino tratamento
Filha de paes honrados
E muito considerados
Pois tinham merecimento.

Esta joven conta apenas
Dezoito annos de idade
Era o enlevo dos paes
E a sua felicidade

Nota da pesquisa:

MA indica a p. 308, provavelmente por se tratar do início da quadra, a pesquisa disponibiliza as p. 309 e 310 para contextualizar toda a leitura.

Documento 323:

MA-MMA-97-344

Preto

No romance do Ser-
tanejo Orgulhoso, o
dinheiro vence o
pretencioso coronel
Paranha que só vi-
via apurando a "bran-
quidade" da família. E
o filho dele casa com
uma negra filha de
africana

n.º 59-XII-124

Notação:

MA- MMA -97- 344

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fôlio destacado de bloco de bolso (11 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.344.

Transcrição:

Preto/ No romance do Ser-/tanejo Orgulhoso, o/ dinheiro vence o/ pretencioso coronel/ Paranha que só vi/via apurando a "bran-quidade" da família, E/ o filho dele casa com/ uma negra filha de/ africana./ n.º 59- XII- 124

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: 59: Fundo Vila Lobos. Cx. 4; Pasta 12: "O sertanejo orgulhoso e seus filhos na praça".

Um dia entrou no Recife
A caravana do sertão,
A burrama sertaneja
Carregada de algodão.
No armazem do cões do Ramo
Fizeram arreaiação.

Era o dono do comboio
Um rapaz de pouca idade,
Vinha a mandado dos paes
Vender naquella cidade,
Trezentas saccoas de la
Da sua propriedade.

Pacifico era o nome
Deste moço sertanejo,
Vendeu o seu algodão,
Couro, solla, carne e queijo,
Comprou fazenda e ferragem
Negocio do seu manejo.

Pacifico mandou seguir
O Comboio de mercadoria,
Elle ficou no Recife
Ainda passando o dia,
Recebendo as facturas
E pagando o que devia.

Pacifico no outro dia
Estava desoccupado,
Deu um passeio na praça,
Adeante ficou parado,
Olhando para uma moça
Na janella dum sobrado.

Pacifico ficou parado
Como quem faz sentinella,
Nanorando com a mocinha,
Que esta va na janella,
Ascenando um para o outro,
Tanto elle, como ella.

Mais tarde uma creada
Se descia do sobrado,
Vinha com uma cestinha
Fazer compra no mercado,
Entao perguntou a Pacifico:
O que fazes ahi parado?

Pacifico disse á creada:
Queira fallar com franqueza
Quem é aquella mocinha
Que parece uma princeza,
Ali naquelle sobrado
Brilhando em tanta belleza.

Senhô, vê aquella mocinha
Na janella do sobrado,
Chama-se Florentina,
É filha de um deputado
E sobrinha do vigario,
O senhor tome cuidado.

Pacifico disse a creada:
Me leva uma cartinha,
Que eu te pago bem pago,
Entrega aquella princezinha,
Nunca vi na minha vida,
Uma moça tao bonita.

A negra fez as compras
E voltou muito ligeira,
Pacifico deu-lhe uma nota
Ella guardou na algibeira,
Satisfeita porque era
Muito boa alcoviteira.

A negra entrou no sobrado
Fez sinal para a cosinha,
Chamando Florentina
Entregou-lhe uma cartinha,
Disse um moço sertanejo
Quer casar com Sinhazinha.

126
Continuação (3

Florentina respondeu:
Que o casamento queria,
As duas da madrugada
Era a hora que fugia,
Pelo portão do quintal
Enquanto o povo dormia.

Pacifico sellou o cavallo
Rodeiou pela trazeira,
Foi esperar pela moça
Na sombra da Gamelleira,
O ladrão da filha alheia
Foi cair na ratoeira.

Pacifico estava esperando
Com seu cavallo, sellado,
Esperou até a meia noite,
Por causa de muito enfado
Sentou-se cochilhando
Caiu num sono pezado.

Chegaram ali dois gatunos
Cada qual mais desordeiro,
Roubaram logo Pacifico,
Seu cavallo e o dinheiro,
Foi um guardar o cavallo
Ficou outro parceiro.

As duas da madrugada,
Os gallos estavam cantando,
Florentina sahio fóra
Com seus marrofos brilhando
E um pacote de dinheiro
Pelos Cães foi caminhando.

Beirando ao lado do Cães
Florentina caminhava,
Lançando golpe de vista
Com cuidado procurava,
Pacifico esta dormindo,
Ella não sabia elle onde estava.

127
Continuação (4

Moça nova e destinada
Noite em lua luminosa,
Continou Florentina
A sua marcha teimosa,
Mais adiante foi cair
Numa emboscada perigosa.

Florentina encontrou-se
Com um negro embriagado
Seu pacote de dinheiro
Foi logo aprehendido
Pegou na mão da mocinha
Arrastou para seu lado.

A moça gritou me solta
Que voce é um ladrão
O negro tapou-lhe a bocca
E ella mordeu-lhe a mão
Ali travaram uma luta
Que rolaram pelo chão.

Esteja presa moça
Que faz aqui esta hora
Como lhe peguei na rua
Vai casar comigo agora
Achei uma moça branca
Dê-me o braço vamos embora.

No Cães esta va um menino
Com o seu anzol pescando,
Ouviu os gritos da moça
Como quem pede chorando,
O menino pegou um pau
Veio logo se aproximando.

O menino vinha chegando
Enquanto o negro dizia;
Moça vamos fugir,
Não precisa companhia,
Quero lhe depositar
Antes de amanhecer o dia.

O menino mandou pau
Na cabeça do ladrão,
Na primeira bordoadá,
O negro cahiu no chão,
Então o menino poude,
Toma-lhe a moça da mão.

Nas primeiras cacetadas
O negro estava cahido,
Disse a moça; dar-lhe mais
Neste ladrão atrevido,
Depois de uma boa surra,
Deixaram o negro moida.

O pacote de dinheiro
A moça estava apanhando
Pegou na mão do menino,
E sahiram sainhando;
No plataforma do Caes,
Se sentaram conversando.

A moça disse menino:
Me livrasse do perigo
Porque eu ia arrastada
Pela mão do inimigo,
Ah ! se tu fosses um rapaz
Havia de casar conmigo.

O mar quebrava no Caes,
A briza soprava mansa,
A mocinha já sorria
Sem ter mais desconfiança,
Somente os olhos da luz
Via o casal de creança.

Florentina perguntou:
Menino eu quero saber
O teu nome e de teus paes,
Meu desejo é conher
Agora contas conmigo,
Começo a te proteger.

O meu nome é José,
E pgr appellido Zuquinha,
Mamae se chama Firmina,
Tenho uma irmazinha,
Eu vivo de pescaria
Mas, temos uma casinha.

Florentina disse, Zuquinha,
Quero te recompensar,
Toma lá este dinheiro
Para tu negociar,
E comer mais descansado
Não precisa de pescar.

Não, senhora. Seu dinheiro,
Eu não posso aceitar;
Se eu chegar com dinheiro
Mamae vem examinar,
Mamae quer se muito seria
É capaz de me açoiar.

Mas, menino esta hora
Que tu estavas pescando,
Quanto mais pegava peixe
Teu dia ia lucrando,
Quero te pagar as horas
Porque estou te empantando.

Acceito vinte mil réis
Para comprar uma roupinha,
Porque eu não tenho pae
E visto minha irmazinha,
Quero comprar umas cousas
Arrumar minha casinha.

Zuquinha eu sou Florentina.
Filha de um deputado.
Perto do Caes do Ramo,
Eu moro lá num sobrado,
Quando quiser me procura
Que sempre estou a teu lado.

Se despediram um do outro
Voltou a moça ao sobrado,
Contou a sua creada
Tudo como foi passado,
Que procurou a Pacifico
Porém não foi encontrado.

De manhã quando Zuquinha
Em sua casa chegou,
Uma enfiadora de peixe
A sua mãe entregou,
Vinte mil réis uma nota
Em seguida apresentou.

Firmina disse Zuquinha
Quem te deu tanto dinheiro?
Tu já terás pela rua
Camarada desordeiro?
Tu contas já esta historia
Que eu não crio estradeiro.

Mamãe foi uma moça
Que me deu com sua mão
Porque eu tomei ella
Das garras de um ladrão,
Ella me deu vinte mil réis,
Como gratificação.

Vae te confessar menino
Que isto é um peccado,
Pergunta lá ao vigário
Se o dinheiro está ganhado,
Enquanto não vir a hordem
O dinheiro não é gastado.

Zuquinha entrou na Igreja:
Apresentou-se ao vigário
Que estava na sacristia;
Lendo seu breliario
Foi logo ouvir ao menino
Junto ao confissionario.

Senhor Padre eu venho aqui
Para saber se é peccado,
Por causa de vinte mil réis
Que uma moça tinha me dado,
Mamãe queria saber
Se o dinheiro está ganhado.

O padre disse menino:
Conta a historia primeiro;
Porqu岸tos motivos justos
Quero saber do roteiro,
De onde é esta moça
Que te deu tanto dinheiro?

Senhor Padre, eu estava
No Caes do Ramo, pescando
De madrugada ouvi, os tritos
De uma moça chorando,
Arrei-me de um caeste
Fui ver quem estava gritando.

Vi um negro desordeiro
Lutando ei, uma donzella,
Ja ia arrastando a moça
Atracado na mão della,
Preparei-me para luta
Quanto fui defender ella.

Levantei o cacete
Na cabeça do ladrão,
Com duas mãos botei força
O gatuno cahiu no chão.
O negro esmoreceu
Tomei-lhe a moça da mão.

A mocinha é muito nova
Para me recompensar,
Quiz me dar muito dinheiro
Para eu negociar,
Aceitei vinte mil réis
Por ella muito me rogar.

Ella chama-se Florentina,
É filha de um deputado,
Na rua do Caes Ramo
Hora num rico sobrado,
Prometteu-me de hora em diante
Me proteger com cuidado.

O padre disse menino:
Tu estaes fofessado,
Vae gastar o teu dinheiro
Que foi muito bem ganhado,
O vigario foisaber logo
O que havia no sobrado.

O padre entrou no sobrado
Disse minha irma Cordolina
Que novidade ha aqui?
A respeito a Florentina,
Venho contar-lhe um segredo
Que disseram da menina.

Cordolina respondeu:
Florentina está deitada
Dormindo o sono innocente,
Contra ella nao ha nada,
Minha filha nao precisa
De manhao estar acordada.

Minha irmã, abra os olhos,
Ainda estaes enganada,
Florentina foi vista
Na rua de madrugada
Se não fôra um menino
Tinha sido derrotada...

Vamos guardar este segredo
Sem fazer revelação,
Amanha chega o dputor
Para fazer eleição
De hora endiante o menino
Nao fica sem proteçao

Quando em casa de Firmina
Chegou uma commissao,
O padre e o doutor,
Sem dizer qual a razao,
Foram pedir-lhe o menino
Para dar-lhe educação.

Respondeu dona Firmina:
Nao posso dar meu filhinho,
Sou uma pobre viuva
Consta ao povo visinho
Elle é quem me sustenta
Quanto pesca algum peixinho.

Disseram para a senhora:
Nao lhe falta mais dinheiro
Nós queremos o menino,
Vae para o Rio de Janeiro
Estudar na academia
Para ser um cavalheiro.

A viuva combinou
Como a commissao queria.
Entao levaram Zuquinha,
Botaram na academia
Ficou no Rio de Janeiro
Até que formou-se um dia.

Com doze annos de estudos
Zuquinha era um formado.
Na politica do governo.
Foi eleito deputado,
E voltou ao Recife
Onde estava esperado.

Chegou o pai de Florentina
Num grande acompanhamento,
Desembarcou com Zuquinha
No maior contentamento
Zuquinha e Florentina

Disse o pai de Florentina
Que já era senador,
Eu conheci que Zuquinha
Dava um homem de valor,
De gosto lhe dei minha filha
Quanto fiz delle um doutor.

Florentina fez um discurso
No meio da reunião,
Disse Zuquinha me salvou
Do poder de um ladrão.
Elle nao quiz dinheiro
Mas, ganhou meu coração.

Respondeu dona Firmina:
Eu vendo um caso serio,
Meu filho com um dinheiro
Debaixo de um misterio,
Mandeí elle confessar-se
Para limpar o meu criterio.

Sidalina irmã de Zuquinha
Tambem falou aos senhores;
Disse, quero agradecer-lhes
A tão nobres protectores
Que elevaram o meu nome
Para o nível dos doutores.

Nesta hora apresentou-se
Um negro esmulambado,
Escorado numa moleta
Pedindo esmola alejado,
Era o ladrão, da noite
Em que Pacifico foi roubado.

Zuquinha disse este negro
Agora pede chorando,
Mas, foi o terror do Recife
Como ladrão criminoso,
Os malvados também findam
De um medo lastimoso.

Aqui deixamos Zuquinha
Encantado no sallão,
Na belleza de Florentina,
Gozando a doce uniao;
Vamos saber de Pacifico
Como voltou ao sertão.

De manhã quando Pacifico
Acordou muito assustado,
Procurou o seu cavallo:
O ladrão havia roubado.
Caçou dinheiro nos bolsos.
Os gatunos tinham limpado.

Pacifico lastimava
A triste situação
Tinha que voltar a pé,
Regressar para o sertão.
Dinheiro para a viagem
Nao tinha mais um tostão.

Tirou os sapatos dos pés
Se dispoz a viajar,
Para comer no caminho
Pedia aqui acular
Com quinze dias de viagem
Foi quando pode chegar.

O coronel João Paranha,
Um sertanejo orgulhoso,
Era o pai de Pacifico,
Se julgava poderoso,
De herros que só um touro
Vendo seu filho queixoso.

O coronel perguntou:
Pacifico fosses amontado
Vender a la no Recife,
Fizesse bom apurado,
Porque é que vens a pé
Como um sujo relachado?

Papai porque fui ratar
A filha de um deputado,
Esperei até meia noite,
Por causa de muito enfado
Sentei-me peguei no somno
Por isso que fui roubado.

Rapaz besta como é,
Que te mando negociar,
E tu chegas ao Recife,
Te mettes a anamorar
Sem conhecer a qualidade
Da moça que vai ratar.

Pernambuco não tem moça,
Que igualhe em qualidade
Para casar com filho meu,
Nos temos mais branquidade
Porque os nossos avós
Já tiveram magestade.

Porque o meu bisavô
Foi ministro em Portugal,
Eu sou um coronel
Da Guarda Nacional,
Então a minha família
Também tem sangue real.

A moça que não for rica
No lugar onde mora,
Branca de olhos azues,
Como a mais fina senhora
Não tendo os cabellos loiros,
Não pode ser minha nora.

Eu tenho aqui duas filhas,
Que não dou a casamento,
A pelintra sertanejo,
Que não tem merecimento
Posso dá a um governo,
Que prove procedimento.

Ainda tenho muita lá,
Preciso mandar vender
Mas, quem vai é Rubertinho,
Porque tem melhor saber,
Pacifico não sai de casa
Porque só sabe perder.

O meu filho Robertinho
Tem a minha opinião,
Não se occupa a dar bom dia
As moças deste sertão,
Este menino se parece
Comigo até na feição.

Robertinho você no Recife
Seja muito experiente,
Só escolha moça branca
De qualidade excelente,
Sendo morena não queira
Nem filha do presidente.

Reuniu-se a matuta na
Para o rapaz não ir sosinho,
Então o grande comboio
Foi entregue a Robertinho,
Quando montaram a cavallo
Seguiram o seu caminho,

Partiu de Caruarú,
Esta grande caravana
Em marcha muito pesada,
Gastaram mais da semana,
Até que o comboio entrou
Na praça Pernambucana.

Chegando no Caes do Ramo
O grande comboio arriou,
O algodão, queijo e solla
Tudo se negociou,
Foram muitos, contos de réis,
Que Robertinho apurou.

Robertinho no commercio,
Comprou fazenda e ferragem,
Sortindo com mindeza
Conforme a percentagem,
Esperou ainda dois dias
Para voltar da viagem.

Na ponte da Boa-vista
Robertinho ia passando,
Viu uma negra muito gorda
Numa sombra cochilando,
Roberto tirou um nickell
Uma esmola foi lhe dando.

A negra abriu os olhos
Sorrindo com fingimento,
Tornou a fecha os olhos
Formando um pensamento,
E depois de dois cochilos
Deu os agradecimentos,

É memo primeira vez
Que lhe veijo aqui agora,
Deurpe é lhe priguntar,
Memo onde moço mora,
Sinhosinho é do Rucife
Ou dotos mundo de fora.

A creoula pergunta bem,
Venho vender algodão,
Comprar negocio na praça
Já fiz toda arrumação,
Amanha a meu compoio
Vai subir o sertão.

Memo memo pois agora,
O moço istar convidado
Promode i junto comigo
Inté ali num sobrado
Sinhosinho nao se repende
Eruque tira resultado.

Negra voce é cativa?
Me digar se tem patrão,
Se estar levando chicote
Com rigor de sujeição,
Hoje mesmo eu vou comprarça
Vai me servir no sertão.

Comprar a mim isto non,
O senhô estar enganado,
Memo é quero qui vá
Comigo vé um sobrado
O senhô não se repende
Eruque já encontra agrado.

Pois então va me mostrar
Onde fica este sobrado,
Que voce estar dizendo,
Que ãi tiro resultado,
Se nao prestar venho embora
Nao posso estar demorado.

A negra levantou-se
Com os peso de pãeta,
Disse sigar atraz de mim:
Memo nao digo pãeta
É muito perto daqui
Memo em Caes da Lingueta.

Robertinho atraz da negra
Seguia um tanto atrazado,
Foram atravessando as ruas
Roberto ia encabulando,
Chegaram ao Caes da Lingueta
Disse a negra é este o sobrado.

Roberto ia sobindo
Os degraus da escadaria,
Viu o primeiro salao,
Forrado com phantazia,
Chegou ao terceiro andar
Pizou na tapessaria.

Admirava a mobília
Naquelle salão decente,
Espelhos tamanho de um homem,
Crystalino transparente,
Roberto disse consigo:
Aqui mora o presidente.

Em sua sala de recreio
Um piano estava tocando,
A voz de uma senhorita
Cantava acompanhando,
Aquella musica sanórea,
Roberto estava apreciando.

Depois calou-se o piano,
E uma negrinha solteira
Veio falar com Roberto,
Se mostrando prazenteira,
Vestida na sêda pura
Como princesa estrangeira.

A negrinha era professora,
Fianista de primeira,
De botina salto de ouro,
Os braços cheio de pulseira,
Pretinha como quixaba,
Os cabellos de touceira.

A pretinha dirigiu-se
Com muita morosidade,
Cumprimentou a Roberto
Com expressao de bondade
Moço como lhe foi
De negocio na cidade.

Respondeu Robert: fui bem,
Disse ella, tenha bondade
De sentar-se um bocadinho,
E pode estar a vontade,
Vamos aproveitar as flores
Do tempo da mocidade.

Robertinho acanhou-se
Igual a um mandioqueiro,
Porque esta vestido
Com um uniforme grosseiro,
Estava com chapéo de couro
E os sapatos de vaqueiro.

Ricardina conheceu
Que o moço estava acanhado,
Começou a soltar termo
Que elle achasse agrado,
Que elle achasse agrado,
Lhe perguntou pelo sertao
Com a producao do gado.

Robertinho animou-se
Ouvindo falar no sertao,
Elogiou sua zona,
Com a safra do algodao,
Ricardina approvando
Toda sua opiniao.

Com pouco a negra velha,
Sahiu fóra e veio chamar,
Ricardina memo memo
Chama o moço vem jantar,
Tras o moço pela mão
Que non pôde se demorar.

Ricardina levantou-se
Com muita delicadeza
Deu o braço a Robertinho
Levou elle para a meza
Robertinho em sua vida
Nunca viu tanta fineza.

Ricardina trinchava
E o Robertinho comia,
Botava vinho no copo
O sertanejo bebia,
Quanto ella gracejava
Já Robertinho sorria,

Depois que Robertinho
Saboreou o jantar
Disse a velha, memo memo
Nós temos um particular:
Memo venha vê um quarto
Que tenho para lhe mostrar.

A negra abriu um quanto
Do seu cofre esforçado,
Robertinho quando viu,
Ficou tão maravilhado,
Nao esperava contrar
Um thesouro no sobrado.

Trinta mil contos em ouro
Tem aqui enthesourado,
Duzentos mil contos em papel
Que em banco foi botado.
Dinheiro dos Hollandezes
Entre aqui guardado.

Trinta e duas cas e terras
Cinco casas de sobrado,
Oito navios no mar,
Que tudo estar arrendado.
Só falta um thesoureiro
Para ser nosso empregado.

Agora memo seu moço,
Veja o que determina,
Lhe dou todo meu riqueza
Para casar com Ricardina,
Praque filha meu é pretinha
Mais é um negrinha fina.

Robertinho cresceu logo
A ambição de enricar,
Disse eu caso com Ricardina,
Mas, quero lhe avisar,
Lhe case a toda pressa
Para meu pae nao empatar.

Seu pae nom poda nom
Memo é tem mais talento
Vo mandá chamar o pade
Vae tudo em bom seguimento
No mesmo dia de tarde
Enrolaram o casamento.

Robertinho no outro dia
Escreveu para o sertão
Que se casou com uma negra
De muita estimação
Que nunca mais ia lá
Que nao tinha precisão.

O coronel Joca Paranha,
Sabento deste recado
Deu-lhe um ataque de raiva,
Gritando desesperado,
Berrava como uma besta,
Dizendo estou desgraçado.

Gritava o coronel
Ainda no chão deitado,
Elle casou com uma negra,
Lhe deixou envergonhado,
Sujou a minha familia,
Mas, fica amaldiçoado.

Com pouco o coronel
Levantou-se mais zangado,
Espumando pela bocca,
Chorando enjuriado,
Dizendo vou ao Recife
Matar aquelle damnado.

O Coronel escreveu
Aos amigos fazendeiros,
Que mandasse a toda a pressa,
A tropa dos cangaceiros
Para atacar ao Recife
E matar aos dizordeiros.

Fegou descer capanga
De guarda-peito e gibao,
Com cada chapéo de couro
Do tamanho de um surrao,
Tudo era criminoso
Que matavam por devoção.

O coronel Joca Paranha,
Olhou para a capangagem
Escreveu para Roberto
Que estava de viagem
Vinha acabar o Recife
Péis tinha gente e coragem.

Já estava preparado
Descia de Caruarú,
Vinha amaldiçoal-o
E dar-lhe com reio orú
Com quatro centos capangas
Que chegaram de pagem.

Elle casou com um negra,
Era um atrevimento,
Só vinha buscal-o preso
E dar-lhe um conhecimento,
Dava uma piza na negra
E desmachava o casamento.

Que elle casou-se enludido
Som filha de catimbeseira,
Mas, para a bruxa africana
Que Serviu de alcoviteira,
Vinha gastar dez peias
No lombo da feiteceira.

Porque seu filho Pacifico
Havia sido roubado.
Vinha matar os gatunos
Da capital do Estado.
Nao respeitava ao governo.
Nem batalhao de soldado.

Robertinho leu a carta.
Nao ligou importancia,
Disse meu pae estar pensando
Que ainda sou crianca,
Papae quer ser muito branco,
Aquillo tudo é lambança.

Paranha vinha descendo
Commandando os Curunheiros,
Vinha tapando a estrada
Somente de cangaceiros,
Onde viam um pau atiravam
Todos eram escupeteiros.

Na tropa do Paranha
Havia algum criminoso,
Sangrava e bebia o sangue
Tanto era criminoso,
Por isto que o Paranha
Se fazia de orgulhoso.

O Paranha deixou a tropa
Esperando em Tigitó,
Disse voceis fiquem aqui,
Que agora entro so.
Depois eu faço um serviço
Que o Recife fica em pó.

Paranha entrou no Recife.
Monstrando sua figura,
Segurando um feixe de peia,
Um callabrote na cintura
Dizendo hoje é o dia
Da minha maior bravura.

No sobrado de Robertinho
O Paranha penetrou,
Subiu ao terceiro andar
Com o filho se avistou,
Empunhou o callabrote
E por Robertinho chamou.

Estava o Robertinho
Como um príncipe bem trajado,
Sorrindo com Ricardina
Na varanda do sobrado,
Para receber ao velho
Sahiram de braços dado.

Ricardina trajava sêda
Num vestido debocado,
Com as pulseiras de ouro
Debrilhante cravejado,
Botina chapim de ouro
O cabelo carafinhado.

Robertinha nesta hora
Tinha um papel na mão,
Disse pae leia esta aguma
E preste bem a attenção,
Depois que acabar de ler
Bote sua maldição.

O coronel pegou no papel
Para ver que havia,
A raiva era tanta
Que até as mãos lhe tremiam,
Assustou-se em vê a somma
Que o filho possuia.

O velho abraçou o filho,
Disse Deus te Bote a benção.
Meu filho tirásse a limpo
Melhor do que no sertão,
Tu casse com uma noça
Mais bonita da nação.

Deixe abraçar minha nora
Da minha estimação.
A muito tempo esta nora
Já estava em meu coração.
Eu não dou a minha nora
Por dez mulher do Barão.

Tua sogra via conmigo
Beber leite no sertão,
Meu filho diz-me uma cousa:
Me dando informação,
Se não ficou outra cunhada
Para casar com teu irmão.

Robertinho respondeu:
Só encontrei Ricardina,
Mas a noiva de meu irmão
É a dona Sidalina,
Irma do doutor Zuquinha,
Cunhada de Florentina.

Então foi chamado o Pacifico
E casou com Sidalina,
Sendo esta proteção
Arrumada por Florentina,
Os Padrinhos do casamento
Foi Roberto e Ricardina.

O Paranha estava bebado
Porque tomou muita cana;
E dançou de perna bamba,
Com a velha Lurciana,
Que dizia memo, memo,
Conoré sou uma Africana.

Seguiu o doutor Zuquinha
A carreira de deputado,
No palacio do governo
Empregou o seu cunhad,
Robertinho em dinheiro
Era o mais afortunado.

Coronel Paranha voutou
Com a sua capangagem,
Chegou em casa dizendo
Que foi feliz na viagem
Porque seu filho Roberto,
Era a maior personagem.

Que Robertinho se casou
Com uma morena cor de canella
Na riqueza estava acima
Das moças brancas amarella,
E os negociantes da praça
Tuão era sujeito a ella.

Disse mais que o Pacifico
Hoje em dia é casado,
Com uma linda professora,
Irma de um deputado,
Era amigo do governo
No palacio estava empregado.

Paranha gritou de hora em diante
Em vista do meu poder,
Quem não andar direitinho
Tem muito que padecer,
Eu não digpenso uma pisa
Em quem não me obedecer.

Continou o Paranha
Armando com cangaçeiros,
Dando cresté de pementa,
Nos visinhos fazendeiros
Fez mudar-se muita gente
Com medo dos desordeiros.

Mais um dia em que Paranha
Ia surrar um visinho
Estava encebando um chicote
E olhando para o caminho
Para pedir uma esmola,
Vinha chegando um seguinho.

Meus irmãos de caridade
Filho da virgem Maria,
Favoreça ao pobre cego,
Que não vê luz do dia
Se tivesse a minha vista
Trabalhava e não pedia.

Nesta hora contra o cego,
Um cachorro avançou ladrando
O cego tinha uma vara
De banda foi manejava,
Deu tão grande bordoadá,
Que o cão cahiu arquejando.

Paranha gritou zangado
Que estremeceu toda sala,
Cego de todos os diabos
Vou te matar com uma balla,
Apontou uma espingarda
Mas, não pode disparal-a.

Rapidamente Paranha
Pelas filhas foi pegado,
Ai meu pae não matte o cego
Que o senhor é castigado,
Paranha Berrou me solte,
Atiro já neste damnado.

O ceguinho nesta vez
Disse apertada hoia:
Deixou o sacco de esmola
E correu de estrada fóra,
Ficou cá o ruge ruge,
Mas, o ceguinho foi embora.

Depois de passar dez annos
Que a é companha,
Aquelle mesmo ceguinho
Pedia por casa estranha,
Appareceu outra vez
No terreiro do Paranha.

No terreiro do Paranha
Quanto o cego foi chegando,
As moças sahiram á porta.
Duma vez tudo chorando
Vinheram agradar o cego,
Que estava ali esoutando.

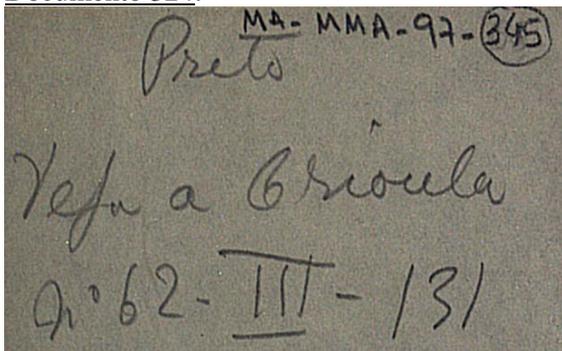
O ceguinho perguntou:
Moças aqui morreu alguém?
Elias aumentaram o choro
Como um desgosto que vem
Responderam porque papai,
Já esta cego tambem.

Por causa de uma cachorra
Meu pais quiz lhe atirar,
E vossa mercer correu,
Para poder escapar,
Foi este o motivo justo
Que fez o meu pai cegar.

Meu pae só levou o tempo
Em apurar branquidade,
Empatou de nós casarmos
No verdou da mocidade
Hoje somos moças velhas
Chorando infelicidade.

Nota da pesquisa: MA indica a primeira página deste texto, no entanto é necessária a leitura completa para identificar a passagem da mulher negra.

Documento 324:



Notação:

MA-MMA- 97-345

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.345.

Transcrição:

Preto/ Veja a Crioula / n° 62 - III - 131

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

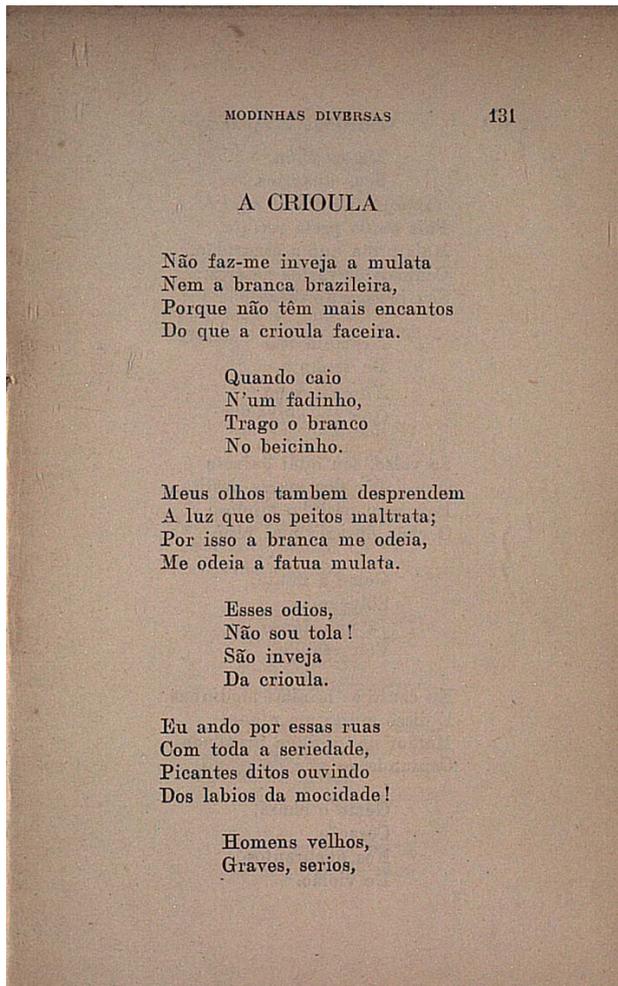
Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: n° 62: MORAES FILHO, Mello. *Serenatas e saraus*: Collecção de autos populares, lundus, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902, v. 3 - Hymnos. (BMA- F/I/a/20)

P. 131:
"A crioula"



Nota da pesquisa:

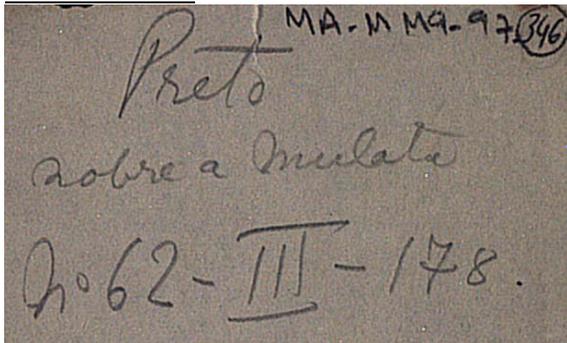
P. 132:
"A crioula"

Nota MA a grafite:

traço à margem da 8ª estrofe:

"Mesmo a boa
Da senhora,
Xinga o amo,
Que me adora!"

Documento 325:



Notação:

MA-MMA- 97-346

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.346.

Transcrição:

Preto/sobre a Mulata/ nº 62 - III - 178

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 62: MORAES FILHO, Mello. *Serenatas e saraus*: Collecção de autos populares, lundus, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902, v. 3 - Hymnos. BMA- F/I/A/20

P. 178:

"A mulata"

Nota MA a grafite:

traço à margem das 2º, 3º, 4ª e 5º estrofes:

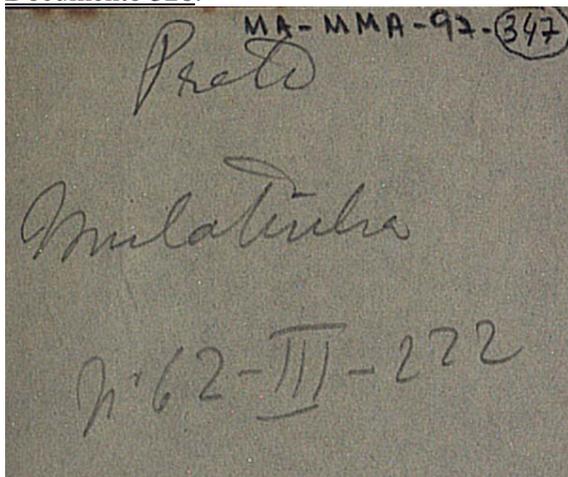
"O mundo inteiro apresenta
Como deusa soberana,
Dentre todas as mulheres
A fanciulla italiana.

Alguns, porém, que em assuntos
Do bello tem outra escola,
Elegem dentre as mais belas,
A donairoza espanhola.

A russa, a turca, até mesmo
A triste, insulsa chinesa
São elevadas ao solio
Em que preside a Beleza!

Mas eu que adoro a suprema
Perfeição de deusa ingrata,
Proclamo como a primeira
A terna, a doce mulata!"

Documento 326:



Notação:

MA-MMA- 97-347

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,7 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.347.

Transcrição:

Preto/ Mulatinha/ nº 62 - III - 222

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 62: MORAES FILHO, Mello. *Serenatas e saraus*: Collecção de autos populares, lundus, recitativos, modinhas, duetos, serenatas, barcarolas e outras produções brasileiras antigas e modernas. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1902, v. 3 - Hymnos. (BMA- F/I/a/20)

P. 222:
"A mulatinha"

222

SERENATAS E SARÁUS

E' quibêbe apimentado
Pelas mãosinhas de amor.

E' doce licor de rosa,
E' melhor do que melado ;
Delicado e melindroso
Vinho velho engarrafado.

E' manguinha da Bahia,
E' doce favo de mel ;
Não é clara como o dia
Nem alva como o papel

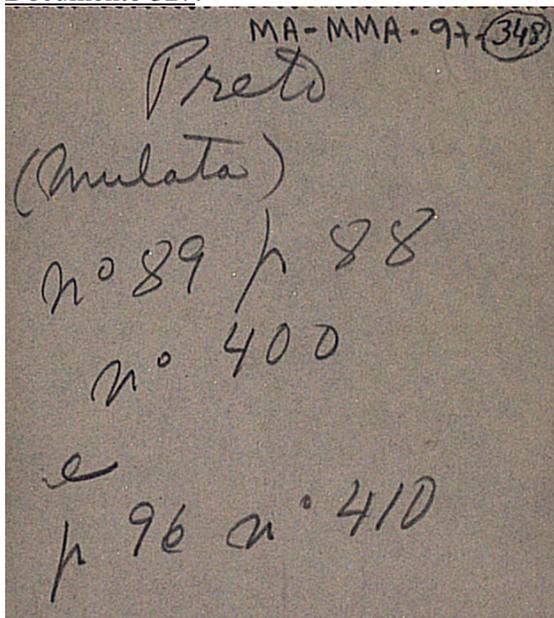
A mulatinha mimosa,
Fios d'ovos com canella ;
E' morena côr de rosa,
Tem uma côr muito bella.

E' faceira, tem candura,
Tem do côco o paladar ;
Tem meiguices, tem ternura
Tem *quindins* de enfeitiçar.

Quando eu meigo vejo ella,
Tão terna, tão moreninha,
Logo exclamo : — Como é bella
Do Brazil a mulatinha !

Os olhos sabe volver
Tão ternos a namorar,
Que eu quizera só poder
Junto della sempr'estar.

Documento 327:



Notação:

MA- MMA- 97-348

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.348.

Transcrição:

Preto/ (Mulata) / n° 89 p 88/ n° 400/ e/ p 96 n° 410

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]; [O Mulato]

Verificação:

BPG: n° 89: CARDOSO, Nuno Catharino. *Cancioneiro popular português e brasileiro*. Lisboa: Portugal-Brasil; Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1921. (BMA- F/II/a/39)

P. 88:

"Quadras psicológicas"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Não há coisa mais faceira

Que a mulata do Brasil:

Tem um olhar feiticeiro

Que ilude a mais de mil."

BPG: n° 400: BARROSO, Gustavo. *Terra de sol natureza e costumes do Norte*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930. (BMA- F/I/a/4)

BPG: n° 410: LISBOA, João Francisco. *Obras*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira & Pinheiros, 1901, v. 1. (BMA- E/I/d/31 e E/I/d/32)

P. 96 v.1:

"Apontamentos para a História do Maranhão"

P. 96 v2:

"Partidos e eleições no Maranhão"

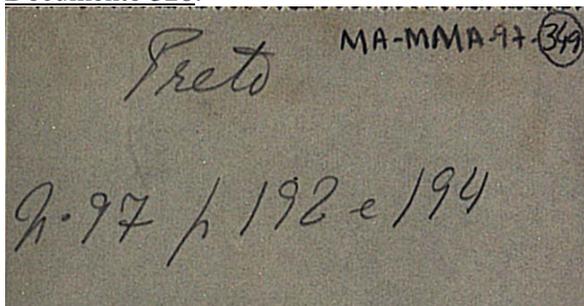
Nota da pesquisa:

MA utiliza-se mais uma vez , de um mesmo suporte para notas diferentes, neste caso, são três.

A segunda parte da nota não indica uma página específica do livro *Terra de sol natureza e costumes do Norte*, obra que contém muitas anotações de MA.

Em *Obras* de João Francisco Lisboa, a página indicada na nota de trabalho não se sabe se indica o volume 1 ou 2, no entanto, em nenhum deles, a página 96, apresenta referências à mulata.

Documento 328:



Notação:

MA-MMA- 97-349

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.349.

Transcrição:

Preto/n. 97 p 192 e 194

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 97: BRAZIL, A. Americano do. *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 19___. (BMA- F/I/a/49).

P. 192:

"O humorismo na poesia popular"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem da canção:

"Recorte

Eu amo a negra,
A negra não me ama,
Eu corro da negra,
A negra me chama.
Olhar de negra
É olhar de galha,
Arretira negra
Não me atrapalha.
Trabalha muito,
O lucro é pouco,
Cabelo é curto
E não dá coco.
As negras juntam
Para ir na festa,
Amarram cabelo,
Repucham a testa.
Amarram cabelo
Maciam lã,
Cabelo de negra

É quebra de pente.
Amarra o cabelo
E anela o cacho,
Fica parecido
Macaco macho."

P. 194:

"O humorismo na poesia popular"

Nota MA a grafite:

grifo no título da canção "As negras".

"As negras

Quando a negra sai

Para ir na festa,

Penteia o cabelo

E repucha a testa.

Arregala o zoio

E arregala o dente,

Cabelo de negra

É de quebrar pente.

O olhar da negra

É olhar de graia

Olhar de negra,

não me atrapaia.

Cantiga de negra

A negra lá vem

Não quero esta negra

Para ser meu bem."

Nota da pesquisa:

Embora a obra não apresente o ano de publicação, no manuscrito *Bibliografia para na pancada do ganzá*, MA anota nesta referência o ano de 1925.

Documento 329:

Índias e Pretos MA-MMA-97-350
(n. 134-I-369 e 376)

Entre eles (índios de Minas, os
Coroados) estava ao lado da
esposa, um índio velho que se
distinguia pela barba bastante
forte. As mulheres ameríndias
demonstram aliás muito mais
inclinação pros negros que
pros seus próprios conacionais.
Não raro aparecem negros fu-
gidos nos matos, como Ci-
cisbei (?) das índias, e são
procurados por elas ápeix-
nadamente. Justo o contrário
se dá com os índios machos,
que ~~consideram~~ as negras como
inferiores e as repugnantes.
(...) p. 376.

"as partes masculinas
(dos índios) são muito me-
nores que as dos negros e
não como entre estes
em constante enturge-
cimento (Turgor)."

Notação:

MA-MMA-97-350

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.350.

Transcrição:

Índias e Pretos/ (n 134-I-369 e 376)/ Entre eles (índios de Minas, os/ coroados) estava ao lado da/ esposa um índio velho que se/ distinguia pela barba bastante/ forte. As mulheres ameríndias/ demonstram aliás muito mais/ inclinação pros negros que/ pros seus próprios conacionais./ Não raro aparecem negros fu-/gidos nos matos, como Ci-/cisbei (?) das índias, e são procurados por elas apaixo-/nadamente. Justo o contrario/ se dá com os índios machos,/ que consideram as negras como/ inferiores e repugnantes./ (...) p.376./ "as partes masculinas (dos índios) são muito me-/nores que as dos negros e/ não como entre estes/ em constante enturge/cimento (Turgor)."

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: n° 134: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. I. (BMA- B/V/i/134)

P. 369:

"Viertes Buch. II. Kapitel. Aufenthalt in der von Villa Rica"

369

wir unsere stummen Wirthe noch mit mehreren Geschenken erfreut hatten, die alle ohne Aeusserung von Dankbarkeit angenommen wurden, kehrten wir zu der Fazenda zurück, um unsere Waffen und Maulthiere abzuholen. Einige Indianer, durch die Geschenke angereizt, folgten uns hierher nach, und liessen sich nochmals mit Branntwein und Maismehl bewirthen. Unter ihnen befand sich nebst seiner Frau ein bejahrter Indianer, der sich durch einen ziemlich starken Bart auszeichnete. Die indianischen Frauen sollen übrigens mehr Anhänglichkeit an die Neger, als an ihre eigenen indianischen Männer bezeigen. Nicht selten erscheinen daher entflozene Neger als die Cicisbei der Indianerinnen in den Wäldern und werden auch von diesen leidenschaftlich aufgesucht. Gerade das Gegentheil findet bei den indianischen Männern statt, welche die Negerinnen unter ihrer Würde halten und verabscheuen. Nach einem etwas vertraulicheren Abschiede verliessen wir unsere Gäste und ritten durch eine dichte Urwaldung nach *Guidowald* fort, wo wir noch vor Sonnenuntergang anlangten.

Dieser Meierhof ward von dem Commandanten in der Absicht, die zu civilisirenden Indianer immer vor Augen zu haben, ganz nahe bei einigen Aldeas derselben erbaut. Er liegt in einer engen, dicht bewaldeten Gegend, am westlichen Abhange der *Serra da Onça*, eines Theiles der *Serra do mar*. Der *Rio Xipotó*, ein nur sechs Klafter breiter Fluss, welcher nicht weit von hier entspringt, und sich darauf mit dem *Rio da Pomba* vereinigt, fliesst nördlich unweit der Fazenda vorbei und trennt sie von den jenseitigen Niederlassungen der Indianer. Die herrschende Gebirgsart in dieser Gegend ist Gneiss oder Gneissgranit, über welchem mächtige Lager von rothem Letten liegen. Man will hier zwar Spuren von Gold gefunden haben, jedoch führen die Bäche nichts, als kleine Trümmer von Quarz, Bergkrystallen und Splitter von Amethysten mit sich. Wo der Wald umgehauen und bebaut ist, liefert er reichliche Erndten von Mais, Mandioca, Bohnen und auch Baumwolle. Wir waren nur einige Stunden in *Guidowald* angelangt, so sahen wir eine Horde von *Coropós*, welche mit getrockneter Brechwurzel gekommen waren, um solche bei Capitän MARLIER gegen Kattun und Eisenwaaren zu vertauschen. Sobald sie hörten, dass hier

meinen Racezug viel mehr beherrscht, als dieses bei den übrigen Rassen jetzt noch der Fall ist. Die Indianer sind von kleiner oder mittlerer Statur, die Männer vier bis fünf, die Weiber im Allgemeinen etwas über vier Fuss hoch; alle von stämmigem, breiten und gedrungenen Körperbau. Nur selten bemerkt man unter ihnen Einige von höherem schlankeren Wuchs. Ihre Brust ist breit, der Hals kurz und stark; die weiblichen Brüste nicht so schlaff herabhängend wie bei den Negerinnen; der Bauch stark hervorstehend, der Nabel sehr wulstig, jedoch weniger als bei dem Neger; die männlichen Theile sind viel kleiner als die der Neger, und nicht wie bei diesen in einem beständigen Turgor; die Extremitäten sind kurz, die unteren nichts weniger als voll, namentlich die Waden und das Gesäss dünn, die oberen rund und musculös. Der Fuss ist hinten schmal, nach vorn hin sehr breit, die grosse Zehe von den übrigen abstehend; die Hände sind fast immer kalt, die Finger verhältnissmässig dünn, die Nägel, welche sie sich beständig abzunagen pflegen, sehr kurz. Die Hautfarbe ist ein mehr oder weniger tiefes Kupferbraun, nach dem Alter, der Beschäftigung und dem Gesundheitszustande des Individuums etwas verschieden. Neugeborne Kinder sind gelblich weiss, wie Mulatten; Kranke erhalten eine bräunlich gelbe Farbe; äusserst selten trifft man unter ihnen Hakerlacken oder Dunkelgeflechte. Im Ganzen sind sie um so dunkler gefärbt, je kräftiger und thätiger sie sind. Gegen den Unterleib und an den Extremitäten geht die rothbraune Farbe bisweilen in eine schwärzlichere über; im Innern der Gelenke dagegen wird sie blässer oder weisslich. Erröthen kann der Indianer eigentlich nicht, und jenes Menschliche: „Erubescit, salva res est“, findet keine Anwendung bei dieser rohen Menschenrace. Nur nach langem Umgange mit den Weissen und nach erhaltener Bildung bemerkten wir bei den Indianern Farbenwechsel als Ausdruck der Gemüthsbewegungen. Uebrigens ist ihre Haut sehr fein, weich, glänzend, und der Sonne ausgesetzt zum Schweisse geneigt, dessen Geruch (*Catincá*) nicht so wild wie bei den Negern, doch aber scabiös-urinös ist. Die langen, harten, straffen, glänzend schwarzen Haare hängen dicht und unordentlich vom Haupte herab. Unter den Achseln und auf der Brust bemerkt man im Allgemeinen keine, an den Geschlechtstheilen und am Kinn der Männer eine sehr dünne Behaarung. Doch giebt es hierin, obgleich selten Ausnahmen, und wir haben einige Männer mit stark

Documento 330:

MA.MMA.97-351

Preto

A historia das 3 Cidras,
aceitavelmente mi-
tica, a ~~donzela~~ mo-
ça bonita e branca,
é substituída ~~pela~~
por uma preta (a
noite, simbolicamente)
e com que o rei
casa apesar de
preta e feia.

n.º 141 p. XLV e
p. 108 (As Nozes) e 110
(3 Cidras)

Notação:

MA-MMA-97-351

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.351.

Transcrição:

Preto/ A historia das 3 Cidras,/ aceitavelmente mi-/tica, a ~~donzela~~ moça bonita e branca,/ é substituída ~~pela~~/ por uma preta (a/noite, simbolicamente)/ e com que o rei/ casa apesar de/ preta e feia./ n.º 141 p. XLV e/ p. 108 (As Nozes) e 110/ (3 Cidras)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário crítico e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]; [Contra o preto]; [Superstição]; [Apodo]

Verificação:

BPG: n.º 141: BRAGA, Theophilo (org). *Contos tradicionaes do povo portuguez*. Lisboa: J. A. Rodrigues & C., 1914. (BMA- E/I/c/44)

mal da escravidão não convém senão á submissão do trabalhador ao guerreiro. Emquanto a instituição antiga secundou o desenvolvimento respectivo do senhor e do servo aproximando-os, a monstruosidade moderna degrada um e outro separando-os.» (1) Nos anexins populares conhece-se o instinto de aversão e crueldade da população branca do Brasil para com o negro :

Negro é tóco,
Quem não lhe atira é louco.

Negro é vulto,
Quando não pede, furta.

Negro quando não canta, assobia ;
Deitado é lage ;
Sentado é um tóco,
Correndo é um pôrco.

O preto tem catinga,
Tem semelhança com o diabo ;
Tem o pé de bicho,
Unha de caça
E calcanhar rachado ;
Quando se chama, resmunga,
Se resmunga, leva páo.

(Rio de Janeiro.)

Apesar d'este barbarismo do branco, a raça negra deve considerar-se como um elemento cooperador da civilização brasileira. Diz Joaquim Nabuco : «Para nós a raça negra é um elemento de consideravel importancia nacional, estreitamente ligada por infinitas relações organicas á nossa constituição, parte integrante do povo brasileiro » (2) O mesmo escriptor contiúua com a auctoridade da sua competencia: «a parte da população nacional que descende de escravos é pelo menos tão numerosa como a parte que descende de senhores, isto quer dizer, que a raça negra nos deu um povo.» (3) Ainda por este tempo a população negra elevava-se ao numero de milhão e meio de almas ; (4) de 1831 a 1852 o trafico transportou da Africa para as senzalas do Brasil um milhão de negros, (5)

(1) *Systeme de Politique positive*, t. IV, pag. 520.

(2) *O Abolicionismo*, pag. 20.

(3) *Ibid*, pag. 21.

(4) *Ibid*, pag. 108.

(5) *Ibid*, pag. 209.

— Pelo que percebo, então és tu meu neto. Onde está tua mãe?

— Senhor, está n'uma pobre cabana de palha.

E mandou-a buscar, para ella vir para o palacio, onde houve muitas festas. Ora o menino pediu ao avô para ir com uma fôrça ás taes casas dos ladrões buscar aquellos grandes maçames que lá vira. Assim foi; e correndo todos os quartos ajuntou todos os empregos que ali havia de ouros e prata tudo n'um monte, pegaram a carregar quanto poderam, e mandou escan-galhar as casas para não servirem mais de covil dos ladrões.

Por morte do avô foi o menino rei, e lá está vi-vendo muito bem.

(Ilha de S. Miguel—Açôres.)

AS NOZES

Havia um principe, que foi passear e no meio de uma estrada encontrou uma velhinha, e o principe pediu á velha a sua benção. Ella deu-lhes trez nozes e lhe disse:

— Meu principe, não partas estas nozes senão per-to de agua.

Elle foi para diante, e partiu uma das nozes. Saiu uma menina muito linda, que lhe pediu agua. Como elle não tinha ali agua, ella morreu. Mais para diante, partiu outra noz; succedeu o mesmo, não haver agua e a menina morreu. O principe prometeu a si mesmo de não tornar a partir a ultima senão ao pé da agua. Chegando a uma fonte, partiu a derradeira noz; saiu uma menina, que lhe pediu agua, elle deu-lh'a e a menina viveu. O principe muito contente levou-a comsigo até ao jardim do palacio do rei seu pae, e ali a metheu entre a ramada de uma arvore, que ti-nha uma fonte por baixo, e foi-lhe buscar vestidos

desejou os figados d'ella. O principe não quiz que ella se matasse; indo-lhe a fazer festa, ao passar a mão pela cabeça da pombinha achou os dois alfinetes e puchou os; ella tornou-se outra vez na menina, e o principe muito contente casou com ella, e mandou matar a preta e a mãe da preta.

(Ilha de S. Miguel—Açôres.)

para a trazer para a côrte. Uma preta vinha á fonte com um pótinho de barro e viu na agua a cara da menina; pensando ser a sua cara, quebrou o pote di-zendo:

— Uma cara tão linda não vem á fonte!

A mãe batia-lhe, e ella repetia sempre o mesmo; a mãe chamava-lhe tola, até que lhe deu um odre para ir á fonte, porque assim não o quebrava. A preta foi, e lavou a cara, e olhando para cima viu a menina, e foi a casa chamar a mãe. A mãe veiu e perguntou á menina como é que ella tinha ido para ali. Ella contou; e a mãe chamou a menina e come-çou a dar-lhe matadellas na cabeça, e vae senão quando mette-lhe dois alfinetes reaes nas fontes, d'on-de a menina se tornou em pombinha branca e vôou por esses áres fóra. A preta pôz a filha no logar da menina; veiu o principe e ficou espantado de a vêr tão negra. Ella respondeu-lhe:

— Os ardores do sol, o vento e a chuva me ene-greceram.

O principe ficou pelo que ella dizia, levou-a para o palacio, e estava já para recebel-a, quando lhe veiu uma grande doença, que nada lhe sabia com o fas-tio. O jardineiro viu uma pombinha, que fallava e dizia:

Eu ando de galho em galho,
De flôr em flôr,
Aí que dôr!

E a pombinha voava e tornava a dizer:

Eu ando da ortelã para o loureiro,
A roda da minha horta;
Como irá o principe
Com a sua esposa preta Carlota?

O jardineiro foi contar tudo ao principe. que man-dou untar todas as arvores de visgo, para apanhar a pombinha. Apanhou-se a pombinha, e a preta logo

P. 110:
"As três cidras do amor"

110

CONTOS TRADICIONAES

desejou os figados d'ella. O principe não quiz que ella se matasse; indo-lhe a fazer festa, ao passar a mão pela cabeça da pombinha achou os dois alfinetes e puchou-os; ella tornou-se outra vez na menina, e o principe muito contente casou com ella, e mandou matar a preta e a mãe da preta.

(Ilha de S. Miguel—Açòres.)

AS TREZ CIDRAS DO AMOR

Era uma vez um principe, que andava á caça; tinha muita sêde, e encontrou trez cidras; abriu uma, e logo ali lhe appareceu uma formosa menina, que disse:

—Dá-me agua, senão morro.

O principe não tinha agua, e a menina expirou. O principe foi andando mais para diante, e como a sêde era muito linda, o principe prometeu casar com ella, e partiu d'ali para o palacio para ir buscar roupas e levar-a para a côrte, como sua desposada. Emquanto o principe se demorou, a menina olhou d'entre os ramos onde estava escondida, e viu vir uma preta para encher uma cantarinha na agua; mas a preta vendo figurada na agua uma cara muito linda, julgou que era a sua propria pessoa, e quebrou a cantarinha dizendo:

—Dá-me agua, senão morro.

Não tinha ali agua, e a menina morreu; o principe foi andando muito triste, e prometeu não abrir a outra cidra senão ao pé de uma fonte. Assim fez; partiu a ultima cidra, e d'esta vez tinha agua e a menina viveu. Tinha-se-lhe quebrado o encanto, e como era muito linda, o principe prometeu casar com ella, e partiu d'ali para o palacio para ir buscar roupas e levar-a para a côrte, como sua desposada. Emquanto o principe se demorou, a menina olhou d'entre os ramos onde estava escondida, e viu vir uma preta para encher uma cantarinha na agua; mas a preta vendo figurada na agua uma cara muito linda, julgou que era a sua propria pessoa, e quebrou a cantarinha dizendo:

—Cára tão linda a acarretar agua! não deve ser.

112

CONTOS TRADICIONAES

Assim fez, mas a pombinha foi-se embora repentinamente:

—Pombinha real não cáe em laço de prata.

Quando o hortelão lhe foi contar o succedido, disse o principe:

—Arma-lhe agora um laço de ouro.

A pombinha deixou-se cair no laço; e quando o principe veio passear muito triste para o jardim, encontrou-a e começou a affagal-a; ao passar-lhe a mão pela cabeça, achou-lhe cravado n'um ouvido um alfinete. Começou a puchal-o, e assim que lh'o tirou, no mesmo instante reapareceu a menina, que elle tinha deixado ao pé da fonte. Perguntou-lhe porque lhe tinha acontecido aquella desgraça, e a menina contou-lhe como a preta Maria se vira na fonte, como quebrou a cantarinha, e lhe catou na cabeça, até que lhe enterrou o alfinete no ouvido. O principe levou-a para o palacio, como sua mulher, e diante de toda a côrte perguntou-lhe o que queria que se fizesse á preta Maria.

—Quero que se faça da sua pelle um tambor, para tocar quando eu fôr á rua, e dos seus ossos uma escada para quando eu descer ao jardim.

Se ella assim o disse, o rei melhor o fez, e fôram muito felizes toda a sua vida.

(Porto.)

DO POVO PORTUUGES

111

A menina não pôde conter o riso; a preta olhou, deu com ella, e enraivecida fugiu palavras meigas e chamou a menina para ao pé de si, e começou a catar-lhe na cabeça. Quando a apanhou descuidada, metteu-lhe um alfinete n'um ouvido, e a menina tornou-se logo em pomba. Quando o principe chegou, em vez da menina achou uma preta feia e suja, e perguntou muito admirado:

—Que é da menina que eu aqui deixei?

—Sou eu, disse a preta. O sol crestou-me emquanto o principe me deixou aqui.

O principe deu-lhe os vestidos e levou-a para o palacio, onde todos ficaram pasmados da sua escôlha. Elle não queria faltar á sua palavra, mas ria calado a sua vergonha. O hortelão, quando andava a regar as flôres, viu passar pelo jardim uma pomba branca, que lhe perguntou:

«Hortelão da hortelaria,
Como passou o rei
E a sua preta Maria?

Elle, admirado, respondeu:

—Comem e bebem,
E levam boa vida.

«E a pobre pombinha
Por aqui perdida!

O hortelão foi dar parte ao principe, que ficou muito maravilhado, e disse-lhe:

—Arma-lhe um laço de fita.

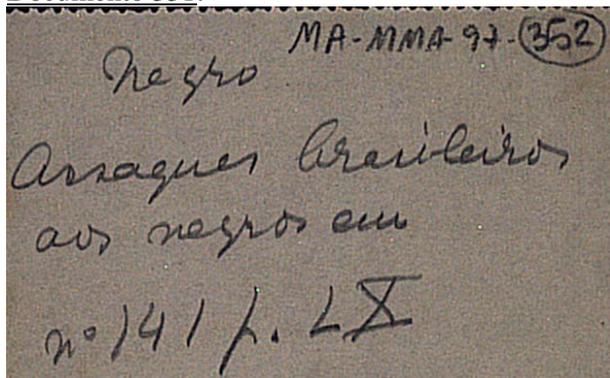
Ao outro dia passou a pomba pelo jardim e fez a mesma pergunta; o hortelão respondeu-lhe, e a pombinha vôou sempre, dizendo:

—Pombinha real não cáe em laço de fita.

O hortelão foi dar conta de tudo ao principe; disse-lhe elle:

—Pois arma-lhe um laço de prata.

Documento 331:



Notação:

MA-MMA- 97-352

Transcrição:

Negro/Assaques brasileiros/aos negros em/nº 141 p. LX

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.352.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 141: BRAGA, Theophilo (org). *Contos tradicionaes do povo portuguez*. Lisboa: J. A. Rodrigues & C., 1914. (BMA- E/I/c/44)

mal da escravidão não convém senão á submissão do trabalhador ao guerreiro. Emquanto a instituição antiga secundou o desenvolvimento respectivo do senhor e do servo aproximando-os, a monstruosidade moderna degrada um e outro separando-os.» (1) Nos anexins populares conhece-se o instinto de aversão e crueldade da população branca do Brasil para com o negro :

Negro é tóco,
Quem não lhe atira é louco.

Negro é vulto,
Quando não pede, furta.

Negro quando não canta, assobia ;
Deitado é lage ;
Sentado é um tóco,
Correndo é um pôrco.

O preto tem catinga,
Tem semelhança com o diabo ;
Tem o pé de bicho,
Unha de caça
E calcanhar rachado ;
Quando se chama, resmunga,
Se resmunga, leva páo.

(Rio de Janeiro.)

Apesar d'este barbarismo do branco, a raça negra deve considerar-se como um elemento cooperador da civilização brasileira. Diz Joaquim Nabuco : «Para nós a raça negra é um elemento de consideravel importancia nacional, estreitamente ligada por infinitas relações organicas á nossa constituição, parte integrante do povo brasileiro » (2) O mesmo escriptor contiúua com a auctoridade da sua competencia: «a parte da população nacional que descende de escravos é pelo menos tão numerosa como a parte que descende de senhores, isto quer dizer, que a raça negra nos deu um povo.» (3) Ainda por este tempo a população negra elevava-se ao numero de milhão e meio de almas ; (4) de 1831 a 1852 o trafico transportou da Africa para as senzalas do Brasil um milhão de negros, (5)

(1) *Systeme de Politique positive*, t. IV, pag. 520.

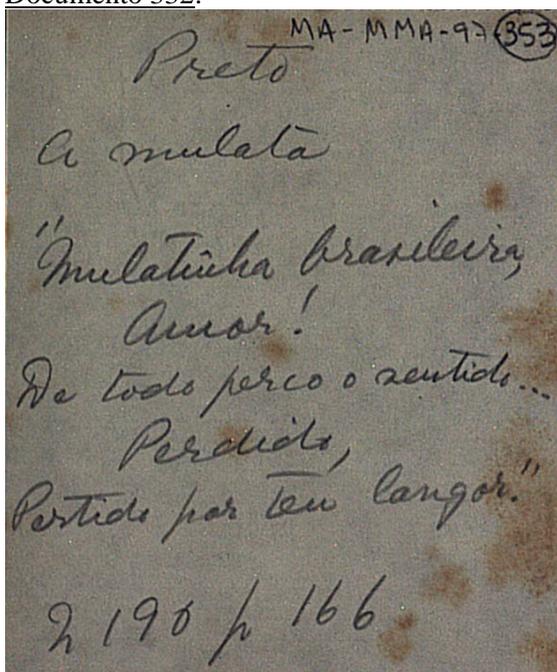
(2) *O Abolicionismo*, pag. 20.

(3) *Ibid*, pag. 21.

(4) *Ibid*, pag. 108.

(5) *Ibid*, pag. 209.

Documento 332:



Notação:

MA-MMA- 97-353

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.353.

Transcrição:

Preto/ A mulata/ "Mulatinha brasileira,/Amor!/ De todo perco o sentido/ Perdido,/ Partido por teu langor./ n 190 p 166

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 190: GALENO, Juvenal. *Lendas e canções populares*. Fortaleza: Gualter R. Silva - editor, 1892. (BMA- F/I/b/21)

Chorando mudo e feroz!
Adeus, adeus, oh, parceiros,
Na desgraça companheiros...
Rogarei no céu por vós...
 Que não viveis... pois não vive
 O escravo, não!
 Que não ha peor inferno
 Do que o seu — a escravidão!

Adeus, sol que me queimavas
No campo sem compaixão,
Que minhas chagas seccavas
Do chicote e do grilhão;
E tu, lua traiçoeira,
Que a minha afeição primeira
Descobriste ao meu senhor...
Que escarneceu-a nefando,
Ao mesmo tempo açoutando
A' virgem do meu amor!
 Adeus, adeus... Vive o livre,
 O escravo, não!
 Pois não ha peor inferno
 Do que o seu — a escravidão!

Vento ingrato!... tu que irado
Meus trapos vinhas rasgar,
E depois quasi gelado
Me fazias tiritar...
Adeus, p'ra sempre! E tu, noute,
Que me livraste ao açoute
Em teu véo de minha côr!
Adeus, humana fereza,

Documento 333:

MA-MMA-97-(354)
Quadra Preto
de preto que n 220, p 232
dá só na tradução ale-
mã
Dormir é melhor que trabalhar,
Beber é melhor que dormir,
Dançar é melhor que beber,
Beijar Maria o melhor de tudo!

Notação:

MA- MMA -97- 354

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.354.

Transcrição:

Preto/ n 220, p 232/ Quadra/ de preto que/ dá só na tradução ale-/mã/ Dormir é melhor qui
trabalhar/ Beber é melhor que dormir/ Dançar é melhor que beber,/ Beijar Maria o melhor de
tudo!

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 220: SCHLICHTHORST, Carl. Rio de Janeiro *wie est ist*; Beiträge zur Tages-und
Sitten-Geschichte de Hauptstadt von Brasilien bis zum Sommer 1825 und über die Auswanderer
dahin... Braunschweig: F. Bieneg, 1826

Jemand, der eine Reise macht, — ach! der arme Antonio kehrt nie in sein Vaterland zurück!

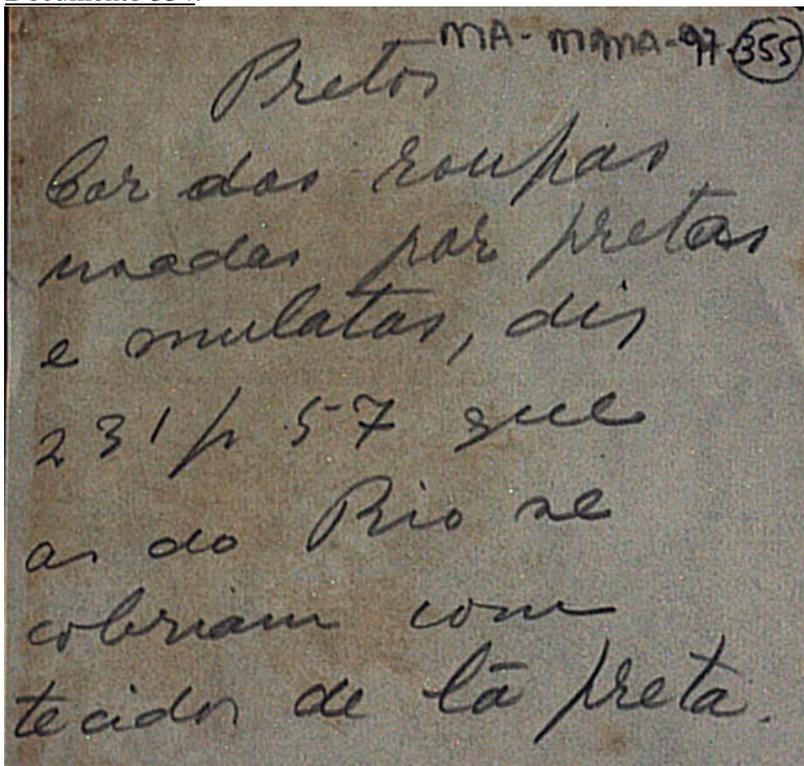
Diese tiefe Sehnsucht nach dem Vaterlande spricht sich in vielen ihrer Gedichte aus. Und wie sehr fühlt sich selbst der gebildete Europäer durch die kunstlosen Ergießungen eines Heimwehs angeregt, welches er leider nur zu oft mit dem armen Slaven theilt.

Ein anderer trägt die Grundsätze eines vernünftigen Epicuräismus im poetischen Gewande vor:

Schlafen ist besser, als arbeiten, —
 Trinken besser, als schlafen, —
 Tanzen besser, als trinken, —
 Mary küssen, besser als Alles!

Die Einförmigkeit des sanftgeschwungenen Uferwegs wird durch einen einzelnen Felsen unterbrochen, der sich fast senkrecht aus dem Wasser erhebt; nach der Landseite zu verliert er sich allmählig unter den ihn umgebenden Dünen. Dieses kleine Vorgebirge wird Punto da Cabana genannt. Der Fuß des Felsen, so weit ihn die Fluth bespült, hat ein verwittertes Ansehn; zahllose Löcher und Höhlen dienen Seeigeln zur Wohnung, wunderbare Geschöpfe, die, mit Stacheln besetzt, Castanien gleichen und an Wohlgeschmack die leckersten Austern übertreffen. Der Fels selbst ist harter Granit; auf seiner Spitze steht eine Capelle, unserer lieben Frau von Punto da Cabana geweiht, daneben liegt ein kleiner zirkelrunder Teich mit einem bittern, brachigen Wasser, was um so merkwür-

Documento 334:



Pretos
MA-MMA-97-355
Cor das roupas
usadas por pretas
e mulatas, diz
231 p 57 que
as do Rio se
cobriam com
tecidos de lã preta.

Notação:

MA- MMA 97- 355

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.355.

Transcrição:

Pretos/ Cor das roupas/usadas por pretas e mulatas, diz/ 231 p 57 que/ as do Rio se/ cobrem com/ tecidos de lã preta.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]; [Costumes]

Verificação:

BPG: nº 231: LEITHOLD, Theodor von. *Meine ausflucht nach brasilien oder reise von dort zurueck*. Berlin: Maurerschen Buchhandlung, 1820. (IEB- BYAP).

fent; die Mulattinnen und Negerinnen grobes wollenes Zeug von schwarzer Farbe.

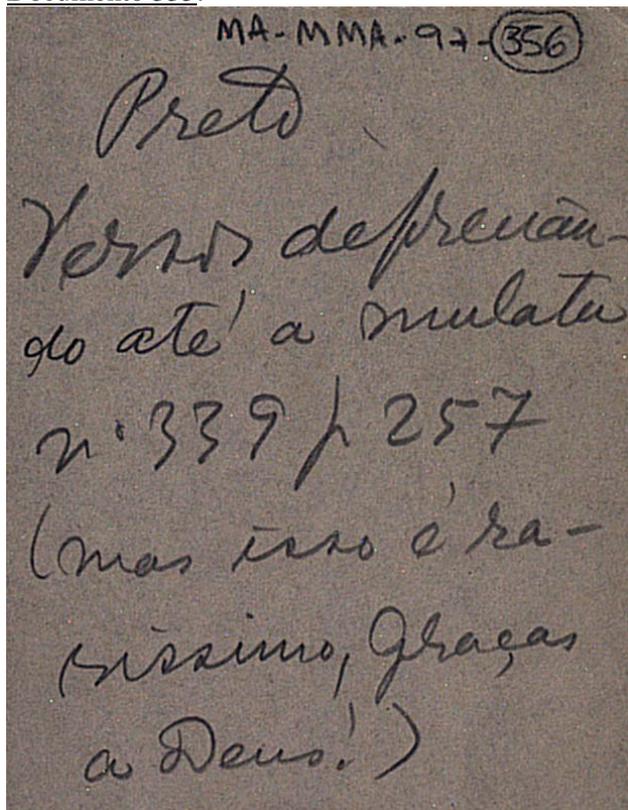
Obgleich die Hitze hier außerordentlich groß ist, so wird doch bei vielen Familien Thee getrunken, auch um elf Uhr noch zu Abend gegessen.

Stattet man hier Jemanden einen Besuch ab, so wird nicht wie bei uns an die Thür des Vorzimmers geklopft, sondern einigemal in die Hände geklatscht, es erscheint dann ein Neger oder eine Negerin und meldet den Klatschenden an. Hat man einen Brief oder eine Visitenkarte abzugeben und man trifft Niemanden zu Hause, so schleudert man das Abzugebende durch die unten weitabstehende Spalte der Thür. Die Thüren der Zimmer sind nämlich alle so gemacht, daß unten beinahe ein halber Zoll absteht, wodurch man ganz bequem Briefe und dergleichen flache Sachen in die Zimmer werfen kann.

Es giebt hier eine große Anzahl kleiner und großer Häuser, hinter denen ein kleiner Hof liegt, auf dem ein offener, mit Dachziegeln gedeckter Schuppen für zwei Pferde steht, der aber keinen weitem Ausgang, als durch das Haus hat. Will nun der Herr des Hauses ausreiten, so führt der Neger oder Kulelki, wie man hier die afrikanischen Sklaven nennt, das Pferd vorne durch die Hausthüre, wo es erst das Hauptzimmer passieren muß.

Geheime Gemächer giebt es hier in keinem Hause, Nachtgeschirre verrichten diese Dienste, die dann von den Sklaven in wenig bebauten Straßen, oder auf dem Hofe, im Garten ıc. ausgeleert werden.

Documento 335:



MA-MMA-97-(356)
Preto
Versos deprecian-
do até a mulata
n° 339 p 257
(mas isso é ra-
ríssimo, Graças
a Deus!)

Notação:

MA-MMA- 97-356

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.356.

Transcrição:

Preto/ Versos deprecian-/do até a mulata/ n° 339 p 257/ (mas isso é ra-/ríssimo, Graças/ a Deus!)

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio, comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: n° 339: ROMERO, Silvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C., 1888.(BMA- F/I/a/7)

— 257 —

Encontra-se ainda entre nós certa tendencia de ridicularizarem-se entre si as diversas raças. O caboclo foi, desde os tempos coloniaes, o objecto de muitos mo-tejos e lendas ridiculas ; era considerado o typo da to-lice e da fatuidade, a incarnação do parvo e do basbaque. O negro era, por sua vez, bem desdenhado, e o portuguez alcunhado de *maroto*, *gallego*, *marinheiro*, etc. Ao mestiço deu-se o nome de *cabra*, *bode*, e outros titulos malsi-nantes.

O typo da mulata foi desdenhado nestes versos :

A MULATINHA

(Sergipe)

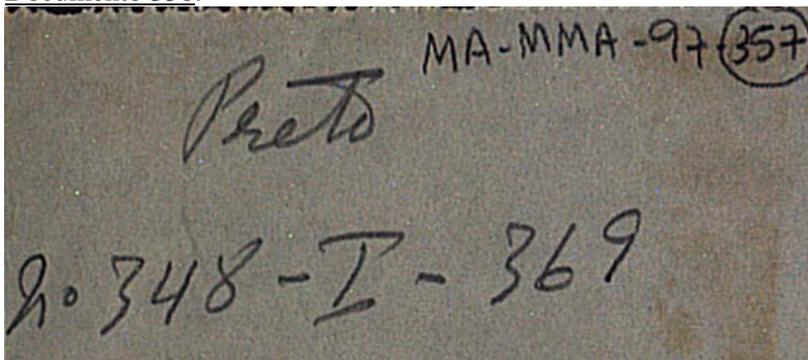
« Estava de noite
Na porta da rua
Proveitando a fresca
Da noite de lua,

Quando vi passar
Certa mulatinha,
Camisa gommada,
Cabello entrançadinho.

Peguei o capote,
Sahí atraz della,
No virar do bêco
Encontrei com ella.

Ella foi dizendo :
« Senhor o que quer ?
Eu já não posso
Estar mais em pé.»

Documento 336:



Notação:

MA-MMA- 97-357

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.357.

Transcrição:

Preto/ n.º348 - I - 369

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: n.º 348: BRAGA, Theophilo (org.). *Cancioneiro popular portuguez*. Lisboa: J.A. Rodrigues, 1911. (BMB- E/I/c/24)

P. 369:

"8. Versos geraes (Brasil)"

Nota MA a grafite:

1. "Preto" e "(Brasil)" à margem do trecho:

"A branquinha é prata fina,

A mulata, cordão de ouro;

Caboucla, cesto de flores.

A negra surrão de couro."

2. "(Brasil) e cruzeta à margem do trecho:

"Um laço de fita verde

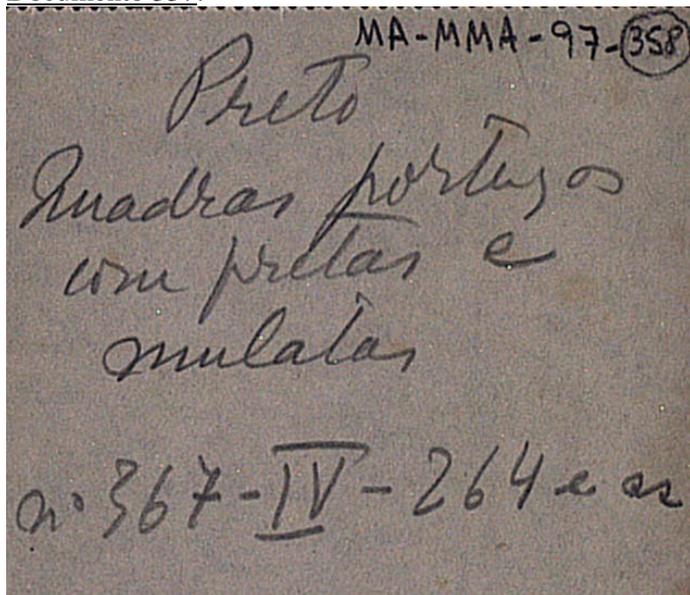
com três dedos de largura,

No peito de uma mulata

Mata qualquer criatura."

3. grifo em "verde".

Documento 337:



Notação:

MA-MMA- 97-358

Análise documental:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.358.

Transcrição:

Preto/ Quadras portuguesas/ com pretas e/ mulatas/ nº 367 - IV - 264 e ss

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Mulher de cor]; [Apodo]; [Música]

Verificação:

BPG: nº 367: PIRES, Antonio Thomaz. *Cantos populares portugueses*. Elvas: Tipologia progresso, 1910, v. 4. (BMA - F/I/f/33)

9375 Estas raparigas d'Anta
Já não sabe comer pão,
Comem papas de farelos
Adubadas com sabão.
(D.)

9376 Quando eu vim da Bahia,
D'aquelle nobre jardim,
Mulatas e cariocas
Todas choraram por mim.
(A.)

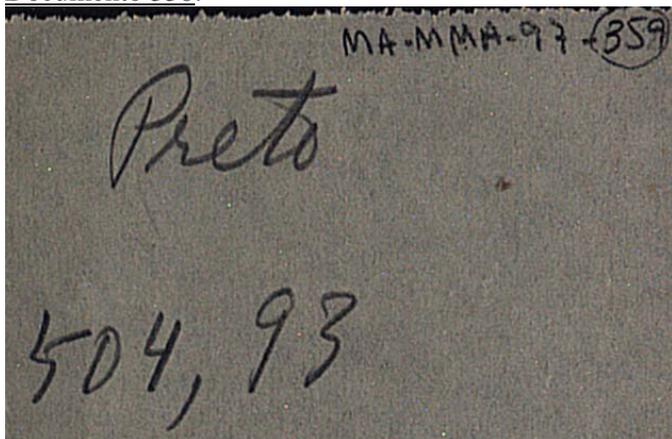
9377 A bôa velha carioca,
Com cabelo arripiado,
Está atacando a broca
Com pitadas de tabaco.
(A.)

9378 A praia das Cariocas
E' comprida e tem areia,
A gente que nella mora
Não come senão baleia.
(E.)

9379 Tomei amor's c'uma preta
Com tenção de zombar d'ella,
E por mal de meus peccados
Fazem-me casar com ella!
(A.)

9380 Tomei amor's c'uma preta
Que até era cozinheira,
Tinha os beiços tostados
De lamber a frigideira.
(A.)

Documento 338:



Notação:

MA-MMA- 97-359

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.359.

Transcrição:

Preto/ 504, 93

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Mulher de cor]; [Caracter]

Verificação:

BPG: nº 504: AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 19-. (BMA-A/II/c/18)

P. 93:

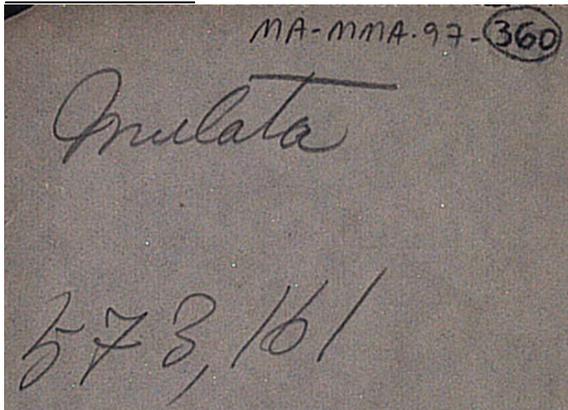
"Capítulo VII"

Nota MA a grafite:

"Preto" à margem do trecho grifado:

"apesar de volúvel como toda a mestiça"

Documento 339:



Notação:

MA-MMA- 97-360

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.360.

Transcrição:

Mulata/ 573 / 161

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Mulher de cor]

Verificação:

BPG: nº 573: CALMON, Pedro. *Espírito da sociedade colonial*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (BMA- E/I/c/46)

P. 161:

"IX. A Formação do povo. Europeus e mulatos. Psicologia portuguesa. O mestiço. A esquivança da família branca. A negra"

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

"Se as brancas se vendessem

Ou por ouro ou por prata,

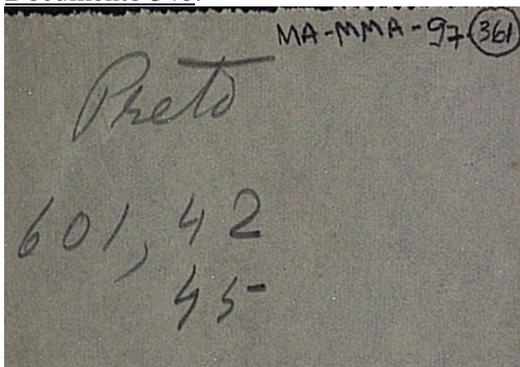
Compraria uma delas

Para servir à mulata."

Nota da pesquisa:

MA destaca os mesmos versos recolhidos também na obra *A planície do solar e senzala* (1934) de Alberto Lamego Filho.

Documento 340:



Notação:

MA - MMA - 97 -361

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.361.

Transcrição:

Preto/ 601, 42/45

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Mulher de cor]; [Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 601: LAMEGO FILHO, Alberto. *A planície do solar e senzala*. Rio de Janeiro: Livraria católica, 1934. (BMA- E/I/c/47).

P. 42:

"II- Ciclo dos fidalgos"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"Entre a gente de cor cantava-se este verso tosco:

'Se as brancas se vendessem

Ou por ouro ou por prata,

Compraria uma delas,

Para servir às mulatas.'

Na intimidade familiar, D. Josefa retrucara com mordacidade:

'Como as brancas não se vendem

nem por ouro nem por prata,

Hão de ser sempre senhoras

Das cachorras das mulatas."

P. 45:

"II- Ciclo dos fidalgos"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"Antevendo a abolição, o Tenente-Coronel liberta o elemento servil antes do 13 de maio. Deu-se então um acontecimento que desvenda de relance a nobreza moral da gente do Colégio. Os negros alforriados, - já gozando anteriormente de regalias de verdadeiros colonos, - oferecem espontaneamente a Paula Barroso "um ano de trabalho gratuito em reconhecimento pelo belo

bom cativo que tiveram". E com receio que lhes faltem forças para tanto, fazem a Santo Inácio, padroeiro da fazenda, promessa de uma grande festa, caso consigam ir até o fim.

A festa realizou-se.

Cena emocionante e significativa foi de uma negra - que ainda vive - , e que desfeita em pranto proferia: 'Não agradeço a liberdade que me dá, mas o tratamento que me deu.'

Nota da pesquisa:

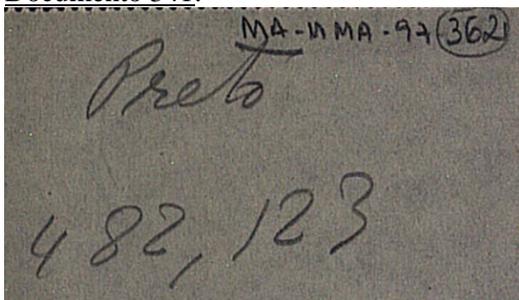
o primeiro trecho refere-se à D. Josefa Bernadina do Nascimento, segundo o autor: "loura de olhos azuis, culta, de irrequieto e alegre temperamento, a esposa do fazendeiro era dada a versejar. Da sua versalhada com pendores humorísticos, uma quadrinha mostra-lhe o espírito e a vivacidade." p. 42.

Vale notar como o escárnio em relação aos negros era visto como humor, ou ainda, como manifestação de um espírito agudo.

Religião

MA-MMA-97-367
Pretos
Religiosidade
Die Süd-Amerikaner
wurden leicht zum
Christenthum bekehrt,
so wie noch heutigen
Tages die Neger, denen
das Kreuz auf der
Brust eingebrannt
wird und sie auf
dieses Zeichen eben
so stolz sind, als
europäische Ritter
auf ihre Orden".
n 220 p 130

Documento 341:



Notação:

MA - MMA - 97 -362

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.362.

Transcrição:

Preto/482, 123

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Religião]; [Escravidão]

Verificação:

BPG: nº 482: CARTAS avulsas(1550- 1568).Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931. (BMA- E/I/d/16)

P. 123 e 124:

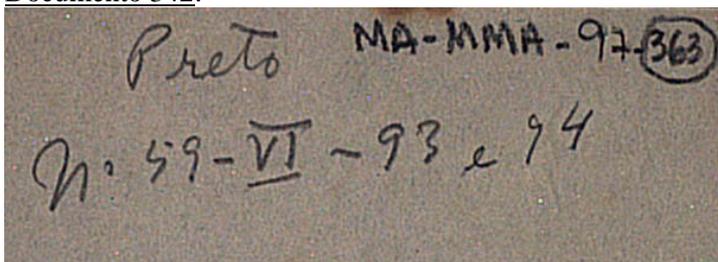
"XIII - Carta do Padre Antonio Pires de Pernambuco de 5 de junho de 1552"

Nota MA a grafite:

"Preto" e traço à margem do trecho:

"Há nesta capitania grande escravaria assim de Guiné como da terra. Tem uma confraria do Rosario. Digo-lhe missa todos os domingos e festas. Andam tão bem ordenados que é para louvar a Deus Nosso Senhor. Muita ventagem fazem os da terra aos de Guiné. Fiz procissão com eles todos os domingos da quaresma, e entre homens e mulheres seriam perto de mil almas, afora muitos que ficam nas fazendas, não entrando nela os brancos, porque mais a tarde faziam os brancos a sua."

Documento 342:



Notação:

MA- MMA -97- 363

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (11,7 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.363.

Transcrição:

nº 59 - VI - 93 e 94

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio; comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Religião]; [Contra ataque]

Verificação:

BPG: 59: Fundo Vila Lobos. Cx. 2; Pasta 5: "Discussão de um padre com um creolo".

Nota MA a grafite:

traço ligando a 1ª e 2ª estrofe:

C- Todos procedem de adão

O branco é decendente

Pardo preto juntamente

Dele traz a produção

E que depois desta razão

Deus de todos é criador

Da natureza de valor

Que nos dá por excelência

Não conquiste da ciência

Os acidente de cor

94

-5-

então disse Zé Pretinho
de perder não tenho medo
este cego spenha logo
falo sem pedir segredo
como tenho isto por certo
botou os unhas nos dedos

afinemos os instrumentos
entremos na discussão
o meu guia disse a mim
o negro parece o cão
tenha cuidado com elle
quando entrar na questão

o cego - eu disse; seu José
sei que o sr. tem sciencia
parece que é dotado
da Divina Providencia
vamos saudar o povo
com a sua justa excellencia

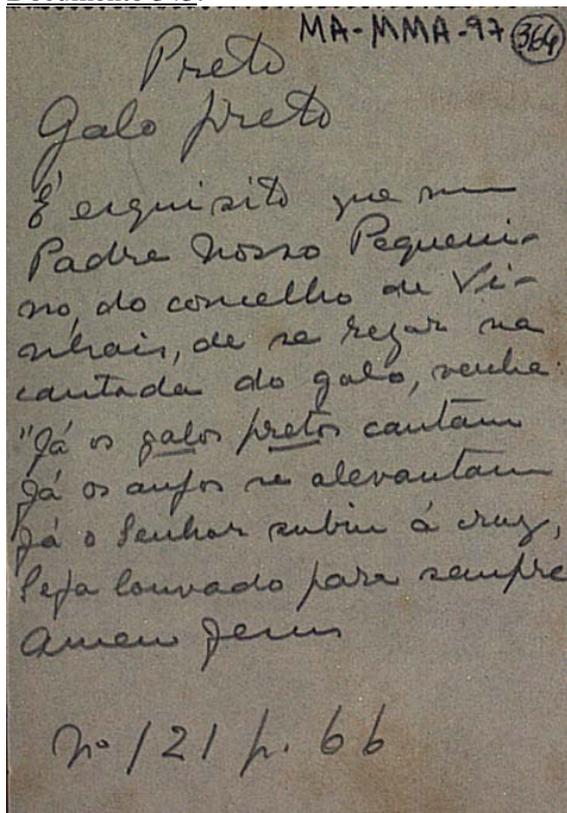
P. seu dahi cego amarello
cor de couro de toucinho
um cego de tua forma
chama-se abuze vizinho
sonde eu botar os pés
cego não bota o focinho

C. já vi que o seu pretinho
é um homem sem graça
como se metrelte outro
sem haver alteração ?
eu pensava que o senhor
possuisse educação

P. este cego bruto hoje
spenha que fica roxo
cara de pão de cruzado
testa de carneiro mpocho
cego tu es o bichinho
que quando come vira cocho

C. Seu José o seu cantar
merece ficos fulgores
merece ganhar as sals
rossas e trovões de amores
mais tarde as moças lhe dão
bonitas palmas de flores

Documento 343:



Notação:

MA- MMA -97- 364

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.364.

Transcrição:

Preto/ Galo Preto/ É esquisito que num Padre Nosso Pequeni-/no do conselho de Vi-/nhais, de se rezar na/ cantada do galo, venha:/ "Já os galos pretos cantam/ já os anjos se alevantam/ Já o Senhor subiu à cruz,/ Seja louvado para sempre/ Amem jesus/ nº 121

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Religião]

Verificação:

BPG: nº 121: MARTINS, Pe. Firmino. *Folklore do Concelho de Vinhais*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. (BMA- sem localização)

P. 66:

"3ª série"

Nota MA a grafite:

1. "dic(1)" à margem do trecho:

"Para a cantada do galo:

Padre nosso pequenino,

pelo monte vai rugindo

co'as chaves do paraíso;

quem lh'as deu, quem lh'as dera,
Santa Maria Madalena.
Cruzes no monte,
cruzes na fonte,
nunca o inimigo comigo s'encontre,
nem à hora do meio dia.
Já os galos pretos cantam,
já os anjos se alevantam,
já o senhor subiu à cruz,
seja louvado para sempre, amém, Jesus."

2. grifo em "cantada"

3. Nota MA a grafite:

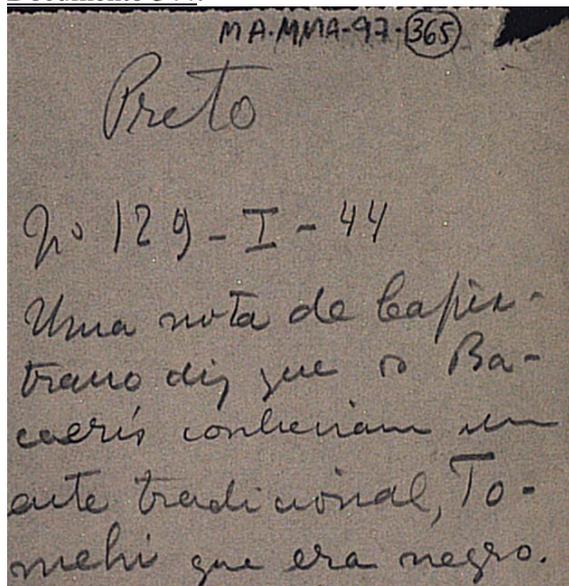
Nota de rodapé:

"(1) É no final das contas o mesmo sentido de Cantata e pode substituir o termo italiano"

Nota da pesquisa:

A abreviação "Dic" usada por MA refere-se à pesquisa para o *Dicionário Musical Brasileiro*, obra póstuma organizada por Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni (1989).

Documento 344:



Notação:

MA - MMA - 97 - 365

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; rasgamento borda superior direita; borda superior picotada; f.

Transcrição:

Preto/ nº 129 - I - 44

Uma nota de Capis-/ trano diz que os Ba-/caeris conheciam um/ ente tradicional, To-/ mehi que era negro.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: comentário e referência bibliográfica.

Subtema:

[Religião]

Verificação:

BPG: nº 129: PORTO SEGURO, Visconde de. *História geral do Brasil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 3ªed. Integral, 19-. (BMA- E/I/d/19)

P. 44:

Nota MA a grafite:

traço à margem do trecho:

1. "Além disto, acreditavam por tradição, na existência de um certo barbado, semideus Sumé(4), que lhes ensinara o uso da mandioca, etc (5), e que havia tido mau pago, e desaparecera. Seria mesmo Cemidos de Cuba e Tzmesdo Haiti, onde o veneravam em forma de ídolos. A identidade desta crença se manifesta na existência, entre os Caribes, dos pagés, sob o nome de piachés e beyés; - no sul dos Estados Unidos pawas."

2. palavra "Preto" e chave à margem da nota de rodapé: " (4) Tumé ou Sumé é, segundo Baptista Caetano tubé de ubé, e pode interpretar-se "o pai estrangeiro". Os Bacaerys conheciam Tomehi, que diziam da cor preta. - (C)."

MA- MMA -97- 366

Análise documentária:

Autógrafo a grafite, ocupando anverso e verso da folha; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.366.

Transcrição:

Pretos (rio S. Francisco)/ Velorio: nº 134- II- 578/ Topamos aí com toda a famí-/lia e numerosa criadagem/ preta berrando em torno/ do cadáver - o qual esta-/va envolvido comple-/tamente numa mortalha / de algodão à egípcia./ Contaram que causava/ aquela lúebre cerimo-/nia a morte duma/ escrava e que os africa-/nos não renunciavam a/ cumprir com os últimos/ deveres pra com o morto,/ conforme os costumes da/ pátria. O lamento de/morte é praticado pelos/ negros com tal sinceri-/dade e veêmcia/ que os fazendeiros acham/ imprudente não per-/mitilo aos escravos./ Esta cerimônia religiosa/(velório)/ chamada “entame”/ pelos negros e que na Guiné é realizada a/ portas fechadas,/ dege-/nera frequentemen-/te nos maiores exces-/sos e por isso o Sr. Fret-/ta temem deixar/ sua escravaria sem/ a presença dele.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Religião]; [Escravidão]

Verificação:

BPG: SPIX, Johan Baptist von & MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien*. München: Gedruckt bei M. Lindauer, 1823, v. II. (BMA- B/V/i/135)

entfernten *Fazenda de S. Roque*, wo der Vorstand (*Commandante*) dieses Districtes, Senhor FRORTA, wohnte. Zwischen zwei isolirten Kalksteinbergen der *Serra do Meio* führte uns der Weg über ein sehr ungleiches Terrain, auf welchem dichtes Gebüsch und Taboleiro mit kleinen Palmwäldchen abwechseln. Die Vegetation hat viele Aehnlichkeit mit der am Rio de S. Francisco, doch finden sich auch Pflanzen, die den Hochebenen von Minas zugehören, und der Gesamtausdruck der Vegetation schien uns zu bezeugen, dass diesem Flussgebiete des *Paraná* eine eigenthümliche Flora zukomme. Unter den merkwürdigsten Bäumen, welche wir fanden, nenne ich den Parí (*Dipterix odorata, Willd.*), dessen Samen, unter dem Namen der Tonkbohnen bekannt, und durch Geruch und Gehalt an Benzoësäure der Vanille ähnlich sind. In der Provinz Pará, wo der Baum häufig wächst, und seine Früchte oft gesammelt werden, kennt man ihn unter dem Namen Cumarú. In dem Hause des Commandanten erwartete uns ein früher nie gehabter Anblick. Wir fanden Niemanden, weder in dem Hofe, noch in den geräumigen Wohngebäuden, und wollten uns befremdet schon entfernen, als uns ein klägliches Geschrei nach einer abgelegenen Hütte*) rief. Hier trafen wir die ganze Familie und zahlreiche schwarze Dienerschaft um eine Leiche heulend, die ganz nach Art der ägyptischen Mumien in Baumwollenzeuge eingekleidet war. Man erklärte uns, dass der Tod einer Negerclavin diese lugubre Feierlichkeit veranlasst habe, indem sich die Afrikaner nicht abbringen liessen, den Verstorbenen nach vaterländischer Sitte die letzten Pflichten zu erweisen. Die Todtenklage wird von den Negern mit solcher Innbrunst und Lebhaftigkeit angestellt, dass die Fazendeiros es für eine Unklugheit halten, sie ihren Slaven nicht zu gestatten. Diese religiöse Feierlichkeit, von den Negern *Entame* genannt, wird in Guinea bei verschlossenen Thüren gehalten, und artet sehr häufig in die grössten Ausschweifungen aus, von denen Senhor FRORTA seine Dienerschaft nur durch die eigene Gegenwart abhalten zu können befürchtete. Wir wurden hier mit allen jenen Beweisen einer herzlichen und ungezwungenen Gastfreund-

*) Die Hütten der Neger, aus Latten, mit Lehm beworfen, errichtet, und mit Stroh von Mais, oder mit Palmblättern gedeckt, haben oft dieselbe Bauart wie die in Africa. Man pflegt sie in Brasilien *Sanzalas* oder *Palhoças* zu nennen.

Documento 346:

MA-MMA-97-367
Pretos
Religiosidade
Die Süd-Amerikaner
wurden leicht zum
Christenthum bekehrt,
so wie noch heutigen
Tages die Neger, denen
das Kreuz auf der
Brust eingebrannt
wird und sie auf
dieses Zeichen eben
so stolz sind, als
europäische Ritter
auf ihre Orden".
n 220 p 130

Notação:

MA- MMA -97- 367

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.367.

Transcrição:

Pretos/ Religiosidade/ Die Süd-Amerikaner/ wurden leicht zum/ Christenthum bekehrt,/ so wie noch heutigen/ Tages die Neger, denen/ das Kreuz auf der/ Brust eingebrannt/ wird und die auf/ dieses Zeichen eben/ so stolz sind, als/ europäische Ritter/ auf ihre Orden“.

Estatuto genético:

Nota de trabalho

Tipo: transcrição e referência bibliográfica.

Subtema:

[Religião]

Verificação:

BPG: 220: SCHLICHTHORST, Carl. Rio de Janeiro *wie est ist*; Beiträge zur Tages-und Sitten-Geschichte de Hauptstadt von Brasilien bis zum Sommer 1825 und über die Auswanderer dahin... Braunschweig: F. Bieneg, 1826 (IEB- BYAP)

sich Heraldiker darunter finden sollten, so will ich eine Beschreibung davon geben, wie es in der Kirche do Carmo in Rio de Janeiro abgebildet ist. Drei grüne Berge in einem einfachen goldenen Schilde, auf dem mittelsten ein schwarzes Kreuz, zum Helmschmuck ein Sternenzweig und eine Dornenkrone, in einander geflochten, mit der Devise:

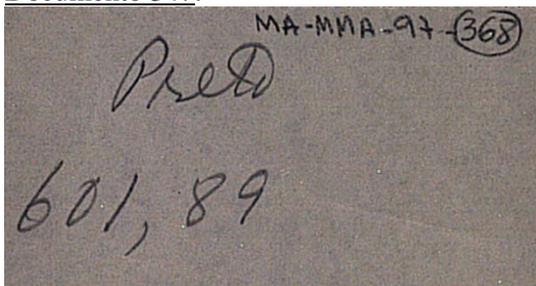
Decus Carmelis.

Das ist das Wappen des Weltheilandes.

Namensvettern von Jesus Christus giebt es in Menge unter den Brasilianern, z. B. de Jesu, de Jesu Christus, andere beziehen sich auf religiöse Gegenstände, wie do Coração de Jesu (vom Herzen Jesu), do Spiritu santo, da Santa família, da Conceição (von der Empfängniß), de Todos os Santos, Chaves (Schlüssel), Cruz (Kreuz) u. a. m.

Die Süd-Amerikaner wurden leicht zum Christenthum bekehrt, so wie noch heutigen Tages die Neger, denen das Kreuz auf der Brust eingebrannt wird und die auf dieses Zeichen eben so stolz sind, als europäische Ritter auf ihre Orden. Rohe Menschen werden durch den äußeren Glanz des Gottesdienstes angesprochen; in Brasilien sind nie Zwangsmittel angewandt worden, die Ur-Einwohner zu bekehren. So wie sie in den Bereich der Cultur kamen, schlossen sie sich von selbst der neuen Religion an. Die Idee eines am Kreuze zur Versöhnung der Menschheit gestorbenen Gottes, einer jungfräulichen Mutter und eines Himmels voller Heiligen, gab

Documento 347:



Notação:

MA - MMA - 97 -368

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.368.

Transcrição:

Preto/ 601, 89

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: referência bibliográfica

Subtema:

[Religião]; [Apodo]

Verificação:

BPG: nº 601: LAMEGO FILHO, Alberto. A planície do solar e senzala. Rio de Janeiro: Livraria católica, 1934. (BMA- E/I/C/47).

P. 89:

Nota MA a grafite:

"A mana- chica"

1. cruzeta e traço à margem do trecho:

"Negro não entra no céu.

Porque tem bicho de pé.

Negro não fuma charuto,

Porque charuto já é."

2. frase " Do lado de lá/lá/sequestro" e chave à margem do trecho:

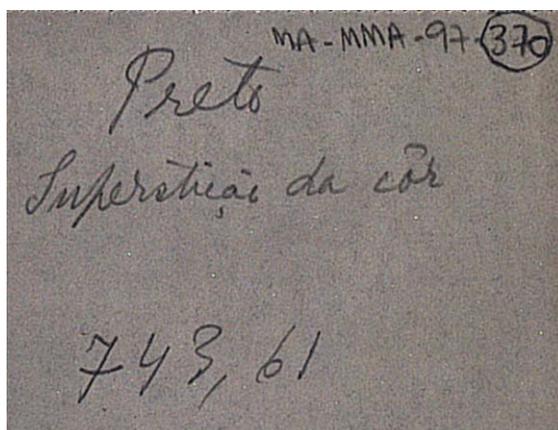
Doutro lado estão gritando:

Pega a canoa, vai ver.

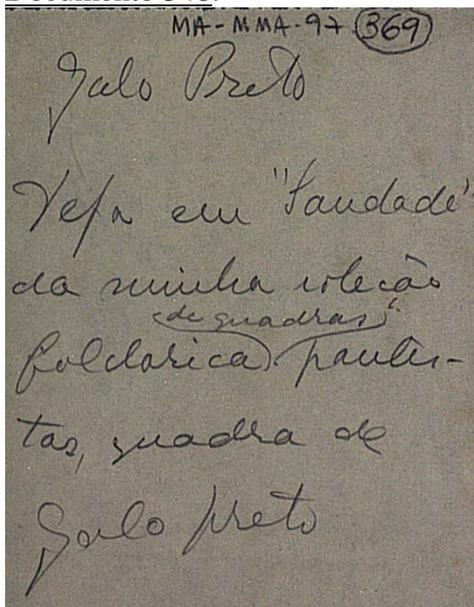
Se é branco, deixa passar,

Se é negro, deixa morrer".

Superstição



Documento 348:



Notação:

MA- MMA 97- 369

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.369.

Transcrição:

Veja em "Saudade"/ da minha coleção/ folclórica de quadras paulis-/tas, quadras de/ Galo Preto

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo:comentário e indicação.

Subtema:

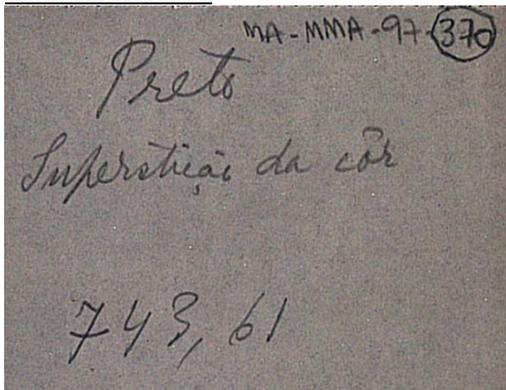
[Superstição]

Nota da pesquisa

Indicação não localizada pela pesquisa.

A maioria das notas de trabalho relacionadas a este subtema encontra-se no grupo "Documentação já usada".

Documento 349:



Notação:

MA- MMA 97-370

Análise documentária:

Autógrafo a grafite; fólio destacado de bloco de bolso (10,5 x 6,8 cm); manchas de fungo; borda superior picotada; f.370.

Transcrição:

Preto/ Superstiçao da cor/ 743, 61

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Tipo: escólio e referência bibliográfica.

Subtema:

[Superstiçao]

Verificação:

BPG: nº 743: KRAPPE, Alexandre Haggerty. *The science of folk-lore*. London: Methuen, 1930. (BMA- E/3/b/42)

P. 61:

Chapter III- "The animal tale"

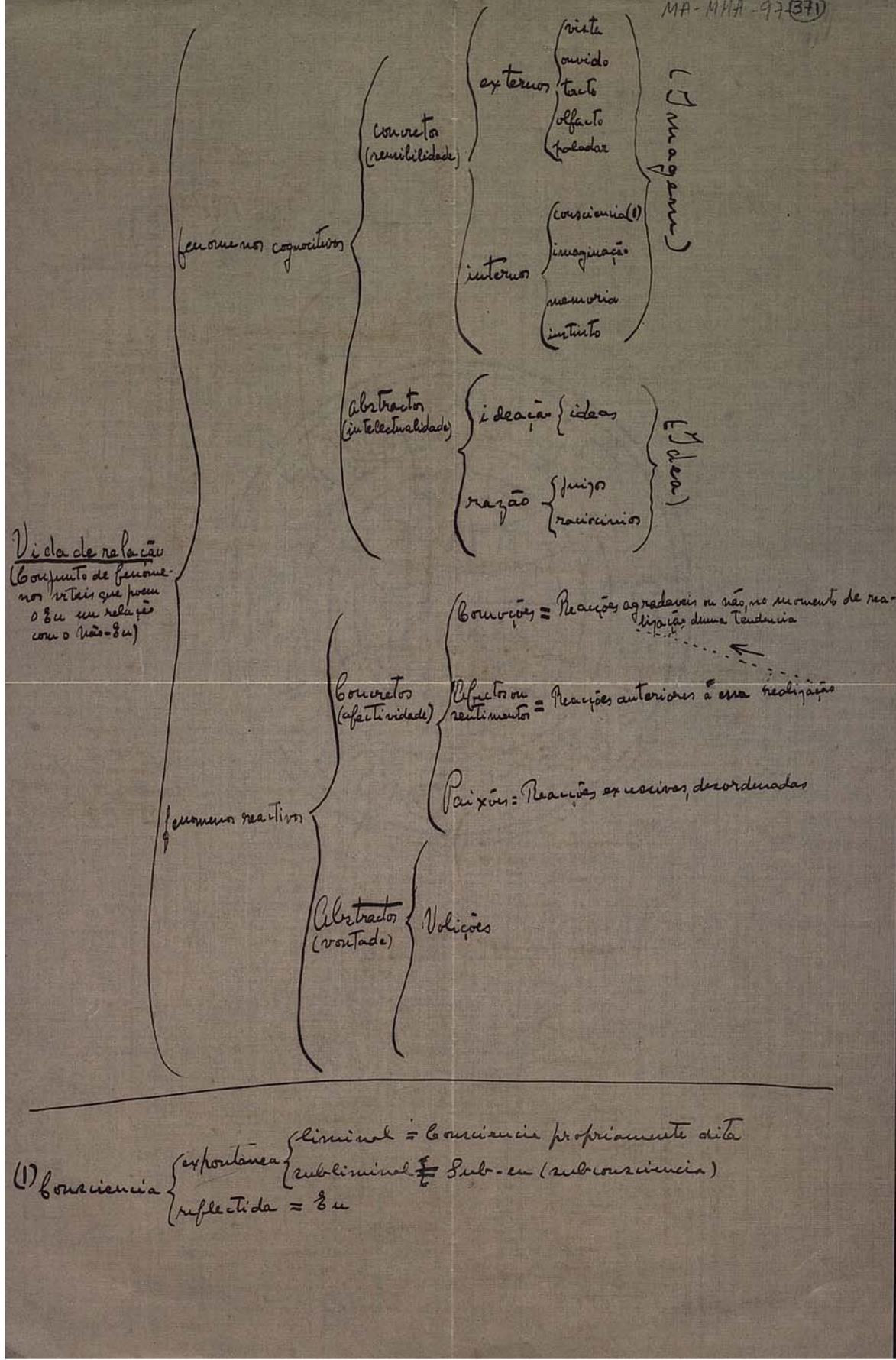
Nota MA a grafite:

"cor preta" e traço à margem do trecho:

"It may be supposed that the story of the raven and the dove in connexion with the Jewish Deluge Myth (if it is genuinely Hebrew, which is somewhat doubtful) has no other origin. "

“Vida de relação”

MA-MHA-97(371)



Notação:

MA- MMA 97- 371

Análise documentária:

Autógrafo a tinta preta; folha de sulfite (33,3 x 21,6 cm); f.371.

Estatuto genético:

Nota de trabalho.

Nota da pesquisa:

Embora a nota componha o manuscrito *Preto*, a pesquisa ainda não identificou a sua função no estudo.